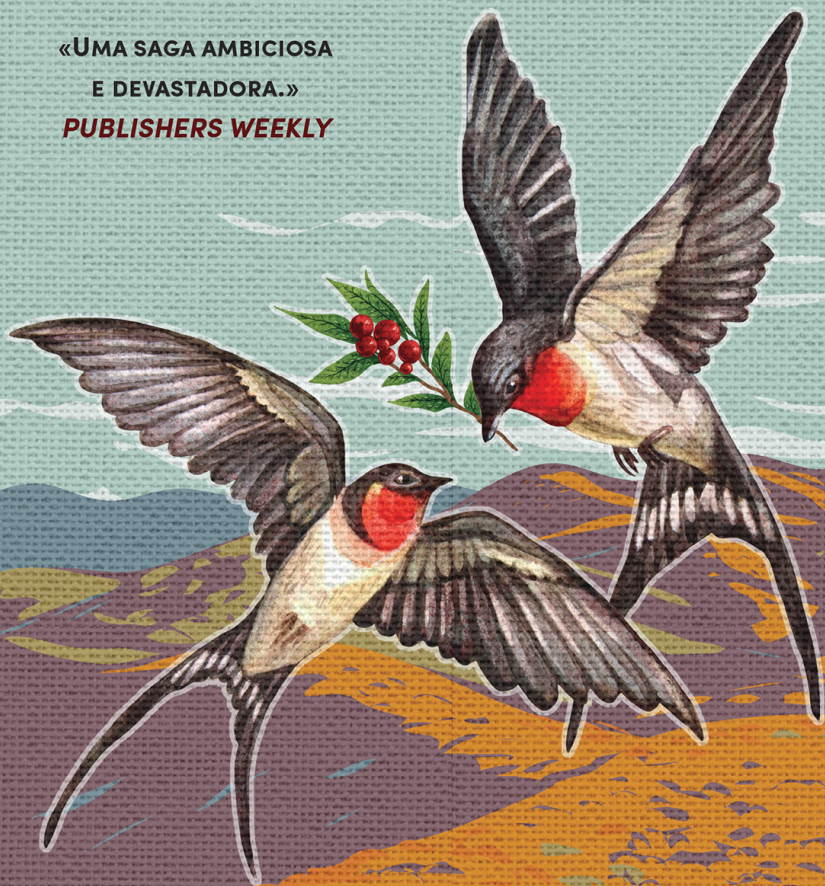


KATHERINE VAZ

«UMA SAGA AMBICIOSA

E DEVASTADORA.»

PUBLISHERS WEEKLY



A LINHA DO SAL

DOIS AMANTES. DOIS CONTINENTES.
UMA HISTÓRIA DE AMOR E IMIGRAÇÃO
INSPIRADA EM FACTOS REAIS.

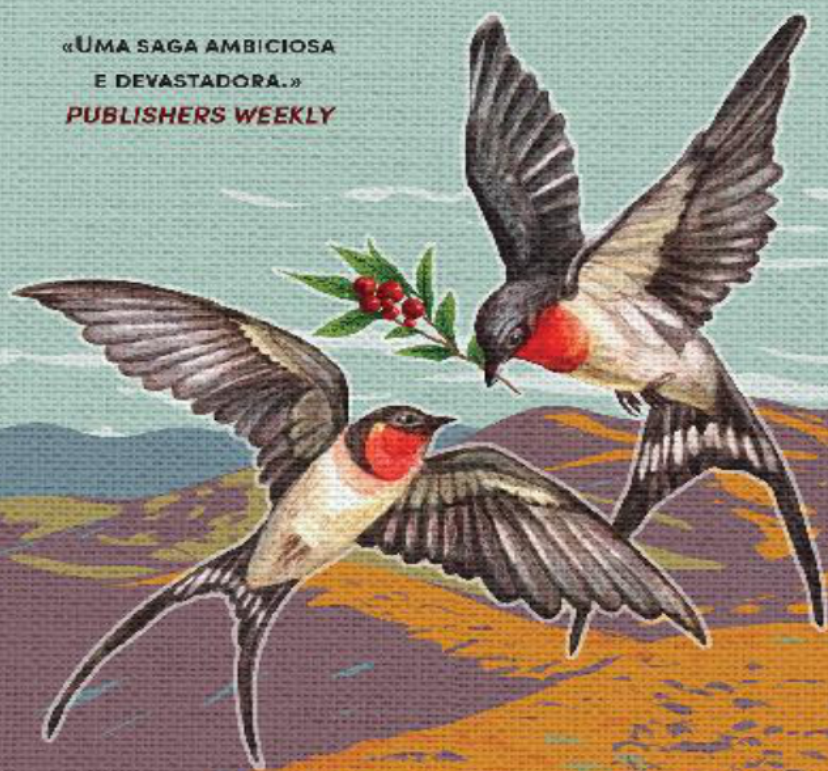
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

KATHERINE VAZ

«UMA SAGA AMBICIOSA
E DEVASTADORA.»

PUBLISHERS WEEKLY



A LINHA DO SAL

DOIS AMANTES. DOIS CONTINENTES.
UMA HISTÓRIA DE AMOR E IMIGRAÇÃO
INSPIRADA EM FACTOS REAIS.

Índice

Ficha Técnica

Prefácio

O céu é feito de dentes

A tecelã de anjos

O nome «madeira» vem das florestas que arderam durante sete anos quando os colonizadores tentaram desbravar a terra, mas a vida selvagem levantou-se das cinzas, rugindo

Toma a minha voz e deixa-me cantar

Vestido tangerina na cidade rubi

O sabor mais doce

Pai de todos nós

Gala

A canção de amor de um polvo num mar em movimento

Óculos

Tudo quanto tem fôlego

Concursos

A cidadela de mulheres

O truque das nuvens

Sem saber quando, ou se, poderei regressar

O peculiar destino dos maçaricos-bicudos

Deito-me para dormir e peço a deus que proteja a minha alma

O lamento de uma mãe

Preto, branco, escarlate, verde-náusea

Semear sal na terra de shiloh

Vigia, quem baixou a minha ponte levadiça?

Au clair de la lune

Maçã-fantasma

O pai das águas flui uma vez mais, sem entraves, para o mar

Vejam como crescem os lírios do campo

Beijo

O ensaio de Sherman para a marcha rumo ao mar: o ataque a meridian, no Mississípi

Mary casa-se com Norman Greer

O canto dos pássaros estilhaçará os nossos ossos

A bênção noturna portuguesa

O sino dobra novamente

Se eu morrer antes de acordar

Com os reis e conselheiros da terra

O coração em paz dá vida ao corpo

Requiem

A linha do sal

Não os anos da tua vida mas a vida nos teus anos

Nada há encoberto que não haja de ser descoberto

Alperces

Recortados

Protege-me, senhor, como a menina dos teus olhos

Alguns pensamentos encontram-nos jovens e mantêm-nos
jovens

Catharine

Regressar a casa

Levanta a agulha, pouso-a

A mãe está lá, à minha espera

Sonho irrequieto concretizado

Basta de anseios por hoje, basta de vaguear

Revelação

Agradecimentos

Katherine Vaz

A LINHA DO SAL

Tradução
Tânia Ganho

ASA

Ficha Técnica

Título: A Linha do Sal
Título original: Above the Salt
Autor: Katherine Vaz
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Tânia Ganho
Revisão: Rita Almeida Simões
ISBN: 9789892361963

Edições ASA II, S.A.
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

©2023, Katherine Vaz. Reservados todos os direitos.
Publicado originalmente nos EUA pela Flatiron Books

©Tradução: Tânia Ganho
© 2024, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

www.leya.com

Para Christopher Cerf

Ó mar salgado, quanto do teu sal
são lágrimas de Portugal!...

Fernando Pessoa

Aquele que vive isolado busca seu próprio desejo;
insurge-se contra a verdadeira sabedoria.

Provérbios 18,1

Prefácio

Há cerca de vinte anos, a Biblioteca do Congresso (o Departamento Hispânico), em Washington, convidou-me para fazer uma palestra sobre o meu trabalho, e a Dr.^a Iêda Siqueira Wiarda (atualmente reformada) mostrou-me uma curiosa exposição na Sala dos Mapas: estampas das terras e empresas que, no século XIX, pertenciam aos «Protestantes Portugueses do Illinois». Assim começou a minha longa viagem à descoberta da história verídica de um grupo de madeirenses que, tendo sido convertidos ao presbiterianismo por um missionário escocês chamado Robert Reid Kalley, foram alvo de perseguições religiosas e fugiram da Madeira rumo aos Estados Unidos.

Eu nunca tinha ouvido falar deste episódio, mas ainda hoje existe uma «Madeira Hill» em Jacksonville, no Illinois, perto de Springfield, a terra de Abraham Lincoln, onde muitos dos refugiados trabalharam, encarregando-se de pequenas tarefas. Estes factos são pouco conhecidos, quer nos EUA, quer em Portugal, mas parece-me um extraordinário exemplo de generosidade os americanos terem acolhido um número considerável de migrantes desesperados e desprovidos de tudo. (Verdade seja dita, também havia vantagens políticas em adicionar um grupo de ferrenhos abolicionistas às listas de eleitores que apoiavam o partido de Lincoln.)

O meu trabalho de investigação conduziu-me a John Alves, cuja mão tremia terrivelmente quando assinou o livro de honra da Casa Lincoln, que visitou já velho e como veterano da Guerra Civil, em que lutou como soldado da União: ficou destroçado ao recordar-se dos seus tempos de namoro naquela casa. Essa emoção intensa motivou-me ao longo da década e meia que demorei a escrever o livro que o leitor tem agora na mão.

Trata-se, porém, de uma obra ficcional, nascida de uma história verídica de imigração. Se pesquisarem «Robert Reid Kalley» no Google, ficarão a conhecer os factos históricos. Como sabem – e eu também, uma vez que a minha família paterna é oriunda dos Açores –, «Maria» era o primeiro nome de muitas mulheres, mas, no meu livro, a mãe de John Alves na vida real, Maria Joaquina Alves, tornou-se «Serafina», porque o meu editor americano

não queria confundir os leitores anglófonos, uma vez que já havia uma «Maria» como protagonista e «Joaquina» e «John» eram muito parecidos. Na vida real, os irmãos de John tinham nomes e percursos diferentes, mas o cerne de *A Linha do Sal* é genuíno e, como romancista, quis explorar as muitas lacunas e perguntas deixadas por um homem que, no final da vida, ainda se sentia tão avassalado pelo amor.

Tenho a convicção de que os livros ganham vida própria junto dos leitores, que cada leitor desperta – e incendeia – as palavras na página com o seu coração e a sua mente. Existe um laço de amor e empenho genuínos no tempo que dedicamos aos leitores e sinto-me profundamente honrada por o leitor partilhar a sua vida comigo durante uns momentos. Comove-me especialmente escrever este prefácio para os leitores portugueses, pois sempre tive o desejo de homenagear as histórias das minhas raízes lusas que agora partilho convosco.

Katherine Vaz
Nova Iorque, 2024

Génesis

*Quando criou o mundo, Deus esqueceu-se de inventar o gelo.
Verteu o resto do Seu anseio nos atos finais de criação.
Qual é a cor e a forma do desejo de Deus?*

É uma explosão branca. Pode arrancar-te a pele ou ofuscar-te até te cegar. É do mesmo tom dos Seus animais preferidos, dos peixes que vagueiam pelo fundo mais fundo do mar. São pura luz. Os seus corpos latejam e chama-se a isso falar. Deus insere cores prismáticas no gelo tal qual abençoa o vidro: um fúcsia doloroso. Um azul veloz. O mesmo dourado do olho do tigre que cintila num topázio. Só a Sua visão consegue ver o louco castelo que Ele constrói em cada ínfimo pontinho de neve.

Mas escuta o vento: os Seus uivos laceram a terra, porque Ele não teve o cuidado de conceber um amante digno do Céu.

Por que carga de água nos move a paixão tão intensamente, se o próprio Deus não consegue encontrar ninguém com quem se casar?

O CÉU É FEITO DE DENTES

MADEIRA, 1843-1846

Durante muito tempo, enquanto viveu na cadeia com a mãe, ele não comeu nada, a não ser a música dos pássaros.

Serafina Alves era uma viúva de trinta e cinco anos, na ilha da Madeira, condenada a morrer por heresia, por conversar como amiga com o Deus presbiteriano. John, guinchando, agarrara-se-lhe às saias quando os soldados a detiveram e eles decidiram usá-lo para a vergar. Se Serafina não regressasse à congregação da sua mocidade, ela e o filho morreriam à fome.

A cadeia situava-se na aldeia deles, nos arredores da capital, e John manteve-se preso como uma lapa à barriga dela. A cela deixava-o zonzo com o seu cheiro a cal e sal.

– Tem fome? – perguntou Tónio Dutra, o guarda. – Aceite a verdadeira fé, senhora Alves.

John lançou-se à chave dependurada do cinto de Tónio, mas a única coisa que conseguiu foi esborrachar a cara nas grades. Tónio rodou o corpo para se desviar, rindo-se e devorando uma manga.

– Vamos comer canções, John – sussurrou ela.

Alimentar-se-iam de música; fariam um festim com os sons. Aves marinhas grasnaram e chilrearam, muito perto, e as suas melodias sabiam a doce. A mãe disse que John e ela eram, eles próprios, aves. Ele era um falcão com garras, e ela, um pombo-das-rochas e, no início, sustentaram-se ambos lindamente com aquela orquestrazinha de colegas pássaros.

O meu menino tem asas azuis, cantava a mãe.

Não temo o mal, o meu amor é uma espada.



John só tinha cinco anos, mas lembrar-se-ia sempre de que a fome se entranhara nele com força suficiente para que lhe brotassem trepadeiras no

estômago, brancas como ossos lavados e lisos.

Oh, que cantem mil línguas/Ele liberta o prisioneiro.

– Escutem os passarinhos – urgiu Tônio. – Os passarinhos! – As suas sobranceiras pareciam lagartas e o cabelo era ruivo.

– Mamã – disse John. Precisava de a ajudar a fugir. Era tudo culpa dele. Ela cheirava a papaias; os seus cabelos tinham a risca exatamente ao meio.

– Arrependa-se de ler a Bíblia errada, minha senhora – declarou Tônio –, e não a enforcamos. – O seu antigo emprego era arrastar os hóspedes do Hotel Jardim colina acima, colina abaixo, num sacolejante cesto de vime; era suficientemente forte para partir o pescoço a um cavalo; as flores murchavam na sua esteira.

– Se o padre deixasse de usar saia e se casasse – ripostou ela –, talvez não andasse sempre tão zangado.

Quando Tônio esticou o braço por entre a porta gradeada para lhe apontar o dedo num raspanete, John mordeu a mão do guarda. Tônio soltou um berro, destrancou a porta e deu um soco com tanta força em John, que ele voou para trás e a mãe apanhou o filho em pleno ar.

Ao quinto dia de fome, John aprendera na íntegra a língua dos pássaros. Eles tendem a perguntar: «Onde estás?» Em cada cinquenta notas sobre pavor, oito buscam a beleza.

– Mamã – disse ele. – Quero ir para casa.

– Eu sou a tua casa. Deus é a tua casa.

Os teus olhos são janelas, mãe. A tua pele, as minhas paredes. Mas sonho com a nossa mesa de pinho, a taça de cerâmica azul, o meu porquinho de brincar, e com a Nica a apanhar hortelã, enquanto o Rui balouça na rede às listras. À medida que as horas se expandiam, amplas e quentes, John enfureceu-se com o Senhor: que tipo de «casa» era Ele? Deus é fome, Deus é desconcertante. John aninhou-se no colo da mãe, com o nariz enterrado no pescoço dela, inalando a recordação do seu pó de gardénia.

Era frequente ouvir Nica a suplicar ao longe, implorando que os libertassem.

John perguntou à mãe porque é que o reverendo Robert Kalley, o missionário escocês que convertera muitos deles à fé protestante, não vinha em seu auxílio.

– Está escondido no vale – respondeu ela. – Morto não nos serve para nada.

Ele quase gritou que a morte dela também não serviria a ninguém.

Tônio sorriu ao anunciar:

– Senhora Alves, volte para os braços do seu Senhor original e eu trago-lhe bolo.

A palavra «bolo» derramou-se sobre John.

Os seus preferidos eram de limão e de cacau.

À noite, Tónio levou-lhes água e a mãe deixou-a quase toda para John. A bacia continha a cara dele, difusa e dividida em tiras. Um fragmento de estrela entrou pela janela e incidiu-lhe na nuca, deixando-lhe um buraco queimado quando ele se curvou para engolir o seu rosto.

A mãe falava com Deus, umas vezes em voz alta, outras dentro da sua cabeça, e ela parecia sempre, sempre convicta do que Ele lhe dizia. Acreditava que cada som – cada suspiro, gemido ou murmúrio – ficava escrito no registo humano, *tal como todos os pensamentos*. Nada – *nem uma coisa* – no universo se perde. Cada pessoa *a cada segundo* desenha a criação. Não se pode esconder verdadeiramente um ato, nem atirar simplesmente uma intenção para o vazio. Cada alfinete que cai, ou beijo que se rouba, ou reação furiosa que se engole, cada mexerico que se segreda ou sentimento que tremeluz, por mais que se os oculte: tudo acrescenta as suas batidas à letra nos ouvidos de Deus e ele responde aos fiéis.

Mas John não conseguia ouvir nenhuma Voz divina, porque, mais do que a Ceia do Senhor, o que ele queria era pão de milho com compota.

Amoras e noz-moscada!... Torradas tão quentes que lhe queimam o céu da boca. Banana frita; peixe-espada com vinho do Porto; alecrim como cana-de-açúcar de terra preta parafina em frascos de compota ovos de galinha com sal e dias longos como o desejo e o desejo contrai-se num ponto branco que cresce e se transforma numa faixa. E tu flutuas na faixa. Mesmo depois de um festim, quando fores velho, encostarás a mão ao peito, abaixo do coração, e lá estará essa faixa branca, arrebatando-te. É isto o desejo. É isto o amor.

Faminto, deitado de costas com os braços e as pernas esparramados, John observou o canto dos pássaros a desfazer-se ao entrar pela grade que tapava a janela. As notas, e os círculos das mínimas, pressionavam-no como o bastidor de Nica e retesavam-lhe a pele, enquanto as hastes das notas o perfuravam como agulhas.

A mãe agarrou Tónio pelos colarinhos e sibilou:

– Estás a matar uma criança.

Ele apertou-lhe a mão até ela o soltar; ela recusou-se a latir de dor.

– Não te preocupes, mãe, eu arranjo maneira de voltarmos para casa – disse John, mas ela não o ouviu, porque as palavras dele derreteram quando lhe saíram, esbaforidas, da boca.

– O quê? – questionou Tónio. – Repete o que disseste, John.

A sua caixa torácica de pássaro expandia-se. Ele falou. Queria implorar:

– Deixa a mãe levar-me para casa.

Com um grito vitorioso, Tónio levou a mãe de arrastão. John foi atirado para o lado, uma vergonha, porque ele proferira, murmurara, uma palavra, que

agora ressoava dentro dele, apesar de a ter soltado tão baixinho.

– Bolo.

—

A grade da janela cortava o céu em forma de dentes.

O bolo fora uma fatia de carolo de milho com azeite que lhe apunhalara o estômago. A mãe diria ao padre que era um palerma e seria queimada na fogueira. Preferia morrer a negar Deus como passara a conhecê-lo: todo Ele Espírito, em toda a parte.

—

Nos buracos das paredes latejavam insetos, até John se sentir observado por olhos pretos pestanejantes.

—

Quantas horas esteve ele sozinho, ignorado até por Tónio? A quietude reverberava e, dentro do silêncio mais fundo, o canto de uma sereia. Ele queria Nica, de olhos grandes como um cordeiro. Ela gostava de lavar a roupa deles no riacho e estendia-a a secar em cima de alfazema, uma tarefa que a fazia cantarolar baixinho. Ele ansiava por ser deposto na campa do pai no quintal de casa, onde a mãe plantara uma glória-da-manhã que trepava pela janela da cozinha, de modo que flores cor de ameixa despontando do corpo do pai pousavam as suas cabeças dolorosas na tábua de cortar, sob as panelas enegrecidas pelas refeições e ligeiramente tortas, batendo com prazer apesar de estarem penduradas em ganchos. John escutava a sua casa, escutava os vivos e os mortos. Se ficasse em silêncio, talvez Deus falasse consigo como fazia com a mãe e lhe explicasse como salvá-la.

Mas, então, desatou aos berros, atirando-se contra as grades, chamando por ela, por Nica e Rui, e pelo reverendo Robert Kalley, e os seus guinchos ribombaram em direção à cidade do Funchal e deslizaram sobre a lava dura como tendões irrompendo do solo deformado e seguiram caminho, inclinando os barcos hipnotizados no porto.

Arquejou quando a sua garganta já nada tinha para soltar, nem sequer um balido em carne viva. Foi inundado por uma onda de música. Várias pessoas cantavam o hino «Estás a chegar, meu salvador» e os sons viajavam, depreendeu ele, dos outeiros entre o mar salpicado de golfinhos e a cadeia, homens, mulheres e crianças canalizando palavras para o céu e que o céu, por sua vez, fazia chover sobre ele.

Os atuns nas marés silvavam e salgavam o vento que soprava as melodias dessas almas que ele não conseguia ver.

Alguém cortava ananases com um machete, ordenando às brisas que carregassem os salpicos de sumo.

*Ó lar feliz, onde és amado.
Luz da luz, ilumina-me.*

As canções impunham-lhe que obedecesse ao mote da mãe: Se consegues sobreviver a um minuto, consegues sobreviver ao minuto seguinte, *bebe-nos, come-nos*, o mundo é um instrumento musical. As bananeiras oscilam como mulheres altas e ornadas de joias, de cabelos violentos, que estão loucas por dançar sem sair do sítio, que algazarra, e alguém, algures, abre uma goiaba ou bate claras em castelo. Escuta! Alguém amanhã um peixe, levanta a espinha pela cauda para chegar à carne ainda impressa com a memória do seu esqueleto.

De repente, eis Nica, destrancando a porta e dando-lhe pão. Suplicou-lhe que parasse de chorar. *As pessoas ouviram-te, John. Estás livre.*

Os manifestantes, católicos também – o líder deles era católico –, exigiram a tua libertação. A mãe tem de ficar noutra prisão, mas eles vão dar-lhe de comer. O reverendo Kalley foi preso e estão a rezar no mesmo lugar. Foste corajoso.



John guardaria para sempre uma imagem do seu irmão mais velho, Rui, a chorar de alívio, e de Nica num vestido cor de nuvem, com o seu colar de vidro vulcânico a oscilar como o baloiço de uma criança, enquanto tirava do lume o caldeirão de sopa de couve. Ela tinha idade suficiente para se tornar uma segunda mãe e lavava roupa para fora de modo a ganhar algum dinheiro. Servindo-se de uma Bíblia nova e secreta, leram o Génesis. O reverendo Kalley defendia a educação para todos, incluindo mulheres e crianças. De que outra forma podiam as pessoas aceder às palavras de Deus?

Absorviam o inglês. *Esperar. Observar. Ano. Anseio. Sono.*

John aprendeu a mergulhar e tinha uma capacidade extraordinária e inumana de sustentar a respiração enquanto apanhava marisco, arrancando lapas nas suas casinhas vulcânicas das rochas. Um dia, uma investida de peixe-agulha envolveu-o num laço prateado. Quando o sal lhe ardia nas narinas, ele esperneava até à superfície, onde o ar suspirava como a coda de um órgão de igreja. Ele queria anotar isso de maneira que lhe permitisse ouvir esse som vezes sem conta, a sua respiração a casar-se com o gemido do órgão.

Sempre que se punha a caminho para ir reclamar a libertação da mãe, geralmente não passava da ravina que delimitava a sua aldeia de Santa Cruz, onde Nica o agarrava, garantindo-lhe que Kalley estava a fazer de tudo para que a pusessem em liberdade. Mas, uma manhã, John esquivou-se à irmã e precipitou-se para o Funchal. As pessoas tinham andado a cochichar que a mãe estava numa masmorra imunda, onde homens e mulheres, criminosos ímpios, fervilhavam juntos. Se o guarda era Tónio, John matá-lo-ia com a faca que levava no bolso.

Doíam-lhe as pernas, porque a Madeira estava cheia de penhascos pedrapomes, brechas irregulares, jardins suspensos verticais e pilares de vegetação, e ele deteve-se num trilho que levava ao interior. Rui avisou-o de que o único sítio habitado – o Curral das Freiras – ainda estava pejado de esqueletos de piratas trespassados por espadas brandidas pelas freiras. Deus rachara a terra com um machado e descobrira que ela estava a fermentar lá por baixo, mas, então, lançou loureiros para as fissuras, a fim de impedir que os corpos gemebundos e diabólicos de freiras e piratas saíssem a rastejar. Quem lá vivia agora era uma colónia de seres humanos como rebentos nodosos, que comiam madeira em chamas e arreganhavam dentes de carvão aos intrusos, e John obrigou-se a seguir em frente.

Os madeirenses usavam uma linguagem de assobios para comunicarem através das vastidões e John deteve-se, porque um ceifeiro que tratava de videiras e um homem a sachar favas estavam a enrolar assobios e a enfiá-los em garrafas a fingir, para lançarem um ao outro por cima de um abismo. Falaram na direção dele, também, e ele respondeu-lhes com o canto que usava para anunciar o jantar aos porcos. Os homens devolveram uma mensagem que John não foi capaz de decifrar, mas sentiu-se embalado na rede dos sons.

O Funchal pululava de gente quando ele passou, apressado, por casas com portadas pintadas de carmim ou azul-chinês. Perguntou a uma vendedora de bonecas de vime onde ficava a prisão e ela indicou-lhe a avenida aos pés dos penhascos com as mansões dos britânicos que construíram as fábricas de bordados e de melaço.

Dois guardas jovens empunhavam baionetas à porta de uma fortaleza e, quando John exigiu ver a mãe, eles foram educados e pediram desculpa por terem de a manter atrás das grades.

– Onde está o Tónio Dutra? – perguntou John. – Tenho de o matar.

Os soldados entreolharam-se e um deles disse:

– Chegaste demasiado tarde, pequeno. Ele afogou-se para te poupar ao trabalho.

Convenceram um homem com uma carroça puxada por uma mula a levar John de volta para Santa Cruz, onde Nica estava desvairada. Porque é que ele lhe pregara um susto daqueles? Sim, constava que Tónio se suicidara. Deixara um bilhete, mas o corpo nunca aparecera.

Uma clareza grotesca despontou em John, impedindo-o de ir uma vez mais em socorro da mãe. Ela tinha posto voluntariamente em risco a vida do filho, que podia ter morrido à fome. Podia ter acabado com a fome de ambos na cadeia, e podia pôr fim agora à sua ausência, declarando que amava Nica, Rui e John mais do que amava o Deus de Kalley. A ideia atormentou-o tanto quanto a imagem do seu carrasco debaixo de água, inchado, um mole pasto verde para os caranguejos.



Ele perdoou-lhe quando o encarceramento dela se prolongou por mais de um

ano e se transformou numa eternidade, e o «Daqui a nada, ela volta para casa» que Nica trauteava se tornou um tormento de resistência. O calor adensou-se e coalhou, formando ramos de rosas e crisântemos brancos, como se a mãe lhos atirasse, cantando: «Apanha, Passarinho, sou a noiva de Deus.»

Volvido o segundo ano de espera, Nica ofereceu-lhe uma distração ao fazer dezassete anos e se casar com um pescador chamado Miguel, cujo único ponto positivo era ausentar-se durante longuíssimos períodos. Uma vez, ele torceu-lhe o braço, quando Nica se recusou a ir buscar-lhe as botas, e John e Rui esmurram-no até ele a soltar.

Numa manhã raiada de lilás, após uma pilha de centenas e centenas de dias sem mãe – Rui tinha doze anos e John quase oito –, Nica exclamou: «O reverendo Kalley quer que o visitemos hoje à noite.» Fora libertado da cadeia, meses antes, e regressara de uma viagem a Inglaterra.

No trajeto de carro com os irmãos, John estava petrificado, com medo de terem sido convocados pelo reverendo para ele poder reconfortá-los depois de lhes dar a notícia de que a mãe morrera. John imaginou os pés dela a balouçarem no ar, o pescoço partido dentro de um círculo de corda, e o seu pavor cedeu lugar à maleita portuguesa chamada Ter os Nervos à Flor da Pele, e o estridor agravou-se durante a subida da encosta até à residência de Kalley, um paraíso que mostrava que não era pecado partilhar da majestosidade da Terra. O sol poente lançava lenços violetas que lhes pousaram nos ombros quando bateram à porta, e o reverendo abriu-a de rompante e troou:

– Entrem, fiéis!

O cabelo branco de Kalley era uma juba e a sua pele escocesa estava curtida pelo clima.

– Mamã – crocitou John.

– John, meu amigo em Jesus – disse o reverendo, curvando-se mais, obrigando John a fixar-lhe os olhos ardentes, azuis como se o céu se tivesse compactado para os formar. Usava calças bege e uma camisa simples, sem cruz, porque ninguém podia reivindicar o Senhor só para si. – A vossa mãe sobreviveu às leis mesquinhas dos homens – proclamou Kalley – respeitando os decretos de Deus!

Nica chorou e John e Rui desmoronaram-se de cada lado dela. Kalley levou-os para a biblioteca, com os seus bancos corridos de cipreste. Os tremores de John impediram-no de gritar: «Mas onde é que ela está?», enquanto conhecia pela primeira vez uma sensação que perduraria o resto da sua vida: o reverendo insistiu que dessem graças a Deus imediatamente, enquanto a mãe terminava uma prece no andar de cima, na companhia de Margaret, a devota mulher de Kalley. Ela e o marido tinham vindo para a Madeira em busca de calor subtropical para curar a fragilidade de Margaret, e decidiram ficar para propagar o evangelho e protestar contra a escravatura, a maior nódoa da Terra. Os dois minutos em que John soube que a mãe estava no andar de cima, mas ainda não nos seus braços, trouxeram-lhe uma percepção aguda da dor que superou a aflição constante que sentira durante a

sua longa ausência.

Teria corrido escada acima, se as pernas tivessem sido capazes disso, enquanto Kalley entrelaçava as suas manábulas e declarava:

– Aceita a nossa gratidão, Jesus Cristo, por teres convencido a rainha de Inglaterra e a rainha de Portugal a comutarem a sentença de morte de Serafina Alves. Honra a ti, Senhor, por me guiares na minha viagem para rogar junto de ambas! Hossanas a quem protestou contra o encarceramento da nossa comunidade e peço-Te com humildade que abençoes Augusto Freitas, católico, o principal organizador da manifestação nesses primeiros dias tão turvos, pois todos nós somos Teus no reino da glória. Estende a Tua misericórdia ao Teu rebanho de presbiterianos aqui na ilha, quase dois mil fiéis. Concede paz a Serafina, que, durante dois anos e meio, se manteve disposta a morrer.

Quando levantaram a cabeça, John libertou-se da sua paralisia, porque a mãe chegara silenciosamente ao fundo das escadas. Ele não queria preces; precisava dela, fisicamente.

– Mamã! – guinchou, voando para ela. – Mamã! – Ela ajoelhou-se, cambaleando, como se a fossem decapitar, e ele pôde ver-lhe os dentes enfraquecidos antes de se abraçarem. A memória que John guardava da fome lançou um halo em redor dela, um misto de vermelhos e amarelos esborratados. Ela cheirava a uma cave musgosa. Rui aninhou-se debaixo do outro braço dela e Nica beijou o crânio da mãe. Como os seres humanos se transformam no que devoram, John abraçou-a com ferocidade para poder alimentá-la. Queria dizer, de um fôlego: «Adoro a mãe mais do que açúcar, mais do que pão», mas não conseguiu proferir uma só palavra. Uma vez que o evangelho de Serafina garantia que até centelhas de anseio são tão reais como uma colher ou um gato, a pele dela bradou ao puxá-lo mais para si. Os corpos constituem uma linguagem, o quanto ele a amava e adorava que ela o amasse, o seu abraço dizia tudo.



Quanto tempo demorou a ronda seguinte de preces? Os cânticos duraram uma eternidade, interromperam-se, por fim, quando Margaret Kalley, com a fragilidade de uma casca de milho, cambaleou escada abaixo para servir chá e biscoitos. O reverendo declarou: «Terminemos este feliz encontro exultando nas maravilhas do Senhor.»

Ele gostava de afirmar que os únicos quadros de que necessitava estavam nas janelas do seu escritório, com a sua vista sobre o porto, as ondas como cacos de vidro cortando um mar de tecido verde, e que uma orquestra tocava por perto, nos coros agitados de pintassilgos e toutinegras. Levantou os trincos enferrujados pelo sal e abriu as janelas, e uma corda sibilante de morcegos entrou de jorro e enxameou as estantes, comendo os insetos que rastejavam pelas encadernações e punham em perigo os maiores tesouros, as palavras contidas entre as capas variegadas. Os morcegos limpavam a

biblioteca, as coleções nas prateleiras a que Kalley chamava «as vozes que falam nas páginas» e os tomos nos atris, exibindo chapas matizadas de conchas seccionadas – búzios como torreões, vieiras como leques –, e Bíblias católicas, também, porque ele admirava as suas iluminuras douradas.

John esforçou-se por ouvir os gritos agudos dos morcegos. Os ossos eram visíveis nas suas asas de crepe, enquanto perseguiam os insetos que fugiam para dentro de fendas, e as criaturas voadoras aninhavam-se como trapos pretos no topo poeirento dos livros. A cabeça da mãe inclinou-se para cima e a sua mão agarrou na de John, o melhor tipo de conversa; era suficiente. Rui suspirou de satisfação. Nica comeu um biscoito e perguntou-se em voz alta se conteria água de rosas. Margaret disse que sim. Os olhos do pregador, luminosos como faróis, lançavam feixes numa teia entretecida com os rastos dos morcegos que acabavam de purificar a biblioteca e estes, saciados, saíram disparados como laços de corda pelas janelas.



Nessa noite, John foi confirmar que ela estava viva na sua cama e descobriu que desaparecera. Precipitou-se porta fora e encontrou-a junto dos porcos, a acariciar a cabeça de *Glória*, a sua preferida.

– Mamã – irrompeu John –, eu devia tê-la salvado.

Ela estava destruída e atormentada, mas brilhava quando disse:

– Não fizeste nada de mal, Passarinho. O padre perguntou porque é que eu preferia falar diretamente com Deus a falar com Deus através dele. Respondi-lhe que, um dia, o Senhor me sussurrará uma mensagem e que, até a receber, não deixarei este mundo. Será a resposta que resolverá tudo o que se passa de mal em toda a parte. Tu e eu não morreremos à fome, John, e eu não traí o Deus do meu coração. Um dia, Ele dir-me-á esse segredo especial para eu o partilhar com toda a gente, mas eu conto-to primeiro.

– Porque é que Ele não to diz agora?

– O tempo de Deus não é como o nosso. – Ela encostou a testa à dele e perguntou: – Consegues ouvir o que Ele diz?

– Não, mamã. – Ficou sossegadíssimo, caso Deus se dignasse transmitir-lhe a mensagem, e que alegria seria poder informar a mãe: Ele também fala comigo!

– Escuta. – Ela sorriu até ele se rir. – Ele está a dizer: «O John tem uma mãe que o adora tanto que, em vez de a trazer para o Céu, um dia, a vou deixar crescer através das árvores para ela poder abraçá-lo sempre, por mais crescido que ele seja.»

Ele sentiu-se demasiado intimidado para retorquir: *Pede a Deus para nunca te levar consigo.*

Ela disse que as estrelas disponibilizavam o alfabeto do Altíssimo. Os navegadores portugueses usavam as constelações, decifrando a escrita de Deus para encontrarem o seu caminho. Ele escreve como um artista louco no livro da noite.

Levou John de volta para a cama, para a genial estranheza do sono. Quando ele se levantou outra vez para se certificar de que ela ali estava, Deus aconchegara-a num manto polvilhado de estrelas. *Sobre o corpo desta Minha amada*, dizia a caligrafia do Céu, *escrevo uma história de amor. E a tua, qual será?*

Deus voltou a testar a lealdade dela, lançando-lhe dores de cabeça que a deixaram de rastos na primavera depois da sua libertação e pelo verão dentro. John deduziu que eram desencadeadas pela zombaria das pessoas. O sofrimento de Serafina era agravado pelas discussões com Nica, que queria chamar um médico. A mãe não parava de retorquir que só o Senhor a podia curar.

Uma manhã, John gritou que, uma vez que Deus *criava plantas que davam origem a medicamentos*, e criava homens *que sabiam usá-los*, porque é que ela recusava ajuda terrena?

Quando ela adormeceu, de testa enrugada, John sussurrou:

– Mamã, desculpa-me por ter levantado a voz. Eu salvo-te.

Prometeu abdicar da felicidade, de comida e amizade, de tudo, tudo, *se, ó Senhor, a deixares viver até aos cem anos*.

Depois de apanhar boleia para o Funchal com os ceifeiros de cana, John postou-se numa praia de areia como açúcar preto, orlada de hibiscos vermelhos, e levantou os olhos para o Jardim Botânico, que parecia pairar num terraço elevado. Era do conhecimento geral que ali vivia um curandeiro, que cuidava de uma propriedade onde loricos e papagaios bilingues cor de esmeralda faziam razias aos abacateiros e diversas experiências geravam remédios, e onde as flores conseguiam pegar nas suas raízes e caminhar, algumas delas tão belas que contemplá-las podia causar cegueira. Toalhas encharcadas de calor tentaram asfixiar John enquanto ele subia o carreiro. Um ponto alto para lá da entrada permitia aos visitantes absorver a maneira como aquele socalco de terra fora transformado numa tapeçaria.

E era lindo – canteiros em forma de losangos cor-de-rosa ou paralelogramas amarelos –, tão intensamente lindo. O almíscar que ele levaria para casa saturado na sua camisa talvez fosse suficiente para curar as dores de cabeça da mãe. Vagueando junto de plácidas aves-do-paraíso, e de uma espécie de globos verdes abertos ao meio por botões roxos em cascata, perguntou-se porque é que estava completamente sozinho. Mas, então, uns arbustos restolharam e ele esperou pela dádiva rara de ver as plantas mágicas a passearem, e o seu coração deixou que o medo se acumulasse nas câmaras inferiores enquanto a excitação inundava as superiores. Como o vestido dela era verde-escuro igual aos das folhas, e as pintas vermelhas do tecido se assemelhavam a bagas silvestres, a princípio ele confundiu a rapariga de regador com algo nascido no jardim. Só quando estava perto é que ela se virou, e os olhos eram verdes e o cabelo preto desenhava uma daquelas

setazinhas a apontar para a testa... essa seta tinha um nome, mas ele não se lembrava de qual era. Ela parecia ter praticamente a sua idade e emanava o ar corajoso de alguém que perdera muito na vida, mesmo no meio daquele esplendor, o que lhe dava a aparência de ter saído de um livro de contos, livro esse que ele tinha a certeza – essa *certeza* possuiu-o – de incluir uma frase ou duas sobre ele.

– Estava escondida e tu encontraste-me! – cantarolou ela, como se tivessem combinado de antemão brincar àquele jogo. – Chamo-me Maria Freitas.

Ele indicou-lhe o seu nome e o lado direito do rosto dela pousou um beijo no lado direito do dele e, descrevendo uma cruz entre eles no ar, o lado esquerdo do rosto dele rematou o beijo no lado esquerdo dela, como dois desconhecidos adultos que se cruzassem numa festa.

– Preciso de um medicamento para as dores de cabeça da minha mãe – explicou ele. Já estava a quebrar a promessa que fizera a Deus de não ter amigos, nem prazeres terrenos, em troca do bem-estar da mãe, e a rapariga pareceu aperceber-se de que ele estava perturbado. Compreenderia ela uma promessa que era maior do que uma pessoa?

Ela apontou para um arvoredor, onde um cavalheiro que parecia médico pousava as mãos num tronco, e disse:

– É o meu pai. Está a falar com os cafeeiros.

John não tinha recordações do seu pai, que dormia nos braços de Jesus. Nunca na terra, em tempo algum, poderia proferir uma frase daquelas – *aquele é o meu pai* –, mas conseguiu perguntar:

– Ele fala com as árvores?

Olhando-o com impaciência, ela ripostou:

– São seres vivos. – Maria arrancou uma baga vermelha e virou-lhe a palma da mão para o céu, de modo a recebê-la, e colheu um limão de uma árvore e abriu-o com uma faca tirada de um balde de ferramentas. A metade a pingar que ela lhe ofereceu mais fazia lembrar um fruto decapitado do que propriamente cortado. – Come a baga e depois chupa este limão – ordenou ela – e o sabor será doce.

– Não – disse ele.

– Sim. Estas bagas são milagrosas. Queres um milagre ou não? Olha, o meu pai vem lá. Parece que adivinha, sempre que eu preciso dele.

– O que é que acontece depois de eu provar o limão?

– Alguma vez viste um limão transformar-se em açúcar? Que mais queres?

Riram-se. O verão é esponjoso e repleto de citrinos, e a vida é rígida e reta como um caule. O que parecia miraculoso era uma pessoa muito esperta conseguir ser muito divertida ao mesmo tempo que parecia muito triste. John lamentou estar vestido com as calças que herdara de Rui e uma camisa que fedia a suor. A baga que comeu era suave e, então, pôs o limão na língua...

Estrelas! *Glória a Deus*. Dentro dele não surgira apenas um ponto de

doçura, antes uma cascata, explosões e faíscas.

O cavalheiro de cabelo branco aproximou-se e Maria Freitas adivinhou os pensamentos de John – mais tarde, ele percebeu que ela estava habituada a que as pessoas julgassem que o pai era seu avô – e declarou:

– Digo a mim mesma que os pais que me tiveram à nascença foram viver para o fundo do mar e me deixaram aqui em cima.

Parecia a primeira frase do livro que narrava a vida dela.

Tão bem cuidado como os seus jardins, de bigode e barbicha aparados, com chapéu de sol e socas, mas de fato bege-escuro impecável e colete, o pai de Maria apresentou-se como Augusto Freitas. John já ouvira aquele nome... onde?

– A mãe dele tem dores de cabeça, pai – anunciou Maria.

Quando o Sr. Freitas perguntou se podia haver uma causa para o sofrimento dela, John mencionou a sentença de morte, agora anulada, e a perseguição que continuava. Augusto ajoelhou-se, agarrou nos braços de John e disse:

– Serafina Alves? Eu liderei a manifestação, rapaz. Sou católico, mas temos de amar os outros como amamos os nossos. És especial para mim, John. É uma honra ajudá-la novamente. – O seu timbre tornou-se resoluto. – Matricária.

A estufa tinha vidraças da cor, não tanto da alface, mas das almas da alface. Augusto localizou a matricária e disse-lhe: «Tens uma missão nova», e cortou duas dúzias de flores parecidas com margaridas. A senhora Alves devia secá-las para fazer chá, duplas infusões quando o mal a atacasse, depois uma dose simples a cada quatro horas.

– Porque é que usa fato, senhor Freitas? – perguntou John, de chofre. – Para jardinar.

– Sou um convidado das plantas – disse ele, com um sorriso magnífico. – E tu és nosso convidado. Anda! Estás com cara de quem tem sede.

A casinha onde ele vivia com Maria tinha madressilva a trepar pelas portadas de um laranja ofuscante, e John desviou o olhar do altar a São Francisco: os santos são humanos e está errado venerá-los, embora John gostasse secretamente do facto de eles pertencerem à categoria especial de pessoas a quem foram concedidos poderes sobrenaturais. Augusto mostrou-lhe um mapa da Madeira, que parecia uma rocha que se desprendera de Portugal e fora parar ao Atlântico como um pensamento vivo acima das Canárias e do crânio de África.

Vivemos num pontinho num mar salgado pelo choro do mundo.

Maria perguntou se podiam beber água de camarão. Enquanto o pai cortava um pêssego às fatias para dentro de um jarro, ela preparou um tabuleiro com tartes de cacau e amêndoas caramelizadas, brancas e cor-de-rosa como os olhos petrificados de coelhos cegos. (Seria pecado John sentir-se tão terrivelmente feliz com aquela fartura?) Maria pôs uma tarte num prato de cerâmica para ele e pediu suavemente:

– Conta-me como foi.

Ele percebeu imediatamente o que ela estava a perguntar.

– Tive medo que a minha mãe morresse na cadeia. Ainda me preocupa a ideia de a perder. De perder toda a gente. – John ficou nervoso com a maneira como Maria olhava em cheio para dentro dele.

Ela respondeu que compreendia esse tipo de medo, compreendia-o muito bem. O pai dissera-lhe que ele pertencia à família a que os outros chamavam Passarinhos, porque eram pássaros que se alimentavam do seu canto. Na altura, ela só tinha três anos, metade da sua idade atual, mas lembrava-se das vozes a elevarem-se juntas. Ele já tinha uma história de vida de herói!

Maria bateu as palmas quando o pai inclinou o jarro com as fatias curvas de pêssago a parecerem camarões a balouçar num aquário, as gavinhas que se tinham agarrado ao jarro ondulando como frágeis patitas. A matricária estava guardada num embrulho e ele acrescentara um molhe de funcho, excelente para a digestão.

– Dou-te um pedaço da nossa cidade – disse Augusto, um comentário engraçado, porque o Funchal herdara o seu nome do funcho.

O à-vontade de John permitiu-lhe perguntar:

– O que é que cantavam à porta da cadeia? – Reconhecera alguns hinos, mas grande parte não passara de um borrão.

O Sr. Freitas cantou algumas letras protestantes que não temera proferir. *Aos meus ouvidos que escutam, a natureza inteira canta e, à minha volta, ressoa a música das esferas.* Maria estava muito concentrada, com toda a atenção, em cortar uma tarte com uma faca e em comer pedacinhos com um garfo e gestos elegantes, enquanto irradiava orgulho pelo tom firme do seu pai, e John quase gritou:

– Quem me dera escrever isto! Não só as palavras, mas também os sons. Ouvi-lo-ia o tempo todo. – Admitiu que era um desejo impossível.

– Não é nada – redarguiu o Sr. Freitas. – Os compositores escrevem notas e, quando qualquer músico as segue, reproduz as mesmas melodias.

– Mas quem me dera que fosse possível pôr os sons no papel e, depois, o papel cantava para mim sempre que me apetecesse. – Da mesma maneira que as palavras escritas entravam nos olhos, mas se mantinham disponíveis, ou que uma câmara conseguia registar uma imagem no tempo, que depois se podia contemplar as vezes que se quisesse.

Maria dirigiu-se para um armário, tirou de lá um livro pesado e pousou-o, triunfal, diante dele, proclamando:

– Há homens que estão a estudar isso. Como captar sons.

– Folheia-o – disse Augusto.

O autor era um jesuíta chamado Athanasius Kircher, e o título era longo e em latim, mas o livro em si era em inglês. Muitas páginas tinham ilustrações. Havia desenhos de trombones: uma mão a segurar no metal conseguia agarrar música que zanzava como uma vespa. Um diagrama de um canal auditivo mostrava um círculo chamado «tímpano» que vibrava quando o

som tocava nele. Os seres humanos são instrumentos ambulantes, graças a uma membrana chamada tímpano!

– Leva-o para casa e trá-lo de volta na tua próxima visita – disse o Sr. Freitas.

Quando John protestou ante a sugestão de levar um objeto tão precioso, Maria exclamou:

– Faz papel que canta! Tem só cuidado para não deitares água em cima do livro nem rasgares as páginas. Tens de o devolver, para eu poder ver-te outra vez.

Augusto envolveu o tomo num pano e reiterou a sua insistência.

– Consegues ler em inglês? Sei que o vosso reverendo Kalley o ensina nas suas escolas. – Ou ensinava, antes de as autoridades as terem fechado.

De repente, o mundo afigurou-se demasiado grande, com homens a galoparem à frente de John, à caça de invenções auditivas. Era a primeira vez que conhecia uma menina que acreditava que algo misterioso devia ser tornado factual.

Não pensara em como voltaria para casa, a dezasseis quilómetros dali, mas o Sr. Freitas ofereceu-se para tratar da viagem. Conduziu-os em fila indiana por um estreito carreiro coberto de pó de cinza, com John atrás dele e Maria aos saltos, tentando aterrar com os pés em cheio nas pegadas que John deixava, marcas que davam a impressão de ele a ter carregado absolutamente centrada dentro de si. Abraçou-se às ervas medicinais e ao livro de Kircher. Um jardineiro aceitou transportar John até Santa Cruz, e Augusto e Maria Freitas ajudaram-no a subir para uma carroça de feno.

– Quando voltares, John, traz a tua família – disse Augusto. – Seria uma honra especial receber a tua mãe.

Maria não conseguia estar quieta, pulava sem sair do sítio e, apesar do calor, vestira uma romeira só para o acompanhar na despedida.

– Obrigado por tudo – disse John.

– Oh, John – respondeu Maria, cobrindo-o com o seu olhar verde e fixo –, que dia maravilhoso. – Precipitou-se para lhe dar um beijo de adeus e ele jurou trazer-lhe uma prenda do fundo do mar.

John tinha a certeza de que ela sabia que ele se referia à história de que os pais dela lá viviam e reconheceu nela, envolvendo-a, aquela alegre melancolia que, a seu ver, era a fonte de calor da alma portuguesa.

A carroça puxada por um cavalo chocalhou ao longo da Marginal, onde um lojista vendia rebuçados lisos como vidro, bordejando o mar onde Tónio foi comido pelos caranguejos e os pais de sangue de Maria inventavam maneiras para que as conchas de abalone iluminassem as viagens dos cardumes. John afugentou um pensamento cobarde de se tornarem uma família: Augusto gostava de elegância e era católico. A mãe não aprovaria um homem vestido como um britânico rico, apesar de viver numa casinha simples, e a rapariga era assertiva de uma maneira que não condizia com a humildade cristã, e vestia roupas bonitas e caminhava com a coluna dorsal

demasiado orgulhosa, e o seu riso era ruidoso, se bem que seria agradável fixar aquele riso em papel que replicasse a pele de um tímpano, deixando-o vibrar e vibrar.

À medida que a carroça subia a colina, as casas brancas e atarracadas com chaminés pretas, ao longe, pareciam dados caídos. Tudo o que ele vira nesse dia, ou que provara, ouvira ou tocara, a começar pelas bagas que adoçavam um limão e os pêssegos que se transformavam em camarões, eram coisas do mundo concreto e não fantasias sem sentido – milagres *de verdade* –, o que lhe desencadeou no peito um rugido tão forte, que ele até teve vontade de chorar.

A mãe deitou fora a matricária e o funcho, declarando:

– A minha vida está nas mãos do Senhor.

Magoado, ele conteve uma crise de raiva. Mas partilhou o livro de Kircher, dominando a sua preocupação por o autor ser um padre católico, porque havia uma ilustração de um rei a segurar num tubo junto da orelha para escutar os prisioneiros numa masmorra.

– Passarinho – disse a mãe, fascinada. – Deus quer que descubramos a maneira como tudo canta louvores ao Senhor.

Ai, mãe! Falaram alto para dentro de uma chávena com água para verem como se formavam os círculos. A ideia de John era desenhá-los e a mãe achou-a genial. Ele estava exultante. Eis a forma de a curar: alegrando-a.

Inspirada por um diagrama, a mãe sussurrou para uma pluma: «Sou uma serva do Senhor» e a pluma restolhou. Mergulharam-na em vinho e, quando ela falou para a pena bêbeda encostando-a a uma folha de papel, Deus pintou uns fiapos púrpuras.

John queria que ela conhecesse Maria e Augusto, mas, como eram católicos, achou preferível não o sugerir, e teve relutância em devolver um livro sagrado que tanto animara a sua mãe.

E, então, a história decidiu martelar todos os triunfos deles na sua bigorna, esmagando-os. Apenas três semanas depois, contentes por Miguel, o marido de Nica, ter partido num barco de pesca, John e a irmã estavam ocupados a deitar milho aos porcos enquanto Rui se demorava a comer umas papas dentro de casa e a mãe esfregava a louça. John ouviu uma série de estrondos que pareciam os foguetes que costumavam anunciar uma festa, deixando rastros de fumo no céu. Apontou para um e disse:

– Nica, olha!

Estava um dia de calor impiedoso, no início de agosto. Observaram o vale lá em baixo. As casas flamejavam, com palmeiras ardentes a oscilarem como um metrónomo. Nica sobressaltou-se com o estrondo de um canhão vindo da direção do porto. John lançou os braços em redor da irmã. Tinha de estar pronto para morrer por ela e por Rui e, acima de tudo, pela mãe.

Porque três homens galgavam a colina com passos pesados rumo ao quintal deles, resfolegando como touros numa investida, empunhando tochas.

A TECELÃ DE ANJOS

MADEIRA, 1840-1846

A sentença de morte de Maria Catarina Pereira Vaz Gato de Freitas surgiu à nascença. Foi deixada junto do poço de pedra da velha cujo nome fora substituído, havia muito, pelo título Tecelã de Anjos. Isto aconteceu na Camacha, mesmo nos arredores do Funchal, pelo que a menina estava num cesto de vime, uma vez que a atividade local era moldar juncos em forma de bonecas, cadeiras e taças. Toda a gente chamava à mulher Tessie, a alcunha dada pelos britânicos, que não conseguiam pronunciar a palavra «tecelã», mas também recorriam aos seus serviços. O trabalho dela era asfixiar ou afogar recém-nascidos indesejados, entrelaçando as suas almas imaculadas em grinaldas enquanto ainda eram anjos, antes que as provações os levassem ao pecado.

A bebé – sem nome na hora da sua execução – esperneou, libertando-se da manta e deixando à mostra um vestido de renda, como se trajasse para um desfile no Palácio de Queluz. A tarifa de Tessie comprava o seu sigilo (valesse isso quanto valesse na ilha) acerca de casos amorosos, raparigas levadas para sítios recônditos quando a barriga lhes começava a crescer, mas aquela criança tinha a filiação mais chocante da carreira de Tessie. A manivela guinchou quando ela baixou o balde e o encheu de água enquanto a bebé gorgolejava. Tessie mergulhou uma concha de amêijoas e entoou: «Batizo-te em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo», enquanto vertia água na testa da bebé e apressava os sacramentos, a denúncia de Satanás e essa coisa toda. Estava com uma ressaca duas vezes pior do que era hábito.

– Agora, voa para o paraíso – disse Tessie, mas deteve-se. A mãe era uma rapariga rica e tola, que agora estava trancada num convento das redondezas, mas o pai imponente era um famoso distribuidor de crueldade que se autoproclamava divino. Provavelmente ficaria grato por o pouparem a mais um bastardo. Ou mandaria enrolar as entranhas de Tessie num molinete? A avó e a mãe dela tinham sido ambas Tecelãs de Anjos e ela gostava de

infundir temor, que é bem melhor do que reverência, e quantas mulheres ganhavam dinheiro suficiente para comprar a liberdade a outros seres humanos? Como tinha o ombro dorido, achou que seria mais fácil encostar uma almofada àquela carinha pequenina do que enfiá-la no balde e voltar a dar à manivela.

A parte de baixo da almofada era ambarina das exalações sufocadas dos frutos de erros mortais cometidos por freiras e padres ou esposas ricas tresmalhadas. Alguns anjos eram deformados, ou meninas indesejadas, e por vezes a gente do povo não tinha meios para criar um oitavo filho.

Tessie era uma parteira espiritual, uma criadora de santos instantâneos.

Por cima dela, guinchavam periquitos, descrevendo parábolas no ar.

Aninhou a criança numa prega de sujidade, gemendo, porque uma dieta de aguardente e cabrito a tornava pouco flexível. Era uma pena que a última coisa que os bebés viam da Terra fossem os molares partidos de Tessie e o seu pescoço com gota. A sua carne tornava-se cada vez mais desfigurada, à medida que absorvia os crimes que os culpados eram demasiado cobardes para assumirem; fazia parte do acordo. Sob a almofada parada no ar, a bebé riu-se e Tessie cambaleou para trás, com medo do que lhe pareceu um riso de desafio.

Seria querido pensar que ela se deteve por a bebé ser especial, ou especialmente bonita. Mas aquele anjo possuía vetores dos mais altos poderes corporais e Tessie podia vender a sua linhagem a um progenitor desejoso, em troca de uma excelente tarifa.



Augusto Pereira Vaz Gato de Freitas chama Maria Catarina à sua nova filha; é uma homenagem à sua mulher, que morreu no parto, duas décadas antes, quando o filho nasceu estrangulado pelo cordão umbilical. O sofrimento dele é assaz conhecido. Entregue numa cesta de vime, Maria Catarina é o seu invulgar Moisés, devolvendo-lhe os olhos cor de lima e os caracóis pretos da mulher. Ele tem quarenta e seis anos, é o jardineiro-chefe do Jardim Botânico de um aristocrata, embora as flores e as árvores, desfrutando da sua vista sobre o mar agitando-se em ondas, sussurrem que, na verdade, são dele.

A gárgula que a levava apresentara-lhe uma história absurda de parentesco para maximizar o preço extorsivo – Augusto até se podia rir do rudimentar conto de fadas daquela bruxa que saíra da floresta com a criança mais bonita do reino – e fizera-o investigar e concluir que *era efetivamente possível* a sua filha ter um pai biológico tão poderoso que pudesse ser raptada ou morta. A mãe biológica reside no convento, imersa na vergonha que é garantia de silêncio.

Uma ama-seca dá ao couro cabeludo de Maria Catarina um cheiro a leite e maçapão.

Depois de saírem da sua casinha todas as alvoradas cor de meloa, com um perfume a madressilva tão pesado que ela o enverga como uma manta, ele

pousa-a perto das anoneiras enquanto poda as rosas-malva e, em seguida, desce a colina para a apaziguar com a vista da areia preta, uma praia cor de escuridão moída salpicada de pontinhos brilhantes; o momento é eterno. Quando ele a leva à cidade, as pessoas adulam aquele tesouro nos braços de um viúvo. *É tudo teu, querida*, os relvados aparados onde as libélulas fazem os seus bordados, as fábricas e igrejas dos invasores britânicos. As pedras de basalto chamadas dentes de dragão transformam os passeios em autênticos mosaicos: Ó Minha Mais-Que-Tudo, vamos passear numa caravela preta e branca, uma bússola. Observando os esquifes na linha da maré, com os cascos pintados com olhos fenícios para verem através do nevoeiro, ele partilha uma lição: nunca velejes sem um gorro de lã, porque, se te perderes, podes torcê-lo e beber a água doce da bruma que nele ficou retida para sobreviveres.

Ele leva-a consigo quando janta num dos hotéis ao longo da praia, na sala fresca e tingida de rosa onde os talheres batem em porcelana e as pérolas dependuradas do pescoço de mulheres estrangeiras despedem pedacinhos de vidro raspados de um arco-íris. Os jantares dele são leves, muitas vezes amêijoas num caldo com alho.

Untados de humidade, os turistas sentados às mesas falam em ir para leste, até Casablanca, do outro lado do mar. Augusto diz a Maria Catarina para escutar as notícias que eles contam sobre o mundo:

Um espaço anunciado como a primeira boate abriu em Paris!

Evitem a Grécia! Uma rebelião deu cabo do país!

Procurem um estúdio fotográfico e adquiram uma imagem imortal vossa! Um inglês chamado Fox Talbot arranhou um produto químico através de um astrónomo e está a produzir retratos a partir de negativos de vidro, e a imagem das pessoas ficará captada para sempre, graças a um líquido prateado vindo de alguém que adora as estrelas.

Quando a ama-seca usa saliva para colar fios imundos à testa da bebé, para que os demónios a considerem demasiado feia para a roubarem, Augusto irrita-se: «Não quero esses disparates debaixo do meu teto», embora o «meu» seja um certo exagero, uma vez que a casinha pertence ao dono da propriedade. O pai de Augusto é um juiz municipal em Aveiro que despreza superstições. Quando a mulher e o filho lhe morreram, e Augusto migrou para as regiões subtropicais, com o seu langor húmido e purgativo, as recordações da sua cidade natal eram os ovos-moles que a mãe e as irmãs lhe enviavam da loja da família – conchas de açúcar recheadas de doce de ovos – e um desejo de subscrever com mais força a crença do pai na supremacia da razão.

Um ataque à tranquilidade surgiu brutalmente depressa.

Apesar do mosquiteiro a proteger o berço, Maria Catarina contraiu malária. Infusões de feno-grego de nada serviram; o seu talento como mago das ervas medicinais abandonou-o.

Enquanto negociava com um Deus em quem mal confiava, oferecendo-se inclusive para trocar a sua vida pela dela, Augusto apressou-se a levar Maria Catarina a um médico chamado Dr. Reverendo Robert Reid Kalley, que andava a converter os madeirenses ao presbiterianismo, inflamando assim as autoridades. Abalado pelo trajeto no cesto de vime que dois gigantes tinham puxado encosta acima, e com a filha a arquejar de febre, Augusto desfez-se em lágrimas assim que entrou em casa de Kalley, choro que se acumulara desde que perdera a mulher e o filho. Kalley conduziu-o para uma cadeira coberta por uma tapeçaria. O sol envolveu o reverendo, transformando-o num estudo de retrato destramente sombreado, enquanto ele dizia:

– É sua neta? A minha mulher e eu não fomos abençoados com um filho. Eu precisava de aprender que todas as pessoas com que me cruzo na vida são progenitura do Senhor. Desculpe, senhor Freitas! Também falo português.

Augusto respondeu que sabia bastante inglês e despejou a sua história: jardineiro, viúvo. Abandonaria o catolicismo, se o médico salvasse Maria.

– Não preciso que se converta, abdicando de uma fé com a qual se sente confortável – ripostou Kalley. Quando Maria Catarina soltou um guincho, ele acrescentou: – A sua filha concorda. Vamos ao encontro de Jesus como somos, iguais. – Piscou o olho a Augusto. – Até as meninas. Desconfio que a origem dos meus problemas é a minha recusa em responsabilizar Eva pela loucura dos homens. Deixe-me apresentar-lhe as propriedades do quinino, das árvores cinchonas. A minha Margaret já teve motivos para louvar o Senhor pelo poder curativo do quinino.

Deu uma tintura de um frasquinho a Maria Catarina, acrescentando:

– Também está com ar pouco saudável, senhor Freitas. Tabaco? Um copo de Porto? Não me entrego a esses prazeres, mas guardo alguns para as visitas.

– Eu não fumo nem bebo. – Não valia a pena Augusto confessar o quão diferente era da maior parte das pessoas. Vivia com as plantas e uma menina enjeitada que ele não conseguira proteger da doença.

– Uma limonada? Adoço-a com papaia, porque a relação histórica do açúcar com a escravatura lhe dá um sabor a sangue. Não? Está bem. – Pôs uma mão benévola na testa de Maria. – Ela já está mais fresca. Vamos rezar, senhor Freitas, o senhor ao seu Deus, eu ao meu, uma convergência fácil. – Kalley fechou os olhos e entrou naquele estado de comunhão com o céu que as pessoas de fé alcançavam de maneira inata, mas que para Augusto era desconcertante, quase embaraçoso. Rezar parecia, na sua raiz, uma súplica para que Deus mudasse a Sua lei de que toda a gente devia morrer. Kalley entoou: – Senhor, na Tua infinita sabedoria, permite a Maria Freitas o grandioso destino que estou certo de que ela tem pela frente, uma vez que é claramente amada, e tais coisas são infelizmente raras na terra que nos confiaste.

Maria Catarina Pereira Vaz Gato de Freitas está parada com o pai e muitos desconhecidos numa colina. Atrás deles, as marés ondulam da mesma maneira que a pele dela quando ouve música, quando o pai canta como faz nesse momento, fitas de notas a desenrolarem-se, e ela junta-se a ele enquanto uma soprano canta como uma feiticeira, o dia inteiro é uma canção! O pai mostra-lhe o hinário com as suas melodias em forma de arames e ganchos pretos. Um menino está preso naquele edifício para lá de um campo salgado. É um pardal engaiolado. Chama-se a isto uma «vigília». Através das melodias, exigem a sua libertação. Ela alcança uma nota suficientemente alta para atravessar a janela e o saudar. Um travo a ananás escorre-lhe pela garganta, porque um manifestante empunha um machete para abrir o fruto, de modo que o sumo viaje como pássaros amarelos comestíveis até à cadeia.

O pai diz que os desejos dela estão forjados em ferro; ela é feita de ferro.

Então, porque é que amiúde se sente tão assustada? Ele jura protegê-la e, enquanto ela dormita com o pai na cadeira de baloiço, ele recita a bênção noturna portuguesa que aconselha as crianças a nada temer, nem o sono, nem a escuridão, nem a idade, nem a doença – *Que Deus te abençoe, e te faça uma santa muuuuito grande, boa noite, dorme bem* –, e ele aconchega-a na cama de penas desejando-lhe sonhos cor-de-rosa, a maneira lusitana de conceder bons sonhos, descanso noturno à sombra de peónias, os arrebatamentos do nascer do sol e o tom das camélias que Deus pintou com tanto esmero... veleja para o cor-de-rosa e toma-o como teu, meu anjo vivo, meu sonho encarnado.



Quem é a minha mãe?

A tua mãe vive no fundo do mar. Cuida dos leitos onde a areia se infiltra no interior das ostras e as irrita, enquanto se curva e transforma em pérolas.

Atenta ao medo que Maria Catarina sente do escuro, a mãe vem brincar à noite. A água salgada enche o quarto de Maria até ao teto e o pescoço dela abre-se com guelras como o da mãe, e elas dão cambalhotas enquanto a escova e as socas de jardinagem rodopiam, e os vestidos e a estatueta de São Francisco nadam e dançam. Existem provas todas as manhãs: um brilho de maré baixa depois de a água se escoar desse tanque e um fio molhado ligando o lábio de Maria à almofada.

O jeito do pai para entrelaçar videiras ajuda-o a entrançar-lhe os cabelos. Ele chama-lhe «Cat», diminutivo de Catarina. E é também o apelido deles, Gato, em inglês.

Gostam de pitaias, bananas e acelgas, vermelho amarelo verde. Ele elogia-a por plantar sementes de cenoura: são mais pequeninas do que o coração de uma pulga, latejam, ela consegue senti-lo, a ponta do seu dedo enterra-as a dois centímetros e meio de profundidade. As orquídeas epífitas são inquietantes, porque as suas raízes se agarram ao ar, mas ela está habituada às minhocas e, com a colher de jardineiro e as mãos, trabalha a terra até parecer o cacau dos holandeses. Amacia o canteiro de hidrângeas com pó

de lava para que as flores se tornem púrpura vibrante. Serão usadas como folhos nos ombros dos vestidos durante as festas. Nas bocas abertas na terra, ela verte vinagre, da mesma maneira que outras raparigas alimentam bonecas, o que é tolo, porque as bonecas não estão vivas, mas a terra, sim.

Ela e outros funcionários do Jardim Botânico descascam favas, que se aninham nas vagens como peridotos no forro de caixas de joias. Os ilhéus declaram «Favas!» quando querem dizer que uma coisa é ridícula, o que ela acha hilariante.

É a minha mãe?, pergunta, apontando para a figura de proa de um barco.

Favas, Cat-Cat!, responde o pai, garantindo uma explosão de riso.

Aquela senhora com sinais?

Favas, a tua mãe é uma fazedora de pérolas no fundo do mar.

Isso é uma história para *bebés*, pai. Conta-me lá a verdade, conta conta.

Ela imagina a mãe a escrever um livro num castelo, onde está mergulhada numa luz do Sol que derrete as palavras, para que elas se voltem a formar na língua de qualquer leitor que pegue na sua história.



Numa madrugada, a Tecelã de Anjos encurrala Augusto para lhe sibilar que quer mais dinheiro, senão divulga o nome do pai biológico da menina. Ele agarra num machado e ameaça rachar Tessie ao meio, se ela se aproximar da sua filha, e o sorriso dela quando se vai embora, bamboleante, atormenta-o. Um dos aspetos mais tirânicos da vida é que uma pessoa está metida consigo, na sua vidinha, *quer que a deixem em paz*, sozinha, *pelo amor de Deus*, mas eis que vêm forças espicaçá-la e impedi-la de ter sossego. Ó Minha Mais-Que-Tudo, onde te posso eu esconder, em que confins da Terra?

Para distrair Maria Catarina e ela parar de fazer perguntas sobre uma mãe que está profundamente enclausurada, Augusto pede ajuda aos jardineiros Edite e Alberto Teixeira, desamparados desde que os dois filhos os deixaram para rumarem à América. Alberto cria um gato em topiaria, uma homenagem à alcunha dela. Com a sua tia Edite, Maria faz arroz-doce polvilhado com canela e aprende o bordado inglês e o bordado de Guimarães, extraíndo fios do tecido para formar orifícios ou ilhós, como se o fizesse há cem anos. É deliciosamente inquietante a sensação dela, de que nasceu para isso e, mesmo sendo tão jovem, desconfia que as raparigas podem passar uma vida inteira sem saber como «casar» quem são com o que fazem, mas ela já se sente unida à jardinagem e à costura, quer na sua pele, quer nos seus próprios pulmões. Convence-se de que vive bem sem outras pessoas da sua idade, o que a poupa de ter de pedir desculpa por ser quem é. Aperfeiçoa os nós dos bordados usando uma agulha de modista, daquelas que têm o olho tão fino como a ponta. «Tens o dom», ronrona Edite. O bordado madeirense é ornado e famoso no mundo inteiro, mas cada geração só dispõe de umas quantas deusas, embora toda a gente tenha pelo menos proximidade com alguém dotado de um talento, os homens também; são os homens que, em cada casa,

cosem os botões das roupas.

Edite e Alberto zelam por ela – enquanto Maria doba fio, ou lê os seus livros em inglês e português, ou enquanto se deleitam com frango assado, salada de agrião e os merengues a que chamam suspiros – à quarta-feira à noite, quando Augusto desce à cidade para visitar uma senhora reformada chamada Amparo, com os antebraços carregados de pulseiras.

Para camuflar essas visitas, Augusto compra mantimentos ou passa pela fábrica de bordados Howell para comprar um pigmento exótico da coleção do gerente. Maria-Cat suporta mais facilmente as ausências dele, pensando que poderá trazer para casa uma nova cor, líquida ou em pó, tal como lazurite sintética ou *Ultramarino Francês*, que Jean-Baptiste Guimet inventou para um concurso, e *Púrpura Tyrion* criada a partir de um concentrado de conchas de múrex. Ele compra *Quercitron*, feita à base de carvalhos pretos, e *Amarelo Indiano*, da urina de vacas alimentadas com folhas de mangueira, e *Castanho Múmia*, da resina de ligaduras que enfaixavam os mortos. Um espectro de vermelhos reluz, cada qual no seu frasco: *Amaranto*, chamado o tom eterno, e *Papoila-Laranja* e *Carmim*. A melhor de todas é *Cochinilha*, uma tonalidade de fúcsia, o rosa dos sonhos profundos, e fúcsias são também flores-bailarinas, cada estame com a sua gota de mel no interior do corpo da bailarina.

Compra um objeto de mesa com facetas de vidro dispostas num círculo e sussurra: «Rodopia, Cat. Força!» Em cada retângulo está gravado um cavalo. Cada pose é diferente. Quando ela põe esse carrossel em movimento, e os cavalos se fundem num só animal a galopar às voltas e voltas, ela fica tão pasmada que era capaz de se desfazer.

Porque às vezes se sente tão quebradiça como uma chávena de chá, ou um prato frágil guardado num armário depois de todos os outros pratos do conjunto se terem partido há muito tempo.

—

O dono do jardim manda a sua sobrinha branca como farinha, chamada Susan Ashe, dar ordens a toda a gente e, quando ela se irrita com o pai para que ele pode as figueiras de maneira mais drástica, Maria agarra numa pá e grita: «Se fala com o meu pai ou comigo assim outra vez, apanha.» Susan é uma vaca coberta de merda, demasiado atordoada para responder. (Não, não é uma vaca, os mugidos das vacas são angelicais e elas são doces, tal como as cabras, os coelhos, as galinhas e os porcos.) O pai leva Maria-Cat a dar uma volta. A meio de um penhasco, ri-se e ralha com ela:

– Tem cuidado para não ofenderes as pessoas que me pagam, minha princesa.

– Odeio-a.

– Eu também a odeio. Mas, para não falares assim, vai dar uma volta e acalma-te. – Nos dias dedicados às árvores, ele usa um laço *papillon*, porque significa «borboleta» e as árvores apreciam isso.

– Vou pensar muito alto que a odeio. – Mesmo sem olhar para ele, sente

o pai a fazer um esforço por não se rir.

– Parece-me um ótimo plano, querida.

Perturbada, com a pele demasiado tensa, ela inclina-se para a frente, na direção da subida, mas detém-se para explorar uma enseada talhada na vertente de uma colina. Um arbusto de reluzentes folhas escuras e pontiagudas e bagas vermelhas aninhou-se atrás de um pedregulho, sob a sombrinha altiva de uma palmeira. Quando toca numa folha, o arbusto mexe-se. O pai dissolve-se em reverência. Num tom sussurrado, diz:

– Tens noção do que encontraste? – Cumprimenta a planta, declarando:

– Que linda que és – e, virando-se para Maria, anuncia: – É uma *Synsepalum dulcificum*. A baga milagrosa ou planta do fruto milagroso. É uma pena que tão pouca gente a conheça.

Ela aprecia a furtividade necessária, à noite, para desenterrar a planta. Transladam-na para um ponto discreto do jardim e esperam conseguir mantê-la em segredo. A sua *Synsepalum dulcificum* faz os possíveis por se esconder num emaranhado de arbustos e é então que acontece a melhor coisa de sempre na vida inteira de Maria. Na cozinha, o pai urge-a a mastigar uma baga e, quando ela hesita, ele finge-se magoado, dizendo: «Não confias no teu velho pai?»

Ela esmaga uma baga com os dentes e engole-a. Ele dá-lhe um gomo de limão e incita-a a mordiscá-lo.

Todo o ser de Maria se expande, os seus pés soltam-se do chão. Que exaltação, receber um gosto doce quando se espera acidez! O milagre das bagas, explica o pai, é transformar tudo o que é azedo ou rançoso em doçura, e ela não consegue dormir, tal é a euforia.

Rapidamente criam enxertos da *Synsepalum dulcificum*. Ela fica louca da cabeça com os conhecimentos que ele partilha sobre os entalhes, que devem ser feitos na diagonal. (*Não massacres um caule com cortezinhos tímidos, faz um golpe confiante, meu amor.*) Ela aplica matéria orgânica nas feridas antes de inserir os enxertos. Quando do seu primeiro enxerto bem-sucedido brota a primeira baga, ela insiste que devem celebrá-la, descendo a encosta à noite para passearem na areia preta banhada pelo mar, onde aponta para a reluzente escada de luz que a Lua lançou sobre a água.

Longe vão as fábulas sobre uma mãe-sereia que emerge do mar, ao encontro dela. Maria Catarina há muito que deixou de ser uma criança. Cochicha:

– Olha o que cai do céu para nós, pai. Não é lindo?

Minha princesa, murmura ele, *é, sim, é lindo.*



Num dia de verão, no auge do que parece possível – se cultivarem demasiada *Synsepalum dulcificum*, serão apanhados e o espaço é limitado –, um rapaz desperta-a, sobressaltada, de um sonho. Nessa mesma manhã, jura, *nessa mesma manhã!*, foi trespassada pela ideia de que existem tapeçarias do

tamanho de paredes, mas... e se ela bordasse uma do tamanho do Jardim Botânico com todos os pormenores reproduzidos *à escala*? Seria louvada como a bordadeira mais fabulosa à face da Terra, e o seu trabalho seria exibido em Paris ou num espaço enorme no Faroeeste americano. Compraria ao pai o seu próprio jardim (onde cultivaria a planta-milagrosa) e... e... de repente, aparece um rapaz, como que a indicar-lhe que o *incluísse* nesse vasto projeto. É alto, com uns enormes olhos castanhos.

O que a impele a divulgar o segredo acerca da planta? Tem andado a mentir a si própria sobre não precisar de amigos além do pai, de Edite e Alberto, e aquele rapaz salvá-la-á de uma existência que não é tão ampla como ela quer pensar. É fechada e Maria não gosta de lidar com estranhos nem de alterar os seus planos; se uma coisa não é *perfeita*, é como se estivesse *arruinada*. Acha graça quando ele se comporta como se ela o quisesse envenenar com uma baga, até que ele morde o limão e o seu olhar paira e pousa dentro dos olhos dela.

O pai ajoelha-se ao conhecê-lo, porque é o rapaz que estava preso com a mãe, quando Maria cantou para ele. Já viveu uma história de aventuras e isso aterroriza-a. Ele conhece o mundo! Carrega feridas. Ela torna-se fanfarrona, para ele não descobrir que ela nada sabe para lá do seu pequeno reino. O pai faz o seu truque de pôr pedaços de pêssego a boiar em água para que nadem como camarões, e emprestam-lhe o *Phonurgia nova sive conjugiam qualque coisa qualque coisa*, porque John confessa que sonha como ela, do tamanho de Deus: quer capturar música no papel! Ela nunca conheceu ninguém que pense como ele... também isso a assusta e ela começa a falar muito alto e a sentir-se zonha e desconfia que o assustou e que ele não vai voltar.

Num domingo carregado de calor denso e florido, Augusto e Maria Catarina vão à missa, apesar de o pai não gostar da insistência do padre de que os seres humanos são sacos de carne repulsivos. O dono do Jardim Botânico proibiu-os de distribuir verduras gratuitas aos necessitados, e conseguir que a igreja intervenha poderá exigir, primeiro, algumas mostras de devoção. Maria enfiou o chapéu de palha do pai por cima do véu de renda e experimentava várias inclinações para reforçar o seu devaneio de que estava num barco num rio italiano, quando, de repente, o padre no púlpito começou a vociferar sobre «pagãos» e «guerra santa» e os fiéis a murmurar a sua anuência. Um casal de velhos assentiu furiosamente com a cabeça, quando o padre Silveira se lançou num discurso furioso e sem nexos: «Os infiéis são responsáveis pela nossa seca! Deitem-nos ao mar!» Irromperam vivas. Quando ele berrou «temos de deter aquele estrangeiro do Robert Kalley!», Maria devolveu ao pai o chapéu e conduziu-o pela nave fora, e a sua urgência atraiu olhares fixos.

Decididos a avisar Kalley, alcançaram a encosta que levava à casa com a sua vista perfeita, mas nuvens negras enfunavam-se vindas dessa direção e estalavam vigas, soltando brasas. O cume da colina era um vulcão em

irrupção. Uma parelha descia a vertente com tochas e o pai perguntou-lhes onde estavam o reverendo e Margaret.

Os manifestantes riram-se. Foi tão divertido soltar os cães, o caos sancionado por homens que decidiram que quem mandava eram eles.

– Vêm demasiado tarde – crocitou um deles. – Fugiu com a mulher, mas, não se preocupem, a casa dele é nossa.

Augusto e Cat tinham-no visitado recentemente com um dedal de pó de lápis-lazúli, para usar nas representações da Virgem, e Kalley ficara comovido com uma oferta tão preciosa, e cara, e agora uns palermas raivosos tinham condenado tudo – *tudo* – às cinzas.

– Vamos lá levar-te para casa, minha princesa – disse o pai. – Já.

Mas, quando atravessavam a praça principal, cheios de pressa, apareceu uma multidão. Maria nunca vira um alvoroço tão grande de braços, pernas e paus. Havia homens a serem espancados. Uma tábua bateu com força numa cabeça, de onde jorrou sangue. Uma mulher apontou para o pai de Maria e guinchou: «Ele é amigo do Kalley!» e outra agarrou-o e berrou: «Ele vai às prostitutas!» A tempestade arrastou-o consigo, enquanto Maria gritava «Papá! Papá!» e empurrava, arranhava e lutava para ir aonde uma maré o carregava. Mas tropeçou, e uma bota prendeu-lhe a canela, e ela chamou o nome dele vezes sem conta, até lhe rebentarem os tímpanos.

O NOME «MADEIRA» VEM DAS FLORESTAS QUE ARDERAM
DURANTE SETE ANOS QUANDO OS COLONIZADORES TENTARAM
DESBRAVAR A TERRA, MAS A VIDA SELVAGEM LEVANTOU-SE
DAS CINZAS, RUGINDO

1846-1860

A vizinha Amélia, uma católica que lhes levara arroz de polvo quando a mãe estava presa, correu para John e Nica, petrificados como estátuas, enquanto os homens com fogo galgavam a encosta em direção a eles. A mãe era o prémio que todos continuavam a querer capturar.

– Despachem-se! – berrou Amélia. Atirou uma camisola de lã a Nica (que consolos lhes dar?) e, quando se ouviu o estrondo de mais um canhão, Amélia gritou: – Os navios de guerra, os britânicos, dizem que vos levam. Para Trinidad. Vão!

John olhou para os homens lá em baixo e, a seguir, correu para dentro de casa, com Nica no seu encalce, e gritou:

– Mamã, querem matar-te outra vez!

E Nica contou a notícia sobre a proteção no porto. Rui pousou a colher.

– Deus cuidará de nós – redarguiu a mãe, e John guinchou:

– O nosso livro! – e correu a buscar o tesouro Kircher, mas a mãe apanhou-o e disse:

– É demasiado pesado, meu amor.

Ela abriu o galinheiro e a pocilga e bateu com os pés para obrigar a sua querida *Glória* a juntar-se aos outros que fugiam a galope. Os homens estavam à distância de um simples pai-nosso, rapidamente chegariam ao quintal.

Passando por buganvílias e dragoeiros, John mergulhou com a mãe e os irmãos em bosques onde os ramos lhes rasgavam o rosto. Olhou para trás e viu a casa dos Alves envolta em chamas. O livro que continha os seus sonhos com a mãe, que ele jurara devolver à sua nova amiga e ao pai dela, estava a ser destruído de par com os seus lençóis, tapetes e glórias-da-manhã. Uma

pontada de fúria abrandou-o por um instante.

Para chegar ao porto de Água de Pena, era preciso atravessar uma ponte de trinta metros com corrimãos de trepadeira e o fundo de tábuas cheias de espaços entre elas. Só aguentava o peso de uma pessoa de cada vez. Ignorando os protestos de John, a mãe ofereceu-se para ser a primeira a correr o risco. Enquanto deslizava as mãos ao longo das trepadeiras, a ponte oscilava sobre o abismo, mas ela chegou ao outro lado, onde a terra descia para o mar de estilhaços de safira.

Apareceu um javali junto de uma afloração rochosa, farejando inhames. John adorava porcos, sensíveis e mais espertos do que a maioria dos seres humanos, e sofreu por *Glória*, que costumava ir buscar coisas que ele lhe atirava, mas que por essa altura já podia estar morta. Como os gritos dos homens se aproximavam, Nica insistiu que os irmãos se encaminhassem para o refúgio antes dela e, não havendo tempo para discussões, Rui correu para a ponte... com demasiado vigor, o que a fez balouçar para um lado e para o outro, mas ele segurou-se com força, enquanto a mãe irradiava serenidade. Atrás dela, o navio aguardava. John recusou-se a atravessar até Nica estar a salvo, e umas quantas tábuas caíram quando ela as pisou à pressa; ele hesitou e só quando a ponte parou de oscilar é que começou a correr. Os homens surgiram quando ele ia a meio e um deles troou:

– É impossível fugir ao verdadeiro Deus!

O abismo era tão fundo, que John teve a sensação de pairar. Na cadeia, desejara o céu e o panorama a perder de vista, mas agora deixavam-no ambos nauseado.

– Olhem, um porco – disse Manny, dono de uma banca de sardinhas. – É o jantar.

A mãe costumava comprar-lhe peixe, reluzentes peças prateadas; John não fazia ideia de porque é que Manny os odiava. Manny pegou numa pedra para matar o javali e John berrou «Corre!» para o animal. O bicho levantou a cabeça e fugiu a sete pés, e Manny exclamou:

– Raios partam!

O homem ao seu lado agachou-se e lançou fogo à ponte. O ar falou ao ouvido de John quando ele inalou uma lufada de combustão. É possível as crianças morrerem. *Os lobos não pouparão o rebanho*. A mãe gritou:

– John! Vem ter comigo! Não olhes para baixo!

– É uma criança! – disse o terceiro homem, despindo a camisa para apagar o fogo.

– Ele afugentou o porco! – ripostou o incendiário.

Os seus compatriotas tentaram extinguir as chamas com os pés, mas umas faíscas aterraram na madeira e umas tábuas caíram em espiral. Os homens tinham travado a sua própria perseguição e agarraram nas tochas crepitantes, enquanto John arrancava, disparado, com a madeira a arder e a balouçar desenfreadamente atrás de si, enquanto a mãe, abrindo os braços, ourgia a voar.

Ajuda-a a deslizar pela areia abaixo, em direção aos barquinhos atravancados de refugiados, até admira como é que não se afundaram a caminho de um dos três navios de guerra. Os marinheiros britânicos deixaram cair escadas de corda depois de amarrarem os barquinhos e ajudavam as pessoas a subir, em especial as que levavam crianças, os idosos e os doentes, enquanto as mandíbulas do ar se abriam e fechavam sobre os cascos das embarcações e quaisquer pés que escorregassem perto da água. Os pilotos dos barquinhos regressaram à costa enquanto mais exilados, às centenas, saíam a correr dos seus esconderijos.

Aninhado a bordo ia o melhor amigo de John, Francisco de Melo, com os pais e o irmão. «Jesus não nos devia salvar?», segredou Francisco, e John perguntou-se porque é que a mãe não Lhe pedia ajuda. O velho Ronaldo Mendes, sem sobrancelhas, cheirava ao creme de ovos que Nica uma vez esturricara, deixando-o demasiado tempo ao lume, e o convés estava apinhado de famílias. Chegou a notícia de que a casa de Kalley estava a arder, mas que ele se disfarçara de mulher e fora transportado com Margaret num palanquim até ao navio *Forth*, que já zarpara, o único com destino a Inglaterra.

Sons longínquos cavalgaram o vento e rapidamente envolveram John e Serafina: animais aos guinchos a serem chacinados, enquanto os atacantes massacravam crianças, mulheres e homens, detendo-se apenas para transportar alguma coisa de valor. Os livros incinerados na biblioteca de Kalley estavam a transformar-se em morcegos, juntando-se ao morcego de cinza preta do livro de Kircher, esvoaçando depois sobre o gado em sangue e as raparigas de roupas rasgadas, sobre casas a morrerem e flores a berrarem por não poderem fugir, e sobre pedras que encontravam nos torsos humanos os seus alvos.

– Nica – disse John –, e o Miguel?

– Vai voltar da pesca e ver que desaparecemos – respondeu ela.

– Ótimo.

John esperava que Augusto e Maria estivessem a salvo como católicos no seu ninho sobranceiro ao mar. A água arquejava por baixo do barco chamado *William of Glasgow* enquanto este navegava rumo ao desconhecido. John vasculhou todo o convés em busca de um cobertor para a mãe, que não parava de tremer. Ouvia as entranhas dela a cantarem: *Tenho medo*. E isso assustava-o.



No princípio, foi Trinidad. Os protestantes portugueses assumiram a mão de obra nos campos de cana-de-açúcar abandonados pelos escravos libertados uma década antes. John passou o seu décimo aniversário a cortar mato numa propriedade iluminada nas noites de festa com lanternas chinesas verde-claras, e o seu décimo primeiro a perguntar-se se o sol quente teria destruído o brilho dos seus olhos.

Deus decretou finalmente que estava na hora – Ele parecia decidido a

testar a fé da tribo dos Alves em doses de dois anos e meio – de os afastar do cativeiro. Disse: Relatos da vossa aflição chegaram a ouvidos americanos.

Um primeiro pacto de emprego surgirá como um sonho e não se concretizará, mas estejam atentos, não desesperem, pois tenciono depositar-vos, a seguir, no coração de um estado que tem precisamente a forma de um coração e se encontra desterrado no coração do país.

No princípio, foi Nova Iorque.

A United Hemp Company¹, no Illinois, respondeu à Sociedade Protestante Americana, que buscava uma solução. Seriam concedidos àquelas almas peregrinas empregos, a par com casas ou terras para as construir na fronteira, se primeiro velejassem para a cidade de Nova Iorque, de onde seriam encaminhadas para o paraíso no centro de uma nação sem limites.

Cem desejos, a maior parte dos quais ele não era capaz de nomear, galvanizaram John quando chegaram ao reino rodeado por um rio, cheio de edifícios enormes, cavalos velozes e pessoas apressadas como se fugissem de uma inundação, e descobriram que a empresa de cânhamo dera um passo maior do que as pernas e estava falida. Os exilados encontravam-se encalhados. Receberam mais uma mensagem do Illinois: quando a cólera ao longo das estradas desanuviasse, as igrejas protestantes fariam efetivamente um paraíso da região Centro-Oeste. A caridade ia longe e as esperanças não deviam ser goradas, os madeirenses teriam um teto, comida, roupa e trabalho, a maior parte nos campos a perder de vista.

Os refugiados esperaram em Nova Iorque durante tantos meses que a cidade se tornou a sua casa. A Sr.^a Eula Brooks da Igreja Presbiteriana levou Nica, Rui e John ao café de Park Theater para ficarem a conhecer o chocolate quente. Foi um esplendor; dissolveu os cristais em que se tornara a medula de John.

Os dedos de Nica entrelaçaram-se nos dele quando correram para Washington Street e Little West Twelfth para verem o sítio onde um forte fora demolido. Aprenderam a palavra *block*, «quarteirão», como se a cidade pudesse ser dividida em enormes blocos ou tijolos amovíveis. Numa loja de mantimentos frescos, ficaram fascinados de horror com as caixas metálicas de carne. Os homens tinham inventado uma maneira de guardar animais em lata para que a carne não se estragasse.

A Sr.^a Brooks admirou-se por muitos deles falarem tão bem a língua, graças ao reverendo Kalley, que estava ocupado a conversar com grandes líderes no Illinois e a louvar aquela terra da abundância. John reparou uma vez mais que toda a gente, incluindo a mãe, usava sempre o seu nome inglês, aliás, sempre o tinham feito, tanto quanto se lembrava, porque os britânicos se viam gregos para pronunciar a palavra «João». Os missionários em Nova Iorque pregavam sobre homens de mérito vindos de outras partes do mundo, e uma rapsódia sobre John Jacob Astor – um imigrante alemão que granjeara

uma fortuna elevadíssima – fez com que John insistisse que o seu amigo Francisco o ajudasse a invadir a mansão de Astor, em busca de pistas que explicassem como é que ele passara do *nada* ao *tudo*. Astor morrera pouco antes da chegada deles e talvez assombrasse a sua propriedade, pronto para divulgar o segredo de como é que uma pessoa se tornava suficientemente rica para pagar fosse o que fosse que a mãe precisasse durante cem anos.

A aptidão de Francisco para arrombar fechaduras foi posta à prova na porta sumptuosa, sob o olhar dos transeuntes que viam dois rapazes malvestidos a fingirem que lavavam a fachada com trapos. Francisco, com os seus olhos líquidos e longas pestanas, disse: «Não quero levar um tiro.» O seu dom para as fechaduras fora usado para arrombar a mansão de um senhor na Trindade e roubar tintura de Warburg² quando Nica estava doente, e eles tinham fugido a toda a velocidade debaixo de tiros de espingarda.

– Vamos só dar uma vista de olhos. Despacha-te.

– Queres experimentar tu?

– Está bem. Está bem! Desculpa.

Francisco inclinou o arame que levava consigo e um estalido permitiu-lhes a entrada no palácio do morto mais rico da cidade. Em bicos dos pés, subiram uma escadaria curva até ao salão mais majestoso do universo e John deslizou no soalho encerado sob um lustre com mil pingentes de cristal. Cortinados tapavam estátuas em nichos.

Havia imensos corredores e armários. Um quarto de vestir continha cartolas e John experimentou uma. «Bem, bem», ribombou John, agarrando na mão de Francisco para o cumprimentar como os americanos faziam. A Sr.^a Brooks explicara que o aperto de mão surgira da vontade de provar que a pessoa não estava armada. John rodopiou uma bengala e Francisco, embora desconfiado, também pôs uma cartola. Entraram numa sala com estampas de pássaros, incluindo um colhereiro-rosado. John nunca vira um soalho com faixas escuras de madeira contendo tiras mais claras. A América devia ter uma árvore com diferentes cores entrelaçadas. De repente, deu um salto e a cartola caiu, e a de Francisco também, quando um zelador carrancudo os agarrou pelos colarinhos.

Na esquadra, a aptidão de Francisco para o inglês abandonou-o e a de John estava profundamente cansada, embora ele tenha protestado que só quiseram prestar a sua homenagem a Astor.

– Não vos ensinaram que não se entra em casa de ninguém sem autorização? – perguntou o polícia com umas sobranceiras que lembraram a John as de Tónio. Portas de ferro ressoavam com estrépito, algures perto deles.

– Sobre a mansão Astor, pensámos um museu, que era um museu – disse John.

– O quê? De onde é que vocês são?

– Desculpe. – Mas ele não se arrependia de ter descoberto o brilho daqueles soalhos, a macieza do chapéu, nem a aguarela do pássaro cor-de-rosa

da autoria de Audubon, que a Sr.^a Brooks disse que era mais um imigrante que se tornara famoso.

Quando Serafina Alves entrou naquele recinto da justiça, o seu rosto manteve-se imóvel: estava desiludida com ele, mas também com medo, por um agente lhe ter tirado as medidas e a ter julgado pobre. John espezinhara a sua impressão do novo mundo, lembrando-lhe que a prisão seria sempre uma ameaça. O inglês dela desfez-se quando sorriu para o agente e John detetou um tremor quando ela disse:

– O meu rapaz fez asneira, aí as casas são tão lindas, mas é errado entrar sem autorização, pede desculpa, John. Francisco.

– Desculpe – disse John.

Francisco fez eco do pedido de desculpa de John.

– Devíamos pô-los atrás das grades para lhes ensinar uma lição – disse o agente. As paredes eram esverdeadas e um berro de alguém que não se via chegou àquela antessala.

– Eu pago para levar eles para casa. – Ela mexericou no bolso em busca de moedas.

O polícia riu-se e mandou-a guardar o dinheiro, mas evitar meter-se em sarilhos, senão seriam recambiados para a sua terra. A mãe conduziu-os porta fora e, quando John tentou agradecer-lhe, enquanto passavam, no ar gelado, por casa atrás de casa, todas elas majestosas, Serafina ralhou-lhe em português:

– Tem a decência de ficar calado.

A vergonha começou a rasgar os músculos de John e piorou quando ela desapareceu, na manhã seguinte, da sua residência temporária na Rua 25 com a Sétima Avenida.

Ele encontrou-a no seu lugar preferido para rezar, perto do rio Hudson. Quando se empoleirou ao lado dela num muro baixo, a mãe apontou para uns edifícios e disse que adorava a imensidão deles e a altura de John, tão mais alto para a idade do que a maioria dos rapazes madeirenses. E parecia-lhe glorioso construir algo tão imponente que, quando uma pessoa velejasse para o Céu e Deus perguntasse o que fizera para ajudar à criação, a pessoa pudesse apontar para o que fizera e Ele veria a obra, do sítio onde estava, e ficaria muito contente.

– Desculpa ter entrado sem autorização em casa do senhor Astor – disse John.

Nica passara o pequeno-almoço a acalmá-lo; não, provavelmente a mãe saíra para passear, não tinha sido presa. Mas, um dia, ela *desapareceria* de facto para sempre. Que isso o colhesse com o peso de uma surpresa foi, em si, a surpresa. Refugiaram-se na cantiga de embalar que a mãe inventara quando ele era pequeno e tinha medo de que Tónio a magoasse. *Quem é o meu canário de estimação?*, sussurrava ela, e ali sentados junto do Hudson, ela repetiu as suas antigas palavras de consolo. Queres que a mãe te diga que nunca te vai deixar? Saberás como me encontrar quando eu morrer, meu

amor? É tão simples. Pela primeira vez, a mãe será grandiosa, por isso deves regozijar-te quando o meu espírito deslizar sobre as águas.

Escuta, John. Não importa que as aranhas nos comam quando formos enterrados. Sabes porque é que eu ficaria triste só de pensar em ti a chorar? É que eu vou estar dentro daquelas aranhas e, quando elas tecerem as suas teias, em entradas e nas esquinas das paredes, ou quando as teias ficarem penduradas como brincos no gado ou estendidas no espaço por cima de ti quando te deitares na relva... levanta-te e atravessa-me. Atravessa as teias de aranha, pois é assim que te beijarei o rosto. Se te ferires, usa teias de aranha, esmagadas como a Nica te ensinou, para estancar o sangue. Será a tua mãe a ir em teu socorro.

Como a mãe mencionara os edifícios altos, o Senhor lembrou-lhe que os reis e os nobres construíam sempre monumentos dedicados a Deus, com os seus nomes em placas, pelo que John declarou:

– Eu ajudo-te a construir uma igreja neste país, mãe. – Esse objetivo evitaria que a enormidade os engolisse.

– Sim. É pecado não sermos gratos.

A mensagem das gaivotas por cima deles traduziu-se em: *Escutem! Ouçam a música de boas-vindas desta terra.*

Conseguia ouvir os cidadãos na Illinois longínqua a corricarem por eles:

O nosso dever cristão não é só conversa fiada. Panelas com amolgadelas consertadas à martelada e panos que parecem vestir uma névoa a pairar, uma espécie de pano destinado ao clima do Centro-Oeste, são arremessados para a pilha de bens que estão a ser reunidos. As mulheres de Jacksonville e Springfield andam num alvoroço, preparando-se para a chegada dos novos membros da comunidade, recolhendo candeeiros que usam óleo de baleia e, assim, o fumo, o vapor dos mortos saídos do mar, enche as narinas na pradaria com fantasias sobre o leviatão. Serão oferecidos frascos com pedaços de abóbora mergulhados em xarope, pepinos em conserva, brancos e verdes, e língua em gelatina – coisas desconhecidas que saem dos armários dos protestantes portugueses, juntamente com chapéus grossos; os americanos usam coisas do tamanho de gatos na cabeça!, e mangas de pelo chamadas «regalo» que engolem as mãos das mulheres... como é que a invenção se segue ao sonho e como é que acaba por pertencer a terceiros? Os espíritos das baleias erguer-se-ão sem parar dos candeeiros, como o génio da história sobre desejos que Nica lhe leu uma vez, as chamas intensas porque os americanos exigem, *têm de ter*, luz para lá da luz diurna de Deus. Mulheres, com o calor dos aquecedores a morder-lhes o rosto até ficarem carmins, andam numa azáfama para receber os exilados. Aqui, a maneira de louvar Deus é através da *ação*. Aqui, a maneira de louvar Deus é pondo tudo a uso. Vejam esta *luz de junco*: uma haste embebida em gordura e ateadada num suporte minúsculo em vez de uma vela, luz de pobre.

Mas antes: o crepúsculo banha Nova Iorque, com carriças e gaios precipitando-se, felizes, para se juntarem às gaivotas, trinando de tal maneira

que John agarra a mãe como se assim pudesse curar tudo o que a atormenta, e a canção dizia:

O crepúsculo é um derrame de tinta, coberto de joias, e aqui estás tu, e aqui nasce.

Outro princípio, mais um, foi o comboio peculiar em que andaram, muito devagar, sobre carris de madeira presos com barras de ferro a meio, as chulipas de madeira também. As carruagens eram abertas e achatadas e o ar tão gelado que as palavras saíam *brancas* da boca de toda a gente. *O frio é branco. Os sons têm cores.* O reverendo Daniel Lathrop, que os acompanhou, disse que eles não faziam ideia de como estava invulgarmente quente para o mês de novembro no Illinois. John sabia, pela sua experiência em Nova Iorque, que a respiração pode ser branca, mas nunca a vira assim, tão concentrada. Quase trezentas e cinquenta pessoas enchiam as doze carruagens do comboio. Os refugiados iam cobertos com mantas. Será que exalar tanto branco significava que o espírito lhes estava a fugir do corpo, e provaria isso que estavam muito vivos ou, pelo contrário, muito mortos? A rodeá-los não havia nada, nada a não ser o comboio; nunca ele vira o *nada*. As expirações elevavam-se e dissolviam-se, formando uma enorme cortina gelada cor de gaze, e o comboio não parava de a perfurar.

Tinham saído da cidade de Nova Iorque num navio a vapor e, depois, apanharam uma série de embarcações de canal antes de subirem a bordo de um barco a vapor que os levou a Chicago, a que se seguiram mais embarcações pelo rio Illinois abaixo até Naples, para poderem viajar nos caminhos de ferro de Wabash. John segredou a Rui que chegariam a Jacksonville mais depressa a pé. E de muletas.

Plumas de riso saíram-lhes da boca num sopro.

Uma senhora missionária com o cabelo cor de ananás distribuía xales e a mãe embrulhou-se num, com bambus bordados, e Rui escovou-a com as suas borlas, como se ela fosse uma dama a ser polvilhada com pó de arroz antes de uma festa.

Ela sorriu e disse:

– Ai... tu.

John sentou-se e pousou uma mão na clavícula dela enquanto o comboio chocalhava, e Deus avisou-o: *Encarrego-te de a guiares se ela ficar com medo*, devido ao choque que ela sentiu ante uma vastidão como nunca vira na vida. A oeste, a terra era tão plana que ele se perguntou porque é que os seus habitantes teriam arrasado as colinas. Ao longe, estendia-se uma linha onde o céu se unia à terra. Se se abrisse essa linha com um corte, talvez as colinas saltassem cá para fora.

O reverendo Lathrop entrou finalmente na carruagem deles para gritar que tinham chegado a Jacksonville. Na plataforma reunia-se o grupo pronto para os receber, incluindo músicos, com uma tuba enrolada em volta de um

homem que parecia um estame excitado dentro de uma flor de metal dourada de tamanho americano. As rodas guincharam com a dor da travagem, e os viajantes chocaram uns com os outros, de cansaço. Rui apontou para um homem de cartola e fato, que consultava um relógio preso a um bolso que cintilava à luz fria. Essa fora uma coisa que ele descobrira em Nova Iorque: além de terem bons dentes, as pessoas precisavam constantemente de saber as horas ou, mais estranho ainda, precisavam de *andar* com as horas no corpo.

A banda entusiasmou-se com «The Race That Long in Darkness Pined» e até os exilados mais velhos conheciam o inglês dos hinos religiosos e da ceia do Senhor e cantaram um pouquinho.

Depois do hino da nação, o vento marcado pela música chorava levemente quando as pessoas abriram um caminho para que a mãe fosse a primeira a pisar aquela terra nova. O homem de cartola e outros cavalheiros aproximaram-se, acompanhados por mulheres que pareciam ursos simpáticos com os seus volumosos casacos, os rostos tão pálidos que faziam lembrar massa de biscoito muito fina. Todos exibiam o sorriso americano quando seguraram nos antebraços da mãe para a ajudarem a descer do comboio.

Quando os jornalistas se atreveram a aproximar-se, Rui deixou que John fizesse de tradutor da mãe, dizendo: «Foste tu que passaste fome com ela. Vai.» O fogo da viagem subia pelas solas dos sapatos em segunda mão de todos até às plantas dos pés, percorrendo os carris dos seus nervos enquanto descrevia um circuito dentro deles. John olhou em redor, à procura de Francisco, mas a família Melo viajara numa carruagem diferente.

Um repórter tinha umas feições tão suaves que parecia que lhas tinham apagado ao de leve. Outro exibia um bigode de pontas reviradas, como o dos alegres vilões dos palcos nova-iorquinos, e perguntou:

– Muitos convertidos foram presos, senhora Alves, mas porque é que a senhora foi a única condenada à forca? – Ele pronunciou o nome como se fosse *Ol-vez*.

Quando um padre insistira que a mãe tinha de acreditar que o pão da comunhão era a carne de Cristo, ela irritara-se: Nem sequer chamaria pão a isso, quanto mais corpo do Senhor.

John gritou esta história sem esperar que a mãe falasse e sentiu-se mal por ela ter ficado hirta, enquanto o riso atravessava a multidão como uma onda. A primeira oportunidade para a proteger e ele falhara e, apesar do seu espanto por estarem a ser preservados para sempre em palavras nos jornais, os seus olhos começavam a cegar de exaustão e os ouvidos a fechar-se. Rui apanhou John no instante em que ele se desmoronou e contou-lhe, mais tarde, que o homem da cartola era o governador do Illinois. O comboio seguira caminho, levando a outra metade do grupo para as suas novas vidas em Springfield.

John acordou dentro da sua cabana nas terras ondulantes a norte de Barton Street, na zona de Jacksonville recém-batizada como Madeira Hill. O alpendre estava coberto de trepadeiras mortas de abóbora. No quintal, os

caules encostavam-se uns aos outros.

Ele descansou.

Na mesa, uma tigela estava cheia de ovos macios como seixos de um rio.

O véu criado pela respiração de toda a gente continuou a encher o céu como uma gaze. Ele imaginava as pessoas a cozinhareм e a racharem lenha e a consolareм os seus bebés, tudo com esse pano de fundo. A mãe empoleirou-se com John no degrau solitário que dava para o alpendre e, desconcertada, comentou: «Estou com frio, mas tenho os pés a arder.» Ele disse-lhe que sentia o mesmo. Talvez fosse assim que uma pessoa começava a viver na América: com um arrepio de frio que a deixava a arder, enquanto toda a gente se movia em redor numa película branca.

Foram precisos uns anos para que a família Reis traduzisse o seu nome para King e para que Diogo Teixeira se transformasse em James DeShara. O clã Pereira tornou-se os Perrys. Havia tanto inglês ainda para aprender: *Snow*, neve. *Slavery*, escravatura. *Stun*, atordoar.

As doninhas, *weasels*, vivem em pradarias, *grasslands*, e a água da chuva acumula-se em charcos, *wallows*, formados pelos bisontes, *bison*, quando se rebolam para se coçarem.

John imaginou os números a encherem os dias: a cidade situava-se a três quilómetros. Centenas de protestantes portugueses continuaram a inundar o coração do país. Quando os exilados chegaram pela primeira vez a Jacksonville, a instável via-férrea de Wabash era a única do Illinois, antes de a face do estado explodir numa teia de suturas de ferro, à medida que chita francesa, chaleiras, sovelas, pederneiras, algodão e ourelo, farinha de trigo-mourisco, máquinas de costura e gado começaram a viajar para cima e para baixo e em xis, de Chicago para a zona leste de St. Louis, de Galesburg para Champaign. Como um Colosso de Rodas, Raimundo Silva – Ray Silva – cavalgou essas correntes e fисgou artigos para começar o seu negócio, comparando-o com a pesca, um dom português. Gastou oitocentos dólares num piano *Chickering* para celebrar o sucesso da sua mercearia. Os americanos criaram edifícios chamados *bancos*, porque tamanha abundância de prosperidade exigia templos para a armazenar. Que profusão de *coisas*: um frasco de loção para o reumático do Dr. Keller de que a mãe precisava custava trinta e sete cêntimos e meio na drogaria Corneau & Diller, cinquenta e três

quilómetros para leste, em Springfield. John ansiava por aproveitar a velocidade do vento, com fragrância a relva e sem entraves quando se derramava sobre a pradaria, para dar à mãe uma certa segurança que ele associava ao ar.

Antes e depois das aulas, ele trabalhava nos campos por dez cêntimos à hora, e o ar livre engoliu Rui. Nica trabalhava na fábrica de lãs Joseph Capps, cujo generoso proprietário contratava refugiados para produzirem o pano seriguiilha, fios e tapetes. Ela despejava pano cor de natas em banhos de cores a ferver – pastel-dos-tintureiros, açafão, tintória-vermelha, folhas de beterraba – e usava sabão granuloso de bórax para esfregar as tintas da pele. Nos dias de anato, os seus braços ficavam vermelhos e laranjas, como se os tivesse mergulhado num sol nascente. Deixou a fábrica quando descobriu um dom rentável para fazer vinho, que vendia juntamente com os seus *brandies* na Mercearia do Ray.

Ruídos novos para John e Serafina – corujas, lobos, demónios de olhos vermelho-brasa – mantinham-nos acordados no escuro e eles aninhavam-se, em alerta para se protegerem entre si. Quando John tinha treze anos, Deus ordenou a Serafina que o levasse ao Instituto para a Educação dos Surdos-Murdos do Illinois, conhecido no país inteiro e situado perto de casa deles, para perguntar se podiam visitar a biblioteca. Ouviram falar daquela instituição de beneficência durante os serviços da igreja. Mais tarde, ela confessou esperar que ele aprendesse de que maneira a língua gestual poderia afugentar os terrores noturnos.

John estava ciente de como as pessoas que não conheciam a história majestosa da mãe a viam: roupas maltrapilhas, olhos atormentados. Mas ela não foi recebida com desconsideração na escola dos surdos. Ele queria que ela se mantivesse famosa e que, juntos, fundassem uma catedral. Ela escreveria uma mensagem de Deus com a ajuda de John e ninguém a olharia com menos respeito do que merecia. Um homem magricela com um bigode esfiapado apresentou-se como Philip Gillette, o supervisor, e lançou-lhes em resposta:

– É claro que podem usar a nossa biblioteca! Fazem parte dos exilados, não fazem? Eu estava no comité de boas-vindas.

John desconfiou que a pele morena de ambos anunciaria sempre quem eram.

– O meu rapaz é esperto – disse a mãe –, tem jeito para estudar os sons.

Enquanto conversavam num corredor ecoante, o Sr. Gillette declarou:

– Parabéns pelo vosso inglês! Têm algum surdo na família?

Era impossível descrever que o facto de se terem alimentado do canto de pássaros numa prisão os fizera apaixonar-se pela ideia de tudo emitir música, pelo que John disse:

– Lemos um livro de um homem chamado Kircher que era muito interessante.

A mãe irradiou aprovação pela forma como ele traduziu os seus desejos àquela alma bondosa.

– Estão cheios de sorte – disse Philip Gillette, conduzindo-os para um espaço todo forrado de livros e com vitrinas exibindo as mais recentes cornetas acústicas. Localizou o *Phonurgia nova* de Athanasius Kircher e colocou-o numa mesa de leitura em carvalho, como se manuseasse uma Bíblia. As mãos da mãe entrelaçaram-se em jeito de oração. Para John, foi o mesmo que assistir à ressurreição de um morto.

– Posso levá-lo emprestado, por favor? – perguntou John, mas Gillette riu-se e disse que não, John podia lê-lo sob a supervisão de um bibliotecário, mas valia setenta e cinco dólares...

– Céus – exclamou a mãe.

– Quanto? – gaguejou John. Deviam uma fortuna a uma menina e ao pai dela do outro lado do globo.

Gillette urgiu-os a virar as páginas. Diagramas de ouvidos mostravam os seus pequeníssimos martelos e, numa gravura, viam-se bisbilhoteiros com o ouvido encostado a uma chávina contra a parede. Como lhe pareceu demasiado arrogante dizer que ansiava por ajudar as crianças aprisionadas no silêncio, John explicou:

– Gostava de aprender a língua gestual e ser professor, senhor Gillette.

A mãe fez que sim com a cabeça. Na verdade, John era dotado para as línguas, mas tímido, e as palavras alojavam-se-lhe no cérebro e ganhavam garras quando ele tentava soltá-las.

O Sr. Gillette fez um sinal gestual e John sentiu júbilo ao decifrar o que significava: *Começar*. Que país enérgico! Em português, a mãe disse:

– Passarinho, agora posso descansar um pouco –, porque o ajudara a encontrar um caminho abençoado.

Incitou John a deixar o trabalho nos campos. Quando ele acabava as aulas, Nica acompanhava-o para ele estudar língua gestual com um professor surdo contratado pela escola. Sob o olhar de um bibliotecário, John folheava o Kircher e outros volumes, até as pálpebras lhe caírem e ele mergulhar no silêncio humano comum do sono.

Francisco de Melo tornara-se Frank Meline e os seus pais, Jorge e Teresa, e o irmão Hugo, passaram a George, Teresa e Hugo Meline, e, apesar de os pregadores perorarem contra as «diversões ímpias», abriram um teatro em North Diamond Street entre as lojas de arreios, salões de chá e mercearias de uma baixa dividida pela linha férrea, onde os comboios deixavam no ar uma névoa de pó de carvão e nos pulmões se criava uma gelosia de bruma. Frank ajudava a organizar espetáculos de mágicos, ventríloquos e atores itinerantes, e John usava o armazém para se entreter com aquilo a que chamava, com falta de imaginação, a sua Máquina do Som. Porque não tentar replicar um ouvido em ponto grande? Fez um cone de *papier mâché* e enfiou um bico de pena tufada dentro dele. Quando uma pessoa falava para a pluma, ela vibrava e uma ponta afilada como uma lâmina que saía pela abertura do cone inscrevia marcas num quadrado de velino posicionado com pinças.

Fascinada com a Máquina do Som, a mãe exclamou:

– Deus falará através das pessoas para dentro disto!

Uma vez, Frank disse para a máquina:

– O meu amigo é louco. – Sorrindo ante o resultado, declarou: – Parecem dois bigodes de gato velho. E agora? – Como é que se podia urgir linhas e borrões a proferirem «meu amigo» outra vez?

– Não faço a mínima ideia – admitiu John, divertido.

Madeira Hill existia como fulcro entre a pradaria e a povoação, e a mãe sugeriu transportarem a Máquina do Som para um sítio onde o vento agitasse a pluma. John acrescentou-lhe tinta e o gemido do ar livre foi capturado como *salpico pontilhado*. Apercebendo-se da desconfiança constante dela em relação a espaços vastíssimos, àquela região imensa e escancarada, a ternura levou-o a dizer-lhe:

– Deus escreve que estás a salvo.

Era outono, estação a que os americanos chamavam *fall*, «queda», com as folhas a exibirem barrigas cor de linho e grená. O vento uivante mordiscava-lhe a bainha. Sorrindo, ela respondeu:

– Então, era bom Ele não se esforçar tanto por me atirar ao chão.

John transferiu as marcas para papel de carta e tocou notas no piano do Teatro Meline, mas a sua notação arbitrária não tinha qualquer possibilidade de reproduzir com êxito a sinfonia das brisas do Illinois.



Perdoa, Senhor, as nossas contendas/os altares rivais que erguemos/as línguas conflituosas que não permitem que Te louvemos!

As discussões fervilharam uns anos antes de entrarem em combustão. O reverendo Kalley, residente em Springfield, declarou que os convertidos tinham de ser batizados segundo a sua nova fé, enquanto uma facção insistia que declarar inválidos os seus batismos católicos era uma ofensa a Deus. Apesar da escravatura e da ameaça de guerra na terra nova, era *aquela* a divisão que consumia os refugiados. O ativista escocês tornou-se um fanático. Quando fez dezasseis anos, depois de Kalley fugir ao rebuliço e ir pregar para o Brasil, John azedou quanto à religião da sua juventude, em tempos baseada na caridade, literacia e saúde gratuita e, agora, reduzida a fúrias espumosas sobre se Deus *era* a água do batismo ou se a água era simplesmente um *sinhal* de bênção. O reverendo António de Matos liderou o cisma acerca do rebatismo dos convertidos, criando a Segunda Igreja Presbiteriana Portuguesa de Jacksonville.

A mãe caiu de cama devido à mágoa causada pelo abandono de Kalley e John sentiu que o seu coração empedernia, quando ela recusava que a consolassem.



Aos vinte e um anos, o jovem John entregou-se com alegria ao ensino de

crianças surdas de dez anos, mas o prazer era temperado pela noção trágica de que o seu novo país podia, por capricho, tornar-se inóspito. Missy Baker, filha de um sapateiro, adorava encontrar-se com ele junto da fonte de granito de um menino e uma menina debaixo de um guarda-chuva, a sua devoção inflamada desde que ele divertira os alunos com a confissão de que os porcos tinham sido os seus animais de estimação preferidos na ilha e, todas as manhãs, ela oferecia-lhe o desenho de um porco. «Obrigado!», dizia ele em língua gestual, encostando a palma da mão aberta à boca e inclinando-a depois para ela.

Delicada como um ovo e minúscula, ela saltitava para acompanhar o passo dele, quando a conduzia pela mão à sala de aulas. Missy abarcava os dois mundos de John – o passado e o presente –, porque a sua esvoaçante cabeleira ruiva lhe recordava os britânicos da Madeira.

Assim que despontaram os primeiros sinais de primavera, Missy disse a uma amiga que queria procurar flores silvestres e desapareceu na pradaria. As crianças sabiam que não deviam vaguear pelos campos de ervas altíssimas a perder de vista – possuíam o mesmo poder de afogar que a água –, mas, de vez em quando, viajantes que seguiam para oeste em caravanas cometiam o erro de deixar os filhos afastarem-se, ou alguns habitantes locais esqueciam-se do perigo, e as ervas ondulantes engoliam os meninos. Grupos de buscas calcorream as terras à luz do dia e na escuridão, desceram Old Jacksonville Road em direção a Berlin, separando o mar de juncos, agitando o capim, chamando o nome dela, John abdicando de dormir.

Ela nunca foi encontrada. Trovoadas enxaguaram a terra e os invernos deslizaram uns atrás dos outros. Para circunscrever a recordação da menina perdida e a sua incapacidade de a salvar, John imaginava-a a reaparecer ao fim de muitos anos. Missy Baker nadara propositadamente para o âmagô de fortunas além-pradarias e regressava, já como jovem mulher, com um ramo de flores para oferecer, uma cabeleira ainda a evocar alperces estivais e um sorriso tão amplo que uma pessoa normal se abria em duas a imitá-la, e contava alegremente a John, através de gestos, que demorara a encontrar as melhores flores silvestres à face da Terra para lhe trazer.



Por vezes, ele ainda se detinha à beira de um campo coberto de mato, com a esperança de que Missy Baker regressasse, embora, na realidade, temesse encontrar o esqueleto dela preso a ervas que tivessem crescido o suficiente para a erguer no ar, o seu corpo transformado em espanta-espíritos, alçado à vista de toda a gente.



Uma noite, enquanto atravessava a praça da baixa com Nica e a mãe, depois de comprarem farinha e manteiga com sal, John viu um pregador a berrar em cima de um caixote. Estava quebradiço como um louva-a-deus e tinha uma

barba mal semeada, como se tivesse lutado com todas as forças para que não o empurrassem na direção de uma fogueira e o chamuscassem. Homens embusteiros costumavam arengar ali, lançando tiradas da Bíblia ou enaltecendo as virtudes de elixires. Regra geral, poucas pessoas lhes prestavam atenção. Mas aquele pregador, de braços abertos como se ordenasse ao mar que se apartasse, reunira uma multidão que também fascinou a mãe. Em vez de compreender todas as palavras, a plateia parecia cavalgar as ondas da musicalidade. O homem de Deus brincou sobre acolher todas as facetas de toda a gente ali presente, porque «cada um de nós é um cisma, separado por direito de nascença dos outros e até de algumas partes de nós próprios!». A sua voz acelerava e guinava, abrandando de vez em quando para ganhar ímpeto.

John era capaz de jurar que uma chama pentecostal descera sobre o cocuruto do homem quando ele se empertigara, muito alto, lírico e fulminante:

– A palavra do Senhor declara que onde quer que nos reunamos, pecadores e desejosos, em Seu nome, aí reside Ele, quer sob os céus diretamente por cima de nós aqui, hoje, ou debaixo de um telhado que erguemos na riqueza da nossa esperança... a esperança é a qualidade essencial americana!... de que sejamos perdoados pelos nossos desejos e banalidades. Irmãs, irmãos, falo convosco como sou, um homem de defeitos constantes! O meu comportamento parece-vos despreocupado? Não, sou atormentado por me chamar Isaac! Abraão estava pronto para assar o filho como um cordeiro quando Deus o ordenou. Porque é que Deus imporia semelhante teste, se o assassinio é contra a Sua lei? Esforço-me por compreender, donde o meu desejo de conduzir mentes que buscam as mesmas respostas num espaço eclesiástico. E se parássemos de nos digladiar? Deus declararia que alcançámos uma santidade que O inspira a retirar a Sua sentença de morte sobre nós!

E prosseguiu por aí fora, exultante, com os ouvintes em êxtase, e a mãe mergulhou numa profundidade com o seu Senhor que John não via desde os tempos da cadeia. Ela agarrou no braço de John e disse:

– Ele é como o Kalley!

Todas as coordenadas no eixo emocional de John, todos os instintos o incitaram a levar a mãe e a irmã para casa. Quando a mãe protestou que queria conhecer aquele pregador Isaac, John fez-lhe ver que a manteiga começava a derreter e que o homem estava absorto a conversar com outros admiradores. Detestou a maneira como Isaac, além de lançar melodiosos feitiços, comera Nica com os olhos e se focara na mãe. Passavam pregadores pela cidade a toda a hora; era deixar aquele ir-se embora, especialmente porque a mãe se aborreceu tanto com John, quando chegaram a casa, que ralhou:

– Ele fala de união! Deus manda-nos respostas sob a forma humana!

– Cuidado com os falsos profetas – respondeu John.

Duplamente aborrecido quando Nica tomou o partido da mãe – não se

apresentavam o reverendo Kalley, São João Batista e os outros, de olhos húmidos e meio loucos? –, John conteve uma pontada de vontade de regressar a uma aldeia numa pequena ilha, longe daquele país onde pessoas grandes viviam obcecadas com grandes sonhos.

Nem ele conseguia escapar às atrações daquela terra. Olhou com assombro para a residência do banqueiro caridoso Augustus Ayers, um espanto em forma de cubo com uma cúpula quadrada. Durante uma viagem de comboio até à zona norte do estado de Nova Iorque, Ayers vislumbrara uma mansão e mandara parar a locomotiva, enquanto ele inquiria se podia comprar a planta da casa, de modo a poder replicar em Jacksonville uma moradia que adorara à primeira vista.

Era um ato americano de magia, *querer* e quase em simultâneo *ter*.

Quando John levou a mãe a ver a casa e lhe perguntou o que achava, ela franziu o sobrolho ante a fachada de estilo italiano e respondeu:

– É a casa de um homem rico e não é nossa.

– Mas e se eu comprar uma casa assim para ti? Um dia?

– Por tanto dinheiro, pensei que íamos construir uma igreja. Esta casa não é modesta.

Ela entoou as palavras da Bíblia: «Não armazenes tesouros na terra, que os ladrões possam arrombar», que John tomou como uma repreensão pelo seu materialismo sujo, e pelo incidente na mansão de Astor, e pela sua esperança arrogante de fazer uma descoberta auditiva que levasse o seu nome a ser homenageado em livros.

Era errado imaginar-se capaz de financiar uma igreja em nome da mãe – que mulher tinha essa honra? – com uma flecha altíssima e uma moradia robusta? Talvez não em College Hill – tudo bem, isso era ingenuidade sua, uma vez que cada uma custava mil ou dois mil dólares, ou o dobro, o triplo, e depois era preciso tratar da sua manutenção ao longo da vida –, mas porque não uma moradia bem cuidada, como a de Asa Talcott em Grove Street, onde se realizavam convívios com música de piano, e Talcott, uma alma religiosa e honrada, ajudava quem fugia da servidão no Sul?

Um lembrete de que John era e seria sempre de outra terra foi uma breve incursão num romance com Julietta Price, *blasée* em relação a tudo, o que a princípio ele julgou ser charme mundano. A aliança deles era gelada, jocosa e enlouquecedoramente não carnal, à exceção de um beijo na Confeitaria Watson, onde ela se revelou adepta de morder. Julietta comentou que John era atraente, mas devia manter-se longe do sol, porque já era demasiado escuro à partida e podia ser confundido com... enfim, com a pessoa que era, na verdade. Ele nunca apresentou Julietta à família, uma vez que ter uma mãe

disposta a morrer pelas suas crenças não combinava com andar atrás de uma rapariga cujo fuso moral estava envolto em frivolidade.

—

Mas seria Rui quem acabaria por mostrar melhor a John que os seus anos no Illinois estavam a passar a olhos vistos. Desde o princípio, Rui trabalhava nos campos onde arranjava trabalho, desde a escuridão da alvorada, como diziam os nativos, à escuridão da noite, e a cada ano que decorria, ele avançava para um campo ainda mais distante até, da perspetiva de John, ficar reduzido ao tamanho dos galitos que vinham dentro dos ovos de Páscoa com um orifício, cobertos de purpurina e rematados por cristas de glacé em tom pastel. Se uma pessoa espreitasse pelo buraquinho, via uma quinta minúscula com um coraçãozinho no telhado e umas galinhas e uns pintainhos mínimos e o tal galo, e sabia-se lá por que razão era tão comovente. Acontecera alguma coisa a Rui em Trinidad de que ele se recusava a falar. Um dia, John encontrou-o numa arrecadação abandonada, ao fundo de um campo de milho contíguo ao quintal deles, e antes de lhe fechar a porta na cara, Rui anunciou o seu desejo de que John o deixasse em paz para ele poder criar o perfume mais requintado da história do mundo.

1 Empresa de cânhamo. (*N. da T.*)

2 Remédio antipirético inventado pelo médico alemão Carl Warburg, em 1834, muito usado contra a malária na época vitoriana. (*N. da T.*)

TOMA A MINHA VOZ E DEIXA-ME CANTAR

MAIO DE 1860

John hesitou, lembrando a si próprio a promessa que fizera de nunca mais voltar ao jogo de póquer de cinco cartas que o dinamarquês organizava todas as semanas. O diabo empoleirado no seu ombro esquerdo sussurrou-lhe que só arriscaria o tesouro de seis dólares que ganhara na sexta-feira anterior.

Um cheiro a peles de animais assolou-o assim que se dirigiu para o fundo da fábrica de curtumes, onde o dinamarquês baralhava as cartas em cima de um barril. Quando uma figura familiar se aproximou, John pestanejou, incrédulo. Seco como carne fumada, parecido com as marionetas do Teatro Meline, surgiu o vagabundo santo que estivera a evocar Deus, uns tempos antes, em cima de um caixote. Sorrindo ao ver John, apresentou-se na íntegra como «reverendo» Isaac Unthank. Relutante, John disse-lhe como se chamava e Isaac, numa voz arrastada, respondeu:

– Lembro-me de te ver com a tua mãe e a tua irmã fascinante. Vejo que também tu participas nos jogos de azar, embora o amor ao dinheiro possa ser a raiz de todos os males, e nessa cobiça, muitos homens se desviem da fé e se enredem em muitas aflições. Primeira Carta a Timóteo (6,10). Almejo pregar em melhores sítios do que aquele onde me viste.

– Não tenciono enredar-me em aflições – retorquiu John. Tinha moedas de cinco, dez e vinte e cinco cêntimos no bolso, no total de quatro dólares, mais dois dólares de prata, quase o salário de uma semana.

– Deteto aí um sotaque – devolveu-lhe Isaac. – E tens um tom de pele que não é bem o dos locais.

– Eu diria que é mais local do que o teu.

Rindo às gargalhadas de prazer, Isaac disse que gostava de tirar dinheiro a pessoas com sentido de humor e engenho, e acrescentou:

– Não queria ofender, uma vez que eu próprio sou um homem de terra nenhuma e, portanto, de toda a parte. Falta-me um fulcro doméstico.

– Que faz um pregador a jogar cartas?

– O mesmo que tu. Quem não nasceu numa família de recursos tem de os adquirir. Deus ajuda quem se ajuda a si próprio, enquanto cuida dos lírios do campo ou uma coisa desse estilo.

Até o dinamarquês perdeu o seu ar inexpressivo, e John ficou boquiaberto, quando Isaac dispôs uma pilha de vinte dólares de prata e uma moeda de vinte dólares de ouro na mesa. Exibi-la, sacando-a do seu casaco demasiado grande, já foi o ato demente de um tolo – a maior parte dos homens trabalhadores não ganhava tanto num mês e meio –, mas o dinamarquês recompôs-se e disse:

– Temos cara de negociantes de matérias-primas? Nesta casa, joga-se limpo e a tostões.

Isaac vasculhou outro bolso e tirou umas moedas de menos valor.

– Por um feliz acaso, apropriei-me da soma jeitosa de um homem janota em Cicero, mas preciso de mais. Tenciono construir uma morada do Senhor e Ele recompensa quem tem fé suficiente para arriscar tudo.

– Que eu saiba, Ele recompensa quem tem bom senso – replicou John, mas o seu cérebro soltava faíscas ao ver o dinheiro correspondente ao salário de uma semana inteira nas mãos de um idiota.

Aproximou-se outro jogador, um madeirense de braços e pernas fortes e nodosos, um trabalhador vitícola que se apresentou como Joe Gouveia e, ao ouvir o nome de John, exclamou:

– A tua mãe é a Serafina? Da Primeira Igreja Presbiteriana? Nós pertencemos à Segunda Igreja e adorávamos tê-la do nosso lado.

John fechou os olhos e abriu-os, esperando que esse seu gesto transmitisse, qual semáforo, um desejo de esconder a história da mãe. Mas, enquanto o dinamarquês distribuía uma carta virada para baixo a cada um, Isaac insistiu numa explicação. Joe descreveu a prontidão dela para morrer pela fé e explicou que uma discussão em volta do batismo tinha dividido os fiéis e que se sabia que isso a incomodava.

– Ela está pronta para a paz – disse John, e teve imediatamente vontade de bater em si próprio. Apesar de querer pôr um ponto final no assunto, sublinhara a essência da arenga do pregador do caixote. Isaac cravou-lhe uns olhos em brasa. John teve a nítida de sensação de que tudo aquilo era um erro.

– Perdoem-me, minhas senhoras – irritou-se o dinamarquês –, mas esqueci-me de trazer chá. – Distribuiu a segunda carta a todos, virada para cima. O três de paus de Isaac era uma carta baixa comparada com a visível rainha de copas de John e o valete de copas de Joe, e Isaac abriu as apostas ousadamente com um dólar de prata com a deusa Liberdade. Joe assobiou, mas igualou a aposta, imitando a resposta de John.

– Nos Provérbios – disse Isaac –, não me recordo em qual, diz-se que uma mãe se vestirá com dignidade e se poderá rir do futuro. John, a tua mãe parecia um repositório de devoção, que lhe transfigurava a indumentária humilde.

John ignorou-o. A sua carta escondida era um rei de espadas, com a

rainha como primeira carta, seguida por um rei de copas como terceira carta virada para cima. Joe mostrou um seis de copas a acompanhar o seu valete e Isaac tinha um dois e um três de paus à mostra.

– Rei e rainha, John – disse Isaac. – És um homem de gostos sumptuosos? Tens uma mulher que te sai cara?

– A minha mãe precisa de uma casa onde não haja correntes de ar.

– Ela não é índia? – ripostou o dinamarquês. Tinha dentes de fumador. – Arranja-lhe um daqueles cones com uma estaca.

Joe Gouveia ficou tenso. De vez em quando, a sua mãe era apelidada de índia e Joe também, com certeza. O dinamarquês gostava de desestabilizar os jogadores e John recusava-se a permitir que o picassem, mesmo quando o dinamarquês continuou:

– Esses bronzeados não são de lavrador. Vocês têm a certeza de que não são de África?

– Somos de uma ilha lá perto – disse John –, mas eu considero-me nascido em Nova Iorque.

Esse eficiente esboçozinho biográfico não pareceu cativar o dinamarquês.

– Não deixes este caralho fodido irritar-te – disse John a Joe, em português.

Joe riu-se do choque. John não aprendera aquelas palavras com a mãe.

– Isso é um conluio, ó índios? Falem em inglês – disse o dinamarquês. Perguntou se John, uma vez que era professor de língua gestual, estava a fazer sinais a Joe.

– Eu não faço batota – murmurou John.

– És professor? – perguntou Isaac, de olhos fixos na quarta carta virada para ele, um nove de espadas. Desistiu. – Na escola dos surdos?

Essa também era uma informação que John preferia que ele não soubesse. Isaac anunciou, inflamado, ao dinamarquês:

– O povo deles fala inglês muito melhor do que metade dos rafeiros nascidos cá, e eu estou fascinado com a beleza das raparigas e aposto o que quiserem, qual ímpio, que vou acabar por me casar com uma delas, da mesma maneira que os *cowboys* arranjam uma mexicana...

– Cala a boca – atalhou Joe. Via-se agora um valete com o seu seis de copas. A quarta carta de John era um bom engodo, um oito de ouros.

Isaac Unthank olhou, boquiaberto, para o céu e disse:

– O espírito é maravilhoso, mas a carne é herdeira de outras coisas.

Depois de aterramos cinco cartas, o par de reis de John ganhou a rodada. Com o prazer a latejar-lhe na garganta, numa jogada em que arriscara inconscientemente a aposta mais alta que alguma vez se atrevera a fazer, ganhara três dias inteiros de sustento.

– Cão maldito! – exclamou Isaac, assobiando.

A tática do dinamarquês era assistir às primeiras jogadas e, depois, assumir o papel de jogador. Em vez de um toma-lá-dá-cá com os seus

parceiros de jogo, John mergulhou numa maré vencedora. A sorte de Isaac aumentou um pouco e, a seguir, caiu definitivamente a pique. Quando John o arrasou, Isaac disse, a brincar, que precisava das preces da mãe de John, com a sua ligação a Deus. Ao fim de uma hora, John arrecadara cinquenta dólares, quarenta deles de Isaac, o estonteante equivalente a sete semanas de salário docente, porque Isaac era péssimo jogador. Joe ficou ligeiramente atrás e o dinamarquês ainda mais atrás, mas Isaac, suando e murmurando, foi quem mais sofreu com a sorte de John.

O dinamarquês desapareceu como era hábito, deixando os jogadores com o último raio de sol.

– Espero que does uma parte a uma causa caridosa, professor – disse Isaac. – Eu não recusaria um empréstimo, uma vez que me ficaste com as poupanças todas. Vim com o espírito da fraternidade.

– Ele ganhou de maneira justa e honesta – contrapôs Joe. – Faz-te à estrada. Não é culpa dele que tenhas deitado fora uma fortuna.

– Assim como Deus permite que um músico feio crie uma canção magnífica, também eu partilho as Suas melodias quando prego, apesar do meu aspeto desengonçado. – Sorriu. – Preciso de dinheiro líquido para construir, como indico nos meus sermões, uma estrutura tradicional onde reine a harmonia.

– Vai-te embora – urgiu Joe – antes que eu te ponha a cara mais do que desengonçada.

Viram Isaac a afastar-se, de ombros curvados, e então John ofereceu umas moedas a Joe, ao que este respondeu:

– Não, tu tiveste um dia único na vida. Eu nunca mais devia fazer isto. As vinhas estão a crescer muito bem.

– Também foi a minha última vez.

A escola não gostaria nada de saber que um professor se entregava ao vício do jogo nos fundos de uma fábrica de curtumes, embora homens íntegros arriscassem constantemente o seu dinheiro para amealharem mais ouro. Fazer fortuna da noite para o dia – ascensão social instantânea – era um credo naquela terra.

– Se queres ganhar dinheiro extra, vai a Springfield – disse Joe. – Muitos de nós vamos a casa dos Lincolns no Dia do Trabalho, nós e os alemães. Pode ser que conheças o novo presidente, Alves. – As mulheres costuravam e corriam atrás dos meninos, enquanto os homens se encarregavam de pequenas tarefas. A Sr.^a Lincoln era frenética, mas o Grande Homem era sábio e acolhedor e contava umas boas piadas.

John disse à mãe e à irmã que os dólares provinham de um perfume que Rui inventara e que fora um êxito enorme. Rui levava uma vida tão distante das suas, que a mentira permaneceria seguramente a salvo, mas, entretanto, o êxtase alimentou novos afluentes na sua habitual torrente de pensamentos. Ele podia comprar a *Phonorgia nova* de Kircher! Ou podia dar uma parte do dinheiro para consertar o telhado do dormitório da escola e usar o resto para

comprar reservas de vinho para Nica e remendar o soalho da cabana e, assim, aumentar o seu valor.

A exultação durou apenas mais uns dias, até ele se arrastar para casa depois de um dia de aulas e encontrar Isaac Unthank, vestido como homem do clero, instalado na cadeira de baloiço de Serafina, enquanto ela servia um bolo de ameixa. Desconcertada junto do fogão a lenha, mexendo uma cuba de vinho, estava Nica. Com o colarinho clerical torto, Isaac lançava um olhar calculista à casinha só com um quarto, às cortinas cor de aveia, ao tapete indiano puído e ao piano com teclas em falta, uma prenda da Primeira Igreja Presbiteriana Portuguesa, um gesto descarado para garantir que a mãe se mantinha definitivamente do lado pró-Kalley. O quarto dela ficava num nicho, a cama de John perto da porta e a de Nica junto da lareira.

– Louvado seja o professor! Uma vocação tão nobre como a minha. Foi tarefa simples fazer umas indagações e localizar esta mulher de Deus.

Hesitando, a mãe comentou:

– Eu disse para ele que faz um bom sermão.

– John, ele diz que lhe prometeste um donativo? – acrescentou Nica. – Para construir uma igreja.

Ignorando a mão espetada na sua direção, qual estrela-do-mar seca, John aproximou-se de Nica.

– Eu não lhe prometi nada – ripostou. A táboa do soalho debaixo da qual tinham guardado as moedas de ouro e prata que ganhara a Isaac, e os dólares do dinamarquês e de Joe, tinha sido levantada e a saca, esvaziada.

A mãe repreendeu-o em português por ser malcriado.

Unthank rodou as ancas para trespassar John com:

– A tua mãe brindou-me com a história de quando vocês estiveram na cadeia! Eu disse-lhe que ouvi falar da angústia dela por causa das disputas que atormentam a nossa família presbiteriana. E agradeceria a Jesus a vossa bênção para criar um santuário destinado a quem apoia a paz e se opõe à ideia de conflito armado. A tua mãe julgou ser uma bela solução. Um refúgio para os opositores ao recrutamento vindos de todos os credos protestantes!

Serafina assentiu de uma maneira que fez John cerrar os dentes. Na mesa entre ela e Isaac estavam pilhas de dólares.

Nica deu uns toquezinhos num pacote e verteu o pó – feito de guelras de peixe – para dentro do vinho de forma a clarificá-lo, e o vermelho tornou-se mais vivo, de par com a ira crescente de John.

– Mãe – disse ele –, o reverendo Kalley era terminantemente contra a escravidão dos homens e urgia-nos a opormo-nos também, e se houver uma guerra, eu tenciono lutar.

– Deus não quer que morramos por causa dos erros de outros homens – contrapôs Isaac.

– Que me lembre, foi exatamente isso que o próprio Jesus fez.

Dando mostras de tolerância, Isaac repreendeu-o:

– Jesus arcou com os erros dos outros, com aquela morte na Cruz, para

poupar terceiros. Tu e a tua mãe seriam fulcrais para receberem pessoas de todos os quadrantes da vida. Talvez não os católicos, que são uns arruaceiros alcoolizados. Quem desejasse a paz podia construir uma fortaleza a defendê-la, e bem patrocinada, ainda por cima. Homens de mãos largas apoiariam uma instituição que lutasse para manter os filhos deles sãos e salvos.

– A sério? Quem diria.

Aquele país era enorme, pensou John, desconfortável (e não era a primeira vez que o sentia), e a mãe ficava magoada por já não ser a estrela principal. Afastou-se de Nica, sentou-se ao lado da mãe e contou os dólares que ela tinha desenterrado. Dez. Adivinhando-lhe os pensamentos, a mãe disse:

– É uma ideia simples sobre união que ninguém descreveu tão bem como este homem santo. – Parecia pequenina e só. Seria assim tão mau ela querer manter-se especial aos olhos dos demais, algo que ele também desejava para ela?

– Ouvi dizer – declarou Isaac, de olhos fixos nos de John – que o teu irmão perfumista ganhou uma fortuna e que tu não querias que a tua parte fosse entregue a Mamona. A tua promessa de me ajudares deve ter-te escapado da mente. – Agarrando no antebraço de Serafina, Isaac lançou-se no lirismo. – O seu filho e eu conhecemo-nos num encontro religioso na escola onde dá aulas, e ele ficou entusiasmado quando lhe expliquei a minha intenção de ser um pacificador. O contributo do John, em seu nome, senhora Alves, incentivará outras pessoas a seguirem-lhe o exemplo.

John confiscou os dólares, bradando:

– Rua! – Perscrutou a expressão súbita de alarme da sua visita, que olhou para trás, como se Jesus pudesse materializar-se para o socorrer, e respondeu:

– Seria mais prudente honrares a tua promessa. Eu não gostaria nada de contar à tua família, ou à tua escola, alguns comportamentos teus que deixam muito a desejar.

A mãe pareceu confusa. Nunca, na juventude de John, ela se mostrara perplexa.

– Sai da nossa casa antes que eu te parta um braço.

– John! – exclamou a mãe, ríspida. Nica cirandava nas margens.

John pôs Isaac de pé e o peso dele, leve como espiga de milho, fez com que fosse embaraçosamente fácil transportá-lo para a rua. Agarrando no petilho da camisa de Isaac, John sibilou:

– Nunca mais incomodes a minha mãe. – Deu-lhe um empurrão para o afastar.

– Eu vou contar aos teus patrões.

– Não, não vais. Uma congregação sob a tua alçada também pode descobrir o teu gosto pela dama da sorte. Leva os teus esquemas para outro lado, ou melhor ainda, não os leves para lado nenhum.

– Fiquei de carteira vazia – ripostou Isaac – e tu apropriaste-te das

minhas poupanças. Quero construir mesmo uma igreja, essa parte é verdade. A fama da tua mãe ajudaria imenso esta causa.

– Não.

– Quem teima em rejeitar as críticas depressa será irremediavelmente destruído, Provérbios vinte e nove. Podíamos ser aliados. Espero que não te importes que eu diga que a tua irmã, embora seja um bocadinho velha demais, é muito formosa e eu pressinto que não há pretendentes, portanto, se puderes, em meu nome...

O punho de John atingiu Isaac no queixo, de baixo para cima, e, a seguir, ele deu-lhe um pontapé que o fez dobrar-se pela cintura. Foi só quando a mãe e a irmã o arrancaram de cima de Isaac, com Nica aos gritos «John, que diabo se passa contigo?», que Isaac se levantou, sacudiu a camisa e endireitou o colarinho. Tocando no sangue que lhe pingava do nariz, murmurou:

– Vais arrepender-te disto. – Fez uma vénia e disse: – Minhas senhoras, a maior parte da tarde foi maravilhosa. O bolo era quase um néctar. Até à próxima.

A mãe não esperou que Isaac se afastasse o suficiente para gritar:

– Tratas uma visita assim?! Um homem de Deus que quer uma igreja que una as pessoas? Tu vais lutar contra homens, vais-me deixar por uma guerra?

– Uma visita disposta a deitar a mão ao que conseguir extorquir-nos, mãe.

– Nem consigo olhar para ti, John – disse Nica, e envolveu a mãe, pesarosa, num abraço.



Rui, raspando olíbano para dentro de uma tigela, praticamente nem levantou os olhos quando John entrou na sua loja, na baixa. Um relógio de pé, em nogueira, tiquetaqueava. Em várias prateleiras viam-se latas de plantas desidratadas e almofarizes com pétalas de rosa esmagadas e separadas em tons de rosa, vermelho e amarelo. Cascas de laranja duras como antigos cacos de cerâmica espalhavam-se pela serradura que cobria o chão. Os extratos de néroli de Rui eram muito solicitados, devido à eloquência com que ligavam as notas superiores e inferiores dos seus perfumes. John parecia um animal ferido quando disse, num lamento:

– Tenho saudades tuas, Rui. Todos temos.

– Ocupado.

Como se acrescentar «tenho andado» lhe sugasse demasiada energia.

Uma fragrância floral pairava entre eles num cubo de dimensões perfeitas que encerrava a saudade de John, o anseio que era a presença de uma ausência: Rui encarnava-a, essa saudade de alguém que John ainda tinha. Rui sobrevivia num apartamento perto da linha férrea e, mais além, estendia-se o asilo de pobres do Condado de Morgan, regatos e o riacho Mauvaisterre, grous-canadianos e mergulhões-caçadores em ervas altas. O facto de John ter

de ser o único responsável pela casa e o anjo guardião da mãe pesava-lhe muito. Não fazia sentido lançar piadas fraternas sobre a sua estratégia de usar Rui como desculpa para um tesouro adquirido de maneira ilegal.

Menos ainda gritar: *Que diabo te aconteceu em Trinidad?*

– Mãe?

A forma gloriosa como aquele país dizia *mãe* num balido, na sílaba mais curta de todas para ir de nós a ela. Serafina dormia. Um livro de preces em português, aberto na mesa de cabeceira, tinha um trecho sublinhado: *Ai de mim... Já minha alma assaz de tempo habitou com os que aborrecem a paz...* Quando ela se apercebeu da presença dele, John ajudou-a a sentar-se direita, apertou-lhe o laço da blusa no pescoço e disse:

– Lamento ter levantado a mão contra uma pessoa e ter-me ido embora irritado.

– Também lamento – disse ela, estremecendo. Doía-lhe a barriga, mas recusava-se a deixá-lo levá-la ao médico em Beardstown. Seria o melhor uso a dar ao dinheiro debaixo das tábuas do soalho, as economias de Isaac. Ela podia ter uma pedra a precisar de ser extirpada. – Creio que Deus me dirá o que fazer. Quero oferecer-lhe a igreja, mas, neste país, não ouço tão bem as palavras Dele. Aqui, sinto-me perdida, Passarinho.

O que o comovia inenarravelmente era o facto de, por vezes, a fala dela estar feita aos pedaços, o mosaico por colar de um imigrante, mas, amiúde, as palavras e a sua música estavam empedradas e, outras vezes, as suas melodias voavam do hinário do Senhor, e era esse mistério que mais o impelia a querer compreender os sons sem fim; sem fim, mãe. Eram para sempre os Passarinhos. Ele apontou para si próprio e, depois, cruzou os braços no peito e apontou para ela: *Adoro-te.*

Dorme, Mãe Passarinho. Estás segura agora. Descansa.

As coisas podem mudar da noite para o dia, mas também é bom existir numa correnteza de quietude, ainda com tudo por arriscar.

Ela proclamara uma vez que, se a caravana Donner⁴ não tivesse feito um atalho por causa da pressa, talvez as suas vozes ainda louvassem Nosso Senhor.

Ele conseguia ouvir os seus últimos estertores e, para lá deles, o eterno balouçar dos caixões que os pesquisadores de ouro na Califórnia transformavam em peneiras com o fundo de rede e uma pega: procurando e bateando ouro, apesar de o Senhor ter dito que o fôlego é ouro, o pão é ouro, e que a mão da mãe na nossa está para lá de qualquer tesouro.

O concerto e a angariação de fundos em nome do Instituto para o Ensino dos Surdos-Mudos do Illinois coroarão o sacrossanto dia em que os seus alunos

transformariam cascas de amendoim em papagaios. Jovens de quinze anos encheram a sala de John, rodeados por uma profusão de flores silvestres feitas com tâmporas em papel pardo, durante a Semana «Amamos a Nossa Pradaria». Uma parede exibia um gigantesco diagrama de um ouvido interno, com os seus ossículos – os ossos do estribo, martelo e bigorna – e a cóclea em forma de espiral de caracol. No globo terrestre da sala, ele espetara um alfinete em forma de libélula no sítio onde a Madeira devia estar. As crianças acharam hilariante John dizer que era de uma terra que não vinha num mapa. Tinham troçado dele a manhã inteira por causa da sua Máquina do Som, que seria mostrada ao público depois do concerto.

Enquanto distribuía os mantos cobalto, com o cetim a restolhar, permitiu-se imaginar uma última vez Isaac Unthank, automeado pregador – não o eram todos? – a entrar de rompante, acusando John de jogar a dinheiro, hábito vergonhoso, com o supervisor Gillette a reboque, para o levarem e o obrigarem a enfrentar todos os protestantes portugueses brandindo uma enxada, e o conduzirem para as águas do rio Illinois, enquanto a sua família inteira observava, morta de vergonha. Talvez a mãe lhe desse o derradeiro empurrão com um ancinho.

Os gestos de escovar cabelos e apertar fitas atenuaram-lhe o nervosismo. Usaram-se abotoadores nos sapatos. As cascas de amendoim pintadas imitavam os vermelhos e verdes de papagaios aninhados nos peitoris, lembretes de que os pássaros só têm membranas como ouvidos, mas isso não os impede de soltarem canções a plenos pulmões.

Parecemos fantasmas azuis, disse Sammy Byrd por gestos.

Não, somos gaícos-azuis! John deu o mote para lançarem vivas.

Os alunos da escola vinham de todas as partes do país. Normalmente, o dia de aulas terminava com as professoras a levarem as meninas para os dormitórios, por trás da casa do gelo, e com os professores a arrebanharem os meninos, enquanto os moradores de Jacksonville regressavam a casa, mas, nessa noite, toda a gente se deslocou em massa para o crepúsculo, deixando os cavalos, as vacas e as cabras vaguearem pelos três hectares. Correram raposas velozes por entre as asclépias, enquanto as pessoas atravessavam a parte mais majestosa da cidade. Passaram rapazes do Illinois College, os seus destinos sublimados pela proximidade àquelas casas grandiosas, com as suas janelas de sótão curvas como sobancelhas, colunas e contrafortes, e animados por obras tão positivas como escavar túneis debaixo do seu instituto ou construir quartos secretos para ajudar fugitivos.

John atravessou com os seus alunos o pátio da faculdade em direção à Capela Rammelkamp. Sammy Byrd disse por gestos que estava entusiasmado (toques no peito e um rodopio), e John respondeu-lhe que, como Sammy era um pássaro, interpretaria bem o seu papel. Rammelkamp estava quase cheia e John reparou na presença do banqueiro Augustus Ayers, de Jacob Strawn, rei do gado, e de Benjamin Grierson, abolicionista e músico que andava sempre com a sua harmónica. A mãe estava ausente devido a uma dor de barriga e

Nica ficara a cuidar dela. John sentia-se desejoso de lhes mostrar que era uma força numa conceituada instituição de caridade e educação, que atraía pessoas como Ayers, Strawn e Grierson.

Frank entrou com Hugo, George e Teresa, e Elizabeth Hampton, a sua noiva. John cumprimentou-o com um aceno e os seus amigos fizeram o mesmo. Frank era considerado arrojadamente americano por a sua prometida ser uma habitante de gema do Illinois. Elizabeth, esbelta e descomplicada, era capaz de abrir um sulco em linha reta em terreno congelado, uma livreira que prometia um amor que era límpido e, como tal, duradouro. Ficar feliz por Frank provava que ele, John, era decente, talvez até bom.

O ápice do teto recolhia o som dos ouvintes e dos não-ouvintes e pulverizava-o em partículas que polvilhavam toda a gente, enquanto John conduzia rapidamente o seu rebanho para o banco da frente. Perscrutou a plateia, abalado pela certeza inexorável de que estava alguém à espreita para o apanhar de surpresa. De certeza que não seria Julietta Price, embora fosse bem possível ela aparecer para namoriscar com ele e o espicaçar. John cortara o contacto com ela, uma maneira covarde de avançar com a sua vida.

Remou por entre a torrente de palavras de boas-vindas de Julian Sturtevant, o diretor do Illinois College, enquanto um intérprete, ao lado do púlpito, traduzia o discurso para língua gestual e John ajustava o laço nos cabelos de Claire Clearwater. Durante a prece de invocação do reverendo Josiah Semple, John mergulhou num estado de fuga... E se Isaac, cobiçando Nica, descobrisse que ela tinha um marido de quem não recebia notícias há uma eternidade? O casamento não era do desconhecimento da comunidade, mas toda a gente (até aí) guardara segredo. Se já assim Nica tinha relutância em conhecer alguém, a propagação de mexericos daria cabo dela. John olhou uma vez mais, em vão, para a casa apinhada. Talvez estivesse a antecipar a ridicularização da sua Máquina do Som. O supervisor Gillette pusera-se a anunciar as conquistas da sua escola para os surdos e, a seguir, o coro elevaria a música para o firmamento.

John encaminhou os seus alunos de manto azul para o estrado. Enquanto o órgão gemia a sua introdução, ele orientou a tradução da letra para língua gestual, os seus meninos lindos, olhem para eles, balouçando como ondas em miniatura destacadas do mar. O reverendo Newton Abernathy soltou uma sonora interpretação de «Safely Through Another Week» e John incitou os seus alunos a usarem braços e dedos para modelar os sons como se fossem argila, a amplificarem o ritmo com todo o seu corpo. Quando Hiram Lattimore hesitou, John fez-lhe um sinal de encorajamento, com um aceno de cabeça a Sammy em apreço pela clareza dos seus gestos e o seu balouçar. *Use o vosso corpo para falar como atores em palco.* Era a sua maneira típica de embelezar a língua gestual, o uso de braços e mãos, expressões faciais, do corpo inteiro.

Eis os meus Passarinhos. Se ao menos a Máquina do Som conseguisse captar isso, para ser ouvido por gerações, de uma ponta a outra do mundo.

Terminaram com «The Life in Christ», adaptada a partir de uma peça de Mozart.

Toma as minhas mãos e deixa-as falar/Com o ímpeto do Teu amor./ Toma a minha voz e deixa-me cantar/Sempre e só para o meu Senhor.

Quando abraçou o peito, as crianças imitaram-no. *Deixem a música tocar no xilofone das vossas costelas, sintam os aplausos. Sintam tudo através do soalho. Não deixem que a surdez seja uma prisão.*

Levou os seus alunos vitoriosos para a receção no Salão Beecher, onde estava o retrato de Edward Beecher, o primeiro reitor da faculdade e irmão de Harriet Beecher Stowe, cuja *Cabana do Pai Tomás* andava a instigar um grito de guerra. Havia biscoitos dispostos ao lado de taças de ponche com groselha. No meio da multidão, formava-se uma fila numa mesa para as pessoas passarem cheques destinados ao instituto para os surdos. Ao fim de trinta ou quarenta minutos a conversar e a gesticular com os pais dos seus alunos, e a conviver com Frank e Elizabeth, John foi apanhado pelo seu colega Max Jeffers, que ribombou: «O teu coro foi a principal atração!» Depois de trocarem meia dúzia de palavras, John dirigiu-se para as vitrinas, pronto para receber de uma vez por todas as reações à sua Máquina do Som. Até aos seus olhos ela parecia um mau projeto artístico. As pessoas acotovelaram-se junto dos audíofones, dos leques de transmissão do ar e dos aparelhos de transmissão óssea. Havia uma bandolete *aurolése* com uma pequenina corneta forrada de tecido para passar despercebida com o uso de um chapéu, e um cravo de veludo com um aparelho auditivo incrustado para ser discretamente encaixado junto de um ouvido, e uma jarra que recolhia sons através de recetores em margaridas artificiais. Uma criança alegre empoleirou-se num trono com os apoios de braços ociosos – cabeças de tigre com as mandíbulas escancaradas – ligados a uma caixa de ressonância no assento, com um tubo para o rei recolher as conversas que se acumulavam debaixo do seu traseiro.

E perto da sua Máquina do Som, ali exposta para divindades e humanidade a contemplarem, estava uma rapariga envergando um casaco com uma peónia de tecido. O vestido era de um verde que fazia lembrar esmeraldas encharcadas, como se o conteúdo dos olhos dela se tivesse derramado sobre a roupa. A gola tinha o bordado rematado com linha cor de laranja que ele reconheceu como madeirense. Nenhuma mulher estava vestida como ela, ninguém vivo se vestia como ela, não havia ninguém como ela. Expulsem todas as outras pessoas do planeta. Uma setinha preta de cabelo apontava-lhe para a testa. *Mesmo que eu fosse cego, Maria, conseguiria ver-Te. Os meus ouvidos ouvem o Teu coração a bater ao ritmo de uma perda tão grande. Dizes-me que és o Teu pai.* Ela estava a examinar o que ele fizera, a sua invenção. Ele aproximou-se e deteve-se. Que Deus o fulminasse, porque os seus votos tolos de menino assustado, o voto de abdicar do amor e da amizade, abdicar de casa e dinheiro e o que quer que fosse da Terra que lhe pesasse e o afastasse da sua promessa de escutar Deus... se dissolveram de imediato.

A rapariga virou-se; e viu-o também. Um rapaz alto e louro encontrava-se atrás dela, observando. Ela exclamou e tapou a boca com as mãos. A luz era ofusca e um feixe aterrou-lhe como um anel no dedo; seria deveras um anel? Quando ele avançou para ela, e ela para ele, John disse:

– Maria Freitas? – *O Teu rosto iluminou-se de tal maneira que quase me desmorono, recordando-o.*

E sim, era, sim, e que maravilha, e ela suspirou:

– John Alves? John! Agora chamo-me Mary. Mas que raio? Oh, meu querido. Sim.

Ele perdê-la-ia mais para o fim desse serão extraordinário, tumultuoso e chocante, perdê-la-ia antes de descobrir como a poderia reencontrar. A sua recordação dessa noite só o levou a saber que ela vivia em Springfield.

Ela apanharia o comboio e percorreria cinquenta e três quilómetros para leste, uma viagem de hora e meia, para perguntar aos madeirenses que trabalhavam em casa dos Lincolns onde é que ela poderia estar. Mas, sendo católica, ela não pertencia ao meio deles.

E, assim, ele intimaria o seu coração a chamar por ela e, uma noite, no Teatro Meline de Jacksonville, durante um espetáculo de lanterna-mágica a celebrar a chegada dos exilados, ela entraria a correr. Atrasada, confusa na escuridão, ela deter-se-ia mesmo a meio do feixe projetado pela lanterna. Nesse momento exato, ela apareceria na imagem de luz colorida no diapositivo de vidro em que alguém pintara John Alves em menino a ser levado por uma cegonha através do teto de uma cadeia.

Mary vestiria, por um breve instante, essa imagem, em amarelo, verde e azul.

Postar-se-ia em frente do público, envergando John no seu peito a voar em direção à liberdade.

Ela ajudá-lo-ia a abarcar na totalidade o que acontecera na noite do concerto, que começara com ela a atirar-se-lhe para os braços. Ei-la outra vez, num teatro às escuras. Que a Máquina do Som o registasse a repetir o nome dela e ela a repetir o dele, enquanto emanava a fragrância a gardénias da juventude de ambos. Que a pluma rabiscasse a música de cada sílaba que proferiram para todo o sempre. Isto estava a acontecer; o outro nome de Deus é Agora: Deus é sempre, sempre, *Agora*.

3 Feriado celebrado na primeira segunda-feira de setembro nos Estados Unidos. *(N. da T.)*

4 Grupo de pioneiros americanos (o nome vem de George Donner, que os chefiava) que, a caminho da Califórnia, em 1846, ficou encurralado na Serra Nevada; consta que, quando os mantimentos acabaram, algumas pessoas recorreram ao canibalismo para sobreviver. *(N. da T.)*

VESTIDO TANGERINA NA CIDADE RUBI

1846-1860

O pai tentava a custo chegar a ela, empurrando para o lado qualquer pessoa que o acotovelasse. A canela de Maria estava dorida por aquele palerma desenfreado a ter pisado. O mar de braços pernas bocas corria para leste, desimpedindo o caminho até ela, e os cotovelos de Maria abriram-se como asas de frango para que ninguém se atrevesse a impedi-la de o alcançar, e ele berrou: «Cat!» e ela gritou «Pai!» Ele perdeu o chapéu. Ela enlaçou-o com força. Ele conduziu-a para casa, enquanto monstros empurravam as pessoas para os navios. O ar estava cinza-fumo. Havia animais a morrer, seriam comidos. A subida até ao jardim deixou-os com suturas nos costados, mas as plantas incitaram-nos a avançar, tão doces que eram, estremecendo como se quisessem soltar-se e correr para as duas pessoas que mais amavam.

Maria-Cat chorava, e o pai também, porque os homens também podem sentir tristeza.

– Um convertido foi assassinado – disse ele – e não o deixam descansar em paz no cemitério. Vou arranjar uma pá e enterrá-lo em qualquer lado. Vou levar o Alberto. Tu ficas aqui.

– Eles prendem-te. Vou ter de roubar alguma coisa para poder ir para a cadeia contigo. – John não se recusara a deixar a mãe ir sozinha para esse destino? Os seus músculos afrouxaram... era óbvio que John e a família desapareceriam para sempre.

Baixinho, o pai disse:

– A fé e a esperança são diferentes. A esperança significa que desejas uma coisa com muita força. Mas a fé significa que sabes que uma coisa acontecerá, por isso não te preocupas. Eu volto e tu saberás a diferença entre esperar que eu volte e acreditar nisso, minha princesa.

Deixou-a sozinha com a dor da espera, a hora mais longa da sua vida, que se prolongou para lá de duas, depois três. *A preocupação é um sinal de esperança e a esperança não é fé.* Cortou uma oval num tecido e, dentro desse

espaço em forma de medalhão, suspendeu um retrato do pai feito com linha. O próprio tempo se dissolvia quando ela fazia o seu melhor trabalho. Mas não era perfeita, tinha demasiadas saudades dele, a *espera* latejava.

Quando ele reapareceu, coberto de terra, abraçaram-se e ele analisou o seu retrato de linha e disse:

– Que fiz eu para te merecer?

Quando lhe contou que agora se sentia em paz, porque enterrara um corpo, ela gritou:

– Tive medo que te magoassem!

Ele comentou que a única coisa que o magoaria seria se algum mal lhe ocorresse a ela.

– Como não vou permitir que isso aconteça, ficarei bem, Cat.

Retiraram-se para um círculo de frangipani cujas copas se curvavam umas para as outras, por entre as quais o ar marinho salgado e azul descia como que por um funil, uma arena que eles consideravam a sua melhor igreja. A sua prece era visível, era só estarem lado a lado, seguros, seguros.

Ele foi convocado à mansão do proprietário e, quando regressou, precisou de se estender um pouco. Ela embebeu um pano em água de camomila para pôr na testa dele. O bigode e a barbicha estavam desgrenhados.

– Já não vou ser o encarregado do jardim – disse ele. – Vão-me deixar continuar a trabalhar, mas as pessoas estão furiosas por eu ter enterrado o protestante e ter dito que o Kalley era meu amigo.

Susan Ashe apareceu com um grupo de sobrinhos do proprietário e ordenaram ao pai e a Maria que cumprissem uma série de tarefas, e Maria mordeu a língua, com medo de que o pai ficasse sem emprego. Um dia, Susan postou-se com o seu chapéu, enorme porque o sol a detestava ainda mais do que Maria, e zurrou:

– Augusto, explique-me isto. – Apontou para um arbusto que ele deixara em forma de leque em vez de o «esculpir», como ela dissera. Aquelas pessoas chegavam ali de barco, compravam casas e construíam fábricas onde as mulheres locais faziam bordados que as ajudavam a enriquecer ainda mais e, no entanto, praticamente não aprendiam uma palavra da língua. – E então? – insistiu Susan, como se o pai fosse uma criança e não o maior jardineiro numa ilha de jardineiros fabulosos.

Apontando para o topo desordenado, ele respondeu:

– Vai florir e descrever um arco vermelho à volta do arbusto. – Maria ficou tensa; o pai detetava as coisas antes de elas surgirem, porque pressentia o que nascia dentro dos caules.

– Não vejo nenhuma flor – ripostou Susan, cor de lagosta, mesmo com o chapéu de palha.

– Mas estão lá, menina Ashe.

– Mostre-me. Não, não mostre. – Ela agarrou numa tesoura e talhou o arbusto para o domar, cortando ramos e destruindo anos de trabalho dele, a experiência mais vívida de Maria com a maneira como a inveja tenta destruir

selvaticamente a beleza. Em nome da dignidade dele, engoliu os seus gritos.

O pai e ela nunca eram incluídos no que quer que alegrava os seus novos padrões. Ela e o pai baixavam a cabeça e cultivavam, arrancavam ervas daninhas, e as plantas eram como animais de estimação com amor incondicional, rostos que se inclinavam para os cumprimentar. Ela estava ciente de que eram alvo de troça, uma vez que as pessoas gostam de morder um corpo que consideram derrotado. De vez em quando, perguntava-se como estaria John, porque Edite disse que os presbiterianos estavam em Trinidad, onde o trabalho era impiedoso. O que alimentava Maria e o pai eram os arbustos de bagas silvestres – três, agora – e o verdadeiro milagre continuava a ser o facto de mais ninguém reparar neles. As plantas eram tão inteligentes que se camuflavam.

A única bênção do novo regime era um plano para uma faixa de alfazema, que seria vendida em pacotinhos, e Augusto e Maria Catarina, e Alberto e Edite e mais uns quantos mergulharam em ondas de uma fragrância tão inebriante que lançava um feitiço.

Maria fechou os olhos e, ao abri-los, tinha crescido meia década e era fluente em duas línguas e especialista em fazer retratos de pessoas com linha.

Magoou o pai protestando que era demasiado crescida para a bênção noturna portuguesa.

Sopravam ventos contrários e a alfazema ondulante revelava uma carpete branca composta pela parte inferior das folhas.

O reverendo Robert Kalley escrevia ao pai de vez em quando, a contar que os madeirenses tinham fugido das plantações de Trinidad em troca da liberdade da cidade de Nova Iorque, instalando-se depois no Illinois, onde Kalley absorvia a sabedoria e o sentido de humor de um cavalheiro chamado Abraham Lincoln, que luzia as marcas de um grande líder. Margaret morrera, mas Kalley rejubilava-se com uma nova noiva cristã, Sarah, uma alegre pianista.

E o campo de alfazema foi agitado por ventos alísios e, numa zona elevada surgiu roxo, ondulando, soporífico, e uma vez mais Maria Catarina fechou os olhos e, ao abri-los, chegara aos dezassete anos e o pai ia nos sessentas.

Um dia, ela disse ao pai que queria surpreendê-lo com uma nova cor da fábrica Howell. Comprou pó verde-pistácio e um pacote de purpurina rosa para decorar a terra de plantas envasadas, antes de continuar a subir para a mansão de onde David Hamm, o proprietário do Jardim Botânico, contemplava a cidade aos seus pés. Quando disse ao mordomo madeirense que precisava de dar uma palavrinha urgente ao Sr. Hamm, ele imobilizou-se um instante, mas deixou-a no vestíbulo com o seu espelho bordejado por querubins de barriga inchada.

Mandaram-na entrar para um escritório onde o pálido David olhava por uma janela, de costas viradas para ela. Uma das principais características da riqueza era que mantinha as pessoas ao largo, criava um fosso, o que ela

admitia ser altamente desejável. O facto de ele não se virar de frente para ela indicou-lhe imediatamente que, embora tivesse acedido a recebê-la, era ele quem mandava na conversa. Que maçada. Em vez de livros a forrarem as paredes, havia quadros dos primeiros Hamms, cuja fortuna provinha de «transportes marítimos», o que, segundo o pai, era a expressão usado pelos ricos para pirataria. Hamm era tão estranhamente alto que parecia esticado num estirador, mas ter gelatina em vez de ossos significava que ele se alongava em vez de se quebrar.

– A que devo esta honra? – disse ele, afastando-se a custo da vista que o saudava todos os dias e fazendo-lhe sinal para ela se sentar. Parecia divertido.

– Sou filha do Augusto Freitas. Ele devia voltar a ser chefe dos jardineiros.

– Já não o é há anos. Porque é que veio cá hoje?

– Quando o senhor lhe tirou esse cargo, eu era uma criança. Agora já não sou. – Como se uma extensão de tempo fizesse diferença para os mandados do seu coração.

– Fica-lhe bem querer defendê-lo, minha menina, mas...

– Chamo-me Maria. Preciso de saber porque é que não o deixou continuar a ser chefe.

– Recebemos queixas sobre o trabalho dele.

Ela não era capaz de se calar, não era capaz de se conter.

– Isso é mentira.

David mexeu-se, inquieto, à secretária na qual de certeza que não fazia nada.

– Aconselho-a a moderar o tom, menina Freitas.

– Ele trabalha lindamente, o senhor sabe disso, e trabalhava assim na altura e era por isso que o jardim estava mais bonito. A Susan é péssima, e o senhor também sabe disso. – Maria queria dinheiro suficiente para que ela e o pai pudessem deixar de arrendar uma cabana àquele homem e ao seu clã, pudessem parar de trabalhar para patrões ausentes e presentes.

– Admiro a admiração que a menina tem por ele. – David tinha uma voz apressada por ter uma alma que, a caminho da morte, era anormalmente fina e precisava de esvoaçar duas vezes mais depressa do que o normal. – Sou anglicano, mas temos de nos dar bem com os católicos e o seu pai foi visto a enterrar um herege durante aquela infeliz convulsão de há uns anos, e liderou uma manifestação de protesto numa cadeia. Esforçámo-nos por o manter empregado, mas julgámos melhor ele ser retirado do cargo principal. Ele está quase na reforma, não está?

– Não.

– As suas possibilidades são continuar a desfrutar deste paraíso, com outras pessoas a aliviarem o seu pai dos fardos mais pesados, ou podem mudar-se para a cidade e... não sei. Jardinar para terceiros.

Ela pensou em esmagar o pisa-papéis na cara de um dos piratas Hamm de gola de folhos, mas, ao invés, levou a mão ao seu saco para tirar o pacote

de purpurina rosa da sua expedição à loja Howell e lançou o conteúdo para cima da alcatifa, das paredes e prateleiras.

– O que é que está a... – David Hamm deu um salto para trás.

– É purpurina – disse ela. – Nunca vai conseguir limpá-la por completo desta sala.



Num domingo depois da missa – continuavam a ir à igreja para parecerem dóceis –, um indivíduo aproximou-se enquanto o pai conversava com amigos e convidou-a para jantar. Era de Gibraltar. Chamava-se Eduardo.

– Mas chama-me como quiseres – acrescentou ele –, se me sussurrares o nome ao ouvido. – E ela sentiu ferver o fluido da sua espinha.

Não lhe ocorreu perguntar-se como é que Eduardo de Gibraltar descobrira o seu nome e a reconhecera. E como é que soubera que devia escolher uma sexta-feira à noite, quando o pai dela fazia uma viagem semanal ao campo para ir buscar estrume.

Assim que o pai se pôs a caminho da sua missão, ela escolheu um vestido bordado e correu para a cidade, para o Hotel Jardim. Eduardo esperava-a na sala de jantar e pediu coelho estufado para ambos, depois do que grunhiu:

– Devia era comer-te a ti. – Perguntou-lhe se bebia vinho. Tinha um dos dentes da frente tortos.

– Sim – disse ela, embora não gostasse de vinho, da sua acidez.

Quando ele brincou com ela por não ter mãe, Maria respondeu, corada, que em princípio tinha.

– Quer-me parecer que o teu pai nunca te contou as tuas verdadeiras origens. – Um brilho de crueldade faiscou-lhe nos olhos. – És uma criança inocente, não és?

– Não, não sou – ripostou ela, só que era.

Um empregado levou-lhes num carrinho uma seleção de vinhos, juntamente com o coelho numa caçarola de barro. Enquanto ele os servia, Eduardo debruçou-se para apontar para a garrafa e ela viu-lhe um punhal preso no cinto. A única vez em que tentava confiar num forasteiro e o que se lhe deparava era uma situação de perigo. Fixou uma cebolinha no prato, o aromático molho de sangue. Ele ergueu um copo de vinho por baixo do queixo dela e disse:

– À tua saúde. Adorava passear contigo pelo porto. Depois do jantar. Vieste encontrar-te comigo a um hotel, mas não me vou aproveitar disso.

– Dá-me licença? – pediu ela. – Vou só retocar-me. – O hotel tinha uma elegante casa de banho no corredor do lado de fora do restaurante.

– Não te demores.

Ela saiu do hotel a toda a pressa e desatou a correr. O pai ainda não tinha chegado a casa. Ela vestiu um vestido mais simples. Quando ele regressou, ela confessou-lhe o que acontecera e fez alusão ao punhal.

Ele ficou de queixo caído; procurou uma faca e pôs uma mesa em frente da porta. Contou a história da Tecelã de Anjos. A mãe de Maria era uma rapariga rica cujos pais a tinham querido mandar à força para um convento, de modo a não terem de dividir o património com demasiados genros, e uma tia levava a rapariga rebelde a Roma, para o Santo Pai lhe ordenar que se resignasse à sua sina.

– O nosso rei Dom Miguel I estava lá exilado. – O rei deposto que ordenara torturas e matanças enquanto reivindicava o trono, acicatando seguidores raivosos e inimigos. – É possível que sejas filha dele, embora também possas ser filha de um sapateiro romano. Os cavalheiros podem andar armados de punhal, mas pressinto que vêm aí sarilhos. Devia ter pagado à Tecelã quando ela me pediu mais dinheiro sob pena de espalhar boatos sobre o teu pai. Os republicanos querem provar que a monarquia é corrupta e fariam da tua vida um inferno. Os monárquicos querem manter uma linhagem pura e são perigosos. As crianças ilegítimas dão cabo do mito ou aparecem com reivindicações.

– Está aborrecido comigo?

– Não. Um bocadinho. Devia ter aceitado há anos que o nosso capítulo aqui já chegou ao fim, querida. – Nem era preciso pensar nos raptos pagos para a enfiarem num barco e a atirarem aos peixinhos. Bastava olhar para a sua vida, certinha e séria, uma bolha de sabão, o trabalho dele saqueado por uns simplórios invejosos e ele próprio reduzido a ir buscar adubo.

Venderam a coleção de cores exóticas e reservaram lugar numa embarcação. O reverendo Kalley arranjava um meio permanente de a Sociedade Presbiteriana obter passagens legais para Nova Iorque via Londres e, se os refugiados quisessem, podiam seguir caminho até à prosperidade do Centro-Oeste. Augusto cortou três estacas de um arbusto da baga-milagrosa, envolveu os cortes num pano húmido e, sem a filha saber, entregou-se a uma longa despedida com a sua amante, Amparo. Destruíu todos os vestígios dos arbustos milagrosos; a única virtude dos brancos que o faziam infeliz era a sua falta de curiosidade acerca daquele tesouro, mas era melhor garantir que permaneciam na ignorância.

Alberto e Edite acompanharam Augusto e Cat ao navio. Maria, chorando, aceitou um bolo de figo e um estojo de agulhas novas do casal que ela via como seus avós.

– Pronto, pronto, aboborinha – sussurrou Edite. – Ele vai levar-te para uma vida melhor.

Edite e Alberto acenaram com os lençinhos enquanto o barco se afastava e Maria sorriu pela primeira vez nos últimos dias e, suavemente, disse:

– Quer dizer que o meu pai pode ser um rei.

– É isso mesmo.

– É por isso que me chamas princesa?

A espuma fresca do mar salpicou-os.

– Não. Chamo-te assim porque és a minha princesa.

Quando se aproximaram do porto de Nova Iorque, latejante de gaivotas, Maria Catarina fez-lhe companhia na amurada. Parou de chorar a venda da sua coleção de cores, porque vejam só o que isso lhes trouxe, vejam esta cidade, parece que os pigmentos saltaram dos seus frascos, uma infinidade de matizes! Uma pessoa pode apaixonar-se à primeira vista *por um lugar*. A grandiosidade fê-la gritar «Pai!», como se declarasse que uma linha do horizonte assim era sinónima do nome dele.

Tinham-lhes dado o endereço de um casal madeirense que traduzira corretamente o seu nome de Ferreira para Smith, mas a sua casa cheia de correntes de ar na Rua 22 com a Sexta Avenida estava à cunha e um recém-chegado até usava a banheira como cama. O Sr. e a Sr.^a Smith ajudaram-nos a localizar uma pensão na Rua 28 com a Sétima Avenida, com uma casa de banho partilhada pelas cinco famílias do seu piso... que bom! No seu quarto, havia um radiador avariado cujo vapor mantinha as estacas da planta milagrosa com vida num balde, e eles alimentavam-nas com borras de café. Ao jantar, torravam pão no radiador e comiam-no com compota de morango. Chegou um saco com roupa de caridade e Maria tinha o tamanho perfeito para um vestido tingido de uma cor chamada *tangerina*. O decote lembrava o rebordo de uma taça.

O Sr. Smith arranjou-lhes trabalho numa estufa particular, trinta ruas a norte, pertencente a Lawrence Jamison, banqueiro, e à sua mulher, Myrtle. Os três filhos brincavam pelos cantos e eram muito simpáticos, quando visitavam o espaço fechado onde Augusto criava os bolbos de gladiolos com areia do rio Hudson. Os Jamisons deixaram as estacas da planta milagrosa desenvolver-se no calor e as raízes fincaram-se no solo perto da orquídea-de-outono, que em inglês se chamava «tranças de senhora».

Os Jamisons e os moradores da pensão tratavam-na por «Mary». Ela caiu de amores pela cidade e convenceu o pai a vaguear com ela pelas ruas e a esticar as costas doridas. Os apartamentos, com peças de roupa penduradas como bandeiras esfarrapadas nas cordas, eram diferentes de tudo o que já tinham visto na vida, inclusive entre os madeirenses mais pobres. Mas, em geral, Nova Iorque era uma caixa de joias. As suas faixas de cor lembravam um prisma, algo que um padre brandiria numa homilia sobre o espanto. Carruagens puxadas por cavalos ressoavam com música; tremeluziam candeeiros a gás. Aquela cidade *zumbia*. A vida brilhava de um vermelho-rubi... uma pessoa podia sentir-se empolgada, porque o que ia acontecer a seguir, ao dobrar de uma esquina, podia ser *de cortar a respiração*.

Muitas vezes o céu estava cor de limão e derramava-se e salpicava tudo.

No mercado do peixe de Fulton, enquanto os homens içavam as redes para a doca, ela rodopiou no seu vestido tangerina, a saia rodada a girar, e um pescador gritou: «Olhem para a Miss Solar.»

Em nome dos velhos tempos, evocando os pais que viviam no mar, ela disse:

– Estão a rebocar o meu pai para fora da maré?

Sim, *Cat-Cat, ele é aquele peixe cinzento que se contorce... o teu pai moribundo.*

Ao longo da primavera e do verão, e à beira do período chamado *fall*, «queda», ela bordou toalhas de mão com folhas em pontos de cetim, dourados e vermelhos para aquela estação que era nova para ela, dispondo as linhas tão juntas que se fundiam num brilho contínuo.

Numa manhã gelada, Maria-Mary caminhava pela Quinta Avenida, carregada com uma dúzia de toalhas para mostrar à Sr.^a Jamison. Uma dama majestosa deteve-a para admirar a gola que Maria-Mary embelezara com cisnes, e Maria-Mary mostrou-lhe uma toalha com folhas outonais e, depois de exclamar «Meu Deus! Tenho de ficar com uma delas, minha querida», a senhora deu-lhe um dólar. Maria-Mary ficou siderada, ainda mais quando Myrtle Jamison observou os seus outros labores e disse: «Céus, Mary, eu fico-te com tudo!» Pagou-lhe quinze dólares.

Estupefacta, Maria-Mary pôde dar-se ao luxo de comprar *alperces* em lata para fazer tartes: uma para Lawrence e Myrtle Jamison, o seu filho adolescente e as meninas gémeas; uma para o Sr. e a Sr.^a Smith da Rua 22; três para os moradores da sua residência na Rua 28. O fruto era de um tom tão deslumbrante que, se o mar se transformasse em alperce, Maria-Mary seria a primeira a banhar-se nele. Uma senhora do segundo andar ensinou-lhe a *preguear* a orla da tarte e a pôr manteiga na fruta, e as tartes foram dispostas no vestíbulo, e foi como se toda a gente sem exceção tivesse descoberto onde as estrelas se escondiam à luz do dia.

O pai e ela mergulharam hera em recipientes com água da chuva, na estufa dos Jamisons, e, quando a parte de dentro das folhas se decompôs, eles pressionaram-nas entre panos para retirar tudo e deixar apenas as redes de veios. Para os esqueletos ficarem branco-puros, o pai acrescentou hipoclorito de cálcio à água da chuva. Venderam-nos emoldurados a cinquenta centimos cada, perto do mercado de peixe. Maria-Mary deixou o esqueleto branco de uma folha de pera à Sr.^a Jamison.

Uma tarde trouxe os indícios de um frio como Maria-Mary nunca sentira na vida, estava ela sozinha a trabalhar. O pai descansava na pensão, tendo admitido que se sentia zozzo. Duas das suas estacas tinham morrido, mas uma vingara. Não havia motivo nenhum na terra para ter, não só deitado raízes, mas também explodido de tamanho em escassos meses. Uma gavinha suportava várias bagas novas. Eram bagas vermelhas, mas ela via-as como «amoras», por essa designação se aproximar mais da palavra «amor».

A Sr.^a Jamison apareceu com um vestido de seda champanhe cortado em viés e uma fiada nodosa de pérolas. Num frenesim de desejo de partilhar as suas primeiras bagas na América, Maria-Mary insistiu para que a Sr.^a Jamison cumprisse o cerimonial de provar uma delas, o que a deixou em êxtase. «Mary! Isto é uma maravilha e tu também!» Como paga, a Sr.^a Jamison mostrou-lhe um panfleto sobre um concurso de pintura patrocinado pela Sociedade de Horticultura e exclamou: «Tens de te inscrever! O prémio são

vinte dólares.»

Das obras a concurso tinham de constar plantas ou árvores. O pai lembrou-lhe que, uma vez que tinha jeito para coser retratos com linha, devia experimentar fazer flores assim. Todas as outras pessoas usariam tintas. Ela começou a bordar num tecido de linho, alinhando os fios para serem tão macios como óleos, gradações de rosa como fundo para um pomar de alperces.

Ganhou.

A arte é capaz de abrir uma passagem segura por entre o vasto mundo!

Na noite de entrega dos prémios, em mais uma casa majestosa, a incredulidade dela por ser a vencedora fundiu-se com pânico, por o pai ainda não ter chegado. Exposta num cavalete, com as pessoas a passearem nessa direção, estava a sua pintura-miniatura em linha. Ela envergava o seu vestido tangerina, com um alfinete rosa de Myrtle Jamison, que usava a coisa mais escandalosa que Mary já vira: uma «estola» consistente de uma raposa morta com as órbitas secas. A Sr.^a Jamison sussurrou:

– Querem começar a cerimónia, querida. Onde está o teu pai?

– Não sei. – Mary falou num fiozinho de voz.

O pai planeava instalar vasos de endro e tomilho na estufa dos Jamisons, antes de acorrer àquele evento importante que coroava o dia de Mary, composto por um almoço e visitas a várias galerias que a tinham colocado na companhia de mulheres inteligentes e confiantes, que eram amáveis mas não faziam ideia de terem forçado as aptidões sociais dela quase ao ponto de rutura. Ele nunca chegava atrasado e não teria perdido aquela festa por nada deste mundo. O sangue nas veias de Mary tornou-se viscoso e abrandou.

A cerimónia incluía aplausos e atitudes atentas, e um soalho de brilho ofuscante. Quando ela ficou chorosa de gratidão, em especial pela família Jamison, toda a gente pensou que era a timidez de uma rapariga estrangeira. Com a raposa morta dependurada dos ombros, a Sr.^a Jamison pegou nas rédeas da situação, no final, e disse: «Vamos encontrá-lo, Mary.»

Ele não estava na pensão, nem na estufa, nem na sua loja preferida do bairro das flores. Na sua carruagem puxada por cavalos, a Sr.^a Jamison pôs uma manta – para proteger de um frio que se agravava – no colo de Mary. Maria.

Encontraram-no numa cama do Hospital de St. Luke, gerido pelos episcopalianos da Rua 54, e a Sr.^a Jamison postou-se junto de Maria quando ela gritou: «Pai!» Só não temeu que ele tivesse ido para a Cidade Silenciosa porque lhe viu o tubo no braço. A Sr.^a Jamison deu umas palmadinhas nas costas de Maria-Mary e pediu licença para ir procurar um médico e indagar o estado de Augusto.

– Pai, pai, estou aqui – sussurrou ela.

Pestanejando, ele abriu os olhos e murmurou que um homem o encontrara desmaiado de desidratação no passeio e o levara para ali.

– Se eu tivesse bebido mais água, não te teria estragado a noite.

– Eu tomo conta de si, *daddy* – disse ela, como uma rapariga americana.
– A Sr.^a Jamison deu-me um alfinete com uma rosa e as pessoas aplaudiram-me.

– Tu és a Minha Mais-Que-Tudo, minha princesa, minha filha.

– Que Deus o abençoe e o faça um santo muiiiiito grande, boa noite, durma bem – disse ela, a primeira bênção noturna portuguesa que proferia, retribuindo a benesse por todas as que recebera na infância. Pediu uma cama de apoio para pernoitar junto dele.

A Sr.^a Jamison, que conseguia sempre o que queria – que modelo de determinação ela era! – ajudou-a a garantir que isso acontecia. De noite, Mary pousou a mão nas costas dele, para lhe medir o ar que respirava e confirmar que estava vivo. Gosto tanto de si. É a minha vez de cuidar de si. Vamos sempre recordar-nos de que foi nesta cidade que, em tão pouco tempo, cresci e me tornei adulta.

Ela imaginara-se a envelhecer na Nova Iorque rubi e tangerina, mas o médico sugeriu que o pai precisava de ar livre para respirar adequadamente e isso significava uma terra com um jardim aos cuidados dele. Myrtle Jamison não só compreendeu, como disse com firmeza: «Voltarás um dia, Mary Freitas, e o Lawrence, eu e os meninos aqui estaremos para te acolher, e tu convidar-nos-ás para a galeria onde terás os teus quadros expostos.»

A Sociedade Presbiteriana ajudou Mary a contactar as comunidades do Illinois e a arranjar um cargo para Augusto Pereira Vaz Gato de Freitas numa propriedade que necessitava urgentemente do talento dele, graças à sua coragem inesquecível em prol dos convertidos. Poderia poupar o suficiente para comprar uma terra perto do sítio onde os madeirenses se concentravam naquela nação colossal. Mary aceitou um dinheiro extra da Sr.^a Jamison, «para eu poder dizer que fui a tua primeira benfeitora, minha querida».

Quando ele protestou que sabia que Maria-Cat adorava Nova Iorque, ela contrapôs que gostava muito mais dele. Escavaram à volta da base da planta milagrosa sobrevivente, onde as raízes e filamentos finos como cabelos lutavam para perdurarem. Mary sussurrou em português: «Anda», uma palavra que significa «caminha», mas também muitas ações que envolvem um movimento em frente.

Quando a esteira do navio já lançava espuma, o coração de Mary estalou e abriu fissuras com uma adoração permanente a Nova Iorque.

– Ouvi dizer que no Illinois faz muito frio – disse ela.

O convés inclinou-se e os edifícios encolheram. E mais para oeste, em frente, havia ouro, ouro arrancado de fendas. Segundo a Sr.^a Jamison, o sítio para onde iam era extremamente plano. Talvez os ventos de lá fossem como cortinas que sopravam até à Califórnia e mergulhavam no Pacífico, para onde o ouro fugira em regatos, e depois as cortinas feitas de ventos sopravam de volta para o centro do país, salpicando de ouro a cabeça de toda a gente.

– Sou um sortudo. Aposto que não há cá muitos trabalhadores que saibam cultivar ananases – disse Edward Moore, escovando a parte da frente da camisa como se as suas palavras lhe tivessem caído sobre o peito.

Mary interpretou-o, sem indelicadeza, como um gesto de nervosismo. Estavam na estufa dele. Nunca – em parte alguma – ela vira uma estufa particular tão invulgarmente grande. Abrangia um quarteirão inteiro de Springfield e a propriedade em si consistia de três lotes unidos num só. O cabelo dele, louro, conservava os sulcos abertos por um pente molhado, o que lhe dava o ar de quem decidira domar-se a si próprio. Edward provara ananases havaianos durante a sua vida no Oeste e, agora, frondosos topos de ananases boiavam num balde, cortes de uma remessa ferroviária. Observando o pai de Mary a familiarizar-se com as flores, os rebentos e os legumes que esperavam para ser postos na terra, Edward disse:

– Que pai tão caloroso. Um dia, contar-lhe-ei porque invejo a vossa proximidade.

Ela comentou que sim, o pai e ela eram gémeos e, como os madeirenses eram peritos em ananases, seria uma honra para eles cultivarem alguns. Mary sentia uma profunda dívida de gratidão. Fariam daquela estufa o seu espaço.

– Ele está muito grato pelo emprego e por nos deixar cultivar o nosso transplante, Sr. Moore. – A animação dela também se devia, em grande parte, à chegada numa carroça da baga milagrosa sobrevivente, ainda a dar rebentos apesar de exasperação com o constante desenraizar.

– Trate-me por Edward. Ou Ward. Somos todos transplantes, uma vez que sou de São Francisco. – Só estava no Illinois há seis meses. A sua piada fê-la sorrir e, a ele, corar. Coitado do homem; era tão pálido que dificilmente conseguiria esconder qualquer embaraço, por menor que fosse. – Espero cultivar ainda mais ananases na minha terra na Florida.

De quantas propriedades precisava um homem? Ela só queria aquele reino seguro para si e para o pai, uma versão americana do que em tempos tiveram. Edward já ia nos vinte e muitos anos, mas faltava-lhe uma mulher. Toda a gente estava presa dentro de um invólucro chamado corpo, mas o dele parecia pesar-lhe, e ela refreou a vontade de o picar como se fosse o irmão que, de repente, desejou ter.

– Porque é que não vai para lá agora? – perguntou ela.

– Vem aí a guerra. A Florida fica no Sul. Estou a pensar no futuro.

Duas vezes por semana, Edward Moore – Ward – apanhava o comboio para oeste, rumo ao Illinois College, em Jacksonville, onde dava aulas sobre botânica, um sítio fértil para ouvir notícias do mundo. Ela não sabia nada acerca de uma guerra iminente.

Ele mencionou que era especialista em enxertos.

– Quer ver? – perguntou ele e, chamando o pai de Mary, conduziu-os a um rebento de rosa *Lady Banks* amarela, presa com cordel a um exemplar de *Beau Narcisse*. – Gostava de criar uma espécie sem espinhos – declarou ele, e o pai, analisando o ponto onde os cortes na diagonal cauterizavam juntos,

murmurou:

– Está bem feito. – Valia a pena tentar, uma vez que uma *Lady Banks* e uma variedade *gallica* tinham menos espinhos e espinhos mais finos.

– A fama e a fortuna aguardam o inventor de uma rosa sem espinhos – disse Edward, empolgado, e depois envergonhado, como se tivesse maculado um ato de criação ao evocar dinheiro. Esticando as mãos com as palmas para baixo, como um menino apresentando-as para serem inspecionadas, acrescentou: – As unhas de um agricultor ou de um jardineiro são examinadas quando ele estiver no caixão para ver se têm terra, para que os enlutados possam dizer: «Olhem, morreu feliz.» – Deu-lhes um sorriso desesperado. – Infelizmente, eu gosto de plantas quase só na teoria. Apesar de fazer experiências com enxertos. Como podem ver: mãos limpas. Augusto, August, desconfio de que neste caso sairá vencedor.

O pai gostou daquele recinto que organizaria até se tornar harmonioso, e gostou de Edward. Um sistema nervoso português significava sofrer de ansiedade ou empatizar com ela. Alinhando na brincadeira, mostrou o rebordo de sujidade que lhe marcava as unhas, como o *kohl* que delineava os olhos de alguns animais ou as tatuagens dos xamãs.

– Eu morro feliz, senhor Moore.

Mary riu-se e Edward, também. Ao contrário dos Hamms, absolutamente imperdoáveis, o seu novo patrão confirmou o pai de Mary como o mestre. O pai deixou-os para ir tirar detritos de ramos, uma vez que metade do trabalho de jardinagem é limpar as coisas mortas. A sós com Edward, ela cravou os olhos nos seus sapatos de jardinagem.

– Espero que considere a cabana aceitável – disse ele.

– Achamos o clima mais frio do que é bom – murmurou ela, com o inglês a falhar-lhe, mas Ward ignorou os erros e assentiu.

– Estamos em dezembro – disse –, mas concordo, Mary. Chamam-me estoico, mas o meu sangue não aguenta o frio, por eu ter nascido na Califórnia.

Ela não fazia ideia do que significava «estoico».

– Estou preocupada com o meu pai – disse de chofre. – Está tanto frio, ele tem tanto frio. Tem um casaco, por favor? Um casaco para ele.

– Tenho. Venha comigo.

O ar inverniço fazia-lhe lembrar picadas de alforreca. Seguiu-se uma pequena farsa por ela não saber se devia caminhar ao lado dele: afigurava-se-lhe demasiado amigável, e ele era alto como um pé de milho com cabelo amarelo, e falar com ele obrigava-o a inclinar-se de uma maneira que a fazia recuar, e a neve abrandava toda a operação. Quando ela escorregou, Edward ofereceu-lhe o cotovelo e disse:

– Segure-se. Ao meu braço. Parece-me que será necessário.

Ela assim fez. Ele avisou-a de que precisava de umas botas adequadas e que lhas compraria.

Uma aldraba em forma de cabeça de leão guardava a casa dele, branca e

com dois pisos. O que a deteve, nessa primeira vez numa moradia tão imperial que ela se perguntou se seria possível uma pessoa perder-se no interior – quem consegue imaginar uma casa onde alguém se perca? –, foi o papel de parede numa sala inteira votada às refeições. Era branco com pintas brancas em relevo, e ela aproximou-se e deslizou as mãos – não era capaz de parar, não era capaz de se conter – pelas pintas, como os cegos leem braille, e exalou:

– Crisântemos.

– Tem bom olho – disse Edward.

Mas o coração dela detetou o padrão de crisântemos antes de a vista o ter identificado, era o seu coração que tinha esse dom. Aquele pontilhismo como pele arrepiada constituía uma nova espécie de iguaria, aquilo afigurou-se-lhe notável na América, que era enorme e tempestuosa, mas, ao mesmo tempo, aconchegada com inúmeros fiapos, sussurros e pormenores que passariam despercebidos se uma pessoa não perscrutasse com atenção. E havia uma biblioteca. Vitruvianas à altura da cintura exibiam flores de vidro, com os seus nomes em latim escritos em cartões numa caligrafia desbotada até parecer cor de mel. Um corvo estava empoleirado numa estante com tomos protegidos por portas de vidro debruadas a ouro, as chaves com borlas nas fechaduras.

– Há uma história – explicou Edward – por trás desse pássaro empalhado e, um dia, conto-lha, embora ela não me dê uma imagem muito favorável. Posso emprestar-lhe os livros que quiser. São quase todos sobre botânica.

– Oh, obrigada! Obrigada, Edward!

O entusiasmo efervescente dela apanhou-o desprevenido e disse:

– Vou buscar o casaco, então.

Quando ele lhe mostrou o casaco de peles fulvas, por um instante ela mergulhou o rosto nele, porque a sua espessura era tão acolhedora. Edward insistiu em acompanhá-la de volta e o passo de ambos era instável, com ela a segurar-se ao braço dele, e foi um alívio despedirem-se.

O pai dormia profundamente debaixo de uma pilha de cobertores e o casaco enterrou-o ainda mais. A sua nova casa tinha uma mesa, uma pia, camas, lareira, pratos e toalhas. Havia revertido à vida numa casinha de campo e ao trabalho por conta de terceiros, só que o pai não parava de dizer que a América dispunha de espaço e potencial sem fim.

De madrugada, ela acordou com ele a tossir no exterior, envolto na sua pele de leão, para não a perturbar. Das suas bocas soltavam-se fantasmas no frio. Edward vertera xarope de ácer em neve fresca para endurecer e deixara um bilhete preso com uma pedra a explicar que era rebuçado para o pequeno-almoço. Ela ficou comovida por ele ter a inteligência de usar objetos para mostrar a sua generosidade, sabendo que as palavras e os modos poderiam falhar-lhe.



A baixa de Springfield era uma bandeja de lama e neve suja (de onde

vinham aqueles sulcos de ferrugem?), pejada de lixo, desalinhada, apinhada e maravilhosa. Aquele núcleo situava-se a norte de Aristocracy Hill, com os seus lotes estreitos e fundos, onde Edward Moore e a sua tribo endinheirada construíram propriedades ao estilo rural próximas do vórtice do comércio, uma cidade com a pradaria como orla que, então, se abria, ampla. Em frente ao Hotel Globe havia postes para prender os cavalos, que tiritavam. A bomba de água rangia no seu posto de sentinela, perto de passeios acolchoados pelo inverno, mas ainda assim martelados por botas (incluindo as novas que Edward oferecera a Mary). Um céu cor de ostra derramava-se sobre os edifícios, alguns com falsas fachadas, mas com todas as lojas a transbordarem de produtos, e sininhos nas portas a anunciarem os clientes, cantarolando: *Aqui estou eu!* Ela contou os escritórios de advogados, adivinhando a importância cardeal da Lei. Avançando aos escorregões com o pai, sentiu o cachecol colar-se-lhe com cuspo à cara. O seu gorro de lã tinha umas fitas rematadas com bolas luzindo o focinho, as orelhas e os bigodes de um gato. Quando o pai o vira na loja de Julian Barr, tivera de o comprar para lho oferecer.

A sua missão era ir buscar mais *Lady Banks* amarelas para continuarem a demanda de Edward de criar uma rosa sem espinhos. O viveiro abobadado assentava numa extensão cercada por arbustos de laranjeiras-de-osage, plantados para fazerem de sebes por serem *altos como cavalos, fortes como touros e maciços como porcos*. Os compradores examinavam plantas capazes de enfrentar o inverno. Estacas de *Lady Banks* envoltas em pano aguardavam na caixa registadora, e um rapaz disse:

– Senhor Freitas, ouvi dizer que o senhor é um génio.

O pai baixou a cabeça, discordou e entregou as moedas que Edward lhe dera.

O jovem mostrou a Mary um raminho de folhas pontiagudas e bagas vermelhas, um novo tipo de bagas vermelhas! Ela perguntou o que era.

– Azevinho, para o Natal. Pendura-se nas portas e quem estiver debaixo dele tem de receber um beijo. – Pendurou-o por cima da sua cabeça e, para espanto da própria Mary, ela deu-lhe um beijinho na bochecha. – É para dar sorte – explicou ele –, porque, na próxima semana, vou com uns amigos para oeste, à procura de ouro.

Algumas histórias de amor são assim, quase nem duram um minuto, mas a sua brevidade preserva-lhes a doçura.

Quando dobraram a última esquina antes de o bulício de Springfield dar lugar aos espaços mais amplos e aos casarões nos seus lotes de tamanho considerável, foram barrados por dois homens que saíam a cambalear de uma taberna. Brandindo uma garrafa, um deles disse:

– Vejam só este cavalheiro mexicano com a sua noiva bebé que é uma mexicana daquelas bem clarinhas.

Era desconcertante ver as pessoas a acelerarem o passo. O fogo inflamou-a, mas tinha de deixar que fosse o pai a guiá-los. Ele cochichou-lhe

em português:

– Não olhes para eles.

– Que lata, a falar mexicano – retorquiu o segundo homem. – Vocês perderam a guerra e eu matei gente da tua laia. Paga. – Esticou uma pata suja.

– Aposto que só tem dinheiro mexicano – disse o outro, levando a mão à cabeça de gato numa das fitas do gorro de Mary. O pai agarrou-lhe no pulso e fulminou-o com um olhar de aviso em cheio nas pupilas.

O homem recuou com as mãos no ar.

– Uma vez que se aproxima o nascimento de Nosso Senhor, avozinho mexicano, as minhas desculpas.

O pai apressou-a pela rua fora e eles apuparam-nos e um gritou:

– Volta quando te cansares de velhos, miúda!

Ela obrigou-se a manter a calma para que o pai parasse de tremer. Em casa, pegou no envelope que Edward encostara à porta com o salário de ambos e uma nota de balanço: «1 dólar por dia 6 dias, August Freitas; 50 cêntimos por dia 6 dias, Mary Freitas, bónus 1 dólar progresso ananases = 10 dólares.» Mas por baixo estava escrito: «Menos 2 dólares pelo casaco, primeira semana de 5 prestações.» Os dois salários juntos perfaziam oito dólares numa semana.

Ele começara a cobrar ao pai o casaco, mais uma coisa para estragar o dia em que ela descobrira o azevinho. Escondeu o bilhete e guardou os dólares no mealheiro. Myrtle Jamison avisara-a: «Um dólar ao dia é uma ótima quantia e tens de pedir esse salário, querida.» O Sr. e a Sr.^a Jamison pagavam-lhe um dólar a ela e dois ao pai por cada dia de trabalho.

Comiam pão com manteiga e tomate de estufa. Uma peça decorativa de Edward era uma placa com um lema gravado a fogo na madeira: um osso da sorte não te levará tão longe como uma coluna dorsal.

– O que é um osso da sorte, Cat? – perguntou o pai.

– Uma fúrcula, pai. – Arrancar o osso seco em forma de pinça de um frango e parti-lo com a esperança de ficar com o pedaço maior para que o seu desejo se realize: a superstição era universal. – Trabalhamos arduamente – continuou ela –, mas somos de uma raça de ossos da sorte em terra de colunas dorsais. – E eles desataram-se a rir, o tipo de riso nervoso depois de um susto.

Não lhe contaria que o dono de um lote triplo em Aristocracy Hill e de hectares na Florida lhe cobrara o uso de um casaco. O pai insistiu em gastar um dólar num mapa de São Francisco para oferecer ao Sr. Moore e deixou-o com um cartão no apêndice dele.

Edward andava a planear uma gala natalícia. Trabalhadores de capa carregaram provisões, caixotes com garrafas castanhas de cerveja e levaram galinhas a cacarejar, segurando-as pelas patas, e vários homens limpavam o tapete no salão dos Wards. As explosões de generosidade ajudavam Mary e o pai a fingir que nada ameaçador os atacara. No dia da festa, ela conheceu Perpétua Roderick, de olhos muito juntos e nariz de papagaio, que antes dava pelo apelido Rodrigues e vinha de uma família de alfaiates protestantes, e que

empregava uma energia de dervixe para arear as pratas. Mary compareceu com romãs de estufa, como o anfitrião pedira, e Perpétua cantarolou: «És uma das minhas!» e o abraço de ambas transformou-se numa dança. O antro da família de Perpétua em Springfield estava tão apinhado, que era difícil reter um pensamento mais do que um minuto! Ela ouvira falar de Maria Catarina Freitas e do seu pai santo do Jardim Botânico. Uma cozinheira guinchou: «Basta de tagarelice, miúda, e vai espremer laranjas!» Perpétua fez uma careta quando a cozinheira virou costas, deleitando Mary.

Homens empoleirados em escadotes penduraram grinaldas no teto do salão e trouxeram flores envasadas chamadas poinsetias, que pareciam de papel. Orientando a transformação, Edward apanhou-a a espreitar e disse:

– Preciso de si, Mary, se faz favor – e apontou para um caixote de ananases. – Eu não podia esperar pelos da estufa. Diga-me como servimos estes. Aproveito para lhe dizer que o mapa já foi emoldurado e pendurado no andar de cima. Obrigado.

Estaria ele a ser um nadinha seco em relação a um presente destinado a mitigar-lhe as saudades da sua terra, ou seria a maneira abrupta de reagir de americanos simpáticos e boas pessoas?

Os olhos dele, azul-claros e opacos, lembravam um pincel saturado de água antes de, com uma varredela, extrair azul de um bloco de cor. Ela explicou que se colocavam os ananases descascados num espeto para os grelhar e que, depois, eles eram envoltos em canela, cortados aos pedaços e servidos num prato. Repita: grelhar, envolver em canela e ir cortando pedaços até ao âmago.

– Eu tinha a certeza de que a Mary sabia o que fazer. – Deu-lhe um objeto pequenino embrulhado e vinho da Madeira. – A garrafa é para o seu pai e o presente é para si – disse ele. Ela agradeceu-lhe e preparava-se para expressar a sua preocupação por o vestido não ser suficientemente elegante para a festa, quando Edward acrescentou: – Vá descansar. A Mary e o seu pai merecem o descanso. As minhas desculpas se o barulho da festa não os deixar dormir. Normalmente diria até amanhã de manhã, mas o mais provável será vermo-nos só à tarde.

Um trabalhador chamou-o e Edward deixou-a. Mary levou o presente e o vinho que viajara desde a sua terra (veio-lhe à mente a expressão «é como levar bananas para a Madeira») para junto do pai, que engraxava os seus sapatos domingueiros. Pusera um pouco de cera no bigode e na barba.

– Não fomos convidados – disse ela.

Ele agarrou no pano manchado de pomada preta e fixou-a, e Mary repetiu a notícia em português e ele disse:

– O quê?

Ela desembulhou o seu presente (uma fita do cabelo, verde) e explicou que o vinho era para ele.

– Não é preciso ele saber que não bebemos, Cat-Cat – respondeu o pai. – Será que não percebeste mal, essa história da festa?

– Não, ele pediu desculpa se o barulho não nos deixar dormir.

Na mesa, estavam presentes da Sr.^a Jamison, cem meadas de fio de seda para Mary e cinco tipos de sementes de alface e um elegante lenço para o pai. Mary enviara-lhe um profuso agradecimento, juntamente com toalhas de mão com os respetivos monogramas, destinadas a Myrtle e Lawrence Jamison, a Teddy e às gémeas, Gemma e Clarisse.

Os condutores das carruagens partilhavam cachimbos e tentavam aquecer-se batendo com os pés, enquanto os cavalos relinchavam e sacudiam as cabeças com palas nos olhos, todos eles expostos ao frio enquanto durasse a festa. Os convidados bem-vestidos deslizavam como fantasmas na direção dos acordes de uma orquestra. Mary e o pai saíram duas vezes, como que esperando que Edward os procurasse, mas, quando beberrões às gargalhadas invadiram a estufa, o pai não foi capaz de ficar a ver. Uma pancada na porta e eis Perpétua estendendo-lhes um prato.

– Roubei isto para vocês – trinou.

Era leite congelado, raspado e com sabor a baunilha, e eles devoraram tudo até ao fim. Levaram cobertores para o exterior, onde as estrelas eram como nós no avesso de uma peça de cetim que Deus e todos os mortos alinhavavam; que obra estaria do outro lado? Perpétua fingiu que fumava um cigarro, exalando ar branco, e, para deleite de Mary, o pai imitou-a, pelo que ela fez o mesmo. Mas Perpétua não se podia demorar e, daí a pouco, afastou os cobertores e gritou: «A cozinheira vai-me matar!» Apertou o pescoço, divertindo-os com o som de estrangulamento, e voltou a correr para servir as pessoas na festa.

O pai ofereceu-se para desvendar o mapa do firmamento à filha. Olha para a Ursa Maior, e vê: ali é Cassiopeia, a *Rainha*, e Cisne, e a Estrela do Cão.

– Ainda tenho tanto para te ensinar e tão pouco tempo.

O sangue afluíu às terminações nervosas de Mary.

– Que quer dizer com isso, pai?

– Quero só dar nome às estrelas para tu saberes. – Baixinho: – Sou muito mais velho do que a maior parte dos tutores de uma pessoa perto dos vinte. – Ele envergava o casaco cor de leão, pelo qual Edward lhe cobrava dez dólares em prestações. – Devia ter deixado o meu emprego no Funchal mais cedo. Sê paciente, mas não finjas que não está a acontecer nada, quando está.

– Então, não vou fingir que o Edward é uma pessoa decente.

– Cat-Cat, ele é uma ótima pessoa. A maior parte dos homens usa a riqueza para dominar os outros, mas alguns usam-na para se isolarem. É assim que ele é, e eu compreendo esse desejo, e tu também. Ele é reservado, mas gosta claramente de ti. Devias confiar nele. Eu ficaria em paz sabendo que vivias numa casa tão elegante e protegida. Seria um êxito para ti, querida.

O terror oprimiu-a com tanta força que lhe escorreram lágrimas dos olhos.

Ela pediu a bênção noturna portuguesa quando se enfiou na cama.

Ouviram uns convidados a partir cedo e uns poucos cavalos a animarem-se.

– Adoro-o, pai – disse ela. Cristais de neve decoravam a janela. O gelo é como renda; é uma forma de água; não é assustador. – Adoro-o. Temos tanto pela frente.

– Feliz Natal, ou quase Natal – disse ele, suavemente. – A Minha Mais-Que-Tudo, a menina do meu coração.

Três dias depois do Natal, ela bateu à porta de Edward e, quando ele a abriu, ela disse de chofre:

– Trabalho doze horas por dia e o senhor paga-me uma miséria!

Ele convidou-a a entrar na sala de estar, onde ela gritou:

– Cobra um casaco ao meu pai? Ele ganha metade do que recebia a trabalhar para uma família de gente boa em Nova Iorque! Como é que podemos poupar, assim, e comprar uma casa? Nem sequer nos convida para a sua festa! Oferece vinho ao pai, mas ele não bebe, e eu recebo uma fita do cabelo como se fosse uma menina de escola, e... – Ela deixou-se cair num sofá. Queria parecer vigorosa, como a Sr.^a Jamison, e não petulante e juvenil.

Ward instalou-se numa cadeira, mantendo uma mesa de apoio entre eles.

– Tenho andado a escrever uma palestra para o Illinois College e... – disse ele.

– Não quero saber!

– O senhor Freitas e eu conversámos sobre o potencial dos frutos tropicais em estufas de clima frio e eu prometi mencionar o nome dele na minha palestra, Mary.

– Roubando os conhecimentos dele. – Um ecrã vermelho turvou-lhe a visão. O seu campo visual abarcou a sala grande, onde perduravam resquícios da decoração festiva.

– Vou referir o nome dele num artigo para uma revista. Quanto aos vossos salários, as mulheres ganham menos do que os homens, ou não ganham?, e as aptidões do senhor Freitas são... enfim, desconfio que concordará que são superiores às suas. – A expressão dele estava ruborizada, confusa como acontece com homens zelosos.

– Eu mereço um dólar e ele merece dois, no mínimo.

– Muito bem. Eu pago o que a Mary achar justo. Quanto ao casaco, ele insistiu que não queria caridade. O casaco era novo e eu comprei-o por cinquenta dólares, embora lhe tenha escondido o preço. E dei-lhe bónus por cultivar ananases. – Uma manápula abriu sulcos nos cabelos amarelos e Mary parou de morder o lábio. – Quanto à minha festa de Natal. – Aquela era a única altura do ano, já agora, em que ele honrava a sua fé católica indo à missa. Deixou que o seu olhar se cruzasse com o dela por uma fração de segundo. – As pessoas teriam pedido ao seu pai, ou a si, para lhes irem buscar bebidas. Vou ser ainda mais honesto e pedir-lhe desculpa. Ele é meu jardineiro. A Mary também. Neste mundo, não seria de bom tom incluir-vos a ambos nas festividades. Um mundo onde isso seja bem visto não existe em lado nenhum. Com certeza não é novidade para si.

Edward Moore não era uma pessoa disposta a mudar marés, mas poucas o eram.

– Pensei que o vinho da Madeira lhe desse um gostinho da vossa terra – prosseguiu ele, da mesma maneira que o seu pai e a Mary me deram uma coisa relacionada com São Francisco. A sua fita do cabelo foi uma tolice de última hora. O seu verdadeiro presente está no andar de cima. Estava hesitante em lho mostrar. Acompanha-me?

Ela ponderou escapular-se, mas ficou curiosa. Ele conduziu-a a uma sala com sofás estofados, um armário com coisas de costura e uma máquina *Singer* com um pedal de ferro forjado e uma tromba com agulha na ponta, a Rainha das Invenções. Ela não conseguia parar de lhe fazer festinhas como se fosse um gato.

– Não há espaço suficiente na vossa casa – disse ele –, por isso eu vou guardá-la aqui. Fica combinado entre nós que esta sala é sua. Apesar destes últimos minutos, considero a sua companhia muito agradável.

Ela envolveu-se numa protetora carapaça de ar. Um homem a alargar-lhe o caminho era um tipo novo de risco. Raramente sentira falta de uma mãe, mas ansiou por uma para a aconselhar enquanto convocava um sentimento de cautela em relação a uma pessoa que oferecia um presente tão assumidamente condicional, uma vez que continuava a ser dono do que oferecia. E, no entanto, perdoou-o pelo casaco, quem não o faria?, e sem grande contenda, duplicara o salário do pai e o seu. Edward torná-la-ia mais incisiva, mais dura, e ela murmurou:

– Obrigada pela máquina de costura, senhor Moore.

– A última coisa que eu quero é angustiá-la – disse ele, de jorro, sem perceber que a angustiava nesse momento. Ela precisava de uma mãe. – A máquina de costura é sua, se quiser levá-la consigo – concluiu ele. – Isto é, a sua presença aqui é bem-vinda, mas a máquina pertence-lhe, aconteça o que acontecer. Mas eu terei saudades suas, muitas, devo dizer, se resolver ir-se embora.

Ela respondeu – e isso foi uma fraqueza da sua parte – que tinham acabado de chegar.

Apanhou o pai a tossir sangue junto da experiência dos enxertos de rosa.

– Cat-Cat, não te ouvi entrar – disse ele, tentando tapar com os pés as manchas vermelhas na serradura. Estava desejoso de ver as flores silvestres que ouvira dizer que despontavam na pradaria na primavera, ainda a meses de distância, e acrescentou: – Vai ser como se a nossa coleção de cores nos encontrasse.

Só então ela se apercebeu de que, por ela, o pai tinha ido tão longe quanto a imaginação, a força, a carne, a fé e o talento – e a própria geografia – a podiam levar.



As folhas da sua planta milagrosa – a sobrevivente, agora um arbusto recém-

florido – brotaram com buracos do tamanho de alfinetadas, sinais de uma doença que nem ele conseguia identificar. Misturou óleo de amargoseira com água quente e, quando ela lhe implorou que descansasse – *Pai, por favor* –, ele disse:

– Não te preocupes, Cat-Cat. Vou salvar o rebento.

A planta de Mary já estava a perfurar-se de luto por ele, as folhas esburacadas imitavam a imagem que a atormentava dos pulmões dele. A que patamar de sofrimento corresponde a parte esmorecente em que uma pessoa ainda não desapareceu por completo, a fase que é como tentar transportar água com as mãos abertas?

Lado a lado, lavaram cada folha rendilhada e doente, uma a uma, devastada ou levemente atingida, por cima e por baixo, de madrugada, e novamente ao meio-dia, e deram-lhe uma dose de cuidado suficientemente forte para durar até cair a noite.

O médico de cabelos brancos da cidade informou-os de que os pulmões do pai estavam de facto a verter, mas o que o estava a matar eram os ramos calcificados, tumores de crescimento rápido, agarrados à coluna. Como o médico também tinha barbicha e modos amáveis, a sua palidez deu-lhe uma imagem antecipada do fantasma do pai.

– Tive uma vida perfeita – disse ele – porque tu constituís o centro dela, Cat-Cat. Agora, carregar-me-ás no centro da tua, minha querida.

Enquanto se esforçavam por salvar a planta dela, nesse dia, Mary soluçava e ele pousou o pano para a abraçar. *Lembra-te disto, deste preciso momento, em que ele ainda respira. Abençoa o ato de jardinagem, de semear, a maneira como incita a estarem juntos em silêncio, chama-lhe eterno.*



Quais eram as pequenas coisas – para toda a gente, são sempre as coisas mais ínfimas – que empurravam o coração de Mary para fora do peito, que o expulsavam da prisão das suas costelas? Era a imagem de Augusto Freitas a vestir fato e chapéu de cada vez que cuidava do seu transplante.

Ele tinha sempre o bigode aparado.

Uma vez, quando ele estava diante da chapa de lata que servia de espelho, ela tirou-lhe a tesourinha – em forma de garça – das mãos trémulas para ele não se magoar. O bico da garça cortou as pontas brancas por cima do lábio e ela disse:

– Agora estás lindo.

Aos quarenta e seis anos, ele teimara que a história de Mary não acabaria com ela a ser assassinada por uma tecelã de almas bebés. Ele terminaria aos sessenta e seis, pouco antes do seu aniversário em 1860, e quando ela estava quase a fazer vinte, um jardim do tempo, vedado, um canteiro.

A hora chegou na primeira semana de março, quando o pai sorriu e declarou:

– Estamos ambos de parabéns.

Os buracos nas folhas tinham fechado e o óleo polira a planta até ela reluzir. Brotaram bagas, aprimoradas para serem profusas.

– Agora vou descansar, Cat-Cat. Fazes-me uma tarte, por favor? – Ele estava desejoso daquela sobremesa. A palavra em inglês para tarte, *pie*, divertia-o, pois soava da mesma maneira que «pai» em português, e a sua vontade era que fosse coberta por uma grelha de massa, uma treliça comestível.

Quando bateu à porta de Edward e ele a deixou entrar, ela olhou para as duas malas.

– Não é boa altura para a deixar, Mary – disse ele –, mas tenho uma série de palestras na costa leste. Já estavam programadas há algum tempo. Um substituto dará as minhas aulas de Botânica durante umas semanas.

Um espigão de terror rasgou-a, como se aquele abandono fosse garantia de que o pai não sobreviveria à noite. Quando ela perguntou se podia usar o forno para fazer uma tarte, ele respondeu:

– Folgo em saber que o seu pai está em condições de comer uma comida tão rica.

– Ia-se embora sem nos avisar?

– Não, nada disso. – Para a conduzir na direção da cozinha, ele fez um gesto divertidamente exagerado, como se a convidasse para a pista de dança. Ela conteve um pico de raiva. Ele arranjará-lhes o médico; não poupará elogios ao pai. Mary estava contente por as visitas dele, uma vez ao dia, sem falha, não serem demoradas, e era capaz de imaginar a indecência da maior parte dos patrões para com uma pessoa que não duraria muito no emprego. A viagem de Edward fora marcada antes da doença do pai. Mas ela era assolada por um juízo de valor: *Foges por o meu pai estar a morrer*. Edward não conseguia esconder o alívio por ter uma desculpa para evitar um leito de morte. Quando ela esfregou a cara com as mãos, tentando lavar o conteúdo da sua mente, ele disse: – Acredite que lamento muito pelo seu pai.

Forçando-se a não desmoronar, ela perguntou:

– Não tem família? Pais. Irmãos, primos. Na Califórnia. – Teria ele alguma vez chorado a morte de alguém?

– O meu pai morreu há anos e não tenho contacto com a minha mãe e irmãos. O sentimento, ou falta dele, é recíproco, acredite que é.

Antes que ela pudesse perguntar porque é que ele escolhera o Illinois – parecia ter escolhido ao calhas um sítio próspero, enquanto o pai e ela tinham seguido o trilho dos madeirenses –, ele disse:

– Peçam o que for preciso da mercearia. Usem a minha conta. O seu pai insiste em cuidar da estufa e do quintal, mas não deixe que isso seja a sua principal preocupação. – Tirou um molho de chaves da cómoda. – Não hesite em chamar o médico às minhas custas e, por favor, sirva-se da casa.

Com medo de desatar a chorar, ela conseguiu agradecer-lhe. A irritação foi atenuada pela tomada de consciência de uma mostra de decência: *Ele tem noção de que nos abre a porta de casa, porque nunca soube o que é abrir*

completamente o coração.

Um homem de libré chegou para o levar à estação e carregou as malas.

– Deixe-me apresentar os meus cumprimentos ao seu pai – disse Edward.

O pai estava a podar o tomateiro-rosa na estufa e virou-se para ver Edward parado na entrada. Mary sentiu que pela mente do pai passou a certeza de que não voltaria a ver aquele homem, o seu benfeitor.

– Senhor Freitas – disse Edward. – Deixarei a Mary explicar-lhe o que se passa, mas tenho de me ausentar por uns tempos. Peço-lhe que descanse e que não se preocupe com nada.

– O senhor contratou-me para tratar destas tarefas e eu encarregar-me-ei delas enquanto puder – respondeu o pai, macilento, mas em paz. Apesar de ele só ali estar havia uns meses, a estufa estava cheia e transbordava de cor.

– O senhor é um artista, disso não há dúvidas. – Edward olhou para baixo e, depois, levantou a cabeça. – A Mary dir-lhe-á que eu espero que se mudem para minha casa. – Por vezes, a contenção é uma incubadora de eloquência, porque Edward concluiu: – Desejo-lhe muita calma e um milagre de saúde, senhor Freitas. Adeus.

No rés do chão da casa branca ficava o salão, o escritório-biblioteca, a cozinha, a sala de estar com a salinha anexa e o quarto principal, com colchas de tartan e uma cómoda do tamanho dos monstros que, na juventude de Mary, a espreitavam no escuro. Ela espreitou as roupas de Edward penduradas no armário, e as camisas e calças vazias perturbaram-na, como se homens se tivessem dissolvido dentro delas. No andar de cima, juntamente com o seu espaço de costura e uma casa de banho, uma série de divisões incluía um quarto de hóspedes com duas camas individuais. Ela fez muitas tartes, de maçã, mirtilo e cereja. O pai teimou em jardinar, esse maravilhoso ato de infundir vida a coisas tão frágeis.

Uma noite, ela acordou sobressaltada e deu pela falta dele, como se se tivesse libertado dos lençóis amarrotados e ascendido ao Céu. Depois de uns instantes de confusão, sem saber onde estava, Mary vestiu o robe e gritou:

– Pai?

Ele encontrava-se numa cadeira junto da janela da salinha, buscando um raio de luar para ler o livro de Edward sobre o cultivo de laranjeiras. Ela pousou a face no cocuruto dele e murmurou:

– O pai prometeu não me deixar.

– Desculpa. – Respirava a custo. – Não estou com dores, não muitas, querida. O senhor Moore aceitou confiar-te a estufa e o jardim. Eu pedi-lhe. Não é atencioso da parte dele?

– Não consigo.

– Quando aches que não te consegues mover, escuta e eu dir-te-ei para fazeres uma pequena coisa de cada vez. És filha de um rei. Consegues fazer tudo o que quiseses.

Banhado pelo luar, ele permitiu que ela não soubesse responder. De

manhã, uma camada de neve tardia derreteria e tudo ficava retido na boca salivante do mundo. Ele usou as tintas dela para pintalgar pedras lisas com vermelhos e rosas, acrescentando pintas pretas e tufo verdes para as transformar em morangos, e ela imitou-o. Puseram as pedras-morangos no quintal para anunciar uma primavera que ele não viveria tempo suficiente para ver.

– Olha – disse ele, e um pássaro precipitou-se para comer um morango, bateu com o bico e fugiu. – São os espantalhos mais bonitos que podes fazer – explicou, sorrindo. – É um velho truque de jardinagem. Tenho muito mais coisas para te ensinar.

– Arrependo-me de nunca ter visitado a Califórnia – disse ele. Estava estendido numa das camas do quarto de hóspedes e ela na outra.

– Vamos viajar até lá, pai. – Costumavam entreter-se com esse jogo quando ela era pequena.

E fecharam os olhos e voaram para as Sierras. O ar do Oeste era caramelo e laranja às camadas.

– Li algures que barcos com mastros altos entraram na baía de São Francisco e acabaram enterrados nas ruas – disse ela.

Na costa leste, em Nova Iorque, o céu era azul, cinzento e branco.

No Illinois, havia campos arejados de verde e amarelo tingidos pelo milho.

Porque não visitar pagodes chineses, e Itália, onde a sua mãe rebelde a concebera antes de ser confiada a Deus?

– Imaginei São Francisco, Nova Iorque, China e Itália – disse ela. – Diga-me para onde voou.

A escuridão era envolvente e aveludada.

– Eu fui a São Francisco – respondeu ele – para ver os barcos enterrados, mas depois só queria ficar aqui contigo.

No fim, o pai quis viver dentro da estufa, nas camas da sua casinha que arrastaram para lá. Os canos de aquecimento sibilavam como cobras.

– Achas que significa alguma coisa – perguntou ele – a palavra *exit* em inglês, «saída», ser tão próxima do nosso «êxito» em português? Pensamos que sucesso significa ir embora, que se encontra sempre onde não estamos.

– Acho que é só coincidência essa coisa das palavras, pai. Mas não sei. – Ela ajudou-o a engolir as borras de morfina.

– Anjo meu, este lugar vai além do que sonhei para ti.

– Sim, pai, está bem – respondeu ela. – Concordo. Descanse, sabendo que estarei aqui.

Na manhã seguinte, estremeçando, ele disse:

– Vamos para o ar livre, Cat.

Seria este o único milagre: ele conseguir franquear uma pequena distância, cambaleante. Ela ajudou-o por causa do peso da árvore que esticava os seus ramos nas costas dele e os estendia pelos braços e pernas. E ele sorriu! As plantas esforçavam-se por crescer, apesar da terra fria, cumprimentando-o antes da devida estação. Ela ajudou-o a sentar-se no solo, encostado a um carvalho. As plantas exalam uma teia diáfana constituída pela água que bebem e estavam de conluio para a expirar sobre ele, banhando-o de agradecimento.

– Assim está ótimo – disse ele, com as pálpebras a palpitem. Beijou o punho formado pela sua mão entrelaçada na da filha. O dia 29 de março ficaria indelevelmente gravado nos ossos dela. Ele convidara-a para assistir na derradeira margem, para que nenhuma das mortes vindouras, incluindo a dela, a assustasse muito.

– Sonhos cor-de-rosa, pai – disse ela. – Que Deus o abençoe e o faça um santo muuuiiito grande. Boa noite.

– Adoro-te. És a minha vida, Maria-Cat. Que assombro a vida tem sido.

– Também o adoro, papá – disse ela, perto dos morangos-espantalhos e das dedaleiras que lhe caberia a si desemaranhar. Conteve-se para não gritar, mas o seu grito foi sonoro: – Pai! O senhor é o meu único pai, o único. Sabe disso, não sabe? – Abanando as suas mãos entrelaçadas. – Pai, mãe, tudo. Só o senhor!

E, então, a derradeira palavra que ele proferiu:

– Sim.

– Espero que a casa tenha sido um pequeno consolo – disse Edward.

Deitada na sua cama ao lado da do pai, com os músculos soldados num só, ela não se virou para o olhar. Ele entrara em bicos dos pés na estufa, cheirando a semanas de viagem. Um cano de irrigação rebentara, pois uivava pelo pai dela, e Mary não o consertara.

– Mary?

– Vá-se embora.

– O emprego é seu, se o desejar. Comeu alguma coisa?

– Não.

O pai quisera ser enterrado na pradaria para saudar a estação das flores silvestres. Ela pediu ajuda ao médico para tratar das «disposições finais», como se dizia, mas o padre não permitiu que o pai fosse enterrado ao ar livre. Ela enfureceu-se com ele, mas o pai, num caixão de pinho, acabou por descansar no cemitério de Oak Ridge. Um ministro presbiteriano oficiara a cerimónia e Perpétua Roderick assistira.

– Pago-lhe o salário dele, dois dólares por dia. – Ward pousou uma mão

no ombro dela, mas Mary recusou-se a mexer-se. Tinha a testa coberta de sujidade, mas o braço estava demasiado pesado para a limpar. – É penoso vê-la neste estado – disse ele.

– Não.

– Não. Que significa isso? – Ele afastou-se.

Significa que sabes que me deixaste sozinha, usando as tuas obrigações como desculpa para não assistires à morte de uma pessoa, e eu nunca te perdoarei inteiramente.

– Estou destroçado pela morte do seu pai e destroçado por si.

Ela devia mudar-se para Nova Iorque e trabalhar para os Jamisons (e ser adotada por eles)... só que a sua *planta* estava ali e o *pai* estava ali, e ele dissera que aquele era o seu lugar de sucesso e segurança, e ela tinha pouco dinheiro e, *além disso*, não conseguia levantar os braços e as pernas.

– Diga-me o que fazer e eu faço. Quer que a deixe sossegada?

– Tem jeito para isso – murmurou ela.

Os passos que recuavam detiveram-se e o ar susteve a tentativa que ele fez para responder, mas não conseguiu dizer nada, limitou-se a levar-lhe uma tigela de canja que pousou ao lado da cama dela. Ela forçou-se a sentar-se. (Além do mais, estava esfomeada.) Ward agachou-se para a fitar nos olhos, o seu rosto bem-intencionado e atraente incomodando-a com a sua amabilidade tardia, despachado o requisito das grandes emoções.

– Eu deixo-a comer em paz – disse ele.

Ela acabou a sopa sozinha. Espreguiçando-se, deitada, soltou um uivo.

Acordou com uma almofada lavada debaixo da cabeça.

Na ocasião em que lhe ofereceu um lírio-do-bosque roxo, prensado e emoldurado, enquanto ela estava sentada no quintal, a olhar para uma hera que açambarcava o espaço, Ward abanou-lhe o cotovelo e disse:

– É para si.

Talvez ela não quisesse ouvi-lo falar da sua viagem e palestras, mas no Amherst College, no Massachusetts, ele conhecera Austin Dickinson, um advogado que assistira à sua conferência sobre «A Importância dos Jardins» e o convidara para jantar. A irmã de Austin, que vivia na casa ao lado, enviara-lhe uma das suas flores prensadas. Ward vira a ruiva Emily, à janela do primeiro andar, a baixar um cesto com o seu bolo de cacau caseiro para as crianças do bairro. Ela escrevia poesia.

– A Emily lembrou-me a Mary – disse ele. – Deixe-me ajudá-la a regressar ao mundo dos vivos. Apanhe umas romãs e leve-as à loja do Julian Barr, para as vender.

As pétalas do lírio, cobertas de veios, estavam dispostas numa tríade. Qualquer outra pessoa já a teria mandado embora por essa altura, friamente, uma rapariga solitária. Seria exagerado pensar que ele lhe devera corajosa assistência no leito de morte, porque ela não teria querido partilhar com ninguém a despedida do pai. Edward parecia ser o veículo através do qual o pai dizia a Mary para fazer uma pequena coisa para, em seguida, poder fazer

outra. Enquanto ela segurava com força na flor emoldurada, ele acrescentou que ela precisava da companhia de alguém que lhe servisse também de assistente.

– Vou pedir à Perpétua Roderick para se mudar para sua casa e a ajudar com o trabalho. A situação doméstica dela não é a melhor. A Mary ficará à frente da estufa e do jardim, e ela trabalhará por um dólar ao dia, enquanto a Mary receberá dois. Agora chega, Mary.

Aquele «chega» enfureceu-a outra vez. Ela esgotara o tempo que ele lhe dera para lidar com o sofrimento. Mas prometera ao pai continuar o que tinham começado e abraçou-se à prenda de Emily Dickinson.

Como não te consigo ver, és tudo, pai. És raios de luz, um caramanchão. Uma vez que não tens pernas, tenho de caminhar por ti. Os pássaros conversam sobre os teus morangos de pedra. Na Madeira, fazíamos saquetas de alfazema, e eu coserei saquinhos para guardar bagas milagrosas.

Perpétua Roderick sentou Mary na cama ao nascer do dia, lavou-lhe a cara com água da bomba e escovou-lhe o cabelo. Admirando as linhas oferecidas pela Sr.^a Jamison, Pet disse:

– Deves costurar a maior e melhor toalha de mesa de sempre. De sempre! Borda a história da tua vida como uma rapariga madeirense, Maria Catarina.

Conserta a mangueira de irrigação.

Poda os ramos da árvore de folha de cetim (da mesma família que a sua planta). Geme das piadas da Perpétua.

Perpétua ordena a Mary que pouse as mãos num lençol enorme de linho, como se tocasse piano, e dá-se a transformação. Vai-se o plano fugaz de bordar uma réplica do Jardim Botânico à escala. Eis a nova obra de uma nova vida.

Ela borda a imagem da planta de bagas vermelhas que a mantém no Illinois. Com linha, cria a imagem do pai.

Sopra um beijo. Deixa que os espíritos o apanhem.

O mundo é estranho.

Mas, tal como um livro, abre-se, restolhante.

O SABOR MAIS DOCE

MAIO DE 1860

Ela enfiou o seu gorro-gato na cabeça, rezando para que Julian Barr da Merceria Barr o reconhecesse como um antigo produto seu e comentasse que o pai dela lho comprara. Mas ele fitava-a com uma careta, a ela e a Perpétua. Usando a máquina *Singer*, Mary cosera umas saquetas com sete bagas milagrosas dentro de cada uma e escrevera as instruções em pedaços de papel. Em cima do balcão, estavam o conteúdo de uma saqueta e meio limão. Pelos corredores deslizavam clientes naquela valsa sonhadora típica de quem anda às compras.

O Sr. Barr, com um avental imaculado à cintura, que lhe dava a aparência de sacerdote-mor dos talhantes, fez uma carranca quando elas lhe ofereceram uma baga.

– E eu digo o quê às pessoas acerca disto? – perguntou, enervado.

– São ótimas para festas – explicou Mary. – As pessoas podem admirar-se por existir uma coisa assim. Fazem a comida rançosa saber melhor. Pague-me três centimos a saqueta e pode vendê-las por cinco.

Segurando no papel com as instruções, ele leu em voz alta, como se fosse uma cantilena:

– «Depois masticam uma coisa rançosa ou azeda.» O que é que significa «masticam»? De onde é que vocês as duas são?

Ela ia precisar da ajuda de Edward para escrever. Como Mary esperava vender *kits* completos no futuro, ele comprara limoeiros a pedido dela, embora ela ainda não lhe tivesse revelado o segredo das suas plantas.

– Somos de Aristocracy Hill, senhor Barr. – Faz o pequeno gesto de enfrentar a careta dele. Mary podia tentar outras lojas, mas além de aquela ser a preferida do pai, Julian era conhecido pelo seu elevado volume de vendas. Era uma maneira de se juntar ao mundo, mas de se esconder. As bagas seguiriam o seu caminho em nome dela, uma pequena empresa.

– Ela também? – Apontou com o queixo para Pet, a quem chamavam

berbere e árabe, mas que se ria tão destemida dos tolos que Mary temia por ela. Pet ripostou:

– Prove-a. Tem medo?

Quando Julian comeu a baga e mastigou o limão que Mary lhe deu, as suas sobranceiras arquearam-se de um salto.

– Um *penny* a saqueta.

– Isso não é justo – disse Perpétua.

– Não preciso de bruxas negras a dizerem-me o que é justo. Isto é feitiçaria.

– Sim, somos bruxas! – Perpétua ergueu as mãos e saracoteou-se.

– Saiam imediatamente da minha loja! – gritou o Sr. Barr, e Mary conduziu Perpétua, rindo às gargalhadas, para a saída, enquanto um casal mais velho aparecia do nada, a perguntar se ele precisava de alguma coisa. Springfield pululava de mulheres da noite e vendedores de banha da cobra.

Mary costurava quando Ward estava no Illinois College e abandonava a casa antes de ele voltar. Enquanto pensava na inutilidade de empilhar saquetas cosidas com frutos a mirrarem, a porta da rua abriu-se e ela sentiu-se estranhamente encurralada. Ele ficou espantado ao vê-la sentada à máquina *Singer*, e ela pediu desculpa pela sua falta de noção do tempo.

– Apanhei um comboio mais cedo – respondeu ele. Apontando para a pasta, deixou cair a cabeça como se dormisse e zumbiu: – Ensaaios sobre a genética do trigo. – Como ela se riu, ele acrescentou: – Não lamente o facto de aqui estar.

Estava mais do que na hora de revelar as qualidades da sua colheita. Convidou Ward a saborear uma baga milagrosa na estufa e ficou expectante quando lhe entregou uma rodela de limão. Ele pousou a casca roída numa sementeira, referiu que as propriedades químicas tinham escapado à sua pesquisa e, ao invés de uma sonora exclamação, disse:

– Tenciona vender isto, não tenciona? Eu posso ajudar.

– Sim. Mas o senhor Barr não gostou. – Porque é que ele não estava mais entusiasmado? Ela esperava... o quê? Saltos de felicidade? Uma vez, ela partilhara a lenda açoriana do pastor de olhos azuis que não pudera casar com uma princesa de olhos verdes, que chorara até formar um lago verde e se afogara, e as lágrimas dele causaram uma inundação azul em que ele perdeu a vida, mas ganhou também a alegria eterna, com os lagos para sempre lado a lado, azul e verde. Edward contivera-se para não dizer que era uma história ridícula, mas comentara: «Em vez de se afogarem de mágoa, porque é que não fugiram juntos?»

– Dá uma ponta de prazer, esta fruta, mas para que serve?

Ela mudou de posição.

– Precisamente para dar uma ponta de prazer. – Ela nunca tinha ouvido a expressão «uma ponta de prazer». Acrescentou: – Torna comestíveis as coisas rançosas, o que é útil. As crianças comeriam coisas de que não gostam, mas que são benéficas para elas.

– Vou pensar no assunto – retorquiu ele, girando sobre os calcanhares como se os ensaios dos alunos sobre trigo o tivessem convocado com urgência.

Várias noites depois, ele convidou-a para jantar em sua casa. Seria a solidão dela que fazia com que toda a gente lhe parecesse ameaçadora ou irreal? Vinham visitas à propriedade e lufadas de riso, riso feminino, riso masculino, sopravam ao ritmo do vaivém de convidados. O pai disse-lhe para fazer a pequena coisa que era deslocar-se à residência de Edward Moore. Em cima de uma mesa iluminada por velas de cera de abelha, estava um pudim de farinha de milho e mel, e uma empada de peru.

– Li sobre a Madeira, a gastronomia, mas não confio no peixe do Illinois, nem sequer de rio – explicou ele, distribuindo os pratos. Que homem alguma vez fizera isto por ela? – Comprei bananas para a sobremesa. Fritas com canela, uma variação do que me ensinou.

– Nunca conheci um homem que cozinhasse.

– Eu detestaria os olhares de pena que receberia, se jantasse todas as noites num restaurante.

Meio a brincar, ela respondeu:

– É uma pena que não haja mais homens que saibam ser boas esposas. Uma pessoa que era como uma tia para mim, na Madeira, costumava dizer isso.

Ela ficou estupefacta quando ele redarguiu:

– Estive noivo de uma mulher na Califórnia, mas a Rose era judia e as duas famílias estavam contra nós. Ela não gostava de cozinhar, por isso estudei um pouco de artes culinárias.

Fala, diz alguma coisa.

– Lamento muito. – Tentou ler a dor por baixo do rosto contido, mas a pele dele deslocou-se de maneira a submergi-la.

– Perguntou-me pelo meu passado e creio que lhe posso dizer que tenho conhecimento em primeira mão de idiotices baseadas na religião, tal como a Mary.

– Edward. – Pareceu-lhe uma amabilidade insuficiente pronunciar o nome dele.

– Coma a empada antes que arrefeça. Não vale a pena agarrarmo-nos a histórias passadas. Tenho uma proposta para si. – Bebeu uns goles de cerveja antes de tossir a frase: – O que eu queria dizer é que tenciono investir na sua colheita. Há potencial num artigo que não se encontra em mais lado nenhum. Considero as mulheres capazes de gerir um negócio. O seu pai aprovaria a ideia. Bagas tropicais não vão crescer aqui para sempre e muito menos em abundância, mas, se bem se lembra, tenho terras na Florida. Devíamos cultivar uma estirpe mais duradoura. Depreendo que a potência esmorece pouco tempo depois de as bagas serem colhidas.

– É verdade. – Ela ainda estava zozza por causa de Rose e via-se-lhe estampado no rosto, porque Edward pousou os talheres e disse:

– Não ando por aí a exibir os meus sentimentos, Mary, isso não quer dizer que não os tenha. Podia aprender consigo a ser mais... não sei. Emotivo. Posso ter a ousadia de sugerir que podia ensinar-lhe a ser menos impetuosa? Não, retiro o que disse. Faz parte de quem a Mary é. Mas podia afirmar-se na vida com planos maiores. Podemos fazer experiências com a sua planta, tentar desidratá-la para ver se é a melhor forma de a transportar. A empada de peru está boa? – Ele não conseguia encarar o olhar fixo dela. – Uso banha em vez de manteiga.

– Banha, que bom. Eu não quero mudar-me para a Florida.

– Era capaz de gostar mais do clima de lá. Pensar em grande significa tentar também novas coisas. E perceber que não tem de fazer tudo sozinha. A Mary pode... eu posso... contratar trabalhadores. Investimos numa quinta, arranjamos distribuidores, pessoas que conhecem os caminhos de ferro. A Mary levou as bagas ao Julian e quer fazer alguma coisa com o que trouxe para cá. Eu ajudo-a.

Procurando as palavras, atrapalhada, ela perguntou porque é que ele o faria. O olhar dele envolveu um leve abanar de cabeça. Ignorando a pergunta, disse:

– Perguntou-se porque é que estou no Illinois. Afastar-me do meu clã depois da rutura do meu noivado foi um motivo. Mas a resposta que geralmente dou é que a pradaria tem poucas árvores, portanto limpar terrenos para construir casas quase duplica o valor dos lotes da noite para o dia. Prefiro enterrar dinheiro nos sítios onde ele dará frutos.

Serviu as rodelas de banana fritas em canela. Ela pediu água e ele encheu-lhe um copo com o jarro. Ainda estava fria do poço.

– O meu pai era um génio da especulação imobiliária – prosseguiu ele –, mas começou a vender títulos de propriedade de lotes sem valor nenhum a mais do que um investidor da costa leste ao mesmo tempo. Muito poucos apareciam, limitavam-se a vender as terras de seguida. Mas dois investidores apareceram, um dia, e descobriram que partilhavam uma parcela de areia, e localizaram o meu pai e deram-lhe uma sova tão grande que ele morreu uma semana depois. Eu herdei a minha parte. Está a olhar para mim fazendo juízos de valor, mas a Mary também vive à conta de uma parte dos lucros fraudulentos. Ele ganhou ainda mais dinheiro de maneira legítima, plantando e colhendo sem desonestidade. A necessidade dele de defraudar é uma coisa que abomino e, por isso, pode confiar em mim.

Ele tinha os olhos vermelhos, de falta de sono ou de uma combustão interna que o fazia parecer o homem mais solitário à face da Terra.

– As bananas estão ótimas – disse ela.

– Demasiado espaçadas. – Ele sorriu quando ela sorriu. – Nós os dois temos muito em comum, o facto de estarmos sozinhos e virmos de outras terras. Embora a Mary tenha crescido com carinho. Quer saber o que os meus pais e irmãos faziam quando eu tinha seis anos? Eu fazia chichi na cama e a minha mãe pendurava os lençóis no quintal da frente. Quando cresci e isso

passou, os meus irmãos enfiavam-me a mão numa panela de água morna à noite para a minha maldição voltar. Isso foi só uma coisa. Eu gaguejava e era um alvo constante de troça. Quando o meu pai foi assassinado e eu tinha dinheiro, fugi para Princeton, para o sítio mais longe que me veio à cabeça, e o mais refinado que podia imaginar. Onde eu ser católico e o meu dinheiro provir de fontes grosseiras (pouco importa a maneira como os industrialistas ganham fortuna e não faço ideia de como é que souberam da vergonha da minha família) significaram que fui ainda mais objeto de escárnio. O modo como os católicos trataram os protestantes na sua terra foi simplesmente o inverso do que se passa neste país, porque as pessoas precisam de ódios para viverem.

A última rodela de banana começava a formar uma película seca no prato dela, um olho revestido.

– Uma vez, embebedei-me em Princeton e não parava de murmurar variações de «nunca mais» e «jamais», por isso deram-me um corvo empalhado, para eu não me esquecer da humilhação. Guardo-o no meu escritório como lembrete da maneira como as pessoas tratam quem tem vontade de ser melhor. Estou solidário com a sua luta, Mary.

– Disse que a história do pássaro indicava que havia alguma coisa de mal em si, mas os outros alunos é que foram cruéis. Não entendo, a relação entre um pássaro e o nunca mais.

– É de um poema. Não importa. Não importa, nunca mais. Creio que disse que o pássaro encarnava uma história que me mostrava a uma luz que não era a mais favorável. Esqueça. Vamos fazer da sua colheita um negócio lucrativo e deixar o seu pai ainda mais orgulhoso de si. A minha ideia era recuperar o meu investimento e ficar só com uma percentagem mínima dos lucros. O resto é seu. – Enquanto levantava a mesa, comentou: – Eu pago-lhe o que lhe é devido, se decidir ir-se embora. – Abruptamente, como se tivesse amuado, acrescentou: – Obrigado por este belo serão. Eu acompanho-a à porta.

Mas voltou a chamá-la várias vezes para jantar, com os planos para a plantação dela a envolverem números e ideias que a entusiasmavam, mas a cansavam, como uma vaga gigantesca a despenhar-se sobre uma pessoa que preferia simplesmente chapinhar no mar. Uma noite, ele disse:

– Começa a haver falatório. Sobre a Mary ser uma mulher e viver na minha propriedade. Talvez tenha de se mudar para a pensão feminina da cidade.

Ela ficou calada enquanto o seu rosto se esvaía de tudo.

– É insuportável estar na sua presença! – exclamou ele, inesperadamente. – Não, não era isso que eu queria dizer. – Abriu uma gaveta da cómoda e pôs uma caixinha diante dela.

Um anel de platina com uma fiada de diamantes estava aninhado na ranhura de veludo. Sem saber o que se esperava dela, Mary fechou a caixa.

– Mary – disse ele. Os bifes exsudavam gotas cor-de-rosa. – O seu pai

deu-me a bênção. Quando lhe perguntei. Honrarei o compromisso de ser seu parceiro de negócios, seja qual for a sua decisão, espero ser capaz disso, mas gostava de lhe perguntar também se não quer fazer de mim um homem feliz. Eu daria o meu melhor para a fazer feliz. Sei que não me ama, não propriamente... não, não negue a verdade. Mas podíamos fazer com que resultasse.

– Não sei que diga, Ward.

– Eu não devia ter dito nada sobre a Mary mudar de casa, pareceu uma ameaça, ou se casa comigo ou se vai embora. Pode cá ficar. Mas as pessoas falam. Eu tenho de viver nesta cidade e a Mary também.

Quem eram aquelas «pessoas»? Depois de lhe agradecer o jantar e o novo armário para secar bagas e testar a duração da sua potência, ela já ia à porta quando ele a apanhou, com o anel no estojo, e disse:

– Fique com ele, seja qual for a sua resposta. – A tristeza dele parecia colossal.

Ainda a incomodava que Perpétua Roderick dormisse na cama do seu pai. Quando Mary lhe mostrou o anel, Pet gritou:

– Não disseste que sim? Mary Freitas! Ficaste magoada por ele não saltar de alegria quando lhe falaste nas bagas e ele quer dar-te tudo, incluindo ele próprio, e tu hesitas? Volta lá antes que ele mude de ideias!

– Mas...

– Não fales comigo! – Pet virou-se impetuosamente na cama e ficou de frente para a parede.

Mary bateu ao de leve com a aldraba. Ele parecia pensativo, mas contente por a ver. Ela sussurrou:

– Está bem – e ele suspirou e disse:

– Tenho plena consciência de que sou dez anos mais velho que a Mary, mas estamos em sintonia, interligados em muitos sentidos.

– Tive medo que mudasse de ideias. – Perpétua exprimira essa ideia. Será que Mary não conseguia sequer identificar os seus próprios pensamentos?

– Não seria eu a mudar de ideias – retorquiu ele, baixinho. – Disso tenho a certeza. – Tirou o anel da caixa que ela segurava, enfiou-lho no dedo, beijou-lhe o bico que a linha do cabelo lhe desenhava na testa e disse: – Vamos organizar uma festa de noivado. Vais conhecer pessoas. Pessoas que não se importam que sejas estrangeira e que sejamos ambos católicos e que eu viva em Aristocracy Hill sem ser aristocrata. – A mão dela era muito pequenina, mas ele tivera a ideia de levar as luvas de jardinagem dela ao ourives. – Queria acertar à primeira. Ainda bem que o fiz.

O pormenor era comovente, pelo que ela respondeu, vacilando de confusão:

– E ainda bem que vamos ficar juntos –, e ele mergulhou numa mostra clara de carinho, declarando:

– Nem em sonhos eu te teria inventado, Mary – e desejou-lhe um sono

profundo.

No caminho de volta, o anel refulgia. As lágrimas formaram uma película sobre as córneas de Mary. Quem estava à espreita, que corujas espiavam quando ela entrava na casa de um homem? O que é que eu fiz, pai?; que devo eu fazer? Ela era de uma terra onde cada olhar abarcava algo com franjas ou pontas espetadas; ali, havia brancos densos e brancos transparentes e nada a que se agarrar. Nell Clark era uma presença simpática, umas portas mais abaixo, mas quem eram as outras pessoas que inundariam a casa de Edward? Mary tinha saudades do pai entre os cafeeiros e era capaz de soluçar até chapinhar num lago salgado. Queria invernos que permitissem passear-se de vestido fino. Ansiava por dispor crocos num paralelograma e salpicar as pálpebras com pó de lápis-lazúli, uma extravagância até para uma rainha. As homilias que afirmavam que os mexericos eram semelhantes ao assassinio – o assassinio da reputação de uma pessoa, uma faca espetada nas costas – fizeram-na tremer, não fosse o casamento ser sinónimo de desconhecidos em clima frio e os seus frios cochichos.

Não devia o amor assemelhar-se à fé e não a esperança e preocupação?

A primeira vez que saíram como noivos foi no final de maio. Deram as mãos na carruagem, a caminho de um concerto no Illinois College para apoiar o instituto vizinho destinado aos surdos. Embora ciente de que ele escolhera um evento que fugia ao olhar crítico da sociedade de Springfield, ela disse:

– Estou empolgada. Muito obrigada, Edward.

Mas os cavalos ficaram atolados num troço lamacento durante tanto tempo, que chegaram depois de a festa já ter começado.

Terá sido ao fim de meia hora naquele alvoroço que ela viu o nome dele num cartãozinho a indicar que inventara aquela coisa que parecia um búzio unido a um ouvido?

O cabelo dele era preto. Ele proferiu o antigo nome de Mary. Encaminhava-se para ela.

Ela estava fascinada. Ele já era alto em menino e crescera ainda mais. O corpo inteiro de John Alves concentrou-se-lhe no sorriso. Ali estava, oh, o espanto, vejam quem aqui está, ei-lo, quem diria. Ela deve ter corrido para ele, pareciam ímanes, ele levantou-a no ar, os pés dela desprenderam-se do chão, ele tinha força suficiente para isso e as pulsações do sangue dela sintonizaram-se o mais possível com as do sangue dele.

A peónia de tecido que Mary levava no casaco esmagou-se contra ele. John cheirava a casa, eles perceberam que se compreendiam mutuamente, e ele perguntou:

– O teu pai? – Percebeu: o pai dela partira. Ela assentiu com a cabeça, sim. O aventureiro encontrara-a, aquele rapaz que usava os sentidos e a arte para fazer o que lhe apetecia e estar onde queria, sem deixar que os outros o incomodassem.

Edward deu um passo em frente e estendeu-lhe a mão e ela disse:

– Este é o Edward Moore. O Ward.

– Noivo da Mary – acrescentou Edward. – Vivemos em Springfield.
– Ah. – Os olhos de John voaram para ela. – Foi muito amável terem vindo.

– Não custou nada – respondeu Edward. – Eu dou aulas no Illinois College duas vezes por semana. Botânica. Infelizmente, não chegámos a tempo do concerto.

– Os meus alunos foram uma maravilha – redarguiu John. – Conduzi um coro de alunos que usaram língua gestual. Botânica? Ah, é o teu tema, Mary, entendendo...

Ela sentiu a falta de paciência de Edward, enquanto John descrevia o seu trabalho à pressa e mencionava a sua Máquina do Som e a crença de que a mãe poderia dizer alguma mensagem de Deus para dentro da máquina, momento em que Edward o interrompeu:

– Desconfio que o Senhor fale tanto com a sua mãe como com qualquer outra pessoa, ou seja, nunca.

– Não – atalhou Mary –, toda a gente dizia que isso era verdade acerca dela, Edward – e, virando-se para John, concluiu: – Seria ótimo ter uma imagem daquilo em que as palavras dela se transformam. – *Nesse preciso instante, ela viu o pai dentro de si, juntamente com o seu sentimento de perda.*

– Temos de passar um cheque para apoiar a sua escola, John. E, Mary, é melhor irmos andando. O caminho de regresso é longo. John, você e a Mary deviam encontrar-se de futuro e pôr a conversa em dia. Dê-nos a sua morada, para o convidarmos para a nossa festa de noivado. Vai ser no dia 23 de junho.

Ela exclamara que tinham acabado de chegar. Mas o homem que tanto lhe dera, e lhe prometera mais ainda, conduziu-a para o pátio, onde o ar era denso e negro. John, seguindo-os, disse bem alto o nome dela ao ar livre e Mary acenou-lhe em gesto de despedida e Edward fez uma continência bem-disposta. Ela viu John a ver o lacaio estender as mãos, para Mary as usar como apoio para as solas dos seus sapatos cor de caramelo e subir para a carruagem. Edward ajudou-a a equilibrar-se ao entrar na luxuosa cabina destinada a transportá-los. Fios picaram-na como agulhas em todos os poros e adejavam, frenéticos como patas de anémoma. Que novidade tão grande sentir necessidade de... outro corpo, o melhor refúgio para lá do isolamento. A meio caminho de uma viagem sem lama, Ward contou que achava profundamente desconfortável o frio inóspito daquele estado, proclamando depois:

– Homens com grandes recursos na Europa estão a estudar a ciência do som em laboratórios. Ele acabará por o descobrir, a seu tempo.

—

Perpétua ouviu falar de uma noite de lanterna-mágica no Teatro Meline, em Jacksonville, que passaria imagens dos protestantes portugueses do Illinois. Ela e Mary passaram pelo Ruark para comprarem refrigerantes de amora e natas, pensando que ainda era cedo. Mas Pet anotara mal a hora do espetáculo e entraram a correr, atrasadas, no teatro à cunha. Numa projeção de luzes

coloridas numa parede, um pássaro tirava um menino de uma cadeia.

Mary cometeu o erro de se pôr à frente do projetor, no escuro, e a luz cobriu-lhe o tronco com a história básica da infância de John, e aquela imagem movia-se, movia a sua renda tingida no peito dela.

Ela levou a mão a esse ponto e, então, ele cobriu-lhe a mão.

O que canta o búzio depois de o corpo desaparecer

*Estavas sempre a tremer.
Tu e eu vimos de uma terra de calor.*

*Uma pessoa não pode deixar de pensar: as histórias antigas
são verdadeiras: a terra é plana. Cotovia-dos-prados, veados,
espinheiro & ameixa, zaburro, herdade, cereja silvestre, arado,
codorniz... aguçámos o nosso inglês. Aprendemos os nomes de
todas as coisas.*

*O olhar fica atordoado. Talharam as colinas nas terras para
vermos sem limites.
Meu amor...
Foste o meu novo país...*

PAI DE TODOS NÓS

1846-1860

Tremendo como um menino de banho tomado, com a pele a arder depois de um barbeiro lhe ter feito a barba meticulosamente e aplicado *after-shave* com umas palmadinhas na cara, John bateu à porta da casa amarela com portadas verdes na Rua Jackson com a Oito. Junho ia a meio e ele fizera vinte e dois anos no dia 11 de março. Apesar da euforia por ter ganhado um dólar num jogo improvisado de *blackjack* com um crupiê entediado no Wabash, estava nervoso de expectativa. Mary abriu o portal que dava acesso à casa mais louvada da terra e ele pisou uma carpete vermelha com flores brancas agrupadas em trios. Um lustre dourado resplandecia.

– Oh, John – disse ela, timidamente –, vieste.

Abençoada a Sr.^a Lincoln por gritar no andar de cima, enquanto Willie e Tad se portavam mal, dando a Mary e a John um motivo para sorrirem. Igualmente envergonhado, ele tirou o chapéu e respondeu, tolo:

– Sim, aqui estamos.

No sábado anterior fora tudo tão fácil, o encontro que ele sugerira num sítio neutro conhecido por ser cuidado por trabalhadores madeirenses. O anel de noivado dela tinha diamantes com veios azuis. Quando é que teriam a noção retumbante de estarem a desviar-se das suas vidas? De repente, ela bordava por encomenda aos sábados para aquela família, em vez de cuidar dos seus assuntos na propriedade do noivo. John passava geralmente os fins de semana a mexericar na Máquina do Som. *Fido* desceu a escada a correr, farejou-o e voltou a galope para o campo de batalha. John pegou num pano que Mary embelezara com cabanas de madeira em tons de amêndoa e murmurou:

– Quanta cegueira.

Os lábios dela entreabriram-se. Era um elogio madeirense evocar as costureiras que trabalhavam até ficarem com a vista destruída, toda uma capacidade física sacrificada em nome da beleza.

– Às vezes, doem-me os olhos e vejo a dobrar – disse ela.

Antes que John pudesse rugir que qualquer mal que a afetasse lhe era insuportável, conheceram Abraham Lincoln pela primeira vez, quando ele entrou em casa e se interrogou em voz alta se as duas visitas seriam estrelas dos palcos, uma vez que a sua aparência assim o indicava.

Mary apresentou-se e John gaguejou o seu nome, a sua corpulência reduzindo-se a uma altura mediana, quando recebeu o cumprimento de boas-vindas do Sr. Lincoln, que lhe apertou a mão com as duas, e anunciou:

– Precisamos de si em Washington – o equivalente verbal de andar aos tropeções como um desajeitado urso de circo. Mas Mary pôs um ar satisfeito e o Grande Homem parecia feito de borracha de modo a permitir infinitas configurações de sarcasmo quando respondeu:

– É uma pena que nem todos pensem dessa maneira, John Alves. É um prazer conhecê-lo.

Ele disse que era um prazer conhecer-me.

– Vou tratar do seu jardim, senhor Lincoln – disse John. As calças pretas e camisa creme de tecido grosseiro e mangas arregaçadas indicavam a sua prontidão para trabalhar.

– Sente-se um instante – urgiu o Sr. Lincoln. – Atiramos ossos de galinha para o cemitério nas traseiras e não têm pressa nenhuma em serem enterrados.

A Sr.^a Lincoln desceu as escadas a correr, ofegante do esforço, e insistiu que tomassem chá. Admirando a toalha de Mary, perguntou a John:

– Já viu alguma coisa tão delicada na vida, jovem?

Não, minha senhora. Nunca. Era como se o tivessem empurrado para debaixo de um sino martelado com força.

– Mary – começou o Sr. Lincoln –, quando nos visitar na capital, espero que nos dê a honra de nos levar mais labores seus.

Mary declarou que teria todo o gosto nisso e John quase desmaiou de orgulho, por ela, sem dúvida, mas também por ela encarnar toda a beleza da Madeira.

Quando entraram na sala de jantar e se prepararam para se instalar a uma distância respeitosa do seu proprietário, Abraham Lincoln insistiu que se aproximassem e John e Mary entreolharam-se. Na sua terra, era raro um trabalhador ser convidado a entrar numa casa britânica e ainda mais raro sugerirem-lhe que se sentasse à mesa principal. Estavam preparados para se sentar abaixo da linha do sal: abaixo do meio, onde o saleiro e o pimenteiro se erguiam como peças de xadrez a proteger a divisão crucial. Mas estavam a ser instados a aproximar-se de uma pessoa predestinada a chefiar o país. John afastou uma cadeira para Mary à direita da cabeceira da mesa e reivindicou para si o lugar à esquerda, enquanto Mary Todd Lincoln pegava na chaleira uivante. Do móvel das tartes saiu um bolo que ela cortou aos quadrados. John ficou estupefacto por ser *ela* a servi-los. O bolo era de baunilha com cobertura cor-de-rosa. Ele sabia, graças ao anterior emprego de Nica na fábrica Capps,

que os corantes fúcia para tecidos ou comida provinham de cochilhas, uma cor tão alegre de uma pulverização de insetos. Se contasse isso, será que todos se ririam? Mas a oportunidade passou, porque o Sr. Lincoln perguntou a John «a sua história». Como John ficou com a língua presa, Mary socorreu-o, dizendo:

– Quando era pequeno, o John foi preso com a mãe. Ela estava disposta a morrer por ter escolhido a fé presbiteriana. O meu pai católico liderou uma manifestação de protesto.

O Sr. Lincoln pediu-lhes para contarem «mais pormenores acerca das vossas origens», porque eram impressionantes. Mary descreveu o Jardim Botânico e John falou do reverendo Kalley – *Mary, o homem destinado a ser o Pai da Nação afirmou-nos, duas crianças sem pai, que as nossas histórias são impressionantes* – e queixou-se de Trinidad, com as suas doenças viscosas. Deus abençoe o Illinois.

– Mesmo com a lama e o gelo? – disse o Sr. Lincoln. – Muito bem. Que Deus abençoe o Illinois, com as suas ceroulas lamacentas e caminhos gelados. – A mulher repreendeu-o por ser «grosseiro». Ele referiu o seu processo em tribunal na defesa de William Dungey, de origem madeirense. – Chamavam-lhe Bill Negro, depois de uma disputa familiar em que o cunhado, Joseph Spencer, o acusou de ter sangue africano por causa da pele escura de Dungey.

John disse que depreendia que o apelido inicial de William fosse Domingues, transformado em Dumigues e, depois, em Dungey, e inquiriu sobre a natureza da disputa, com cuidado para não ir demasiado longe na necessidade de impressionar Mary com a sua facilidade em conversar acima da linha do sal com o Grande Homem.

– Talvez ele tenha deixado as botas sujas no apêndice de Spencer. Quanto mais chegada é a família, mais mesquinha a contenda – disse o Sr. Lincoln. Spencer difamou Dungey em toda a parte; se fosse considerado um homem de cor, Dungey podia perder tudo. Acusou Spencer de calúnia e pediu mil dólares de indemnização. Lincoln conseguiu-lhe seiscentos dólares, mas sugeriu que ele pagasse quatrocentos para convencer Spencer a retirar referências à raça que, por causa dele, tinham sido inscritas nos registos oficiais. Era desagradável que o simples facto de ser descendente da tribo de Cam, ou de ser descrito como pertencente a ela, necessitasse de defesa ou de uma negação. – Mas o Spencer tentou impedi-lo de ser proprietário de bens – disse o Sr. Lincoln – e eu tenho de dar a volta às leis existentes até que uma ordem moral superior obrigue à redação de leis melhores.

John decidiu confrontá-lo um pouco.

– Mas de certeza que uma ordem moral superior virá mais depressa, senhor Lincoln, se o senhor insistir, como fez o nosso reverendo Kalley, na igualdade imediata.

– Ajudei o Billy Fleurville, o meu barbeiro haitiano, a obter títulos de propriedade de lotes assinando em nome dele. Muitas vezes, criamos a mudança, John, da mesma maneira que água que bate em pedra dura.

Mary lançou um olhar a John, indicando-lhe que não só não se opunha a que ele falasse abertamente com o Grande Homem, como o admirava por isso. Mary Todd Lincoln acabou de comer o seu bolo com cobertura cor-de-rosa. Os meninos provavelmente já se tinham matado um ao outro e a *Fido*, porque um sossego absoluto reinava na casa.

– Contem-me mais coisas sobre serem refugiados – pediu o Sr. Lincoln.

– Aqui e em Nova Iorque – disse Mary –, fui tratada com bondade.

– A vossa comunidade representa um bloco eleitoral para os republicanos – comentou o Sr. Lincoln.

– Com todo o respeito – respondeu John –, o facto de sermos abolicionistas não foi o único motivo para a Sociedade Presbiteriana nos patrocinar. – (Teria Edward Moore autoconfiança para falar sobre política com o homem que se candidatava à presidência?)

O Sr. Lincoln fez a John a honra de ponderar a questão.

– É uma questão pertinente, mas a presença do vosso grupo ajuda-me, sem dúvida alguma.

– Como a Mary disse, eu gosto de pensar que foi a generosidade americana, acima de tudo, que nos deu casa e trabalho. – John tentou que o seu tom fosse cortês, mas não subserviente.

– As pessoas são magnânimas em tempos de abundância – disse o Sr. Lincoln. – O que não faz com que a caridade seja menos genuína. Mas é verdade que vocês contrabalançam o influxo de católicos e daquele triste bando de democratas adeptos da escravatura que nos chegam em barda do Sul. – As suas maçãs do rosto eram uma afirmação de força, com um rosto marinado em pensamento. Explicou a Mary que não queria desrespeitar a sua fé católica e ela respondeu que não levava a mal e, claro está, só podia sonhar com o direito de voto.

– Temos fama de ser bons trabalhadores, se pusermos de lado a ironia de eu estar aqui a partilhar da sua hospitalidade em vez de lhe limpar o jardim – acrescentou John.

O Sr. Lincoln riu-se! E a Sr.^a Lincoln também! Conversando, acabaram o chá e o bolo, a última ingestão das criaturas que sangravam fúcsia misturada com ovos, farinha e calor. Em breve, o país reivindicaria o Grande Homem, mas por um tempo – e, por conseguinte, para sempre – John e Mary tiveram-no só para si. John ascendera de uma cela de prisão numa aldeia pequenina numa ilha mínima a um dos dois mais altos lugares junto de uma pessoa prestes a tornar-se o homem mais importante do país mais importante. E esse momento de ascensão incluiria Mary para sempre.

Quando se detiveram no exterior, ela pousou a cabeça no ombro dele, e John levou a mão à têmpora dela, ao de leve. A sua batida cardíaca serpeou através dela e emergiu, regressando a ele, através da risca dos cabelos dela. A tarde pairou em equilíbrio, nada perigoso ainda dito ou feito. Eram tantas as peças que desafiavam a união: Edward, a estufa, a religião, uma escola famosa para os surdos perto dela, *o salário dele*. Ela mencionara o desejo do seu pai

de que ela permanecesse no conforto que encontrara. Sentia-se também desconcertada, e não fazia isso parte da dor?, por eles se decifraressem tão depressa um ao outro. Ela perguntou-lhe se recebera o convite para a sua festa de noivado.

Ele prometeu fazer os possíveis por ir, uma mentira descarada depois de um dia que, por muito maravilhoso que fosse, era um adiar da verdade. Uma sombra estava presa ao calcanhar dela e, aos olhos dele, parecia uma silhueta do pai, como se Augusto a habitasse a tal ponto que escorresse dela. John prestaria o seu respeito à campa do Sr. Freitas. Se as circunstâncias se tivessem conjugado de outra maneira, talvez John e não Edward tivesse recebido a bênção de um pai. Este dia, ao invés, era semelhante à excitação de aproximar demasiado a mão de uma vela acesa.

Quando se despediram – ele acompanhou-a à Rua 6 e observou, boquiaberto, mesmo à distância, a dimensão de tudo o que seria dela –, o olhar de ambos expressava a noção plena de que iam baixar as palmas das mãos para a chama.

GALA

JUNHO DE 1860

O primeiro choque de Mary foi a pontualidade dos convidados. Quando chegou à sua própria festa, já havia um magote de gente sob o teto do salão de Edward, com sancas diferenciadas como um bolo de casamento, pessoas que formavam redemoinhos com a capacidade inata de saber como se soltar e juntar a outro redemoinho. Os convites indicavam o início da festa às oito e todas elas deviam ter chegado... às oito! (Uma vez, no Funchal, Alberto e Edite tinham aparecido à meia-noite sob uma lua coberta de açúcar para um jantar marcado para as nove.) As mulheres pareciam presas dentro de balões encorpados, embora talvez só Mary o sentisse, num vestido cor de relva bem regada, com contas a formarem lírios, uma oferta (mais uma) de Edward. Perpétua apertara o espartilho para reduzir a cintura de Mary de pequenina a irreal. Apesar das súplicas de Mary, Pet recusou-se a assistir à festa, porque Edward não a convidara. De fato escuro e colete, ele conversava com um cavalheiro e fez sinal a Mary – *o seu quase marido* – de que iria ter com ela assim que conseguisse libertar-se da conversa de maneira educada. Ela aceitara casar-se com aquele homem que queria que ela percorresse uma pequena e definitiva distância desde o sítio onde dormia até casa dele e lá se instalasse. A casa dela? Em abril, fizera vinte anos, o pai escolhera o dia em que a recebera como seu aniversário, vinte e dois, um número que fazia lembrar dois cisnes a nadarem.

John chegaria daí a pouco... *que diabo lhe passara pela cabeça para o convidar?*

As pessoas examinavam o cartão de instruções que Ward colocara junto das bagas milagrosas e das rodela de limão na mesa do bufete, que também oferecia ponche romano, presunto e peru, tomate de estufa, uma salada de pepino e bolo de dióspiros. Os criados iam enchendo as travessas e trazendo mais bebidas. Ela reconheceu Philo Beers do jornal – um legislador e agricultor antes mesmo de nascer o Condado de Sangamon – e, depois de ele

experimentar uma baga e provar um limão, o seu rosto vetusto foi um incentivo para que outros o imitassem. Ward insistiu que essa noite era não só sobre o seu futuro casamento, mas também sobre uma colheita que precisava de ser amplamente discutida entre «os cidadãos locais de posses». Ela não merecia tanta generosidade. Ainda nem fazia uma hora, acalentara uma imagem de si debruçada na janela de um comboio com John, o país a passar veloz lá fora, os seus cabelos como uma bandeira rasgada ao vento, e ela divertida com os comentários dele, embora não se sentisse esperta o suficiente para os inventar na sua cabeça. Por muito grandes que fossem os recursos de Edward, John parecia fisicamente ligado ao mundo etéreo; graças a ele, ela conhecera o homem que seguramente ia ser *o Presidente*. Eles tinham sido convidados para ir a *Washington*!

Interrompendo o transe dela, uma mulher com um sinal sussurrou-lhe:

– Muito bem, cachopa. Foi rápida, a passar do nada a isto.

– Eu não vim do nada, minha senhora.

– Não é de cá e agora vai ser a senhora da casa. É só isso que estou a dizer. A sua tez está cheia de... como hei de descrever? Cheia de sol.

O pai explicou-lhe uma vez que os sinais são borrões propositados, para indicarem que uma pessoa é tão deslumbrante que precisa de um defeito.

No tapete viam-se cavaleiros em poses de caça. A vizinha ríspida que Mary reconheceu como Nell Clark apareceu e cantarolou:

– Saudações, Dottie! Já te apresentaste à Mary Freitas? Mary, esta é a Dorothea Willis. O marido dela é comerciante de carvão. Não vejo o George em lado nenhum, Dottie. – O camafeu ao pescoço de Nell apresentava um perfil de deusa num fundo coralino. – Talvez ele esteja a redigir as suas memórias. – Mais tarde, Nell confidenciaria que o marido de Dottie era um mulherengo e que mencionar a ausência dele atenuava, muitas vezes, a mordacidade de Dottie.

– Não, deixamos a escrita para ti, Nell.

Armando-se de alegria, Dottie explicou a Mary:

– A Nell escreveu um poema para a revista *Sangamon Journal* quando vocês apareceram por cá. Como é que era? «...aqueles exilados corajosos e destemidos, resgatados do seu vale de lágrimas.»

– O meu pai e eu não viemos na primeira leva de refugiados.

– Erro meu.

Nell apertou a mão de Mary e disse:

– A Dottie tem inveja da minha paixão pelas artes. Louvo quem se reinventa, e a Mary escolheu uma terra que o permite.

– O nosso anfitrião é o epítome da reinvenção – disse Dottie, apontando para Edward, quando ele foi emboscado por mais um bando de benquerentes.

– Mary, que segredos assombram a família dele em São Francisco? Pedi à Maud para os revelar e ela mostrou-se invulgarmente fechada. Depreendo que já tenha conhecido a Maud Dieterman.

– Não conheço ninguém com esse nome, minha senhora. – Mary nunca

traíra Ward e o seu passado atormentado junto daquela duquesa da pradaria.

– Com tanta gente a passear-se pelo mundo, em busca de fortuna, este país está a perder o seu carácter. As pessoas deviam ficar no sítio onde nasceram.

– Nesse caso, devias estar em Chicago – ripostou Nell. – Estás a insinuar que o Ward devia ter ficado na Califórnia, negando-nos esta maravilhosa celebração.

– O que estou a dizer é que as pessoas deviam viver nos seus países de origem e tenho a certeza que percebeste, Nell. – Virando-se para Mary, acrescentou: – A minha intenção não é ofendê-la, querida.

– É claro que é – retorquiu Mary.

Deleitou-se a perscrutar as feições imóveis de Dorothea Willis. Mary tinha alguma noção das guerrinhas que se desenrolavam constantemente, em toda a parte, razão por que não procurava o convívio com seres humanos ou companhia em geral. Que estranho, perceber que Ward – ou o dinheiro dele – podia atrair aquela amálgama de estranhos que tinham estado, aquele tempo todo, tão perto.

– Criançinha descarada – murmurou Dottie, mostrando a sua destreza ao girar em direção a outro grupo.

– Mary Freitas – começou Nell –, vejo que já aprendeu uma coisinha ou duas. Ouvi dizer que montou uma banca perto da loja do Julian Barr. É verdade?

– É verdade, sim, senhora Clark. – Mary sorriu ao lembrar-se da baixa coberta por uma espuma de lama cor de café com leite, os transeuntes a provarem as suas amostras e a exclamarem ao sentirem o pão duro a transformar-se em rebuçado. – Ele insistiu que eu não podia vender produtos sem uma licença camarária e eu disse-lhe que estava a oferecer as bagas à borla.

– Ao mesmo tempo que instava as pessoas a pedirem-lhe para as venderem na loja.

– Sim.

Riram-se.

– Eu faço uma visita ao senhor Barr – disse Nell. – Vê aquele cavalheiro que está a falar com o seu noivo? É o William Farnsworth e facilmente se deixará convencer a comprar uma reserva para a receção do seu hotel. O Julian é um rinoceronte e vai ser uma bela lição se ele for a última pessoa nesta cidade a ter lucro consigo.

– É muita amabilidade sua ajudar-me, senhora Clark.

– Fique sabendo que não me receberam de braços abertos quando me mudei para cá e me casei com o Oliver. – Ele tinha mais vinte anos do que ela e, depois de dez anos de casamento sem filhos, ela estava confortavelmente aconchegada, muito obrigada, no dinheiro que herdara das ações que ele detinha nos caminhos de ferro. – Há muitas almas boas, querida. Só precisa de as identificar. Por exemplo – apontou para Sullivan Conant, que fabricava

cadeiras resplandecentes e estava entusiasmado a conversar com a sua mulher, Lydia. Mary pensou: Que triste serem tão poucos os casais que parecem assim tão unidos, e o que me surpreende ainda mais é perceber que *o Edward e eu não olhamos assim um para o outro, mas o John e eu, sim.*

Onde é que ele estava? Eram quase nove e meia. A luz artificial pingava, dava a sensação de molhar. Como é que a luz pode liquefazer-se?

– Quem é aquela pessoa que não para de olhar para mim, senhora Clark?
– Uma mulher de estrutura grande e cabelos castanhos puxados para cima andava a esvoaçar como um professor de uma escola para carteiristas, olhando Mary de várias perspetivas.

– Fala-se no diabo e o diabo aparece. É a Maud. Maud Dieterman.

– O Ward nunca me falou dela, senhora Clark.

– Trate-me por Nell, por favor. Duvido que ele a tenha convidado, mas a falta de convite nunca a impede de aparecer onde lhe apetece. Ela cercou-o quando ele chegou à cidade, mas agora desfruta das atenções, e uso a expressão livremente, de um zero à esquerda incrivelmente rico chamado Billy Mars. Tal como o marido da Dottie, de certeza que o Billy está numa taberna, com uma empregada de bar ao colo. Tive sorte com o meu Oliver, assim como a Mary tem sorte com o seu Ward.

O rubor manchou o pescoço de Mary.

– Não entendo.

– A história da Maud? O Ward não é um banana, mas é muito moderado. Ela é imperiosa. Estiveram noivos durante tão pouco tempo que nem conta. Ela não é uma ameaça para si, mas estou surpreendida por a Mary não a ter visto por aqui antes.

– As pessoas vêm e vão, e eu trabalho, não lhes presto atenção.

– Acalme-se, querida. Não se esqueça de que esta é a sua festa de noivado. Não parece ter plena consciência disso. Tem um cavalheiro que lhe é muito dedicado e não faz parte do estilo dele pôr ninguém fora, nem sequer a ela.

Mary conteve um sentimento de aversão pela maneira como Edward fazia a corte àquelas pessoas, saindo da sua carapaça para conquistar os favores delas, levando-a a ansiar por voltar a correr para junto de Pet na sua casinha e bordar a sua toalha obra-prima até ser do tamanho de uma sala.

– Não deixe que ela a afete. É o passatempo preferido da Maud. A Mary ganhou. Só falei nela, porque saber como funcionam os jogos significa identificar os jogadores. Já todos nós cometemos erros românticos e ela é o erro dele.

– Ele devia ter-me contado. – Era preciso descaramento para se mostrar ofendida, estando ela angustiada por causa de John, fingindo-se inocente.

Nell deu-lhe uma palmadinha na mão e disse:

– O mais provável é ele considerá-la tão pouco digna de nota que nem merece que fale dela. O seu galante noivo foi encurralado por mais um bando de gente. Vá conviver com os seus convidados no bufete. Vá lá. – E mandou-a

embora.

Um grupinho junto das bagas milagrosas incluía Ellie Whistler, autora de histórias de fantasmas e colunista da revista *The Ladies' Wreath*, que desejou felicidades a Mary, e o mesmo fez Sadie Pilcher, professora (a nobre vocação de John), ambas alheias à prática habitual das mulheres solteiras de perscrutarem uma festa em busca de homens disponíveis.

– Menina Freitas – exclamou Sadie –, vou usar estas bagas como recompensas para os meus alunos.

Mary concordou que a ideia era maravilhosa. As receitas do seu projeto inexperiente estavam quase a contrabalançar as despesas, mas, mesmo que ganhasse um lucro excecional, esse dinheiro seria uma gota no oceano comparado com a fortuna que aquela gente possuía. Arrependeu-se de ter feito juízos de valor sobre o desejo de Ward de ter a aprovação delas. Mary desejava o mesmo, não desejava?, juntamente com segurança, e ele oferecia-lhe isso de maneira notável, ao mesmo tempo que apoiava a estranha colheita dela por pura bondade.

Um homem de idade comeu uma бага, provou um limão e, reparando em Mary com o seu vestido adornado com lírios, gritou:

– Deus do Céu, que magia, menina!

Mary sorriu de orelha a orelha, mas perdeu o ânimo ao ver Maud agarrar no braço de Edward, puxando-o para si. Mary olhou para a porta, pasmada... por que carga de água John se sujeitaria ao que ela estava a ter tanta dificuldade em aguentar? Edward soltou-se da mão de Maud e dirigiu-se para Mary e, observando-lhe a saia armada demasiado grande, sussurrou:

– Parece que estás a esconder um bando de galinhas. Quem me dera que nos pudéssemos esgueirar. Estás deslumbrante.

Inflamada de constrangimento devido ao comentário dele sobre o que ela poderia levar debaixo da saia, Mary perguntou:

– Porque é que convidaste a Maud? A Nell falou-me dela. Já que tu nunca te deste ao trabalho de me contar.

– São essas as primeiras palavras que queres partilhar comigo? Hoje. Na nossa noite. Eu não a convidei, mas ela conhece a cidade inteira e, depois de conversar rapidamente comigo, como bem reparaste, agora decidiu virar a atenção para a sua próxima vítima, porque o seu *fiançado* – ele pronunciou a palavra com um floreado assumidamente divertido, mas Mary não esboçou um sorriso – é um rapaz dissoluto que faz o que bem lhe apetece, o que lhe dá licença a ela para fazer também o que lhe apetece, um par perfeito. Em vez de ficares aborrecida, devias ter pena de mim. Escapei por um triz, Mary.

– Ela não me cumprimentou nem me deu os parabéns.

– Porque ainda não paraste de lhe lançar olhares fulminantes. A noite só vai no início, o que é uma pena, porque eu sinto o mesmo que tu em relação a estes eventos, e de certeza que outras pessoas ainda vão dizer que é extraordinário tu vires viver aqui, comigo. Desejo muito que isso aconteça. E tu?

– Ela veio estragar-me a noite.

– Só se te importares mais com ela do que comigo. Ela podia ajudar-te com o negócio, se tivesses a mente mais aberta. Eu devia ter falado dela antes. Tens razão. Mas sinceramente, Mary, que se passa?

Conversavam num silvo e as pessoas lançavam-lhes olhares furtivos.

Como se se dirigisse a um tribunal que pairasse acima deles, Ward disse:

– Convidámos o teu amigo John e eu não queria trazer isto à baila, mas ouvi dizer que tu e ele se encontraram mais do que uma vez em casa dos Lincolns, e tu não achaste por bem contar-me quaisquer pormenores além do teu desejo misterioso de fazer trabalho doméstico para a Mary Todd aos sábados. Várias pessoas esta noite, e nas últimas duas semanas, tiveram prazer em mo contar.

Não era falso. Sem forças, ela respondeu:

– Ele não está aqui. O John.

– Acho isso pior do que se estivesse. Estás a fazer ondas por causa da ridícula da Maud Dieterman, porque estás transtornada por ele não ter vindo.

Quando ela retorquiu que isso não tinha lógica – embora tivesse, e a força da lucidez dele levou a que uma chama de amor genuíno por Ward a engolissem –, ele inspirou fundo e ripostou:

– Não insultes a minha inteligência, nem a tua. Vir à festa seria um tormento para ele.

Ela deu-lhe o braço, um lúgubre laço, quando alguém gritou: «Um brinde aos noivos!» Os convidados levantaram copos reluzentes. Tudo e todos se desfocaram diante dela, dissolvendo-se-lhes os contornos. Philo liderou a homenagem, declarando:

– Mary, a sua amabilidade nesta terra fria mas hospitaleira torna-nos a nós mais amáveis. Que a vida de casada com este homem exemplar esteja em sincronia com a fortuna do seu produto milagroso.

– Mary Freitas e professor Edward Moore – começou o elegante hoteleiro William Farnsworth –, ouço muitos elogios às suas palestras no Illinois College. O senhor dá ainda mais esplendor à nossa cidade e, juntos, serão imparáveis.

– Felicidades para a Mary – entoou Nell Clark –, corajosa exilada. Diz-se muito que Jacksonville é a Atenas do Oeste, a mina de ouro da arte e da música, das instituições para os mais necessitados. A Mary prova que a expressão artística e os negócios podem coexistir aqui mesmo, na nossa Springfield. Apostando nos projetos dela, o Edward confirma que é um homem invulgarmente solidário e digno. Que o vosso casamento cresça nos negócios e no amor.

Era a primeira vez que alguém usava aquela palavra referindo-se a eles. Mary e Edward ainda não a tinham, eles próprios, usado.

Maud, perto de Dottie na orla da multidão, levantou o copo e gritou:

– Ao casal feliz! Dá-lhe um beijo, Wardie!

Ignorando as ruidosas incitações para que o fizesse, ele estendeu um

braço em volta de Mary, puxou-a para si, de lado, e ergueu o copo para dizer:

– Incentivei os dotes hortícolas da Mary Catherine Freitas, que dá seguimento ao trabalho começado pelo seu falecido pai, Augusto. – Virou-se para a olhar com uma convicção que seria maldade não retribuir com a mesma intensidade. – Nem acredito, Mary, que tenhas aceitado ser minha mulher. – Perguntou delicadamente se ela queria dizer umas palavras. Sentindo-se uma atriz substituta numa peça que, na verdade, era acerca da sua vida, ela só conseguiu exprimir um «Obrigada a todos», que suscitou risos compreensivos.

– Vai correr tudo bem, Mary – sussurrou ele.

A vida desfraldou-se do seu rolo, a vida tão, tão longa.

Os músicos, com as suas gravatas de cordão, afinaram os instrumentos. Mary sentiu-se nauseada; dançar com Edward significava conseguir ver-lhe o interior das narinas, um prelúdio das verdades cruas do casamento, e ela esquivou-se por entre o redemoinho de convidados, com a sua hilaridade e avidez a servirem-se de comida, para ir em busca da calma estabilizadora do seu quarto de costura.

Deteve-se do lado de fora do reino que considerava seu, destinado a ser inteiramente seu, porque havia vozes no interior. Um grito ressoou no ar quando alguém carregou no pedal da *Singer* e a sua máquina ganhou vida. Era fácil partir a agulha ou encravar o carretel. A sua espinha colou-se ao papel de parede – branco com riscas douradas – enquanto o chão vibrava da música e das destros movimentações no andar de baixo. A conversa discreta no quarto de costura cedeu a alguém – Dottie Williams? – que elevou a voz para proclamar:

– Vá-se lá saber porquê! São andarilhos que decidiram descansar temporariamente. Encostados um ao outro. – O comentário suscitou risinhos.

– Ela finge que não seduziu um homem para se salvar da pobreza. – Mary era capaz de jurar que se tratava da voz de Maud.

– As raparigas católicas são criadas para fazerem dos homens gato-sapato. – Quem dizia tal coisa? Que fizera Mary a qualquer uma delas?

– Os homens são animais tão previsíveis.

Enquanto elas se riam, Mary sentiu o seu corpo rasgar-se, um rasgão palpável. Aquela voz pertencia a Maisie Mauzy, uma empregada de loja que muitas vezes lhe contava confidências e que Mary considerava uma amiga.

Desceu as escadas. (Onde estava a rapariga que confrontara David Hamm e Susan Ashe na Madeira?) Os convidados exclamavam de prazer com os seus passos de dança em que batiam com os pés, e ela precipitou-se por entre os grupos de foliões. O pai costumava avisar que, se pudéssemos ouvir conversas sem ninguém nos ver, teríamos a desagradável surpresa de descobrir que a maior parte das amizades é uma mentira, mas era por isso que os verdadeiros amigos deviam ser acarinhados. A Bíblia lançava um aviso: *o homem que diz um falso testemunho contra o seu próximo é um dardo, é uma espada penetrante*. No vestíbulo, a uns passos da escapatória, ouviu:

– Estás maldispоста? – Edward esticou o braço como que para a deter, mas, depois, deixou-o cair.

Soltaram-se vivas da multidão quando a banda desatou a tocar uma polca. Estariam as botas a estragar o soalho de casa dele? Ela não sabia. Não sabia nada. O cabelo de Edward estava mais comprido, mas ralo. Ele aproximou-se, emanando um cheiro masculino a tabaco, embora não fumasse.

– Eu ia descansar um instante no quarto da costura – confessou ela –, mas estavam lá umas mulheres a dizer coisas horríveis sobre mim.

– Não me surpreende que as outras pessoas tenham inveja. – Com os dedos, ele levantou-lhe o queixo. – Encara este incidente como treino para ignorares um impulso comum e detestável que vai continuar a acostrar-te. Eu diria que talvez elas tenham inveja por estares comigo.

Ela fitou-o – profundamente – pela primeira vez naquela noite, aliás, pela primeira vez na vida, e canalizou todos os seus esforços para não desatar a chorar.

– Mary. Gostávamos que as pessoas fossem só uma coisa, mas não são, e tu pensas que o amor também é puro, mas o casamento é muitas coisas. Estou convencido de que teremos êxito juntos. Pelo menos, espero que sim.

– Desculpa por termos discutido.

– Não te preocupes com isso. Estás muito bonita. Partes-me o coração.

– Não quero partir-te o coração. Gosto muito de ti.

– Eu sei. Se não te sentes bem, eu apresento as tuas desculpas aos nossos convidados.

Mas ela disse que não, não queria comportar-se como uma criança assustada. Foi buscar *petit fours* à cozinha e aguentou uma valsa com um homem alcoolizado. Maud foi-se embora cedo, levando Dottie Willis consigo. Soou a meia-noite enquanto Mary invocava o pai, como uma criatura de vapor que logo se evaporou. Dançar com Ward revelou o talento inesperado dele para descrever arcos que obrigavam os outros a afastarem-se. Ela conversou com Sadie sobre os alunos e discutiu histórias de fantasmas com Ellie; tolerou um comentário obsceno de uma mulher espigada sobre o facto de a altura de Edward comparada com a pequenez de Mary exigir criatividade na noite de núpcias, e partilhou bolo de dióspiros com Maisie, que não mostrou qualquer indício de ter proferido palavras maldosas e que foi uma das últimas pessoas a pegarem no casaco e a irem-se embora e, então, Mary disse a Edward:

– Perdoa-me.

– Sim, se tu também me perdoares. – Os lábios dele pareciam de papel quando lhe roçaram na testa e ele não ficou à espera de a ver regressar à sua casinha.

De camisa de noite, Perpétua mordiscava uma tosta e ofereceu outra a Mary. Roubara a caixa da despensa de Ward como vingança por não a ter convidado. Ajudou Mary a desencaxar-se do vestido e, quando estava pendurado na corda da roupa, Pet disse:

– Parece que roubámos a roupa a uma infanta – o que as fez rir.

Perguntou pela festa e Mary respondeu:

– Foi muito agradável.

– Hum... que empolgante. Que pena eu não ter ido.

– Pet. Foi bom.

– Acredito que sim. – Enquanto se metiam nas respetivas camas, Pet comentou, com a suavidade de uma chuvada: – Quando falas sobre o John, ele faz parte de ti de uma maneira que eu nem tenho de perguntar se é amor, enquanto o Edward te leva a dizer coisas do estilo «foi bom», mas que sei eu, a não ser que o «bom» dele parece maravilhoso? O conforto é uma coisa boa. Fico feliz por te mudares para a casa grande, desde que não me dês ordens a torto e a direito. – Esticou a mão entre as camas e Mary pegou nela, como fizera quando o pai lhe oferecera consolo ao pressentir o seu pavor do escuro.

– Mas eu já te dou ordens a torto e a direito. Trabalhas para mim na estufa, Pet. – Uma mancha de luar esvoaçou como uma jamanta no chão.

– Oh. Tens razão. – Riram-se até às lágrimas.

– És o amor da minha vida, Perpétua Maria Deolinda Rodrigues.

– E eu também te adoro, Maria Catarina Pereira Vaz Gato de Freitas.

– Vamos envelhecer juntas aqui mesmo – disse Mary.

Nos dias que se seguiram, ela receberia um bilhete seco de Julian Barr, a aceitar vender as suas saquetas; Nell Clark ordenara-lhe que o fizesse. Era assim que funcionava o mundo. A estratégia corajosa de Mary de montar uma banca de vendedora perto da loja dele fora persuasiva, mas não crucial. Isto parecia aliar-se ao conhecimento de Edward sobre como circular num meio endinheirado no Centro-Oeste e, trabalhando com ele, e sem dúvida casando-se ele, Mary estava prestes a entrar em algo que não era totalmente claro, uma confluência de território e aceitação.

E, no entanto, na noite da sua festa, quando começava um novo verão, ela não conseguia dormir. Partículas de luz coalesciam em criaturas, da mesma maneira que as estrelas formam arqueiros e touros pontilhados. Havia um homem que Mary precisava de amar e um homem encantador de quem ela precisava, embora ele fosse uma década mais velho e já tivesse noivado duas vezes, uma com Rose, de uma religião considerada proibida, e outra com Maud, um erro provavelmente derivado da dor de ter perdido Rose. Que mais é que Mary desconhecia?

Espalmou-se contra a janela para usar a lua branco-brasa no lugar da cabeça e esticou os braços, fingindo que abarcava a envergadura da sua imensidão.

Recuando, observou os () marcados na condensação do vidro.

O teu corpo desenhou os braços abertos de John.

Aconchega-te no espaço entre eles.

Ele está tão longe como a Lua, mas derrama-se sobre mim, pinta a minha pele, forma-se a partir da luz no céu, para vir ao meu encontro à noite, como jurou fazer.

A CANÇÃO DE AMOR DE UM POLVO NUM MAR EM MOVIMENTO

0'13"

O polvo estava agarrado às algas artificiais no tanque do tamanho de um armário. John mergulhou, sustentando a respiração como fazia na infância quando caçava com Rui um animal que exigia golpes para o amaciar e reduzir a uma nuvem salgada. *Expira devagar, ferve a água.* Mary era uma figura turva através do vidro. Fora entregar saquetas milagrosas à loja de Ray Silva e enviara um bilhete a John dizendo que estaria na cidade, sentido de oportunidade perfeito: o empresário daquele espetáculo itinerante decidira deter-se ali nos seus eventos transcontinentais para fazer uma palestra sobre reinos aquáticos.

0'33"

Os mergulhadores de pérolas sustentam a respiração durante períodos de tempo inumanos quando mergulham até às camas de ostras, 6 minutos e 15 segundos, 8 minutos e 50 segundos. A cabeça do polvo tinha a forma exata de uma dor, mais descaída do que o absurdo fato de banho que o empresário emprestara a John.

0'57"

Sentindo espasmos nos pulmões, escreveu com as mãos: *Não te vou fazer mal.* Os seus alunos da escola de verão transmitiram, frenéticos, em língua gestual: *O senhor Alves está a falar com o polvo! As pessoas que ouvem não conseguem falar debaixo de água, mas ele mostra-nos que nós podemos!*

1'15"

Mary ficou nervosa. O polvo esticou-se em direção a ele. *Esta não é a tua verdadeira casa, mas vais para lá, tournée a tournée, até seres libertado no Pacífico.*

1'37"

Quanto tempo consegue ele sustentar a respiração já passou mais de minuto e meio o relógio tiquetaqueia as crianças observam-no e Mary tapa a boca com a mão, vou rebentar. Estamos na Academia Feminina de Jacksonville, também conhecida como a Cadeia para Anjos, a primeira desse tipo no Illinois, Mary, eu acredito, tal como o reverendo Kalley, que as mulheres devem ir à escola, por exemplo o empresário disse, antes de eu subir a escada, que foi uma *costureira* quem concebeu uma maneira de estudar a vida marinha em tanques ventilados, ofereci-me para sustentar a respiração porque os homens fazem coisas parvas para uma mulher pensar que são corajosos, o corpo do polvo era verde, no início, e agora branco-azulado, ele tinge a sua pele mediante um simples desejo.

2'12"

Mary, os tentáculos deste polvo dão-me a volta ao peito, a cabeça macia como polpa no meu pescoço. O que me aterroriza: os mergulhadores de pérolas podem caminhar *durante anos* depois de deixarem de trabalhar e, de repente, os seus pulmões pegam fogo, as órbitas entram em combustão e eles morrem.

2'22"

Os meus alunos gesticulam com animação para o cronómetro, e Mary, Tu levantas-te da Tua cadeira. Com uma baforada de tinta, o polvo contrai-se como um casaco de gelatina amarrotado em cima de mim, *não posso ficar, desculpa, adeus!*.

Esperneando, ele voltou para a superfície do tanque e engoliu golfadas de ar enquanto o polvo caía para o fundo. Os seus alunos surdos clamavam, batendo ruidosamente com os pés. Mary sorria-lhe e as crianças sorriam-lhe. Ele desenredou-se do polvo que agora se lhe agarrava às canelas, são mestres escapistas, conseguem encaixar um corpo inteiro de goma dentro de um frasco de cerveja bebendo-o instantaneamente.

O polvo vai ser transportado num aquário numa carroça, juntamente com o tanque vazio. Nem distância nem tempestade travarão este artista que instiga cidadãos das terras do interior a nadarem com uma criatura nascida para a solidão.

O professor susteve a respiração durante dois minutos e meio, uma eternidade!

– Como é que aprendeste aquilo? – perguntou Mary.

Na cadeia, a mãe dele disse-lhe: «Se consegues aguentar um segundo, consegues aguentar mais um.» Ele admitiu que costumava mergulhar para apanhar polvos e os comer.

– Mas este perdeu-me.

Ele gosta de sentido de humor; ela brilha, Mary brilha.

– Já que vives aqui perto – pergunta ela –, posso conhecer a tua mãe? Podemos falar sobre o meu pai.

Ele não falou dela a Serafina. Devia apresentá-la como amiga madeirense ou como aliada? O seu pavor de que Mary veja o tamanho da

casinha e de que a mãe mostre o seu desdém por católicos, acrescentado às prováveis perguntas ríspidas de porque é que uma mulher comprometida irradia afeto desenfreado na companhia do seu filho, leva-o a sussurrar: «Um dia.» Como um muro de separação entre eles, ergue-se também o silêncio acerca da festa dela e do porquê de ele não ter aparecido.

São rodeados por crianças a dançar e aos saltos. O empresário tem um búzio e, embora fosse de pensar que a sua música seria inacessível a crianças surdas, ele encosta-o aos ouvidos delas. *Sintam só*, gesticula ele. Elas passam o búzio de mão em mão, o lábio macio de peónia escurecendo junto da sua espiral interior.

Ele encosta-a ao ouvido de Mary: Escuta, amor.

É isto que um búzio canta depois de o corpo desaparecer.

Um noitibó cantor soltou uma nota de graça no exterior da casa de Edward Moore, num dia – John verificara – em que ele dava aulas no Illinois College. Demorara algum tempo a convencer Frank a usar os seus dotes de arrombador de fechaduras, mas a curiosidade acabara por se apoderar dele também, pelo menos até chegarem à porta de Edward.

– Estamos a espiar – disse Frank –, porque tu achas que amar deve fazer as pessoas sofrer. Ela está noiva, Alves.

Depois de um interlúdio em que ignorou essas palavras, John insistiu que darem uma vista de olhos ao interior da casa lhes permitiria ver como é que um dos seus ia viver.

– Parece aceitável – respondeu Frank, secamente. A tradição ditava que se esperasse por um *convite* para entrar numa casa. Embora isso lhe relembrasse o fiasco John Jacob Astor, Frank suspirou, inseriu um arame na fechadura e inclinou o ouvido.

John não percebia muito bem os mecanismos em jogo; várias sondas de metal de diferentes tamanhos eram manipuladas de modo a corresponderem ao que uma chave faria. Mas como é que, escutando e sentindo, se descobria esse alinhamento?

– Despacha-te! Despacha-te – urgiu.

Frank fixou-o com os seus olhos grandes como objetivas.

– As fechaduras são indivíduos. Umas abrem depressa, outras nunca abrem. Ao contrário de ti, esta é uma carga de trabalhos para se ouvir.

– Está bem, está bem.

– Estou a violar a lei por ti, Alves – disse Frank. – A Elizabeth vai dar-me um puxão de orelhas e a ti também. Aha!

Um clique e a porta abriu-se para um santuário de calma. John não podia recriminar Mary por apreciar aquela abundância, embora não parecesse em sintonia com o gosto dela. Uma mera sala com um lustre era três vezes maior do que a casinha dos Alves. A propriedade era gigantesca e a casa, majestosa, mas simples e masculina, sem móveis supérfluos e uma cozinha com uns

painéis tão desbotados que parecia ter, em tempos, alojado o próprio sol. A cama do quarto principal estava feita na perfeição, como se só uma folha de papel tivesse lá dormido. Ou duas folhas lado a lado. O escritório de Edward fê-lo deter-se: Mary adoraria aquelas flores de vidro, o que fez com que o terror lhe arrepiasse a coluna. As gaiolas douradas, com volumes guardados por trás de portas de vidro com chaves nas fechaduras, atormentaram-no de remorsos por violar a privacidade de Edward, mais ainda do que o corvo de bico espetado na sua direção. Em vez de parecerem majestosas, as estantes assemelhavam-se a prisões douradas.

– Santo Deus, que se passa aqui? – A voz era doce, mas ríspida.

John girou sobre os calcanhares e deu de caras com Mary, carregada com uma braçada de tecido às riscas. Frank fez-lhe um aceno patético junto da secretária.

– Como é que vocês entraram? – perguntou ela, vexada, desconcertada? – Pelo amor de Deus.

– Tomei a liberdade de entrar... este é o Frank Meline, cuja família gere o teatro que visitaste... porque sabia que o Edward não estava em casa e eu tinha esperança de te ver. Passou tanto tempo desde que... – Ele estava num tormento de expectativa depois do encontro com o polvo, porque ela não aparecera em casa dos Lincolns no sábado seguinte.

– Eu costuro aqui em casa quando ele está na tua cidade a dar aulas. Não devias tu estar a fazer o mesmo?

Outra situação racional, ela poder entrar na casa à vontade. Ele gaguejou que era o seu dia de folga. De repente, não suportou a ideia de ver a estufa que a reteria ali, nem os seus aposentos na casinha saturada com a fragrância floral que era o seu cheiro inato.

– Precisava de te ver, Mary – disse ele.

Com Frank a tentar esconder-se na madeira das paredes, John saiu de um escritório onde não tinha o direito de estar, e ela seguiu-o. Ele segurou-lhe nos braços, só com um imaculado tecido de linho às riscas a separá-los, e disse:

– Desde que nasci, o feitio independente da minha mãe preparou-me para eu te encontrar. Para te encontrar como és. Para te amar, quero eu dizer. Amo-te, Maria Catarina. Tu mereces fortuna e uma casa como esta. Mas eu gostava de continuar a fazer parte da tua vida, de alguma maneira. Faço o que tu quiseses, o que me pedires, incluindo ir-me embora, e direi para mim próprio que estou vivo e que tu estás viva algures, estamos no mesmo mundo juntos.

– Não sei que faça – respondeu ela. – O teu nome está escrito no meu coração. – Ela acrescentou uma coisa que ele teve a certeza, já nesse momento, que o acompanharia até ao fim dos seus dias. Ela pousou o tecido. A sua mão direita pegou na mão esquerda de John e a esquerda dele pegou na direita dela, e o olhar de ambos desenhou um arco. Ela disse: – Já é um sacramento, o desejo que sinto por ti.

ÓCULOS

Depois do breve aceno de cabeça de Edward, Mary deixou-se cair numa cadeira perto da vitrina com as flores de vidro. Ele tinha pilhas de papéis na secretária e não se mexeu quando ela tirou o anel de noivado do dedo, o pôs diante dele e disse:

– Lamento, mas não posso aceitar, Edward.

As palavras saíram-lhe de jorro.

– Porquê? Eu sei a resposta, mas estás à espera que te facilite a vida neste momento, Mary?

– Não. Tenho muita pena de pôr fim ao nosso noivado. – E de quebrar os desejos que o pai acalentara para si.

– Podias ter pensado na *pena* antes de termos dado uma festa a anunciar o nosso futuro a toda a gente. Achas que é uma surpresa enorme. Diz o nome dele.

– John.

– Até onde esperas que eu seja generoso? Vende o anel. Eu não tenho serventia para ele. – Apontou, furioso, para a desarrumação da sua mesa. – Alguma vez te interrogas sobre a minha vida? Porque é que, dadas as minhas circunstâncias folgadas, dou aulas? Um emprego que paga mal, em que ninguém nos agradece, adequado a quem nunca irá longe na vida.

Era uma bofetada na cara de John, mas ela aguentaria a ofensa. Não se lembrava de nenhuma outra situação em que tivesse magoado alguém de maneira consciente.

Os olhos azuis dele estavam turvos.

– O Illinois College mantém-me ativo. Senão eu desmoronava-me. Preciso de alunos jovens e inteligentes a proferirem coisas brilhantes. Não preciso de trabalho assalariado.

Mas eu preciso. Eles eram católicos e os católicos devem ser castigados pelas suas transgressões.

– Fazes alguma ideia da troça que já tive de aguentar por tua causa e do que me espera agora? O mundo não tardará em dar cabo das tuas ideias românticas. Eu recuso-me a lutar com outro homem por ti. Não o farei.

– Edward, eu gosto de trabalhar contigo, preocupo-me contigo, gosto de ti.

– Já pensaste em arranjar outro emprego?

Ela reuniu as suas forças para não chorar.

– Disseste que, acontecesse o que acontecesse, velarias pelo nosso negócio, serias justo.

– Eu queria dizer que, se te fosses embora, eu seria a mesma pessoa honesta que sempre fui, mas ficares na minha propriedade significa esfregares-me na cara que estás com outra pessoa. Eu desconfiava que isto ia acontecer, mas tu julgas-me desprovido de intuição ou emoção.

– Não é verdade. – Mas era, sim, um pouco.

– Complicaste as nossas vidas, Mary. Eu tinha medo de ser demasiado velho para ti, ou de não ser suficientemente atraente. Ou outra coisa qualquer. Fica na casinha. Para já. Mas deixa-me em paz.

—

Os *óculos* são espelhos-amuleto que as pessoas põem à frente dos olhos. Tudo se torna, então, límpido e reluzente, como que coberto de glicerina.

Estavam no consultório do Dr. Benedict Gladwell, em Springfield, e John pagara sete dólares ao médico. No rosto, ela usaria horas de trabalho dele. Esforçou-se por recitar letras minúsculas num quadro na parede.

– A – disse, timidamente, *errado, tudo errado*, semicerrando os olhos. – É um T? – Sentiu John a pensar nas respostas em voz alta para a ajudar. O médico expirou um hálito com cheiro a óleo de cravo-da-índia, que ela rezou que não fosse para disfarçar a embriaguez, quando colocou dois círculos de vidro numas ranhuras em dois grandes discos presos a um braço de metal móvel.

As letras pretas tornaram-se límpidas como ponto cruzado no croché!

– É um X, e um Y, K, E – anunciou ela.

John reagiu como se Mary tivesse resolvido um enigma da galáxia, mas o Dr. Gladwell não parecia muito espantado – ela quase se riu da apatia dele – quando afastou a máscara de metal e se debruçou com um instrumento que apontava um ponto de luz tão perto do olho dela que a geleia com veios, a almofada dos seus nervos óticos e íris, ficou gravada na sala como um papel de parede de linhas bifurcadas. Enquanto o médico examinava o outro olho, projetando o preto e o branco-amarelado nele também, John levantou-se para tocar nos ramos abertos dela, nos seus carreiros derramados. Talvez os caminhos que ele percorresse se transformassem no interior dos olhos dela.

O médico montou os óculos de Mary, usando uns parafusos quase invisíveis nas armações de arame dourado.

E ali estava John, gravado e cristalino, com a sua musculatura e

presença, e o coração dela ficou tão cheio que se expandiu e lhe rompeu a pele, de modo que uma torrente vermelha os arrastou, e os olhos escuros de John cantavam *Só Tu...* tanta abundância, as artérias dela vibravam numa canção, mas a canção era demasiado rápida para ela conseguir apanhá-la. Saíram para um exterior novo e brunido, e era como se o corpo de ambos entoasse baixinho o hino «Desperta, Alma Minha, Estica Todos os Nervos» ou proferisse um salmo: *Os teus olhos são pombas. O nosso sofá é verdejante.* A cidade é um tapete voador de fios reluzentes, nunca vi tanto brilho! Quando cair a noite, as luzes da companhia do gás, da eletricidade e do coque cintilarão.

Das siderurgias soltava-se um clamor, e John e Mary estavam rodeados por um halo de cheiros a tintas industriais, a líquidos de limpeza a seco e às famosas bolachas recheadas da Billington. Como é que a fome podia ser saciada e a sede estancada por a visão dela estar mais aguçada, como podia o *cheiro* a aparas de madeira cair diante dela como um biombo opaco? *Olha*, gritou Mary, *aquele cão a abanar a cauda tem tantas pintas!* Algumas cidades são berços, outras são caldeirões. O Funchal era abismos e mar pululante de tesouros, e Springfield era velocidade e *possibilidade...* e lama e éguas. A Madeira tinha leveza – nas suas roupas, pétalas – mas o Illinois era *espessura*.

Divertiram-se com a montra grotesca de uma loja, com dentes expostos e dentaduras dependuradas de fios. Quem consegue conter um anseio como o meu, deixa que o dia de hoje me pique as veias, deixa que as minhas fontes jorrem. Quebra-me em pedaços húmidos, liquefaz os meus órgãos e unhas, transforma-me num corpo de água. Tudo em John apontava para... desejo. *Com este corpo eu te desposo.* Nenhuma rapariga – nem sequer Perpétua – admitia tais pontadas de desejo; sussurravam sobre o que era preciso aguentar para ter uma família. Ela abraçava-o com todo o seu ser. Esses sentimentos pareciam intrinsecamente ligados ao seu impulso de criar *tantas tantas coisas*. Mas, depois, vinha a quietude para não macular a infinitude. Abençoada esta hora; abençoada a trémula comunhão de toda a gente em toda a parte. Uniram-se num beijo, as suas bocas lacradas. Então, beijaram-se ainda mais profundamente, diante de Deus e dos homens, e depois de recuperarem o fôlego, beijaram-se intensamente uma vez mais.

Tempo-distância-dinheiro-religião-trabalho ganharam um novo foco. A casa dos Lincolns era o seu ponto de encontro, as visitas fundiam-se com as tarefas dos seus colegas de trabalho e o facto de só disporem dos sábados deu-lhes um ritmo que os impeliu ao longo de agosto até setembro. John fazia jogos de agilidade com o Grande Homem, batendo uma bola de borracha contra uma parede da casa. Mary ajeitou uma vez a coroa de tranças de Mary Todd, enquanto ela falava de um amor que Abraham Lincoln tivera e que falecera, uma mulher chamada Ann, cujo fantasma pairava por aqueles corredores.

Mary e Edward faziam os possíveis por não se cruzar, enquanto o êxito da sua empresa crescia. Uma mulher que ela não conhecia começou a ir e vir, ir e vir, num entra e sai da casa que podia ter sido de Mary. Abalou-a, perder um homem que construía o seu próprio sucesso num pináculo do sonho americano básico tornado sumptuoso... mas o sonho era dele, não o tinham criado juntos. Isso foi abafado pelo sentimento injusto de mágoa por ele a ter substituído tão depressa.

O desidratador (que Edward comprou) revelou que a *Synsepalum dulcificum* mantinha a sua potência muito tempo depois de ter sido colhida. Desejosa de partilhar a descoberta com ele, Mary entreabriu a porta de casa de Edward. Uma voz feminina ecoava lá dentro e Mary avançou, apesar de um instinto lhe dizer que não devia, esperando encontrar a mulher desconhecida que se tornara uma visita regular. Mas, em vez disso, deteve-se bruscamente à porta da sala de estar, ao ver Edward e Maud com a sua boca vermelho-viva, como se a sua dieta consistisse de animais crus ou pernas humanas. Maud manuseava o papagaio quebra-nozes que a família Jamison enviara a Mary. Ela emprestara-o a Edward e esquecera-se de lho pedir de volta.

Empalidecendo, Edward disse:

– Não te ouvi bater à porta, Mary. Quero dizer, não, não tens de bater à porta. – A cadeira dele tinha o estofado bordô, pelo que ele parecia acolchoado em vinho gelatinoso.

– A porta não estava fechada e eu tenho novidades. Mas pode esperar.

– Nunca foste oficialmente apresentada à Maud Dieterman. Maud, esta é...

– A tua arranca-ervas daninhas. A tua jardineira. – Maud enfiou uma noz no bico do papagaio e esmagou-a. Depois de comer o miolo, anunciou: – É tão pequenina como uma bailarina, Wardie. Não admira que te tenha escapado por entre os dedos. Temos isso em comum, Mary.

– Senta-te, Mary – disse ele, embora ela tenha permanecido imóvel.

– Quer uma? – Maud enfiou mais uma noz no papagaio e fechou-o com tanta força que ele se partiu em dois.

– Isso foi uma prenda! – exclamou Mary, enquanto Maud encolhia os ombros e punha os pedaços do pássaro na mesa de apoio.

– Que pena – disse Edward. – Eu arranjo-te outro.

– Não, eu compro um – atalhou Maud. – Podia ter acontecido nas mãos de qualquer pessoa. Vamos tomar chá. – Agarrou-se aos braços da cadeira para conseguir levantar o peito e as nádegas do assento.

– Eu faço-o – disse Mary, quase num grito. Apesar de não ter direito (nenhum) a pensar assim, era medonho ver Maud deixar os seus vestígios na cozinha, mas, quando Mary pousou um tabuleiro chocalhante junto do papagaio estragado, parecia mais subserviente do que propriamente autoritária. Da boca de Maud saiu um:

– Ainda vive na casinha amorosa do Edward?

– Eu trabalho aqui. O Edward tem essa gentileza de me deixar lá viver.

– É um bocado patético. E ainda recebe salário do cavaleiro.

– Já chega, Maud! – ordenou ele.

Edward estava a deixar aquela mulher atacá-la para ele manter a dignidade, para poder dizer que assim era. Maud não parecia o estilo de pessoa que Edward achasse minimamente interessante, e muito menos digna de um noivado impulsivo, ainda que breve. Que poder teria ela sobre ele?

– Oh, oh, estou só a brincar. Não é verdade, Mary? – Maud Dieterman guardava uma excelente piscadela de olho no seu saco de qualidades. – O gato comeu-lhe a língua. Pronto, já percebi! Eu vou-me embora.

Mary aguentou as despedidas e a torrente de «não seja tímida, vamos ser amigas» e «o Ward é tão cordial com *todos* os seus antigos amores». Edward acompanhou Maud até à porta e, quando voltou, disse:

– A troça dela é inofensiva.

Enquanto refreava o impulso de atirar com o tabuleiro do chá, as palavras dela irromperam como vapor pelas fissuras de um vulcão.

– Não é inofensiva. Permitiste que ela fizesse troça de mim.

– Que disparate. Eu defendi-te.

– Disseste o nome dela e a palavra «chega».

– Exato. Agora diz-me lá porque é que aqui estás.

Nell aconselhara Mary a deixá-lo ter a sua aliança de teor não romântico e socialmente valiosa com Maud. Mas ela não a suportava. Pegando no quebra-nozes partido, desatou a chorar.

– Parece-me uma reação exagerada. Eu arranjo-te um novo.

– Este foi uma prenda dos meus amigos de Nova Iorque! É insubstituível!

– Volto a dizer que ela pode ser muito aborrecida, mas tem peso na maneira como os recém-chegados são aceites pela sociedade. O pai dela trabalha nos transportes ferroviários e pode ajudar-te. A ti e a nós.

– Nunca. – Mary pousou as metades do papagaio e dirigiu-se para a porta.

– Eu convido quem eu quiser para vir a minha casa. Tu... – Agarrando-lhe no braço, conduziu-a para uma cadeira com uma força que a assustou. – Tu exprimiste a tua devoção pelo John, mas proíbes-me esse mesmo tipo de liberdade.

– Quero manter o nosso trabalho, Edward – disse ela. – Se isto for difícil, eu... não sei. – Não pensara para onde ir, o que fazer... construíra tanta coisa ali. Qualquer outro homem com um noivado cancelado a poria na rua sem um tostão.

Entreolharam-se.

– Eu ajudei-te consideravelmente numa empreitada que começaste na minha propriedade – disse ele. – Nenhum patrão deixaria um trabalhador, muito menos uma mulher, safar-se com isso. Eu permito, apesar do que me fizeste. Ponderei comprar a tua parte e pedir-te para ires embora. Mas banir-te daqui parece-me cruel.

Ela sentiu-se tentada a perguntar quem era a nova visita feminina, porque, *efetivamente*, tinha ciúmes dela; Maud que fosse para o diabo. Em vez disso, respondeu:

– Tinhas razão, a potência das bagas secas dura mais tempo. Podemos cobrir distâncias maiores.

– Ando a fazer experiências em laboratório na faculdade para aperfeiçoar a nossa estirpe atual.

– Devias ter-me perguntado se podias fazer isso.

– Estou a informar-te agora. Estou desejoso de enviar rebentos para a Florida, onde o clima é ideal para esta planta e para mim. Mas parece-me prudente esperar pelo fim da guerra.

«A guerra não vai durar muito.» John garantira-lhe isso, que qualquer chamada ao dever que lhes interrompesse a vida não duraria mais do que uns meses. Ela não conseguia pensar sequer no que significaria para si, se Edward se mudasse para longe.

– Já estive na Florida, que conta como Sul, e as pessoas de lá são fanáticas. Um exército republicano vai combatê-las durante anos. Não digo isto para te magoar, Mary.

Estas palavras fizeram com que John aterrasse entre eles vestido com uma farda militar, e Mary apercebeu-se de mais uma coisa. Nunca na vida Edward sentiria que tinha de arriscar a vida por uma nação que o acolhesse.

Teria ele detetado essa intuição dela? Criou uma divergência, comentando:

– Detesto ter de desistir de uma colheita promissora e única, mas não gosto que me trates como um dado adquirido.

– Não te trato assim, Ward.

– Tratas, mas não quero discutir contigo. Entraste aqui de rompante, portanto depreendo que sabes onde fica a saída. – Fez uma pausa quando se ia embora e, virando-se para ela, disse: – Espero que o John esteja bem.

Ela respondeu que estava, sim.

– Desculpa eu ter falado de maneira brusca.

Ela concordou que a situação deles era difícil e que a culpa era toda sua.

Fitando-a com um colossal desamparo, ele disse:

– Eu conhecia a lúcia-lima, mas tu ensinaste-me a usá-la no chá. Toda a gente escarnece de mim por te manter cá em casa, mas ninguém torna a vida do dia a dia tão bonita como tu.

TUDO QUANTO TEM FÔLEGO

Mary pisou a prancha de embarque com força, enquanto o barco fluvial se afastava da doca de Naples. Tinha sido alvo de um dilúvio de comentários trocistas no comboio, porque uma mulher sozinha é cômica e o seu esforço para esconder o pavor deixara-a um caco e, depois, fizera o trajeto de quarenta quilômetros aos tombos numa carruagem até ao rio Illinois, que rebentava com estalagmites de vento-água.

Do barco desprendia-se música. Mary passou por crianças invisuais e mulheres que não eram muito certas da cabeça. Meninos surdos comunicavam por gestos. Esquadrões de insetos atacavam e, de lá de baixo, vinha a melodia cadenciada da água. O piso principal albergava uma orquestra. Pessoas de cadeiras de rodas seguravam nas mãos dos seus acompanhantes que as faziam rodopiar ao ritmo das notas. Jacksonville abraçava os belos e os estropiados; aquela excursão era para eles... e eis que viu John de olhos fixos em si, a sua expressão habitual de ternura transformada numa de vigilância.

Ele afigurava-se-lhe a sua casa. Encaminhar-se para ele era um regresso a casa.

As pessoas cirandavam; ele aparecia e, depois, ficava tapado. E, então, reaparecia. Caminhava com firmeza e ela avançou para ele. O balouço do barco evocava as calçadas que formavam mosaicos ondulantes nas ruas da sua infância. Os alunos comunicaram com ele por gestos e John respondeu-lhes da mesma maneira. Ela deduziu o significado: *Que dia precioso*. Uma cadeira de rodas fê-lo parar. Mais um passo. Uma criança cega conduzida por um avô passou à frente de Mary. No sentido em que prolongavam a dança para chegar a John, aqueles desconhecidos eram uma dádiva.

Ele despiu o casaco ligeiro que vestira para desfrutar de um dia no rio, um serão quase em outubro, e pô-lo sobre ela, porque Mary tremia. Ela percebeu, então, o que significa *roubar* uma hora ao tempo, arrancada à corrida habitual dos planos, todos os seus planos, uma parte tão grande da

existência no novo mundo passava por galopar rumo a mais um êxito, em vez de processar o prodígio que é, quando não existem nem uma base sólida nem um chão. O soalho vibrava com as cadeiras de rodas às voltas. Ele pousou a mão na nuca dela, onde os cabelinhos penugentos se eriçavam como antenas, e perguntou:

– Dá-me o prazer desta dança, menina Freitas?

– Dou, sim, senhor Alves.

Uma balada crescia e atenuava-se. A mão dele colou-se ao fundo das costas dela, enquanto passavam entre as hostes de cadeiras de rodas. Ela tocou-lhe nos braços, os anos transformados em músculos por ele ter ganhado forças para tantas coisas. Cada parte de ti está viva, cada parte de mim está viva. Mary intuiu que ele sentia essa sensação dela e que ele próprio sentia o mesmo, ela sabia que ele sabia que ela sabia.

O sol poente espalmou-se no rio: céu vermelho em água azul. Bach e Mozart derramavam-se dos instrumentos. Os rostos das pessoas nas cadeiras de rodas mantinham-se levantados na direção dos parceiros que os conduziam, toda a gente satisfeita em se desviar silenciosamente. John e Mary entregaram-se ao jogo dos cochichos: Amavas-me se eu não conseguisse andar? Beijavas-me se me caísse o cabelo todo? Ainda me quererias?

Amavas-me se eu deixasse de saber falar? Se me esquecesse do passado e de toda a gente que fez parte dele? Terias de te recordar por mim que quisemos morrer de felicidade enquanto as cadeiras de rodas rodopiavam. É isto o desejo. É isto o amor.

O rio é lento e o barco, ainda mais lento.

A água é escarlate; o coração, dividido ao meio.

O céu é vermelho e, lavado pela manhã, será azul.

Imobilizaram-se, de repente, e encostaram as testas, pele com pele, enquanto o barco arfava e a vida dela ia de tudo o que fora ao que era.

O corpo envia o seu sangue azul e cansado para o coração, onde, nas câmaras divididas, oculto mas sem fim, o trabalho continua, minuto a minuto, limpando-o e tornando-o vermelho outra vez.

Abençoada a sua repetição; abençoada essa velha lavadeira, o coração.

—

Quando ele falou à mãe da filha de Augusto, ela respondeu:

– Mas não te podes casar com ela.

Mencionou Surfina Dias, da igreja deles, e John retorquiu:

– A Surfina só diz disparates e dá-me vontade de entalar a mão numa gaveta para que a dor me distraia do tormento. – A sua cabeça ia explodir. Adiaria o encontro entre Mary e a mãe; apercebeu-se de que atenuaria a verdade quando Mary voltasse a pedir para conhecer a sua família, como fizera depois do barco fluvial, quebrando o encantamento.

CONCURSOS

Na feira do Condado de Sangamon, John e Mary passaram por homens em cima de palcos com bandeiras de pano, agitando vassouras no ar e gritando que iam limpar Washington, enquanto outros denunciavam o golfo crescente entre ricos e pobres. John sentiu que a escoltava com cautela pelo meio do próprio mundo enraivecido e em expansão. Um cheiro a feno pairava junto das mais recentes maravilhas da maquinaria agrícola da John Deere, e os feirantes juntavam-se. Tudo, aquele alvoroço a rodopiar sob o céu, se acrescentava ao que ele lhe podia dar sem preço. Tinham sido criados ao ar livre, especialmente Mary. Até uma estufa perfeita era um espaço fechado.

Encontraram uma banca com uma mulher a fazer renda de bilros. Das bordas de um banco baixo pendiam bilros como aranhas enquanto a rendeira manejava os fios. Preso ao rebordo de uma mesa, via-se um pássaro de metal e o fio que devia segurar caíra-lhe do bico. John pressionou a cauda para abrir o bico e repor o fio. Seria para mostrar que era atencioso, que era sensível? A sua recompensa foi Mary a olhar para si como se esse simples ato lhe provocasse uma das descargas mais eróticas que já a perpassara.

Ao lado do sítio onde a Liga pela Abstinência oferecia sumo de maçã e panfletos, o Banco Ayers montara uma banca toda enfeitada. Presas com pisa-papéis, estavam umas folhas a anunciar um concurso cujo prazo terminava na véspera de Natal, daí a dois meses. John e Mary deram uma vista de olhos às regras. Pediam um ensaio a apresentar um edifício, uma obra ou uma instalação para converter um terreno na baixa de Jacksonville, oferecido por um benfeitor anónimo, «em mais uma manifestação das nossas aspirações, que devem infundir o futuro de caridade, educação e energia cívica, não só na nossa bela cidade, mas como exemplo para o nosso país, que necessita de definir a sua alma. Este concurso busca provar que iniciativas dignas podem ressoar com mais veemência do que os tambores da guerra».

Qualquer pessoa podia apresentar uma proposta para transformar o

terreno vazio. Uma caixa para receber as propostas estaria à disposição no Banco Ayers, em Jacksonville, e os juízes seriam «vários dos nossos cidadãos mais respeitados», com o anúncio do vencedor programado para o dia de ano novo. Mary apontou para os prémios: mil dólares iriam para a criação do «paraíso público» sugerido no trabalho... e outros mil, uma fortuna capaz de mudar a vida, seria o prémio oferecido ao «pensador mais imaginativo e prosador mais notável».

Quando ele soltou uma variação da linguagem madeirense dos assobios, ela falou-lhe em ganhar um concurso de arte em Nova Iorque. A mente dele alvoroçou-se ao pensar que uma vitória os uniria da maneira mais rara e extraordinária, com a sua arte e as suas palavras a conquistarem a aprovação do novo mundo. As suas entranhas fervilharam de ideias que ele se apressou a descartar.

Uma banca de bolos oferecia mais um concurso. Maisie Mauzy, a merceeira, escolheria o mais elegante e o vencedor receberia um casaco da defunta Empresa Americana de Peles, doado pela Associação de Comerciantes de Springfield. John teve orgulho em informar Mary das palestras da Sociedade Protestante em Nova Iorque, em que se dizia que esse fora o único negócio em que Astor fracassara. Um bolo de duas camadas coberto de baunilha exibia umas linhas vermelhas a escorrerem na cobertura de açúcar e Mary comentou:

– Achas que a pasteleira se cortou? Parece que houve uma carnificina. – A sua amada dominava o inglês; conseguia fazer piadas.

– Podes crer – respondeu ele.

Quando confessou que, com a ajuda de Frank, invadira a mansão de Astor, ela pareceu acrescentar a informação ao seu arquivo pessoal de ousadias dele.

A mulher atrás da banca, a guardiã dos bolos, sublinhou que a confeição em forma de lua crescente era da mulher de Joel Matteson, um antigo governador que ganhara um milhão de dólares em ações ferroviárias, *como se a Mary Fish Matteson precisasse de um casaco de peles à borla*. O resto dos bolos era de uma banalidade austera.

Segurando numa bandeja com um bolo, apareceu de repente uma pessoa que ele conseguiu identificar antes mesmo de Mary os apresentar.

– Pet, que bolo tão bonito! Este é o John Alves. John, esta é a Perpétua Roderick. Pet, onde é que conseguiste fazer isto?

John e Pet cumprimentaram-se com dois beijinhos; era um momento importantíssimo, conhecer os amigos de Mary. Flores tropicais feitas de açúcar glacé caíam em cascata sobre um *fondant* perfeito: a clara vencedora, tendo em conta a triste mostra em cima da mesa.

– Servi-me da cozinha do Edward – anunciou Perpétua – e ele vai-me matar. Usei a farinha toda e parti uma jarra. – Toda ela se mexia de regozijo e exclamou, dirigindo-se a John: – És ainda mais bonito do que a Mary disse!

– Pet! – exclamou Mary.

Acenando para um homem a uma certa distância, Perpétua declarou:

– É o meu Henry! Há uma banca que oferece daguerreótipos e por quatro dólares emolduram-nos a couro! Quando ele me partir o coração, pelo menos poderei reutilizar a moldura.

– O Henry não te vai partir o coração – disse Mary –, mas, se o fizer, nós congeminamos a tua vingança.

Riram-se e porque não? Os comentários jocosos eram uma das melhores alegrias da amizade. Mas uma referência a um coração partido e a vingança, por mais que fosse dita da boca para fora, deixou John tenso. Um bebé pranteava-se. Os bolos remeteram-no bruscamente para o dia em que traíra a mãe ao aceitar aquela fatia de milho oleosa na cadeia.

Antes de ir a correr para os braços do seu Henry, Pet repetiu que estava muito feliz por conhecer John.

– Estás bem, querido? – perguntou-lhe Mary. Como que para o chamar à terra com uma catadupa de palavras, ela falou sobre os pais de Perpétua, que nunca falavam um com o outro. Os seus oito filhos tinham de transmitir as mensagens, porque, uma tarde, só uma vez, o pai de Pet seduzira uma vizinha. A mãe fechou as cortinas das janelas que davam para essa casa e ninguém as podia abrir. – Durante uns tempos, a Pet achou que as casas na América deviam ter um lado escuro e um lado claro, como a Lua.

Antes que se pudesse fingir interessado na vida doméstica dos pais de Pet, John estremeceu ao ver Isaac Unthank, vestido de pregador, a aproximar-se.

– Alves – berrou Isaac –, quem diria, encontrar-te aqui! Quem é esta criatura celestial?

Hordas de famílias deslizavam em redor deles, enquanto Mary dizia a Isaac o seu nome.

– Mary Freitas, não está noiva de um cavalheiro em Springfield? Li a notícia nos jornais. Um dia, tenciono cuidar de um rebanho de fiéis e preciso de me manter a par de votos sacramentais pendentes e de diversões sociais como as desta feira.

– O estatuto de noiva da Mary alterou-se – disse John.

– Ai ai ai. O que é que aconteceu?

John pegou no cotovelo de Mary para a afastar dali, mas Isaac insistiu:

– Ultimamente não te tenho visto em casa do dinamarquês.

John aproximou-se de Isaac, que recuou, mas escarneceu, enquanto informava Mary:

– Ele ficou-me com uma bela maquia num jogo, mas faz orelhas moucas, como se fosse surdo, aos meus pedidos de ajuda. «Não vos esqueçais de repartir o que tendes com os outros, pois são esses os sacrifícios que agradam a Deus» e, sinceramente, quem é que não gosta de uma prendinha? O mínimo que ele podia fazer era dizer uma palavra simpática sobre mim à sua mãe famosa. Ela disse-me que ele prometeu ajudá-la a construir uma igreja e eu aposto, uma vez mais, que o dinheiro com que ele me ficou no jogo vai

ajudar a financiar esse projeto. Um sorriso dela, um aliar de forças e a minha missão na vida está lançada. Confesso que eu próprio tenho uma fraqueza pelas cartas, uma vez que o Senhor, na Sua infinita sabedoria, me fez imperfeito. – Tirou as medidas a Mary e disse: – A menina é um exemplo delicioso do dom de Deus para suscitar a tentação.

– Somos da Madeira – respondeu ela – e conhecemo-nos há muito tempo.

– Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és. – O seu bafo com cheiro a carne cobriu o rosto de John. – O caminho para o verdadeiro amor está pejado de deslizos, concordo. Errar é humano.

– Unthank, vai tentar a tua sorte numa banca.

Isaac fez uma vénia e disse:

– Menina Freitas, levo comigo a sua imagem gravada no cérebro. John, agradece à tua mãe por assistir assiduamente aos meus humildes sermões, que sou obrigado a fazer empoleirado num caixote.

John e Mary observaram-no a deter-se numa banca com brinquedos de lata e uma roda da sorte, e ela silvou:

– Tu jogas?

– Nem por isso. Todos os homens o fazem.

– Corrias o risco de perder tudo? John!

– Não corria o risco de perder tudo, Mary. – Era uma verdade questionável.

– Promete-me... promete-me!... que nunca mais jogas! Que conversa foi a dele, de construíres uma igreja?

O sol queimava-lhe os olhos. A interminável viagem de regresso a casa estava próxima.

– A minha mãe – explicou ele – tenciona criar uma pequena capela ou um lugar santificado, não sei, Mary. É para agradecer a Deus por lhe ter poupado a vida. O Isaac é um vendedor de banha da cobra, carismático, mas indigno de confiança, o que prova que até a minha mãe se pode deixar seduzir. – Evitou acrescentar que os homens ricos custeavam muitas vezes essas estruturas, temendo que isso sublinhasse precisamente o que lhe faltava.

– Podias ter-me falado nisso.

– Devo-te o livro do Kircher, Mary, e gostava de te oferecer uma boa casa, a melhor que eu puder, quando voltar da guerra e, sim, tenho de cuidar da minha mãe e honrar os desejos dela, como prometi fazer e, está bem, não volto a jogar... – e as palavras borbulharam até à superfície que ele não conseguiu engolir quando disse: – ... mas tu já te habituaste a grandes expectativas.

O silêncio enrolou-se como cachecóis apertados no pescoço de ambos.

– Tenho cara de pessoa que contabiliza tudo o que lhe devem? – disse ela, baixinho. – Sobre tudo o que tu me deves? A única coisa, a única, que eu esperei foi que me apresentasses à tua mãe.

– Tenho medo de que ela te receba com azedume por causa do que os

católicos lhe fizeram. Querida, eu sei que todas as fés constroem muralhas à sua volta e que, depois, a fé dentro dessas muralhas se disputa e constrói subdivisões.

Ao invés de encarar isso, ela perguntou:

– Tens a certeza de que vai haver guerra?

Era estranho, mas falar de um conflito armado trouxe a paz, levando-os a abraçar-se novamente.

– És a pessoa – disse John – a quem só quero contar coisas verdadeiras, querida. Vou esforçar-me mais nesse aspeto. Vá, não chores. Ainda não me fui embora.

O concurso de ensaios patrocinado pelo Banco Ayers também foi anunciado nos jornais e em folhetos espalhados pela cidade. E se ele ganhasse? Quando voltaram a encontrar-se em casa dos Lincolns, Mary relatou que Pet fora efetivamente premiada com o casaco de castor-preto até aos joelhos, mas vendeu-o para ajudar os pais e irmãos, por uma questão de culpa, porque viver numa herdade significava não ter de suportar uma casa com pais que usavam os filhos como mensageiros. As receitas do casaco de peles não foram capazes, claro está, de sarar as feridas da família Roderick. Um concurso de bolos, um concurso de ensaios para converter um terreno na baixa num paraíso, as bancas onde a pontaria granjeava a alguém uma boneca, os jogos da sorte de que John abdicaria em nome de Mary: que país tão sedento de competição, de vitórias e derrotas.

Enquanto o público entrava no Teatro Meline, John deu as boas-vindas ao clã Gouveia, exausto do trabalho nas suas vinhas, juntamente com Ray Silva e Faith, a sua petulante mulher, e Linda, a filha de ambos, que fazia bolos ingleses capazes de dar cabo de um homem. As moedas tilintavam um hino entrecortado ao caírem na bandeja da entrada e, olhando nessa direção, ele corou. Mary estava atrasada e John preocupava-se terrivelmente por ela viajar sozinha. Quando se ofereceu, uma vez, para a acompanhar nos dois trajetos, ela recusou. Mesmo com a ajuda dos horários dos comboios, equivaleria a um fardo de seis horas.

Da noite para o dia, aquela tornara-se uma péssima altura para cumprir a sua promessa de a apresentar à mãe, que fora acossada num beco quando regressava sozinha do serviço religioso na véspera. Havia cada vez mais escaramuças; o editor da *The Morgan Journal* fora espancado com uma pistola por publicar um comentário antissecessão. Um homem com um sotaque irlandês dera-lhe uns empurrões, murmurando: «Porquê tanta seriedade, pele-vermelha?»

A mãe estava cercada de inimigos fervorosos dos católicos, mas admitira

– era uma coisa ínfima à qual se agarrar – que se esforçava por alcançar o ponto que vislumbra no horizonte, um reino para todas almas. Então, um ignorante católico tinha de a aterrorizar! A agravar a angústia de John juntavam-se dúvidas recentes sobre se a Noite da Máquina do Som seria um cenário adequado para o encontro. O seu raciocínio, na altura, fora que uma alegre distração facilitaria a conversa. O público teria oportunidade de transformar as suas falas em arranhadelas na folha, se bem que *reproduzir o discurso*, ecoando uma voz com clareza gravada num salto fora do tempo, talvez nunca estivesse ao alcance da humanidade.

Cumprimentou Frank, que chegou com Elizabeth Hampton.

– Eu podia coligar as páginas de hoje num panfleto, John – sugeriu ela. – As suas mãos estavam manchadas de manusear utensílios de gravura para decorar capas na sua livraria.

John agradeceu-lhe.

– Não te inquietes – sussurrou-lhe Frank. – Fico contente por poder cumprimentar a Mary sem estar envolvido em atividades criminosas que envolvam arrombar portas, Alves.

Quando John expressou preocupação por causa da religião dela, Frank respondeu que a mãe de John em breve – em breve – seria uma das primeiras pessoas na Terra a ajudar a pôr fim a guerras que duravam havia séculos entre «nós e eles».

A entrada da mãe com Nica foi tão lenta que pareceu cerimonial. Ela continuava abalada pelo tal imbecil irlandês. As pessoas que se instalavam nos seus lugares sussurraram. Serafina seria o último ato, com toda a gente curiosa para ver se Deus a reivindicaria como veículo da Sua Voz. Qual seria a mensagem, que glossolia emitiria ela?

– Mãe – disse ele. – Ainda bem que aqui estamos e que vai conhecer a Mary.

Ela perscrutou o teatro e anunciou:

– Está atrasada, essa Mary.

Enquanto ajudava Nica a instalar a mãe na primeira fila, John disse, mais irritado do que queria:

– Ela não é o maquinista do comboio. – Era um momento inoportuno para lhe lembrar que Augusto lutara por eles, e a fantasia de John, de no Natal já serem uma família religiosa mista e feliz, tornou-se mais distante. – Quer estar comigo em palco, mãe?

Ela não queria.

Ele atrasou ao máximo o início da sessão – a sua tática incluiu conversar longamente em língua gestual com o seu aluno Sammy Byrd e a mãe de Sammy –, mas o público começou a agitar-se e Frank a gesticular junto do palco. John ajudou-o a acionar as roldanas para levantar a cortina e revelar a Máquina do Som numa mesa coberta de veludo vermelho, a concha de *papier mâché* iluminada por trás e a pluma luxuriante da caneta em destaque. Ele descobrira uma maneira de resolver a estreiteza da abertura e a limitação do

rabiscar. Em vez de prender papel velino estático, instalara um rolo de papel com uma manivela para o rodar enquanto recebia as marcas fluidas. Frank deu as boas-vindas calorosas a todos antes de se sentar na plateia.

Livrando-se de maus agoiros, John apontou para uma pilha de tiras de papel e disse:

– Vou girar uma folha no rolo de cada vez. Enquanto falarem para esta pluma, e as vibrações moverem a caneta, vou rodar a manivela e, depois, vocês escreverão as palavras que disseram. – Mostrou um caderno e algumas pessoas aplaudiram. Atalhou o seu discurso sobre a ciência do som quando o mar de pagadores de moedas amainou, concluindo: – Se algumas sílabas produzirem marcas idênticas, talvez exista um alfabeto de cifras. Como é que uma gravação pode reproduzir esses sons? Significaria que o que dizemos pode durar para sempre, como palavras num livro. No mínimo, os rabiscos desta noite comemorarão a nossa loucura. – Ele esperara ouvir mais risos. Mary perdera toda a sua apresentação. O peitoril tinha brinquedos de corda (um urso bailarino e um palhaço com tambores) que ele era capaz de jurar que não sorriam daquela maneira quando ele começara a sua récita.

Assim que John pediu um primeiro voluntário, Ray Silva saltou para o palco. Enquanto John rodava a manivela, Ray proferiu para a pluma: «Tu és Pedro e sobre esta Rocha construirás a Minha igreja!» Sob muitos aplausos, John destacou a tira de papel e mostrou os rabiscos. As pessoas ao fundo da sala gritaram que não conseguiam ver e Frank pôs-se de pé de um salto, pronto para passar cada folha de mão em mão para as pessoas a examinarem.

Seguiu-se Joe Gouveia e John temeu que ele gritasse «Ele ganhou dinheiro comigo enquanto jogávamos cartas com o dinamarquês!» Mas Joe exibiu um sorriso afável e troou «O inverno destrói as uvas!», de que resultou uma espiral. À medida que os participantes avançavam, clamando, John inquietou-se com as notícias que diziam que os comboios eram sítios ideais para assaltos. Ray mencionara que a procura de modelos para copiar vestidos de senhoras levava homens a obrigar mulheres, sob a ameaça de pistola, a abrir as suas malas, porque a alta costura transposta para padrões destinados à produção em massa era altamente lucrativa. John arrependeu-se de se ter rido na altura e imaginou Mary a ser obrigada a despir-se diante de bandidos.

E, então, ela chegou, irrompendo pela sala dentro, a sua querida, com flores emurchecidas da viagem. A mãe lançou-lhe uma carranca pelo atraso. Ruborizada, Mary deixou-se cair numa cadeira na periferia, enquanto o velho Ronald avançava, cambaleante, para o palco e gerava uma série de rabiscos que pareciam arranhadelas de patas de urso.

A oferta de Elizabeth à Máquina do Som foi: «Há saldos esta semana na Livraria Hampton!» e todos na plateia se deleitaram ao ver as suas linhas e pintas que se assemelhavam a pontos de exclamação. Um aperto na garganta impediu o coração de John de lhe saltar pela boca fora, quando, por fim, a sua mãe subiu os degraus, com Nica a conduzi-la, a mãe que envelhecia a cada passo, até pousar as mãos de cada lado do funil idêntico a uma orelha. Com

John a instá-la a dizer alguma coisa, qualquer coisa, ela inclinou-se para a pluma e esperou que a Voz de Deus saísse de si. John rodou a manivela para girar o rolo de papel. O sussurro dela foi breve e baixo, e Nica e ele não conseguiram captá-lo.

John tirou a página do rolo e mostrou-a... estava vazia. Levantaram-se murmúrios e, quando Ray gritou um pedido para que revelassem as palavras da Sr.^a Alves, ou para que ela as repetisse, por favor, a mãe respondeu: «Hoje não.» Não deu para perceber se ela se recusava a repetir os seus murmúrios, ou se foi isso que Deus lhe disse, gerando assim uma página em branco. Ela pediu a Nica para a acompanhar ao seu lugar na plateia.

– Os papéis com as marcas e as palavras originais estarão expostos durante uma semana no teatro e, depois, a menina Hampton... não se esqueçam dos saldos na livraria dela... fará um livro. – A voz de John era vazia. – Obrigada por participarem na minha experiência.

Correu para Mary e disse:

– Estava tão preocupado.

Depois de ela exprimir a sua irritação por um homem lhe ter assobiado no comboio, ele tranquilizou-a:

– Não tens de a conhecer hoje.

Explicou que, na noite anterior, a mãe tinha sido apossada por uma pessoa assumidamente da religião em que, apesar de muitas preces e esforços, ela ainda não conseguia confiar.

– Já aqui estou. Que diferença fará esperar um mês ou mais?

Ele levou-a até junto da mãe e Mary ergueu o ramo emurchecido e, desejosa de animar o rosto impassível de Serafina, disse:

– Estavam mais vivas quando comecei a viagem. Sou a Mary Freitas. Admiro-a muito, minha senhora. – Sorriu para a mãe e, a seguir, para Nica. – O Rui também aqui está?

John estremeceu e Nica retorquiu:

– Não o vemos com frequência.

– Ah. – Mary olhou para John. O lábio de Serafina tremeu.

– Eu devia ter-te falado nisso, Mary. – John pousou um braço à volta do ombro dela.

Nica deu-lhe um beijinho.

– Querida Mary! – disse ela. – Mãe, não é tão simpático a Mary ter feito este trajeto todo para ver o espetáculo do John e para nos conhecer?

Serafina aceitou as flores com reserva e Mary tirou um lençinho da carteira.

– Bordei-o para si – explicou. – Funchos.

– Para nos lembrar o Funchal! – cantarolou Nica.

Serafina examinou o lenço, demasiado elegante para ela o usar. O vestido de Mary tinha conchas bordadas e percebiam-se-lhe as formas do corpo; não era o traje discreto de uma mulher cristã. Serafina perdeu o ânimo diante dos olhos de John. Sentia-se muitas vezes perplexa, mas aceitar uma

católica continuava a ser algo impossível para ela e, com um tom de súplica, perguntou a John:

– Que está a acontecer?

Nica interveio:

– Que bordado impressionante, Mary. Olha, mãe.

Serafina animou-se.

– Podes converter-te!

– Desculpe, minha senhora – respondeu Mary –, mas sou filha do meu pai. Sinto-me satisfeita com a pessoa que sou.

John desejou que Mary alinhasse na ideia.

– Mãe – disse ele –, a Mary é a minha outra metade e isso é ser presbiteriano que chegue.

Mas Mary abanou a cabeça e replicou:

– Não sou presbiteriana, minha senhora.

– Tenho medo de que não te salves, que tenhas filhos incapazes de ver a luz.

Reparando que Frank e Elizabeth se aproximavam, John fez sinal para os afastar. Crocitou:

– A Mary é a pessoa mais bondosa que eu conheço e isso é suficiente para ela se salvar. Talvez um dia ela se converta.

– Não – insistiu Mary. – Não me vou converter.

Aflita, Serafina respondeu:

– Os católicos querem matar-me.

– Oh, mãe. A Mary é incapaz de tal coisa – disse Nica. – Mais depressa mato eu a mãe do que ela. – A piada não surtiu o mínimo efeito.

As pessoas que saíam do teatro fitavam-nos. Mary pareceu, finalmente, perceber que John queria que atenuasse a obstinação. Num tom mais moderado, ela disse:

– Gostei da página em branco, minha senhora. Deus anunciou: «Digam-me como tencionam preencher-Me.» Deixou nas nossas mãos a tarefa de inventarmos alguma coisa.

– Não tenho a pretensão de saber o que o Senhor diz, a menos que as palavras venham claramente Dele e não de uma rapariga que gosta das coisas mundanas – disse a mãe a John. – «Nenhuma herança dos filhos de Israel passará de uma tribo para outra; cada um dos filhos de Israel continuará ligado à herança da tribo dos seus pais.»

Mary ficou hirta, de tão magoada, e John retorquiu:

– Não estamos em Israel.

– Todo o reino de Deus é Israel – entoeou Serafina.

– Aleluia, um milagre – disse ele, farto. – Cai neve em Israel. Mary, está na hora de te levar a casa. – O plano inicial era jantar na casinha de John e dar um passeio para ver o tipo de moradias que ele se imaginava a comprar, um dia, ciente de que *ela podia reivindicar uma herdade onde o seu trabalho ia de vento em popa.*

Na estação, ele agravou os erros do dia ao sugerir:

– Como não te importas com a religião, podias converter-te. Ou devíamos ter mentido sobre o teu passado. Porque é que não mentimos? – Ele não parava de incitar Nica a fazer precisamente isso para arranjar um pretendente. Porque havia a sua irmã de sofrer por se ter casado com um pescador qualquer que saltava de cama em cama, enquanto ela honrava os votos inúteis que tinham feito? Nica convencera-se de que a mãe ia ser executada, ele compreendia isto agora, e entrara em pânico por ter de cuidar de dois irmãos mais pequenos.

– Não vou mentir sobre quem sou. Porquê? Porque é que não te convertes tu?

– Destruí-la-ia. Só me apetece estrangular o irlandês que a incomodou. – Pegou na mão de Mary, mas ela retirou-a. – Se tiver de escolher entre ti e a minha mãe, a escolha serás sempre tu. Dá-lhe tempo. Eu ajudo-a a mudar de ideias. Ela está a tentar lá chegar. E vai lá chegar. Eu certifico-me disso.

– Como é que ela pode ignorar o facto de o meu pai a ter defendido? Disseste que está cansada de divisões e que quer a união.

– A união entre os protestantes. Ela tem cinquenta e dois anos e não está bem de saúde. O tamanho deste país choca-a. Fá-la agarrar-se a quem era, quando estava em guerra com os padres e todos a admiravam. Também reza em relação a isso.

– Pensei que ela ia gostar de mim.

– Eu amar-te-ei pelos dois.

Não se despediram com um beijo, quando o comboio se deteve com uma chiadeira, e ele desconfiou que isso os atiraria para um período em que se evitariam mutuamente. Quando voltou a casa dos Lincolns, ela não estava lá, e seguiu-se um segundo sábado sem ela. Com o cérebro em ebulição, raciocinou: uma pausa para respirar cura tudo. Vou relembrar à minha mãe que, em tempos, *também nós fomos católicos*, e ela vai reconhecer a sua cegueira, e pode ser que um Deus exasperado ponha fim, de uma vez por todas, às discussões sobre religião que existem desde o princípio dos tempos.

Se bem que provavelmente nem Ele sabia o que fazer, a não ser confirmar a ideia de Mary: aqui está um vazio. Desenhem vocês próprios nele. O vosso planeta causa-Me um cansaço de morte.



Ele não esperou por mais um sábado. Quando o comboio parou na estação de Springfield, com o seu telhado plano, e toda a gente desembarcou, um brutamontes mandou-o voltar para a terra de onde vinha e John ripostou: «Venho de Nova Iorque» e o homem chamou-lhe palhaço e deu-lhe um soco na cara e, então, John atirou-o ao chão com um pontapé nas pernas. Com o nariz a sangrar, foi em linha reta até à Rua 6 e à estufa do tamanho de um feudo, controlando o seu medo de se cruzar com Edward. Ela tinha o cabelo preso com uma fita verde, enquanto sachava a terra junto dos arbustos das

bagas milagrosas, era a primeira vez que ele entrava no reino dela de cores, formas e fragrâncias. Mary entreabriu os lábios como quando ele lhe dissera que os seus bordados exibiam a mestria das mulheres que preferiam perder a vista a desistir do seu trabalho. Amarrado e coberto de sangue, ele parecia o sobrevivente de um campo de batalha que atravessara montanhas e abria caminho por entre florestas. Ele puxou-a para os seus braços e levantou-a do chão, ela ergueu os joelhos e pô-los à volta da cintura dele, deixa-me levar-te comigo. Mary, meu bálsamo em Guilead.

– Estás ferido – disse ela, soltando-se dele para ir buscar um pano.

Não, o sangue não era nada, tivera um desentendimento com uma pessoa que não gostara da sua cara.

– Achei melhor dar-te tempo, a ti e à tua mãe – explicou ela. – Pensei que era o que querias.

Como explicar-lhe que não tinham tempo a perder, com tantos rapazes prestes a serem mandados para a guerra?

– Oh, meu querido – disse ela. – Não queria fazer-te chorar.

Foi buscar o casaco e as mitenes – *Nascestes quente, para sempre arrepiado do frio* – para irem dar um passeio. Ele esquecera-se de levar luvas e ela estendeu-lhe uma mitene e disse:

– Enfia a mão junto com a minha – o que ele achou tão excitante que quase morria.

Encontraram uma festa ao ar livre, com bancas de bebidas e sobremesas, orlada pelos carvalhos da Primeira Rua Oeste e iluminada por lanternas coloridas, azuis, amarelas e vermelhas. O ar passava de dourado intenso ao ouro oxidado do entardecer, como se milhares de alianças tivessem sido fundidas e derramadas sobre as árvores, as flores e os homens e mulheres bem-vestidos fazendo brindes com os seus copos. Músicos afinavam os seus instrumentos com violinos soluçantes.

Arranjaram uma mesa e ele comprou copos de ponche e disse-lhe que participara no concurso do Banco Ayers. Por causa dela, sugerira um parque público com uma estufa que dispensasse ervas medicinais gratuitamente. Um prémio de mil dólares podia financiar uma casa, não ao estilo de Aristocracy Hill, mas numa forma de quietude.

– Vamos para Nova Iorque, Mary. Podias trabalhar em casa dos Jamisons, e eu arranjava emprego. Numa escola para surdos ou noutro sítio qualquer. – Com a voz a falhar, ele prosseguiu: – A mãe gostou de lá, e a Nica também, e tu disseste que o Edward partilharia os lucros e... – Ele parecia desvairado. Já tinham fugido de tanta coisa. Um freixo preto parecia falar devido ao restolhar dos pássaros e das folhas caindo ao frio. Num arbusto de cefalanto, uma lagarta aterrou numa folha, qual prancha de mergulhos, e ressaltou para o ar. – Podíamos ir para a Califórnia, Maria-Cat. Há laboratórios em Los Angeles a fazer experiências com o som. É o clima certo para a tua planta. Diz alguma coisa, por favor. – Podiam ambos abdicar de tudo, em vez de ser só um deles a fazê-lo.

Como que para o ridicularizar, um bando de Wide-Awakess apareceu de rompante, abafando os músicos. Rapazes tomados pela febre das milícias tocavam tambor e empunhavam tochas e faixas com órbitas gigantescas, e faziam estrépito com címbalos. As pessoas que estavam na festa ficaram aborrecidas. Quando os Wide-Awakess acabaram com a algazarra, Mary sussurrou, com inextinguível lucidez:

– Para quê irmos seja para onde for, se estás prestes a deixar-me para te juntares ao Exército da União?

– Eu não vou morrer, ou vou fazer por não morrer. Toda a gente acha que a guerra não vai durar muito.

– Tens de ir?

– Quando tu e eu visitarmos os Lincolns em Washington, quando lhes levores os teus trabalhos de costura como o senhor Lincoln nos convidou a fazer, não lhes posso dizer que fugi das minhas obrigações. Lutarei por todos nós, madeirenses. – Ia acabar por entrar em combustão de tanto reprimir a raiva por Edward considerar assumidamente aceitável que os homens mais pobres morressem, e ninguém pestanejar ante a cobardia dele.

– Não paro de dar voltas à cabeça, a pensar na nossa discussão na feira – disse ela.

– Não foi uma discussão, Mary, olha que não foi. Os casais às vezes discordam entre si e vêm à luz segredos, ou quase segredos, mas não tem mal, faz tudo parte do amor, ou não faz? Eu devia ter-te falado mais sobre a minha mãe e sobre o que eu gostava de lhe dar, mas quero dar-te muito mais a ti. – Pensou: És linda, e linda, e como um jardim, linda.

– Por favor, para de pensar tanto em dinheiro. Parece ingratidão, mas não adoro aquele casarão extravagante e aquele terreno. Gosto de ter dinheiro suficiente para jardinar e bordar e não ter o destino de uma órfã. Quero ter algo que seja meu. Mais nada. Não gosto de festas. – Nem de pessoas, não muito.

– Então, vai correr tudo bem, querida. Ambos queremos liberdade segundo os nossos próprios moldes. Nunca me esquecerei de que fui um menino sem liberdade, fechado numa cela. Quando eu voltar, vamos lançar alunos e coisas boas e invulgares para o mundo, coisas que fazemos e que inventamos, não vamos?

Assentiu ela com a cabeça?

– Está uma noite tão luminosa – disse ela. O pai ensinara-lhe que as estrelas formavam imagens.

Ele respondeu que a mãe as descrevia como o alfabeto de Deus. Enfiou novamente uma mão dentro da mitene dela e disse:

– Casa comigo.

– Sim. Um dia, caso contigo.

Concordaram esperar até ele voltar da guerra e, então, seriam livres de ir para onde quisessem, não em desespero, não em fuga.

– Teria de deixar o meu pai aqui – disse ela.

– Já o levas contigo para toda a parte. Mesmo que eu não ganhe o concurso, Mary, não morro sem te comprar uma casa. Pediste-me para não falar sobre dinheiro, mas eu preciso de te dizer que te darei um teto para te abrigar. Prometo pela minha vida.

As lanternas cobriam as pessoas com cores primárias e os músicos deixaram uma melodia avolumar-se, e uma quietude dourada chegou vinda da pradaria, dos campos, louvado seja tudo, todas as cornucópias debaixo do Sol sob o Senhor.

Esperar: seria o maior erro das suas vidas. Como já estavam a oferecer tudo o que eram, que melhor momento havia senão esse?

Se eu tivesse adivinhado tudo o que ia acontecer, Mary, ter-Te-ia abraçado até os meus ossos se quebrarem de velhice.

– Posso beijar-te? – perguntou ele.

Podes, meu amor, meu amor, podes.

As estrelas dissolveram-se e tornaram-se almas de estrelas.

Depois, de almas de estrelas transformaram-se em almas.

Temos a vida inteira.

Um dia, Frank comentou: Olha para o que o teu nome contém, Alves. *Sal, leva, lave, salve, vela, ela.* E *ave* e *vale*, olá e adeus.

⁵ Organização de jovens (mais tarde, de cariz paramilitar) cultivada pelo Partido Republicano nas eleições presidenciais de 1860, autoproclamada a nova voz dos jovens eleitores. (*N. da T.*)

A CIDADELA DE MULHERES

Ela tinha de costurar duzentos sacos para responder às encomendas mais recentes de lojas em St. Louis. Perpétua estava a plantar rebentos de limoeiro e Mary entrou em casa à hora habitual, numa das tardes em que Edward dava aulas no Illinois College. A sua mente era uma tempestade de pensamentos fragmentados sobre John, o dogma protestante, os secessionistas e uma praga de caruncho numa árvore de sapota-canela. A agravar o seu desconforto havia a descoberta de que mais de duzentos dos seus rebentos tinham ramos mutilados, prova de que um saqueador roubara alguns cortes. Pet, num momento tenso, jurara que a culpa não era sua.

A mulher que Mary vislumbrara ao longe como visita frequente apareceu ao cimo das escadas e desceu vários degraus. Deteve-se e os seus nós dos dedos ficaram brancos da força com que se agarrou ao corrimão. Do fundo das escadas, Mary disse:

– Sou a Mary Freitas. Cuido da estufa e do terreno. Finalmente temos oportunidade de nos conhecermos.

– Que faz aqui? – ripostou a jovem. O seu vestido de pano cru tinha a cintura alta e o penteado fazia lembrar um animal de pelo castanho enroscado na cabeça.

– Às quartas-feiras, eu uso a salinha de costura. Como é que se chama?

– Gertrude Weber. O Eddie não se cansa de falar de si.

Mary subiu o primeiro degrau, depois o segundo, mas, em vez de se mexer, Gertrude disse:

– Eu devia agradecer-lhe por o ter deitado fora.

Mary sentiu uma pontada na bexiga, como acontecia tantas vezes quando a confrontavam.

– Parabéns, ele é muito querido, Gertrude. Agora, se não se importa, eu gostava de subir as escadas.

– Vai tratar-me por «menina Weber».

– Menina Weber, importa-se que eu use a minha máquina de costura? O Edward e eu temos um negócio juntos, nós...

– Fascinante. – Gertrude subiu um degrau, como se precisasse de um melhor ponto de apoio para atacar a tentativa de ascensão de Mary. – Isto acaba imediatamente, este disparate puro e gratuito de fingir que vive aqui. Vai mudar as suas – abanou o braço como se estivesse rodeada de moscardos – coisas para outro lugar. Vou sugerir ao Ward que a Mary arranje outro alojamento e ponto final.

– Não tenho espaço na casinha para a máquina *Singer*, uso sempre o quarto do andar de cima. Posso vir numa altura que seja aceitável para si, menina Weber, e também para o senhor Moore. Vivi aqui com o meu pai e, quando ele morreu, o senhor Moore nunca me pediu para me ir embora, vivo com a minha amiga Perpétua.

– O pai genial e frágil. Que nome disparatado é esse, «Perpétua»?

Mary fixou os olhos aquosos de Gertrude.

– Chama-se Perpétua porque é isso que ela é. Quando o meu John regressar da guerra, vamo-nos casar e mudar para uma casa nossa, e eu terei lugar para a minha *Singer* e virei cá a casa só para trabalhar com...

– Assim que eu começar a viver nesta casa, a sua presença será dispensada.

– Menina Weber, eu estou sozinha, mas em breve deixarei de estar. Preciso deste emprego, o meu pai e eu trabalhamos aqui desde que chegámos. Posso viver na pensão feminina. Hoje, preciso de costurar os sacos. O senhor Moore está a contar com isso. – Avançou, mas como as batalhas territoriais têm o condão de inchar as mulheres, parecia que Gertrude se tinha expandido para os lados. – Gertrude – suplicou Mary –, deixe-me ir ao andar de cima, por favor.

– *Menina Weber*. Na próxima terça-feira, o Eddie e eu vamos dar uma festa e, antes disso, a menina vai limpar a nossa cozinha.

– As senhoras da limpeza vêm à segunda-feira. Limpar não faz parte do meu trabalho, menina Weber.

– Agora faz.

– Não, não faz. Não faz. – Embora tremesse, Mary recuou em passo lento.

Nessa noite, bordou uma serpente na sua toalha de mesa, rindo-se quando Perpétua sugeriu que se barricassem no casarão com espingardas até Gertrude assinar um documento a dizer que Edward e ela, Gertrude, é que deviam viver na casinha. Era raro ele bater à porta de Mary e, desta vez, queria saber porque é que o habitual cesto de saquetas cosidas e recheadas não estava no alpendre para o intermediário levar.

Mary explicou a razão, acrescentando que Gertrude exigira que ela se fosse embora, e morar na pensão talvez não fosse um afastamento suficiente para ela. Perpétua fingiu que lia um jornal. A resposta de Edward foi descair os ombros.

Mary indicou que havia mais um problema a atormentá-la e perguntou se podiam conversar no quintal.

No ar gelado e seco, ele disse, impaciente:

– Isto não pode esperar?

– Reparei que a minha planta tem cortes. No início, pensei que tivesse sido a Perpétua, mas não havia razão para isso; é claro que não foi ela. – Hesitou. – Edward, foi a Maud, ou, agora que penso nisso, foi esta Gertrude com que tens convivido tanto.

– Porque é que elas fariam uma coisa destas?

– Para criar problemas. A Maud parte coisas, isso já nós sabemos. Ela nunca chegou a oferecer-me um quebra-nozes novo. Tu também não.

Ele levantou e baixou a cabeça.

– Não, ainda não te comprei um quebra-nozes novo. Estás a falar a sério?

– Não entendo, Edward, porque é que gostas de tantas mulheres difíceis.

– Porque a única mulher que eu conheço que não é difícil, à exceção deste momento, não quer nada comigo.

– Não, nós trabalhamos juntos e isso é alguma coisa e não é pouca, e eu quero que faças a coisa certa por mim e digas à Maud para deixar as plantas em paz.

Ela observou as rotativas a girarem na mente dele.

– Eu tenho de trazer algumas questões à baila – disse ele. – Vamos lá despachar isto, uma vez que a tua obsessão preferida veio à tona.

Mary fitou-o, incrédula, enquanto ele falava, até o interromper com um «O quê?».

– Eu *disse* que se tu a encarasses como uma pessoa, e como um recurso, em vez de como um ogre, verias que o pai dela é um dos principais distribuidores a sul. Com a ajuda dele, já enviei umas estacas para a minha quinta.

– O quê?

– O Archie Dieterman recebe dois e meio por cento do que ganhamos por atacado com tudo o que vai para St. Louis e para o Sul, em geral. Para mandar as primeiras trinta estacas para a Florida, ele cobrou uma tarifa ridiculamente baixa. Que eu paguei.

– A Maud está a ganhar dois e meio por cento *com a minha planta*?

– Não, o pai dela é que está, mas só nas rotas a sul. Ele dá-lhe meio por cento da parte dele, da parte *dele*, note-se bem, uma vez que ela é que tratou de tudo em meu nome. Ela diz que é dinheiro para comprar alfinetes. Trocos.

– Edward, cortaste estacas sem me avisar. Foram mutiladas.

– Eu sabia que ias reagir assim.

– Então, porque é que o fizeste? – guinchou ela. As pedras-morangos pintadas pelo pai eram as únicas coisas que mantinham aquele ponto na terra fixo no seu lugar.

– Porque é que dizes que foram «mutiladas»? Estás a acusar-me de não

saber cortar as estacas como deve ser?

– Estou!

Todo o corpo dele se contorceu estranhamente.

– Relembro-te, uma vez mais, que tudo o que trouxeste para o Illinois teria morrido sem mim, e sorte a tua, sou dono de uma herdade que é acolhedora para a tua planta medrar ao ar livre. Dez das trinta estacas vingaram. Os meus trabalhadores confirmaram-me isso. Estava à espera de uma boa altura para partilhar a notícia contigo. Pensei que ias ficar radiante.

– Há mais distribuidores no Sul!

– Usei um dos maiores que conhecia, e a preço de desconto. Estás a exagerar, como é teu apanágio. – Ele ponderou deter-se aí, mas não o fez. – Quem se importa se um tipo chamado Archie Dieterman põe óleo nas engrenagens e fica com uma parte mínima dos lucros, e se a filha dele ganha uma ninharia como agradecimento, uma antiga namorada... estivemos noivos só durante duas semanas, Mary! Uma antiga namorada que nos ajudou e que tu detestas tanto que não consegues ver como ela pode ser útil e aceitar a situação de uma vez por todas. Ela vai-se casar com o mimado do Billy Mars. Que tem o dobro do meu dinheiro.

– Até lá, arranjou maneira de fincar as garras em ti.

– Apesar das tuas dificuldades passadas, achas que tudo e todos deviam ser perfeitos e foi por isso que tornaste o John este modelo de romance, quando ele não passa de um rapaz bonito que te deixa chafurdar em nostalgia e que nunca ganhará dinheiro suficiente para te fazer feliz e tu sabes que assim é.

As pernas dela eram velozes, mas pareciam de madeira quando se encaminharam para o interior do seu alojamento. Foi buscar o seu saco de tapeçaria, sob o olhar de Perpétua, e disse:

– Desculpa mais uma vez por ter pensado que cortaste as plantas.

– Não te preocupes com isso. O que é que estás a fazer?

Mary atirou coisas ao acaso para dentro do saco e, levantando a tábua do soalho onde escondiam o dinheiro, sacou de umas moedas.

– Usa boro para matar aqueles vermes, Pet. Estiveste a escutar atrás da porta?

– Até podia estar em casa da Nell que teria conseguido ouvir-vos. Ele é um palerma em relação à Maud, mas nunca foi ciumento. Ele ama-te e não sabe o que fazer. Além disso, tu gostas dele e também não sabes como te comportar na presença dele, Cat-Cat.

– És a minha amiga astuta. Não me vou embora para sempre.

Abraçaram-se e Mary disse que ia tentar a pensão, uma vez que possivelmente a mandariam para lá. O pai avisaria: *Não te precipites, querida, protege-te das tuas tendências apressadas e irracionais*. Mas ela encaminhou-se para a Pensão para Mulheres e Meninas do Illinois, uma casa com três andares, a oito quarteirões de distância, e numa sala de jantar com escudos e espadas, inusitados numa fortaleza feminina, conheceu Adelaide Oscar, a

dona. Mary acreditava que as mulheres se transformavam em maçãs ou em pardais quando envelheciam, e a Sr.^a Oscar – tratavam-na por «Addy» – virara pardal. As toalhas de mesa tinham nódoas indeléveis e havia uma pá do lixo abandonada na entrada, como se uma criada tivesse fugido de um ataque.

Addy deu-lhe as boas-vindas à casa a que chamava «a nossa cidade de mulheres» e descreveu-se como uma viúva do ouro, o marido abandonara-a para rumar a Oeste, onde, segundo os boatos, tinha uma nova família que quase de certeza não sabia da existência de Addy sem filhos.

A princípio, Mary regozijou-se com a solidão do seu quarto arrumado, com uma janela e cavalos a passarem lá fora, repousando no âmago da sensação livre de precisar de tão pouco. A sua mente despedia faíscas enquanto discutia com Ward: *Não preciso de muito para ser feliz. Estás enganado*, ciente de que esse canto se alteraria quando se lhe esgotasse o dinheiro, e estranhamente em sintonia com isso, ele enviou-lhe um bilhete a pedir desculpa, mas referia-se à sua fuga como uma «teimosia». E, já agora, não fazia sentido pagar-lhe o salário se era Perpétua quem se encarregava do trabalho.

Ela adorava o bulício matinal das raparigas com os seus sapatos de botões, enquanto se apressavam para irem trabalhar nas lojas. Ela ficava sentada na cama, à escuta. O mundo partia-a em duas, a sério que partia, com tamanha enormidade.



Na prateleira, estava uma boneca de porcelana e Mary tapou-a para que não ganhasse vida e a esfaqueasse até a desfazer numa papa sangrenta. Na velhice, lembrar-se-ia dessa boneca e pensaria: porque é que não me limitei a tirá-la dali?



As lascas de vidro ao longo do peitoril exterior da sua janela tinham a forma de animais, um urso, um cão e um pelicano de asas abertas. Eram mínimos e deviam estar numa pulseira de berloques. Só de pensar em usá-la sentiu picadas no pulso.



Pet entregou-lhe uma carta e um pacotinho de John:

20 de dezembro de 1860

Maria-Cat,

Passou tanto tempo a voar desde a noite da máquina do som & da nossa outra saída, mas desde então só sinto o Teu silêncio. Não Te culpo, mas queria dizer-Te que a minha mãe está arrependida. No fim de contas, errar é humano & há tantas histórias de ódio entre a Tua fé & a minha, embora não deixe de ser estranho, pq nem Tu nem eu temos nada a ver com isso tudo. Ela quer uma segunda oportunidade contigo, não é boa notícia? Tendo o nosso Grande Homem sido eleito, só com umas semanas – sete, oito – até ele se ir embora, o nosso ponto de encontro já foi tomado por homens de poder & em breve deixará de ser nosso para sempre.

A 3 de janeiro, vai haver uma exposição de arte na Escola para os Cegos perto da estação de Jacksonville e da Merceria do Ray, por isso podias tratar de uma remessa da Tua colheita & encontrar-Te comigo ao meio-dia na escola. Assim como os meus alunos são incentivados a usar os ouvidos como quiserem, os alunos cegos são incitados a desenhar & pintar.

Também nessa data... espero que signifique celebrar contigo. O concurso «Reforçar o Espírito de Jacksonville» termina daqui a quatro dias & tenho um bom pressentimento em relação a ter sugerido um jardim, porque não existe nenhum na baixa azafamada, sobretudo com uma estufa para dispensar ervas medicinais gratuitas como o Teu pai fazia. Pensa no que o prémio significaria para nós!

Vem cá no Natal. Tenho de Te avisar que vão acontecer muitas coisas da igreja protestante, & amigos de Madeira Hill vão oferecer as habituais aves mortas a tiro e frutas cristalizadas. Vou enviar-te uma prenda, querida, caso não consigas vir ou queiras mais tempo (?). Compreenderei, mas por favor olha que a minha mãe quer emendar-se.

Hoje recebemos a notícia de que a Carolina do Sul deixou a nossa União. Se não nos podemos ver por causa de muitas razões, o trabalho, a distância (a minha mãe), constrangimento com o Edward, etc., pelo menos podemos ESCREVER & isso servirá de treino para o que poderá acontecer durante semanas ou meses, mas espero que não demore tanto tempo, enquanto eu estiver na guerra. Não posso sobreviver longe de Ti sem pelo menos receber umas palavras Tuas. Vou dizer isto uma vez para despachar o assunto: se eu morrer ao serviço do meu país, posso ficar em paz no Céu tendo a certeza de que o Edward Te recebe de volta & Te dá não só conforto mas afeto, mas vou parar por aqui, a minha capacidade para dizer estas coisas tem limites. És o meu coração & alma, & amo-Te, Mary. John.Alves.

A prenda dele era um pacote de linhas que ela soube imediatamente, sem ler o bilhete que John aconchegara entre elas, ser uma tentativa de equiparar as cores raras que ela lhe descrevera e dissera que guardava num armário no Funchal, as que o pai vendera para pagar os bilhetes de barco para a América.

Mary comprou panos de linho para bordar enquanto as moradoras da Casa do Illinois estavam nos seus empregos. Lanternas azuis, vermelhas e verdes. Edifícios de Nova Iorque feitos com nós Josefina e renda de *reticello* nas janelas. Ponto russo para os sois do Centro-Oeste como laranjas-de-sangue. O bordado de Guimarães era perfeito para os flocos de neve. Desenhou flores brancas sobre branco como fantasmas de flores, e carris de filigrana, e fez uma réplica com ponto de alinhavo do lustre de Dorflinger da casa dos Lincolns.

Deteve-se abruptamente, paralisada. Enroscou-se na cama, mandando a si própria escrever a John, enviar uma prenda de Natal, apanhar um comboio e abraçar Serafina Alves, verificar se Pet estava a desfrutar de uma folga adequada, admitir a Edward que tinha medo de discutir com ele como podiam gerir o seu negócio... só que... sentia-se uma alma solitária que vê uma miragem em forma de ente querido e se dirige para ela e anda, anda, e a pessoa-miragem faz o mesmo, mas antes de desmaiarem de sede, percebem que é uma ilusão, que, apesar do seu esforço louco, não estão mais próximas.

Deixou de ir à sala de jantar e precisava de todas as suas forças para se deslocar à casa de banho, a maior parte das vezes servia-se do bacio. Uma pancada na porta – ela forçou a sua voz a cantarolar: «Está aberta» – e apareceu Lucy Brattle, que pousou um tabuleiro e se aproximou de Mary, na cama, para ralar com ela:

– Querida, perdeste o Natal! A Addy disse: «Eu deixo-vos fazer o que bem vos apetece, meninas, mas sei identificar um grito de ajuda quando o ouço.»

A boiar na sopa de cevada viam-se rodela de cenoura que alguém recortara para parecerem margaridas.

– Eu entendo – disse Lucy. – Chamo-lhe «mergulhar no poço». Estás triste, por isso enfiaste-te no poço?

– Não percebo o que queres dizer – respondeu Mary. Alguém se dera ao trabalho de tirar a casca a um tomate numa tira inteira e de a enroscar numa espiral para formar uma flor para o tabuleiro dela, o que fez com que desatasse a soluçar.

– Pronto, pronto! – exclamou Lucy. Com uns olhos muito afastados e uma falha entre os dentes da frente, ela parecia ter quinze anos, mas abraçou Mary como se fosse ela a criança. – Um cavalheiro veio cá no Natal e pediu para te dizer que lamentava muito, mas a senhora Oscar não deixa entrar nenhum homem cá em casa. Há merengues como sobremesa, se quiseres. A senhora Oscar fê-los porque despediu a cozinheira, queres saber porquê?

– Quero. – Mary deixou que Lucy lhe desse a sopa à boca.

– A cozinheira usou papel para engrossar um molho branco. Papel!

Riram-se ambas. Mary disse-lhe que, na sua terra, os merengues se chamavam suspiros.

– Que bonito.

Mary descreveu o pai e a Madeira (Lucy nunca ouvira falar da ilha) e Lucy comentou:

– Eu sou do Kansas e acredita que tive tudo menos anjos à minha volta.

– Depois de a mãe de Lucy se ter enforcado, o pai vendera-a a um velho e ela fugira, corraera até ali, tão longe. Adorava a casa de mulheres de Addy. – O meu trabalho é servir almoços no hotel do senhor Farnsworth, e ele é tão bondoso. Foste tu que bordaste estas coisas? Tens de te levantar e usar os dotes que Deus te deu, mas, antes, precisas de um banho.

Lucy cantarolou baixinho o que parecia um hino enquanto despia Mary e a lavava.

– Tiveste uma vida difícil – disse Mary, ao que Lucy respondeu:

– Isso tudo já lá vai, abatido como um cão com raiva. Hoje sou feliz, mas isso não quer dizer que, de vez em quando, não me enfie no poço.

Mary deu-lhe todos os seus panos bordados e, quando Lucy disse que não os podia aceitar, Mary insistiu:

– Gostava que ficasses com eles, por favor.

Na manhã seguinte, pagou a sua conta, abraçou Lucy Brattle e Addy e outras meninas e regressou à herdade de Edward Moore. Ia ela realmente empilhar produtos nas prateleiras da mercearia de Maisie e voltar para um dormitório ao fim do dia e correr o risco de comer molho branco feito com papel? Num concurso com Edward para ver quem cederia primeiro, de certeza que ela perdia, o que a deixava furiosa. Imaginou-se a subir para uma carroça rumo à Califórnia, a cultivar as suas plantas numa cordilheira ocidental, mas ao mesmo tempo admirava a recusa dele em suplicar. Quando Edward a viu no quintal, trocaram uns cumprimentos cerimoniais.

Mas, depois, ele levou-a ao Banco Sangamon para abrir uma conta em nome dela. As mulheres só tinham direito a isso mediante a assinatura de um homem.

– Preferia que não tivesses passado o Natal longe daqui, Mary – comentou ele –, e posso dizer que tive muitas saudades tuas? Fui mal-educado contigo e a minha descrição do John foi injusta e tem-me aborrecido. Ele aprendeu uma terceira língua e cuida de crianças. E de ti. Tem um físico agradável e capacidade de dedicação. É inventivo e um homem que aprendeu ciência por si próprio. Vocês os dois vêm de situações de opressão que nem consigo imaginar.

Ela pediu desculpa por não ter apreciado o raciocínio mais lato dele acerca do negócio, nem o investimento que ele fez, e explicou que não foi por mal que se enfureceu por causa das mulheres que Ward conhecia.

– Não, tens razão. A Gertrude será informada, aliás, toda a gente será informada, de que podes entrar em minha casa quando quiseres e ninguém pode ir à estufa sem a tua autorização. Eu devia ter-te perguntado se podia

fazer os cortes na planta. Queria ver quantas estacas sobreviveriam na quinta. A minha intenção era fazer-te uma surpresa agradável. Já arranjei outro distribuidor. Leonard Otto, da Otto & Wharton. Acabaram-se os Dietermans.

– A Maud vai ficar aborrecida.

– Não quero saber. É doloroso ter-te por perto, mas ainda mais doloroso ter-te longe. – Quando ele disse que tinha uma prenda de Natal para lhe dar, ela suplicou:

– Ward, por favor. Abriste uma conta no banco em meu nome. És demasiado generoso.

– Vais gostar.

Ela deu-lhe o braço como fizera aquando da sua chegada, em pleno inverno, havia cerca de um ano. Na mesa do vestíbulo dele, estava um embrulho.

Ela deixou o invólucro do embrulho cair, neve de papel plissado. A sua prenda era um quebra-nozes de metal em forma de tucano e ela soltou um vendaval de riso.

– Obrigada, Ward. Não era preciso.

– Não consegui encontrar um papagaio.

Ela beijou-lhe a face, apanhando-o de surpresa.

– Esqueci-me de te comprar uma prenda – disse.

– Neste momento, esta é a melhor prenda que eu podia esperar. Se isto significa que me perdoas... – ao que ela respondeu:

– Perdoo.

—

Era sempre uma espécie de meditação, quando Mary amassava a terra com as duas mãos, peneirando-a, soltando-a, desfazendo torrões e nós fibrosos, criando um banquete fácil para as minhocas, para que as raízes pudessem desenrolar-se. Não ouviu ninguém entrar na estufa.

Desequilíbrio-se quando Gertrude lhe agarrou na cabeça e a espetou no canteiro à altura da cintura, gritando «Porca linguaruda», esmagando a cara de Mary nas migalhas húmidas até ela ficar com a boca cheia, e os olhos e o nariz também. Mary esbracejou, mas Gertrude empurrou-a com mais força, agarrando nela pelos cabelos. A lembrança de John a sustentar a respiração salvou-a – *Consegue-se sobreviver sem ar* –, mas, em pânico ao sentir a proximidade do nada, desferiu um pontapé no joelho da sua agressora. Não fez diferença nenhuma... Quando Mary estava a asfixiar, à beira de perder os sentidos, sentiu uma escaramuça que fez com que a soltassem. Gertrude foi levada à força e Edward berrou:

– Enlouqueceste?

Com uma máscara de terra no rosto, Mary viu-o agarrar no cotovelo de Gertrude enquanto Pet corria para ela, que engolia ar húmido e se segurou ao rebordo do canteiro antes de escorregar para o chão.

Nessa noite, Mary ter-se-ia levantado de um salto, se dispusesse de

forças para tal, mas só conseguiu gaguejar:

- Pet, que dia é hoje?
- Um dia mais perto do Juízo Final.
- Sim, mas que dia do ano?
- Três de janeiro.

Mary esquecera-se completamente do seu encontro com John na escola para os cegos, para ver as pinturas etéreas feitas por crianças de olhos sem luz.

Edward tratava dos seus enxertos, na alvorada seguinte, quando ela entrou na estufa e, sem levantar os olhos, ele disse:

– Pus um ponto final na minha relação com a Gertrude, embora não fosse propriamente uma relação. Ela não nos incomodará.

Mary sentou-se num peitoril junto dele, enquanto ele apertava os cordéis que prendiam os enxertos cortados na diagonal.

– Estou a conseguir criar híbridos da tua planta milagrosa, mas uma rosa sem espinhos continua a estar para lá do meu alcance.

– A minha planta já existe, enquanto o que tu estás a tentar criar, não, Edward.

– O teu pai saberia desenvolver o que quero.

– Imagino que sim. Edward, porque é que as mulheres com quem te envolves são das piores que já conheci na vida?

Ele arranjou uma cadeira para descansar com ela no calor artificial.

– Em minha defesa, deixa-me dizer-te que não estou no Illinois assim há tanto tempo e, no entanto, homens como o Sullivan Conant, o William Farnsworth e o Philo Beers, e mulheres como a Nell Clark e outros tipos exemplares, encontram-se entre os meus amigos. O meu pai era um patife, os meus irmãos são depravados. A minha mãe fazia troça do gaguejo que demorei anos a superar. – Ele deu-lhe um breve toque no ombro. – Estou a aprender que não preciso de substitutos para a maldade deles. Em confiança, contei à Maud os meus fracassos em Princeton e falei do meu pai trapaceiro. Às vezes, ela ameaça contar a toda a gente. Eu queria mantê-la feliz para evitar esses mexericos. Agora cansei-me de chantagem emocional.

Uma explosão de benevolência para com as falhas dele assustou-a. Ainda assim, julgava que não era capaz de explicar a Edward a necessidade de mergulhar no poço, embora nessa manhã, na sua carta a John, a tivesse descrito o melhor que pôde.

– Contacta o John e deseja-lhe bom ano novo – disse ele. – Depreendo que tenhas desaparecido para toda a gente durante uns tempos.

– É verdade. – Ela partilhou que John a convidara para uma exposição de arte, mas que o horror da véspera lhe apagara o compromisso da mente. Enviara-lhe um bilhete, confiando que as coisas ficassem sanadas entre eles.

– Ótimo. – Edward apontou para os golpes abertos na diagonal nos caules da rosa. – Fiz mal os cortes? Estas suturas estão mal feitas?

O conhecimento dele sobre cortes e enxertos era ótimo; ela arrependeu-se da sua fúria por causa disso. A união das duas variedades tinha sido muito

bem feita, estava excelente.

– Não, Ward – respondeu. Contentaram-se com meios sorrisos. – Tu sabes o que fazes.

O TRUQUE DAS NUVENS

20 de janeiro de 1861

Minha querida,

Não recebeste a minha carta? Saiu nos jornais que GANHEI O PRÉMIO, & foste Tu, Tu quem me inspirou. O senhor Ayers disse que a minha proposta de um jardim com uma estufa & bancos para as pessoas conviverem promete «um paraíso para o espírito e os comerciantes vão aplaudir a ideia». Vou receber mil dólares!

Podia comprar-Te uma casa neste momento & dar algum dinheiro para a igreja que a mãe quer criar. Certificar-me-ei de que fica sob a alçada de um homem santo honrado. Ai, vai ser preciso procurar muito! Dás-lhe uma segunda oportunidade, por favor? Ela tem dores de estômago & a Nica & eu temos de cuidar dela, & eu tenho as aulas para dar, senão ia a correr ter contigo. Talvez o Teu silêncio signifique que preferes que Te deixem em paz durante uns tempos?

Mais quatro estados abandonaram a União & eu estou desejoso de Te ver. Se estiveres no Teu poço, eu tiro-Te de lá se estiveres pronta &, se não, sento-me contra o muro exterior do poço até estares. Quero mostrar-Te o lugar onde vai ficar o («meu») Jardim Público de Jacksonville & podemos celebrar quando a minha mãe Te der – nos der – a sua bênção. O meu coração dividiria o mar vermelho em que boia, dentro de mim, se me mandasses por favor notícias de Ti. John.Alves.

O Dia da Repetição foi concebido para soltar os corpos dos seus alunos surdos e os lançar nas vocalizações, deixando-os reivindicar a sua participação como toda a gente no mundo do ruído. Muitos deles recebavam emitir sons, dar nas vistas. *Mas aqui*, gesticulou John, *somos livres!* Lillian Wyatt começava muitas vezes o alarido, saltando a um ritmo que lhe desbloqueava a garganta. Pondo um brinquedo em forma de vaca na cabeça de Nathan Schmidt, John gritou e indicou por gestos: *A vaca senta-se no cabelo dele!* Os alunos dançavam, de braços esticados, joelhos dobrados, com Sammy Byrd soltando a sua versão de gritos originados na barriga.

John gesticulou: *Mais alto! A vaca senta-se na minha mesa!*

A Lillian senta-se numa cadeira com a vaca!

As crianças inventaram destinos para a vaca, rodopiando-a, atirando-a a Hiram Lattimore, enquanto o coro de John tamborilava. Depois de ele lhe pedir várias vezes uma resposta, Mary enviara um bilhete frio e sucinto que deitara por terra o seu plano de correr para ela. Queixava-se de uma constipação, demasiado contagiosa para viajar ou o receber. Além disso, magoara a mão com a tesoura de podar e era Pet quem escrevinhava, impaciente, aquelas palavras.

Porque é que ela não lhe dera os parabéns pelo concurso? Quando ele estivesse na guerra, imaginar o seu jardim sublinharia o consolo de estar a lutar por tudo o que valia a pena.

Mary, não me importo de apanhar a Tua constipação.

Ganhei, Mary. Porquê tanta frieza?

Claire Clearwater nunca falara, mas, nesse dia, a avezinha canora soltou um ruído áspero. Enquanto gesticulava, ele gritou: *A Claire falou!*

Vivas de entusiasmo! O professor que jamais será esquecido quer que os alunos professem: *Já não tenho pavor! Ensinaste-me que, feitas as contas, educação é amor.*

Estava a saborear estas vitórias mais tarde, na biblioteca, refletindo sobre como fazer moldes das marcas e sulcos que a pluma da sua Máquina do Som registava, quando o supervisor Gillette lhe transmitiu a mensagem de que Augustus Ayers convocara John. Provavelmente para lhe dizer quando é que ele ia receber o seu prémio em dinheiro.

Uma criada recebeu-o na residência do banqueiro, uma obra-prima de estilo italiano. O Sr. Ayers conversava na sua salinha com uma mulher de pele bege e rosto destituído de sentido de humor, tão encasacada que, se caísse de um edifício, ressaltaria no chão.

– Senhor Alves, meu amigo, junte-se a nós – disse Augustus. Não estava efusivo, como sempre, e faltava-lhe a postura de quem estava desejoso de conversar sobre uma nova fortuna com o respetivo vencedor.

John instalou-se na cadeira mais confortável que já experimentara na vida. Uma vitrina exibia estatuetas de porcelana dispostas num cenário pastoral.

– Infelizmente, senhor Alves – disse Augustus –, cabe-me informá-lo de

que foi feita uma queixa.

Batendo à porta, a criada deixou entrar uma pessoa com uma voz que afundou de tal maneira a energia vital de John que esta lhe caiu aos pés. Era Edward Moore. Depois de os seus olhares se cruzarem, a ligação quebrou-se. Edward sentou-se numa cadeira o mais longe possível de John, de mãos entrelaçadas com veemente firmeza, enquanto Augustus lhe apresentava Sarah Brink como a segunda classificada do concurso. Incapaz de se censurar, John perguntou a Edward:

– Como está a Mary?

– Eu podia perguntar-lhe o mesmo. – Cada palavra era uma machadada no ar.

– A constipação dela. A mão ferida. Ela está melhor?

– Não estou ciente de nenhum padecimento. Prefiro não falar sobre ela consigo.

– Quanto ao assunto que nos trouxe aqui... – interrompeu o Sr. Ayers.

Sarah Brink declarou que soubera que John infringira as regras. Mexericou num saco de mão tão grande que dava para esconder uma criança raptada, tirou um folheto e espetou-o como se fosse uma intimação judicial na direção de John, que se recusou a lê-lo e disse:

– Tive uma ideia e escrevi-a. Ganhei. Há semanas. Que significa isto tudo?

– Eu não podia ter reagido antes, se a informação só me chegou agora. Durante uma conversa casual – chilreou Sarah –, a sua irmã comentou que o ajudou a limar as arestas do seu texto. As regras dizem inequivocamente que os textos têm de ser – pegou no folheto como se lhe tivesse respondido torto e baliu – «da autoria exclusiva de um só candidato». As palavras cruciais são «exclusiva» e «só».

Porque é que Edward ali estava? Como uma garça, pousou um tornozelo num joelho, como os homens americanos faziam para adicionar enormes triângulos de espaço ao lugar que ocupavam.

– A minha irmã corrigiu alguma pontuação – explicou John –, alguns erros ortográficos, mas tudo o que escrevi me saiu do espírito e da mente, senhor Ayers. Menina Brink. – Deveria acrescentar «Senhor Moore»? Não. – Não há nenhum sítio na baixa para as pessoas descansarem e conversarem, a não ser em cafés, e eu disse que a natureza precisa de ser santificada, que erramos em tentar apenas conquistá-la. – De uma das narinas de Sarah pendia uma gota de fluido que se recusava a cair.

– A sua ideia era a melhor. Pessoalmente, concordo que pequenas correções não são uma falta grave. – O tom do Sr. Ayers era solidário e John lançou-lhe um olhar de gratidão.

Mas Sarah prosseguiu:

– O senhor omite as contrações em inglês, segundo a sua irmã, e de vez em quando as suas frases precisam de ser simplificadas. Senhor Ayers, o senhor é extraordinariamente justo. Mas a qualidade da prosa era um dos

pontos determinantes. – Ela dirigiu a atenção para Edward, que parecia ter vindo ao acaso da rua e estar a contemplar uma maneira de sair de uma situação tensa que não lhe dizia respeito.

John ponderou correr para Washington e interromper o Grande Homem, que estava ocupado com uma coisinha ou duas, para lhe implorar que o defendesse naquela batalha jurídica.

– Deixe-me reafirmar – murmurou Augustus – que o seu ensaio era superior, senhor Alves. Mas temos o problema desta falha técnica. O senhor Moore doou o lote, mas não teve nada que ver com a seleção do vencedor. Senhor Moore, importa-se de dar o seu parecer?

John detestava que as pessoas pigarreassem e, como que para o irritar, Edward sujeitou-os a uma longa sessão disso mesmo antes de pedir a Sarah para resumir a sua proposta, que ficara em segundo lugar.

– Uma capela que acolheria todos os protestantes. É uma ideia inspirada por um pregador que ouvi na praça da cidade. Fiquei hipnotizada.

A cabeça de John caiu-lhe para o peito.

– Não – disse, a custo, antes mesmo de ela proferir o nome Isaac Unthank. – Não, não, não. – Não conseguira dissuadir a irmã e a mãe de se juntarem às hostes que escutavam os discursos ociosos que Unthank fazia ao ar livre. Uma conversa casual com Nica podia facilmente ter soltado uma ponta que Isaac puxara até desfiar um comentário menor sobre ela ter dado uma ajudinha a John. Se Sarah era um dos acólitos de Isaac, bastara-lhe partilhar esse pormenor com ela, a pessoa que ficara em segundo lugar, para ter uma oportunidade de conseguir a sua capela.

– O lote podia conter um jardim, mas com uma estufa de tamanho reduzido em vez de uma grande, para deixar espaço para uma pequena capela – declarou o rei Salomão Moore.

– Eu não me oporia a isso – disse Sarah. – Só quero justiça.

– Podiam dividir o prémio e partilhar o espaço – rematou Edward.

John fitou-o, a mesquinhez dele, fingindo-se de sensato e racional, mas cortando ao meio a capacidade de John cuidar de Mary, e disse:

– O Isaac é um sedutor e um vigarista.

– Então, é um vigarista que salva as almas de muitas das pessoas que o ouvem – ripostou Sarah.

– A Nica nunca teria dito nada que me prejudicasse. – John não conseguia parar de se rebaixar. – O facto de ela ter dito descontraidamente que me ajudou um bocadinho, e provavelmente outras pessoas tiveram uma ajuda muito maior, só prova que não fiz nada de mal. Ela não alterou as palavras, nem fez sugestões. O Isaac era capaz de distorcer um comentário casual dela para seu benefício próprio.

– Ainda assim – proclamou Sarah.

Trocaram-se mais pedidos, refutações e sugestões, coroados por comentários apaziguadores do anfitrião, que queria contentar toda a gente, mas, no fim, metade do prémio de John foi para Sarah, a senhora das regras, e

começaria a construção da sua capela para todos os protestantes no lote doado por Edward... uma dupla afronta.

Nenhum dos dois homens queria a companhia do outro à saída, mas John disse:

– Edward, pode pedir à Mary para me contactar? – ao que Edward respondeu:

– Até onde quer que eu me anule, John? Não faço a mínima ideia de como ela preenche a maior parte do tempo. Você tirou-ma e agora quer que eu seja o seu mensageiro? Já é suficientemente mau a sua ideia ser instalada no meu terreno. No meu antigo terreno. Estou atrasado para a minha aula na faculdade. Tenha um bom dia.

Os cinco cavalheiros estavam envoltos em fumo de charuto, como se tivessem ordenado que descessem nuvens do céu. Capas e cartolas encontravam-se penduradas na entrada. John tentou imitar o comportamento deles. Aquela sala de jantar majestosa em College Hill luzia uma sereia num vitral, com a cauda a evocar o tridente de Neptuno.

Jeduthan Walker, o dono da casa e barão do gado, começaria como crupiê. Os outros eram homens da alta sociedade de Chicago que estavam de passagem a caminho de St. Louis. John soubera daquele jogo através do dinamarquês, depois de se esgueirar para as traseiras da fábrica de curtumes e recuperar uma ínfima parte do que sentia que perdera. Por dez por cento do que John ganhasse, o dinamarquês tinha todo o gosto em recomendar um jogo com somas avultadas e diria a Jeduthan que John tinha uns inesperados quinhentos dólares além de perícia e uma sorte invulgar.

Portanto, ali estava ele, a quebrar o voto que fizera a Mary de nunca mais jogar a dinheiro. Mas podia ser que recuperasse num ápice a diferença confiscada devido a uma interpretação absurdamente literal das regras. Através de um arco, vislumbrou uma cornija de mármore cinzento e, em cima dela, azulejos a representarem uma aranha numa teia. No que parecia ser a cabeceira da mesa – embora fosse redonda –, Jeduthan misturava um baralho, as cartas a ronronarem, póquer de cinco cartas, cartas viradas para baixo, a primeira de cada jogador virada para cima, John com um quatro de paus baixo para começar as apostas nos cinco dólares, uma brincadeira de crianças para aqueles homens. Tinha dólares de prata e alguns trocos e umas poucas moedas de ouro de vinte dólares e uma pepita de ouro no valor de cem dólares, uma fortuna espantosa, e os outros também tinham dólares de ouro e prata e valiosas peças de ouro.

– Estou fora – disse Jeduthan, cortando a ponta de um charuto depois de uma segunda e uma terceira cartas sugerirem derrota. Dois outros desistiram também.

A rodada deu a John três valetes, um deles escondido; a sua vitória valeu-lhe cinco vezes a parada no espaço de minutos. Dos seus rivais, nada

emanava, nem um piscar de olhos. Era um passatempo e não um assunto de vida e morte. Jeduthan voltou a baralhar as cartas. Na rodada seguinte, John perdeu trinta. Jeduthan ficou com a terceira mão. Mas quando o sol morredoiro atravessou, cor de laranja, a sereia na diagonal, e os homens pareciam dispensar comida, água e álcool, John entrou numa maré vencedora.

Quando estava a ganhar duzentos, mostrou dois dez e duas rainhas, com outro dez escondido. Era um contador de cartas, adorava números. Jeduthan tinha um par de reis à mostra, mas desistiu. John equiparou a aposta de um homem confiante de bigode encerado, correndo um risco elevado. Mesmo com três nozes, o homem de bigode encerado perdeu e o mesmo sucedeu a um indivíduo com um diamante espetado na gravata. Todos perderam para a *full house* milagrosa de John.

Quando chegou a uns espantosos quatrocentos, quase a totalidade da quantia desviada para as mãos ásperas de Sarah Brink, John contorceu-se. Devia ir para casa, deixando-os chamar-lhe cobardolas. Mas um homem é tomado pelo delírio: *Estou a uma mão da recuperação total, a uma carta do todo*. E se, não só conseguisse garantir uma casa para Mary, mas também ganhasse o suficiente àqueles homens para construir uma igreja para a sua mãe? O dinamarquês dissera, arrastando as palavras: «Esses jogos são demasiado ricos para o meu sangue», fazendo John sentir-se determinado a provar que era capaz de atravessar a meta, para que toda a gente de quem ele gostava pudesse ter tudo. Isto também ia contra a garantia que dera a Mary de que deixaria de se preocupar tanto com dinheiro.

Numa hora de fome extrema, em que os homens de Chicago e Jeduthan não denotavam quaisquer sinais de desejar uma ceia, o luar empalou o peito da sereia e os ganhos de John começaram a esvaír-se, até quase não sobrar nada, e depois subiram bruscamente deixando-o onde começara, quites. A exaustão que o tomou era monstruosa.

O Sol deu um toque no ombro da Lua para a mandar embora – já era domingo –, enquanto ele caía a pique por uma conduta gordurosa em direção ao fundo. O homem da gravata de cordel era um tirano, apostava tudo de cada vez, forçando toda a gente a seguir-lhe o exemplo, praticamente sem esconder o seu desprezo por John ter recebido um convite. John era o coelho que saltita perto da armadilha, tão pateta como Isaac parecera na altura em que exibira o seu ouro de verdade. Na companhia de homens de recursos ilimitados, um coro infetou a mente turva de John: *Eu recupero tudo, Mary, por Ti e por mim*. Levantou-se para ir à casa de banho pela terceira vez, passando pela aranha no azulejo por cima de uma lareira estéril. Murmuravam pessoas nos recessos daquela casa tremenda, uma mulher e filhos que deixavam Jeduthan jogar com os seus colegas para comprar cavalos de baloiço, ferragens de latão e padrões submarinos em vidro grosso e martelado que desfocava o que parecia ser neve a cair. John subiu imensamente nas rodadas seguintes, equiparando todas as apostas, aumentando-as.

No último jogo iniciado quando rebentou a alvorada – o romper do dia,

como gema a escorrer –, Jeduthan acabou com uma mão sem nada. Dois homens de Chicago, incluindo o do diamante espetado na gravata, tinham cartas aleatórias com uma figura e desistiram também.

Na prova final, o homem do bigode encerado revelou um nove, para um valete de espadas e um par de noves. Levava uma vantagem de mil dólares, o líder da noite. O homem da gravata de cordel sorriu pela primeira vez naquelas horas malditas e exibiu um par de rainhas. A mesma configuração que salvou a mãe de John da forca, a rainha de Portugal, a rainha de Inglaterra.

John fitou-o e revelou as suas cartas: rei de paus e rei de copas escondidos. Colheu um ganho firme e avultado. Iria embora com duzentos dólares além dos quinhentos que apostara.

– Cavalheiros, é o dia de descanso – anunciou Jeduthan.

Com os seus ganhos guardados, levantaram-se em uníssonos. Na rua, com a torre de Rammelkamp visível, os homens de capa e cartola dirigiram-se para as suas carruagens, embora o homem do alfinete de diamante na gravata se tenha detido para dizer a John:

– Jogas bem, rapaz, e tiveste sorte, mas eras um peixe fora de água. Para bom entendedor, meia palavra basta. – Deu um toque na cartola e desejou-lhe um bom dia, ainda que invernal.

Fervilhando de irritação, John pensou que estava a alucinar até se tornar evidente que era efetivamente o reverendo Isaac Unthank que vinha na sua direção. Deus do Céu.

– Alves – disse Isaac, com os punhos enterrados nos bolsos de um casaco grosso. – Chegou-me a notícia de que me descreveste de maneira injusta. Nunca comentei com ninguém que a Nica corrigiu a tua prosa ilustre. Soube através da Sarah, mas que importância tem isso? O projeto do jardim e capela partilhados azedou para mim. – Sorriu. – Não tenho culpa por ser tão charmoso que a menina Brink, com a sua alegria incomparável, me suplicou para gerir o seu edifício. Mas estou inocente no que toca a congeminar com ela. Ela é a espia que arrancou factos úteis à Nica. Porque é que a Nica deu conversa a Sua Senhoria Brink é mais um ponto assaz interessante na rica tapeçaria de Deus.

– Porque me segues para todo o lado?

– Estive a pregar durante o jogo de sexta-feira do dinamarquês, o que me impediu de participar. Expiei os meus pecados e agora tenciono inspirar outras pessoas, incluindo tu. Perguntei se tinhas aparecido por lá e ele sugeriu que eu trouxesse a minha Bíblia até aqui. Bem, ele aconselhou-me a fazer outra coisa com a minha Bíblia, que não vou repetir. Não quis aparecer em tua casa nem no teu emprego. Já estou neste nevão há um bom bocado.

– O dinamarquês não tinha nada que me trair dessa maneira.

– Não te amofines. Ele é uma cobra ainda pior do que eu.

– Se vieste atazanar-me para que a minha mãe seja tua aliada, não me responsabilizo pelos meus atos.

– Alves, a tua mãe teimou que Deus lhe pediu para construir um lugar bem alto, até ao céu, onde Ele possa morar, e queria a minha ajuda. Juro. Volto a dizer: a tua irmã tem um ar encantador. Também não me oponho aos cozinhados dela. Mas ela não tem o mínimo interesse romântico em mim.

– É o dia do Senhor, Unthank. Não tens nada para fazer?

– Queres saber o que o meu pai me obrigou a fazer quando eu tinha nove anos? Anda, eu acompanho-te até metade do caminho. – Isaac falava mais para o ar do que para John. – Eu tinha uma lebre irlandesa chamada *Gracie* e ele mandou-me abatê-la. Não estava velha nem doente. A lição era que eu precisava de ser mais duro e qualquer pessoa consegue abater um cão que está a sofrer.

Sentindo a barba preta despontar-lhe no rosto, John fixou Isaac.

– Precisei de cinco balas para a matar. A minha mãe largou-o nesse dia. Mas sabes que mais? Deixou-me com ele. Houve mais episódios, demasiado numerosos e sumarentos para contar.

– Nossa Senhora.

Isaac encolheu os ombros e, depois de terem avançado mais um pouco, disse:

– Ensinei à tua mãe o truque da nuvem. Queres aprender? Decides o que queres apagar no céu. Acredita que és capaz de o fazer e observa uma nuvem até ela desaparecer. – Apontou para cima, na direção de um banco de nuvens brancas, carregadas de granizo, em forma de cordeiro.

– Isso parece uma coisa católica. A minha mãe não protestou?

– A tua mãe está à procura de respostas que nos abranjam a todos. Está a tentar conquistar a sua própria propensão, partilhada por tanta gente, para desconfiar dos papistas.

Isaac fixou a nuvem e Deus apagou-a. O toirão foi tosquiado, o corpo comido. Em menos de um minuto, ele conseguiu, com o seu desejo, que o cordeiro desaparecesse. Do bolso, John tirou cinco moedas de ouro de vinte dólares, metade dos seus ganhos dessa noite.

– Toma – disse. – É mais do dobro do que te tirei daquela vez que te deixou fora de ti. Devo vinte ao dinamarquês e tenho-os aqui para ele. Quero comprar a paz entre nós os dois, entendeste? É esse o motivo desta minha oferta.

– Aceito – respondeu Isaac. Entregou-lhe uma moeda pequena do seu próprio bolso. – Compra à tua mãe aquele queijo de que ela gosta. Eu costumava levá-lo para os meus sermões para lho poder dar.

– Provavelmente era por isso que ela te tolerava.

– Provavelmente. – Isaac apertou a mão de John e disse: – Desiste de jogar a dinheiro. A porta é estreita e apertado o caminho que conduz à vida, e são poucos os que o encontram, São Mateus, capítulo sete. Sabes porque é que uma capela naquele terreno não tem importância? Terei de me juntar ao exército como toda a gente, senão chamam-me um poltrão. A minha ideia de um santuário foi uma das mais absurdas que já tive. – Acenando por cima da

cabeça, de costas, deixou John perto do ferrador.

O vento varria as papoilas-malvas que se aninhavam nas suas campas na pradaria até à primavera, altura em que depositariam novelos perfumados nos diferentes setores da cidade, em Little Africa, a sudoeste da praça onde viviam os antigos escravos, no Patch dos irlandeses, e a norte, em Madeira Hill, e a oeste, em College Hill.

Até a querida Jacksonville de John, com o seu vibrante pensamento progressista, estava dividida e subdividida.

SEM SABER QUANDO, OU SE,
PODEREI REGRESSAR

27 de janeiro de 1861

Menina Freitas. O seu apego ao meu irmão é motivo de preocupações, uma vez que a menina vive com um homem de posses e, ao que as aparências indicam, em pecado. Os seus pedidos seriam excessivos, mesmo que pusesse fim à sua indecorosa situação e se casasse com o meu irmão. Não concordo que uma pessoa católica entre para uma família que já sofreu o estrangulamento às mãos de Roma. Confine a sua luxúria ao sítio onde vive.

Cumprimentos, Rui Alves

~

2 de fevereiro de 1861

Meu querido John,

Finalmente vi – encontrei a revista The Morgan Journal – que ganhaste o tal concurso e mandei-te os parabéns, estou tão orgulhosa, meu amor! Parabéns! Mas tu não respondeste. Quase me meti no comboio, mas, por muito que a tua mãe tenha mudado

de ideias, receio a reação dela ao ver-me. Recebi também a violenta reprovação do teu irmão (a mágoa parte-me, fico quebradiça por causa do inverno, do estado da nossa nação, «uma casa dividida», por causa de tanta coisa). O ódio de um irmão – que raramente aparece! – não me afastará de ti, mas magoa-me. Arrependo-me de ter destruído o bilhete venenoso dele; devia tê-lo confrontado.

As remessas de bagas estão a aumentar, embora em breve a procura seja superior à nossa capacidade de fornecimento, um problema invejável! Só que não sirvo para nada no mundo, todos os aborrecimentos ou palavras mais duras me afetam. Que rapariga tão nervosa tu és, Mary, disse a Nell Clark (a nossa vizinha). Fiz amizade com uma pessoa chamada Lucy Brattle, que me levou a comprar uma «coberta para a campá» do pai. Que coisa, John, que coisa! É um cobertor de fibras que parece relva e evita que a laje se parta no inverno.

A Pet está mesmo apaixonada! O Henry Kingsley, que viste ao longe na feira, leva-a a passear à hora do jantar. Fico feliz por ela, apesar de sentir a solidão a invadir-me. O Henry vive aqui perto. Quem me dera que tu também vivesses, mas eu gabo-me sobre o teu trabalho numa das melhores escolas do seu estilo neste país. O Henry também se quer casar com a Pet só depois de voltar da guerra. Um tio em Los Angeles é dono de uma empresa de papel e ofereceu-lhe um trabalho de escritório – ele é moço de estrebaria – e a Pet fala em ir para uma terra onde haja calor. Tento não ficar triste com as saudades que vou sentir dela.

Na toalha de mesa que estou a bordar, fiz uns recortes para parecerem a tua máquina do som. Não sei se está parecida. Bordei um arado que a Lucy me garantiu que era igualzinho à realidade, mas acho que ela estava só a ser simpática.

Às vezes, no jardim no Funchal, quando o meu pai saía para fazer recados, eu pensava que ia morrer à espera que ele voltasse. Uma vez, chorei quando ele chegou a casa, e ele disse: «Cat-Cat, há uma felicidade adicional que só pode acontecer quando alguém se vai embora e depois volta.» John, são tantas as pessoas que eu amo que me deixaram ou que me vão deixar. Concordas que, quanto mais longa for a ausência, maior a alegria do reencontro? Então, vem visitar-me, para podermos partilhar essa alegria. Por favor, já escrevi várias vezes. Estás irritado comigo? Maria-Cat

Ela levou a carta aos correios. Edward ia lá com frequência e era tentador perguntar se ele estaria a confiscar alguma correspondência endereçada a ela, mas uma acusação tão grave faria estragos e ele não parecia

dado a subterfúgios. Por outro lado, as coisas estavam tensas entre eles, segundo Edward por causa «dos mexericos cada vez piores sobre ti».

Os correios eram geridos por Taylor Seeger, cuja pele bexigosa parecia creme de ovos demasiado cozido. Ele exerceu o seu pendor para revirar os olhos quando ela lhe deu a carta. Depois de a enfiar num saco do correio enquanto repetia que não tinha nada para ela, sugeriu que ela deixasse de o acoessar todos os dias.

– De certeza, senhor Seeger? De John Alves. De Jacksonville.

– Hoje em dia, os rapazes têm mais em que pensar do que andar atrás de rabos de saia.

As pessoas mexeram-se, irrequietas, atrás dela quando insistiu:

– Importa-se de verificar outra vez, senhor Seeger?

A resposta dele foi um borrão de palavras desagradáveis.

Ela aceitou o convite de Edward para jantar enquanto Perpétua fazia um dos seus passeios com Henry Kingsley. Observando o seu reflexo no *consommé*, ela preparava-se para anunciar: *Edward, toda a gente tem os seus estados de espírito, eu tenho, sem dúvida. Os negócios estão a correr bem e não é preciso pedires desculpa pela tua secura comigo nestas últimas semanas*, mas ele antecipou-se a ela, lançando:

– Quero que penses em mudar-te para casa da Addy.

Ela perguntou se Gertrude ia voltar, se Gertrude exigira tal coisa.

– Não. Consigo perceber sozinho, Mary, que não é correto ter a viver na minha propriedade uma mulher solteira de quem estive noivo. Como a Perpétua Roderick se ausenta tantos serões, os mexericos agravaram-se.

– Sair daqui? – Teriam os mil dólares que John ganhara recentemente mudado a sua maneira de ser? Interpretar o silêncio dele era desconcertante. Afastou o prato pouco fundo com o líquido claro. Detestava *consommé*, uma versão refinada de caldo de ossos. Edward pousou dois pratos com costeletas de porco e ela ouviu o porco quando a faca o trespassou. Soltavam um guincho infernal muito característico quando eram mortalmente feridos. Na Madeira, os porcos serviam de comida, mas também de animais de estimação e, nos jardins onde eles passeavam floresciam azáleas, favas e hidrâneas de cores mais vivas.

– Mas tu disseste que era pior ter-me longe do que perto – sussurrou ela.

– Pois disse e desculpa andar às voltas sem sair do lugar. Eu pago o teu alojamento na pensão.

O medo empurrou-a de um penhasco abaixo, sem terra à vista.

– E a Perpétua?

– Ela é invisível aos olhos dos mexeriqueiros. Pode ficar cá ou ir-se embora contigo. Também posso pagar-lhe a pensão. – Serrou a sua costeleta. – Estou constantemente a ouvir provocações, algumas leves, outras não. Tu não tens de lidar com isso, muito menos com o pior. Em casa da Addy, terás amigas enquanto esperas que o teu pretendente regresse sabe Deus de onde e sabe Deus quando. Veremos o que isso implica, quando acontecer.

Significado: se ele regressar com vida. A sopa e a carne estavam a deixá-la nauseada.

– Por favor, não me mande embora, senhor Moore – disse ela.

– Pelo amor de Deus, Mary, para com isso e não me trates por senhor Moore. Não sou um juiz a condenar-te à prisão. Podes deslocar-te uns quarteirões e ter companhia, ao mesmo tempo que respeitas as regras básicas do decoro social. Não tocaste em nada. Estás demasiado magra, querida. Só te estou a pedir para perceberes que a nossa situação é incomportável.

Mas ela não lhe deu uma resposta, nem sequer depois de Taylor Seeger lhe ter entregado uma carta devastadora:

12 de fevereiro de 1861

Mary, não posso escrever muito porque me magoei na mão, o Rui está a anotar o que eu dito. Como ele é um espertalhão, diz que não vai fazer as contrações habituais em inglês e que vai usar «&» e «etc.» para Tu saberes que esta carta vai da minha parte. Também vai escrever Tu com maiúscula. Tenho-me aproximado da minha família, porque receio que me vão chamar em breve para cumprir o meu dever solene. Foste à estação dizer adeus ao Sr. Lincoln, ontem? A minha mãe caiu no gelo & torceu o pé & precisa de apoio constante. Por isso, tenho de cá ficar & infelizmente ela não se limitou a cair na rua: também voltou a cair na conversa anticatólica. É melhor eu não Te ver durante uns tempos. John.Alves.

O que ela respondeu:

17 de fevereiro de 1861

John, vou enviar-te esta carta para a tua escola, para não correr o risco de ela cair nas mãos da tua família. Lamento muito que te tenhas magoado, mas fiquei chocada com o teu bilhete. O Rui deixou muito claro que não gosta de mim. Verificaste o que ele escreveu depois de lhe teres ditado a carta? O que não me surpreende tanto, infelizmente, é que a tua mãe já não me queira acolher, mas que diferença é que isso faz em relação à maneira como começámos, e não te lembras de ter dito que, se chegássemos a este ponto, me escolherias a mim? Que raiva, ela continuar a discutir por causa de uma coisa que sou desde a nascença! Vem

visitar-me, já que estou demasiado relutante em ir a correr ter contigo para depois ser humilhada. Sim, saí à chuva para dizer adeus ao Sr. Lincoln, que nos disse tristemente que não sabia se algum dia nos voltaria a ver. Foi como um mau presságio em relação a ti. Diz-me que estou errada. Mary

O que ele escreveu:

20 de fevereiro de 1861

Maria-Cat, estou baralhado com uma carta Tua que recebi hoje a dizer que estavas a pensar fazer uma viagem & portanto não me podes ver...? Estou a perder a conta às vezes que Te escrevi para Te dizer tantas coisas, sobre uma «vitória» num concurso que foi considerada um empate com a enérgica Sarah Brink, a candidata que ficou em segundo lugar, por a Nica me ter ajudado com a gramática, SÓ isso, mas não importa, querida, ganhei, vai haver um jardim & 500 dólares, não parece correto comemorar sem Ti, mas as últimas notícias Tuas que recebi diziam que querias que eu Te desse um tempo & eu dou, mas o nosso tempo está infelizmente a esgotar-se, uma vez que a guerra é uma certeza agora. O Rui surpreendeu-me dizendo que a Nica & ele provavelmente não terão uma história de amor, por isso por favor, posso ter uma CONTIGO «por todos nós»?! Amo-Te, quero arrancar-te do poço porque acho que estás dentro dele & as semanas estão a passar por nós. John.Alves.

E o que ela escreveu ao ver que não recebia resposta à sua queixa do dia 17 de fevereiro:

4 de março de 1861

John, talvez a zanga com que te escrevi da última vez te tenha ofendido. Envio novamente a carta para a tua escola. Quatro, cinco vezes por semana, escrevo e, no entanto, não me chega nenhuma resposta para me acalmar! O Sr. Seeger dos correios acha que sou meio louca. Se a lesão na tua mão persistir – parece estranho, mas a maneira de escrever é tão tua –, não podes pedir ajuda à Nica? Não vês que estou relutante em ir a tua casa e com

medo de aparecer na tua sala de aulas? Estás a afastar-te de mim porque tens medo de ir para a guerra, estás a distanciar-te para te preparares para a incerteza que aí vem? Não percebes que é mais sensato deixares-me reconfortar-te e convencer-te de que o meu amor te ajudará a sobreviver?

Uma loja em Alton fez uma encomenda grande e... oh, para quê fingir que me interessa pelas bagas, quando a única coisa em que consigo pensar é que estás tão distante de mim! O que é que eu fiz? Porque é que me afastaste? Se estás aborrecido por eu viver na propriedade do Ward, então diz-me, para eu te garantir que te amo. Conheceste outra pessoa? Uma vez, falaste numa rapariga americana chamada Julietta.

Os Wide-Awakes continuam a manifestar-se. A nossa história parece pequena comparada com o terror da nação e, no entanto, a guerra é um lembrete de que o mínimo que podemos fazer é ser bondosos todos os dias. Nunca pensei que fosses cruel. Ou estás ferido, num hospital? Uma vez, em Nova Iorque, o meu pai desapareceu e a Sr.^a Jamison e eu procurámo-lo até o encontrarmos. Tudo será perdoado se te aconteceu alguma coisa. Mas escrevi à Nica a perguntar e ela também não me respondeu. Estou perdida. Se não me sentisse abandonada e com medo, ia, como já disse, a Jacksonville e pedia explicações, mas estou demasiado destroçada para aguentar muito mais sofrimento. Fazes anos daqui a uma semana. Que devo eu fazer? Mary

O que ele recebeu:

11 de março de 1861

Querido John,

O Ward e eu trabalhamos noite e dia. Jantamos muitas vezes juntos e o nosso negócio cresce a olhos vistos! Parabéns pelo teu aniversário. A minha mão já não me dói muito, mas é a Pet que está a escrever-te enquanto eu dito e arrumo as minhas coisas à pressa, e ela é que te enviará a carta por correio. Vou para Alton nos próximos tempos. A Pet vai cuidar da estufa e do jardim, com ajuda de uma rapariga chamada Dilly Witherspoon, que fugiu dos horrores no Kansas. O Edward e eu temos muitas oportunidades em Alton. Perdoa-me por ir para lá, sobretudo com a ameaça da guerra cada vez mais forte e o tempo a parecer tão premente. Mas

achamos que devemos encontrar-nos com lojistas, trabalhadores ferroviários e outros que tais. Perdoa-me por não conseguir recusar esta oportunidade. Com carinho, Mary.

O que ele escreveu:

26 de março de 1861

Querida Mary,

Eu estava prestes a conquistar a minha timidez e a aparecer em Tua casa, apesar do medo de me cruzar com o Edward. Mas agora dizes-me que nem sequer lá estás? Onde é que vais ficar em Alton? Sendo o nosso tempo tão escasso, tens mesmo de lá ir presencialmente? Sou obrigado a dar aulas durante a semana, mas podia apanhar um comboio para Alton no sábado, se soubesse onde Te encontrar. O Teu bilhete apanhou-me desprevenido pq comecei a pensar a cada dia: hoje devia ir ter com ela, ou ela virá ter comigo, & o dia passa & o outro a seguir. Vou enviar este bilhete provavelmente em vão, pq a Pet teria de o ir buscar, abrir & escrever-me ela própria com a Tua morada.

Estão a preparar o terreno da feira para a nossa formação. Estás a pôr-me de parte para atenuar a saudade iminente, para ver se somos capazes de nos amar durante a ausência que aí vem, ou então percebeste que não consegues esperar por um regresso que agora parece mais distante do que tínhamos pensado. Por favor não deixes que assim seja, Mary.

*Os Secessionistas adotaram a sua «Constituição» no dia dos meus anos, parabéns para mim. Pensei que aparecesses, que Tu & a Nica tivessem preparado uma surpresa & Tu apagarias a minha angústia por não teres respondido às minhas cartas & a resposta faria sentido. Claro que já pensei que os correios funcionam mal, mas nem uma carta a ir parar ao seu destino?? E depois ficar a saber que foste para outra cidade sem me dizer onde nem quanto tempo? O Frank e a Elizabeth ofereceram-me o *Traité des Maladies de l'oreille et de l'audition* de Jean Marc Gaspard Itard. Itard foi pioneiro no uso de um anel de cobre para tornar os aparelhos auditivos mais apurados & eu acrescentei um anel de cobre à minha Máquina. Queria mostrar-Te!*

No dia em que fiz 23 anos, tinha uma prenda para Ti, um perfume feito pelo Rui com orquídeas-fantasma que encontrou na

pradaria, um milagre, porque não é a época delas! Mas ele encontrou uma série delas & secou-as & misturou-as com «labdanum», um óleo de um arbusto cistus, embora o Rui tenha dito que também pode ser colhido da barbicha & das coxas das cabras. Acrescentou um óleo extraído de bergamota, que lhe custou uma exorbitância... mas, Mary, ele ganhou uma fortuna! Falei com ele uma vez mais sobre Ti & ele continua muito feliz por nós. Aconteceu-lhe alguma coisa em Trinidad que eu tenho a certeza que foi de natureza romântica & que o tornou um solitário, mas de coração mole, não fui capaz de lhe dizer que já não Te vejo há uns tempos. Ele não quer saber de dinheiro & insistiu para que eu aceitasse 1500 dólares, Mary. Mary, quero usá-los para comprar uma casa verdadeiramente maravilhosa para Ti. (O dinheiro do prémio pelo meu jardim foi reduzido para 500, contei-Te isso num bilhete anterior, & depois explico-Te o que aconteceu, mas agora estou rico como sempre sonhei, desculpa falar de dinheiro.)

E se eu comprar uma casa em Springfield? Posso viver lá contigo quando voltar. Apanho o comboio todos os dias, se for preciso, ou arranjo outro emprego. Não posso viver sem Ti. Já uma vez corri para Ti & estou desejoso de o fazer outras vezes, mas NÃO POSSO SE ESTIVERES EM ALTON SEM DIZER ONDE & ainda por cima disseste que estavas ocupada dia & noite... a parte da «noite» perturbou-me & sinto que estás numa situação em que não gostarias de me ver. Nunca me senti tão destroçado, estou fora de mim. Se estás a apaixonar-Te pelo Edward, vou ficar destruído, mas diz-me a verdade. John.Alves.

O que ela recebeu:

30 de março de 1861

Mary, o Rui está outra vez a ajudar-me, a minha mão infetou. Escondi-me de Ti este tempo todo por vergonha por causa do escândalo: apanharam-me a fazer batota no tal concurso. Um golpe de misericórdia, terem-me deixado ficar com $\frac{1}{2}$ do prémio. (A Nica ajudou-me a preparar a minha candidatura, apesar da regra de que a responsabilidade pelo texto era exclusivamente do candidato.)

Depois, escapei por um triz (& com um pequeno lucro) de um jogo de apostas avultadas com uns tipos da elite de Chicago. Tenho saudades Tuas, mas parece que vou ser destacado no

próximo mês para uma escola de surdos que vai abrir naquela cidade de matadouros e oportunidades de pecado. Agora que conheço aqueles tipos, não sei como vou evitar jogar a dinheiro. Desculpa eu ir a Chicago & não poder ver-te.

Estive a pensar que não consigo equiparar nem de perto nem de longe as vantagens que tens com o Sr. Moore & decidi que tens de parar de atormentar 2 homens, casando-Te com o que tem mais possibilidades de satisfazer todas as Tuas necessidades. Amo-Te, mas tenho de encarar a verdade sobretudo quando se aproxima o momento de ser chamado para a guerra. John.Alves.

Ela entrou a cambalear na Pensão para Mulheres e Meninas do Illinois, ocupando o mesmo quarto da boneca de porcelana e de Connie Partridge a chorar até adormecer do lado de lá de uma fina parede. O marido de Connie abandonara-a pelo Nevada, fazendo dela uma viúva da prata. Mary levantou-se no dia seguinte e foi ao cemitério como se tivesse sido convocada. Seria por se sentir ela própria morta, ou porque estar num espaço confinado onde ressoava o soluçar de uma mulher que ela não conseguia ver acabaria por matá-la? A única coisa clara para si era que precisava do pai.

Abraçou a lápide do pai. Um batalhão de formigas marchou sobre o seu pulso, uma pulseira que se contorcia. Se ele fosse vivo, estaria a gerir a estufa com ela e, se Mary se casasse com Ward, o pai e ela teriam direito ao triplo, ao quádruplo da visão que Deus concebera inicialmente para ela. O pai ficaria num quarto de hóspedes. Eles descobririam os prazeres da Florida... no pós-guerra, tão *quente*, pai, olha para os nossos campos, para nós, e ali está o meu marido. Talvez ela até perdoasse John e o acolhesse um dia, regressado da sua aventura heroica, livre de vícios ou não, as suas juras (pequenas e grandes) quebradas, já devidamente absolvido por a ter rejeitado e esquecido, e pudessem ambos contemplar a época em que tinham sido tão incrivelmente jovens.

Mary percebeu melhor o que Edward designara de «mexericos» quando decidiu comprar caramelos de água salgada na Confeitaria Watson para as suas colegas da pensão. Quando ia a sair da loja, uma mulher com um chapéu do tamanho de um rebocador agarrou-lhe no braço e sussurrou:

– Então você é que é a megera. Que bela peça! – Tinha um daqueles sorrisos que deixam muita gengiva à mostra.

– Diga?

Os cochichos rodopiavam e transformavam-se em tempestades em miniatura, e os olhares fixos dos transeuntes encontravam em Mary o seu alvo, especialmente os olhares carrancudos vindos de um casal e de duas mulheres velhíssimas. Um homem agarrou na braguilha de uma maneira que a chocou.

A mulher de chapéu-barco disse:

– Sou toda a favor de deixar os homens acariciarem os nossos joelhos debaixo da manta do colo. Nós, mulheres, temos de vencer como pudermos.

Ventos de troça perseguiram Mary enquanto ela corria a esconder-se na pensão de Addy.

Um último esforço, uma última tentativa corajosa para gritar com John por fazer batota, por jogar a dinheiro, por quebrar tantas promessas, para exclamar que o perdoaria por tudo, se ele professasse que ainda a amava: desencantou a morada dele na lista de pessoas que foram convidadas para a sua festa de noivado, apanhou o comboio para Jacksonville e aventurou-se a ir a casa dos Alves. Mas não estava ninguém. Esperou; não apareceu ninguém.

Na instituição para os surdos, pensaram, a princípio, que ela procurava emprego, uma vez que as mulheres estavam a ser contratadas para substituir os voluntários que se tinham alistado no exército. Perguntaram como é que ela não vira a base militar instalada na Feira do Condado de Morgan.

Perto da escola dele, agrupavam-se homens, na sua maioria jovens, a fumar e a lançar dados. Os botões dos seus casacos reluziam. Um lançou-lhe um olhar tão lúbrico e ávido que ela sentiu que a despia. Gritou:

– John? John!

Dois homens com o nome dele aproximaram-se, perguntando quem ela era. Ela apressou o passo ao longo do comprimento e da largura da feira, por entre aquele gigantesco grupo masculino com a carne a ferver em caldeirões e, quando tropeçou, um comandante – não conseguia identificar as patentes – ajudou-a a levantar-se, fitou-a com bondade como um pai faria, e disse:

– Menina, isto não é lugar para si. Se tem um rapaz aqui, ele está perdido no meio da multidão, portanto espero que se tenham despedido. – Ao que ela respondeu:

– Sim, nós despedimo-nos.

O PECULIAR DESTINO DOS MAÇARICOS-BICUDOS

John serviu de testemunha no casamento de Frank e Elizabeth Hampton na conservatória, depois de um certo atraso, porque muitos casais tinham decidido dar o nó antes de os soldados assentarem praça. George e Teresa Melina mandaram Hugo calar-se, quando protestou que também já tinha idade para combater na guerra. Enquanto entregava as alianças aos noivos, John tentou concentrar-se, por respeito para com o amigo. Elizabeth levava um casaco escuro e um vestido claro de um tecido que Mary identificaria facilmente, explicando primeiro porque é que fora para Altona e dizendo que agora regressara e estava tudo bem. Imaginou-a a rir-se, a si próprio a rir-se também, qualquer disparate sombrio posto de lado.

Até escrevera a Perpétua a perguntar para onde é que Mary fora exatamente, mas Pet não respondera. Ele sofria com a imagem de Mary e Edward juntos, não muito longe dali.

Todos comeram bolo de frutas com cobertura glacé que Teresa fizera depois de ler que era o bolo tradicional de casamento da família real britânica. Frank disse-lhe: «Continuo a achar que não vamos ficar longe muito tempo, Alves, e tu só tens de a encontrar e de te despedir e vai correr tudo bem.» Frank abanou o ombro do amigo. John precisava de recuperar a frieza, se queria aprender a viver ao ar livre, a usar uma arma e a alvejar os rapazes nascidos de outras mães.

Depois do ataque a Fort Sumter em meados de abril, Frank despediu-se da sua jovem esposa e apresentou-se com John na base de Camp Duncan, em Jacksonville, e Max Jeffers da escola dos surdos juntou-se a eles. Quando John foi ter com Rui uma vez mais, para lhe agradecer a bolada que lhe dera das vendas do perfume *Orquídea-Fantasma* e para lhe perguntar se tencionava alistar-se, deparou com um bilhete afixado na porta da perfumaria fechada: «Fui para a guerra, numa tropa do Ohio. Rui J. Alves. O perfume-

fantasma está na loja do Ray Silva.»

O facto de Sammy e Claire terem soluçado abraçados a ele já estava a destruir John; outro erro foi visitar as obras no terreno doado por Edward, uma estufa em miniatura a nascer ao lado de uma capela amaldiçoada. Parecia tão sem esperança.

Nos seus documentos, John assentou como local de nascimento a cidade de Nova Iorque.

Em meados de maio, a Companhia 14-A do Illinois recebeu a ordem de que iam mudar-se para o Missouri. John foi a casa e escovou o cabelo da mãe, um tapete de arame branco. As unhas translúcidas dela tinham pintas vermelhas por baixo, como as que se costuma procurar com um ovoscópio para detetar vida. Na mesa estava a Máquina do Som, equipada com um novo rolo e manivela. Ela disse para a pluma: «*Fala comigo, ó meu Senhor*», mas nada aconteceu, nenhuma sílaba foi captada. *Talvez Deus já não fale português, mãe.*

A testa dela ruíra em rugas espaçadas como uma pauta musical e os seus pensamentos derramavam-se a ponto de ele quase conseguir entoar as notas de angústia.

– Perdoa-me! – pranteou-se ela, e lamentou novamente ter levantado problemas com os católicos. *Não quero morrer sem te ver outra vez.*

– Ainda vai viver muito tempo, mãe, e eu vou voltar. A Mary e eu afastámo-nos, mas tenho fé de que não será para sempre.

– A culpa é minha.

– Um dia – disse ele, ajoelhando-se, agarrando-lhe na mão –, vou garantir que a mãe tem pelo menos uma capela e a Mary e eu vamo-nos casar lá e, entretanto, a mãe vai à biblioteca da minha escola. Pode ver o livro de Kircher e, quando eu regressar, copiamos os seus aparelhos para ouvir atrás das portas. Ainda não tentámos perceber como podemos ouvir através de paredes maciças.

Ela pôs-lhe a Bíblia, a Bíblia da família, nas mãos e John despediu-se com um beijo e foi-se embora rapidamente, porque ela estava a tentar não se dissolver num lamento.

Corriam coelhos por entre as artemísias, enquanto Nica tratava do jardim, e ela ecoou a esperança da mãe, prometendo:

– Não morro antes de voltares para te despedires de mim, John, para onde quer que decidas ir. – Um salto no tempo apoderou-se-lhe do rosto, mostrando a John uma imagem de Nica em velha. Quando ela disse que merecia a sua solidão, ele respondeu:

– Nica, o Miguel batia-te a toda a hora. Por favor, mente acerca dele quando conheceres uma pessoa certa para ti.

– Lamento muito que as coisas não tenham corrido bem com a Mary.

– Encontrámos alguns obstáculos, mas não vão durar para sempre.

Ele devia partir no sábado, 25 de maio. Elizabeth Hampton Meline foi a Springfield tratar de uns assuntos relacionados com a livraria e, ousada,

encarregou-se, sem dizer ao seu marido recente e ao melhor amigo dele, de procurar «a maior estufa da cidade, num lote triplo em Aristocracy Hill», onde esperava localizar Perpétua para lhe pedir uma morada, mas ao invés encontrou Mary, com ar doente, mas a colher bagas. Lizzy transmitiu-lhe o desespero de John para a encontrar. Pensara, com base no bilhete que John lhe mostrara, que Mary ainda estivesse em Alton.

Elizabeth contou a John que, por algum estranho motivo, Mary metera na cabeça que ele estava em Chicago e sem vontade de a procurar. Elizabeth sugerira a Mary que o encontrasse na Casa Americana de Springfield, na quinta-feira, dois dias antes de ele partir.

John compareceu no hotel à hora marcada. O ponto de encontro tinha louceiros e aparadores lustrosos, com as pernas dentro de pratos cheios de água com cobalto para matar formigas. Era um santuário ao esplendor turco, o papel de parede e os apliques a provarem que o Centro-Oeste não era pardacento. Hordas de homens com a farda da União e mulheres agarradas a eles enchiam as salas enormes. John estava vestido à civil, para reafirmar que cada segundo desde que se tinham conhecido no Funchal, e tudo desde então, incluindo os seus muitos sábados em casa dos Lincolns, os conduziria a uma vida normal, ao tempo do seu regresso.

Pássaros de seda aninhavam-se no chapéu dela. Vestia um casaco primaveril com leques chineses bordados e um vestido azul-marinho com aves-do-paraíso também bordadas. Já estava ao fundo da sala de jantar, com a sua carpete de padrão ondeado, vagueando e procurando. Parecia perdida, preocupada, oh minha querida, está tudo bem agora.

Ela virou-se e ficou de frente para ele. A distância para chegar a ela nem se sentiu. Mary cobriu o rosto com as mãos e ele viu-se invertido nos olhos dela, preservado em tamanho mínimo, mas inteiro.

– Mary. – Não conseguia dizer: «Onde é que estiveste? Porquê?» sem parecer uma acusação.

– Porque é que foste para Chicago? – perguntou ela.

– Não fui. Não estive em Chicago. E tu voltaste de Alton? Desperdiçámos tantas semanas! Meses. Vou-me embora depois de amanhã, mas vamos ficar bem, vai correr tudo bem.

Ela estava totalmente nos braços dele. Tinha sido só um treino para se habituarem à separação. Como é que um rapaz morre por dentro um segundo, de uma maneira que dura para sempre como a morte? Ela sussurrou: «John.» *Memoriza-a*, não só a sua aparência, mas também o que ela sente, caiu-lhe o chapéu, deixa-o estar. John desejou ter-lhe levado um frasco de *Orquídea-Fantasma*, e o seu dinheiro das vendas do perfume e do seu prémio cortado em dois, para poder dizer: «Compra-nos uma casa, e escreve-me sobre ela, vivendo nela.»

– Eu volto para casa depressa – disse ele – e amo-te.

– Pensei que me tinhas deixado – confessou ela.

Beijaram-se. Homens e mulheres, em diversas formas de despedida, iam

e vinham em marés.

Falaram sobre as cartas, e Alton e Chicago, sobre ele ter escrito a sugerir que ela devia casar-se com o homem capaz de lhe oferecer mais na vida. *Que conversa é essa?* Os bilhetes que tinham recebido eram poucos, e aberrantes, e não a torrente de missivas ansiosas que, na realidade, tinham escrito. Olharam para as mãos um do outro e a verdade desceu sobre eles com o estrondo de trovões: nenhuma lesão, nenhum deles precisava que Pet ou que Rui escrevesse em seu nome, o que só não lhes pareceu totalmente implausível, porque mais inacreditável do que isso era alguém ter-se dado a tanto trabalho para os destruir.

– Está um bonito dia de maio, vamos passear – sugeriu John, e ele sabia, tinha a certeza disso, abraçado a Mary, que alguém se divertira não só a afastá-los um do outro, mas a pô-los um contra o outro.

Calados de apreensão, passaram por moradias majestosas e lojas para chegarem ao sítio onde o mundo natural bordejava a cidade. Barro fértil lambia a estrada, formando picos, cosido pelo sol. Flores-de-cone raiadas de rosa brotavam do solo. John apontou para um maçarico-bicudo, espantado, porque pensou que os caçadores os tivessem eliminado do Illinois. Vinham da costa e dos brejos e apareciam em *habitats* inesperados: pássaros ingénuos, fáceis de atrair, com um bando propenso a manter-se junto de um camarada abatido, enquanto os caçadores assobiavam e se aproximavam para os dizimar. Mary declarou que essa característica era tão querida – o ficarem, o tentarem salvar – quanto horrífica.

Pararam de adiar a decisão de descobrirem quem lhes poderia desejar mais mal na vida.

– Mary – disse ele –, escrevemo-nos constantemente, mas só recebemos cartas decepcionantes.

– Uma carta horrível do Rui a avisar-me para não me aproximar de ti. Escrevi-te a contar-te.

– Ele deseja a nossa felicidade. Mary, ele falou de ti usando o teu nome, perguntando o que te tinha acontecido e a dizer-me que queria uma história de amor na nossa família e que eu era o único com probabilidade de a ter. O Rui nunca mente.

– Eu devia ter adivinhado que aquelas respostas estranhas não eram tuas, John. Mas parecia mesmo o teu estilo, a falta dos apóstrofes ingleses nas contrações, e aquele símbolo que parece uma clave de sol e que significa «e» e tudo o resto. O estranho ponto final que pões entre o teu nome próprio e o apelido. Como se só tu pudesses indicar a uma pessoa para escrever assim, como se fosse prova de que eras mesmo tu.

Quem era o vilão? Alguém que vira a escrita de John ou que conhecia alguém nos correios em Jacksonville ou Springfield. Não podia ter sido a mãe dele. Ela não sabia escrever suficientemente bem em inglês e queria redimir-se. E muito menos Nica, que os adorava. Perpétua? Impossível. Não. Talvez? Não.

– O Edward – disse John.

Ela ficou à beira das lágrimas e desviou o olhar.

– Não parece coisa dele – disse, aconchegando-se em John. – Mas não sei. Discuti com uma mulher chamada Dottie Willis que odeia estrangeiros. Fui impertinente.

– Não me admiraria se fosse uma vingança de algum presbiteriano raivoso, ou do bando que é contra o rebatismo, mas duvido que conheçam a minha escrita ou todos os segredos. Falaste numa rapariga chamada Maud, que sabe tudo sobre toda a gente. Isso incluiria o meu irmão?

– Mas ela ia adorar que eu fugisse com alguém. Esteve noiva do Edward antes de mim e ia querer empurrar-te a ti e a mim para os braços um do outro. Uma mulher chamada Gertrude também o queria. Faz mais sentido empurrar-me para ti, para se livrarem de mim. – Mary começou a chorar. – Jogaste a dinheiro depois de me teres prometido que não o farias? Com homens ricos de Chicago? Fizeste batota no concurso? Foi o que li numa carta horrível.

A identidade do culpado tornou-se óbvia para John.

– Não, não – disse ele, subitamente satisfeito. Tudo lhe parecia claro. Nenhuma das mulheres que rodeavam Edward correspondia ao perfil certo. Ele explicou que Nica tinha feito uns retoques mínimos no seu ensaio, tudo inocente, mas a pessoa que ficara em segundo lugar manipulara isso a seu favor.

Pegou-lhe na mão e sentiu a melancolia dela invadi-lo.

– Mas quebrei, de facto, uma promessa participando num jogo com homens de posses. Perdoa-me uma vez mais, Mary, embora eu não o mereça. Não te mereça a ti. – Mas só havia uma pessoa ciente do jogo e do problema do concurso, e essa pessoa não era Edward. Edward sabia do concurso, uma vez que doara o terreno. Eles tinham-se enfrentado (descrever-lhe-ia essa cena deprimente, um dia!), mas Edward não sabia do jogo de póquer de John. – Já sei quem tentou destruir-nos, Mary. – Adquirir o estilo de escrita de John devia ter sido fácil depois de ter interceptado as suas cartas verdadeiras.

– John, tenho de te contar...

– Foi o Isaac. O Isaac. Ele só me arranjou sarilhos desde o princípio. Pensei que podíamos fazer as pazes. – Falou-lhe do truque das nuvens, da infância pavorosa de Isaac e disse-lhe que lhe deu uma parte dos ganhos do tal jogo com os homens da alta sociedade. Isaac ouvira falar no jogo e localizara John e, nessa altura, eles tinham falado sobre o que acontecera com o concurso.

Confuso com a resistência dela quando se baixou para a beijar, ele insistiu que Isaac lhe parecera sincero. Comprar a paz a troco de metade dos ganhos do jogo parecera-lhe valer a pena para pôr fim à disputa.

– Mistério resolvido, Mary. O Isaac nunca faz coisa da boa. Por favor, não ponhas essa cara tão triste. A guerra vai durar pouco e ele vai estar no exército. Eu escrevo-te e ele já não vai poder magoar-nos, e depois volto para ti. Ele roubou-nos uns meses, mas não as nossas vidas. Amo-te de corpo e

alma.

Mas ela recusou-se a abraçá-lo e, quando lhe disse porquê, os gritos de John afugentaram os pássaros de um choupo enquanto ele recuava aos tombos. Como é que ele podia alguma vez recompor-se do que ela estava a dizer? Fugiu, gritando que nunca mais a queria ver nem saber dela.

DEITO-ME PARA DORMIR E PEÇO A DEUS QUE PROTEJA A MINHA ALMA

O casamento de Mary no dia 1 de maio fora húmido e orvalhado, repleto de água como a maior parte das alvaradas. Ela entrara num canteiro com pedras-morangos para colher um ramo de jarros, com os seus pistilos laranjas. Edward conduzi-la-ia com carinho a um destino mais alto e o pai dera a sua bênção. O próprio John a urgira a dar aquele passo. Sim, um dia ela perdoá-lo-ia, conseguiria ver que *o medo do casamento*, de par com *o medo da guerra*, de par com *o medo de ferir a mãe*, de par com *as suas noções erradas de quem ela era e de que precisava* tinham sido demais para ele. Mary devia, pelo menos, fingir que enfrentava os factos e não se atrevia a perder o homem que morava onde ela morava, que lhe lançava um ultimato. E ela amava Edward, a sério que amava.

Deixara a pensão de Addy, entrara no escritório de Ward, com o anel de volta no dedo, e dissera-lhe: «Está bem, Edward.»

Pousara a mão na cabeça dele, porque de repente ele estava ajoelhado e agarrado às saias dela, com a têmpora encostada à barriga dela, o couro cabeludo visível por entre os caracóis louros, como se tivesse cortado a sua altura pela metade para que ela visse a iminência da sua calvície. *Não posso magoar-me outra vez, Mary. Não somos os melhores católicos do mundo, mas eu nunca aguentaria um divórcio. Não é nada agradável sentir-me uma segunda escolha. Mas, no teu caso, eu aceitaria ser a quarta ou quinta escolha.*

Perpétua usara um vestido cor de trigo e ajudara Mary a enfiar o seu vestido branco-creme, como se tivesse sido mergulhado em chá fraco. «Tantos botões!», exclamara Perpétua. O véu de Mary era de renda madeirense, Ward encontrara uma refugiada que precisava de o vender.

Na igreja católica, diante do padre, Edward esperara por ela, ansioso porque o seu fato era cinzento, a cor do inimigo, mas ela garantira-lhe que

estava bonito. Addy Oscar levava uma blusa branca e uma saia roxa, e Lucy Brattle pedira um vestido verde emprestado. Nell Clark mandara uns brincos de diamante, que Mary usara, e fora muito atenciosa. O altar fora enfeitado com ramos de gladiolo. O noivo tinha trinta e um anos e parecia muito calado. Mary pusera uma orquídea da estufa atrás da orelha, embora uma flor tropical lhe lembrasse John. Fizera vinte e um anos.

Ser católico significava, regra geral, velas e música de órgão para fazer vibrar o peito e franquincenso. Mas este fora um casamento em tempo de guerra. Ele prometera honrá-la e permanecer junto dela até à morte e Mary fizera o mesmo. Depois de terem sido declarados marido e mulher, ele beijara-a com uma urgência que lhe percorreu os tendões.

O bufete em casa devera-se a Nell: pão, queijo e uvas. Addy fizera o bolo, recheado de ananás. Mary não fixara uma grande parte das conversas, a não ser o comentário de Perpétua: «Escreve à senhora Jamison. Estou desejosa de ver o que ela te mandará como prenda de casamento.» O seu Henry já partira para a guerra.

Mary oferecera ao marido um ornamento em forma de estrela de vidro para o seu primeiro Natal futuro; ele comprara-lhe rolos de *jacquard*. Mary abraçara Perpétua com uma ferocidade tal que foi quase como se abraçasse John, uma intensidade que ela desconfiava ser incapaz de reproduzir junto do marido. Mas que podia ela fazer, se Edward merecia uma decisão e John não só a deixara ali, mas estava prestes a partir para os campos de batalha como que para a esquecer ainda mais?

Na noite de casamento, Edward retirara-lhe o véu e a orquídea enquanto ela descalçava os sapatos apertados, e segurara-lhe ligeiramente nos ombros e beijara-a, e ela retribuía o beijo. Ele dissera: «Estou feliz por ser teu marido, Mary» e ela respondera que também estava feliz. Apagaram as luzes enquanto se despiam e riram-se de ansiedade. Juntos na cama dele, Edward Aloysius Moore pegara na mão dela e Mary apertara-a como se pairassem no espaço em vez de estarem deitados num colchão firme, que mais tarde ele substituiria por um macio a pedido dela. Intimamente, Mary recitou a prece infantil que Lucy lhe ensinara na Casa do Illinois quando Mary mergulhara no poço, sobre deitar-se a dormir e, se não acordasse, pedia a Deus que abençoasse todas as pessoas que ela conhecia.

Para sua surpresa – de certeza que ele falara com Perpétua –, ele desejara-lhe sonhos cor-de-rosa, dizendo-o em inglês, o que a comoveu inefavelmente. Ela beijara-o e o ardor dele espantara-a. Sentira a língua na sua boca aberta. Ele deitara-se em cima dela, com suficiente força nos braços para não a esmagar com o seu peso. Ela teve de afastar uma imagem de John, porque não queria sequer que uma centelha mental dele observasse, e porque a rejeição dele a magoava demasiado e era injusta para o seu marido. Sentira uma dor, uma dor intensa; estremecera. Quando Edward voltou a deitar-se ao seu lado e disse «Maravilhoso, Mary», ela sorria, mas permitira-se o pensamento escandalosamente indecente de que John teria sabido – embora

poucos homens tivessem fama de possuir esse tipo de conhecimento – dar-lhe prazer, e mais e mais prazer, mas chega, isso era um assunto encerrado.

Ela dormira aos bochechos ao sabor do subir e descer de um peito tão fino que quase a matara, tão frágil que parecia uma pele de tambor.

O LAMENTO DE UMA MÃE

Serafina, ainda não chegou a hora de vires ao Meu encontro.

Os meus rapazes empunham espingardas para matar os Teus filhos. Sou um fardo para a minha filha. Deixa-me voar de volta para Ti.

Boa e fiel criada, trago-te uma mensagem que te recusas a ouvir!

Não é verdade! Onde está a Tua voz? Sobre a Rocha do meu ser, não construístes a Tua igreja. Deve-se a Tua ausência ao facto de eu não ter acolhido a Mary a tempo, não ter perdoado suficientemente depressa uma fé que me ensinaram a considerar pomposa?

Serafina! Escuta!

(indecifrável)

Que aconteceu ao Rui em Trinidad? Naquela tarde no mercado, com o seu aroma a tâmaras, quando um desconhecido lhe sussurrou ao ouvido de adolescente. Foi nesse momento que o Rui mudou. Conta-me o que disse aquele homem.

Serafina, a tua missão é encontrar a graça no mundo. O Senhor preservará as tuas idas e vindas daqui em diante.

()

()

Não consigo ouvir-Te. Manda-me morrer em vez dos meus filhos.

Deixa-me consertar o que fiz ao meu filho e à Mary. Ela sumiu da vida

dele.

Pensei em oferecer o meu coração à rapariga demasiado tarde. Dei cabo deles.

Vejo a sombra de uma pessoa a entrar num lugar de onde se enviam as cartas e aonde elas chegam. Não consigo perceber se é um homem ou uma mulher, nem de que idade, mas a pessoa não tem as costas curvadas. O crime é grave. Este pecador tirou as cartas do meu filho para a Mary e da Mary para ele e escreveu bilhetes falsos, incluindo um em nome do Rui. Permite que eu veja quem é!

*Querida criada, o teu trabalho na Terra não está terminado.
(indecifrável)*

Serafina acorda ao som dos pássaros, na hora que ata a noite ao dia, um tempo em que os soldados partem, em que as mulheres ficam sozinhas.

As aves noturnas viajam, formando um V.

É a hora para a qual ela foi feita.

Cinco da manhã.

O céu ainda é uma pérola negra tão generosa que deixa todas as pérolas brancas amontoarem-se dentro de si, até ficar cheio e deixar o branco brilhar através.

E, então, a sua pele rompe-se.

O Livro dos Cavaleiros

PRETO, BRANCO, ESCARLATE, VERDE-NÁUSEA

Era uma vez uns pintores holandeses que inventaram uma maneira peculiar de tornar as suas obras-primas florais tão realistas quanto possível. Esses quadros extremamente pormenorizados exigiam uma quantidade extraordinária de horas para ficarem prontos.

Os pintores esperavam várias primaveras consecutivas para copiarem apenas os pormenores mais frescos da nova vida.

Que força para conseguirem aguardar, para fazerem da própria espera uma arte.

SEMEAR SAL NA TERRA DE SHILOH

6-7 DE ABRIL DE 1862

O arranhar das canetas parecia o som de uma nova espécie de grilo. O rio Tennessee lançava lufadas de ar primaveril sobre os penhascos de Pittsburg Landing e as hordas de rapazes a quem mandaram escrever bilhetes de despedida. Tendo acabado de escrever uma carta à sua mãe e a Nica, John sentou-se ao lado de Frank, que não sabia o que relatar a Elizabeth. Em quase um ano de serviço militar, a Companhia 14-A do Illinois não pusera propriamente a sua bravura à prova. Enquanto passavam o inverno em Otterville, John e Frank acordaram com um ataque às suas palhotas, mas afinal eram só umas vacas a mastigarem as paredes. Foi o mais parecido com um cerco que eles vivenciaram, e a diarreia era a principal causa de morte entre os homens que eles conheciam. Em Fort Henry e Fort Donelson, as maiores lutas na Companhia A tinham sido em torno de quem é que bancava os dezanove centavos de um baralho novo de cartas de jogar: os naipes eram águias, escudos, estrelas e bandeiras. John nunca participava nos jogos, não por virtude, mas porque o fazia lembrar-se de Mary a pedir-lhe para não jogar, enquanto ela não se dera ao trabalho de apostar que ele regressaria. A outra metade do seu cérebro argumentava que também ela fora vítima de um logro. Mas reagira ele à mesma situação casando-se com outra pessoa? Passara de furioso a aborrecido e, daí, ao seu atual estado de equilíbrio entre a mágoa e a descrença.

Ao longo dessas estações sem uma casa, muitas vezes sem um telhado ou um chão, servia-lhe de ajuda imaginar Mary na tribo estrangeira dos alojados, lembrar a si próprio que a sua família agora eram homens que cheiravam a legumes podres. Adorava o empenho inicial de Mortimer Rice em registar cada dia, mas, depois de fazerem sempre os mesmos exercícios militares e comerem as mesmas refeições infestadas de gorgulho, ele começou a rabiscar «IDEM!» no seu caderno e, a seguir, só «!!!». Dexter Loomis partilhava maçãs compradas a um vivandeiro. Continuava a ser um choque, a

quantidade de civis que se deslocavam com o circo itinerante, as mulheres oferecendo a sua carne ou implorando roupa para lavarem por meia dúzia de cêntimos. Os homens dificilmente podiam dar-se ao luxo de mandar para casa uma parte do seu salário militar de treze dólares mensais. Mary estava no meio de tanto conforto – ele ainda estremecia a cada imagem repentina, flores de vidro, um aquecedor de cama com a sua pega comprida –, que John se sentia grato por aquelas mulheres a empurrarem cada vez para mais longe, para um castelo saído de um livro de histórias.

Outras companhias juntaram-se à deles, para formarem a 4.^a Divisão, uma das seis sob as ordens do general Ulysses S. Grant. As notícias das bases avançadas diziam que os secessionistas estavam prontos para a batalha. A União queria esperar até o exército do Ohio do general Don Carlos Buell chegar de Nashville, para se aliar a eles numa poderosa força contra os traidores trajados de cinzento e abóbora e avançar sobre Corinth, onde tomariam cruzamentos ferroviários vitais, cortando as linhas de abastecimento da Confederação.

E então: vitória! O fim da guerra. Eis o rumor que circulava.

Frank parou de escrever a carta a Elizabeth e perguntou:

– Alves, achas que devo dizer que, depois de Corinth, voltamos para casa?

– Não faças promessas que não sabes se podes cumprir. Diz-lhe só que a amas – aconselhou John.

Além de redigir cartas de despedida, os soldados afixavam os seus nomes e moradas por dentro das roupas, para os seus cadáveres poderem ser identificados.

– Parece mal ter de o dizer. – Frank deu a John um biscoito seco com melão a pingar.

– Descreve as aulas de pintura do Alonzo. Deixa-a imaginar alguma coisa como deve ser. – Durante aquelas semanas de aquartelamento, desde que uma escola do Maine doara cavaletes e aguarelas, Alonzo Gillespie ensinava-os a sublimar a realidade criando sombras. O esforço para reproduzirem flores de pessegueiro permitia-lhes fingir que ser soldado era apenas deixar que uma flor líquida escorresse de um pincel.

Isaac Unthank dirigia-se para eles, por entre magotes de homens. John ficou tenso ao vê-lo quebrar o acordo que tinham feito de se manterem o mais longe possível um do outro. Quando o pregador ou o que quer que ele fosse chegara à base, John espancara-o – dera-lhe socos e pontapés – num ataque de raiva. Frank suspirou também.

Isaac levantou as duas mãos, num gesto de rendição. A dois passos de distância, gritou:

– Venho em paz. – Aproximou-se o suficiente para esticar uma mão para John, que a fixou enquanto Isaac dizia: – Se eu encontrar o meu Criador, Alves, quero dizer-Lhe que tu e eu chegámos a acordo.

– O que fizeste não é perdoável, Unthank – contrapôs John. – Quero os

meus cem dólares de volta.

Isaac deixou cair a mão, mas sorriu e esfregou o queixo.

– A minha cara pagou por qualquer mal-entendido, Alves. Mas juro, diante dos nossos irmãos aqui reunidos, que não roubei as cartas que tu ou que a tua donzela puseram no correio, nem inventei outras falsas, nem me fiz passar pelo teu irmão perfumista.

– Unthank. – John pôs-se de pé. – Já analisámos porque é que foste tu. – Qualquer lembrete da sua última conversa com Mary, quando passaram revista à lista pantanosa de suspeitos e foram parar à certeza de que Isaac era culpado, queimava-o de novo.

– Sou um pecador em busca de absolvição – disse Isaac – e faço coisas por precisar de dinheiro, mas estou a ser injustamente acusado. Não surripiei nem redigi missivas nenhuma.

Se John fingisse que aceitava a premissa, livrar-se-ia do seu carrasco? Apertou a mão de Isaac o mais rápido que conseguiu e Isaac declarou:

– Deteto falta de sinceridade, mas isto terá de servir. Estive a contemplar o rio e sinto-me nauseado como se estivesse no mar. Posso perguntar-vos a vocês os dois, já que têm sangue de marinheiros, como é que se luta contra o enjoo?

– Fixa o horizonte, seu idiota – disse Frank – em vez de olhares em cheio para a água em baixo.

Isaac tirou um boné invisível.

– Muito agradecido.

Enquanto Isaac serpeava em direção aos vivandeiros a venderem refeições que podiam vir a ser últimas ceias, com os homens a fazerem fila diante da banca do cozinheiro, Frank indicou um capelão com uma volumosa saca do correio a passar entre as tropas. Era um milagre que cartas de nenhures chegassem a Springfield em apenas oito ou dez dias, e as respostas de lá a uma base militar.

– Escreve-lhe – disse Frank.

John apontou para o bilhete destinado à mãe e à irmã.

– Já o fiz. A elas as duas.

– Percebeste a quem eu me referia. Ela ficou assustada, John. Foi enganada por aquele sacana, tal como tu. Perdoa-lhe, senão a tua alma não será livre. – Frank estendeu-lhe uma página de papel azul.

Que poderia efetivamente John dizer, se Mary aparecesse quando ele estivesse moribundo?

Apesar de todos os seus esforços para a esquecer, ela continuava a afigurar-se uma pessoa destinada a esticá-lo até à forma final que ele devia ter, como se fosse um acordeão fechado. Terminou uma carta endereçada a Mary Catherine Freitas Moore quando o capelão os alcançou, momento em que a noite não desceu aos poucos como fora criada para fazer e, ao invés, caiu abruptamente como uma cortina, o seu tecido comido pelas estrelas, quais traças. De vez em quando, levantava-se uma luz ao de leve: um soldado a pôr-

se de pé e a carregar uma lanterna.

John mexeu-se na manhã ainda escura, alertado por um ruído como o de chuva entre a folhagem. Saindo da tenda, não sentiu pingos, mas ouviu um jorro – e a palavra «jorro» traduzia o som na perfeição – carregado com estrondos sónicos como trovões. Quando deu por si, toda a gente se levantava de um pulo e homens de ceroulas gritavam e o coronel Cyrus Hall catapultava-se para o seu cavalo. Os secessionistas tinham lançado um ataque perto da igreja de Shiloh.

A 14.^a Companhia levantou uma defesa numa estrada elevada e, uma hora depois, o som da chuva tornou-se mais forte, até que uma enorme nuvem expandindo-se num globo envolveu a floresta e explodiu. «Fogo!», gritou o coronel Hall, e John berrou: «Contra quê?», porque só via ar denso e branco como um estufado, e Hall gritou: «Disparem e calem-se!» Um rapaz foi abatido depois de se ter queixado de que lhe faltava um ramo em forquilha para preparar o seu mosquete. John disparou para a nuvem. Na mochila levava a Bíblia da mãe e, enquanto se baixava para a enfiar na camisa, uma bala minié assobiou no sítio onde antes estivera a sua cabeça. Uma ala do seu regimento dispersou, esbarrando no 25.^o do Indiana, cujas fileiras recuavam para não serem espezinhadas. Hall cavalgou por entre o caos e rosnou que a 14.^a tinha ordem para manter a linha e, portanto, assim fariam, senão ele próprio os alvejaria.

John perdeu Frank de vista.

Isaac, engolido pelo fumo, lançou-se na fuga.

Uma bala silvou junto da manga direita de John, mas não tocou na pele. Tentando conter o coice da sua espingarda, disparou contra homens como se fossem zangões a saírem de uma colmeia, como se pensar neles assim pudesse ajudar. Uma bala arrancou-lhe o chapéu e ele esfregou o escalpe e deparou com sangue. Numa saraivada de tiros, um deles fez ricochete e bateu na Bíblia que ele levava ao peito. Escalando uma cumeada, Dexter Loomis gritou: «Nós apanhamo-los, rapazes», girou de lado e caiu morto. A artilharia intensificou-se e os canhões disparavam. A quarta bala que roçou em John levou-lhe uma pontinha da orelha e, à medida que o zumbido da propulsão do metal aumentava, ele abanou os braços com o instinto de que a sobrevivência significava afugentar insetos, e a sua espingarda caiu e ele desmoronou-se enquanto uma torrente silvava por cima dele, e a sua boca abriu-se para gritar, mas ele não ouviu nada. Homens derramavam-se e guinchavam que a nova ordem era para voltar na direção do rio, caso contrário seria um massacre.

Todos foram obrigados a bater em retirada. A quinta bala que o encontrou abriu-lhe um sulco na canela esquerda. Os homens caíam e as balas derraparam nas costas de um que morreu em cima de alguém que gritava para se soltar dele. John agarrou no braço do que estava vivo e o rapaz morto rolou para o lado, com o rosto rígido. Onde estava Frank? A manga de John, o couro cabeludo, a Bíblia, o ouvido, a perna estavam encharcados de sangue. O terreno agitado fazia com que as companhias parecessem camadas de

formigas a dispersar-se. Ele nunca imaginara perder. Estariam a perder?

A sua companhia misturou-se com outras junto do rio e os nevoeiros de pólvora reduziram-se. Todos tinham a pele enegrecida de dispararem. Da floresta chegavam-lhes gritos, como num conto infantil para avisar as crianças de que não devem vaguear na escuridão. Uma flauta tocou «The Girl I Left Behind Me», a rapariga que deixei para trás, mas um homem com o estômago aberto e a verter suplicou «Parem» e caiu morto, segurando as entranhas como se fossem um bebé.

Emboscado nessa manhã, o general Grant vira-se obrigado a recuar no pessegal e num bosque tão denso que provavelmente foram tantos os homens assassinados pelos próprios colegas como pelos inimigos. Mas graças a homens como os da 14.^a Companhia, Grant fumava um charuto num sítio onde as ravinas eram protegidas pela frente e pelos flancos e, quando o general Don Carlos Buell lá chegasse, pouco depois, leriam o evangelho para os rebeldes. Os rebeldes tinham a certeza de que ele demoraria, pelo que deixaram de combater e decidiram terminar a tarefa na manhã seguinte. Mark Robertson disse: «Não te preocupes, Alves. Eles amaldiçoaram-se lançando um ataque num domingo.»

John abriu a sua Bíblia atingida por um tiro. Estava intacta, a página que registava todos os apelidos e datas de batismo, incluindo a da mãe, a católica e a declarada por Kalley, juntamente com a morada em Madeira Hill, mas a bala maculara as Revelações. Ele pediu descanso para a alma de Dexter Loomis e levantou-se para procurar Frank, mas a gravidade de um tremor no braço puxou-o para o solo. Um rapaz gritou ao ouvir um ruído de canhão que, afinal, desta vez, era mesmo uma trovoadas.

John foi brindado com a inconsciência. Em câmara lenta iluminada, captada por um diapositivo de lanterna-mágica, Dexter caía de uma ponte feita de videiras. Mary debruçava-se na janela de uma cabana fustigada pela neve. John caminhava para ela com a sua perna ferida e o escalpe a sangrar, passava pelo relógio de pé da perfumaria de Rui com os ponteiros a andarem para trás. Ela esticava os braços, mas ele não conseguia alcançá-los.

O crepúsculo rendeu-se ao apogeu do touro da meia-noite e, depois, ao dia, e o coronel Hall trouxe a notícia de que o exército de Buell chegara efetivamente. Juntos, perfaziam mais de cinquenta mil homens. Quando o general Grant lançou um ataque ao raiar do dia, a companhia de John avançou para as linhas da frente perto de Mulberry Field. Sob os disparos e saraivadas de resposta, Hall gritou que agora era a hora de os homens da valente 14.^a Companhia levarem a sua coragem ao extremo e, assim, gabar-se-iam aos seus netos de terem pertencido à vanguarda chefiada pelos generais Hurlbut, McClernand e Sherman. Eles precipitaram-se para a frente e foram derrubados, mas o inimigo sofreu uns cortes maiores. Parecia uma simples resposta ao que acontecera na véspera e morreram homens, mas John não associou nenhum soldado às suas balas específicas, embora reconhecesse que estava no mar de azul a comandar a chacina. O que lhe pareceu mais estranho

foi não terem noção nenhuma se estavam a ganhar ou a perder. Isso devia ser mais claro, para um homem ter uma sensação à qual se agarrar.

Perto do anoitecer, ele ouvia apenas ruído branco. Estava surdo e os seus alunos da escola teriam de cuidar dele. *A cura para dores de ouvidos era pôr panquecas quentes sobre as orelhas.* Uma esfera florescia à sua volta e ele esvaziou a espingarda vezes sem conta para dentro de outras esferas, até o inimigo fugir e finalmente alguém declarar uma pausa. Chegou-lhes a notícia de que, depois de ter sido obrigado a recuar até à igreja de Shiloh, o general rebelde Pierre Beauregard conseguira retirar-se para Corinth. Alonzo perguntou se isso queria dizer que os federalistas tinham perdido, uma vez que a ideia era apoderar-se de Corinth. O coronel Hall disse que não, era uma vitória da União, mas morreriam de cansaço extremo se perseguissem os vencidos nesse momento.

Nica carregava um tabuleiro com panquecas.

Meninos e meninas aplicavam massa quente nos sítios onde a carne lhes doía.

Enquanto os feridos eram levados para uma tenda médica, John enroscou-se numa chuva revolta e acordou a pensar que os combates prosseguiam, mas percebeu que não, a sua audição é que demorara a registar os sons, a percussão da artilharia, o assobio da metralha, que lhe martelavam os tímpanos à luz matinal, não um eco, mas a coisa real em si, da mesma maneira que o choque se apodera dos nervos depois de e não durante um acontecimento.

Os seus ouvidos recuperaram em pleno, quando gritos de fazer gelar o sangue, os piores de sempre, o trespassaram. Lentamente, tomou consciência da causa: animais saíam das profundezas para comer os mortos e mastigar e engolir os moribundos. Ele tropeçou por cima de homens que praguejavam contra ele enquanto avançava em direção à floresta, desesperado por encontrar Frank. Uma raposa torturava um rapaz e John empunhou a espingarda para a afugentar, mas a raposa correu para trás de um arbusto e pôs-se à espera. Homens gritavam pelas mães. Também havia rebeldes dispersos pelo terreno, com os botões de secessionistas estampados com pelicanos a alimentarem as crias. John segurou na mão do rapaz da União atacado pela raposa e disse:

– Estou aqui, irmão. – Faltava-lhe um punhado da cabeça. John inflamou-se de raiva contra Edward Moore e os outros homens que estavam confortavelmente em casa. – Diz-me como te chamas e eu aviso a tua família. Tens namorada? – O rapaz já estava no outro mundo e John disse: – Dorme, irmão.

Revistou as roupas e a mochila do rapaz morto, mas não encontrou nenhuma identificação e começou a escavar uma campa com a coronha da espingarda, mas parou, porque havia animais à coca na folhagem e limitar-se-

iam a desenterrá-lo. John prestou atenção aos gemidos, aos berros, nos sítios onde mais animais saíam para comer. Os guinchos comparavam-se ao bramido dos veados na época do cio, um clamor que ele descobrira no seu primeiro ano no Illinois. Caminhou para sul por entre o bosque, brandindo a espingarda contra raposas, gambás e musaranhos e, quando saiu para a luz, vislumbrou um hospital assinalado com uma bandeira amarela. O que julgara ser uma pequena meda de feno afinal era uma pilha de braços e pernas, vertendo o seu vinho. Enquanto um doente na mesa de operações guinchava, John vagueou entre as camas, sem conseguir encontrar Frank.

– John? – Era Max Jeffers, seu colega, maneta. – John, estás vivo!

– Max. – John ajoelhou-se junto da enxerga.

– Vai ser difícil usar a língua gestual na escola. – Max tomou um comprimido de ópio e John perguntou-lhe se tinha visto Frank. Max abanou a cabeça enquanto a droga o arrastava para longe.

Isaac tremia numa cama, de barba castanha desgrehada e olhos ainda mais parecidos com poços de minas, e agarrou na manga de John e admitiu que tinha fugido.

– Irmão John, não sirvo para pregar a palavra do Senhor. Nem sequer consigo enfrentar homens com armas terrenas!

John fez sinal a uma enfermeira, linguagem gestual que de alguma maneira transmitiu a mensagem *Traga morfina*.

– Isaac, foi muito mau, mas a responsabilidade foi nossa. E não de Deus. – Tentou soltar-se do punho de Isaac.

– Juro-te que não cometi os delitos cruéis que imaginas. A sério que não!

John retirou a mão de Isaac do seu braço.

– Porque é que não acreditas em mim?

– Dorme. Afinal, nenhum de nós é especialmente corajoso.

A enfermeira deu a Isaac uma colherada de um frasco, lançando-o rumo ao sono.

Outra enfermeira mergulhava fios em cera quente para fazer velas, de modo que os cirurgiões pudessem manusear as suas serras durante a noite. Não parecia habituada a sorrir para um homem, mas John também não.

– Menina – disse ele –, faz ideia de onde posso encontrar uma pessoa que desapareceu? – Uma missão básica, encontrar um amigo, era a única coisa que o ajudaria a manter-se são.

– Há alguma movimentação na direção de um lago a sudoeste.

Árvores cravejadas de balas perfuravam o céu às manchas negras. Rochas espalhadas ao longe afinal eram cadáveres. John atravessou nuvens de mosquitos que não eram melhores – apenas mais pequenos – do que as criaturas dos bosques que devoravam pedaços de homens. Flores de pessegueiro rodopiavam em redor dele, recusando-se a aterrar, a beleza das árvores de fruto arrancada prematuramente, antes do número certo de meses, como versões diáfanas das almas das vítimas. Os homens tinham sangue

empastado nas barbas, mas o que pareciam feridas eram montes de moscas, os moribundos demasiado cansados para as afugentarem. Vários estojinhos de costura que os homens levavam consigo, chamados «donas de casa», estavam espalhados. Para ele, *linha* era sempre *Mary*, mas empurrou uma imagem dela para baixo, por forma a dissolver-se nos seus ácidos estomacais, poupando-a assim àquela visão. Amava-a. No seu âmago, amá-la-ia sempre. Mas ela habitava um mundo que ele perdera. Na beira do lago, viam-se homens curvados perto de cavalos mortos. John mergulhou a mão em concha na água vermelha para ajudar um homem e uma mula.

Atraído por uma cintilação numa clareira, encontrou Frank segurando no braço a sangrar, caído contra um carvalho. Correndo para ele, John gritou:

– Onde é que te meteste? – contendo uma gargalhada, porque ali estavam ambos.

Frank levantou a asa ferida e arquejou:

– A bala ainda está alojada no braço.

Diziam os rumores que um homem tinha três dias de vida até morrer envenenado por uma bala minié, e o pulso de John latejava-lhe sob a voz, que conseguiu dizer:

– Há uma tenda médica lá atrás. – Mais valia perder o braço, mas conservar a vida, como Max.

– Vou morrer junto desta árvore, se não te importas – retorquiu Frank. Cambaleara até ali depois de saber da existência do lago, mas achou-o demasiado horrendo, e vermelho, para beber dele. John tinha razão: era a timidez que o impedia de dizer à sua mulher que a amava. Pedia a John que informasse Elizabeth de que ele lhe professara o seu amor naquele momento.

– Cala-te – ordenou John. – Não me vais deixar aqui sozinho.

Pegou no canivete militar e deu a Frank uma munição para ele morder, mas Frank disse obrigado, já chegava de balas, prössiga, Dr. Alves. John enterrou o canivete na parte superior do braço de Frank e cortou vasos sanguíneos, mas desalojou a bala. Usando uma tira rasgada da sua camisa do exército, amarrou um torniquete. Frank confessou que o medo lhe fizera tremer as pernas durante a batalha.

– Não fugi, mas estava assustado. Não contes a ninguém que eu estava assustado.

– És o melhor irmão que tenho, Frank. É claro que não conto.

Era impossível não pisar homens, empilhados nalguns sítios de maneira tão densa que não se via a terra, e John nem sempre conseguia discernir quem estava vivo. Uma vez, num campo de erva-negra no Condado de Cass, o seu pé atravessara uma coisa que parecia pergaminho e, afinal, era um cavalo morto há tanto tempo que se tornara um tambor ressequido.

A companhia deles estava acampada perto do rio.

Alonzo contou ao coronel Hall a localização de Dexter, porque detestava ficar a pensar num rapaz do estado de Lincoln preso no Tennessee. Talvez Dexter pudesse ser mandado para casa. Havia um fluido recém-inventado para

conservar cadáveres, de forma que um homem se mantivesse mais algum tempo parecido consigo próprio, até a terra o desfazer.

John vagueou à noite na direção de corpos ainda vivos marcados por azuis e verdes reluzentes, como se as suas feridas se tivessem liquefeito em poças deixadas pela maré. Lembrou-se da pequena Maria Freitas a explicarlhe a sua fantasia de que os seus pais biológicos eram cuidadores de pérolas, e chorou por ela, pela primeira vez num ano, e pelos homens com os seus borrões de cores marinhas a cintilarem fantasmagoricamente. Deixou-se cair junto de um, com uma mancha azul-brilhante no pescoço, e esperou que o sal daquelas gotas extraviadas de oceano, luminescentes e divididas, o curassem. O homem reanimou-se sob a linguagem da mão de John na sua. Depois de prometer informar os médicos daquele punhado de sobreviventes, John procurou o conforto de uma recordação contendo água. O barco de transporte que os levava para aquela batalha contornara uma margem ribeirinha com plantas como grinaldas esculpidas. As folhas afiladas eram verdes e pretas quando o sol não incidia nelas e jade quando o barco se inclinava para outra tonalidade de luz: visco-branco. Sem querer, então e agora, ele fora e era possuído por: Mary, aprendi isto contigo. É difícil não ouvir Deus declarar: *Dou-te beleza e tu passas por ela sem lhe ligar.*

O capitão Lucas Johnson recebeu ordem para supervisionar a 14.^a Companhia na tarefa de limpar o campo de batalha. Esgotados de carregar cadáveres, John e Frank afastaram-se pelo mato fora e Frank tirou fotografias com uma câmara emprestada, sem denotar os efeitos nocivos de ter recebido uma bala no braço. Quando regressaram ao acampamento, transportando um cesto de pêssegos encontrado num telheiro, tinham falhado a chamada. Espantado por o capitão querer confrontá-lo por «furto», John protestou:

– Até parece que roubámos os pêssegos a alguém que andava a vendê-los.

O capitão Johnson gritou que qualquer desleixo enfraquecia o exército. Como John se riu, o capitão mandou Frank empoleirar-se num barril durante duas horas com um letreiro a dizer ladrão. E o capitão não gostou que John não tivesse feito a continência ao seu oficial superior.

Abner Quimby murmurou qualquer coisa a propósito de «superior».

– Soldado – disse o capitão a Abner –, está a indicar que há um problema?

– Sim. O senhor, capitão – ripostou Abner.

Abner e John foram destacados, como castigo, para uma brigada incumbida de enterrar cavalos, juntamente com Mark Robertson e Bill Snow, por protestarem contra a severidade do capitão. Os cavalos brancos tinham sido atingidos em barda pelo inimigo, a sua cor tornava-os, de par com os seus cavaleiros, um alvo fácil. Os federalistas levaram a cabo uma matança de cavalos saudáveis, por serem claros. John tivera dificuldade em engolir essa

decisão, os seus cadáveres pareciam fantasmas majestosos. Os que eles matavam quando estavam a sofrer ou velhos eram de todas as cores e também ninguém gostava disso, mas muitas vezes os rapazes criados em quintas ofereciam-se para o fazer, já que estavam habituados a golpes de misericórdia. Uma sessão recente levava Isaac a tapar os ouvidos com as mãos, gritando para que parassem.

Quatro cavalos de diferentes tonalidades tinham sido abatidos nessa manhã e inchavam devido à humidade. John, Mark, Abner e Bill amarraram panos à cara e cavaram uma campa suficientemente larga para evitar a macabra indignidade de partir aquelas patas ágeis para caberem na cova. Trabalharam com pás e picaretas a um determinado ritmo. Mark bateu com a pá num abutre e gritou: «Porra, preferia lamber a latrina. Alves, espero bem que aqueles pêssegos sejam saborosos.»

Ataram cordas às patas dos cavalos para os arrastarem para as sepulturas e uma das pragas de as terem cavado fundo era o ruído seco dos cadáveres quando aterravam, e as moscas iam a enterrar, vivas, com eles. John considerava os cavalos as mais nobres criaturas, com a sua agilidade e a forma alongada das suas cabeças. Com a última pazada, os cangalheiros arrancaram os panos da cabeça e John postou-se junto do barril de Frank até ao fim do castigo, com Isaac a urrar que John estava a infringir mais uma regra, ao que o capitão Johnson berrou: «Cala a matraca, Unthank. Estou farto desta guerra.»

Vieram caçadores de lembranças para despojar os mortos de sapatos e de objetos valiosos, usando alicates para arrancar dentes de ouro. As alianças de casamento eram os principais tesouros. Os cadáveres inimigos eram empilhados como lenha podre em trincheiras para seguirem para o inferno numa só debandada. Quando se escavavam campas individuais, dois corpos eram encaixados nelas e espezzinhados até serem papa, com os cangalheiros aos gritos de que os rebeldes eram homens pela metade que não mereciam mais do que aquilo. Ninguém verificava os nomes presos no interior dos casacos. Ninguém conseguia explicar o brilho cor de mar de alguns dos moribundos, nem porque é que pareciam propensos a recuperar. Uma mulher mandava os filhos de tesoura na direção dos cadáveres e eles cortavam alegremente os botões dos casacos.

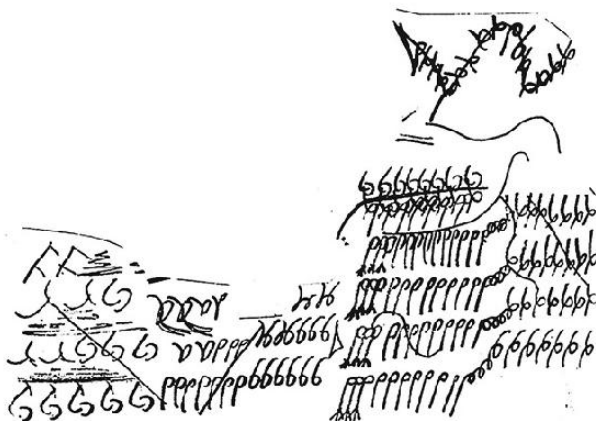
Como que para fingir que não acontecera nada de impróprio, a companhia de John entreve-se com um jogo novo, usando uma bola e um pau. Ele impressionou toda a gente com a sua pontaria ao atirar uma bola na direção de quatro bases assinaladas com sacas de farinha e de um ponto de partida e chegada chamado casa. As competições desenrolavam-se lindamente até que, numa explosão que ninguém conseguia medir, o ímpeto e a força entraram em ação e seguiu-se o mistério de como é que um dos lados se tornou imparável. A primeira vez que pegou no bastão, bateu na bola que lhe atiraram de tal modo que ela voou num arco como os que encimam os compassos numa partitura, e mergulhou numa fantasia em que recebia aplausos de multidões, Mary de pé a bater palmas entre elas, enquanto ele

enviava esferas pelos ares, rumo aos seus antepassados.

Corinth, junho de 1862

Sr.^a Moore, perdoa-me a intromissão, perdoa-me a demora em aceitar o Teu casamento. Não sei para quem me virar senão para Ti. Enterrámos cavalos & isso escavou uma masmorra dentro de mim que talvez se assemelhe ao Teu Poço. Não sei se receberás este bilhete pq o serviço de correio funciona mal & Tu e eu sabemos para nossa própria mágoa que não é de fiar. Mandamos as cartas através de um homem dispensado do serviço militar, ou os capelães levam as sacas de correspondência para serem expedidas por comboio ou barco. (Se receberes isto & a carta que te mandei antes, isso prova que o Isaac nos enganou embora ele proteste que não, uma vez que está na Companhia 14-A & todos os outros «suspeitos» estão na terra dos vivos.)

Em Corinth descobrimos que o gen. Beauregard se tinha escapulado. Significava isso que a União ganhara, uma vez que era crucial assumir o controlo de Corinth? Não, pq ainda não eliminámos os rebeldes. O tamanho do nosso país permite que eles se escondam constantemente. Junto envio um desenho do som de pássaros em carvalhos pretos esta manhã. Lembraram-me que prometi que me afastaria de Ti, se tivesse de ser, mas não diria que não a um mundo contigo dentro dele. Se pegares no meu desenho & o bordares de uma maneira nova como resposta, Mary, continuarei com o meu dever, certo do que em tempos significaste para mim. John.Alves.



VIGIA, QUEM BAIXOU A MINHA PONTE LEVADIÇA?

Ar de abril fustigado pelo frio entrava de rompante em casa de Nell Clark, enquanto os convidados desfilavam entre os capitéis de folha de acanto invertida a formar vasos de onde brotavam as colunas do pórtico. Mary olhou para Edward atrás de si quando franquearam a sala de estar, onde uma luz suave lançava sombras douradas. As conversas ressoavam educadamente e garrafas de cristal com tónicos escarlates alinhavam-se, com rigor militar, num aparador. Nas covas dos pescoços das mulheres cintilavam diamantes. O vestido de Mary alternava riscas cremes e cor de café, e se Edward não estivesse com ar abatido, ela teria dito a brincar que parecia o bolo às camadas numa tigela de vidro entre as diversas sobremesas. O serão destinava-se a angariar fundos para a Comissão Cristã de Saneamento, a fim de ajudar um exército que morria mais de doença do que de balas.

– Ficamos só um bocadinho, sim? – sussurrou ela. Beijando-lhe o cocuruto, ele respondeu:

– Combinado.

Envergando um vestido de tecido variável que era castanho na trama e vermelho na urdidura, Nell irrompeu por entre um muro de pessoas e exclamou:

– Esses brincos, Mary! O teu marido bem-parecido precisou de ajuda para os escolher.

Mary deu um toque nas estrelas de quartzo penduradas para que elas balouçassem e assumiu a sua voz festiva para dizer:

– Nesse caso, tenho de te agradecer também, Nell. – Edward lançou o seu sorriso festivo a Mary e, a seguir, a Nell, que comentou:

– Ouvi dizer que são uma prenda adiantada de primeiro aniversário de casamento.

– Ele estraga-me com mimos. Não devia.

Mary pôs a mão no pulso de Edward, mas ele foi arrastado (com uma relutância palpável aos olhos dela, mas provavelmente aos de mais ninguém) para um grupo animado, que incluía Dottie Willis e Maud Dieterman.

– A Maud perguntou-me – começou Nell – que árvores de fruto anãs tu gostarias para a estufa ou para o jardim, como prenda de aniversário de casamento, por isso, em breve, deves receber uns brotos de macieira.

– Serão bem-vindos.

Vivam os pequenos e grandes mistérios: Maud decidira tornar-se simpática para Mary, oferecendo-lhe prendas conciliatórias, como cestas com bebidas alcoólicas e queijo entregues em casa dela (ótimas para as visitas, já que Mary não se entregava a esses prazeres) e, uma vez, correu a salvá-la, quando Mary foi assediada na baixa por um grupo de bêbedos. (Seria marcação de território Maud espetar uma árvore no meio deles, uma prenda que tinha «maud» escarrapachado e que ficaria para sempre associada ao primeiro aniversário de casamento de Mary? Mary repreendeu-se com o salmo de Nell: *Sê elegante, Mary; ganhaste.*) Dottie Willis acenou-lhe entre o grupo constituído por Edward, Maud e Bill Farnsworth, e ela retribuiu o gesto. O casamento era uma ascensão tal, que todos os antigos combatentes se vergavam ante o poder de uma esposa. Mary banira Gertrude Weber depois do ataque na estufa e Gertie não estava presente e permanecia excluída de muitas listas sociais.

– Os charutos não estão expostos na mesa – disse Nell. – Desculpa, querida, enquanto eu lido com esta crise histórica. – Afastou-se, incumbida da sua missão de anfitriã perfeita.

Mary nunca sabia o que fazer nos momentos em que ficava sozinha numa festa cheia de gente. Ligaram uma pianola, o seu tambor com marcas que pareciam braille enquanto giravam, as teclas premidas por um homem invisível. A melodia era «There Shall Be One Vacant Chair». Ela dirigiu-se para o aparador, para se ocupar com alguma coisa. Além de bolos, tartes e outras confeições, incluindo bagas milagrosas e rodela de limão, havia um serviço de café em prata e cubos de açúcar com violetas de glacé. *John, ouvi dizer que, quando os soldados esmigalham biscoitos de bordo para dentro de café, os insetos presos acordam e contorcem-se.* Olhou para Edward, que ouvia, distraído, uma história que uma mulher do *jet-set* chamada Phyllis Barksdale lhe contava com muitos gestos, e Mary tentou fazer-lhe sinal: vem ajudar-me a admirar a mesa de iguarias, já que estamos a morrer de tédio! Seria a sua própria ansiedade que estava a imaginar coisas, ou a cara dele parecia enrugada com a habitual tristeza *por sua causa*? Por fora, Mary esforçava-se por remediar a situação, agradecendo-lhe, preocupando-se com ele, mostrando-se enérgica até lhe faltarem as forças. A elegância de Edward consistia em aceitar tudo isso e adorá-la, não obstante.

Desenrolava-se um bailado social tão exímio, que Mary era capaz de jurar que ouvia uma orquestra a tocar baixinho. Maud começou por se enfiar debaixo do braço de Edward, agarrando-o enquanto brincava com Phyllis,

mas usando esse meio abraço como propulsor para rodopiar e dançar de pessoa para grupo para pessoa, uma mão num braço, a cabeça para trás, rindo-se, enquanto homens e mulheres a cumprimentavam e se animavam ouvindo o que quer que ela tivesse para dizer. Era uma rainha ali e em toda a parte, os seus castelos cercados por fossos. Rabiscou qualquer coisa num papel que uma mulher encostou ao peito, de gratidão. Era a primeira vez que Mary absorvia a conectividade de Maud... e via a que ponto as pessoas gostavam dela, ou procuravam cair nas suas graças, o que lhe permitiu perceber como é que Edward dera por si noivo de Maud, ainda que brevemente, e podia achar a ousadia dela atraente. Ágil entre as multidões, ela abria buracos que ele se imaginava a atravessar.

Mary não pôde esconder-se dessa destreza, porque Maud arrastou um cavaleiro para o aparador, onde Mary analisava uma tarte como se algo muito interessante se materializasse na camada superior, e trinou:

– Mary, tens de conhecer o Jeduthan Walker! Falei-lhe das tuas estranhas bagas, porque ele está constantemente a receber visitas na sua casa em Jacksonville, homens de Chicago, Saint Louis, e de que outros lugares, Jeddie? Meio mundo, no mínimo. Mas a metade que *importa*. – Pausa para uma risota desbragada.

– A Maud é uma exagerada. Prazer, minha jovem senhora.

– A Mary é casada com o Edward Moore, por isso refreia qualquer tentação de a arrebatares, mas tens de comprar as bagas dela, as bagas magas. Cuidado! – Maud colou-se ao flanco dele, fitando-o com um sorriso.

Onde estava o esquivo Billy Mars, de quem Maud supostamente ainda era noiva? Ele nunca a acompanhava a nenhum evento.

– A planta dela está a dar-se lindamente na Florida. Vais-te mudar para lá, Mary? O meu pai está disposto a aceitar-vos de volta, se quiserem tê-lo de novo como distribuidor, eu trato disso, mas não tenhas receio, não espero um tostão em troca. – Uma piscadela de olho. – Explica ao senhor Walker como é que ele pode encomendar cem dúzias!

Explicou a Jeduthan que, se ele quisesse, podia comprá-las em Jacksonville, na loja de Ray Silva, ou através de Julian Barr em Springfield.

– Sim, claro – respondeu Jeduthan –, a senhora é a dona daquela estufa notável. A Maud falou-me dela.

A palavra «dona» associada à estufa ainda a sobressaltava.

– Trabalho lá de vez em quando – disse. Era desconcertante, a maneira como lidava agora com o que antes a consumira por dentro. Como é que uma senhora casada devia comportar-se e por que motivo se considerava estranho uma mulher casada continuar a trabalhar naquilo que adorava? Ela mal conseguia definir o que havia de tão absorvente nas obrigações domésticas.

– E não se importa de sujar essas mãos tão bonitas? – disse Jeduthan, em tom afável.

Perpétua e a sua ajudante, Dilly Witherspoon, tratavam das plantas, deixando que as unhas de Mary se mantivessem escrupulosamente limpas.

Tinha tantas saudades do pai, tinha saudades de cuidar das plantas, aquecida pela sua febre por um rapaz. Um rapaz que gritara que nunca mais a queria ver na vida.

– Gosto de dar uma mãozinha, por assim dizer – respondeu ela. Ele riu-se, por causa do trocadilho astuto, sou tão esperta, não sou?

Maud deu um beijinho a Mary e, apertando-a – Maud cheirava opressivamente a tuberosa –, disse:

– Anda, Jed, tens de conhecer o Stuart Trent.

Os ombros de Mary descontraíram-se quando Maud se afastou, com Jeduthan obedecendo-lhe; apesar da progressão social de Mary, provar que não fugiria daquelas mulheres era esgotante. Ao fundo da sala, Edward conversava com Bill Farnsworth e Augustus Ayers, o banqueiro, e com Annie Ayers, que usava um vestido simples de xadrez com uma gola branca e nenhuma maquilhagem, e parecia mais segura de si do que qualquer mulher que Mary já conhecera. Augustus fitava a sua mulher com carinho. Mary reconheceu-os dos jornais, uma vez em relação com aquele maldito concurso de ensaios. Edward parecia mais bem-disposto e sorriu-lhe: Anda, vem ter comigo. Embora lhe faltassem os dotes régios de Maud, Mary foi ao encontro dele. A meio caminho dessa ilha de repouso temporário na companhia de Edward, ela deteve-se – infelizmente, perto de Dottie Willis –, porque uma rapariga madeirense que servia na festa levava uma bandeja com nozes cobertas de açúcar e esbarrou numa mulher, que disparou para a sua companhia:

– Estas escurinhas da ilha são tão trapalhonas.

Dottie – Dottie, que uma vez pregara que as pessoas deviam ficar na sua terra natal! – declarou:

– Enid, estamos aqui em nome da caridade.

Sempre que Mary pretendia fingir que estava segura, deparava com um teste qualquer.

– Se se chegar para o lado – disse ela a Enid –, o tabuleiro da rapariga não tocará na sua manga preciosa.

Enid ignorou Dottie, mas silvou para Mary:

– É escusado enervar-se com essa sua carinha bonita de mestiça.

A rapariga que servia fixou os olhos húmidos em Mary e cochichou-lhe:

– Senhora, estamos todos tão orgulhosos de si.

Mary tentara, antes, conversar com aquela rapariga, que a avisara de que tinha ordem para não falar com os convidados e, uma vez mais, se apressou a afastar-se antes que Mary pudesse responder.

– A Enid está toda aborrecida – segredou Dottie a Mary –, porque a tua beleza é naturalmente exótica e ela parece uma coalhada no que toca à cor e à disposição.

Maud estava a fazer sinais junto do aparador, segurando numa garrafa de cristal, e Dottie disse:

– Prometi à Maud que bebia um copo com ela e sua senhoria está a

convocar-me. Dás-me licença?

Mary disse que sim. Avançar em direção a Edward implicou esbarrar em mais uma rocha, desta vez sob a forma de Maisie Mauzy, que intercetou Mary e declarou:

– Pelo teu ar, diria que o casamento te assenta bem. – Uma cotovelada salaz. – Invejo-te pela maneira como aparentemente sabes o que fazer nestas situações. – Maisie espetou o queixo na direção de Maud e Dottie a analisarem a seleção de bebidas alcoólicas e acrescentou: – Se bem que nenhuma de nós chegará ao nível daquelas duas, certo? A Maud vive num círculo atmosférico mais elevado do que qualquer uma destas pessoas que parecem tão satisfeitas de si. A Dottie esforçou-se por conquistar um lugar no meio, não me perguntes como, mas a família dela vem de baixo. Pelo amor de Deus, o sobrinho dela é o nosso humilde chefe dos correios.

Mary cambaleou como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Não por recear que pensassem que também ela «se esforçava por conquistar um lugar no meio», qualquer que ele fosse, mas porque a ferida cruel que lhe infligiram havia um ano voltara a abrir.

– O Taylor Seeger é sobrinho da Dottie? – disse Mary.

– É. Os Seegers trabalhavam nos matadouros do Norte. Alguns fugiram. – Maisie deu uns toquezinhos nos caracóis apertados enquanto se queixava da sua vida de merceeira, o seu destino selado desde que herdara a loja dos pais.

Muitas vezes Mary tinha vontade de gritar: «Eu ouvi-te a fazer troça de mim, no meu quarto de costura.» Como conter a sua gratidão doentia por Maisie ser tão ágil com mexericos, tão ágil que a pôs a pensar se o sobrinho de Dottie teria intercetado as cartas de e para John, se *Dottie* teria sido o conspirador, movida por uma aversão tão profunda a estrangeiros, e se as suas gentilezas atuais não passariam de contrição tardia? Taylor, que à partida não gostava de Mary, era um candidato perfeito para prestar à tia um serviço cruel em troca de uma tarifa. Um bónus: Dottie podia cair nas boas graças de Gertie e Maud e, assim, conseguir a sua inclusão mais assumida na estratosfera delas, punindo a jardineira que roubara Edward.

Nell Clark atalhou as conversas, batendo as palmas. Estava na hora de todos tentarem provar que eram capazes de mandar mais dinheiro do que ninguém às tropas.

– Bem-vindos – começou Nell, e a sala sossegou, enquanto Mary, grata, se precipitava para o porto de abrigo que era Edward. Ele nunca lhe tocava em público, mas era quase tão bom sentir que a pele dele se descontraía sempre na presença dela. – Nestes tempos conturbados – anunciou Nell –, temos de cumprir o nosso dever cívico, mas por favor desfrutem dos comes e bebes, uma vez que um pouco de alegria não vai contra o nosso objetivo mais austero de angariar verbas para o Fundo de Saneamento.

Era uma forma de dizer que as entranhas dos soldados os traíam e Mary imaginou John em sofrimento, atolado na lama, furioso com ela. Edward baixou-se para sussurrar:

– Fala pela nossa família, se não te importas, querida. Temo que a voz me falhe.

Por vezes, o gaguejar dele ameaçava vir à tona. Edward considerava efetivamente que as mulheres eram pessoas e deviam ser incentivadas, promovidas, ter oportunidade de falar; era amigo dela, era o seu amigo querido. Quando Nell concluiu:

– Vamos, assim, levar auxílio aos nossos filhos, irmãos e maridos –, Mary ganhou coragem para dar início aos donativos, dizendo:

– A família Moore contribui com trezentos dólares para apoiar a nossa causa da União.

Seguiu-se uma breve agitação de espanto. Maud proclamou:

– Brava! O Edward Moore é suficientemente homem para deixar uma mulher falar por ele. Eu doo novecentos dólares, triplicando esta bela mostra de feminilidade e virilidade.

Tendo a rainha decretado que a ousadia de Mary não devia desmotivar ninguém, ouviu-se um claro alívio enquanto começava a paga: mil dólares de Mary Fish Matteson, o mesmo de Nell e por aí fora, pelos rapazes de Lincoln, até Augustus Ayers anunciar:

– Dois mil meus e da Annie. Chegou-nos a notícia de que a Companhia 14-A, orgulhosos cidadãos da minha cidade exemplar de Jacksonville, se encontram entre as baixas pesadas sofridas em Pittsburg Landing. Honra e glória aos defensores dos objetivos sagrados da nossa União.

A companhia de John. Mary tentou parar a derrocada dentro de si, não se movendo um milímetro, e sentiu a coluna de Edward calcificar-se.



Irem para a cama implicava, de vez em quando, ar carregado, que muitas vezes eles desanuviavam deitando-se lado a lado de mãos dadas, como fizeram nessa noite. Pouco depois de se casarem, ela precipitara-se para o abraçar e nenhum dos dois recuperara ainda totalmente do facto de a reação instintiva dele ter sido retrair-se. Teria Edward imaginado que ela estava faminta de John, ou seriam as suas próprias necessidades menos ardentes? Nunca falaram sobre isso. Cerca de uma vez por semana, ele solicitava-a na cama.

– Tens de procurar notícias – disse ele – sobre as tropas de Jacksonville. As mulheres leem cartas dos soldados nos correios. São afixados avisos.

Ela hesitou e, depois, disse:

– Em relação à impostura. O roubo e o embuste das cartas. Na festa, perguntei-me se teria sido a Dottie.

Ela nunca pergantara a Edward se tinha sido ele, não acreditava que fosse capaz de tal coisa. E, no entanto, a pergunta existia entre eles como uma presença desagradável e pálida, como se ele pressentisse, e achasse de mau gosto, ela invocar o seu nome para logo a seguir negar a sua culpa.

– Disseste-me que tinha sido um pregador qualquer. Pensava que já

tínhamos posto de lado esse episódio tão feio.

– Sim. – Mary falou em tom falso, para desviar a conversa dos seus sentimentos, dizendo para o teto: – Pareces preocupado. Não me queres contar o que te incomoda?

Estava contente por ele não conseguir ver-lhe o rosto quando disse:

– A tua sensibilidade para mudanças de humor é maravilhosa e perturbadora. Recebi notícias da irmã da minha antiga noiva, a Rose: ela morreu em trabalho de parto, em São Francisco, e a filha não sobreviveu.

– Lamento muito. – Ela tinha de dizer, em louvor dele, que nunca sentira Rose na sua cama, na sua casa. Não fazia ideia de que ele mantivera o contacto com a irmã, mas porque não? *Nell Clark: Mary, ganhaste.* Acrescentou: – A mulher do meu pai morreu assim. Ensinou-me o que é a mágoa.

– Que estranho, os caminhos-fantasma que todas as vidas têm. Mas garanto-te que não me entrego a fantasias, que me parecem uma admissão de que a nossa existência é menor. És tudo para mim, Mary.

– Eu sei. – Parecia uma súplica para que ela se purgasse de todo e qualquer faz-de-conta. – Não era bom não ter de ir a festas e coisas dessas? – perguntou ela.

– Por mim, de bom grado ficava aqui só contigo, mas seria mal visto não participarmos num evento para ajudar a guerra. É o mínimo que posso fazer, tendo em conta que me esquivei a dar tiros em desconhecidos e a servir de alvo para eles.

– Não. Sim, quero eu dizer. – Tentando dar mostras de generosidade, acrescentou: – Vi os dotes da Maud em ação, hoje. Ela tornou-se uma pessoa como deve ser comigo.

– O pai dela é um poderoso homem de negócios, e rico, mas é o facto de a mãe dela descender diretamente de um duque inglês que impressiona as pessoas. A América limita-se a fingir que não está obcecada pela realeza. Dito isto, tu és descendente de um rei, portanto ganhas.

– *Talvez* seja descendente de um rei.

Ele descontraíu-se e, rindo-se, esticou os braços. Logo no início, ela escondera dele que fizera averiguações sobre a possibilidade de anular o casamento. O padre sermoneara sobre os deveres de esposa e o interrogatório lascivo sobre a consumação levou a que ele se recusasse a considerar o caso dela. Edward repetiu:

– Vê se descobres o que aconteceu à Companhia 14-A, Mary. Devias fazê-lo. – Ela não respondeu, como que para honrar o paradoxo de que a sua proximidade se pudesse aprofundar numa noite que trouxera Rose e John, e até Maud, para dentro do seu quarto de casal.



Nos correios, um mar de mulheres irradiava, de facto, uma sede desesperada de palavras perdidas ou avisos afixados. Uma mulher chorava sobre um

envelope com a águia gravada, enquanto Mary avançava para Taylor Seeger, sobrinho de Dorothea Willis. Ele distribuía relatórios de morte; transmitia cartas a implorar palavras de vida. Com uns olhos remelosos que mal a viam, ele disse:

– Mary Catherine Freitas Moore, já lá vai algum tempo. Tenho duas cartas para si.

Primeiro, ela teve de se libertar da incredulidade. Depois, percebeu que se a missão paga de Taylor tinha sido barrar as cartas entre ela e John e vice-versa, então o que ele lhe entregou – ela cambaleou para o lado, deixando que outras pessoas avançassem à força – afirmava que Isaac Unthank, afastado na guerra, tinha sido o seu empregador intriguista.

Mary encostou-se a uma parede no exterior dos correios, onde um narciso florescia junto de uma gamela, e leu:

MARY,

Uma vez pediste-me uma carta de amor. Tentei escrever uma enquanto estivemos juntos, mas tudo me parecia tão banal. Espero que não penses mal de mim agora, pq não posso arriscar-me a deixar o mundo sem Te mandar uma palavrinha. Perdoa-me por este bilhete. Perdoa-me pela minha raiva, enquanto me liberto do grosso dela. A minha respiração está tão carregada de Ti & de emoção. Só consigo pensar em dizer o Teu Nome. Mary, Minha Querida Mary.

Muitas mulheres têm o Teu nome, mas acredito que só Tu és dona dele.

Lamento muito a maneira como acabámos, mas fizeste bem em avançar com a Tua Vida. & no entanto mantive-Te nos meus pensamentos, pq são tantas as coisas que me lembram de Ti. Quando o Alonzo Gillespie disse que nos levaria numa aula de pintura a copiar as flores de pessegueiro daqui, não parei de pensar que pareciam os bordados da Tua toalha de mesa. Sei que a Sr.^a Lincoln Te pedirá para a trazeres a Washington quando o tempo & a paz o permitirem. Pensei em Ti quando as 8 embalagens de leite condensado da Borden chegaram de Springfield, perguntei-me se terias ajudado a embalá-las. Em vez de abrir uma lata à pressa com as mãos, segurei nela durante uns momentos & a águia azul do rótulo branco fez-me sorrir bastante. O leite tinha a cor & o sabor daquele doce que fizeste uma vez misturando cacau com um copo de água de rosas & um pedaço de açúcar. O Dexter Loomis emborcou 6 latas & desatou a gemer & eu comi uma 2.^a & uma 3.^a & daí a nada estávamos a cair de bêbedos por causa do Borden.

A 14.ª Companhia do Illinois teve de derrotar os rebeldes escravagistas em massa, depois disso a nossa tropa não tem tido muito que escrever para enviar às famílias. Não me lembro muito bem da Bíblia, mas estamos pertos de uma igreja com um nome antigo saído da Palestina, segundo me parece, & portanto vamos sentir o cheiro da pólvora do inimigo perto de um ponto de encontro chamado Shiloh. Siló.

O Isaac está aqui, mantemo-nos afastados um do outro senão eu matava-o. Se receberes esta carta, então é verdade que ele nos fez mal & não consigo perdoar isso, mas por favor perdoa-me por me ter irritado contigo quando tb Tu foste enganada.

Os ossos da asa de um pássaro são o equivalente perfeito do esqueleto das mãos dos homens. Ai, Mary, fiquei tão entusiasmado quando descobri isto! Se eu morrer, para e observa um pássaro ou um bando, no céu ou numa árvore, ou pousado na água. Dentro das asas deles encaixei os ossos das minhas mãos, para poder assinar vezes s/ conta: amei-Te tanto e tão bem uma vez, o suficiente para encher uma vida inteira, seja ela curta ou longa. John.Alves.

Ela passou os olhos pelo segundo bilhete – embora rabiscado, o seu conteúdo e carimbo postal confirmavam a sobrevivência dele – com a sua página carregada de notas de pássaro. Se ela reformulasse o desenho e o devolvesse, confirmaria que concedia o perdão, fosse ele qual fosse, de que ambos precisavam.

Precipitou-se para a loja de Julian Barr para comprar papel e caneta e desenhou uma resposta, convertendo as marcas dele numa ligeireza que se assemelhava a um bordado e esperou na fila para enviar a sua resposta para o desconhecido.

Depois, postou-se numa encosta com vista sobre uma pradaria devastada por um incêndio, onde flores silvestres vingavam, ferozes, por entre o negrume: *calças-holandesas, joias-do-cabo, ervas-borboleta*. Enquanto o vento sacudia as flores para cima e para baixo, para os lados e em diagonais, formando imagens que se iam alterando, ela correu a aconchegar-se de barriga para cima num dragão que cuspiam flores-leopardo laranja-ardente. Uma brisa alisava-lhe o cabelo como se não lhe pertencesse a ela e sim a uma reivindicação infinita da terra, e a sua cabeça estava tão serenamente pesada como uma abóbora, embora, quando se levantou para regressar a casa, Mary se tenha sentido uma pilha cónica de feno que se mantém temporariamente de pé, elegantemente unida antes de ser condenada com uma forquilha à sua sina.

Na estufa, Perpétua e Dilly Witherspoon, a sua ajudante, rivalizavam para ver quem colhia bagas mais depressa. Dilly arrendava um quarto na Quinta Rua, mas muitas vezes ficava na casinha, de onde emanava o seu riso e

o de Pet. Mary guardava para si o seu aborrecimento irracional em relação a isso. Pet e Dilly colhiam frutos, assobiavam, enchiam baldes. Dilly tinha autorização para usar a máquina *Singer*, mas não para entrar de rompante sem pedir licença primeiro, para não assustar Mary, e o receio de que isso parecesse saído da Cartilha de Gertrude levava Mary a exacerbar a sua simpatia.

Pet e Dilly aperceberam-se de Mary na entrada e detiveram-se, como crianças apanhadas a fazer asneira, e Mary urgiu:

– Não, continuem. Divirtam-se – e estremeceu: que condescendente. Ela e Pet já não conspiravam juntas; trocavam impressões, o que lhes partia o coração. Pet exibiu um sorriso tímido, mas o trabalho abrandou e Mary cometeu o erro acrescido de se juntar a elas, declarando: – A Dilly parece estar a ganhar. Qual é o prémio?

– Não ganhamos nada, Mary – respondeu Pet, baixinho. – Estamos a brincar.

– Estávamos a fazer barulho? – perguntou Dilly.

Mary disse «não, não» e demorou-se para atenuar o constrangimento, mas agravou-o e, depois, pegou nas suas mãos imaculadas e no vestido sem uma única nódoa e foi para o quarto de hóspedes de sua casa chorar por John, e pelo pai, e pelo tormento de Edward esforçando-se por lhe oferecer tudo.



Ele propôs uma jogada arriscada e um esquema: e se doassem metade da colheita dela para o esforço de guerra? Uma vez que a comida era péssima ou apodrecia, porque não pedir a Leonard Otto, encarregado das suas remessas para o Sul, que ajudasse a aumentar a longevidade e o sabor dos mantimentos dos rapazes da União? A princípio, perderiam dinheiro, em nome de uma excelente obra de caridade. Mas um benefício secundário inevitável podia muito bem ser os soldados escreverem às famílias a falar daquela maravilha agrícola inaudita, que transformava pão rançoso em maná, café ácido em xarope, e tornava os legumes velhos, os poucos que apareciam, hosana!, doces como milho, e dava às panquecas de farinha salpicada de insetos o sabor das da infância.

– Ficas encarregada do projeto – disse Edward –, enquanto eu trabalho no novo híbrido.

Mary levantou os olhos dos bordados da sua toalha de mesa que contava histórias.

– Está bem – respondeu.

O que ela devia ter exprimido era que via nisso um pedido de desculpas dele por andar momentaneamente distraído e transtornado com a morte do seu antigo amor, a par com a morte de uma bebé que podia, num mundo sem insanidades religiosas, ter sido sua filha. Mas, assim como ele nunca chafurdava na dor e na raiva, também queria mostrar que, como penitência por um lapso, traria John para os pensamentos dela, uma vez que fazer alguma

coisa pelo exército era convidar John a entrar na mente dela. Esse gesto de bondade fê-la querer ser boa esposa, embora não mencionasse a carta de John, nem a sua resposta com um pássaro bordado que podia ou não ter feito ninho.

Tal como fizera num campo de alfazema no Funchal, ela baixou a cabeça e pediu às semanas, e depois aos meses, para a afogarem num feitiço.

AU CLAIR DE LA LUNE

A REVISTA DE SANGAMON

1 de maio de 1862

Na nossa era assolada pela desumanidade do Homem, buscamos o Imortal! Felizmente, chegou-nos a notícia – sempre presente, por muito tarde que seja a sua chegada – de que, há cinco anos, um tipógrafo e livreiro francês e, por conseguinte, um homem digno, chamado Édouard-Léon Scott de Martinville, ofereceu ao mundo indigno o FONOAUTÓGRAFO, que se diz ser análogo ao ouvido humano, com o objetivo de recolher e tornar visíveis as formas do som.

Martinville canalizou para dentro de um funil a dicção, cujas vibrações aterravam numa membrana esticada sobre a abertura oposta, pondo em movimento um estilete que a perfurava. O estilete era utilizado para riscar e, assim, fixar marcas numa camada de fuligem em papel enrolado num cilindro que girava por meio de uma manivela, para dar rédea solta à motivação do estilete, trémulo de voz humana, imagens que replicam a transmissão aérea do produto das cordas vocais.

É a primeira transcrição física do som humano, um FONOAUTOGRAMA! No nono dia de abril do ano 1860 de Nosso Senhor, Édouard-Léon Scott de Martinville cantou *Au Clair de la Lune* para o fonógrafo. Captar o sopro da vida derrota, assim, o decreto do Tempo – até aqui habitual – de que tudo passa.

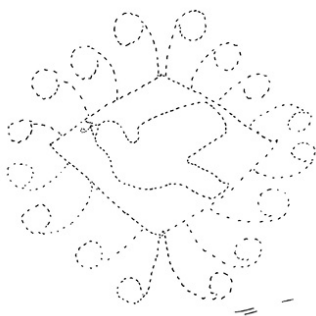
John dobrou o jornal de há várias semanas que lhe chegara na saca do correio, absorvendo aquele alarde de que um francês criara algo que não só se

assemelhava à sua obra, mas era praticamente *a mesma coisa*. Martinville não enfiara uma pluma num funil e John não usara material macio, cinzas ou fuligem, para receber as arranhadelas (grande ideia), mas a Máquina do Som era tão semelhante, que ler um artigo sobre a reivindicação de outra pessoa à imortalidade foi o mesmo que levar um tiro.

Estavam acampados a sul de Corinth, onde os peixes tinham mordiscado uma flotilha de corpos inchados no rio. O mais assombroso era que faltavam todos os olhos. John só não guinchou pela aproximação do cozinheiro, que lhe entregou uma carta amarrotada e disse:

– Isto ficou preso à minha frigideira, Alves, não me perguntes como, mas quase o fritei com o toucinho.

John sentiu a mão dela na página oculta, irradiando através do envelope, com a sua sabedoria sobre as maneiras como a arte proporciona reconforto.



MAÇÃ-FANTASMA

Enquanto o inverno de 1862 se transformava suavemente no inverno do início de 1863, na época da ansiedade de Mary acerca da expedição de bagas como caridade para o exército da União, Lucy Brattle levou-a a ver uma *maçã-fantasma*. Parecia saída de uma fábula com uma rainha má. A chuva recobre fruta podre na árvore e congela. O fruto desintegra-se e escorre por uma brecha e o que permanece é uma maçã de gelo oca.

A maçã-fantasma pendia de um ramo perto do Edifício do Capitólio. Pingava ligeiramente, mas não caiu.

Emergindo dela via-se um brilho trémulo e opaco, que Mary interpretou como um sinal de que os insubstituíveis Edite e Alberto Teixeira tinham partido para o outro mundo e lhe enviavam uma mensagem de que, dia após dia, não só os dias, mas nós próprios fluímos no sentido de nos tornarmos o tipo de frio que se assemelha a fumo.

Na primavera de 1863, quando os jornais anunciavam o fenómeno das bagas vermelhas que prolongavam a duração dos mantimentos dos soldados – não faltavam elogios rasgados sobre elas nas cartas que enviavam às famílias, o que se traduziu num aumento das vendas e no começo da recuperação dos donativos –, Mary, não obstante, entrou em pânico. Esperando provar que conseguia gerir um sucesso não só moderado, mas enorme, contactou um distribuidor do Oeste que Maisie Mauzy referira, uma vez, de passagem.

Robert White, da White Ventures, sediada em Chicago, respondeu às perguntas dela sugerindo que se encontrassem na Casa Americana, em Springfield, quando ele lá fosse. Na tarde combinada, os seus cafés foram servidos com uma engenhoca que parecia um cadafalso para ratos – duas hastes verticais fixas a uma base com um braço horizontal cheio de uma

substância que Robert explicou tratar-se de algodão-doce – e o vapor da chávena provocava uma chuva de açúcar. Pela terceira vez desde que se sentaram, ele acariciou o pulso de Mary. Ela não ia lá desde o dia em que atingira John com a notícia do seu casamento. «Que olhos aliciantes», disse o Sr. White.

Ela detestou-se por sorrir. Podia perguntar a Edward o que significava aquela descrição dos seus olhos além de desencadear um desconforto visceral, mas isso seria praticamente o mesmo que admitir que o excluía da coisa gigantesca que era cortejar um distribuidor do Oeste. Não tinham eles discutido, sempre que ele se abstivera de conversar primeiro com ela sobre esse tipo de empreendimento? E ela também não o avisara do encolher da sua conta bancária, de três mil dólares (a quantia que ele depositara, cinco anos da vida de trabalho do pai) para oitocentos. Ela não tivera o cuidado de anotar todas as despesas, como se isso escondesse até de si própria o quanto desperdiçava em desejos domésticos e empresariais.

– Almoçamos? A senhora é do tamanho de uma fada ainda menina. O guisado de carneiro é notável.

– Não, obrigada, senhor White. Já comi, com o meu marido.

– Vinho, então. Tem uma voz grave para uma pessoa tão pequenina.

Eram todos iguais, aqueles lobos.

– Não, obrigada, senhor White – repetiu ela. – Trouxe o contrato?

– Só quer falar de negócios. – Mais umas palmadinhas na pulseira dela e seguiu-se uma inalação do café coberto por uma nuvem de açúcar. – O meu nome é Robert, passarinha.

Ela riu-se. Era uma coisa muito portuguesa, mas «passarinha» era gíria para as partes privadas de uma rapariga.

Ele endireitou-se, sentindo que estava a ser alvo de troça. Ela não se podia dar ao luxo de o ofender. Alguns clientes tinham fechado as suas empresas, e por vezes a fruta, apesar de desidratada para prolongar a longevidade, criava fungo em trânsito. As treliças precisavam de ser substituídas. Dilly recebia um salário. Esferas roxas ascenderam do tapete turco como se fosse um pântano. Ela prosseguiu:

– A Maisie disse que o senhor tem contactos até na Califórnia. No Texas. Ajudou o primo dela lá? Uma mercearia. – O Faroeste parecia a definição suprema de amorfia.

– O Texas não é um mercado fácil, querida.

O algodão-doce derreteria nos dois cadafalsos. Alguns grânulos cintilavam na chávena dela. Ele tirou um documento de uma pasta e perguntou se Mary conseguia ler «inglês jurídico» e ela garantiu-lhe que sim. Nas suas cartas, White propusera começar com uma dúzia de grandes lojas entre as populações crescentes de lugares distantes da guerra, onde o luxo florescia a par com as minas e a prospeção de ouro. Ela deteve-se nas últimas linhas do contrato que diziam que a comissão dele era de cem dólares, e o investimento dela, por motivos não especificados, seria de outros

quatrocentos.

– Não percebi que teria de pagar... não estou a perceber para que é isto, senhor White.

– Seguro, para começar. É para pagar aos oficiais dos transportes, reparar caixotes estragados e por aí fora.

– Pensei que os distribuidores cobrissem essas despesas. O senhor recebe uma percentagem das vendas.

Ele exibiu um sorriso paciente.

– Quer chegar ao Oeste, não quer? O Oeste é duro. Subornos, desperdícios, quilómetros e quilómetros a raiar o infinito. Os habitantes vivem de uma maneira incauta e indulgente. O seu produto seria bem-vindo com o rótulo de divertido. O que a senhora vende não é fundamental à vida. – A sua pele fina como papel revelava os ossos. Homens assim assemelhavam-se à sua própria máscara de morte e, no entanto, nunca se apercebiam disso.

Edward negociara os contratos com as lojas de Chicago e St. Louis; ela não tinha a certeza se era verdade que havia despesas extras.

– Já estou há uns tempos neste ramo, senhora Moore, e pode transformar um investimento de quinhentos dólares em vários milhares num ano. Talvez fosse melhor consultar o seu sócio. Ouvi dizer que é o seu marido quem está à frente do negócio.

Ela ficou contente por reconhecer que o comentário era destinado a inflamá-la.

– Tenho a minha própria conta, senhor White, e tomo decisões sozinha.

– Que... individualista. Nunca ouvi falar de um homem assim.

Teria sido um erro mencionar a sua conta bancária? Robert voltou a perguntar se ela queria vinho. Mary tinha tanto a ganhar. Num ano, podia informar Ward de que aumentara substancialmente os três mil que ele lhe confiara, que recuperara muito além dos donativos que fizeram ao exército e construíra uma fortuna.

– A Maisie nunca me falou em comissões – disse.

– Ela pagou pelo meu incómodo. Consegui que os rolos de fruta seca da Maisie fossem enviados com gelo. Despachei carcaças de carne para sítios muito distantes. Histórias não me faltam. Blocos de gelo que caem de vagões nas curvas. Queimaduras de gelo. Não preciso do seu dinheiro, mas necessito de ser recompensado pelo serviço que forneço.

– Sim. Desculpe.

Robert ficaria instalado na Casa Americana durante mais dez dias. Ela tinha esse prazo para assinar o contrato, tendo de pagar nessa altura, e, depois disso, os seus cofres podiam começar a encher.

– Eu podia abdicar da minha comissão – disse ele, agarrando-lhe na manga. – Tenho um quarto reservado lá em cima.

As raposas roíam as próprias patas para fugir de armadilhas de aço. Ela podia torcer o braço e soltá-lo do corpo, deixando-o nas mãos dele.

– Senhor White. – O tremor na sua voz enfureceu-a. – Sou casada.

– Não me pode recriminar por tentar. Uma mulher linda a falar de negócios é um afrodisíaco.

Ela deslizou o contrato na direção dele e disse que compreendia se a distribuidora decidisse não promover os seus produtos no Oeste.

– Não fique toda irritada e aborrecida – ripostou ele. – Sabe onde me encontrar. – Tilintou umas moedas para cima da mesa e disse que esperava que «fizessem música juntos».

Mary postou-se à porta do Banco Sangamon. Antes de entrar, preparava-se sempre para os olhares fixos dos clientes e dos funcionários homens, com o ocasional bancário de cargo mais elevado a observar. Regra geral, Edward acompanhava-a para facilitar as transações, apesar de ter dado indicações de que ela podia tratar de tudo sem a sua assinatura.

Podia passar um cheque de quinhentos dólares em nome de Robert White das White Ventures, com a sua promessa de território novo. Os transeuntes fizeram-na deter-se; todos tinham laços de sangue com alguém num campo de batalha. Que angústias mais pequenas carregariam todos também, segredos sobre dívidas, ou desespero por não saberem como transformar umas asas de frango numa refeição completa, ou vislumbres da velhice? Ela podia entrar no banco com passos resolutos ou podia simplesmente dar meia-volta. Pausa. Respira. E agora: tem de decidir qual das duas escolhe.

O mais notável – ela poderia confessar isto, um dia, a alguém – era que tivera noção do desfecho com cada grama do seu ser, com a limpidez de um toque de clarim, logo no instante em que entrou no Banco Sangamon e viu o funcionário baixar os olhos. Embora treinado para não repreender nem ter pena, de certeza que ele trocava mexericos com os colegas que a fitavam furtivamente. *É nisto que dá confiar numa mulher. Estoiram o dinheiro todo.* Ela tivera noção do que ia acontecer, assim que se dirigira para o American Hotel e se encontrara com Robert White da White Ventures, consideravelmente menos cordial quando ela lhe pagou e recebeu o contrato assinado por ambas as partes.

Sentiu o toque pleno da peculiaridade no dia seguinte, no mesmo salão, quando o criado lhe perguntou se a jovem senhora, ali tão sozinha, desejava mais café. Ela fez tempo à espera do que não viria: Robert White com os bens que prometera trazer, as encomendas tratadas com as principais lojas que transformariam o seu investimento em ouro. Ele estava atrasado uma hora. Depois, duas. Que tola ela era, por não ter insistido em receber tudo o que precisava, e que fora garantido, assim que lhe pagara.

Perguntou três vezes na receção se tinham a certeza de que não havia

nenhuma mensagem para Mary Catherine Freitas Moore, da parte de Robert White de Chicago.

Já lhe dissemos que ele se foi embora ontem à noite.

Ela devia ter verificado previamente se Maisie pagara uma comissão. Em vez disso, um desejo de um desfecho impossível levava-a a acreditar em promessas semelhantes às patacoadas de um feiticeiro. Robert White devia estar com dificuldades e usara o seu historial para se aproveitar de pessoas vulneráveis – era assim que ela surgia aos olhos de homens como ele, por mais inteligente que fosse –, correndo de povoação em povoação, até assentar arraiais em Chicago, sem que as suas vítimas tivessem vontade de o acusar na justiça, por uma questão de vergonha e por as verbas serem relativamente pequenas.

Havia pilhas de livros de botânica ao lado de Edward no sofá e ela fixou-o até ele dizer:

– Que foi, querida?

Depois de confessar o que perdera, ela deixou-se cair numa cadeira e rompeu em lágrimas. Num tom ponderado, ele disse:

– Permitiste que te enganassem em vez de me pedires conselho. Porque é que não vieste simplesmente ter comigo?

Quando ela confessou quanto gastara da sua própria conta, ele recuou de angústia acrescida.

– Eu não tenho posses ilimitadas. O que é que custou assim tanto dinheiro?

– Tudo. Não sei. Além de ter dado uma grande quantia de graça ao exército.

– É o quê, esse «tudo»? Eu vi o registo. Não assentaste «tudo»?

– Acho que não.

– *Achas* que não ou não o *fizeste*? Já que esperas que eu colmate a diferença, pelo menos sê honesta. – Nunca o vira tão furioso.

Como diz a expressão, ela não tinha nada a que se agarrar.

– Não registei a fita toda que comprei. Para as saquetas. Precisei de consertar os meus óculos. Não sei, Ward. A Perpétua pediu um dólar para ir a um espetáculo com o Henry. *Coisas*.

– Mas porque é que não vieste dizer-me que estavas a ficar sem fundos? – Acrescentou que o surpreendia que ninguém no banco o tivesse informado.

Ela sugeriu que era por não se importarem de ver uma mulher fracassar.

– Não vamos culpar os empregados do banco pelos teus erros de cálculo, Mary.

Quando Ward disse que ia levar o homem a tribunal, ela confirmou que Robert White sumira. Ward cerrou os maxilares. Mais para si próprio do que para ela, ele prosseguiu:

– Quando nos casámos, pensei que estaríamos a salvo de toda a gente. Incluindo de vigaristas. Podemos ir mais longe e pôr anúncios sobre a colheita, agora que os jornalistas andam a escrever artigos. Não temos

reservas suficientes para incluir o Oeste para já. Pensei que fosses capaz de perceber que é muito fácil esticar demasiado a corda.

Ele deu o seu salto característico por cima de um abismo, da dor ou da preocupação, e alcançou a equanimidade.

– Se te serve de consolo – disse –, homens que se consideravam espertos e experientes deixaram-se enganar pelo meu pai. Dois terços da raça humana são assassinos, Mary.

Ela encarou o beijo dele na sua orelha como absolvição, mas ele fez frango à Wellington e – a sua única troca de palavras durante o jantar – declarou que estava demasiado leitoso e, quando preferiu, devido ao estômago turbulento, ir para o quarto de hóspedes, as suas palavras de despedida foram: «Estou cansado de ser o cônjuge compreensivo.»



Ela decidiu surpreendê-lo, assistindo a uma das suas palestras no Illinois College, já que, de vez em quando, ele se perguntava em voz alta porque é que ela nunca o fizera. Quando tocou na maçaneta do teatro em Beecher Hall, chegou-lhe uma onda de risos e ela deteve-se para não causar um motivo de distração. Abrindo a porta uma nesga, ouviu o marido a meio de uma frase, declarando:

– ...eu apanhei-a em flagrante, a falar com os ananases. Um segredo qualquer que não partilhou comigo.

Um rugido de divertimento percorreu a plateia.

Conversar com as plantas era a arte que ela partilhava com o pai. Diante de si, erguia-se o espectro das mexeriqueiras do quarto de costura e ela foi-se embora, cambaleando como se tivesse levado uma facada.

Em vez de desperdiçar duas horas na estação, localizou o lote doado onde devia existir uma capela semi-ecuménica junto de uma estufa num pequeno jardim. Os dois bancos estavam vazios e nada brotava perto do carreiro de gravilha. A capela em construção era um esqueleto. A estufa era mínima, mas estava inteira e Mary encontrou uns arbustos de alecrim famintos e pouco mais. Devia ela *falar* com o alecrim, dizer-lhe para se animar e inspirar mais a pessoa encarregada de cuidar daquele espaço que John sonhara para encarnar a sua amada? Mary admirou a intensidade da fragrância do alecrim e começou a podá-lo, agulha a agulha, todas elas quebradiças. A minúcia era a sua melhor e a sua pior qualidade, essas tarefas autoimpostas que a levavam a fazer uma coisinha atrás da outra, porque Deus a livrasse de se sentar com as suas mágoas, sem as suas listas de ações menores destinadas a impedir o sofrimento de a invadir: se fizeres um luto demasiado longo, se tiveres demasiadas saudades de alguém, as pessoas acham que é *indecoroso*.

Saindo da estufa, pestanejou ao ver Serafina Alves sentada num banco, confirmando que a mãe de John era uma bruxa. Parecia estar à espera de Mary. Quando Serafina disse:

– Quero falar contigo –, Mary deixou-se cair ao lado dela e respondeu:

– Podia ter ido a Springfield. Podia ter pedido ao Ray ou à Nica para me encontrarem. – Ou, pensou, ao *John*, quando queríamos ambos essa oportunidade. Saberia Serafina que o marido de Mary doara aquele terreno? Mary levaria para a sua sepultura o plano secreto de Ward de canalizar uma quantia mais ou menos equivalente aos ganhos ilegítimos do seu pai para obras que constituíssem boas ações e reparação.

Tirando as medidas a Mary, do chapéu aos sapatos engraxados, Serafina retorquiu que visitar lugares finos como aqueles em que o filho lhe dissera que Mary vivia exporiam Serafina ao ridículo.

– Talvez eu o mereça – acrescentou. – Maria, eu quero abençoar-te para que te cases com o meu filho. O John não parava de dizer que também começámos como católicos. Se lhe disseses que te queres casar com ele, eu não me meto no vosso caminho e, feliz assim, ele vai ter alento para se manter vivo.

– Senhora, não se meter no nosso caminho não é a mesma coisa que querer-me na sua família.

– Tu criarás os vossos filhos como católicos. Isso é um problema para mim, sim, mas já não me transtorna que ames o meu rapaz.

Mary exibiu o seu anel de maneira mais óbvia, uma vez que a Sr.^a Alves escolhera não o ver. A sua sumptuosidade parecia agressiva.

– Casei-me com um católico – disse. – Está feliz agora?

Um católico disposto a anunciar, com o intuito de divertir uma multidão, o seu hábito privado de falar com as plantas.

Serafina parecia de mármore, tal era a perplexidade.

– Não sei como, mas tu e o meu filho... um dia, Deus vai juntar-vos.

– As pessoas pedem demasiado de Deus e muito pouco de si próprias. – Mary guardou para si que, se não tivesse havido objeções à partida, John e ela talvez não se tivessem deixado intimidar, não tivessem hesitado e permitido aquelas demoras e equívocos, talvez se tivessem sentido mais fortes para combater a loucura arrojada das missivas enganadoras: *feri-me na mão*, francamente. Uma mentira tão trapalhona e, no entanto, resultara. Para surpresa de Mary, Serafina disse:

– Tens razão. Não me consegues perdoar, porque eu não consigo remediar o que fiz. Mas posso pedir desculpa e às vezes as coisas acontecem e o perdão torna-se um bocadinho mais fácil.

Mary encolheu os ombros. Já não confiava em desfechos mágicos. Mas era refrescante que alguém acreditasse que um perdão não devia ser facilmente oferecido, que exigia mais do que vãs palavras. Levantou-se e, olhando para a mulher transtornada, disse:

– Não me esquecerei disso, senhora. – Deu dois beijinhos naquele rosto que tinha contornos como os de John e foi o suficiente para pensar: Por ti, John, vou parar de a detestar, pelo menos isso.

Arriscava-se a perder o comboio, se passasse pelos correios de

Jacksonville. Talvez o vilão secundário não fosse Taylor Seeger e sim o chefe da estação da cidade de Isaac. No interior, amontoavam-se mulheres alvoroçadas e Mary sentiu-se iluminada por dentro: Sarah Brink! Tanto John como Ward tinham mencionado aquele corvo. Sarah, a segunda classificada do concurso, era a candidata ideal para ser a vingadora. Conhecia o estilo de escrita de John e a sua bisbilhotice podia tê-la levado a ouvir falar nuns indivíduos da alta sociedade que sujavam a cidade dela com jogos a dinheiro. Seria preconceituosa em relação à história de Mary viver na propriedade de um homem e conheceria Rui.

Mas, quando chegou a vez de Mary ao guichê, fixou o rapaz que, com toda a calma, atendera cada cliente com palavras bondosas. A sua perna esquerda, muito mais curta do que a direita – ele saíra, a coxear, para abraçar uma mulher enlutada – era prova do que fora o seu corpo e não a riqueza que o dispensara do exército. Os seus olhos castanhos eram como os de John. Com as forças a faltarem-lhe, ela disse:

– Venho saber de umas cartas que enviei há um ano de Springfield a John Alves, que vivia aqui antes de ir para a guerra, e que nunca foram entregues. O senhor trabalhava aqui nessa altura?

– Mary Freitas?

Ela não o corrigiu indicando o seu nome de casada.

– O John não parava de perguntar se tinha chegado alguma coisa sua, lembro-me dele. Enviou-lhe tantas cartas. Eu próprio as carimbei.

Aquele jovem parecia incapaz de duplicidade. Talvez o culpado fosse mesmo Dottie, usando o sobrinho para castigar dois refugiados pela audácia de tentarem a sua sorte no Illinois. Então, e a cronologia das cartas horrendas? *Começaram logo a seguir ao incidente com Gertrude*. Gertrude, banida, era quem mais tinha motivos para odiar Mary. Mas saberia ela do concurso ou do jogo a dinheiro? E desejava expulsar Mary de Springfield.

– Ele escreve da frente à mãe e à irmã – disse o chefe dos correios. Reparando na aliança dela, acrescentou suavemente: – Nos tempos que correm, extraviam-se muitas coisas.

Ela concordou. Que importância tinha saber o nome de um ou mais culpados, ali ou em Springfield? Não mudaria nada.

Quando Edward chegou a casa, perguntou se ela tinha tido um bom dia. Sim, claro, e ele?

– Espero que não te importes, querida, mas um aluno meu leu um artigo que escrevi sobre o teu pai e perguntou se eu falava com as plantas como ele fazia, e eu trocei um bocadinho, disse que tu saías a ele, mas eu não.

– Ah, sim? Troçaste um bocadinho. – Ela não entrara no teatro e era impossível ele tê-la visto. Aquilo parecia uma mostra da nova capacidade que ambos tinham de pressentir mais vezes, com toda a clareza, uma verdade no outro.

– Só um bocadinho. Já comeste?

– Só um bocadinho...

Quando ele a puxou para debaixo do seu corpo, nessa noite, pediu desculpa por terem discutido sobre uma coisa tão absurda como dinheiro. Ela era a sua noiva luminosa e toda a gente cometia erros nos negócios, na vida, e não passavam de ninharias. Estar com ela era o que lhe dava paz.

Mas porque é que a ideia de paz que ela acalentava incluía sempre uma imagem de si própria a boiar, sozinha, num lago salgado?

O PAI DAS ÁGUAS FLUI UMA VEZ MAIS, SEM ENTRAVES, PARA O MAR

18 DE MAIO – 4 DE JULHO DE 1863

A 14.^a Companhia do Illinois juntou-se aos federalistas que faziam o cerco a Vicksburg, e o Pai das Águas não oferecia alívio para o calor. As noites eram vermelho-vivas do fogo de artilharia. O general Grant já não tencionava invadir os fortes onde os soldados rebeldes estavam encurralados nos penhascos. Os homens de Lincoln enchiam trincheiras e passavam o tempo atrás de lunetas num círculo de vinte quilómetros à volta de Vicksburg, enquanto a sua artilharia e canhoneiras interrompiam as linhas de abastecimento ao Sul. Matá-los à fome para que se rendam. Homens mulheres crianças. Centenas de grutas foram escavadas nas colinas de barro amarelo e os cidadãos lá metidos com mantas e cadeiras. *A aldeia dos cães-da-pradaria*. Os rapazes azuis agachavam-se em abrigos abertos debaixo de tetos de madeira e terra, não muito diferentes dos do inimigo entocado na cidade, só que com menos fome. John sobrevivera até àquele momento, mas dava por si entre os responsáveis por haver gente faminta a ser enfiada em celas.

Sentia-se atormentado pela chacina que ocorrera da última vez que os federalistas tinham tentado invadir as fortificações e sido tão fustigados que até Grant se fora abaixo e aceitara umas tréguas. Os guinchos eram tão atrozes que os rebeldes também não os suportavam. Ergueram as armas e saudaram, com conversa afável, os federalistas, que tiveram autorização para retirar os seus mortos e feridos. A 14.^a Companhia do Illinois não fora destacada para o ataque, mas juntou-se aos que salvavam os seus compatriotas mutilados, o fedor a vísceras expostas era quase letal. John pegara num homem pelas axilas e vira a metade inferior do corpo dele soltar-se.

Uma noite, Cyrus Skylander, dono da loja de música Dvorak em Jacksonville, posicionou-se de maneira que o seu rosto retalhado ficasse na sombra, com os fogos na cidade a fazer de contraluz, e perguntou a John, Frank e Abner Quimby:

- Acham que nos vão mandar disparar contra mulheres?
- Não, se antes disso elas morrerem à fome – respondeu Abner.

Tinham recebido ordem para se instalarem o tempo que fosse necessário até a fome provocar a rendição. Isaac andara a ler a Bíblia a prostitutas e, depois, distribuíra cinquenta cêntimos a cada uma delas, para se reformarem. Os soldados opunham-se aos sermões, mas as raparigas gostavam das moedas e os homens gostavam das raparigas. O gosto de Isaac por uísque aumentara. Num dia abrasador, disse a John:

- Deus desistiu de mim, Alves. Estou destinado a ser dono de uma taberna. São os repositórios da confissão. Posso ser um ouvinte paternal.
- Unthank, combinámos que te mantinhas longe de mim.

Uma criança branca de cabelo branco empastado, com treze anos no máximo, apareceu no campo da União, a perguntar quem se esconderia com ela nos arbustos por um dólar. John ofereceu-lhe dois dólares para se ir embora e vociferou a uns soldados que a rodeavam para irem procurar um buraco numa vedação. Deu à menina uma lata de feijão, ignorando os protestos dos outros que vigiavam as provisões, e prometeu encontrar-se com ela todos os dias num telheiro em Jackson Road que, em tempos, albergara um apiário. Ela poderia identificar o lugar graças às manchas de cera nas tábuas.

- Mas não deixes que estes homens te magoem – avisou.
- Nenhum deles me magoa, senhor, eles fazem o que têm a fazer e despacham-se.

Ela continuaria a prostituir-se, mas ele dar-lhe-ia comida com a esperança de que a menina se preservasse um nadinha. Enquanto a acompanhava em direção ao perímetro do campo, passaram por Isaac a pregar as palavras de São Paulo, dizendo que as mulheres precisavam de ser subservientes aos homens, e gritou:

- Alves, estás com uma Jezabel!
- Qual é o problema dele? – perguntou a criança a John.
- Ninguém sabe. No telheiro de Jackson Road, ao meio-dia. Até lá, fica longe daqui.
- Rapariga das ruas! Ouve as admoestações do Senhor!
- Na minha terra, temos muita gente como ele – disse ela a John.
- Também já passei fome, quando era ainda mais pequeno do que tu. Agora, vai.

John incorreu na ira dos homens que se queixaram de que alimentar o inimigo era o oposto do que tinham recebido ordem para fazer. No entanto, ele contou com o ouvido solidário do cozinheiro e levou umas latas para o ponto de encontro, onde a menina agarrou nelas e fugiu. Uma vez, tendo-se desviado do seu trajeto de regresso, encontrou uma gruta com uma mulher escanzelada e um neto de olhos pequeninos como missangas. O menino aquecia um caldeirão numa fogueira.

- Minha senhora – cumprimentou John. Os olhos dela turvaram-se de

desprezo. O rapaz pescou uma tira que John depreendeu ser carne de roedor até se aperceber de que iam jantar couro. Recuou, cambaleando, e só parou quando já estava no campo, onde enfiou biscoitos de bordo no colete e depois voltou à gruta para os deixar em cima do tapete de algodão deles. A seguir, comeriam o tapete.

Ela ganhou forças para cuspir na direção dele. Não fez nenhum gesto para apanhar os biscoitos, mas comê-los-ia assim que ele não estivesse a ver.

Quando John voltou para o campo, Isaac encontrava-se atrás do capitão Lucas Johnson, vermelho-lagosta no calor e predisposto a detestar John por causa do incidente dos pêssegos em Shiloh, e Lucas exigiu saber por que razão John estava a ajudar o inimigo.

– Não sabia que mulheres e crianças também eram o inimigo, capitão.

– Tive de lhe contar, Alves, mais por mágoa do que por raiva, que és um utilizador de Marias Madalenas e que as alimentas – disse Isaac.

– Que eu saiba, Maria Madalena foi uma boa amiga de Jesus.

Como o capitão declarou que John estava a cortejar a traição, John tirou o chapéu.

– Veja esta cicatriz, capitão. – Levantou a perna das calças. – Também tenho isto para mostrar.

Isaac insinuou que aqueles arranhões eram prova insuficiente de virilidade e John retorquiu que teria todo o gosto em lutar com Isaac para ganhar mais galões, ao que Isaac ripostou que seria um treino para depois conseguir pôr fim a escaramuças na Taberna Unthank do pós-guerra e que estava a ser levado a atos e destinos tresloucados devido à incapacidade de John o perdoar *por algo que ele não fizera*, e o capitão berrou:

– Basta! Calem-se os dois!

No dia seguinte, John decidiu levar à mulher uma lata de papas de milho, mas o menino estava sentado ao lado de uma forma com o tapete a cobri-la.

– Eu ajudo-te a enterrá-la – disse John, oferecendo-lhe a lata.

– Sai – disse o rapaz, pegando num caco de vidro. – Não lhe toques.

A rendição aconteceu a 4 de Julho, o dia a seguir a outra vitória, num lugar chamado Gettysburg. Em vez de ter milhares de soldados rebeldes para alimentar em campos de prisioneiros, o general Grant libertou-os, esperando que voltassem para casa a coxear e avisassem o Sul de que fora derrotado não só fisicamente, mas também mentalmente. Que coisa tão desconcertante, a vitória depois de um cerco de fome e não de uma batalha conclusiva. As nuvens transformaram-se em torresmos e John queria descansar a cabeça no ombro de Mary, dissolver os seus pensamentos através do simples contacto com ela.

Como que para o atormentar ainda mais, o jantar contou com a distribuição de bagas vermelhas, para ajudar os homens a aguentar o sabor das provisões rançosas e minguantes. John cravou os olhos nelas, num balde enferrujado, pegou numa e pousou-a. Exclamações sobre aquela bizarra

maravilha varreram a companhia, mas John absteve-se de comentar, enquanto homens estupefactos diziam que uma pessoa quase queria combater, por aquele lembrete de que estavam a lutar por um mundo onde existiam panaceias daquelas.

VEJAM COMO CRESCEM OS LÍRIOS DO CAMPO

Filha fiel, Serafina! Não te resta muito tempo. Mostra-Me o fim da tua história.

Estou perdida. Não sei onde me encontrar. Participei na destruição da vida do meu filho.

O Rui... vislumbrei-o naquele mercado em Trinidad, um homem a contar-lhe alguma coisa ao ouvido. Lembro-me de um cheiro a gengibre e... que mais?

Salsaparrilha? Não tenho a certeza, Serafina.

Tenta fazer as pazes com aqueles que prejudicaste, mesmo que não consigas remediar o mal que fizeste.

E constrói um lugar sagrado para Me albergar, um lugar que se estenda para o céu.

Estou muito confusa. Tentei fazer isso. Porque é que Tu nunca consegues ser claro?

(indecifrável)

Deixei-me enfeitiçar pelo Isaac, os seus sermões eram fogo, mas ele magoou o meu filho e a Mary com cartas falsas, o John escreveu-me a contar esse mal. Porque é que Tu permitiste que isso acontecesse?

()



Deus passou de silêncio a ausência. Serafina olhou em redor da sua casinha em Madeira Hill, com o seu tapete da fábrica Joseph Capps e o piano com teclas em falta oferecido pelos presbiterianos para celebrar a comutação da sua pena de morte. Em vez de aperfeiçoar a Máquina do Som, ela queria inventar um diapasão suficientemente grande para enviar mensagens aos seus filhos. Pedir perdão a Mary foi o primeiro passo para conquistar um novo tipo

de coragem. Ela repousara sobre os louros de uma coragem que já desaparecera havia muito tempo.

A fome generalizada atingia-a vinda do Sul distante, levando as pessoas a gemer no calor do verão. Ela arrumou as suas coisas num saco, acrescentando-lhes a sua nova Bíblia, uma vez que dera a da família a John. Levaria pão e queijo *cheddar*, o melhor sabor à face da Terra. Embora o reverendo Kalley tivesse tentado ensiná-la, não sabia escrever bem. Tal como o Senhor, também ele a abandonara.

Nica estava na loja de Ray, a entregar caixotes do seu vinho caseiro. Mantendo as coisas sem floreios, Serafina desenhou palavras e imagens que esperou que transmitissem: Não te preocupes. Vou procurar Deus. Mãe.

Serafina começou a caminhar. Pensou que ia morrer de fome. Em vez disso, alimentaram-na. Ninguém a derrubou para lhe roubar o dinheiro que levava costurado na bainha. Provou leite azedo com cerejas e ensopado com carne seca de esquilo e pediu a desconhecidos que lhe indicassem o Sul. E dito e redito, eles assim fizeram. Ela aprendeu a decifrar melhor as sombras, a altura do Sol. Acalentou um desejo pelos produtos lácteos daquele país e só por isso já se sentia grata. Nada a preparou para a extensão da terra sob céus cobertos de pássaros. Deus aborrecera-se com ela por não se ter posto a caminho mais cedo, ao encontro dos seus concidadãos, e por não ter desfrutado antes da magna magnificência manifesta pela mão do homem e do paraíso real feito por Deus.

Secou uma pétala sagrada de uma profusão de ásteres dentro da sua Bíblia.

Velhos abrandavam as suas carroças para perguntar:

– Avó, aonde vais? O mundo não é um lugar seguro.

– Vou procurar os meus filhos antes de morrer, ou pelo menos um deles – respondia ela.

Deram-lhe água, salva para os cortes, cotos de pão, um prego para o seu sapato e, uma vez, uma tisana de hibisco. Uma mulher idosa convidou-a para se banhar num regato e tiveram uma conversa obscena sobre homens. Um horizonte mostrou-se tão gloriosamente multicolorido que ela se sentiu estilhaçada. Descansou num prado, incomodada pelos mosquitos, e o xaile a envolver a Bíblia serviu-lhe de almofada. O sol de julho assou-a, abriu-lhe brechas no rosto. Tinha de encontrar John e de lhe dar a bênção em relação a Mary, abraçá-lo quando ele a perdoasse. Sentia saudades de Nica e de Rui. Acima de tudo, tinha de voltar ao começo do significado de si própria: o uivo da fome distante tornou-se mais forte.

Quando chegou à parte mais a sul do Illinois, cantava um coro de pintassilgos e um menino levou-a para casa e a mãe dele serviu-lhe caldo quando Serafina disse que lhe doía a barriga.

Quanto tempo faltava para chegar à terra dos rebeldes? Sabia que a

guerra se desenrolava nessa zona e que a América era um gigante, mas não contara com tamanhas distâncias. Enquanto seguia o rio Mississípi, viu três escravos acorrentados uns aos outros pelos pés. Todos aqueles sermões de Kalley a atingiram fisicamente, a primeira vez que via com os próprios olhos as declarações dele de que aquele era o pecado mais grave da humanidade. Os homens estavam sentados num molhe. Quando ela lhes falou, o seu sotaque atrapalhou-a e um deles perguntou: «De onde és, avó?» Ela respondeu que Deus a enviara e porque é que eles não tiravam as correntes?

Os homens disseram que tinham fugido do cativeiro e sido apanhados e estavam a mandá-los de volta. Era esse o objetivo das correntes e os cadeados requeriam uma chave que não estava na posse deles e, claro está, a situação impedia-os de se deslocarem livremente.

Serafina embrulhou-se no xaile, porque o ar se levantava da água.

– O homem que vos prendeu, onde é que ele está?

No posto comercial além, e voltava num abrir e fechar de olhos.

Não chegou qualquer auxílio de Deus. Ele estava a dar o Seu próprio passeio.

Numa das fechaduras, Serafina inseriu um graveto que encontrara ali perto. Explicou que vinha de uma ilha chamada Madeira e que as pessoas lá nascidas eram mestres da fuga.

– Vivi na cadeia durante anos – disse ela, acrescentando que fora condenada à morte por causa da sua religião e todas as noites sonhara com a liberdade. Encostou o ouvido ao cadeado em redor do tornozelo do primeiro homem. Parecia Cristo a lavar os pés dos seus discípulos.

Um dos fugitivos disse que era uma história triste bem contada, mas que, se ela não fugisse, aborreceria o homem que estava quase a voltar, uma vez que aquela parte do Illinois não era amistosa para todos os filhos de Deus. Mas o cadeado fez um clique; e abriu-se. Os homens olharam uns para os outros. O segundo cadeado foi mais fácil. O terceiro pareceu soltar-se por si só.

– Deus tenha misericórdia, avó! – exclamou o primeiro homem.

Corram, fiquem bem, despachem-se... Deus estivera à espera que ela Lhe agradecesse pela sua liberdade soltando outros prisioneiros para o extenso reino. *Vão!* Ela disse o hino que acompanhara a sua própria fuga quando homens com archotes a perseguiram.

Um deles beijou-lhe a cabeça grisalha no sítio onde o risco estava queimado do sol.

Os homens libertos baixaram-se para se esconderem atrás das pessoas, correram para ultrapassar carroças que transportavam mercadorias, fizeram rodopiar indivíduos que não se dispunham a sair da sua frente.

Um homem agarrou-a e gritou:

– Eles pertenciam a alguém! Maldita bruxa!

E foi assim que Serafina voltou a ser encarcerada. O caçador de tesouros entregou-a a uma casa na povoação de Cairo, no Illinois, onde o marido

aceceu a ficar com ela por uma tarifa. A mulher e o filho pequeno observaram. O trio de antigos escravos não foi localizado. Serafina ficaria em prisão domiciliária até ir a tribunal em data a determinar, quando o juiz conhecido por devolver contrabando voltasse das suas viagens. Puseram-na num quarto sem janelas que se trancava por fora.

Serafina sentou-se na cama estreita e saltitou um pouco. Rezou:

– Senhor, para de amuar e diz-me como me safo desta situação. – Não obteve resposta, mas imaginou, conseguia ouvir, a fuga dos homens que ajudara. Não saberia as histórias deles, mas, graças ao reverendo Robert Kalley, fazia uma ideia das que eles tinham evitado. Ai, mundo! Que eu possa inscrever uma história como esta em ti!

Lily, a mulher, aparecia regularmente com o rosto machucado, quando destrancava a porta para retirar o balde das «necessidades» de Serafina e pousar pedaços de pão molhados em banha. Winston levava Christian, de dez anos, consigo para trabalhar na fundição de Cairo. Serafina apontou para a violência do marido e disse:

– Bate-lhe também. Ou então bato-lhe eu.

Lily respondeu que não seria necessário.

– Solta-me. Tenho de encontrar o meu filho, ele está na 14.^a Companhia, com a letra A, do Illinois. – Pronunciou o «s» final de Illinois, porque não tinha lógica não o fazer.

– Não posso. Estás metida em sarilhos. Acho que não estamos do mesmo lado, no que toca a opiniões. A gente vimos duma parte do Missouri que é a favor da escravatura e o Winston trouxe a gente para cá para mudar as opiniões, ou uma coisa assim, de vocês todos. – Lily tinha ordens para não falar com a prisioneira, mas à medida que a espera pelo juiz se transformou numa semana, o espírito de vigilância abandonou-a; sentia-se sozinha. Explicou que era como se Serafina tivesse roubado um banco, porque os três jovens machos escravos custavam cerca de... irra, ela não tinha a certeza. Quinhentos dólares unionistas? Confederados? – Ouvi dizer que às vezes chegam aos dois mil cada.

– Isso é pecado. – Serafina estava verdadeiramente chocada.

– Talvez – redarguiu Lily. – Mas o Winston diz que temos esta arrecadação e mais vale a gente ganharmos algum dinheiro, e o xerife também acha que sim. A cadeia está cheia de bandidos. Não é sítio para uma mulher.

Serafina resfolegou e disse que já conhecera cadeias mais assustadoras do que aquele quarto ou a ameaça de uma cela no Centro-Oeste. Lily pareceu ofendida.

– Já estive numa cadeia a sério – explicou Serafina. – Tinha de lutar para manter os guardas longe de mim e Deus ajudou-me. Conversávamos muito.

– Tu e os guardas?

– Eu e Deus. Ele anda muito calado, agora. Eu queria ler a Bíblia errada,

foi esse o meu crime. Iam enforcar-me.

– Que palermas, minha querida. – Lily pousou o balde lavado e recolheu o prato de Serafina. – Deus não fala comigo nem com o Winston. Porque é que és especial?

Serafina encolheu os ombros e disse que Deus e ela costumavam ter discussões animadas e, por vezes, Ele cantava para lhe fazer companhia, mas nesse momento a pessoa com quem ela mais queria falar era com o filho no exército da União.

– De que terra vens, amor?

– De Portugal. – Uma ilha de Portugal.

– Onde é que isso fica?

Ela disse que era parecido com Espanha, mas sem ser Espanha.

– Também nunca ouvi falar disso. Agora tenho de te trancar, amorzinho.

Serafina perguntou quando é que o parvo do juiz voltava.

Lily era demasiado jovem para aquele rosto que parecia ter sido lavrado por um ancinho.

– Ele está a fazer tudo com muita calma, verdade seja dita – respondeu ela. – Tenho de arrumar a casa antes de o Winston e o Christian chegarem para almoçar. Doem-me os tornozelos. A água que tenho no corpo desce-me para os pés e os meus pés não a deixam sair.

– Faz com que ele pare de te bater.

– Tens um marido que não te dá murros? Onde é que ele está?

Serafina explicou que ele fora enterrado muito longe e havia muito tempo, e que tinha sido um homem simpático.

– Tens saudades dele.

– Nem por isso. Tenho saudades de Deus e dos meus filhos. Vivo em Jacksonville e todos sabem onde me encontrar.

Havia noites em que Winston saía para tratar de assuntos não especificados. Serafina não era ingénua; desconfiava que a raiz principal de alguma rapariga descerebrada estava a ser grotescamente ceifada pelo arrogante Winston. Confiando que Serafina não fugiria, Lily deixava-a sair do quarto para que Christian lhe mostrasse os seus truques de magia. Numa dessas noites, Serafina apontou para um móvel desconcertante e perguntou o que era.

– Aquilo? É da casa onde cresci no Missouri. A minha irmã mais velha não o quis quando se mudou para o Iowa, por isso o Winston e eu ficámos com ele quando os meus pais foram a enterrar – disse Lily. – É um piano que se transforma em cama. – Ao ouvir os passos de Winston, apressou Serafina de volta para a cela.

Quando as mulheres voltaram a ficar sozinhas, Serafina disse que não lhe restava muito tempo entre os vivos e que nunca dormira num piano. Será que Lily a deixava experimentar?

Lily abriu as costas do móvel e puxou uma tábua que parecia uma prateleira, e Serafina deitou-se nela, a harpa de metal com as suas cordas e

teclas como um toldo. Havia espaço para duas pessoas, pelo que Serafina disse:

– Entra, a água está perfeita –, uma expressão que ouvira em Jacksonville e que Lily achou incongruente na boca daquela velhota estrangeira e, como tal, hilariante.

– Tenho uma pedra no estômago e devia estar morta – declarou Serafina, de olhos postos numa mosca que se passeava por cima dela. Comentou que devia ser bom ter patas que se colavam às superfícies e ser capaz de andar de cabeça para baixo.

– Com os meus tornozelos gordos – disse Lily –, caio.

Serafina ofereceu-se para lhes massajar, e assim fez, conseguindo drenar a água estagnada. Estenderam-se novamente e Lily confessou que não se deitava ali desde os oito anos, desde que o fizera com a sua amiga Franny Porter, entregando-se a um jogo a que chamaram, de maneira muito óbvia: Casamento. Lily era sempre a noiva, usando a touca da mãe. Como noivo, Franny vestia um traje preto. Um dia, a mãe de Lily encontrou-as aninhadas na cama-piano, nuas na noite de núpcias, e teve um ataque de fúria e proibiu aquela amizade.

Lily roubou uma tarte de nozes-pecã que arrefecia num peitoril e levou-a à socapa ao seu noivo. Durante anos, encontraram-se às escondidas e passearam no bosque. Depois, Franny engravidou aos catorze anos e recusou-se a revelar a identidade do pai da criança. Lily não quis voltar a vê-la, porque as melhores amigas não deviam contar tudo uma à outra?

Franny morreu de complicações de parto, dando à luz um menino que nem uma semana sobreviveu. Lily pedira ao cadáver da amiga, no seu esquife na capela, para lhe dizer alguma coisa, o que quer que fosse. Não sobre o pai da criança; isso não tinha importância nenhuma. O Céu existia mesmo? Porque é que a relva era verde? E se as pessoas fossem como as moscas e pudessem ouvir tudo o que se dizia sobre elas em toda a parte?

Como Lily conseguia aguentar uma sova sem fazer barulho, Serafina demorou uns instantes a perceber que Lily chorava e a perguntar:

– Gostas mais de mulheres que de homens?

Foi uma surpresa Lily não se levantar de um salto, furiosa.

– Não sei – respondeu ela.

O que é que o desconhecido segredara ao ouvido de Rui no mercado de Trinidad: fora uma declaração de amor? Esforçando-se, tentou identificar as palavras que pairavam na atmosfera. Gostava de poder perguntar ao seu menino perdido se a sua devoção se transformara em severidade dura, assustando-o a ponto de fugir da sua verdadeira natureza. O mundo estava contra ele, mas uma mãe não devia estar. Também aplicara regras dogmáticas a Mary Freitas. Fez coro com Lily, chorando ao de leve, mas por pouco tempo, porque Lily se levantou de um pulo, pressentindo o regresso de Winston. Trancada no quarto, Serafina ouviu dizer que o juiz voltava daí a dois dias e que ela seria entregue ao seu castigo.

De manhã, ela disse a Lily para não se sentir culpada e apontou para um beija-flor que agitava a escova-de-garrafa do lado de fora da janela.

– Na minha língua, o nome daquele pássaro é beija-flor – disse Serafina.

– É um dos nomes mais bonitos do mundo inteiro, Serafina Alves.

Lily voltou a levá-la para a sua cela e saiu de casa. Duas horas depois, entregou um papel a Serafina.

– A Companhia 14-A do Illinois ainda está estacionada em Vicksburg, no Mississípi. Ganham uma batalha qualquer e estão por lá, é o que dizem. Temos uma bibliotecária que acompanha as movimentações das tropas. Eu acho que ela é espia. Fica muito longe daqui, fofinha. E se eu te puser num comboio?

– Está bem, Lily, se me prometeres que pegas no teu menino e vais para casa da tua irmã. – Serafina usou uma faca da mesa para rasgar a bainha. Deu a Lily os oito dólares que lhe restavam e declarou: – «Com uma mão forte o Senhor te tirará de debaixo das cargas dos egípcios!»

Christian voltava das aulas – ele alternava dias de escola com o trabalho na fundição – daí a meia hora. De olhos postos no dinheiro, Lily ralhou com Serafina, dizendo que não devia dar tudo o que tinha.

Serafina sentia-se esgotada, mas tomada por um tipo de alegria que não pede mais nada, embora tivesse pena de deixar a cama-piano, uma das melhores coisas de sempre.

– Eu levo um pedaço de queijo chamado *cheddar*, se tiveres algum em casa.

Por sorte, acaso ou o que quer que haja de glorioso, Lillian Devereaux Bobbit, enfiando uns quantos pertences numa mala, arrumando punhados de coisas do seu filho único, disse que restava um pedaço de casca.

– É todo teu – exclamou.

Sem um tostão, mas com *cheddar* para acalmar o seu estômago latejante, Serafina Alves deixou que Lily a levasse à pressa para a estação de comboios de Cairo, pagasse o bilhete e enfiasse Serafina numa carruagem. Lily abraçou-a e disse:

– Prometo que vou com o meu menino para um lugar seguro e desejo o mesmo para ti, Serafina beija-flor.

Só quase no fim do trajeto é que Serafina se apercebeu de que Lily a pusera num comboio de regresso a Jacksonville. Quando desembarcou e olhou em redor, baixou a cabeça. Estava velha, e cansada, e não sobreviveria a outra viagem. Mal conseguia aguentar-se de pé. A sua prece foi: *Aceito que Tu quiseste que eu parasse de me esconder e que não estou em condições de saúde para voltar a vaguear. O meu espírito voará até junto do John, agora que libertei o melhor de mim neste mundo. É assim que estarei com ele antes de morrer. Senhor, toma Tu as rédeas agora.*

Cambaleou até à mercearia de Ray, porque ficava perto da estação, e desmaiou. Ele chamou um médico e Nica. Aconchegando Serafina na cama, em casa, Ray comentou que ela parecia mais serena do que nunca e Nica

parou de ralar com ela. Serafina disse que tinha arranjado uma amiga que tomou conta de si e que, com um pequeno truque, a mandou para casa depois de confirmar o paradeiro de John. Podia Nica escrever-lhe em nome da mãe? Não havia um segundo a perder; nunca há um segundo a perder.

BEIJO

A aposta de Edward em gastar mais – pondo anúncios no jornal – tirou-os de dívidas e granjeou-lhes lucros crescentes na altura em que o Natal dava lugar a um tempo de prosperidade no novo ano de 1864. Decidiram testar no mercado, a nível local, conjuntos que incluíam um limão. Quando Mary entregou um junto com a sua encomenda habitual da semana, a Julian Barr, ele informou-a de que ia mudar-se para outra cidade. O novo proprietário planeava abrir uma retrosaria, portanto ela ficaria sem aquele ponto de venda para as suas bagas.

– Eu devia tê-la avisado mais cedo – disse ele, parecendo tão deprimido, que Mary pousou o seu conjunto milagroso de amostra e lhe segurou na mão, e ele não ofereceu resistência. Acrescentou: – O meu rapaz morreu na Virgínia. A minha mulher não consegue parar de chorar.

– Senhor Barr. Julian. Que triste. – Ela soltou a mão dele para evitar constrangê-lo. – Para onde é que vai?

Ele e Carla, agora sem filhos, iam rumar aos territórios do Sudoeste, para estarem perto do irmão dele.

– Ouvi dizer que o ar da montanha é rarefeito e uma pessoa pode morrer disso. O meu filho chamava-se Amos. Coma um pedaço de pão. – Estava um pão numa tábua com uma faca de serrilha. – A Carla faz muitas coisas no forno. Começa de manhã cedo. E não para. – Mary aceitou um pedaço e foi a custo que não o cuspiu: estava demasiado salgado, como se Carla tivesse soluçado para cima da massa.

– Desculpe ter sido antipático consigo. Há anos. Foram americanos de gema que mataram o meu filho e não estrangeiros. Quer dizer, a senhora não é estrangeira.

– Não. Sou, sim, Julian. Sinto-me sempre estrangeira.

– Não devia. – Abriu a caixa registadora, entregou-lhe três dólares e disse: – Vá comprar um chapéu para si à loja da senhora Aitken. Fica

deslumbrante de chapéu. Envergonha-nos a todos. Considere isto uma prenda de despedida.

Ele recusou-se a aceitar o dinheiro de volta e ela prometeu acender uma vela por Amos e outras duas por Julian e Carla quando estivessem no seu clima a grande altitude.

A chapelaria ficava na praça principal. Mary tendia a caminhar de olhos baixos, alerta a tudo em que pudesse tropeçar, e permaneciam vestígios de uma tempestade de gelo. Mas, quando estava do outro lado da rua do Hotel City, olhou para a janela de sacada. Edward tinha dito que ia fazer recados, incluindo comprar umas columbinas para o jardim. Conteve o impulso de irromper pelo hotel dentro e perguntar o que se passava, porque ele estava sentado a uma mesa com Maud Dieterman, emoldurando-lhe o rosto com as mãos. Beijaram-se em cheio na boca e, depois, recostaram-se, rindo-se, enquanto homens e mulheres se reuniam muito bem-dispostos, como cantores numa noite de festa, e entre eles estava Gertrude Weber, que deu um murro no braço de Edward. Maud levantou-se de um salto e desapareceu na turba, celebrando outra coisa qualquer que não, claramente, o fim da guerra, que não dava sinais de abrandar.

Edward também se levantou e sumiu no meio do que quer que se passava naquele dia que ele descrevera a Mary como «muito ocupado».

Ela cambaleou até à pensão de Addy Oscar e, ao ouvir alvoroço na sala de jantar, demorou-se nas sombras enquanto as moradoras – incluindo Lucy Brattle – se serviam ruidosamente de uma série de iguarias que se encontravam em cima de uma mesa de apoio. Perpétua estava sentada num cobertor dobrado na cadeira, para ficar à altura das outras pessoas que tagarelavam com ela. Tendo ficado sem uma mão no início dos combates, em Bull Run, ultimamente Henry Kingsley passava os serões a aprender a funcionar só com uma mão, para que o seu emprego em Los Angeles, na empresa do tio, fosse possível. Ela ia-se embora em breve e tencionava casar-se com ele no Oeste. Ninguém tinha culpa de Lucy e Mary já pouco se verem. Lucy virou a cabeça ligeiramente; teria reparado em Mary na periferia? Se sim, corrigiu o olhar e não se mexeu para a cumprimentar nem para a mandar entrar. (Não, alto; Mary estava a inventar isto devido à sua própria timidez.)

Esperaria Mary arranjar um quarto ali para passar a noite, a semana, tremendo no frio de janeiro e queixando-se de o marido ter beijado uma mulher à vista de toda a gente, enquanto compactava tudo acerca de John num alfinete espetado no coração, até gotas de sangue migrarem para a fronteira da sua pele?

Estava de camisa de noite na sala, a fingir que lia, quando Edward entrou com a pele corada do frio e disse:

– Estás linda. Como é que correu o teu dia?

– Como é que correu o teu? – perguntou ela.

– Correu bem. – Ele deu-lhe um beijinho na cara. – Mary? – Recuando, fitou-a.

Ela perguntou-lhe se porventura ele não tinha nada para lhe contar e ele respondeu:

– Creio que não. Precisas de alguma coisa? – Por vezes, essa frase era uma maneira codificada de ele dizer que gostava que ela não se afundasse num dos seus «estados de espírito».

Ela respondeu que não, não precisava de nada, obrigada.

O ENSAIO DE SHERMAN
PARA A MARCHA RUMO AO MAR:
O ATAQUE A MERIDIAN, NO MISSISSÍPI

14-20 DE FEVEREIRO DE 1864

O treino deles destinava-se a aperfeiçoar o novo tipo de guerra.

O general William Tecumseh Sherman ordenou-lhes que se preparassem para uma operação em Meridian, um importante entroncamento ferroviário, a duzentos e quarenta quilómetros de distância, ainda no Mississípi, um ensaio para o seu plano de tomar Atlanta e, depois, abrir uma faixa até ao mar. *Poremos fim ao pesadelo usando o pesadelo.* Os rebeldes não param de se esconder, de brincar ao agarra. Não levem mantimentos, só armas... invadam casas se quiserem toalhas ou presuntos. Não levem cantis: as casas têm jarros. Os regatos têm água. Roubem. Cozinhem usando lamparinas. Cada grama de *peso* é vosso inimigo. Destruam as vossas mochilas. Não ponderem nada: isso também é peso.

John teve relutância em se desfazer de um bilhete de Nica, recebido no final de um verão que lhe parecia ter sido noutra vida, antes de qualquer um deles saber que ficariam estacionados em Vicksburg, infestada de insetos, mês após mês. A mensagem era curta e, a princípio, perturbou-o que a sua família lhe tivesse seguido o rasto precisamente até ao lugar onde ele ajudara a matar mulheres e crianças inocentes à fome. Mas era a mãe quem parecia mais atormentada; pedia-lhe para a perdoar por tudo, acrescentando, através da escrita de Nica: «Deus diz-me que, um dia, tu e a Mary se vão casar e, John, estive com ela e dei-lhe a minha bênção, e ela despediu-se com um beijo.»

Ele rabiscou em resposta: *Fique em paz & possamos todos nós encontrar a paz em breve, Mãe Passarinho. O que quer que precise que eu lhe perdoe, guarde para si em nome de Deus.*

Não dissera: *Está tudo bem, Mãe, mas é demasiado tarde. Não é muito provável que Deus ou o Homem separe a Mary e o Edward no futuro próximo.* Ele não tivera notícias de Mary e também não lhe escrevia há uma

eternidade. Era assim que devia ser. Basta.

Antes de avançarem para Meridian, um capitão obrigou John e a sua companhia a guardarem todas as cartas debaixo de pedras.

Vinte e um mil soldados de infantaria, sete mil de cavalaria. Saíram de Vicksburg em tropel. Marcharam vinte quilómetros por dia, durante doze dias. Matematicamente, as contas estavam perfeitas. Quatro divisões a pé em duas colunas, como a fachada de um teatro grego desmantelada e posta em movimento, célere em estradas de terra batida, estradas de veludo. John e Frank olharam para trás para os carros de munições e os homens, um rio pardo. Invadiram uma quinta abandonada e jantaram galinha e ervilhas enlatadas. Alonzo guardou um pires no bolso, mas um coronel arrancou-lho: *Leva só o que é preciso, avança.*

O crepúsculo envolveu-os quando acamparam.

– Ouvi dizer – começou Abner – que temos de entrar em casas e castigar as pessoas.

– Não sou nenhum *viking* – ripostou Frank.

– Não, só temos de dar cabo dos carris – disse John.

Cyrus Skylander comentou que havia cada vez mais deserções. Um homem podia ser alvejado por dar à sola. Os predadores dos dois lados tiravam o que lhes apetecia, mas os rebeldes cortavam os narizes e as orelhas dos ladrões da União. Bill Snow não parava de perguntar como é que as autoridades tinham decidido que roubar era agora uma regra de fé, se ainda incorria num castigo.

Ninguém lhe sabia responder.

Alonzo ouvira falar em regimentos que mandaram comandantes cheios de bravura para o inferno, por insistirem que toda a gente tinha de marchar em direção ao perigo. Um homem era sacrificado para os restantes poderem esperar sossegados até ser hora de voltar para casa.

– Faz sentido desertar – disse Frank. – Sobreviver até a guerra ser cancelada.

– Não digas isso – repreendeu John. – Já chegámos aqui.

– Mas a questão é essa. – As feições de Frank franziram-se de animação. – Isto é como tentar apanhar uma rã com as próprias mãos. Lembras-te quando tentámos fazer isso no regato de Mauvaisterre? – Frank usou as duas mãos para fingir que apanhava rãs. – Apanhas uma e ela salta-te dos dedos. O campo é tão grande que passas horas até a ver, a ela ou a outra criatura igual, e tentas apanhá-la outra vez, mas ela pula e foge. – John inspirou uma lufada de ar dos pântanos, carregado de lagostins em decomposição. Frank queria uma máquina para tirar *fotografias*, especialmente de *rãs*, para lhes captar o *movimento*.

– Já percebemos, Frank – atalhou Cyrus. – Escusas de fazer tanto barulho. As rãs saltam, toda a gente sabe.

– Não estás a perceber o que eu quero dizer! Elas saltam, nós vamos atrás delas e daí a nada estamos no Indiana! Matar *espíritos* em vez de

soldados significa que eles nos vão mandar ir para a guerra contra famílias. A luta tem de ser – deu um toque na têmpera – aqui.

– Que aconteceu às rãs? – perguntou Abner.

– Quem disse que isto era sobre rãs? – gritou Frank.

– Frank – interveio John. – A Elizabeth está à espera e tu vais voltar para casa.

Cyrus declarou que ninguém ia querê-lo. Olhem só para a cara dele, rasgada em pedaços.

– Antes disto já tu eras feio como o diabo – contrapôs Abner. – Não te iludas.

Eles riram-se; Cyrus, também.

Seria bom ou mau, Sherman não ter planos para travar uma batalha com o inimigo? Talvez fosse melhor enfrentarem-se ao estilo de Shiloh e, quando a poeira assentasse, os comandantes decidiam quem ganhara. Essa forma de chacina em vez de devastação, um novo grito de *Arrasem tudo à face da Terra e recolham os destroços*.

Os rapazes azuis entraram em bando em Meridian, no Dia de São Valentim, e a sua velocidade e ousadia assustou o general rebelde Leonidas Polk, que abandonou a cidade.

Inventem uma guerra ao estilo de sal lavrado de tal maneira que nenhuma raiz consiga brotar. Dezenas de milhares de homens e cavaleiros embarcaram na aniquilação de tudo o que estivesse à vista. Entrepostos e armazéns abasteceram-nos de farinha de milho e toucinho antes de serem destruídos. Os federalistas atacaram cento e sessenta quilómetros de via-férrea, três linhas que se cruzavam, com barras de ferro e marretas, aquecendo e retorcendo o metal. Os laços *papillon* de Sherman. Interrompemos as remessas das fundições de Selma. O hotel Burton House, reduzido a cinzas. John foi incumbido de queimar cercas. Em chamas estavam os silos de cereais da Pradaria Negra. Os habitantes fugiram. Eles que espalhassem o aviso do que aí vinha. Uma horda desmantelou três serrações a vapor e as pontes sobre o Chickasawhay e em Lauderdale Springs. Os homens ainda levavam em si a velocidade da marcha, estavam para lá da exaustão, em plena exultação, cozinhando em cima dos restos de um estábulo. A promessa de John enquanto refugiado fora construir e preservar num país que era um motor de construção. Tudo isso sumira. O futuro é ficar com o que se quer, é desfazer. Uma pontada de saudades da mãe foi tão dolorosa que ele imaginou que a via em todas as velhas em fuga.

Frank, Cyrus e Alonzo receberam ordem para arrasar mais um armazém, enquanto John, Bill Snow, Abner Quimby e Isaac Unthank foram mandados afastar-se do centro e ocupar, como quartel-general, uma casa isolada num campo vizinho. A moradia parecia um saleiro espetado em cima de outro saleiro. Enquanto o capitão Manford Pryor explicava o que ia acontecer, ouviu-se um tiro vindo do andar de cima. O capitão atirou-se contra os painéis laterais da casa e deu ordem a Abner para acabar com o franco-atirador. Um

rapaz que não devia ter mais de catorze anos, com o cabelo como palha, debruçou-se da janela para grasnar: «Sacanas.» Abner, de revólver *Colt* em punho, entrou em casa e tirou de lá o rapaz e uma mulher escanzelada, com o avental coberto de sangue rosado. O capitão disse à mulher que já tinham visto manequins mais assustadores do que aquele catraio que a cona imunda dela botara no mundo.

Ela cuspiu-lhe para os olhos.

Ele pestanejou, sacou de um lenço, limpou a cara, analisou o tecido, dobrou-o, guardou-o no bolso e tirou a arma do coldre.

– Capitão – disse Abner –, vamos pô-los na alheta como fizemos com os outros. Que me diz?

– Eu digo que fui conspurcado.

O céu citrino estava a ficar cinzento. Galinhas preguiçosas por nunca terem precisado de voar esforçavam-se por aprender, batendo as asas em direção ao bosque que se abria em clareiras num lado e ardia noutros, dentes vermelhos intervalados com outros musguentos. Campo de tiro. Uma tempestade de penas. Aves a rodopiarem no eixo de uma bala antes de serem assadas em tachos. *Caça ao bico*: a mesma coisa durante o caos na Madeira, com mulheres empurradas, pratos partidos, porcos mortos com machetes.

Pensei que estávamos a salvo das nossas velhas histórias, mamã. Mãe, leva-me pelos ares. A todos nós. Tenho de fugir de mais um guarda maluco.

Mãe, não tenho a tua fé, mas sei que estás comigo.

O capitão disse a John:

– Queima esta casa.

– Capitão, precisamos dela como quartel-general.

– Depois disso, escolhes qual dos dois morre. – O capitão apontou com a pistola para a mãe, enquanto Abner, tremendo, tapava o filho dela.

– Ai, Cristo, não quero estar aqui. Vá, Alves – urgiu Isaac.

A luz em redor de John fugiu e ficou presa nalgum ferro forjado de fumo negro. Estavam numa periferia. Ele associou imagens aos sons e cheiros próximos, o milho a assar sobre as chamas que crepitavam com portadas e cavalos de pau, as cabeças de porcelana de bonecas a estalar. Carne de veados saía de arrecadações, enquanto baionetas tiravam manteiga de batedeiras. Soldados de infantaria apupavam e disparavam para o ar, enquanto famílias fugiam pelos campos inverníços. O capitão Pryor apontou a pistola ao esfarrapado John e ladrou:

– Estás surdo, rapaz? Eu disse-te para queimares a casa e depois escolheres um destes inimigos para morrer. És soldado e tens de premir o gatilho, mas eu faço-o se fores um cobarde.

– Capitão Pryor – disse Bill –, isso é assassínio. E o John é um de nós.

John fixou a pupila dilatada do cano da arma. Uma caixa de fósforos estava no chão, caída de uma mochila apanhada no último troço da marcha. A boca do capitão Pryor parecia um ralo a sugar fúria que, a seguir, ele soltou numa explosão, aos berros, com a arma ainda apontada a John:

– De que lado é que tu estás, moreno?

Meridian. Madeira. Sinistra, a semelhança entre os nomes. Homens expulsando a sua família de casa pelo fogo.

Isaac sibilou: *Alves, queima a casa, não tens de matar ninguém.*

O capitão Pryor virou a pistola novamente para a mulher e o filho e disse:

– Qual de vocês os dois disparou contra mim, seus cretinos?

– Eu estava a defender a minha mãe – gaguejou o rapaz.

O capitão riu-se e disse:

– Mentiroso. Ela degolava-me tão depressa que nem tinhas tempo para te mijares todo.

– Nós pomo-los daqui para fora como fizemos com os outros, capitão – disse Isaac. – A Bíblia diz-nos para castigarmos os nossos inimigos, mas neste caso acho que...

– E eu acho que tu devias calar a matraca.

John inspirou, o revólver *Starr* escorregou-lhe no coldre, e disse:

– Ele tem razão, capitão. É uma mulher e um menino.

– Deus do Céu, estou ao comando de traidores com o rabinho entre as pernas – exclamou o capitão.

– Não sou nada disso – protestou Isaac, inflamado. – Sou um nortenho orgulhoso, tal como...

Uma bala de Pryor fez ricochete no chão e esfacelou o pé de Isaac, fazendo-o dar um salto e ganir, e todos cravaram os olhos no sangue.

– Raios partam, Alves, não fiques aí parado! – gritou Isaac. Deixou-se cair no chão para aconchegar o pé. Bill deu-lhe uma tira de pano para o amarrar e Isaac gritou-lhe que a enfiasse pelo cu acima.

– Cala-te, Unthank. Embarças-me. – O capitão Manford Pryor virou-se para John: – Soldado, ou esta linda senhora ou o imbecil meia-leca que ela pariu está prestes a deixar-nos. És tu que escolhes. Eu vou contar até três. *Um.* Já vou a um terço da contagem. Não olhes para mim assim. Pelos vistos, não tens noção de que estamos em guerra.

Bill deu um passo em frente e levantou a mão na direção do oficial enquanto gaguejava:

– Capitão, eu levo-os daqui para fora. Eu...

– O Alves vai escolher qual dos dois acabou o seu tempo aqui na Terra.

Isaac aceitou finalmente a tira de pano que Bill lhe estendia para amarrar o pé que sangrava. Abner parou de apontar o revólver ao menino, enfiou-o no coldre e fitou o capitão. Tinha estado a falar sobre aquilo, homens que acabavam com a vida de um oficial e se escondiam até terminar a guerra.

– Eu queimo a casa – disse John, procurando a caixa de fósforos às apalpadelas. As nuvens reduziram-se a tapetes que se enrolaram, porque até os céus estavam com pressa de sair dali.

– Resposta insuficiente devido à tua perda de tempo. Escolhe um inimigo para morrer, senão ficas coxo como o Isaac. Ou então eu deixo-o

manco também do outro pé. Estou farto de o ouvir citar a Bíblia.

– Nós somos quatro, capitão – disse Abner – e o senhor é só um, e estes prisioneiros conseguem correr como qualquer outra pessoa.

– *Dois* – disse o capitão. – Vou acusar-te de insubordinação, Alves.

Ele devia ter pegado fogo à casa no instante em que recebera a ordem. Agora, ou não fazia nada e ficava também ele ferido, ou incorria na ira de Isaac, fazendo com que ele ficasse ainda mais mutilado por causa dos caprichos de um oficial louco varrido, ou então despachava um superior e enfrentava um pelotão de fuzilamento. Recusava-se a escolher se um menino ou a mãe deviam ser eliminados do mundo.

Uma vaca mugiu ao longe, quando a degolaram, e caiu sobre as patas dianteiras.

Para lá das fogueiras e das casas que se reduziam a nada, os habitantes continuavam a fugir. Não tinha a sua mãe prometido voar para ele quando necessitasse? Ela não estava presente em forma corpórea, mas a sua força possuiu-o. Ela ensinara-o a dançar, batendo com os pés e rodopiando, em louvor do Deus que criara todas as coisas, poderoso e mau, entoando uma canção semelhante a um espiritual: *Levanta os teus pés para o Senhor! John, levanta os pés!*

Ele levantara os joelhos para girar com ela.

Anima o teu coração, John! Anima-o! Abre os braços, envia o teu coração para as alturas!

Sim, mãe! O Senhor disse para lançarmos o coração para as alturas!

Ergue a tua voz! Os teus olhos! As nossas mentes voam para o Senhor!

John não conseguia discernir o que o capitão rugia e quase gritou em voz alta para ela o aliviar daquele fardo.

O capitão Manford Pryor disparou mais uma bala, desta vez em cheio para o pé ferido de Isaac, reduzindo-o a um coto às tiras. Ele guinchou, contorcendo-se e amaldiçoando John. Bill Snow deu-lhe um novo torniquete, ajoelhando-se, mas Isaac gritou:

– Afasta-te de mim!

O capitão pegou na caixa de fósforos e pegou fogo à casa; as chamas comeram as costuras.

– Julgam que eu não sou capaz de matar uma velha – silvou ele –, julgam, seus cobardes? Ora vejam. – Antes que alguém se pudesse mexer, ele atingiu o menino no peito, o cheiro a pólvora entranhando-se nas narinas de John, e, apontando a arma a um ponto entre os olhos da mãe do menino morto, disse: – A seguir és tu. Queria que o visses morrer primeiro.

– Deus do Céu! – gritou Bill.

John trataria aquela mãe inimiga como a sua própria, reparação com anos de atraso pelo pecado de comer bolo em vez de se preparar para morrer pelo seu Passarinho. Daria ouvidos à coragem de Serafina. Pegou na sua arma. Quando o capitão armou a pistola, Abner procurou a sua arma atabalhoadamente. Tinham de se livrar daquele assassino para poderem buscar

a invisibilidade e unir as suas almas. John levantou o revólver e enfiou uma bala no ombro do capitão. Os guinchos do oficial voaram na direção do bosque. John detestou-se por não o ter feito antes de Pryor matar o menino.

Bill foi chamar um médico e Abner gritou para a mulher sulista fugir. Ela soltou uma praga e, olhando para o filho morto, afastou-se. O revólver de John apontou para baixo enquanto o capitão, com o sangue a escorrer-lhe pelos dedos, agarrava no ombro e gritava que John assinara a sua sentença de morte. Abner avançou, apontando a arma ao capitão, e entoou:

– Somos quatro, como já disse, e você é um só. Quer viver, capitão? O franco-atirador atingiu-o, é essa a nossa história, e você vai viver, graças aos seus homens, que garantiram que a sua ferida era cosida.

Isaac guinchou que, se Alves tivesse incendiado logo o raio da casa, nada daquilo teria acontecido, agora ele era um estropiado por causa do maldito John de merda. O capitão Pryor obedeceu agachando-se e, depois caindo, à espera de uma maca.

Rapazes exaustos estavam esparramados junto de tendas *Sibley* num acampamento improvisado. Com os ossos a chocalharem de pavor, John falou dentro de si: *Mãe, estás comigo. Sempre estiveste comigo*. Imaginou os dentes dela, enegrecidos, a barriga distendida. Sem se preocupar se alguém via, tocou no peito e fez um gesto com o braço para o ar rarefeito. Imaginou-a a apanhar o seu coração. Um jogo que tinham partilhado na cadeia.

Quando viu Isaac, com o pé estropiado envolto e elevado, e se ofereceu para o levar ao médico, Isaac berrou:

– Que raio é preciso para parares de me torturar? Não te enganei a ti e à tua rapariga, não fiz nada, e, no entanto, tu consegues andar, mas eu estou aleijado, Alves! Tu é que devias ter levado um tiro, não eu! Julgas-me, condenas-me e safas-te! Impediste a tua mãe de me ajudar no meu objetivo de vida!

John não tinha uma resposta decente para lhe dar e os tremores apoderaram-se do seu corpo. Alvejara um oficial e uma sentença de morte não estava fora de questão.

De regresso a Vicksburg, tendo Sherman declarado Meridian um êxito capaz de mudar a maré, John tentou pedir novamente desculpa a Isaac por causa do ferimento, mas Isaac explicou-lhe ao pormenor onde podia enfiar a sua compaixão. Comedores de açúcar sentados em caixotes, um quadro saído de uma xilogravura de guerreiros. Grãos polvilhados sobre barriga de porco. Dentes fechados sobre areia branca. Levantem os maxilares para o Senhor. Abner estava demasiado aturdido para tirar os piolhos da manga. Falou-se do heroísmo passado de Joshua Chamberlain em Little Round Top, e da coragem

de Benjamin Grierson, cujas palestras sobre contraponto melódico no Illinois College se afundavam no olvido.

John contou a Frank o que acontecera. O capitão Pryor estava numa tenda médica, até ver sem dizer nada, mas John teria sempre receio de que ele o atormentasse. Alonzo fazia biscoitos, misturando farinha, leite condensado e, vejam, um ovo que transporte sem partir o caminho todo desde o inferno.

John contou os dias até ao fim do seu contrato de serviço: 118. Um, um, oito. Mary, quatro meses até eu voltar para... o quê?

Sentindo-se chamado ao Mississípi, ajoelhou-se na margem do rio e olhou para trás, para o seu atual posto avançado, mais um forte retomado, todo partido como uma pilha de tábuas de pedra. A diligência do correio passara enquanto ele dormia uma sesta. Pondo as mãos em concha em redor do seu reflexo, molhou o rosto com o rosto. Os ramos de um salgueiro pareciam serpentinhas. Reparou em Alonzo e Frank, pouco mais abaixo na margem, com o mesmo intuito que ele. A tranquilidade quebrou-se quando Isaac entrou no seu campo de visão, vindo da direção contrária, apoiado numa muleta colada com fita, o coto do pé envolto num pano ensanguentado, e desatou a divagar, dizendo que queria abrir um negócio e, como John virara toda a gente contra ele com mentiras, era obrigado a ajudá-lo.

– Unthank – disse John. – Deixa-me em paz. Lamento muito pelo teu pé.

– Tens de me compensar! – gritou ele. – Homens mutilados não vão querer comprar *pares* de sapatos quando voltarem para casa! Só vão querer *um* sapato, ou *uma* bota, por isso eu posso abrir uma loja que só venda sapatos *desparceirados*, o direito ou o esquerdo, e não pares! Preciso de dinheiro.

John cometeu o erro de se rir; foi mais forte do que ele. Lançou um olhar a Alonzo e Frank, que entretanto estavam de pé, a observar, e John riu-se ainda mais, devido à estupidez dos sapatos, e ao pesadelo horrendo de Meridian, e ao caos intricado e sem fim com aquele homem sombrio possuído por uma ânsia constante e amorfa, que incluía o desejo de chagar John sem tréguas.

– Cala-te! – gritou Isaac. – Quase me mataram por tua causa! Recusas-te a admitir que inventaste uma história sobre os meus pecados. Eu não te fiz mal, mas devia! Fizeste com que eu levasse dois tiros no pé! Eu devia enfiar uma bala no mesmo sítio onde tu enfiaste uma no capitão!

A arma de John estava ligeiramente fora de alcance. A sua visão turvou-se quando um inseto, saído dos exércitos infintos do Sul, o picou no ombro através da camisa. Uma luz explodiu vinda da direção de Isaac. A picada doía-lhe. O seu estômago chocalhou os tumores brancos que lá brotavam desde os dias de fome da sua infância. Alonzo e Frank gritavam, as suas armas disparavam enquanto Dexter Loomis se aproximava de John, que disse:

– Dex, morreste em Shiloh. Tive saudades tuas.

Enquanto o sangue jorrava para o peito de John, Dexter apanhou teias de aranha e empastou-as no ombro de John. Acenaram ambos para a mãe do outro lado da água poderosa. Ele tentou projetar a voz até ela. A mãe dançava

com pinguins e junto dela estava também a pequena aluna surda que desaparecera, Missy Baker, de cabelos cor de alperce.

O menino assassinado em Meridian aproximou-se dele e a cabeça transformou-se no crânio de uma vaca como o que John vira num campo, no Condado de Morgan, quando se interrogou: Mas onde estão os ossos do corpo?

A sua última imagem antes de desmaiar foi de Isaac enroscado como um bebê a dormir.

Quando acordou, Frank e Alonzo estavam debruçados sobre ele. John tentou sentar-se, perguntando se Isaac o alvejara, e Alonzo empurrou-o para baixo e disse sim, e ainda bem que Frank e ele ali estavam, porque Isaac fizera pontaria à cabeça de John depois de o atingir no ombro.

– O Isaac morreu – disse Frank. – Não tens de te preocupar mais com ele. Estiveste inconsciente durante três dias e estás com arrepios e febre, o que não agrada nada ao médico, mas ele conseguiu extrair a bala.

John tocou na ligadura e o esforço fê-lo deixar cair os dois braços. Pareciam pregados à cama. Uma névoa envolvia Frank, e Alonzo vestia uma aurora boreal. Fascinante. A sério. O ar estava bege, de tão batido e espesso. A cama ficava num canto aberto para o céu, parcialmente tapado com ripas de um caixote. Uma das ripas tinha as palavras doce de laranja estampadas. *Zonza, a sua mente vagueou para os tempos em que era adolescente em Jacksonville, durante o advento daquele ciclo de treze anos de cigarras. Eclodindo da terra após um longo sono, saltando para fora da pradaria, emergindo de jardins. Chovendo do céu e das árvores, como uma ilustração do Livro do Apocalipse. Cascos e carruagens desfaziam-nas em papa. As pessoas escorregavam e caíam. Os cavalos partiam as patas. Papas de cigarras, estalando quando eram espezinhadas. Rapazes a ganir. Carapaças partidas, corpos esmagados debaixo de calcanhares. Zumbindo. Portas de rede atacadas. Verdes e pretas e supurando, em toda a parte, até morrerem. Cadáveres entre as flores e cascas em alpendres, ou em pratos, rodopiando em tigelas de leite, tendo entrado pelas janelas abertas.*

E, depois, desapareceu tudo. Tudo rebentou. Um retorno a casulos dormentes e invisíveis.

MARY CASA-SE COM NORMAN GREER

A palma da mão de Mary é o derradeiro ninho de um ovo castanho da galinha de Nell. Ela abre-o no rebordo da frigideira de ferro. Depois de o marido avisar que o dia vai ser longo no Illinois College, ela fica sozinha ao ponto de se assustar numa casa que nunca se lhe afigurará verdadeiramente sua.

Edward volta quando ela já está deitada e sussurra que o comboio ficou encalhado na linha. Ela murmura. Espera que ele pare de lhe tocar no cabelo junto da parte do seu cérebro inflamada com a pergunta: *O que andaste a fazer, a beijar alguém?* Aquele alguém específico. Quantas semanas passaram, seis, sete? A espada continua a trespassá-la, o latejar não diminuiu.

Têm dificuldade em falar com palavras.

Têm dificuldade em falar sem palavras.

Sons subaquáticos inundam-na quando dorme. Sonha com baleias a morrerem, uma armada a afundar-se de cauda a pique no fundo do mar, agarrando-se à dignidade de morrer na vertical, com a configuração de um cálice. Dentro das bocas abertas das baleias caídas, nadam peixinhos, como que dentro de charcos num redemoinho.

Quando as baleias chegam às suas sepulturas em profundidade, os peixes fogem das mandíbulas que se fecham. Uns quantos ficam encurralados.

O marido está, uma vez mais, ausente quando ela acorda. Na mesa de jantar estão... migalhas, vestígios de um conto sobre crianças perdidas.

Elizabeth Hampton Meline encontra-a a tratar das árvores do exterior e transmite-lhe a profunda preocupação de Frank por John, a delirar em Vicksburg devido a um ferimento no ombro. Isaac, o responsável, foi morto a tiro. Por Frank e um companheiro.

– Lamento muito – sussurra Elizabeth, tendo-se aproximado em bicos dos pés para abanar o ombro de Mary. Frank pedia desculpa por não as ter contactado antes. Tivera esperança de enviar notícias melhores.

O bilhete que Mary escreveu a Edward foi breve. *O John pode estar a*

morreu. Tenho de ir ao encontro de um amigo. Por favor, compreende. Com carinho, Mary. Não podia correr o risco de ele tentar evitar que ela fosse.

Deteve-se com o seu saco de viagem. Edward não desejaria mal a nenhum homem, mas ela desconfiou que isso não o impediria de acalentar outro pensamento natural: *Os soldados morrem. A horas de casa, a minutos, podem morrer.*

As mulheres começavam a entrar na luta, adentrando-se na sua magnitude, fingindo ser soldados para permanecerem junto dos seus entes queridos. Enfermeiras e cuidadoras viviam nas franjas dos campos. A Sr.^a William H.L. Wallace – Ann – corraera para Shiloh e a única coisa que conseguira fora ouvir a jura do marido no leito de morte: *Encontramo-nos no Céu.* Ele levava uma trança dela para as batalhas. O que teria acontecido, que arrependimento, se tivesse ouvido a notícia do seu ferimento e tivesse ficado no conforto de sua casa, dormindo bem, comendo bem e ignorando as derradeiras palavras dele?

St. Louis ficava a cento e trinta e cinco quilómetros. Campos de algodão, visíveis pela janela do comboio, faziam corridas com ela, liquefazendo-se. Ela estava a expor-se ao perigo, mas John fazia-o havia quase três anos, mais tempo do que a mãe dele passara na cadeia. Mary levava quarenta dólares numa bolsinha à cintura, por baixo do vestido de flanela verde-floresta.

Trocou de comboio para o trajeto de quatrocentos quilómetros até Memphis, onde homens escravos triavam cereais para dentro de sacas de serapilheira e carregavam carroças, um deles caindo devido ao peso de um colar de ferro. A terra troava com homens, mulheres e crianças em fuga, sem casa. A cidade fervilhava de soldados, cães escanzelados e mulheres ossudas, uma delas a fumar um charuto e a olhá-la lascivamente, desencadeando dupla visão mesmo estando ela de óculos. Um soldado empoleirou-se numa pilha de balas de canhão, talhando um bloco em forma de pato. Uma mulher passou, esvoaçante, arrancando penas de uma galinha morta. Rapazes jogavam os dados contra uma loja sem vidros nas janelas.

O Hotel Gayoso, com as suas varandas de ferro forjado, anunciava banheiras de mármore, uma padaria e torneiras de prata. Mary ansiava por um banho de imersão e uma refeição quente, mas homens de azul entravam e saíam e um deles, com uns tremendos bigodes, berrou que o hotel era um dos quartéis-generais da União e não um bordel. Ela recuou escada abaixo e comprou bolos de milho na carroça de uma mulher. Apressou o passo, em direção a uns arredores que provavelmente teriam um estábulo. As nuvens tinham coalhado aos grumos como leite azedo. Imaginou Edward a ler o seu bilhete e a queimá-lo na lareira.

Deparou com um bangaló com a porta destrancada e gritou lá para dentro: «Está alguém em casa?» Não houve resposta. Uma sala dispunha de uma biblioteca de volumes encadernados a couro. Um busto de Cícero erguia-se num pedestal, a um canto, e uma cadeira de baloiço estava ao lado de um sofá com as molas espetadas. Um quarto lateral tinha um colchão de palha,

com hastes a saírem pela coberta cinzenta. Em cima de uma mesa via-se uma Bíblia. Era uma casa de homem. Mas era um homem que lia, e temente a Deus. Numa bancada estava um balde e Mary levou-o ao poço. A corda queimou-lhe as mãos enquanto a roldana rangia. O pai contou-lhe que uma Tecelã de Anjos quase a afogara num poço. Desde o primeiro dia que ela derrotava assassinos. Voltou para a cozinha com o balde cheio. Um armário manchado de ferrugem continha um pão com formigas, que ela sacudiu. O pão teve de ser serrado com uma faca e ela mastigou as fatias como se fossem uma rosca de dentição.

Depois de esfregar a cara e passar água pelo cabelo, desabotoou o vestido e desapertou as fitas da camisola interior para se despir até à cintura, lavando-se depressa e com a ajuda de uma toalha suja e amassada numa bola, como se a rapidez evitasse o toque desagradável. Apertou os botões, húmida, e desenrolou as meias até aos tornozelos, lavando a metade inferior do corpo antes de ir lá fora, convencida de que ouvira barulho.

Um rapaz com cabeça de abóbora aproximava-se com um cão, de caçadeira ao ombro. Uma seta trespassava-lhe a carne abaixo de um cotovelo.

– Está na minha propriedade – disse ele. Era pouco maior do que uma criança.

– Tem uma seta no braço – respondeu Mary. A estrada ao longe estava vazia.

– É verdade. Caçadores. Trapalhões ceguetas. Eu estava doido por uma perdiz e não apanhei nenhuma. – O cão, de pelo eriçado, andava às voltas dela. – Sou o Roland.

– Gosta de ler, Roland – constatou Mary. Pensar. Falar.

– Não sou nenhum salão – respondeu ele. – Vim-me embora da infantaria, porque não suportava a maneira como a minha própria gente zombava de mim. Não tenho culpa de ser baixo. Ao Cícero cortaram as mãos e a cabeça também, por ele querer levar a sua esperteza para a sua terra e afastar-se, e o mundo não suporta isso. – Farejando-a, o cão rosnou. – Você é agradável à minha vista, mas o *Cícero* não gosta de si.

– É o nome do seu cão? – Se ela conseguisse que ele continuasse a falar, talvez ele se acalmasse.

– Sim, senhora. *Cícero*, sinta.

O cão obedeceu. O braço trespassado de Roland pendia, inerte, e com o braço intacto ele rodou a caçadeira e armou o cano.

– Pareço um Cupido que apanhou um susto – disse ele. – Não tenho sorte com as mulheres. Isto está a doer-me.

Ela estava a endireitar-se toda, da cabeça aos pés.

– Tem uma bela biblioteca.

– Herdei os livros do meu pai – explicou Roland. – Ele morreu com uma febre. A minha mãe também. Não tenho namorada nem vida, a não ser ler. Riram-se de mim no exército, por isso desisti. De qualquer maneira, estão todos prontos para dar cabo de nós. Você tem cara de ser do Sul da fronteira.

Gira que se farta.

– Tem linha? Sou costureira. Eu coso-lhe isso.

Roland olhou para o braço como se só então tivesse reparado na seta e disse:

– Conheço um tipo que vive com chumbo grosso no peito. – O rosnar do cão reduziu-se a indiferença. – Não parava de pensar que tenho um pão.

– É melhor comer só depois de tratarmos disso. Não conto a ninguém que desertou, se me deixar sossegada. – Ela não conhecia absolutamente ninguém a quem pudesse delatá-lo, mesmo que o quisesse fazer, mas ele pareceu ponderar a questão.

– Estou tentado a aceitar a sua proposta de me coser.

Apontando com a arma, ele mandou-a entrar em casa. Mary teve medo por metade do pão já ter desaparecido. Roland disse que a sua falecida mãe guardava uma caixa de costura debaixo da cama. A seta bateu no sofá e ele ganiu, e ela correu para uma caixa de cartão com agulhas virgens e meadas juntas, rosas e brancas, como gambás recém-nascidos. Pela primeira vez na vida, ela não conseguiu enfiar a linha na agulha à primeira tentativa.

– Coso-o se prometer que não me faz mal – disse ela.

– Não consigo fazer mal a ninguém neste preciso instante – ripostou Roland. – Trate de mim à vontade, está segura. Ai. – Cambaleou para o busto de Cícero e tocou-lhe na cabeça com a mão do braço ileso. – Seja a nossa confederação confundida ou a vossa nação detestável, o problema das pessoas é não cumprirem o que prometem. Cícero homem e *Cícero* cão são minhas testemunhas. Noutros tempos, numa terra suficientemente pequena, um homem conseguia garantir que outro homem fazia o que prometera. Podia perseguir-lo. Ai. Isto está mesmo a doer.

Mary partiu a seta fina ao meio. Roland berrou tanto que o telhado quase ia pelos ares e o cão deu um salto e por um triz não deitou o seu homónimo ao chão. Mary tirou a madeira do braço e usou uma coberta de cadeira como torniquete.

– Não atingiu nenhuma artéria – constatou ela.

– Muito obrigado, querida – disse Roland, com a cara pastosa.

Ela afastou o cão, ordenou às suas forças vitais para se manterem intactas e coseu o ferimento no braço, usando um naperon de mesa em renda para limpar o sangue.

– A minha mãe não ia gostar de ver o trabalho dela usado dessa maneira.

– Ela ia gostar de o ver curado. Não me faz mal?

– Não a culpo pela sua falta de fé. Achamos que, se fizermos ou dissermos alguma coisa e ninguém vir, não há castigo. Este país fala muito de religião, mas aprendemos depressa a esconder-nos de Deus. As pessoas falam das outras por trás, mas pela frente sorriem-lhes. Se Deus é todo-poderoso, porque é que não acaba com isso? Ou não acaba com a guerra? O pastor diz que escolhemos de livre vontade. – Soltou uma gargalhada. – Meu Deus, quem me dera não morrer nunca. Sim, senhor, é isso que o meu livre-arbítrio

quer.

– Não discordo dessa ideia de que as pessoas se traem umas às outras.

– É mesmo! – disse Roland, de olhos postos no braço cosido. – Deus devia montar um ecrã e mostrar às pessoas o que se passa nas costas delas. Tipos a beijarem a mulher do seu melhor amigo. Mulheres a troçarem da roupa de fulana e sicrana. As mulheres não se calam com isso.

Ele atenuou-lhe o medo, sussurrando que a carroça do leite passava na estrada principal ao alvorecer e que ele se levantava sempre antes disso. Prometeu não lhe tocar com um dedo sequer.

– Lembre-se de mim como um tipo daquela raça moribunda que cumpre a sua palavra.

Ao raiar do dia, a carroça do leite parecia uma silhueta de papel preto e Mary correu para ela. Deixou-a nos arredores da cidade. Com trezentos e vinte quilómetros pela frente, apanhou boleia de um carroceiro de Wichita, que a repreendeu por «se pôr a jeito». Em Senatobia, gastou quatro dólares num frango assado, ele próprio tão malnutrido que era do tamanho de uma uva, e andou à cata de cogumelos partindo as crostas do inverno e aceitou boleias pelos caminhos ladeados de pinheiros amarelos despidos. Comprou uma lata de ostras em Yazoo City.

Vicksburg espantou-a com as suas paisagens amplas e barcos a vapor no rio. Da terra saíam raízes como as corcundas de serpentes marinhas. A cidade estava rebentada, pejada de brechas e sulcos rasgados. A sua reação instintiva era alisar tudo e coser as fissuras.

Cabeças de porcelana *biscuit* estavam esmagadas no passeio em frente a uma loja de bonecas, com um letreiro dependurado de um prego: loja das crianças. Um federalista disse-lhe que o hospital ficava na mansão de Duff Green, com os confederados no rés do chão e os rapazes da União no andar de cima. Uma bandeira amarela esvoaçava no ápice e ela encontrou-o facilmente, a ele e a um cheiro pungente a éter. Mesmo que fosse uma despedida, ela fixaria John nos olhos como fizera com o seu pai, quando ele morrera. Jaziam homens em camas num alpendre, o fedor era uma intensificação do que quer que havia de intimamente humano. Uma enfermeira que tratava de um doente gritou:

– Não fique aí parada. Venha cá.

Mary aproximou-se de um soldado com os olhos revirados. A enfermeira disse que era Norman Greer do Ohio e ela era Peg Anderson de Lawrence, no Kansas, se bem que, depois do massacre levado a cabo por guerrilheiros confederados no verão anterior, ela não pudesse propriamente regressar. Norman arqueou as costas, libertando um odor que alertou Mary para a probabilidade de o seu torso se desintegrar no colchão. A manápula dele estava encharcada. Ela tinha tanto medo de entrar no edifício e encontrar John, que não se importou de se sujeitar à aula de enfermagem. O doente não conseguia focar os olhos e Mary não era capaz de decifrar o que ele balbuciava.

– Norman – disse Peg –, isso não é verdade. Eu disse que a tua noiva te ia encontrar e aqui está ela, exatamente como a descreveste, linda como um quadro.

Mary fixou Peg, cujo lenço lhe escondia quase todo o cabelo. Norman esticou-se para Mary, mas caiu para trás com um balido asfíxiado:

– Aceito, quero sim.

– Responda-lhe – cochichou Peg. – Prometi-lhe que ele se casava com ela antes de morrer.

– Aceito casar-me contigo, Norman – disse Mary, aflita. As palavras certas fugiam-lhe.

– Na doença e na saúde. – O arquejar dele era medonho.

– Ela chama-se Frances Reynolds. De Dayton – segredou Peg. O doente na cama ao lado virou-se de lado para observar. O ar sobre o alpendre ficou conspurcado de enxofre.

– De hoje até ao meu último dia de vida – disse Mary a Norman. As suas palavras pareceram satisfazê-lo e Peg disse:

– Declaro-vos marido e mulher.

Os quilómetros começavam a pesar em Mary. Peg cruzou os braços dele sobre o peito e puxou-lhe o lençol para cima da cabeça, alisou-lho no cocuruto.

– Queria ter sido eu a casar com ele – disse ela. – Assim, quero eu dizer.

– Desculpe – respondeu Mary.

– Não – disse Peg. – Já fui mais importante para mais homens aqui do que acontece à maior parte das mulheres na minha terra. – Peg não ralhou com ela por se ter exposto ao perigo; compreendia o desejo de estar dentro das convulsões do país em vez do lado de fora, acobardada. – Gostava de saber o seu nome – explicou –, para mais tarde poder contar esta história como deve ser.

Mary disse-lho e levantou-se para entrar e ir ao encontro de John. Há uma canção feita de todos os esforços tenazes para voltarmos para quem amamos.

A canção move o mundo sobre o seu eixo.

Por isso se diz que o mundo se inclina.

O CANTO DOS PÁSSAROS ESTILHAÇARÁ OS NOSSOS OSSOS

John ficou cortado aos quadradinhos. O vento espalhou os pedaços e ele detestava ser mil papagaiozinhos de papel que assustariam os cavalos ao longo de quilómetros. Os cavalos já tinham sofrido o suficiente. Os campos estavam divididos em tabuleiros quadriculados. Verde, vermelho, castanho-claro. Um fragmento do seu pé deu por si empalado num rabo-de-raposa. Um quadrado de testa prendeu-se a barbas de milho. Mary recolhia-o, suturando-o com fios bem apertados para lhe devolver a forma. A agulha a entrar e a sair doía um nadinha, mas a acutilância dizia-lhe que não estava morto.

Movendo-se no biombo branco diante dele estava... Mary. Esforçou-se por mexer as pálpebras, quando Frank gritou:

– John? John! Acorda!

Frank pô-lo de pé à força de braços. Tudo estava cor de papas de aveia. Os doentes miavam no bloco operatório do rés do chão. O seu braço já não estava em chamas. *Mary*. O bico que o Teu cabelo forma na testa, adoro esse pormenor! O Teu tamanho é tão familiar o meu braço encontra os Teus ombros. A Tua orelha é um estetoscópio que me escuta. Levas-me para uma janela. Desabrocha uma fragrância a flores de laranjeira.

Abraçando-Te, suplico em voz alta: Onde estou?

E Tu soluças: Comigo, estás vivo.



Uma vez, no primeiro andar de casa de Nell, Mary criara uma fantasia de John, inspirada pelo carvalho do lado de fora de uma janela. Os ramos pareciam um candelabro concebido por um pioneiro. Ela visualizara-o em baixo, onde a Lua formara uma poça redonda. *Entra em mim*, chamou aquele charco de luz. *Toda a gente tem a oportunidade de escrever uma história de*

amor, de ser um ator num palco. Ela imaginou-se a deitar uma corda feita de lençóis amarrados com nós para ele trepar. A própria poça ficou tão excitada com o corpo dele dentro de si, que a corda absorveu um pouco da Lua e também brilhou, branca. A força dele era excitante para ela, e para ele, enquanto trepava os lençóis à força de braços. Quando ela o ajudou a transpor o parapeito, ele caiu sobre ela e a comédia poupou-os, levando-os para o tremor da cena que tinham desenrolado nas suas mentes.

Agora é de verdade. Ele leva-a para uma casa onde o dono apanhou federalistas a atacarem-lhe a horta e bateu na cabeça de um sargento com um tijolo, pelo que foi morto a tiro. O seu fantasma vagueia por ali. A propriedade foi transformada em hospital da União até um maior abrir na cidade. A casa fica num beco sem saída, com folhas de tabaco no friso. Depois de pedir desculpa pelo bigode e pela barba (adoro, diz ela; *desabrochaste*), John condu-la para o interior.

Ela evocará sempre, nos pelinhos nervosos das narinas, o cheiro da tinta dentro de casa, a fruta e leite, a mirtilos esmagados em leiteiro e depois coados, uma fórmula que ela reconhece da sala de Nell, um tom esverdeado, aqui cravejado de buracos. Numa mesa está uma engenhoca redonda de metal com ranhuras verticais e, dentro do círculo, veem-se imagens de um homem em diferentes poses. Quando Mary gira o círculo, o filme contínuo de um homem a correr aparece nas ranhuras iluminadas. Lembra o aparelhinho cor-de-rosa com imagens de cavalos que o pai lhe ofereceu na Madeira.

– Um zootrópio – diz ele. Uma roda da vida.

Esfomeada, ela beija-o; a surpresa dele excita-a.

É o dia 10 de março do ano de 1864, véspera de ele fazer vinte e seis anos, uma tarde numa casa crivada de balas, aquele lugar confiscado, com o seu brinquedo de imagens em movimento e um comboio construído com espigas de milho, e bonecas de pano, e cortinas de renda (rasgadas) que ela está mortinha por cerzir.



Se eu tivesse adivinhado que vinha aí uma nova catástrofe, Mary, teria ficado contigo nesta casa com a sua tinta a cheirar a leiteiro e mirtilos, teria lutado para nunca daqui sair. Enquanto inspecionavam o recinto, alegremente, encontraram a armação de uma saia rodada em barba de baleia. Ele detesta que uma coisa do mar envergonhe as mulheres por terem pernas, mas não passa de uma enorme gaiola; *ele perdoa-lhe.* Quando os estores deixam entrar a luz do Sol, Mary e ele beijam-se às riscas pretas e brancas antes de vaguearem pelas divisões, detendo-se para se abraçarem, reivindicando corporeamente a casa inteira. Para ele, é uma confirmação de que a felicidade é a pureza de não querer mais nada.

Por isso a felicidade é tão fugaz.

O pior seria compreender e apressar-se, enfiar aqueles quase três anos de separação em escassas horas. Correm para o andar de cima, passando por mais

buracos de balas, até uma cama com uma coberta tricotada. Aquele quarto tem cortinas cremes que se movem. Ele enterra o rosto no pescoço dela, o cabelo da cor da pérola negra que Nica e ele tinham visto na montra da Tiffany's em Nova Iorque: aquela pérola tinha uma centelha. Ele despe-a. Mary cola a boca à dele e, depois, solta-o para ele beijar cada centímetro da sua pele, e ela insiste em fazer-lhe o mesmo. E, então, ele penetra-a: ela grita e, quando se encaixam um no outro, quase não se mexem, enredados. E, de repente, tudo é muito intenso. Estão em carne viva e ela grita novamente.

E... *espanta-me*, pensa ela. Em qualquer ponto reduzido, com o seu ímpeto no sentido de uma maior redução, *a vida eleva-se*, fresca e forte. O puxador de tecido do estore, uma oval envolta em fio, bate no vidro. A cabeceira da cama feita de espirais de ferro range.

Quanto tempo temos?, sussurra ela. Os seus beijos são como uma queda em câmara lenta. Um feto balouça por cima deles numa lata perfurada com pregos para permitir o escoamento da água. As coxas dela pingam, os poros estão encharcados. O choro dela cobre o peito de John com um sal que ele não lavará durante dias. Passam de saberem que ele tem de regressar aos seus deveres finais na guerra a ficarem chocados por terem de o suportar, e fazem amor outra vez. O coração de John cola-se às costas dela quando a penetra de novo; e de novo se agarram, coração com coração. Baixinho, ela pergunta:

– Porque é que nos faz sentir assim?

– Ninguém sabe – diz ele. – Só sabemos que é assim.

Ele tapa-a com uma manta decorada com rodas e agarra em alguns dos raios quando a abraça. Está a destruí-lo, a delicadeza dos cabelos dela. Toca numas madeixas para que ela saiba que ele gostaria de tocar em cada fio de cabelo. Lado a lado, observam-se. Faltam-lhe uns meses, só uns meses, para regressar a casa. Ela beija-lhe a testa fustigada pelo tempo, no sítio onde todas as imagens que ele carrega se fundem.

—

As mãos deslizam pelo corpo um do outro para se convencerem de solidez. Em tempos, viveu ali uma família. Deslizam espectros no espelho. Manchas de sangue maculam o chão de quando aquela casa era um hospital. O baú de cedro está cravejado de tiros.

– Mary, estive num lugar chamado Meridian e... – Ele cala-se. Devia guardar dentro de si a maior parte dos horrores em vez de estragar aquele reencontro, mas exprime uma versão resumida. – O Isaac deu-me um tiro. Demasiadas histórias entre nós. O ódio dele. Preparava-se para me atingir outra vez e, se o Frank e o nosso amigo Alonzo não estivessem por perto, eu teria morrido. O Isaac parecia uma boneca amarrotada. Não sei mais nada depois disso. Um dia, conto-te tudo o que aconteceu, sobre uma casa em chamas, e um menino morto, mas hoje não.

– Sim. Está bem. Tenho muita pena da maneira como tu e eu nos despedimos.

– O Isaac magoou-nos, querida. Ele decidiu manchar até o meu irmão aos teus olhos. Tu e eu nunca quisemos fazer mal um ao outro. Quanto tempo podias tu viver na propriedade de um homem sem que ele te mandasse embora? Eu ausentei-me durante anos. Agora compreendo isso. O teu casamento. A minha mãe escreveu-me a dizer que tínhamos a sua bênção e que ta deu ao vivo, valha isso o que valer.

Ele não consegue acrescentar mais nada e ela diz-lhe que pode chorar se quiser.

Não, está demasiado feliz para lágrimas.

– O casamento – começa ele – é uma promessa e eu estou cansado de ferir outros homens. E tu tens quem cuide de ti. Portanto, não sei... sinto-me tentado a pedir-te outra vez que comeces do zero comigo em Nova Iorque. – Que expressão malfadada: ninguém tem a possibilidade de «começar do zero» uma vida que já está em curso.

Mary não menciona que viu o marido a beijar outra pessoa. Também não enumera os suspeitos da sua lista além de Isaac. Responde:

– Quando nos encontrámos, eu queria que tudo fosse assim, e perfeito, e neste preciso momento, só quero estar neste quarto, John. Este tempo contigo.



Pela janela entra o canto de pássaros. A criação insiste para que reparemos em simples graças tão profundas que nos quebram.



É a sua quarta hora juntos. Ela exclama «John!» quando ele lhe toca, como se não tivesse alternativa a não ser dar o nome dele às suas partes mais sensíveis. Ele acaricia durante uma eternidade todas as bobinas empilhadas que formam a coluna dela. Conversam enquanto ele está dentro dela, querem garantir, conversando, que ele fica dentro dela mais tempo, para, quando estiverem separados e a falar com outras pessoas, poderem sentir que por trás da conversa é possível continuar a fazer amor.

Quando ela foi à cadeia em menina, o seu canto alimentou-o antes mesmo de se conhecerem, antes de ele ser libertado para o tipo de luz do dia que é uma espécie de coisa que se estende por cima da cabeça das pessoas e se engancha na Lua, luz que não é cortada aos bocados. Ela pôs o fio da sua voz no ouvido dele quando eram crianças.

O teu grito no meu ouvido na cama comigo é o meu tesouro, porque encontra o eco que sempre conheci e carreguei de Ti dentro de mim, desde o começo.



Pancadas tão ruidosas como tiros quase deitavam abaixo a porta da rua.

Vestiram-se à pressa e voaram escada abaixo. Um sargento rubicundo perscrutou-os e, abanando a cabeça, vociferou:

– Alves. Estás de pé e com forças, pelo que vejo, e temos um muro para construir. Menina, está na hora de se despedir.

A BÊNÇÃO NOTURNA PORTUGUESA

A neve chegou, intensa e com garras, ao Illinois, rachando os seus molares nos edifícios. Como um progenitor à espera de um adolescente que se escapuliu para se entregar à pândega, Edward estava sentado, insone, na sala, na noite em que ela entrou em bicos dos pés. Deixá-la-ia falar primeiro.

– Ah, estás aqui – disse ela. Trazia o vestido de flanela embebido na sua própria essência, que ela não lavara.

– Eu vivo aqui. E tu também. Pelos vistos, esqueceste-te disso.

– Edward...

– Não há muito que possas dizer, pois não?

Ela avançou para ele e tocou-lhe ao de leve no antebraço, e ele sacudiu-a como se o toque o queimasse.

Apesar de dizer a si própria para parar, Mary contou-lhe que o ouvira, na palestra, trocar dela por falar com as plantas. Toda a gente se rira.

Ele teve de se esforçar para se recordar do contexto e levantou-se de um salto e, pondo a cara a centímetros da dela, gritou:

– Eles acharam graça, porque eu me descrevi como um trapalhão que precisava da ajuda do teu pai e da tua. Cobri-vos de elogios. Tu ouviste um bocadinho de troça à tua custa, mas achas que isso está ao mesmo nível que fugires para ires ter com outro homem?

Ela soltou-se das garras dele.

– A Maud – disse. – Beijaste a Maud. O Hotel City, e a Gertrude...

Ele pegou numa jarra para a espatifar na lareira, que devia estar acesa, só que, gritou ele, ficara tão transtornado que não tivera forças para fazer nada.

– Tu foste ao encontro do perigo e podias ter sido morta, ou atacada por homens, ou ficado ferida, Mary. Foste inacreditavelmente irresponsável. Não te importas com a minha aflição? Que eu tenha mandado homens e tenha ido eu próprio em missões inúteis para te localizar?

– Eu tinha de ir. – Acrescentou que não sentira medo.

– Como se o resto não bastasse, ainda me insultas por ser covarde. É verdade, não gosto da ideia de disparar e matar. O que eu enfrento contigo requer uma coragem que tu ignoras.

– Disseram-me que ele podia estar a morrer.

– E estava?

– Sim.

– E morreu?

– Não.

– Não. Está certo. A Maud é uma rapariga poderosa, mas frívola, pela quinquagésima vez, Mary Catherine, e tal como todos os homens que estavam na festa dela, também eu a beijei. Tiveste o atrevimento – o seu rosto adquiriu o tom de sangue seco quando gritou –, o maldito atrevimento, de comparar isso com a tua ida para uma zona de guerra à procura de uma pessoa? Não te contei, porque tu ficas treloucada com aquelas mulheres e, sim, a Gertie estava lá. A festa não era minha. Querias que eu lhe pedisse para se ir embora? Foi a celebração do noivado da Maud. Finalmente. Com o Billy Mars, que estava aos beijos com a Phyllis Barksdale. Edward estúpido. Ponto final. Menti-te. Tens razão. Não te levei, porque te queixas e amuas quando odeias uma coisa. Como é que te atreves a comparar esse disparate parvo com violares os votos que me fizeste por estares apaixonada por outro homem?

– Eu...

– Não digas nada, Mary. Nem tentes. Não me vou divorciar de ti. Mas não quero olhar para a tua cara durante muito, muito tempo.

Isso significava claramente que era ela quem tinha de se ir embora.

Mary sofreu mais um choque quando visitou Nell Clark, esperando encontrar um refúgio e, depois de lhe contar o que acontecera com Edward, Nell comentou friamente, sem a convidar a entrar enquanto o vento gemia e a neve redemoinhava:

– Pensei que tivesses aprendido a estar à altura do teu novo estatuto social, Mary. Que desilusão. Eu também estive na festa da Maud e tu devias lá ter estado e ter aguentado, mas não recrimino o Ward por não te ter falado de nada. A Maud até merecia um certo reconforto frio. O Billy tem um estatuto social elevado e já anda envolvido em casos que a fazem parecer uma freira. Tu irradias ansiedade e paixões desenfreadas que imaginas que são do interesse de toda a gente. Agora fizeste recair o escândalo sobre um indivíduo que te venera. És teimosa e imatura.

– Fui ter com um amigo que estava a morrer, Nell. – Mary suplicava. – Tu sabes que alguém fez coisas horríveis para me separar do John.

– Coitadinha de ti, com um casamento invejado por metade das mulheres de Springfield.

– Nell, eu gosto do Edward. Tu sabes disso.

– Então, começa a agir em conformidade. Achas que a Maud é escandalosa, mas tu não? – Soltou uma gargalhada. – Para te comportares como uma esposa respeitável, podias começar por não vir a correr como uma

criança para casa de uma vizinha. Não te deixo entrar. – E a mulher que apoiara Mary desde o princípio bateu-lhe com a porta na cara.

Mary voltou a morar com Perpétua na casinha e Edward comunicava com ela através de bilhetes formais. Até Pet se confessou desiludida com o comportamento de Mary.

Então, como se o pedido de refúgio da sua alma exigisse a presença dos exilados originais habituados ao desespero, Nica convocou Mary a Jacksonville.

Uma Serafina moribunda chamava por ela.

Quando Mary entrou na casinha de Madeira Hill, Nica mandou-a ir ter com Serafina, que, estendida na cama, de vestido cor de espuma do mar, disse em voz rouca a Mary:

– Hoje vou para casa.

Era como o caroço no âmago de um pêssago, profundamente marcado e consistindo de muitos verões de água e céu, com olhos como os de John, feitos de noite. Na mesa, estava a Máquina do Som. Uma página coberta de fuligem encontrava-se ao lado dela, com curvas e traços arranhados: as últimas palavras de Deus proferidas através de Serafina Alves, e parecia que ela tinha desenhado as ondas do mar. Nica explicou que John enviara um artigo a Hugo Meline, sugerindo que acrescentasse fuligem ou cinza ao papel do rolo para captar marcas mais nítidas.

Nica e Mary estenderam-se de cada lado da grande senhora e deram-lhe a mão. Nica tentou brincar com Mary:

– Ela recusa-se a revelar o que diz o desenho. Quer que o John o decifre. O seu último estudo do som juntos. Casmurra até ao fim.

Serafina estremeceu, levando a mão à barriga.

– Foi o que Deus me sussurrou. – Dirigindo-se a Mary, acrescentou: – Pode ser demasiado tarde, mas quero ser tua mãe. Não é uma mensagem de Deus, é um pedido meu.

– Gostava muito, minha senhora – respondeu Mary. – Mãe. Nunca tratei ninguém por mãe. – Ouviu John a transmitir: *Ela jurou crescer através da terra para ser a madeira de árvores acolhedoras, será uma mesa, um berço a aconchegar um neto.*

– Podes levar a máquina que o meu filho fez, Maria Gato – rematou Serafina.

– Sim, mãe – respondeu Mary. – Eu guardo-a.

O crepúsculo trouxe o soluçar dos grilos e as estrelas preparavam-se para polvilhar o quintal.

– Sonhos cor-de-rosa, mãe – desejou Mary, oferecendo-lhe a bênção noturna portuguesa. *Que Deus a abençoe e faça de si uma grande santa... boa noite, durma bem.* O pai preparara-a para ser corajosa nas despedidas. Mary acompanhá-la-ia agora através do portal, levá-la-ia até ao rio. Serafina, a sua carne um mero empréstimo do Senhor, entranhou toda uma parte do seu ser em Mary, moléculas de fé, e respiração ofegante, e redenção.

Mamã, gritou Mary.

– Descansa, mãe – proferiu Nica.

Um beijo para Nica, a primogénita. Um beijo para a nova filha, Mary. Morrer pode ser como vazar com a maré. Somos gente do mar, meninas. Compreendo a morte, é deixar espaço para outras pessoas. Mas a dor, eu não entendo. Falarei com Ele sobre isso. É uma ideia má. E, como Mary continha John, John abraçou a mãe.

Serafina Alves transmitiu sem falar: Viverei nas flores. Não chamem a isto uma despedida.

No cemitério da zona leste da cidade, enquanto o pregador os conduzia nas preces em redor da caixa de carvalho dela numa cavidade da terra, o comboio da Northern Cross passou, veloz, na sua diagonal pela baixa. Era famoso por espalhar cinzas, e a fuligem assentou neles, como se a página com as derradeiras palavras de Serafina, a Voz de Deus através dela, se tivesse soltado para estar com ela. Enlutados da Primeira e da Segunda Igreja Presbiteriana Portuguesa – fações unidas – concluíram com o hino «Abide With Me».

Nica hesitou em escrever a John, em Vicksburg, temendo a reação dele. Mary fez-lhe ver que ele regressava a casa dentro de pouco tempo e podiam dar-lhe a notícia numa altura em que não tivesse de sofrer sozinho.

Escreveu:

Querido Edward, vou ficar em Jacksonville durante uns tempos. Peço-te muita desculpa por aumentar a tua dor mencionando o nome do John, mas a mãe dele morreu e a Nica precisa de mim e convidou-me para cá ficar. (A Nica é a irmã mais velha dele.) Temos de falar de uma série de coisas, eu sei. Diz à Pet que vi um fungo nas camélias. Temos de mandar 40 saquetas para a Loja Arca do Tesouro em St. Louis. A Dilly pode cosê-las. O Bill Farnsworth quer mais tomate rosa. Por favor, Edward, perdoa-me um bocadinho primeiro, se conseguires, e depois sim, podemos falar do nosso casamento. Estou desfeita de confusão, mas lamento muito, magoei-te outra vez e não é justo. Foste bondoso desde o princípio, com o meu pai e comigo. Fizeste-me mais forte. Preocupo-me contigo, a sério que preocupo. A tua mulher que gosta de ti, Mary

Não recebeu resposta.

Bordou a sua toalha de mesa.

No quintal, o milho estava morto de acordo com a estação, já não ciciava como aquelas cobras que se erguem de cestos quando ouvem música.

Nica e Mary viram cotovias a elevarem-se.

O seu canto dizia: *Voaremos com ela, a Mulher Que Falava com Deus.*

O SINO DOBRA NOVAMENTE

27 de março de 1864, Vicksburg

Mary,

Daqui a menos de 3 meses retiro-me honradamente do exército. Estou carregado de emoção por causa da nossa tarde mas por favor não voltes a pôr a Tua vida em perigo, Querida. Embora eu não quisesse falar muito sobre Meridian, como sabes, um dia prometo que tento fazê-lo. A última vez que a Nica me escreveu dizia que a Mãe não estava bem & fiquei preocupado. Para aguentar estas últimas semanas, ajuda-me reviver o Teu Amor enquanto me abraçavas. Não sei o que fazer mas vou falar contigo & com o Edward & podemos analisar como nos fizemos mal aos 3. Se não for possível termos mais tempo juntos do que aquele que já tivemos, sinto-me mais corajoso para enfrentar isso. O meu serviço em nome do País que nos deu abrigo aproxima-se do fim. Para sempre & sempre, John.Alves.

Impossibilitado de enviar a carta, por entre muitos resmungos de que Vicksburg era um posto avançado demasiado importante para ter um serviço de correio tão mau, entalou-a entre as páginas da sua Bíblia.

Um grupo de limpeza que incluía Bill Snow e três colegas da 14.^a Companhia receberam ordem para percorrer o Natchez Trace e eliminar quaisquer guerrilheiros confederados. Como os homens não regressaram no prazo previsto, o sargento Phineas Blackwell mandou outra equipa atrás deles, que incluía John e Frank, juntamente com Caleb Snyder e Patrick O'Donohue da 53.^a Companhia do Illinois. As ordens chegaram demasiado depressa para

que John pudesse entregar o seu bilhete aos cuidados de alguém e a urgência foi abreviada pelo facto de ainda só terem passado dezassete dias desde a casa de mirtilos e leitelho. O seu esplendor ainda o envolvia.

Deparam-se com o que deduziram ser os restos da expedição original chacinada, os corpos já a cederem, no pântano, a uma decomposição que fez com que Frank cambaleasse à beira de desmaiar. Patrick declarou que aquele clima, com os seus vermes e nenhum respeito pelo repouso derradeiro de um homem, era tão vil como os secessionistas. Os homens quase não pareciam homens. John acompanhou Frank a um sítio isolado, um ponto alto junto de um bosque, e Caleb e Patrick concordaram em ficar de vigia e provocar Frank para ele não desmaiar.

John voltou para a mata e identificou os três homens: um pelo seu diário e os outros dois graças aos papéis presos com alfinetes no interior dos casacos. A uns passos dali, John encontrou Bill Snow, com uma mão em cima do fígado.

– Bill – disse John. – Vamos lá levar-te para o acampamento. – Ficava a mais de uma hora de distância. Ajoelhou-se para o ajudar, mas Bill gritou para que o deixasse e arquejou:

– Nem sequer dói. Não quero ser mastigado por um urso. Pasto de urso.

– Não há ursos aqui. Não devias falar.

– O Pryor deu um tiro no Isaac, tu deste um tiro no Pryor, o Isaac deu-te um tiro, o Frank deu um tiro no Isaac. Meu Deus.

– Tivemos um comandante que se passou da cabeça. O Isaac já era louco à partida e piorou, mas não fiquei feliz com o destino dele. Seja como for, isso tudo é passado, Bill.

Os derradeiros minutos de Bill borbulhando sob a mão de John. Bill ofegou:

– O meu pai não valia nada, deu-me o seu nome infernal. Espancava a minha mãe, cobria-a de nódoas negras. Matou-a, a justiça nunca o apanhou. Deus vai-nos confundir um com o outro. Não me vai deixar passar os portões.

– Acho que ele é capaz de vos distinguir um do outro, Bill. – John tirou a Bíblia do casaco, extraiu a carta destinada a Mary e, enfiando o livro no bolso dele, disse: – Isto protegeu-me em Shiloh. Era da minha mãe e Deus protege-a. Fica com ela.

– Obrigado. Quero a Palavra Sagrada comigo.

John anotou o seu nome e morada na folha de rosto, e ainda a informação de toda a gente na sua família.

– Queres que escreva também o teu nome, para Deus saber quem és? – perguntou. – Vou anotar William Snow, Júnior.

Mas Bill pegou na Bíblia e segurou-a com força, gemendo:

– Como é que Deus me pode deixar entrar? Matei pessoas. Tal como o meu pai fez, ou pior.

– Cumprimos o nosso dever – disse John – e isso significa que alguns homens têm de morrer ou ser mortos por uma boa causa. – Pareciam as

futilidades que vinham nos jornais papagueadas por pessoas que não faziam ideia do que estavam a dizer.

A pele de Bill tornou-se firme como cera quando ele faleceu.

Quando John voltou para trás, encontrou Caleb e Patrick degolados e Frank sumira. O céu atarraxou-se à sua cabeça e girou-o umas quantas vezes, decidido a enfiá-lo na terra. Tropeçou para o interior da vegetação rasteira, passou pelos corpos dos mortos, incluindo o de Bill Snow. Medo do inimigo impediu John de chamar Frank. Tentou regressar à estrada, mas desaparecera do mapa. A dor do seu ferimento no ombro atravessou-o. Talvez Frank tivesse sido preso, mas não fazia sentido ele ter sido poupado e os outros, não. Caberia a John encontrar o cadáver do amigo. Um arquejar como um soluço subiu-lhe ao lobo frontal. Estava com dificuldade em encontrar o caminho de volta e deixou-se cair contra uma árvore. Ainda podia haver franco-atiradores nas proximidades. A ideia de Elizabeth Meline vestida de preto obrigou-o a levantar-se. Releu a sua carta mais recente destinada a Mary, depois pegou na espingarda e começou a andar. Ao quarto dia – ou seria o sexto? –, perguntando-se porque é que não via ninguém e ninguém viera à sua procura, tentou não se inquietar por se lhe afigurar impossível encontrar o caminho de volta para Vicksburg. Comeu casca de árvore; assou um esquilo e achou a carne repelente.

Uma tarde, num brejo que ele estava convencido de que já contornara, teve de se esforçar por não ficar histérico. Uma ave canora lançou o seu chamamento. Não tinha mal nenhum seguir-lhe a melodia. John caminhou até o ar estar saturado com um vapor que ele esperava ser um sinal da proximidade do rio. Como não dispunha de forças para afastar os ramos, as folhas roçavam-lhe o rosto. Quando o Sol iniciou a sua descida, ele viu os penhascos de Vicksburg.

A sua reentrada numa zona no exterior de uma das fortificações foi recebida com olhares fixos dignos de quem observava um fantasma. Mark Robertson exclamou:

– Cos diabos.

John transmitiu a Mark, e a outros soldados que se reuniram, que o primeiro grupo, bem como Caleb e Patrick, morrera numa emboscada e que Frank tinha desaparecido. Estava ele ali?

– Não o vi – disse Mark. – Mas, John, tu morreste.

O sargento Phineas Blackwell avançou, semicerrando os olhos, enquanto a luz do crepúsculo iluminava uma nuvem cintilante de insetos atrás dele. Ele assobiou e disse:

– Alves, nós enterrámos-te. És Lázaro.

John estava a despender uma energia considerável só para se manter de pé apesar de sentir a terra a balouçar. O sargento Blackwell conduziu-o para uma nogueira onde se podiam sentar e explicou que uma terceira expedição se cruzara com todos os cadáveres.

– Aves necrófagas encontraram os mortos. Ninguém estava...

reconhecível. – Tirou uma bolsa de tabaco, enrolou um cigarro e acendeu um fósforo no tronco da árvore. John aceitou a oferta de um cigarro. Blackwell expirou uma pluma de fumo e John lançou uma baforada ao encontro dela. A verdade começava a assentar.

– Encontraram a minha Bíblia num corpo mutilado e pensaram que eu tinha morrido? – O cavalo de um coronel entrara, uma vez, a galope num acampamento sem o oficial e os jornais noticiaram que ele tinha morrido. A família sofreu durante dois meses, até ele recuperar dos ferimentos e lhes escrever.

– Exato, Alves. Estiveste mais de uma semana ausente. O capelão foi ajudar a enterrar toda a gente. Fogo.

– Mas aqui estou – disse John. Estremeceu só de pensar em Bill Snow com o rosto e a sua essência, todas as partes moles, comidos pelas aves. Ou Frank com esse destino, embora isso talvez fosse melhor do que ser capturado. Um prisioneiro do Illinois ficara só com trinta quilos e amputara o próprio pé gangrenado com um canivete. Tomara que Frank não tivesse desertado. De certeza que ele não fugia sem avisar John.

– Pois, aqui estás. – Blackwell cravou os olhos numa distância intermédia enquanto o sol reduzia a sua intensidade. – Não tinha imaginado o ar dos mortos. Detesto enterrá-los longe de casa. E detesto ainda mais quando não têm aspeto humano. Não estudámos isso na Academia Militar de West Point.

– Ninguém está preparado para tal coisa – concordou John. – De certeza que ninguém viu o Frank?

– O Meline? Desapareceu. – Exalaram argolas de fumo. – Ouve, Alves – disse Blackwell –, é capaz de haver um equívoco que vais querer corrigir. O capelão que acompanhou o último grupo foi transferido para a Georgia. Ele era meticoloso e é possível que, em breve, a tua família seja atormentada por más notícias. Não tenho a certeza se ele escreveu bilhetes de condolências, mas passou a noite inteira sentado a uma secretária depois dos enterros. Tu estiveste muito tempo ausente. Ele encontrou o que restava de ti agarrado a uma Bíblia com o teu nome e morada e informações acerca de toda a gente da tua família.

As palavras do oficial pareciam vertidas para dentro de um cone que John tentava, desajeitadamente, encostar ao ouvido. Do casaco, tirou a carta amarrotada com a data de 27 de março e endereçada a Mary. Estava fibrosa de humidade.

– Escrevi a uma amiga, mas devia rasgar a carta e enviar outra atualizada.

– Quer o destino – disse o sargento Phineas Blackwell – que aí venha o cozinheiro irascível com a saca do correio.

John iniciou uma discussão com o cozinheiro, pedindo-lhe mais tempo para escrever um novo bilhete. O cozinheiro sugeriu, com especial fervor, que não tinha o dia inteiro a perder à espera que um soldado escrevesse uma

patética carta de amor.

– Manda o que tens – aconselhou Blackwell. – O carimbo dos correios vai elucidar o assunto, se é que o capelão foi eficiente. Prepara um esclarecimento para enviáres amanhã.

John rabiscou estou vivo no envelope, as letras esborratadas de humidade, e reescreveu a morada de Mary. O cozinheiro agarrou na carta e foi-se embora com o seu passo penoso.

– Que simpático – comentou Blackwell. – Com certeza devido aos elogios que recebe por causa do seu pastel de truta. Alves, tenho de me despedir de ti e ir ao encontro de outro regimento perto de Jackson. Bem-vindo de volta à vida. – Urgiu-o a não ficar com aquele ar tão perturbado. John devia concentrar-se em mostrar à sua família que conseguira regressar dos mortos, embora talvez não tivesse motivo para preocupações.

Pensou em escrever a Elizabeth sobre Frank, mas mantinha a esperança de que não fosse necessário inquietá-la para já e voltou para a caserna comandada pelo capitão Lucas Johnson. O capitão Manford Pryor desaparecera na goela da guerra, mas John ainda esperava uma noite de sono livre do receio de um pelotão de fuzilamento por ter alvejado um superior hierárquico.

Soldados andavam às voltas dentro dos muros enclausurados, enquanto o vento trazia tufo de algodão e hastes de feno da beira-rio. Alonzo saiu do caos para perguntar a John o que acontecera e as palavras de John falharam-lhe, inseririam sempre lacunas na resposta. Um indivíduo de Jacksonville chamado John Harris – o seu espírito levava tudo para a futilidade – afugentava o algodão que pairava sobre toda a gente. Harris atirava detritos a homens que tentavam ler e a John, que procurava freneticamente papel para escrever a Mary e, volvidos segundos, a maior parte deles lançava lixo uns aos outros, tudo a que conseguissem deitar a mão. Abner atirou cascas de milho a John Alves, cuja pontaria fracassou quando as arremessou de volta, acertando na cabeça do capitão Johnson enquanto Harris despejava papéis em cima do oficial.

– Parem! – berrou Johnson. – Alves! Harris! Atingiram-me com detritos! Quimby, manda estes palermas estar quietos!

Aos pulos de alegria, Harris esgueirou-se de mais algodão esvoaçante e atirou palha a um desmancha-prazeres encolerizado que correu com ele ao insulto.

– Que raio de idiota sem princípios se opõe a um bocadinho de diversão? – gritou Harris.

– O que é que disseste, Harris? – gritou o capitão.

Um punhado de bolachas bateu no peito de Harris.

– Eu disse que acho uma falta de princípios oporem-se a uma brincadeira de rapazes, capitão.

Enquanto a companhia quase toda continuava a engendrar uma versão de uma batalha de almofadas, o capitão Johnson dirigiu-se para os seus aposentos

para decretar o conselho de guerra.

O soldado John Harris foi acusado de instigar um motim e John Alves e Abner Quimby foram alvo de uma acusação menor: desobedecer às ordens diretas de um comandante. O juiz M.M. Crocker, um general-brigadeiro, presidiu ao julgamento em Natchez. Harris deu-se como culpado de atirar detritos e, assim, fomentar a desordem. Mas não aceitou as culpas – não, senhor – por ter chamado ao capitão um homem sem princípios. Ele chamara a *outra* pessoa um homem sem princípios e, de facto, *era* um homem sem princípios.

O julgamento durou quinze minutos e os réus foram considerados culpados de todas as acusações. E eis as grilhetas. O capitão Johnson declarou que todos os imbecis do regimento eram igualmente culpados e aplicou a toda a gente a mesma pena de vinte dias de trabalhos forçados a reconstruir os muros do forte e sem qualquer contacto com o exterior.

7 de abril de 1864, Mary, NÃO ACREDITES em nenhuma carta de um capelão que encontrou a minha Bíblia no corpo de um morto. É possível que essa carta nunca tenha sido enviada, mas estou preocupado. Escrevi «ESTOU VIVO» no envelope de um bilhete anterior que Te enviei. Surgiu um problema que me impedirá de comunicar contigo durante uns tempos. Mary, o nosso laço vai sobreviver de qualquer maneira. Não posso enviar-Te isto durante 20 dias & DEPOIS SÃO MAIS 8 OU 10 para chegar a Ti, mas vai voar assim que Deus & o nosso severo capitão o permitirem. John.Alves.

Os dias lentos tornaram-se ainda mais pesados com tijolo e argamassa. Para contrabalançar o tormento de ela o julgar morto, ele disse para si próprio que, em breve, se ergueria dos mortos e a deixaria contente. Harris pediu desculpa por lhes ter causado aquele dissabor. Abner respondeu que a luta fora a coisa mais divertida que fizera desde o início da guerra. O fantasma trôpego de Isaac, só com um sapato e um buraco no peito, surgiu-lhes, mas Frank nunca apareceu.

John rebobinou e reviveu o seu tempo com Mary na casa do zootrópio. *Dois meses e meio e volto para casa, amor.* Um período que se encaixa sobre o infinito e o nada.

6 Percurso florestal histórico que se estende ao longo de mais de setecentos quilómetros e atravessa três estados do país. (*N. da T.*)

SE EU MORRER ANTES DE ACORDAR

Mary estava a fazer compras na mercearia de Ray. Ele achava perturbador a sua loja ir de vento em popa por as pessoas precisarem de artigos reconfortantes em tempo de guerra: doces e dónutes, e os vestidos prontos a vestir que ele tivera a clarividência de encomendar de antemão (o que levou muitos comerciantes a resmungarem por um estrangeiro ter percebido isso antes deles), e lanternas-mágicas, pentes de tartaruga e romances de cordel que vendiam como pãozinhos quentes, pelo que ele duplicou o preço, exacerbando assim a noção do seu valor. Até tivera de intervir numa disputa entre duas mulheres que se empurravam para ver quem ficava com o último exemplar de *O Segredo de Lady Audley*.

Nica entrou de rompante, sem o seu habitual carregamento de frascos para vender, e o ar que ela arvorava fez com que Linda, a filha de treze anos de Ray, parasse de encher uma prateleira com cadernos. Nica estendeu o braço para entregar uma carta a Mary. Ray apoiou as mãos no balcão. Mary esforçar-se-ia por se lembrar do momento em que patinhara na serradura. Quando alcançou Nica e pegou na carta, Nica pediu:

– Diz-me que não li bem.

1 de abril de 1864

Cara família Alves de Jacksonville,

Tenho o privilégio de ser capelão do exército do Tennessee e, embora o meu fardo seja mais leve do que aquele que pesa nos ombros dos homens que servem o nosso país, o meu coração está

sobrecarregado quando tenho de cumprir a missão de informar as famílias de que o seu filho, marido, tio, irmão – eles são todos nossos irmãos – faleceu neste mundo e alcançou a glória dos céus.

É com pesar que julgo caridoso informar-vos de que uma das Luzes da vossa Vida se extinguiu, para melhor contemplar a Luz na mão direita de Deus. O soldado John Alves é um dos caídos na causa da nossa União. Que vos sirva de consolo saber que hoje o encontrei agarrado à sua Bíblia sagrada, em cujas páginas encontrei o nome dele escrito, como que no firmamento, ao lado da morada da sua residência no Illinois, a terra natal de tantos combatentes desta unidade! A lista de famílias que requerem este meu triste serviço é lamentavelmente longa.

Ele foi enterrado com a sua Bíblia e os seus companheiros, com preces e todo o respeito devido à forma mortal com que Nosso Senhor trouxe o espírito dele a este mundo.

Peço-vos que levantem os olhos do vosso choro! Ele serviu bem o país e Deus, e as suas mãos segurando a Palavra Sagrada na hora derradeira são testemunho da sua salvação. Ele foi chamado pelo Senhor para continuar o seu caminho no Céu. Ao vosso sacrifício também são concedidas todas as honras e aclamação.

O vosso obediente servo do Senhor,

Reverendo Obadiah Sutton

Mesmo com os óculos, a visão dela toldou-se. Como John estava nos braços do sono, Mary juntou-se-lhe, enroscada na antiga enxerga dele, mas o seu cheiro já não existia, aproximando-a mais do aspeto da rigidez cadavérica. Nica movia-se como uma mulher de cem anos. Mary sempre pensara que sentiria imediatamente se John morresse. Se estivesse morto. Enganara-se.

Demasiado atordoada para verter lágrimas, Mary chorava ao contrário, o fluxo de lágrimas entrava-lhe pelos olhos em vez de sair.

Sim, serás como o que se deita no meio do mar.

Deus castigava-a por voltar para o seu primeiro amor. Terá sofrido quando morreu, quando uma bala o rasgou? A sua própria carne sobressaltava-se sempre que pensava nisso.

Os sapatos brancos de Serafina exalaram a um canto.

No dia seguinte, e no outro, John repousava algures. Uma sensação difusa de que precisava de andar fê-la levantar-se e Nica ergueu-se também, uma cena saída de uma lição que aprenderam depressa no Illinois: se forem apanhadas num nevão, *nunca adormeçam*. Tomadas pela fome deprimente

conhecida como *um sentimento de perda*, partilharam papas de aveia.

Nica não conseguiu terminar as suas encomendas de vinho e *brandy* e meteu baixa na escola dos surdos. Enquanto se forçavam a comer pão com doce que Ray lhes mandara, ela comentou com Mary:

– Eu sabia que a mãe ia à frente para o acolher. Para preparar o caminho.

Ray contactou Perpétua, que visitou Mary e a urgiu a trabalhar na sua toalha de mesa. Pet engarrafou o vinho de Nica e levou-o à mercearia de Ray. Temperou a habitual alegria no seu passo e prometeu contar a notícia a Edward.

– Mas fica aqui uns tempos – sussurrou ela. Dilly assumira as rédeas do trabalho. – O John queria que ficasses bem – disse Pet. – Por favor, sai uma vez todos os dias e borda pelo menos vinte pontos todas as noites.

Visitar o jardim público que ele iniciara, uma colaboração forçada com o seu agressor, no terreno doado pelo marido que ela ferira profundamente, era para lá de insuportável. Soube que a propriedade tinha crescido até adquirir a sua forma final e digna, e que os cidadãos se sentiam revigorados pela sua existência, mas ela desviava-se para não passar por lá.

A coluna de Mary conservava a sensação de John. Um homem perto da Ourivesaria Ives pôs a mão com tanto cuidado nas costas dela para a amparar, que receou que ela estivesse a ter uma espécie de ataque, *e estava*, porque o toque ao de leve lhe pareceu um golpe de martelo desferido no ângulo certo para a quebrar.

O seu abdómen expandia-se. Ela ignorou-o. Sabia o que era.

Jantava frugalmente. O jantar era uma fatia de melão, ou água quente com uma infusão de alfazema. O pequeno-almoço era elementar: água ou ar. Ela detinha-se na presença de simplicidade. O ângulo onde duas paredes se uniam ao teto. Uma laçada de cordel. As pontas das folhas.

Tentou inundar a mente com imagens de John, em especial da tarde em Vicksburg, mas o seu cérebro fazia pouco dela: *Não estás pronta para ver recordações*.

Mary acrescentou pontos à sua toalha de mesa, agarrando-se a essa rotina. Não recebeu notícias de Edward e viu que havia justeza nisso. Os seus bordados tornaram-se frenéticos. Ela devia levar aquela obra de arte para casa dos Lincolns, em Washington, em nome de John, para informar o Presidente de que ele dera a vida pela União. Nica aconselhou-a a não desfazer e a corrigir uma linha torta num bordado de lã. *Deixa que a toalha fale acerca dos tempos em que vivemos.*

Mary não lhe contou (nem ela nem a ninguém) que o seu ciclo estava atrasado.

Flores chocavam a vista quando Mary se dirigiu, cambaleante, para a cidade, a sua vividez tão intensa que feria. Girassóis soltavam o pontilhismo nodoso das suas caras. A *The Morgan Journal* anunciara um espetáculo de Espelhos Giratórios e ela pagou vinte centimos para entrar num auditório em State Street forrado de espelhos até ao teto. A multidão exibia versões educadas de excitação. Mary estava rodeada de projeções e zumbidos. Espelhos gigantescos transbordavam de lagos e rios. Escorriam cascatas pelos painéis de vidro que se estendiam do chão até ao teto, despenhando-se e troando, um folho em cada base. Um menino com um chapéu de marinheiro contorceu-se; um homem de idade com uma bengala dormitava num banco encostado à sua velha noiva. Tu e tu e todos nós ao pó voltaremos. As projeções transformaram-se em oceano, marés com espuma recortada. As imagens passavam de chuviscos a aguaceiros. O que a inundou foi o pensamento: *Corpos de água choram em vez de mim.*

Mary reparou numa sombra deslizando numa carpete, parecendo a escuridão amarrotada presa ao calcanhar de uma pessoa ao meio-dia. Um tiquetaquear dentro do seu corpo exigia a sua atenção, uma percepção crescente de que estava grávida. Tinha a certeza absoluta. O sangue recusava-se a jorrar de dentro dela, a vergá-la com as dores mensais. Furiosa, inflamou-se: Como és capaz de me deixar sozinha com o nosso filho?

Não era de Edward.

Escuta. A dor está em toda a parte. Vem do menino de fisga, chocado por não ter pai, da viúva junto do tanque da roupa. Billy Fleurville, o barbeiro de Lincoln, em breve chorará pelo seu filho Varveel, que falecerá no Regimento de Pessoas de Cor. Billy só terá mais três anos antes de morrer de dor.

De Portugal levanta-se o fado, os lamentos dos pobres e das mulheres de rua, um carpir que o cantor tenta fundir na música, tenta que se torne a própria música.

Dissolver-se em notas, para nunca mais voltar.

Edward comentara, um dia: «Imagino-te de pé junto de uma janela, a olhar lá para fora, grávida do nosso filho. Essa pose dir-me-á que sou pai.» A sua intenção era bonita, mas, apesar da imagem de serenidade doméstica, essa frase indicava também que o marido a visualizava com um olhar distante para lá de uma vidraça límpida, os olhos e a mente noutro lugar, exterior, um retrato que nem todo o cônjuge partilharia com o outro. O telegrama dela:

Querido E., Estou de pé junto de uma janela, grávida do J. M

Uma espécie de bondade quebrou-a. Edward não respondeu diretamente ao telegrama dela, mas mandou um mensageiro levar a notícia de que o Professor Moore tratara de tudo para que a sua esposa e a amiga repousassem numa casinha de campo em Beardstown, de um colega do Illinois College, que estava atualmente vaga. O interior do telhado do belveder formava um intrincado padrão de espinha de peixe que ateou uma sensação que se moldava no sentido de uma harmonia atarefada. Se Mary não podia cuidar de John, sabia-lhe bem tratar da irmã dele. E o ar do campo aliviava os enjos de Mary.

Ao quinto dia, concluíram que, havendo outras pessoas a passar dificuldades – tal como elas próprias em tempos precisaram de caridade –, o ócio era pior do que a dor. Ofereceram-se como voluntárias para trabalhar no hospital de antigos combatentes de Beardstown. Um médico informou-as de que um doente, Michael Windsor, estava tão debilitado pela pneumonia, que se mantivera inconsciente enquanto o despachavam num contingente de baixas do Condado de Cass, apesar de ele pertencer à 14.^a de Nova Iorque, antigos combatentes de Antietam e Gettysburg.

– Nova Iorque! – murmurou Nica. A cidade das farras com John, que era como um filho para ela, a passearem por todo o lado.

Nica encaminhou-se para Michael Windsor, ao fundo da ala, passando por todos os homens em sofrimento. Sem se preocupar com o perigo de contágio, pegou nas mãos do tísico. Mary estava demasiado longe para ouvir a conversa, mas falavam com uma cadência de prazer. Eis, pensou Mary, a coisa positiva, luminosa e cruel: o inesperado da vida, a velocidade das reviravoltas.

Uma semana depois, com as suas maleitas em remissão, Michael Windsor de Brooklyn, Nova Iorque, declarou-se a Antonieta Isabela Alves, de Santa Cruz, na Madeira, Trinidad, Manhattan e Jacksonville, no Illinois, perguntando-lhe se estaria disposta a acabar de ressuscitar um homem, acarinhando-o assim como ele a acarinharia, e se aceitava casar-se com ele mal o seu peito remendado conseguisse emitir, com a necessária plenitude, os devidos votos.

Ela explicou que era casada e nunca se divorciara. Não era virgem. Ele

seria bígamo.

Michael assegurou-lhe o valor da história privada. Mentiriam num documento legal enquanto abraçavam uma verdade mais forte.

Quando Nica hesitou, receosa de a abandonar, Mary insistiu para que se casasse. E, mesmo assim, não contou a Nica que tinha a certeza – até à medula dos ossos, até ao âmago do seu útero habituado a sofrer tantas dores – de que estava grávida de John.

Mary e a melhor amiga de Nica, Ella King, outrora Helena Reis, foram as damas de honor, e compareceram no registo civil com ramalhetes de lírios-siberianos. Um funcionário assinou o documento. A noiva levou um vestido lilás com apliques de tulipas e uma gardénia brilhava-lhe no cabelo escuro. Um bolo de alperces feito por Ella luzia frutos de maçã, drageias prateadas e rosas azuis de glacé.

Depois de uma cerimónia que praticamente nem durou dez minutos, Nica beijou o seu novo marido e exclamou: Sim, meu amor. Sim! Mudo-me contigo para a costa leste! Michael recebera uma proposta para regressar à sua profissão de advogado de patentes na firma de um tio – a Gardner, Windsor & Rice – em Brooklyn.

Mary disse que estava na hora de se ir embora também, hora de enfrentar o seu destino. Nica devia vender a casa onde a mãe morrera, aonde John nunca voltaria. Em menos de uma semana, uma viúva com uma filha da mesma tribo que elas comprou-a. Tinham morado até aí numa herdade na pradaria e estavam desejosas de conservar o recheio da casa.

Nica só queria guardar a página coberta de fuligem que a mãe criara no fim, não por acreditar que continha uma mensagem do Além, mas por lhe lembrar que nascera de uma mulher robusta que não se intimidava com o sofrimento. Nica Windsor colocou a engenhoca do som num caixote para Mary e decidiu mudar-se com o marido em vez de esperar por Rui, que talvez nem a avisasse ao regressar, porque, numa terra variegada, até a alegria suprema deve, quando ocorre um êxodo – como uma pérola que se forma em redor de uma abrasão de areia –, conter elementos de alguém, ou algo, perdido.

—

Ele sentiu que ela estava à espera de ouvir.

O seu telegrama foi sucinto: *És bem-vinda. E.*

—

Quando Mary usou a aldraba para bater à porta e não recebeu resposta, experimentou rodar a maçaneta e entrou. Ward estava absorto à sua secretária. Não a fora buscar pessoalmente. Ela pousou o saco de viagem do lado de fora do escritório e perguntou:

– Que estás a escrever?

Ele levantou os olhos.

– Apresento-te os meus pêsames – disse, em tom mecânico.

Ela repetiu a pergunta, mais trémula agora: Em que estava ele a trabalhar?

– Nada. Não estou a escrever nada. – Estava a corrigir trabalhos de alunos sobre Samuel Frederick Gray e os seus estudos acerca de fungos. – Ter-te-ia contactado mais cedo, mas lembrei-me de que, quando perdeste o teu pai, me pediste para te deixar sossegada. – Levantou-se e fez algo que era uma novidade entre eles. Correu para ela, levantou-a do chão, apertou-a. Ela chorou ante a estranheza da capacidade dele de a receber de volta. Ambos agora com amores mortos, com uma pátina de desgaste. Ele pousou-a e ela tocou-lhe na face quando ele disse: – Perguntei-me porque é que não concebeste um filho comigo. Gostava de ser pai.

– Tenho muita pena. – A dignidade dele dava cabo dela.

– Estou a sofrer e estava irritado, mas basta. Sempre disse que íamos ficar bem. Não vais querer ser mãe solteira. Também não quero isso para ti. Só te peço que me deixes dizer que o filho é meu, que a nossa história é esta.

O sentido extraordinário de justiça deixou-a sem fala. Então, disse:

– Sim.

– Voltaremos a declarar a nossa felicidade, com tempo. Quando nasce o bebé?

– No início ou em meados de Dezembro. Antes do Natal.

O custo de a perdoar estava fisicamente gravado nele. Disse desejar que ela conseguisse convencer-se de que era a estrela dele, diferente de qualquer outra pessoa, e acariciou-lhe o fundo das costas. Fizeram amor pela primeira vez fora do quarto, fizeram amor onde estavam, no escritório dele, observados pelo corvo.

—

Quando Pet a acompanhou aos correios, Mary sentiu que era mordiscada por olhares que lhe roíam a carne. A habitual multidão encaminhava-se para Taylor Seeger e os destinatários rasgavam envelopes para digerirem as cartas logo ali. No meio do rebuliço, Mary avistou Dottie Willis, com o seu sinal no rosto e taciturna, fitando-a.

Ao guiché, Perpétua perguntou se havia cartas para Mary Freitas Moore. Por muito difícil que fosse, Mary procurava saber tudo sobre os derradeiros momentos de John.

– Julgo que sabem – retorquiu Taylor – que é impossível os mortos enviarem seja o que for.

Saberia toda a gente todos os pormenores da sua história de terror?

– Ele pode ter enviado alguma coisa pouco antes, ou os amigos dele, talvez eles tenham escrito. Verifique outra vez, por favor – ordenou Perpétua, apesar de Mary se virar para se ir embora.

– A sua amiga não tem boca para perguntar, é muda? – perguntou

Taylor. – Ou será burra?

– Ela, não – ripostou Perpétua –, mas o senhor, sim.

Enquanto Mary avançava para a saída, Dottie deteve-a, atrapalhada enquanto comentava que Mary parecia o exemplo ambulante de um coração destroçado.

– Lamento muito.

– Obrigada, Dottie.

Sem maquilhagem, de unhas roídas, Dorothea parecia diminuída e digna de pena.

– Não tenho notícias do meu irmão. Os meus amigos não têm nada com que se preocupar, por isso ignoram-me. O George, o meu marido, é... digamos que é inútil no que toca a consolar-me.

O roliço, sempre ausente e mulherengo George.

– Lamento.

– E eu lamento o que te aconteceu. – Dottie murmurou algo que Mary quase não conseguiu ouvir, acerca de incerteza. – Podemos falar em privado, Mary? – Fitou Perpétua, que se enervou:

– Eu não a vou deixar sozinha contigo.

Se estivessem perto do jardim premiado que John inventara, talvez se tivessem sentado à vontade junto das flores e de outros cidadãos preocupados a necessitar de repouso. Como não era o caso, detiveram-se nas proximidades do consultório do dentista, com a sua montra de dentaduras penduradas por cordéis. Mary ficou contente por poder apoiar-se na parede; o bebé, apesar de ser do tamanho de um beija-flor, fazia-lhe pressão no cóccix. Não contara sequer a Perpétua. Mas o seu braço voou protetoramente para a barriga, enquanto Dottie, gaguejando, disse:

– Juro que começou como uma brincadeira. Só para te aborrecer. – O seu olhar suplicante deparou com a calma fria de Mary, a juntar um mais um, dois mais dois, até Dottie Willis admitir que desempenhara «um papel» na interceção e criação de cartas, juntamente com amigos que estavam tão entediados que se dispuseram a asfixiar uma história de amor.

Porque é que Mary pensara que a resposta seria um só culpado e não um grupo de pessoas contentes por lhe declararem guerra?

– O Taylor é teu sobrinho. Esse tanto eu já tinha deduzido. Ele alinhou no teu jogo?

– Não fui só eu – choramingou Dottie. – Lamento imenso. Foi...

Embora, mais tarde, se arrependesse disto, Mary levantou a mão, para a calar. Para que queria ela ouvir uma lista de nomes, de Maud ou Mauds, de Gertie ou Gerties, de Fulano e Sicrano enfurecidos com uma classe inferior de recém-chegados que subia na vida ao mesmo tempo que exibia a fisicalidade do amor? Haveria um cérebro por trás da partida, ou teria a brincadeira evoluído em coro entre um bando que se passeava pela cidade sem nada para fazer? Nada disso tinha grande importância à luz da carta do capelão Sutton e de Nica ter procurado e recebido a lista oficial que confirmava os mortos da

Companhia 14-A. Mary decidiu além disso que não queria ouvir, nem de Frank nem de outro camarada, os pormenores macabros do sacrifício de John.

Mary afastou-se, cambaleando, mas Pet agarrou no braço de Dottie e perguntou:

– Porquê?

A resposta foi um balido. Porque Mary sabia o que queria fazer na vida e era amada nos quatro cantos do mundo e chegara pavoneando a sua beleza.

A reação instintiva de Mary foi avisar John de que estavam enganados, completamente enganados, redondamente, em relação a Isaac, e despenhou-se a pique numa camada mais funda da constatação de que John morrerá. E Isaac também. Precisava de bater as pernas para subir e voltar à superfície, por causa do seu bebé. Precisava de caminhar vertical. Edward afastara-se da costa e remava para eles, em direção à sua família.

A última gota de água foi quando Edward sugeriu que apresentassem uma frente unida em público, um jantar no hotel de Bill Farnsworth. Bill, o descontraído e afável Bill, mostrou-se formal enquanto lhes indicava uma mesa e um silêncio abateu-se sobre os comensais quando Edward afastou uma cadeira para a sua mulher e, gesto raro nele sob o olhar de terceiros, lhe apertou a mão afetuosamente.

Mary esperava que Lucy Brattle estivesse a servir às mesas, mas lembrou-se de que ela trabalhava no turno do almoço. O empregado que recolheu as ementas e lhes trouxe a entrada de espargos cozidos foi tão discreto que, ou tinha ordens para ser, regra geral, o mais invisível que conseguisse, ou também ele era movido pela repreensão. De um canto da sala forrada a papel de brocado, alguém sussurrou, teatral: «Que atrevimento.» Um guardanapo foi atirado para cima de uma mesa e um casal retirou-se ostensivamente. Mary teve vontade de rir ante o som impotente de tecido a bater em tecido.

Edward conversou sobre remessas de bagas. Ela respondeu, com pesarosa compaixão pelo esforço que aquilo representava para ele.

Bill apareceu na sala e falou exclusivamente com Edward, como que para afirmar que lamentava que Edward estivesse a ser alvo de um acolhimento tão gélido que se devia destinar só a ela. Este seria um dos principais horrores entre todas as coisas suscetíveis de a destruir. Ela gostava de Bill, partilhara risos com ele naquele mesmo lugar, depois de lhe levar saquetas para a receção! Inexpressivo, Bill comentou, apesar do olhar suplicante dela:

– Recomendo a solha.

– Nunca confiei em peixe no Illinois – respondeu Edward.

Recusando-se obstinadamente a encarar Mary, Bill respondeu:

– Mas recomendo. Eu não te sujeitaria a nada que não considerasses totalmente de confiança, Edward.

O golpe de misericórdia foi quando Nell Clark entrou de rompante com uma mulher gentia que Mary não reconheceu, no preciso instante em que os

pratos de solha aterraram na mesa. Nell deteve-se perto da mesa deles e disse:

– Não sou capaz de comer aqui, Gladys. Vamos. – Mary manteve os olhos fixos em Nell, que acrescentou: – Este restaurante está a descambar.

Os sussurros na cidade diziam: *Ele é um santo. Levantou aquela rapariga vergonhosa da lama, recompensando com tanta generosidade aquele temperamento de sangue quente.*

Na noite a seguir ao fiasco da solha que ficou intacta no prato, Mary bateu à porta da casinha e encontrou Perpétua Roderick a esforçar-se por escrever uma carta em inglês. Mary descobriu que Henry Kingsley já estava empregado em Los Angeles e à espera dela para se casarem.

– Ainda aqui estás por minha causa, não é, Pet? – perguntou Mary. Ficou parada até Pet parar de protestar e admitir que sim, ao que Mary acrescentou: – Eu adorava imaginar-te em Los Angeles com o teu homem.

– Mas...

– A Dilly pode fazer o teu trabalho e eu também. Mas vou ter saudades tuas, Pet. Talvez te ajude saber que tenho a sensação de que não vamos cá ficar muito mais tempo.

Mary continuou sem lhe contar que estava grávida de John – daí em diante, de Edward –, mas devia ter percebido que Pet, de casaco e mala, pronta para se ir embora, seria a lâmina que as rasgaria e faria chorar como rios abundantes, soluçando abraçadas, adeus, pode ser para sempre, a minha amiga mais leal, tão rara que é esta lealdade. Da parede da casinha, Mary desprendeu a placa que declarava que um osso da sorte não te levará tão longe como uma coluna dorsal e disse em português:

– Uma lembrança. Somos ossos da sorte num mundo de colunas dorsais – e Pet aceitou a prenda e exclamou:

– Pois somos, Maria-Cat.

A partir daí, foi uma questão de momentos para que Edward e Mary se fossem embora.

A própria Mary, enquanto fixavam a mesa do pequeno-almoço com o olhar desfocado, comentou que, por sua causa, Springfield se tornara assustadoramente hostil para ambos. Apesar de todos os vícios a que toda a gente se entregava, nada era pior do que ela – uma estrangeira libertina – fizera. Ele fora ridicularizado por a aturar; ela via-o plenamente. Edward sugeriu a solução óbvia da quinta na Florida, dizendo:

– Podias recuperar as forças ao sol. – Segundo o capataz, Judson Stewart, a planta dela propagava-se pela propriedade de vinte e cinco hectares. – Seria uma oportunidade nova, Mary.

– Pensei que tínhamos de esperar pelo fim da guerra.

– Prefiro arriscar as nossas probabilidades de êxito, lá, a suportar a guerra à nossa volta, aqui. Andamos a juntar as peças há algum tempo, uma centena de bagas de cada vez. As plantas devem estar ao ar livre, onde se tornam viçosas. Sinceramente, seria prudente irmo-nos embora antes de o teu estado suscitar mais especulação e rancor. Não tenho apego nenhum ao meu

cargo de professor, a aturar rapazes que me lembram que não servi o meu país. – Aquelas crianças maltratadas conheciam a ciência mais genuína da terra: que continha uma mistura de matéria vegetal e ossos. – Sou um andarilho como tu – disse ele. – Não suporto o frio. – Perguntou-lhe se queria que lhe fosse buscar a compota de mirtilos para atenuar a secura das torradas, e ela declarou:

– É impossível salvá-las – e riram-se, encostando as testas.

Ward comentou com ela que nunca imaginara que, um dia, usaria um chapéu de palha de aba larga e pisaria uma terra langorosa de ciprestes com barbas-de-velho e arbustos salpicados de vermelho que ele poderia considerar seus, embora fossem, acima de tudo, dela. *Da sua mulher*: mais uma coisa que o espantava dizer em voz alta. A venda da sua herdade no Illinois acontecera quase da noite para o dia, numa época tão virada para o Oeste que os lucros já tinham sido investidos na quinta em Mandarin. Os irmãos Stewart – Judson, Jacob, Patrick, Brian e Wyndham – encarregavam-se da maior parte do trabalho e manobravam os tratores. Viviam com as mulheres e os filhos nas casinhas na orla da propriedade, que Ward lhes arrendava. Toda a gente era simpática de uma maneira discreta, ao estilo de um clima quente, que fazia lembrar a Mary a sua infância. De pontos alcançáveis por comboios transcontinentais chegavam-lhes mais manifestações de entusiasmo pelas bagas milagrosas e a procura crescia em festas, bancas de desfiles, escolas e espaços de recreio. E de um número crescente de lares cujas viúvas precisavam de prolongar a vida dos seus mantimentos. O bebé de Mary parecia sólido, algo – alguém – que ela podia segurar com as duas mãos. O calor fez com que Nell, Maud, Dottie, Gertie, Taylor, Isaac se evaporassem; criaturas rastejantes num sonho mau.

Quando se despenhou no «poço» depois de ter disposto as pedras-morangos que o pai pintara – continuava incapaz de explicar a Edward o que era o «poço» –, ela disse que o seu estado se devia à gravidez e ele fez-lhe a cortesia de fingir que acreditava.

Seguiu-se um momento constrangedor quando ele insistiu em colocar o daguerreótipo do pai dela na cornija da lareira, apesar de Mary preferir pô-lo no sítio onde costurava. Enquanto remendava a rede pejada de insetos de uma porta exterior, ela deteve-se quando o motivo se lhe tornou claro. A pele do pai era mais escura do que a sua, e a de John, também. Se a pele do bebé fosse escura, as pessoas que viessem visitar Mandarin teriam mais facilidade em considerar que a criança era de Edward.

Não era preciso contar a ninguém que o pai não era seu pai biológico.

Mas ela adorava que Edward adorasse a quinta. Rejuveneceu quando recebeu uma carta de Pet incrédula por a Califórnia ser estranhamente castanha, colinas castanhas! Henry era excelente no seu trabalho, apesar de só ter uma mão, e ela arranjava trabalho como aprendiz de alfaiate.

Quando chegou uma proposta de um dos primos de Edward na Califórnia a dizer que a Academia de Santo Inácio em São Francisco – uma escola preparatória e secundária – precisava urgentemente de professores, ele respondeu por telegrama a dizer que se sentia satisfeito onde estava, embora fosse mais rigoroso dizer que apreciava a independência em clima caloroso, embora não adorasse a cidade, que o obrigava a passar por sulistas ociosos em alpendres a troçarem do seu traje e da sua pele queimada pela vida ao ar livre.

Admitiram ambos ter dúvidas se seria seguro fazer amor estando ela tão grávida. Ele não sabia a quem perguntar e ela também não. Por enquanto, ele deixá-la-ia sossegada. Urgiu-a a não trabalhar demasiado ao ar livre. Em breve, haveria um berço no alpendre coberto e, a partir daí, ela teria forças suficientes para colher bagas, com Jacob e Wyndham – sentir-se-ia melhor como mãe com terra debaixo das unhas, prova de que era feliz –, e ajudar as mulheres deles a preparar as saquetas milagrosas. Ele imaginara, à partida, ananases naquelas terras e talvez lá chegassem. Ela concordou com o marido que fugir ao convívio social, à exceção dos afáveis Stewarts, era sinónimo de liberdade. Expediam remessas enormes de saquetas da Quinta Mandarin, que Brian levava de carroça até à estação de caminhos de ferro.

Mas, por vezes, a mágoa reprimida de Mary soltava-se e punha a paciência de Edward à prova. Uma noite, ela irrompeu pela sua nova casa adentro, terrivelmente transtornada, porque legiões de mosquitos a tinham atacado enquanto caminhava nos campos. Ele aplicou-lhe a calamina, porque ela parecia incapaz de o fazer. Como a loção era cor-de-rosa, ele disse, a brincar, que a cobriria de cima a baixo, uma bênção rosada, mas ela própria tinha dificuldade em explicar porque estava tão alterada e ele acrescentou:

– Já chega, Mary, tenho a certeza de que não vais morrer disto.

Ela era uma mulher às camadas. A camada superior era almofadada, a recobrir um eu firme como um homúnculo na secretária de um médico. John ateava essa figura humana; ela ardia, ele fazia essa réplica de si própria arder. A cada ano, a camada superior engrossava e a réplica encolhia. Mas, à medida que encolhia, brilhava ainda mais e, um dia, seria um cerne tão intensamente quente que poderia pôr tudo o resto em combustão.

Ela enumerava para si mesma os pontos positivos. A sua colheita ia de vento em popa, tinha um marido dedicado, trabalhadores simpáticos, a sua toalha crescia a olhos vistos. (No entanto... lá por trás, latejava a sua dúvida de porque é que a paixão estava ausente de tantas vidas. Além disso, porque é que não andava toda a gente a discorrer sem parar sobre o motivo de tão poucas pessoas poderem afirmar que a paixão *aumentava* com o companheirismo?) Ela encarnava a imagem de si própria a uma janela, escutando música distante. Tinha de se manter viva por todos os seus mortos, tinha de encontrar alegria por eles, também. Uma avalanche destes sentimentos tomava-a, quando Edward dançava com ela na cozinha – extraordinariamente bem, lembrava-se Mary – e fazia mergulhar o corpo dela em expansão.

Deu-se um acontecimento sinistro quando junho trouxe consigo dias de calor abrasador. Os vadios da cidade vaiavam Edward não só por ser nortenho, mas também por «agir de maneira antipática». Ele lançava-lhes sorrisos apaziguadores, a que eles respondiam com provocações. Um dia, chegou a casa carregado com chapas de vidro para reparar um lado rachado da estufa em miniatura, como uma capela numa elevação, onde recomeçara as suas experiências com as rosas sem espinhos. Retirou as chapas danificadas e instalou as novas e chamou Mary para admirar o seu trabalho.

Visíveis ao sol, filtrando-se através do vidro, estavam imagens fotográficas de pilhas de cadáveres da União. Chapas rejeitadas por fotógrafos como Mathew Brady, entre outros, inundavam o mercado, negativos das imagens que tinham trazido a guerra para dentro das casas das pessoas. As imagens despertavam as consciências para as sequelas da glória: os combates eram um tráfico de carne humana mutilada. O desejo de possuir aquelas imagens esmorecera. Um lojista vendera-as deliberadamente a Edward, divertido por ele não as ter examinado.

– Eu tiro-as, Mary – disse ele, horrorizado com a luz que iluminava os mortos.

Ela mandou-o deixá-las sossegadas. Que o sol derretesse lentamente os espectros.

– Não te preocupes – disse ela. – Não fazias ideia. – Mary sentia-se tentada a comungar com os cordeiros sacrificiais a preto e branco, enquanto eles descoravam numa última residência com funcho, tomilho e os melões pejados de água por que ela ansiava.

Chorar o mar interior

No inverno do Nevão Cerrado, começaram por cair flocos como farrapos de tecido. Depois, acumularam-se bancos de neve com dois metros de altura.

Os perus transformaram-se em globos petrificados. Os pássaros ficaram presos aos ramos, os seus piados moribundos abrindo-se em pingentes como leques. Um homem agarrou no manípulo de uma bomba e deixou as palmas das mãos para trás. As pessoas foram esventradas por espadas brancas que se espetavam nas brechas das suas cabanas. As balas de gelo eram tão rápidas que os animais se metamorfoseavam num ápice em mármore esburacado, taxidermias glaciais de esquilos em pose de fuga.

O nevão enterrou uma criança que saiu de casa a correr à procura do cão, os dois contemplados num sussurro quando o degelo primaveril os expôs como uma estátua, o focinho do cão morto carinhosamente pousado no pescoço do menino morto.

A pergunta: Porque é que não conseguimos pressentir o caos a tempo de lhe sairmos da frente?

COM OS REIS E CONSELHEIROS DA TERRA

A honrosa baixa do serviço militar de John começou a 24 de junho de 1864. Ele viajou de Jackson para Memphis e daí para Nashville, rumo a um mistério. Não tivera notícias de Mary. Se a notícia da sua morte causara a suspensão, e as suas subseqüentes cartas frenéticas tinham caído num limbo, ele estava prestes a tomar uma medida, mesmo que o casamento dela exigisse o seu desterro inequívoco daí em diante. Na estação de Nashville, repousava um comboio, com gordura negra a olear as rodas. Dos vagões soltava-se um mugido, de gado transportado tão à cunha que uma rês morta se mantinha na vertical. A ponta tufada de um junco brotava do ouvido de uma vaca quando ela espetou a cabeça por uma janela. Quando ele lhe retirou a haste, ela gemeu de alívio.

Os animais rumavam ao seu destino, que era serem despedaçados e reduzidos a uma massa vermelha. Enquanto esperava pela sua ligação para St. Louis, um ruído atrás da estação levou-o para junto de dois homens que davam empurrões a uma antiga escrava idosa, agora liberta. Apupando-a, arrancaram-lhe a touca e seguraram-na de maneira que ela não a conseguisse recuperar. O olhar de John bastou para que lha devolvessem.

– Estávamos só a divertir-nos, soldado – disse um deles, arfando uísque.

– Se há uma coisa que eu não suporto é ver uma mulher de idade ser alvo de troça.

Quando os agressores se foram embora aos tropeções, ela tirou um caleidoscópio pequenino de um bolso do vestido de guingão e colocou-lho nas mãos.

– Não preciso de uma recompensa – disse ele.

– Não. É seu.

Ele espreitou para dentro do caleidoscópio e viu uma asa de borboleta e lantejoulas caindo e formando padrões. Quando parou de forçar os olhos, a

mulher desaparecera.

Atravessou de comboio a ponta inferior do Illinois, a cabeça de seta inflamada de ira sulista num estado nortenho, um reino chamado Little Egypt, os seus cursos de água compondo um delta interior, o seu mar vermelho de bagas famoso por tingir as flores silvestres. Frank dissera uma vez que a largura dos carris americanos equivalia à largura das rodas de uma quadriga romana. John teria de contar a Elizabeth que provavelmente Frank estava morto. Espigas de milho secavam ao sol e os bálsamos de abelha e o retumbar do comboio suscitaram uma recordação física da primeira viagem enquanto refugiados, a começar pelo navio a vapor que partira da cidade de Nova Iorque.

Na sua última noite no Sul, uma família disponibilizara-lhe um colchão que era uma nuvem aconchegante. Os seus anfitriões tinham trinta e tal anos e dois filhos que lhe aqueceram água para o banho numa tina, atrás de um biombo pintado com a delicadeza firme de flores de cerejeira. O homem era sapateiro; a mulher vinha de uma família distinta da Virgínia. Estavam desejosos, como eles próprios o disseram, de o convencer de que nem todos os sulistas eram bestas de chicote em punho. Quando John ouviu os filhos lerem trechos da Bíblia antes de comerem o guisado com ovos, conteve um gemido de gratidão, não só pela sua hospitalidade, mas também por lhe lembrarem que a Bíblia era um resumo em papel da sua mãe. Ansiava por a ver, também.

No domingo, 26 de junho, chegou à estação Great Western, tão irreal como um adereço de *papier mâché*. Os edifícios da praça, com um, dois, três e quatro pisos, eram projeções de luz, e as pessoas, diáfanas. Toldos desbotados e descaídos. Um cartaz a anunciar lutas de ursos. Ao lado de um chapéu virado ao contrário, um menino fazia malabarismo com maçãs. John atirou-lhe uma moeda de vinte e cinco centimos e inalou um aroma a espuma de sabão e cevada de uma mercearia. Passou pela Hathaway, que vendia tábuas para tetos e ripas, cal e caixões, e recebeu comentários de «bem-vindo de volta, soldado» aos quais respondia com gentilezas. O seu esqueleto retinha o movimento de pegar no revólver para impedir que um oficial assassinasse uma mulher, reproduzi-lo-ia até em momentos inocentes para o resto da vida, e as suas retinas conservavam imagens de Isaac a cair com duas rajadas de tiros. A mochila de John foi arrastada na terra vermelha do Mississípi. *Mary*? A sua separação era uma tortura tão prolongada que se tornava sublime.

Um bumerangue de gansos varreu o céu, a sua migração perigosamente tardia. A tão esperada hora aproximava-se, um homem da União desejo apenas de união, mas um mau presságio fê-lo desviar-se em direção ao estrépito de uma música espalhafatosa. Na Rua 8, tinham instalado um carrossel. Um homem de idade ajudava as crianças a subirem para os animais, as cambotas visíveis debaixo da plataforma. John admirou as criaturas pintadas e o indivíduo, contente, disse que passara o tempo à espera do

regresso do neto esculpindo espécies nativas do Illinois: o morcego castanho, o esquilo, o bisonte, o lince ruivo, o lobo, o cavalo... e uma ratazana sorridente. John perguntou se o neto regressara e o dono do carrossel respondeu: «Deus seja louvado.» John escolheu o cavalo branco. A música começou e iniciaram-se as voltas.

Quando ele desceu do carrossel, juntamente com as crianças que voltavam a correr para as mães, uma menina de preto dava a mão a uma mulher igualmente trajada de negro. Ele tirou o chapéu para cumprimentar a mulher, que disse:

– A Matilda tem medo de subir para um assento tão alto, não tens, querida? Mas vêes que este senhor que é parecido com o papá está ótimo.

– Queres experimentar o esquilo ou o morcego, Matilda? – perguntou ele.

Ela escondeu-se atrás das saias da mãe.

Quando ele se preparava para percorrer os últimos quarteirões da sua viagem rumo ao significado pleno e à recompensa por todo o seu sacrifício, a menina correu no seu encalce e segredou:

– Mas eu gostava de voar às voltas, como um papagaio de papel.

– Um papagaio de papel. Muito bem.

Ele levantou Matilda do chão e girou, agarrando-a pelas axilas, e as pernas da menina voaram enquanto ela guinchava de prazer. Ele mergulhou e inverteu o sentido do voo. Não sorria assim havia uma eternidade. As tranças de Matilda adejavam, enquanto ela mantinha os braços magricelas nas clavículas dele. Quando ele a pousou, ela disse-lhe:

– Eu sei que o meu pai não vai voltar, mas obrigada. A mamã não tem força suficiente para me levantar do chão.

A mãe fitou-o, agradecida.

– Boa sorte, minha senhora – desejou ele. – Adeus, Matilda. – Ela estava aos saltos, a bater palmas, uma versão americana de Maria Freitas como uma menina tímida, mas desejosa de viver.

Atalhou caminho em direção à casa branca de dois pisos na Rua 6. Das árvores do quintal desprendiam-se flores. Estava preparado para o inesperado, mas não para deparar com homens a varrerem os detritos da estufa demolida. Teria tudo o que possuía valor de ser destruído? Um desconhecido à porta respondeu às suas perguntas suplicantes, dizendo:

– Somos os novos proprietários e tencionamos usar esse espaço para construir uma excentricidade. – *Uma quê? Uma excentricidade é um edifício ornamental sem um objetivo definido.* Ramos de plantas, arbustos milagrosos, importações exóticas, anos de cuidados meticulosos da parte de Mary e do pai, a magnífica casa de painéis claros, tudo estava a ser retirado do local em carros, despreocupadamente votado à destruição.

A esposa de sobranceiras arqueadas vigiava as obras, com ar demasiado mimado para parecer tão assoberbada. Quando John a interrogou, ela disse:

– Eles mudaram-se para a Florida. Não foi, Thomas?

Thomas disfarçou mal o seu desinteresse, acrescentando:

– O marido disse que a Florida seria melhor para a saúde. – Estava possuído pelo tipo comum de cortesia que, na realidade, não passa de impaciência contida.

Perpétua Roderick poderia esclarecê-lo. Mas o nome dela, e a descrição que John fez, pareceram ter ainda menos interesse e a mulher limitou-se a cogitar:

– Uma mulher que trabalhava na propriedade e vivia na casinha foi para Los Angeles. Mais alguma coisa, soldado?

John levantou o chapéu, perguntando-se se o ferimento no seu couro cabeludo seria visível, e disse que não, não precisava de mais nada.

Mortinho por chegar a casa da mãe e de Nica, apanhou o comboio para Jacksonville e passou, cambaleante, pela fábrica de charutos, com o letreiro casa de el macco de tinta descascada, as estrebarias e a drogaria a anunciar comprimidos para a azia. Na baixa, dois rapazes cegos davam nós em cordas, para fazer uma rede. Uma ponta tingida de azul estava atada à coluna de um alpendre, e os rapazes confiavam agilmente no tato para ampliarem a rede para lá de onde repousaria a cintura de um homem. Fios de dentes-de-leão sopravam sobre a colina de Madeira Hill, deslizando em direção à juventude dele, por cima de urtigas. A casinha com o seu quintal, onde uma árvore se encontrava na estação em que latejava de pirilampos, estava ocupada por uma viúva e a filha adolescente.

– Onde estão a minha mãe e a minha irmã? – gritou ele, olhando, boquiaberto, para o piano estragado.

A viúva pegou-lhe no braço e disse:

– Sente-se, soldado. Eu tenho a morada da sua irmã. Ela casou-se e mudou-se para Nova Iorque. Esta é a primeira casa que eu pude comprar na vida. As condições dela foram generosas. O meu Calvin teria ficado contente. Eu mostro-lhe a escritura. – Ela e a filha ajudaram John a sentar-se numa cadeira, enquanto ele berrava:

– Mãe, a minha mãe. Mãe!

Porque ele sabia, ele pressentira a verdade quando se aproximara. Embora ela sofresse havia muito, ele pensara que chegaria a tempo de assistir aos seus derradeiros dias. Mas Nica também sumira? Mary, a terra engoliu toda a gente. Fazia sentido que todas as formas de vida, tal como ele as imaginava, tivessem sido riscadas do mapa e, no entanto, não poderia ter profetizado um apagamento tão risivelmente meticuloso. Desejou que Isaac o tivesse atingido não no ombro, mas no coração. A viúva ofereceu-se para o acompanhar ao cemitério oriental.

– Obrigado, mas não é preciso, minha senhora. É muito simpático da sua parte. – Recusou um prato de carne guisada e alojamento temporário, mas aceitou um copo de água do poço. Quando perguntou se haveria porventura um funil de gesso com uma pluma, uma espécie de obra de arte, respondeu às expressões desconcertadas deles com um «Deixem estar». Homens de ciência

que se esquivaram à guerra tinham estado azafamados a avançar para lá da criação que ele iniciara.

E, no entanto, a luta ainda não terminara. Ele devia ter-se alistado outra vez.

Sozinho no seu ateliê, Rui observava umas provetas em cima de uma mesa assente em cavaletes, medindo ingredientes como se não tivesse passado um instante sequer. Uma explosão de balsamina atingiu John quando ele perguntou:

– Como estás, Rui?

– Antietam? – respondeu Rui, barbudo, sem levantar os olhos.

John pensou que, dado o dom do irmão para a arte de destilar, ele era capaz de reduzir a sua versão da guerra a uma só palavra. Rui tornou-se assustadoramente palavroso quando admitiu que tinha dificuldade em apagar uma recordação de homens de baioneta que atacaram a sua companhia, a 8.^a do Ohio. Cleveland.

Porquê *Ohio*? Para evitar toda a gente que ele conhecia? John limitou-se a perguntar:

– A mãe já cá não está?

– Foi ter com Deus. – Rui arrastou os pés até um armário, tirou um frasco e acrescentou: – É bom ver-te, John. Mas, agora, se me dás licença...

John bateu à porta do apartamento na baixa onde Elizabeth e Frank tinham construído o seu lar durante tão poucas semanas e ela soltou uma exclamação e ele abanou a cabeça, «não», para lhe expressar que perdera o rasto ao seu melhor amigo. Explicou o erro provável do capelão.

– Eu levo-te à tua mãe – disse Elizabeth, com o cabelo cor de trigo apanhado no cimo da cabeça e a sua capacidade de fugir aos sentimentos convocando os atos necessários.

A mãe envergava lírios. Ele ajoelhou-se, imaginando-a estendida entre as aranhas, e encostou a testa ao nome dela. Elizabeth tinha a capacidade de nunca apressar ninguém, uma bondade que ressoou dentro dele. Por vezes, os amigos comentavam que a história de que ele comera música para enganar a fome soava a falso, um embelezamento do horror, mas era verdade. Tratara-se de um amor especial de mãe-passarinho. O dom dela para semelhante invenção inspirara o nascimento da Máquina do Som. *Mãe*, diziam as vibrações do seu coração, apagando as suas querelas. *Costumavas dizer que rezar é falar com Deus como um amigo. Pedinchar coisas não é amizade nem prece. Querias apenas que Ele morasse contigo.*

Compreendo-o agora. Sou a tua casa, querida mãe. Com saudades.

Elizabeth confirmou que sim, constava que Mary e Edward se tinham mudado para a Florida, mas ela não sabia o nome da cidade.

– O teu regresso dos mortos dá-me esperança – confessou ela. Tinha feito pão e serviu-o com conserva de tomate, e conversaram sobre a livraria dela e mais nada, o que John apreciou. Ela deu-lhe abrigo por uma noite e ele dormiu num tapete da Capps alegrado com pigmento de cochonilha.

O culminar da perda de tudo deu-se quando lhe disseram na escola para os surdos, depois de muitas exclamações pela sua ressurreição dos mortos, que tinham confiado a sua aula a um antigo combatente com uma perna amputada que conhecia a língua gestual. O quadro dos docentes estava completo. Ele recusou-se a tirar emprego a um soldado. No pórtico da entrada, Claire Clearwater, mais velha agora, correu para ele, e Sammy Byrd também, gesticulando que desenhara um pássaro recentemente e que lhe pedira que fosse procurar o seu professor e lho levasse de volta.

O Teatro Meline estava deserto, à exceção de um brocado de bolor como flocos de neve verdes. Ele não queria cruzar-se com George, Teresa ou Hugo, que podiam ter notícia de que Frank estava morto ou preso, e eles encarregá-lo-iam de a transmitir a Elizabeth.

Instalou-se na Latshaw, em Springfield, a pensão em Cook Street entre os caminhos de ferro e o American Hotel, entalada a esmo entre armazéns. Era procurada por antigos combatentes incapazes de se moverem depressa, ou por não o conseguirem fazer fisicamente, ou por não verem necessidade disso. A sala de jantar fedia a coisas masculinas, costeletas com molho de farinha de milho e um cheiro penetrante a velas baratas. A Associação Feminina de Educação mandava flores todas as semanas. A princípio, ele convenceu-se de que a guerra ia obrigar Edward e Mary a regressar da Florida, ou que os seus esporos a chamariam, enquanto ele reunia forças e o mundo corrigia os seus erros supremos. Uma magia harmoniosa desfaria o casamento com Edward de uma maneira que não magoaria ninguém. Riu-se da ideia. O verão jorrava sobre homens barbudos da guerra, de camisola interior e suspensórios pendentes.

Nica respondeu à carta dele com exclamações esborratadas de lágrimas. Odiara estar em Madeira Hill a pensar que ele fora enterrado em parte incerta. Faria uma vigília sem fim à espera dele em Brooklyn, não se importava com o tempo que ele demorasse a voltar para ela, nem que por essa altura fosse velhíssima. O marido tinha conhecimento da bigamia, mas não se ralava nada com isso. Ela esperava que servisse de consolo a John saber que, no seu leito de morte, a mãe fizera as pazes com Mary e lhe confiara a Máquina do Som depois de ter gravado umas arranhadelas numa página de fuligem que era a Voz de Deus. *Guardei isso comigo, maninho.* No seu consultório de advocacia, Michael Windsor conhecera um louco que queria patentear um elixir para ressuscitar os mortos e Michael respondera-lhe: *O irmão da minha mulher já o descobriu.*

John escreveu que ela podia ficar com a mensagem de Deus, uma prenda de casamento para ela e, finalmente, um marido que a amava como devia ser. (Que importância tinha, sem Frank ali para o ajudar a decodificá-la e com Mary no Sul inimigo, na companhia de um homem que dispunha de todos os motivos para atirar a Máquina do Som decrépita para uma pilha de estrume? Que Deus era aquele?)

John divertia-se todos os dias ao acordar na pensão Latshaw, pensando:

E agora vou mimar-me com estas regalias!: lavatório lascado, toalhas esfiapadas, o reino pútrido da casa de banho. Os seus sonhos eram invadidos por um capitão Pryor escarninho, que silvava: *Devo-te uma bala na cabeça, já que o Isaac não foi capaz.*

Ponderou se devia viajar para a Florida e tentar ver se a encontrava; devia ter perguntado onde se situava a quinta que ela mencionara mais do que uma vez. Tinha receio daquele território minado de franco-atiradores, mas a ideia exacerbou a sua vontade de a salvar. Só que John estava a braços com uma tosse hedionda e debilitante, os seus pulmões tinham apanhado bicharocos nos pântanos do Mississípi. Na Corneau & Diller's, comprou óleo de eucalipto.

Movido a café de chicória e pão escuro na pensão, com a pele inflamada, descansou com a esperança de que a sua doença esmorecesse. Sentia-se frequentemente a espumar de raiva ao pensar que Ward se safava impunemente da guerra e expunha Mary ao perigo e, no entanto, era recompensado com a presença dela na cama. Na sala de jantar de Latshaw, alguém deixara um livro sobre árvores e flores – para onde quer que se virasse, as coisas falavam-lhe de Mary – que se referia à jardinagem como «o aperfeiçoamento da arte da esperança adiada». Ao crepúsculo, as árvores sugavam a escuridão da noite, recolhendo-a em ramalhetes na casca dos seus troncos. Os serões traziam imagens de festas na Florida e de Ward a enfiar-se debaixo das cobertas dela, coberto de elogios por ter perdoado uma esposa imoral que corra para um soldado ferido. Ele precisava de se fazer à estrada para corrigir a colossal anedota que cada inspiração sua se tornara. Quando deu por si, uma mulher de chapelinho branco rígido como asas de cisne dava-lhe medicação por uma colher e, ralhando-lhe, dizia que não, não ia a lado nenhum enquanto a febre não baixasse.

7 Riacho perto do qual se travou uma batalha durante a Guerra Civil, em 1862, em Sharpsburg, Maryland. (N. da T.)

O CORAÇÃO EM PAZ DÁ VIDA AO CORPO

A *Singer* ronronava, a sua canção de embalar preferida, a máquina de costura era uma verdadeira amiga. A pilha de cinquenta saquetas que ela costurara nesse dia alternava azul-cerúleo e bege e parecia um folhado de céu; ela tinha um desejo *louco* de açúcar. Os seus anos no Illinois esbatiam-se como tecido esquecido ao sol, tudo se arredondava num sentimento de luto, o seu corpo também se arredondava. Ela equilibrava os cuidados com a sua saúde, evitando que a dor lhe saturasse o sangue – o bebé era tudo o que restava de John e ela não lhe podia fazer mal –, com uma crença fantasiosa de que ele lhe entraria pela casa dentro. Contentar-se-ia com o seu fantasma.

Dir-lhe-ia *Estive com a tua mãe no fim da sua vida*. Com que frequência as pontas todas se atam num ato de reconciliação? Ela mostrar-lhe-ia a Máquina do Som, maltratada, ainda no caixote; não sabia onde colocar aquela lembrança da época em que a sua relação com Edward se desmoronara. Ao vê-la, ele comentara: «Fica com a máquina, mas esconde-a da minha vista.» Quando imaginava John, de qualquer forma e feitio, os olhos dela fechavam-se automaticamente, como que para o ver nas cortinas preto-avermelhadas dentro das pálpebras. Depois, precisava de pestanejar para ele se ir embora, adeus, querido.

Tinha os nós dos dedos inchados como se estivessem cheios de salmoura. Ainda bem que as mulheres Stewart também andavam a costurar sem parar, para responder à procura das lojas, das famílias e restaurantes dali até à Califórnia, a sua oferta suficiente agora para o Oeste e muito pedida a norte, no Ohio, Michigan, Maine, estados onde os militares tinham contado com a ajuda das bagas para lhes adoçarem as rações estragadas. Na semana anterior, graças à abundância dos campos, cinco mil saquetas tinham partido rumo a um mundo sequioso de diversões para se consolar daquele conflito armado *sem fim*.

Levantando-se para fazer chá, bolbosa como um globo, arrastou-se até à

cozinha, onde apoiou as mãos no mármore e se interrogou uma vez mais: *Que tem o mármore para estar sempre frio?* Em tempos, poderia ter perguntado a Nell. Pela janela, vislumbrou as Stewarts a trabalhar. *Pai, isto devia ter sido a minha aspiração suprema.* Por muito que estivesse contente por se ter afastado da reserva de animais selvagens a que se chamava sociedade, o seu contentamento era atenuado pela... solidão. *Acho que sou uma rapariga da cidade, com a saudade portuguesa de reinos feitos pelo homem.* Sobressaltando-se ao ouvir Edward no escritório, colocou o abafador no bule para deixar o jasmim infundir a água.

Ele levantou os olhos dos livros-mestre e disse:

– Tenho de voltar lá para fora.

– Não há pressa. Trabalhas tanto.

Ele confessara – aprendendo a confidenciar os seus medos à mulher – que trabalhar onze horas por dia, sete dias por semana, começava a pôr fim ao romantismo sobre a vida numa herdade, apesar de os livros de contabilidade indicarem que os lucros passavam de razoáveis a impressionantes.

Depois do desastre, ele admitiria a Mary – embora não a Judson e aos irmãos dele, os próprios sulistas – que os seus rivais tinham posto um guaxinim morto no banco da sua carroça, quando ele saíra para ir às compras na véspera, e que um deles lhe apontara uma pistola e lhe chamara oportunista da guerra.

– Também devias descansar – disse ele. A sua biblioteca continuava encaixotada. A mudança cansara-os tanto que se sentiam fracos como crianças que andaram a correr de um lado para o outro, aos gritos, antes de caírem redondas no chão.

– Fiz chá – respondeu ela, estendendo a mão.

Lembrar-se-ia disso: de esticar o braço e de Edward se erguer para lhe tocar. Ouviram os gritos, os de Brian e de Patrick em especial, e saíram a correr, para ouvirem Jacob berrar que dois rapazes tinham aparecido lá na quinta com acendalhas. Quando os Stewarts se aperceberam do que se passava na orla do campo, correram para os incendiários, que fugiram sem sequer terem sido picados por um espinho.

Mary ficou absolutamente imóvel, como fazem os animais de floresta por um segundo quando farejam o ar e sentem o perigo, e sabem que têm de fugir, uma vez mais, há sempre um motivo para terem de fugir. Irrompiam chamas nos arbustos de bagas milagrosas e as pragas de animais eram purgadas. Os ramos assavam. As brasas jorravam para o ar e ziguezagueavam, voando ora para um lado, ora para o outro. Os confins do campo lançavam fogo para os renques adjacentes que, por sua vez, incendiavam os seus vizinhos. Mary desmoronou dentro de si mesma até conseguir convocar forças. As mulheres e os filhos dos Stewarts, a cheirar a fumo, saíram a correr dos seus casebres para irem buscar lonas e cobertores. Toda a gente gritava *Fogo*.

Ward pôs-se em alerta.

– Vai para dentro de casa, Mary.

Ela recusou-se. Avançou, sentindo que seria atingida por um tiro como um soldado, se ficasse petrificada em vez de agir.

Num abrir e fechar de olhos, vários hectares foram destruídos pelas chamas devoradoras. Um, dois, oito hectares desapareceram, à velocidade de... um fogo florestal. Mary precipitou-se para os canos de irrigação e pô-los a correr. Uns quantos estavam encravados. Edward passou pelos arbustos a assar e correu para o mato com os Stewarts. Mary seguiu-os; a sua planta sobrevivera ao mar alto e aos nevões e às viagens de comboio e ao confinamento para agora morrer por causa de rapazes citadinos que odiavam forasteiros. Não havia nenhum sítio – *nenhum* – que fosse seguro. Mary e Ward juntaram-se ao ritmo, ao lado de homens, mulheres e crianças, os guardiães daquela terra atapetada, mas faltava-lhes mão de obra e o fogo fez o seu labor. A certa altura, Mary deteve-se, com o peito a arquejar, e pensou: Faz o teu pior, leva tudo e despacha-te, acaba com isto de uma vez por todas e para de me torturar, não consigo, não consigo pôr fim a isto.

A estufa – feita com as chapas fotográficas dos cadáveres que continuavam a dissolver-se – estalava ruidosamente. Sob um céu enegrecido, o fogo brilhava indissolúvel. Patrick dirigiu-se para uma elevação, enquanto Edward e Mary observavam a uma distância desolada e segura. Ela fez tenção de o seguir, mas Ward agarrou-a. Tinha de pensar no bebé. Eram plantas e as plantas morriam. E ela cedeu, escorando-se nele. Os vizinhos acudiram, serviram-se de baldes para tirar água dos canos e do poço, até o incêndio ficar mais ou menos contido enquanto terminava a sua devastação. Afinal, não foi um ato de Deus, mas dos homens: ficou tudo destruído. Não se via uma única planta viva.

Era estranho, mas, no início, ela sentiu um alívio vergonhoso: é o fim, é? Tudo bem. Perdi pessoas que amo; fui cuidadora de um paraíso açucarado, e uma pessoa fica enfartada. Detestava a cidade e a sua clarividência já lhe mostrara imagens ardentes de que enlouqueceria lentamente ali. Mas, depois, as forças faltaram-lhe e chorou. *Pai, que devo eu fazer?*

Ward foi-se abaixo no escritório. Ela nunca o vira despojar-se do decoro; dela, brotaram bênçãos. Pai: é esta a tarefa que me confiam, ajudar o meu marido a perder a sua firme capacidade de criar esplendor que ele pouco aprecia? Incitaria Ward – embora não nesse dia, não nesse dia – a aceitar a alegria, ao mesmo tempo que lhe permitiria manter-se reservado, na sua natureza, mas não reprimido. O ar permaneceu cinzento e denso, e eles respiravam com a boca coberta por toalhas húmidas, mas até dentro de casa as toalhas recolhiam as cinzas que eles expiravam e deixavam verónicas de lama, imagens de fuligem registando os sons da sua exaustão. A estante dele encontrava-se vazia e o corvo empalhado continuava dentro de uma caixa. As flores de vidro estavam numa arca envoltas em jornais cortados às tiras. Parecia-lhes inseguro procurarem refúgio nos arredores hostis e os vizinhos amigáveis também asfixiavam com o fumo.

– A culpa foi minha! – pranteou-se ele. Ela não percebeu se ele se agarrava ao crânio acima de tudo por angústia ou para a impedir de lhe perscrutar a expressão. Acariciou-lhe as costas, afagando-lhe a camisa. O bebé deu um pontapé dentro da barriga.

– Ninguém ficou ferido – sussurrou ela. – Ninguém ficou sem casa no fogo.

– Foi um disparate da minha parte vir para cá. Trazer-te para cá.

– Não – disse ela, abanando a cabeça. – Não podíamos ficar onde estávamos por minha causa. O incêndio? Significa que não podemos fugir do mundo como ele é, Ward. Eddy.

– Eu não tenho lugar neste planeta – ripostou ele, quase aos gritos. A janela atrás deles estava negra, como que manchada de noite.

– Vamos para a Califórnia – sugeriu ela. – Era lá que o meu pai sonhava acabar os seus dias e tu já conheces a região e o teu primo ofereceu-te emprego como professor, e eu acho que ainda tenho uma última jogada dentro de mim. – Não tinha a certeza se era verdade, mas era ela quem precisava de ser forte. Devia-lhe isso. – O nosso bebé vai ser californiano, onde tudo é dourado. – Mergulhou nas suas primeiras sensações maternas, acariciando-lhe o cabelo para o acamar.

– A culpa é minha por teres ficado sem a tua planta. Sou desprezado aonde quer que vá. – Lançou a cabeça para trás, como se tentasse arrancá-la do pescoço.

Ela sorriu, porque se lembrava vividamente de que as mulheres tinham feito o contrário de o desprezar e daí brotara a fonte de tanta fealdade. E, nesse dia catastrófico, ela entrou em pleno na sua vida adulta, porque se lhe afigurou uma coisa tão simples conter-se para não o corrigir, deixá-lo despejar a sua frustração, e pareceu-lhe até aceitável sacrificar uma planta para lhe poder dizer, e com sinceridade:

– Não é verdade. És amado. Por mim, Edward. – Ele fixou-a, atordoado. Em tom leve, como um aguaceiro que fecha a terra gretada: – Vamos encontrar um sítio onde nos sintamos em casa, nós os dois. Amo-te. – Ela percebeu que ele encostava a cabeça só muito ao de leve aos seus seios inchados de leite, com todo o cuidado, por saber que lhe doíam.



Escuta a tua mãe: por favor, deixa de dar voltas, deita-te sossegado. Vais sobreviver. És um peixe num charco vermelho do meu sangue, consegues respirar dentro dele. Estou deitada com as mãos em ti, como fazem os curandeiros. És um menino, ou uma menina, americano. Tenho forças de sobra; toma-as. Sobrevive. É só isso que importa: tu. O teu pai morreu como soldado, mas o pai que vais conhecer amar-te-á com devoção. Eu também tive dois pais! Tenho o sangue de exilados e navegadores, mas vou dar-te um lar, meu peixinho. Carrego em mim o conhecimento da tua avó, Serafina. Nas suas derradeiras horas, ela foi minha mãe. Possas tu herdar a força de vontade

dela.

Eu costumava pensar que todos os que amo morrem, mas tu serás a prova de que tal não é verdade. Banho-te em sonhos da cor do sol nascente. Acontecem coisas que nos fazem chorar tanto que ficamos cobertos de sal, choramos o mar que temos dentro de nós, mas eu empurro-te acima dessas lágrimas. O meu pai – o teu avô – dizia-me que o mar é duplamente salgado, porque, no mundo inteiro, as pessoas choram para dentro dele. (O teu outro avô... é uma longa história, mas é possível que ele fosse um rei.) Amarei o teu pai de sangue eternamente, com tudo o que fui e que serei. Fizemos-te uma menina ou um menino luso. O teu pai chama-se Edward e tem pena que a terra esteja em tumulto e não nos deixe descansar. Estou cansada de mudar de lugar, mas aqui vamos nós, uma última vez, ou assim esperamos, um último estado. A Califórnia é a terra para onde o meu pai sonhava ir. Nunca deixarei de chorar a morte do teu outro pai, tão corajoso, mas tu dás-me vontade de ser forte, de amar toda a gente que tive na vida – e que, assim sendo, ainda tenho – e toda a gente que terei e amarei agora.

REQUIEM

«O Meu Avô Tinha Uns Belos Patos» foi a partitura que chamou a atenção de John na loja de música de Cyrus Skylander, uma das poucas melodias que não falavam de guerra. A sua maleita nos pulmões desvanecera-se, mas deixara vestígios e impedia-o de se sujeitar a uma viagem louca à Florida, onde corria o risco de ser morto a tiro antes de se cruzar com Mary.

Entrou na loja um homem que era tão esquelético que nem devia conseguir andar e, enquanto John o fixava, espantado, Cyrus – cujo maxilar sarara, deixando a pele engelhada e cor-de-rosa – exclamava:

– Que diabo!

A aparição disse:

– Estou assim com tão mau aspeto, John? Boa tarde, Cyrus. – Esgotara-se a cumprimentar Elizabeth e a procurar John em casa ou na escola para os surdos, onde lhe indicaram a pensão Latshaw, cuja proprietária lhe disse que John falara em ir comprar partituras para que um hóspede músico pudesse fazer um recital à hora da refeição.

Os dedos de John cingiram o antebraço do homem.

– Credo. Frank?

– Tens andado a passar fome – entoou Cyrus, boquiaberto.

O sorriso familiar de Frank revelou uns dentes moles como caramelo. Uma omoplata estava espetada como uma aresta.

– Andersonville. Deixaram alguns de nós ir embora há uma semana. Não sei porque é que não me mataram naquele dia. Não gritei, John, porque não queria que eles soubessem que ali estavas. – Um franzir de sobrolho. – Espero que não tenhas pensado que desertei.

A pele do amigo não passava de um tecido a cobrir agulhas frangíveis. *Não quero saber se fugiste. Mas acredito em ti. Mano, és uma escultura de espinhas de sardinha.*

Aceitaram um convite de Max Jeffers, cuja manga caía, inerte, sem o braço para a preencher. Como não podia usar a língua gestual, a sua carreira com alunos surdos terminara e agora Max trabalhava com a mulher, Carrie, na Loja de Todos, embora fosse lento a colocar os artigos nas prateleiras. Ela fora às compras com o filho de ambos, mas deixara um bule pronto. Max serviu o chá a John e a Frank e acendeu um cachimbo com boquilha de sepiolite e perguntou se queriam fumar. Frank disse que não tinha pulmões para isso, nem sequer para tabaco da Companhia das Índias Orientais.

– Arrependes-te de ter matado homens, Max? – perguntou John.

– Não. Queria era ter matado mais. Traidores. Foram eles que começaram isto tudo. – Acrescentou que, uma vez, ajudara um cirurgião a serrar uma perna e, agora, estava a beber chá por uma chávena que luzia um casal holandês a patinar de socas num lago gelado. E a única coisa em que conseguia pensar era no desconcerto de patinar de socas. – Acordo desejo de pegar em coisas com uma mão que já não existe.

– Faz sentido – disse John. *Fecha os olhos, ó homem envelhecido, e estás a beber chá acima da linha do sal com Mary em casa dos Lincolns.*

Frank deu dentadinhos no pão que Carrie preparara, mordiscando o miolo de uma fatia. Elizabeth esforçava-se por o engordar aos poucos.

– Soubeste que o Alonzo Gillespie foi para o Território do Utah? – disse Max.

– Ele era um bom professor de pintura – respondeu Frank.

– Mas aqueles mórmones todos que lá vivem – acrescentou Max. – Se vais lançar uma religião, não devias escolher um nome mais sofisticado do que Joseph Smith? Parece inventado por um ladrão em fuga. Os judeus têm Moisés. Nós temos Jesus Cristo. Não gosto da ideia de Deus partilhar as coisas importantes da vida com uma pessoa com um nome tão rústico como Smith.

– Talvez consiga convencer a Elizabeth a ir para o Oregon. Quero contemplar árvores altas. Estou cansado destes invernos – explicou Frank. – Ela pode encadernar livros enquanto eu trabalho como madeireiro.

– Há um limite para contemplar árvores, se te pões a deitá-las abaixo – comentou John.

A gargalhada notável do seu amigo saiu-lhe a meio gás, como se também o riso estivesse depauperado.

– Foi uma sorte teres escapado a Vicksburg, Max – disse Frank. – O inimigo a comer cavalos, e cães, gatos e ratazanas, e depois terra e farrapos.

– Eu engolia dez ratazanas vivas se isso me devolvesse o braço. Olha que tenho saudades dos miúdos. Dos nossos alunos – confessou Max. Sabia que John também lhes sentia muito a falta.

Frank parecia pesaroso enquanto perscrutava John, rapazes portugueses que se tinham aventurado no mar com ideias de portos seguros, mas ei-los ali,

arquejando de boca para baixo na rebentação. Dissera a John que a história com Mary era, de facto, muito difícil, mas detestava vê-lo à espera que a vida lhe mostrasse o que fazer, uma vez que a vida desdenhava desse tipo de ajuda. Frank dissera baixinho: «Atormenta-me ter matado o Isaac, mas ele estava pronto para te matar. Acho que nunca mais vou conseguir falar sobre isso», ao que a resposta de John fora um aceno de cabeça.

Quando o sol poente vertia o seu xarope coralino, Carrie chegou com o filho, Noel, de cinco anos, que exclamou «Papá!» como se tivesse estado longe do pai durante anos em vez de uma hora, e o menino a correr para o pai despedaçou John, ao ver Max tentar esticar os dois braços e deparar com a manga vazia.



John aceitou ajudar a família Meline a restaurar o teatro e foi ter com Ray Silva, que chorou como choram os soldados que tentam conter as lágrimas, uma espécie de rouquejar. Partilharam o espanto por John estar vivo, e Frank e Rui, também, ocupado a criar novos perfumes incríveis. Que rodas da fortuna giravam na América!

Faith e Linda Silva abriram um caixote e chamaram-nos. Chegara uma remessa de saquetas e, presas aos cordéis, vinham etiquetas com a legenda herdade moore-stewart, mandarin, florida. Era uma mensagem dentro de uma garrafa, lançada de uma praia. Tudo ficaria sarado, resolvido, e... John precisava de se sentar. Ray convidou-o para jantar e Faith ofereceu-lhe vinho da última leva de Nica, um tinto encorpado. John esvaziou o copo. O seu conteúdo subiu-lhe diretamente à testa, onde refulgiu como uma joia emergente.

2 de julho de 1864
*Destinado à Herdade Moore-Stewart,
Mandarin, Florida*

Mary... ESTOU VIVO. Estou na pensão Latshaw, em Springfield. Há muito para dizer, mas deixo só aqui a notícia de que o Frank voltou para casa, em mau estado, mas a E. está a tratar dele. Vou a caminho de Ti. Espero que esta carta Te chegue. Escrevi muitas vezes para corrigir o erro do capelão, mas isso agora não importa. John.Alves.

A Florida estava resplandecente de buganvílias e de um brilho que evocava a sua infância. John vagueara numa espiral completa: *Madeira, Meridian, Mandarin*. Pessoas magras como palitos, esguias como setas,

apanhavam o que podiam com lanças na natureza e cozinhavam-no no espeto a vapor. Perto de uma casa sobre estacas, saltitava um galo só com uma pata. Isaac, o galo. John comeu um bife de atum marinado em sumo de limão. Enquanto acenava para um homem desdentado que brandia um machete, desejou que Frank ali estivesse com a sua nova máquina fotográfica Kinnear, muito rápida. Pagou por uma cama de campanha vedada por uma cortina de contas verdes numa cabana, doente dos nervos por não saber o que propor a Mary. A Edward. Estava perto da parte sul de outra Jacksonville, na margem do rio St. Johns, com a sua água coberta por uma pátina reluzente, interrogando-se como enviar as notas de citrinos no ar – a toranja, laranja – a Rui.

Perguntou onde ficava a herdade de um cavaleiro chamado Edward Moore. Depois de uma viagem de carroça, deu por si diante de uma terra escurecida entregue aos cuidados de uma família chamada Stewart. Judson disse que, tal como John podia ver, tinha havido um incêndio, fogo posto, e o Sr. Moore, um homem bom, com uma boa mulher, triste por terem sido atingidos por aquela desgraça pouco tempo depois de se terem instalado na região, lhes vendera a terra queimada.

– Morreu tudo? – John referia-se à planta dela.

Judson convidou John para passear consigo e chegaram a um pequeno outeiro onde o queimado tinha sido removido com ancinho, e Judson agachou-se e apontou:

– Vê? E olhe ali. – Indicou outro quadrante. – Eles pensaram, nós pensámos, que as plantas das bagas tinham todas morrido. Mas estamos a incitar estas sobreviventes a ressuscitarem. Temos um pomar de limoeiros, mais além, a despontar. É amigo do Edward?

– Mais ou menos – respondeu John. – Vai ser bom contar-lhes que uma ou duas raízes sobreviveram. A Mary e eu vimos da mesma terra. Conhecemo-nos há muito tempo. Ela pensa que morri na guerra. Eu gostava de a sossegar sobre o meu destino.

Judson soltou um assobio.

– Bem-vindo a casa, soldado.

– Não tenho propriamente uma casa, mas obrigado. Recebeu a carta que enviei de Latshaw, no estado do senhor Lincoln?

– Sim, mas não sabíamos para onde a enviar. – Não faziam ideia do paradeiro de Edward e Mary, a não ser que eles tinham dito que iam para «o Oeste».

– O Oeste é um território enorme.

– Ele era da Califórnia. Temos tendência a regressar ao sítio onde nascemos. Gostava de poder ser mais específico, soldado. – Judson acrescentou que Mary falara de uma amiga chamada Patrícia ou Petúnia em Los Angeles, por isso talvez eles tivessem ido para lá.

John agradeceu a Judson e desejou-lhe felicidades. Perpétua, sim, ele ouvira dizer que ela estava em Los Angeles, mas também isso era enorme

como tudo.

No comboio com destino ao Norte, mal dormiu. Inclinou-se para a frente, como que para acelerar o seu regresso a mais um lugar ao qual já não pertencia.

Ficou na pensão Latshaw. No Horto Cottage da cidade, fez *bluff* para arranjar trabalho, dizendo que toda a gente da Madeira era um jardineiro nato.

Inverteu a sua antiga vida. Em vez de ensinar a semana toda em Jacksonville e viajar para Springfield ao sábado, como fazia na altura do namoro, agora passava a semana de trabalho no horto e ficava em Jacksonville de sábado para domingo, sem conseguir dormir na antiga cama de Frank na casa dos Melines. Ajudava Frank e Hugo nos espetáculos de teatro. Falaram em inventar uma nova Máquina do Som, mas não tinham estofos para as experiências mais recentes. Algumas delas passavam por roubar campas, dissecar ouvidos mortos para sondar os segredos do canal auditivo. Como prisioneiro de guerra, Frank fora obrigado a ver um soldado cortar a orelha a um rapaz do Maine como castigo geral por se queixarem.

Rui fazia saídas frequentes em busca de ingredientes para engendrar perfumes e, ao fim de semana, assim que nascia o sol, John juntava-se a ele nessas caças ao tesouro. Grainhas de uva. Raspas de canela. Casca de árvore a querer enrolar-se à volta de uma gota de exsudação de feno acabado de cortar. Terra salpicada de ferrugem de carril. Vidro, com as suas pungências de areia. Rui recolhia gotículas de dor, a emoção dominante, um odor a gengibre misturado com noz-moscada, pendurando uma gaze nos carvalhos. Cozia a gaze em lume brando com óleo áurico e usava um conta-gotas para criar um perfume que se aproximava de Deus e que, depois, era quase divino.

Uma fórmula que incluía a transpiração de Rui quando sonhava que espetava baionetas em soldados... foi um fracasso. *John, o mundo prefere fragrâncias florais.*

Rui anunciava perfumes personalizados para enlutados, incitando as pessoas a levarem-lhe artigos que tivessem pertencido a alguém que morrera. Fervia fotografias, camisas, cachimbos, canetas, suspensórios e cartas, e doseava o resultado coado com toques do seu famoso néroli. As pessoas formavam uma fila com um quilómetro de comprimento, agarradas aos pertences dos mortos. Na fila para o *Requiem Alves*, os clientes é que decidiam quanto queriam pagar, uma generosidade que triplicava a procura. Num domingo, depois de a multidão ter dispersado, estando John na caixa registadora, Rui disse:

– Eu conto-te o que aconteceu em Trinidad.

O tempo parou. John recebeu que Rui se fechasse em copas, se ele o assolasse com uma simples sílaba.

– Eu estava no mercado com a mãe. Ela foi comprar papaias. Um francês segredou-me ao ouvido que me amava, mas, como era casado, não

podia estar comigo. Mas amou-me à primeira vista. Foi a única pessoa que soube instintivamente quem sou e é essa a minha história de amor. É tão perfeita que não vale a pena correr atrás de mais nenhuma. Preocupas-te comigo. Não devias.

John fez um aceno quase impercetível e deixou o irmão em paz e, de qualquer maneira, Rui virou-lhe as costas para arrumar os óleos no armário perto do relógio de pé em nogueira, o que tinha uma rapariga num baloiço pendurado na ponta de uma lua crescente.

Rui deu dois mil dólares a John do filão do *Requiem* e ofereceu o resto a obras de caridade. Não tinha interesse nenhum em melhorar a sua residência ou indumentária. Isso trar-lhe-ia o francês de volta? Inventaria um perfume que fosse Deus? Localizaria Mary no Oeste, John? O dinheiro é uma abstração que torna as pessoas cobardes. Rui aplicava *Requiem* enquanto os formulava, em nome dos seus irmãos e irmãs em toda a parte, e confessou que, por vezes, isso o fazia chorar de uma maneira absolutamente inusitada.

John visitou o jardim municipal de Jacksonville, que ele considerava seu, com a ideia de doar uma parte da abundância dos seus ganhos inesperados com o *Requiem*, mas, ao ver as pessoas agrupadas nos bancos nascidos do seu ensaio, o caminho de cascalho até uma capela com a sua cruz sombria adequada para prender um vampiro gigantesco pelo pescoço a uma parede, enquanto o desespero por causa de Mary o empurrava para trás como que para o impedir de entrar na estufa mínima, lembrou-se de que metade do prémio que ele merecia tinha sido confiscada e era capaz de jurar que o cadáver-fantasma de Isaac crivado de balas estava à porta, a proibir a entrada na casa de Deus.

No viveiro de casa, plantou uma espaldeira de macieiras. Ao longo dos anos, ramos castanhos esticar-se-iam sobre a extensão para se entrelaçarem. Instalou as estacas a intervalos consideráveis, com arames como papel pautado, para que os rebentos crescessem na vertical e na horizontal, e brotassem flores brancas e cor-de-rosa como notas musicais.

A notícia espalhou-se. Os clientes observavam-no, fascinados, a prender gavinhas em arames e louvavam os seus progressos graduais. Uma vez, enquanto John trabalhava nesse seu projeto, o patrão chamou: «Alves, tens a tesoura de podar?» E John gritou que lha levava, ao que o patrão respondeu: «Obrigado, John», o que fez com que uma mulher mais velha e magra se aproximasse – havia uma rispidez palpável nas mulheres ricas, um ímpeto de agitação e ordem – e se apresentasse, dizendo que era Nell Clark. Aflita, ela disse:

– Você é o John Alves? Toda a gente pensou que tinha morrido.

– Pois, já me disseram que sim.

– Que espaldeira impressionante. Tenho uma admiração por vocês, exilados.

Mary referira-se com frequência a Nell Clark como uma aliada e ele quase gritou:

– Sabe onde a posso encontrar? A Mary Freitas Moore.

– Creio que está na Florida.

– Não, ela saiu de lá.

– Não sei mais nada. Estou aborrecida, porque não nos despedimos de boas relações. O último encontro foi desagradável e por culpa minha. – Analisando o contorno das mãos, ela acrescentou, numa voz quase impercetível: – As pessoas pecaram contra vocês, como costumávamos dizer. A Mary contou-me, a certa altura, que vocês os dois escreveram cartas que não chegaram ao destino.

– Tive um mau encontro com um pregador chamado Isaac Unthank, que decidiu estragar-me a vida. Ele já morreu, não nos pode fazer mais mal, a não ser que o seu espírito se torne vingativo. Eu escrevi várias cartas a dizer que não tinha morrido. – Queria que ela se fosse embora e o deixasse em paz.

Ela parecia à beira das lágrimas enquanto murmurava:

– A ideia da Mary de que o John tinha morrido persistiu até ela se ir embora. Quem me dera poder encontrá-la para lhe dizer que afinal o John continua entre os vivos.

– Provavelmente está na Califórnia. Não sei ao certo onde. Minha senhora, senhora Clark, tenho de voltar para o trabalho. O meu patrão precisa da tesoura de podar.

– Fico contente por ver que tem um bom emprego.

– Também trabalho aos fins de semana no Teatro Meline. Em Jacksonville. Com o Frank e o Hugo Meline. Eles estão com dificuldades. Por favor, diga aos seus amigos para irem assistir aos espetáculos, sim?

Nell disse que o faria e murmurou qualquer coisa sobre comprar tomateiros. Parecia pronta para acrescentar alguma coisa, mas mudou de ideias e concluiu:

– Fico satisfeita por dar um rosto aos atos horríveis das outras pessoas –, ao que ele respondeu que a maior parte dos civis tinha nariz, boca e olhos, pelo que não percebia porque é que a maneira como ele os organizava era importante. Ela retorquiu com uma afirmação peculiar. Disse: – Espero que, um dia, o John e a Mary me perdoem – e deve ter-se esquecido do seu estonteante objetivo de ser dona de novos tomateiros, porque quase derrubou uns clientes quando se precipitou para a saída.

A LINHA DO SAL

Levantam-na numa maca como um soldado ferido, levam-na a correr pelo ar. A dor é uma estrela branca incandescente que a rebenta e abre. Eis o céu giratório. Senhora Moore, sabe onde está? O suplício impede-a de responder, como uma menina: São Francisco. Nova Iorque no outono, ai, era impressionante, laranja-amarelo nas árvores, exposições de arte, o pai, o mercado do peixe, folhas bordadas em linho. Contorcendo-se, ela sente a agressão fria de uma marquesa, quem são aquelas pessoas aos gritos. Mandam Edward embora e ela levanta a cabeça, volta, mas as enfermeiras empurram-no como carneiros. De pernas escanchadas, as tripas a saírem em frangalhos, quem é que vai ter de lavar o que está por baixo. *É uma menina, minha senhora*, tem uma menina, um nariz duas orelhas número correto de membros superiores e inferiores. Gorgoleja e grita. Minha filha, molhada de sangue nos meus braços, e as minhas entranhas a saírem ainda por entre as pernas como se fugissem de um incêndio no meu cérebro. O cordão a pingar e roxo, cortado, que engraçado eu carregar esta espiral dentro de mim.

É 16 de outubro. Ela nasceu dois meses antes do tempo, ou melhor, a bebé nasceu dois meses antes do tempo. Pessoas de máscara enfiam tecido dentro dela, a bebé está calada, pânico, mas aha!, ótimo, está a arrulhar, é demasiado pequenina para continuar a guinchar. Mary tem medo de que aquilo a que os portugueses chamam morte roxa a venha buscar, morte no parto, jorro inundaçãõ rio transbordante. Esvai-se e abanam-na, o remédio quando alguém se sente zozzo na neve, *não adormeças*, não, o sono é o ensaio da morte. Bebé menina do tamanho de um bacorinho precioso. Recém-nascida envolta em panos temos de a levar por favor mamã deixe-a, temos de a pôr num tanque se quer que ela viva, como é que uma coisinha tão diminuta consegue respirar com papel de seda ensopado no lugar de pulmões.

O átrio, quando o atravessam empurrando Mary numa maca, está pejado de soldados com ligaduras a arrastar, como náufragos a reconstituírem o

naufrágio. Camas com postes de madeira – doadas – alinham-se numa parede em vez de camas hospitalares de ferro. Depois de dormir numa enfermaria com outras mulheres, Mary descobre, determinada, onde os recém-nascidos se contorcem como girinos dentro de aquários, aguçando a esperança de que a sua menina – sua, de Ward, de John – sobreviva, apesar de ter umas mãos do tamanho do bico de uma ave canora. Uma enfermeira insiste para que Mary se vá embora, mas ela teima que não. Se não pegar na sua bebé ao colo, a bebé morrerá, ela não quer saber se a enfermeira se recusa a acreditar nisso. Acordada ou a dormir, numa cadeira de baloiço, Mary cuida da filha – numa cadência, hora após hora –, filha, uma palavra que em inglês, *daughter*, é tão longa, elegante e cheia de letras silenciosas.

Dão-lhe o nome Marcella Augustina Freitas Moore. Edward tira uma licença das suas aulas de ciências na Academia de Santo Inácio. A tez da bebé sugere um tom de pele entre o de Mary e o de John. Edward pergunta, maravilhosamente confuso, ela adora isso, pobre rapaz mundano na verdade tão limitado: «Como é que ela já tem tanto cabelo?» Ele nasceu careca. Marcella exhibe uma profusão de madeixas pretas. Ele age como se elas caíssem se lhes tocassem, o que comove Mary profundamente. Não para de aconchegar a bebé encharcada, a não ser quando a partilha com Ward, corações a falarem com um coração do tamanho de uma metade de figo: *Vais sobreviver, vais erguer-te acima das lágrimas*. Marcella, o teu pai de sangue não sobreviveu. Tu tens de viver, por ele, e pelo Ward, por ti, por mim. Eu sonho costurar a totalidade das estrelas como grãos de sal no céu, as estrelas que o meu pai me mostrou, dizendo-me os nomes, para poderes ter criaturas recortadas a guiarem-te na noite, um cisne, uma águia um caranguejo um auriga e, ao nascer do sol, descerão como guardiães e absorverão o suor salgado que geras quando te moves, quando amas alguém e corres e te esticas, tornando-os maravilhas duplamente salgadas que reluzem quando regressam ao firmamento, aí olha para cima então e vê vestígios teus a serem levados para as estrelas, meu amor meu amor.

Mary embala a filha, recusando-se a desistir até Marcella estar robusta. «Marcella» significa guerreira e é um jogo de palavras com mar. *Quando cresceres, vais ser atriz? O público não saberá que o teu poder vem de teres lutado tanto desde o início. O teu pai assistirá à tua interpretação – estás a vê-lo ali? – e será essa a história que contaremos, que te abraçamos para que absorvesse a nossa força, Marcella, o nosso Peixinho.*

Uma colcha de chenille parece nodosa de neve. *Herdaste o meu cabelo em bico na testa. Estamos debaixo de uma coberta que parece o inverno, mas encontramos-nos num estado quente à beira do Pacífico.*

Hei de levar-te ao Jardim Botânico do Funchal. Resta-me imaginar como seria a expressão do meu pai ao abraçar a neta. A vida, querida vida, é confusa, por favor convence-me de que vale a pena; por isso, tens de ser forte.

Os bebés nascidos demasiado cedo, como tu, mexem-se nas suas gaiolas de vidro. São os teus primeiros amigos. (Talvez os verdadeiros.)

A planta que trouxe da Madeira morreu. Vendemos a terra aos Stewarts e deixámo-los a falar sobre pomares de limoeiros e laranjeiras. Tenho de parar de sofrer pela minha planta das bagas milagrosas; não podes sentir em mim uma gota de infelicidade.

Fiz a promessa de honrar o meu casamento e quero aprender a amá-lo melhor e o meu amor por ti ajudar-me-á nesse sentido, Marcella. Já estive em demasiados lugares. Mas o ar de São Francisco infundir-te-á luz. Talvez venhas a ser escritora em vez de atriz? Escrevo com linha, mas tu podes usar palavras. Podes registar a história do teu pai de sangue, mas também a do homem ao meu lado, desejoso de proteger e preservar.

Olha, Marcella. Ele está a estender os braços, para eu poder dormir.

NÃO OS ANOS DA TUA VIDA MAS A VIDA NOS TEUS ANOS

1865-1874

O som da explosão que matou o Presidente riscou o ar desde o Teatro Ford até ao Illinois, onde gerou um ciclone com John no centro. Na multidão enlutada, enquanto o corpo de Abraham era levado para casa num caixão com rodas, de par com o de Willie Lincoln exumados – o esquife como um bolo de casamento preto debruado a branco, ou como um negativo fotográfico de um doce com rosetas –, os tímpanos de John latejavam também com o eco das armas que mataram Isaac. E foi então que compreendeu a sedução da irrequietude, o valor de ter tantos lugares para onde ir na América, que uma pessoa podia enterrar o clamor mais assustador sob a tarefa de decidir para onde viajar a seguir, como lá chegar, o que fazer, quanto custaria.

Cavalgou um cavalo de ferro até à fronteira do Missouri, onde, abruptamente, os carris encolhiam até pontos desligados em mapas no reino do Kansas. Contratou um carroceiro para o transportar para oeste, e a sua única conversa de monta deu-se à roda de uma fogueira no Território do Novo México, quando John se interrogou em voz alta, com um intuito cómico, se teriam o mesmo destino que a expedição de Donner, e o homem irritou-se: «Parece-lhe que estamos no inverno?», ao que John respondeu que não, de facto, não parecia. O carroceiro recusou-se a posar para a câmara de John, uma prenda de despedida de Frank. Passaram por cavaleiros que conduziam gado em cascatas de mugidos para fora de desfiladeiros montanhosos. Uma erva chamada «grama azul» desencadeava devaneios em que uma pessoa se afundava em tons aquáticos. Uma ave que não voava correu, sozinha, pelo solo, demasiado célere para que John a fotografasse. Num hotel, consumiu panquecas com pepitas de chocolate a formar uma margarida em cada uma delas e essa alegre obra de arte em que nada era essencial comoveu-o profundamente.

Graças a uns antigos combatentes que o saudaram numa taberna –

reconheciam-se uns aos outros sem precisarem das fardas –, John ficou a saber que os ferimentos azuis e verdes fosforescentes em Shiloh se chamavam «brilho dos anjos», porque esses homens recuperavam mais depressa e ninguém sabia porquê. Aonde quer que John fosse, soldados, alguns sem pedaços de carne, ou sem noivas por elas terem desaparecido ou casado com outros, falavam do caminho de Sherman para a aniquilação total, de Atlanta até ao mar, Meridian centenas de vezes. Milhares de homens, mulheres e crianças libertos e sem posses tinham seguido o general, os seus gritos engrinaldando o universo como Serafina o descrevera, onde não existe um único ruído, pensamento, ato, gesto ou palavra que não contribua para fazer e desfazer a totalidade.

Devia ter perguntado a Mary de que cidade vinha Edward. O homem parecera encarnar simplesmente os confins mais remotos do país.

As colinas da Califórnia, extremamente secas e de um roxo empoeirado, desconcertaram-no; faziam lembrar o Antigo Testamento. O mundo afigurava-se-lhe virado ao contrário, de modo que ele respirava num leito marinho seco e, abaixo da superfície da terra, se ela se virasse para cima, ele encontraria famílias com crianças a velejarem em barcos. Havia oliveiras e casas de adobe. Um vendedor de bolachas de água e sal arrastou-o em direção a Chino, porque John ouvira dizer que lá moravam portugueses. Todos os pormenores de todas as criaturas na praça pareciam endurecidos: os rostos dos produtores de leite, as caras dos cães. A cidade era um ponto de paragem a caminho da caça ao ouro e um lugar de passagem onde os caçadores de ouro falhados criavam vacas. Homens com dinheiro arrebataavam terras e minas e guerreavam-se sobre se alguém tinha o direito de se apoderar do que quer que fosse. Mas ele ouviu, de facto, a língua da sua mãe e da sua infância, e partilhou vinho com produtores de leite que entrançavam o ar com os sons fechados e os plurais em «ch» que ele reconhecia.

Sabia que aquele estado era bastante grande, mas nada o preparara para tamanha extensão. Ninguém a quem perguntou ao acaso ouvira falar de uma Perpétua Roderick ou Rodrigues, ou de um Henry Kingsley, ou de uma Perpétua Kingsley. A tentativa de enviar uma carta sem morada não deu frutos. Apesar de perceber que seria em vão, fez uma série de caminhadas esperando que o tamanho e a energia compactos de Mary surgissem com uma centelha diante dele. Escreveu a Nica em Brooklyn, e a Frank, e instalou-se num hotel para pessoas de passagem, na Primeira Rua, onde as carroças puxadas por cavalos deslizavam com estrépito na fronteira esparsa e o calor árido o purgava.

Numa refeição, serviram-lhe uma pera de casca amarela tão doce que ele julgou que ia explodir em pedaços, porque lhe pareceu que um mistério da vida fora resolvido, que a vida era uma manta de retalhos composta por momentos que continham um pouco de paz, ou um pouco de beleza.

E assim se passa um ano. E, a seguir, dois.

Mais. Um acordeão esticado.

Ele nunca se cruzou com Perpétua. Nem com Mary. Aventurou-se a percorrer de cima a baixo aquele estado mais jovem do que ele, até sentir que isso era patético, recheado de momentos mortos e inúteis.

Quando atravessava a Floresta Nacional de Wasatch, viu uma bailarina em cima do coto de uma sequoia tão grande que podia servir de pista de dança. Diante de público, ela rodopiava no pescoço polido da árvore.

John ajudou a tosquiar um rebanho de ovelhas e apanhou um desfile de vaqueiros que cruzavam uma planície de flores silvestres, os cavalos levantando tantas pétalas e tufos que pareciam enterrados até aos artelhos num arco-íris em palhetas.

Escalou a Cordilheira Teton e roubou um beijo à primeira ruiva da sua vida. Os namoros nunca iam longe, porque ele não parava sossegado num lugar. Não conseguiu encontrar Alonzo Gillespie no Território do Utah, mas a expansão da terra e as montanhas cingidas de azul barraram-lhe o avanço durante o tempo suficiente para ele parar em Fillmore, no Condado de Millard, porque gostou da matemática de aquele ser o centro geográfico exato da região. Depois de arranjar emprego num apiário, casou-se com uma fulana chamada Edith Wells, quinze anos mais velha do que ele. Era a proprietária das colmeias. O alpendre de casa dela estava tão abaulado que parecia sorrir. Quando ele a pediu em casamento, ela disse que podia ser. Ele pensou: *Sim, tenho de fazer isto; vou fazer isto. Assenta-me bem.* A única explicação para esse casamento foi um impulso de amplificar o absurdo de tudo, um desejo de ter uma casa, e um afeto por mulheres mais velhas que pareciam atormentadas. Ela fazia um café tão fraco que sabia a água com uns salpicos de tinta bege. Quando ele lho disse, percebeu que ela não tinha sentido de humor absolutamente nenhum.

John usava um fumigador para obrigar as abelhas a saírem das suas estruturas; colocava os pedaços de favos em bandejas de gotejamento. Instalava redes de arame que deixavam passar os zangões, mas não a rainha, para a isolar. Se deslocava uma colmeia, as abelhas que regressavam com néctar pairavam no espaço vazio, o que se lhe afigurava por demais comovente. Media mel para dentro de frascos, que vendia a oito cêntimos e meio a dúzia e sugeriu um sabor a pêssego que teve um êxito espantoso num trajeto ferroviário com paragens em Reno e Sacramento. Soube que Edith Wells tinha sido casada com um polígamo mórmon, que morrera na prisão dos devedores, e a casa estava hipotecada. Esse homem sobrecarregara-a com sete abortos espontâneos, uma bebé nada-morta e um filho adolescente chamado Charlie que, um dia, pegou numa espingarda e sugeriu que John se fizesse à estrada. Nenhum estrangeiro ia ter direito a casa nenhuma e, além disso, a ideia do que John andava a fazer era nojenta.

Edith pareceu tão indiferente à ideia de o perder como se mostrara quando fizeram os votos de casamento, e de bom grado se divorciaram.

Ele aceitou emprego na escola para surdos em Salt Lake City, onde voltou a ensinar crianças a erguerem-se do silêncio. Uma vez mais, foi viver

para uma residência masculina. Já não tinha religião, mas por vezes contemplava as montanhas violetas e castanhas e agradecia a Deus. John tornou-se paciente no seu trato com barbeiros, lojistas, rancheiros e a senhora que levava ovos à estalagem, a sua maneira de cumprir os requisitos quotidianos da hombridade. Como amar um mundo que as pessoas se esforçavam com tanta energia por destruir? Recordando o conselho da mãe para escutar uma música predominante: *Ergue-te, ergue-te acima dos corpos que choram numa terra lavrada com sal. Consola-te.* O sal apaga o fogo, é um sabor, e se provoca sede, abençoa-o por te levar a águas frescas. Eleva-te até onde a ligeireza se assemelha à sensação das uniões que buscas, chama-lhe paz, chama-lhe um reino de amor, mesmo que lá se viva sozinho.

—

No nono ano do seu êxodo, durante o seu exílio no Utah, ele regressou ao seu quarto arrendado, depois de um dia sem vitórias dignas de nota na sala de aulas, e, encostado à sua porta, onde a tinta estava gasta, esperava-o uma carta, o envelope creme com uma inscrição a preto, e ele recuou, como se fosse deflagrar. Reconheceu a caligrafia com os seus floreados, a sua semelhança ao bordado perfeito e às rendas de Guimarães.

Baixou-se e recolheu o que o aguardava e endireitou-se. Tinha trinta e seis anos, três anos a mais do que o tempo de vida dado a Cristo na terra, e seguiu na carta uns instantes antes de quebrar o lacre.

⁸ Terceiro filho de Abraham Lincoln e Mary Todd, que morreu de febre tifoide, aos doze anos, na Casa Branca. (*N. da T.*)

NADA HÁ ENCOBERTO QUE NÃO HAJA DE SER DESCOBERTO

1865-1874

Marcella Augustina Freitas Moore cresceu saudável e de olhos verdes, com o cabelo a formar um atraente bico na testa. Além do pai e da mãe, também os funcionários do café Tadich, em Clay Street, a mimavam, trazendo-lhe chávenas de moca com um coração de espuma. Ela gostava de leões de pedra, conchas de amêijoas, bonsais e do olhar distante da mãe. Cantava para a porquinha empalhada que o pai lhe comprara. Uma criatura chamada «sapo tomate» num aquário da cidade era um aliado precioso, que se encostava ao vidro para a cumprimentar, e ela adorava os leões-marinhos gorduchos e barulhentos perto de Cliff House, de quem a mãe dizia a brincar que a sua maneira de avançar na água como um saca-rolhas era uma espécie de ilustração do que lhe atravessava o crânio quando Marcella era pequenina e se queixava de cólicas.

Viviam no último andar de um prédio de quatro pisos, com gárgulas, em Russian Hill. O lírio roxo e seco de Emily Dickinson reinava, supremo, numa parede.

Mary desfrutava de ser uma rapariga urbana, fascinada pelas ruas, as colinas, o frenesim e o clamor. Os cumprimentos amistosos! Se havia alturas em que, tal como muitas mulheres (desconfiava ela), desejava poder juntar dois homens num só, um que encarnasse a paixão enquanto o outro fosse sublime a oferecer-lhe conforto, e se havia momentos em que perscrutava a filha e via John, ao mesmo tempo também sentia que Ward se soltava de camadas e camadas de reserva e que isso se devia ao facto de ela se permitir amá-lo na totalidade.

Cuidava de Marcella (deixou de pensar na menina como «sua»), enquanto ele estava na Academia de Santo Inácio, e ele entrou num circuito de palestras. Mary e Marcella assistiram, em Bolinas, à conferência dele sobre Central Park em Nova Iorque, um exemplo que atestava que a natureza é

nossa coabitante. Acabaram-se os encontros, como era hábito, em cemitérios! Mary afastou a recordação do jardimzinho municipal que John engendrara, à frente do seu tempo. «Estamos na encruzilhada do nosso país ao decidir quem somos», proclamou Ward, «não vá a maquinaria avassalar a nossa paisagem e, por conseguinte, as nossas almas».

Uma vez, durante um piquenique no campo, um puma aproximou-se deles por trás e Ward ensinou-as a levantarem-se em bicos dos pés e a erguerem os braços – tornando-se o mais altas possível enquanto gritavam –, para afugentar o perigo. O puma afastou-se aos saltos. Marcella declarou que o pai era o seu herói. «E tu és a minha Marcy-Darcy», respondeu ele.

Quando ela perguntava se podia ter um irmão ou uma irmã, Mary hesitava; os esforços nesse sentido tinham sido infrutíferos (mas isso não a vexou). Por vezes, Mary abraçava-a com tanta força que Marcella cantarolava: «Mamã, mamã, é amor a mais!»

Uma vez, isto causou-lhe uma explosão de saudades de John. Ele concordaria com ela, *alguns afetos nunca diminuem com o tempo*.

Edward trazia flores para casa, «para as suas meninas», e Marcella aprendeu a cortar os caules na diagonal para absorverem melhor a água. Oh, sê mais do que grata ou satisfeita, sente-te preenchida, adora e não te limites a ser adorada.

Mary ocupava-se com a sua toalha de mesa e, num quadrado à parte, criou um triunfo dos dois lados como um que vira numa revista, com um pavão de um lado e um tigre do outro, *usando as mesmas linhas*. O seu representava uma planta de bagas vermelhas, com o pai no avesso. Tudo era abundante, tudo fervilhava de vida. Lembrando-se de que, por baixo das ruas, estavam enterrados navios naufragados, ela detinha-se nos sítios onde supostamente eles se encontravam, pressentindo a sua inclinação. Adorava levar Marcella às lojas chinesas, com as suas profusões de vermelhos e dourados, onde compravam elefantes de jade para o peitoral de modo que os passarinhos vissem o vidro, embora alguns, bêbedos dos arbustos de piracanta, ainda lançassem os corpos inebriados à sua triste sina. Na Padaria Boudin, os homens que enfiavam e retiravam o pão dos fornos davam-lhes pãezinhos extra de massa lêveda. Que sabor! Era uma cidade de sabores. As brisas eram salgadas ou amanteigadas ou sabiam a carne de caranguejo. Meu Deus, e os *produtos agrícolas* da Califórnia! Comer aqui é tragar raios de sol! A comida inchava de clorofila e lembrava-lhe, de maneira semelhante, os produtos agrícolas madeirenses inchados de minerais vulcânicos. Quem era capaz de os enumerar todos? Limões meyer, amoras, couve-galega, acelga, a hortelã-pimenta silvestre em Angel Island.

As visitas de Mary a casa de Perpétua Kingsley na metade sul do estado abrandaram quando as exigências sobre o tempo de ambas se alargaram. Pet teve três filhos em cinco anos, enquanto Henry se tornava destro com a sua mão prostética e entrava para a gestão da Papeleira Acme. Durante uns tempos, antes de perderem totalmente o contacto, os seus encontros foram

uma oportunidade de falarem português. Mary ensinou algumas palavras a Marcella. Mãe. Pai. Filha. Madeira, fogo, faca, foco. Bruma. Bruxa. Beijinho. Alcachofras! O meu coração.

Nos ocasionais pesadelos sobre a destruição da sua colheita, as chamadas assumiam a forma de gafanhotos dos contos sobre enxames com um quilómetro e meio de altura e outro de largura a espalharem-se pela pradaria, roendo tudo o fosse verde, zumbindo e picando animais que não conseguiam correr suficientemente depressa.

O primo de Edward que lhe recomendara o emprego de professor mudou a sua família vigorosa e empreendedora para o Havai, com o intuito de criar uma empresa de viagens, e Mary, o marido e a filha choraram a partida deles e imaginaram-nos entre ananases e peixes variegados. Uma disputa contínua envolvia a recusa de Edward em apresentar Mary à mãe e aos irmãos, que viviam a curta distância deles, em Nob Hill. Era estranho não haver contacto nenhum. Mas chegou o dia em que Edward estava com Mary e Marcy-Darcy no Ghirardelli, a partilhar um gelado de chocolate, quando uma mulher com uma máscara a escorregar-lhe no rosto arruinado por uma bília nebulosa se aproximou, vinda de outra mesa, e rosnou: «Edward?» Ele apresentou Mary e Marcella a Andrea Moore, que arreganhou o lábio quando Mary disse:

– Prazer em conhecê-la.

– De onde é? – retorquiu Andrea, e teimou em saber.

Então, Marcella perguntou:

– Quem é esta senhora má? –, pondo fim ao único contacto deles os três com o passado de Ward, à exceção do primo, que agora apanhava banhos de sol no Havai, pelo que Edward disse a Mary:

– Não merecem que eu lute por eles. Tu, sim.

Como consolação por a filha não ter avós, ele comprou uma espineta e ensinou Marcella a dançar, levantando-a do chão e pousando-a na geladeira, proclamando: «Peixinho, nadaste até à Lua!» Ela ria-se: «Oh, papá!»

Faziam passeios de carroça pela costa abaixo até Castroville, perto de Monterey, onde o ar marinho e o calor eram tão perfeitos para as alcachofras que um imigrante italiano as fizera prosperar por lá, da mesma maneira que Mary levava a sua *Synsepalum dulcificum* para novos climas (condenando-a, por fim, à sua aniquilação). Ward anunciou que comprara dois hectares com uma casinha em Castroville. Mary achava que não precisavam de «um escape», como ele lhe chamou, uma expressão que dava a sensação de terem cometido um crime. Mas as alcachofras eram irresistíveis: umas minúsculas, que uma loja vendia envernizadas como pregadeiras, e outras enormes do tamanho da cabeça de um gato.

De vez em quando, sentindo-se só, Mary levava Marcella a um carvalho para poderem aninhar-se num nicho bordejado de folhas. Serafina Alves prometera crescer nas árvores, estar na madeira de qualquer mesa que os seus filhos tivessem. Escusado seria dizer que John também habitava as árvores, dando colo a Mary e à filha de ambos. Marcella nascera com temperamento

português e facilmente se enervava, e a natureza abrangente do seu choro assaz frequente lembrava vividamente que o corpo de John jazia algures em parte incerta, enquanto a carne de Mary mantinha uma brasa de desejo por ele, ainda... parecia impossível, desejá-lo assim tanto.

Foi então que aconteceu uma coisa no décimo primeiro ano de casamento, em 1872. Mary foi comprar marisco, porque Ward prometera fazer uma paelha para o jantar; ele tinha jeito para deixar o arroz crocante no fundo. Ele estava à mesa quando ela voltou da peixaria e a expressão dele deu a entender que alguém morrera. Marcella afastou-se aos pulos para ir fazer uma festa com os animais de peluche no seu quarto.

– Ward?

Hesitante, Mary obrigou-o a fitá-la. Os pacotes com camarões e mexilhões emanavam o seu cheiro intenso como se ela os tivesse molhado numa maré.

– Desculpa – disse ele, com a voz a falhar.

Nessa última semana, ele tivera um caso, não com uma admiradora de uma das suas palestras, como ela sentira que podia acontecer – pela maneira como elas o rodeavam no fim, de olhos cravados nele, tocando-lhe e bajulando-o – mas com a empregada de uma loja que lhe vendera o bibe para o aniversário de Marcella.

– Como é que ela se chama?

– Que importância tem isso?

Sirenes de nevoeiro gemiam, um som sobrenatural que Mary normalmente associava a serenidade.

– Prefiro associar um nome à imagem na minha cabeça, Edward.

– June. Foram só duas vezes. Já acabou. Fui um imbecil.

– June. *Moon, spoon, tune.*

Marcella cantarolava as rimas para o seu reino animal, com estrépito de pratos de brincar, e entoava a canção de embalar que Mary lhe ensinara, sobre ramos que se partiam. Mary não partilhara a melodia portuguesa ainda mais assustadora, sobre o bicho-papão que comia o pai, a mãe e agora ia comer o bebé. Normalmente era cantada enquanto dedos como patas de aranha se deslocavam do esterno do bebé até ao pescoço.

– Julgas-me infiel no meu coração, por isso este é o meu castigo – concluiu ela.

– Não. Eu não... eu não pensei. Tu deixas-me tão contente. Não acho que devas deixar de amar... tu sabes quem. Perdoa-me, por favor.

Marcella parou de cantar. De feitio preocupado, estava atenta às mudanças no ambiente em redor, era uma menina cheia de perguntas, uma detetora de mistérios. Ela apareceu, com o coelho chamado Bun nas mãos.

– Mamã? Papá?

À noite, Mary e Ward dormiram como tábuas lado a lado. Num gesto

que a horrorizaria para o resto da vida, levantou-se e enroscou-se como um gato debaixo da mesa da sala de jantar, para aí dormir como se estivesse debaixo de um cartão num beco. *Não tenho casa.*

Edward saiu de manhã para ir trabalhar na Academia. Ela disse à filha que, em vez de a mamã a levar à escola, tirariam esse dia de férias. Mary fez uma mala e alugou uma carruagem para a levar, não para a casinha de Castroville, mas para um hotel à beira-mar em Carmel. A sala de jantar servia o abalone que o dono do hotel arrancava das rochas. Marcella queria saber onde estava o pai e tinha saudades dos seus colegas do terceiro ano. Mary comprou-lhe um golfinho de peluche. Pedira um quarto perto do rugido do mar, onde chorava com o rosto numa almofada para abafar a sua mágoa, a sua ofensa, o seu desejo, a sua dor sem fim pela morte de John. Marcella dava-lhe palmadinhas nas costas, depois deitava-se ao seu lado e chorava também, porque queria voltar para casa. Mary perdoou a John por ter morrido. Teria alguma vez feito isso por inteiro? Arrependia-se tanto de não se ter casado com ele antes de ele ir para a guerra, que uma tempestade irrompeu dentro dela, suficientemente poderosa para batucar uma filosofia nos seus ossos, qual instrumento musical: parecia-lhe indizivelmente errado que as pessoas se gabassem de viver de uma maneira intocada por arrependimentos.

Pontilhadas de sal, passeavam ao longo da costa. Marcella animou-se quando comeram amêijoas fritas num cone de papel com um casal que disse ter ouvido contar que havia homens que disparavam armas em jogos de basebol para desestabilizar os lançadores e afetar os resultados, o que garantia uma boa maquia aos jogadores de apostas. *O John é a pessoa a quem anseio contar isto.* Rir-se-iam do facto de ele jogar cartas que, à luz daquela história, parecia um delito menor e pejado de esperança. Ela imaginava-o a jogar basebol de maneira exímia, tendo ouvido dizer que os soldados jogavam nas bases militares. A força dele, o corpo... é do corpo que sentimos tão profundamente a falta quando temos saudades de alguém, essa coisa que aloja tudo o resto que também amamos.

Numa alvorada rosa, depois de uma estada de duas noites, ela lavou a cara e anunciou:

– Está na hora de voltar para casa, Peixinho.

Os olhos de lava líquida de John, os de Marcella, fitaram-na e Marcella disse que ficava contente. Mary pagou a conta chocantemente elevada. Edward abriu-lhe uma conta bancária em nome dela na Califórnia. A capacidade que ele tinha de saltar em direcção ao perdão, passando por cima de etapas de melancolia e ira, respondeu ao pedido dela. O erro dele não tinha importância nenhuma, era uma ninharia. Fora o coração dela, com as suas dores, que continuara a atormentá-la, passado tanto tempo, e a ele também.

Transtornado com a ausência dela, Ward ofereceu à sua mulher uma caixa de música. Sempre que ela levantava a tampa, uma bailarina rodopiava ao compasso tilintante da *Fantasia* de Schubert. Schubert esse que, como ela descobriria mais tarde, acalentara um amor sofrido e não correspondido até

morrer.

Comprou *Alice no País das Maravilhas* para Marcella e leu-lho à noite. Contou-lhe que o avô dela, o pai da mãe, pintara pedras para parecerem morangos. Quando os pássaros batiam com o bico na superfície fajuta, aprendiam a não atacar um jardim. Fora afitivo deixá-las para trás, queimadas, na Florida. Ele e Marcella pintaram outras novas, para os gerânios dos canteiros da janela, e quando Mary se lhes juntou, a sua presença representou o perdão e a cauterização das feridas. Ward instituiu um jogo que consistia em esconder o golfinho em toda a parte, no bolso do casaco de Marcella, dentro da fronha da almofada dela, na mochila da escola, e ela escondia o golfinho na pasta dele ou na gaveta da cómoda e gritava de riso sempre que ele se fazia de surpreendido. «Oh, papá!»

– Amo-te, Mary – disse ele –, com uma força que nem sabia que tinha.

Recriminou-se, uma vez mais, pelo seu fracasso em conceberem mais filhos. Os serões tornaram-se sossegados. Uma vez, com um restolhar de papel, ele deixou cair o jornal que lhe escondera as pálpebras ensonadas, e ela concedeu-lhe o alívio e a dignidade de lhe sugerir que, apesar de ser cedo, podiam dar o dia por encerrado. Mas, antes, Ward declarou que seria fiel *agora e para todo o sempre, disse o corvo*; proferiu a frase como se a tivesse guardado a vida inteira para a usar assim que fosse oportuno. O espírito de John sussurrou: *Agarra-te à vida extraordinária que criaste num mundo unido que eu lutei para conservar*. Edward disse que morreria para a fazer feliz, se ela o aceitasse.

Ela disse que sim.



Em 1874, ocorreram acontecimentos momentosos. Mary faria trinta e quatro anos a 22 de abril, uma data a que o pai chamara o dia dos dois cisnes a nadarem. Edward faria quarenta e quatro a 4 de junho. Marcella faria dez anos em outubro. O seu décimo terceiro aniversário de casamento era no dia 1 de maio.

Primeiro, chegou uma carta de «Feliz Ano Novo» de Myrtle Jamison, de Nova Iorque. Passavam longos períodos sem se contactarem, mas a sua amizade nunca esmorecera. Myrtle conversara com um conhecido que era dono de uma galeria em Union Square, em São Francisco, e aceitara representar o artesanato de Mary Freitas Moore e, além disso, sugerira que ela apresentasse ao público a arte do bordado num evento especial, num fim de semana.

Insisti que mereces isto, Mary!, escreveu Myrtle. Que mais relatar destas bandas? A mente do Teddy foi-se abaixo durante a guerra. O Lawrence planeia reformar-se cedo do banco. A Gemma casou-se com um advogado e tem um filho, e a Clarisse trabalha na Sociedade Histórica e parece não ter pressa nenhuma de «assentar», como ela diz! Eu cuido do meu filho e continuo com os meus passeios. A nossa pequena estufa ainda tem

saudades tuas, como todos nós.

Em fevereiro, a Galeria Cortelli instalou uma vitrina para expor o bordado duplo de Mary, representando uma planta de bagas vermelhas de um lado e o pai do outro, com uma legenda num cartão a explicar que se tratava de duas composições feitas com as mesmas linhas... e ela começara a desenhar e a pintar aguarelas, e essas também estavam expostas, enquanto uma vitrina ainda maior albergava a sua toalha de mesa, com um comprimento digno do maior banquete da história.

Deram-lhe um estrado para ela demonstrar a arte do bordado, com Marcella ao seu lado, envergando o seu vestido favorito. Ao longo da bainha via-se uma família de peixes, porque a alcinha dela era Peixinho, a mãe, o pai, o irmão, a irmã, com as escamas bordadas. Ela anunciou ao público:

– A mamã é que fez *tudo* o que aqui está!

Fazendo cortes com a tesoura, Mary mostrou que os recortes dos bordados eram uma questão de não ter medo de criar um espaço vazio. Ward sorria-lhe de orelha a orelha, do fundo da multidão. Alguém gritou:

– Qual é o segredo da costura?

Mary perscrutou os rostos atentos, incluindo o do marido, e respondeu:

– O meu pai costumava dizer: «Primeiro, temos de aprender a amar a linha.»

Quando o evento começou a esmorecer, um jornalista do *Examiner* entrevistou-a e, espanto dos espantos, um cavalheiro chamado James Righetti deu-lhe o seu cartão de visita e sugeriu que ela pensasse em ser ilustradora dos livros infantis que ele publicava na editora Righetti & Leopold, sediada em São Francisco. Ele enviar-lhe-ia um manuscrito, se ela quisesse fazer um teste.

Dois meses depois do evento na Galeria Cortelli, chegou uma carta:

10 de abril de 1874, Springfield, Illinois

Querida Mary,

O JOHN ESTÁ VIVO! ELE VIVE! Eu explico. Primeiro, deixa-me pedir-te desculpa pela maneira como nos separámos. Durante anos, envidei esforços para reparar, inadequadamente, os danos que te foram infligidos, e de que eu própria fui culpada.

Quando descobri que estavas na Califórnia, comecei a examinar, todas as semanas, os jornais desse estado, entregues por correio, na esperança de que tu ou o Edward fossem mencionados. Embora tenha demorado uma década, que justiça o teu artesanato me ter levado ao teu nome numa fonte que costumo consultar. O jornalista do Examiner não quis divulgar a tua morada, mas

aceitou reencaminhar qualquer coisa que eu te quisesse enviar. Se esta missiva te chegar às mãos é prova de que a fama do teu artesanato permitiu que te encontrassem.

O John foi poupado ao destino mais chocante da guerra para a seguir se sujeitar a uma dose renovada de banalidades. Pouco depois de te casares com o Edward, quando me contaste todo o teu historial com o John, estava eu a comprar luvas num grande armazém quando me cruzei com a Dottie Willis. Com peso na consciência, ela confessou que pertencia a um grupo que decidira intercetar as cartas que escreveste ao John Alves e as que o John te escreveu em resposta, e falsificar uma carta da parte do irmão do John, cujo nome agora me foge.

Essa empreitada foi concebida e posta em prática pela Maud Dieterman. A Dottie deduziu que foi por o Edward ter rompido o noivado com a Maud quando tu apareceste, antes mesmo de ele ter tentado cortejar-te. A Maud recrutou a Gertie prontamente, depois de teres feito com que a Gertie fosse proibida de entrar em casa do Edward, destruindo assim as hipóteses dela junto dele. A Maud frequentava a perfumaria do irmão do John e discutiram porque, ao que parece, ele se recusou a vender-lhe uma coisa qualquer, portanto ela incluiu-o na «brincadeira», como lhe chamava. A Dottie era o tipo de amiga que alinhava nas coisas da Gertie e da Maud e foi pressionada para participar na «brincadeira» porque o sobrinho, o Taylor Seeger, o chefe da estação dos correios, estava aberto a subornos. Entretanto, ele foi despedido por causa de inúmeras queixas.

Eles intercetaram e absorveram as tuas missivas e as do John, adotando assim o estilo dele por escrito. Aqui a culpa foi minha: eu não os ajudei com os esquemas, não os aprovei, mas também não te informei do que estava a acontecer, tendo-me convencido de que orientar as tuas perspetivas de casamento na direção de um cidadão honrado te manteria mais ao meu alcance, tu numa vida que eu, com a minha arrogância, achei que seria inquestionavelmente a melhor para ti. Tive receio de que a Maud me exilasse dos círculos nos quais me esforcei tanto por entrar, quando correram boatos de que me casei com um homem muito mais velho «por dinheiro». Realmente casei-me com o Oliver por dinheiro. Só que gostava dele. Mas a minha intenção não é falar de mim. Fui ao teu casamento, sabendo que tinhas sido e estavas a ser enganada. Comi o teu bolo de casamento.

O meu pecado seguinte (e pior? quem consegue classificá-los?) foi que, depois de chegar a carta do capelão a avisar da morte, o teu rapaz escreveu várias vezes, com um lapso de tempo considerável, e soube pela Dottie que eles tinham retomado os seus

velhos hábitos. Todos nós, incluindo o Taylor Seeger, ficámos sinceramente chocados com os bilhetes dele, uma vez que o testemunho do capelão era genuíno. Podias ter recebido o John quando regressou da guerra, pelo menos isso, se nós, e fomos tantos, não te tivéssemos virado as costas e afastado. É inadmissível deixar-te envelhecer convencida de que ele morreu. (Apesar do meu comportamento, admiro uma coisa tão romântica, esbarrar num homem moribundo e devolvê-lo à vida!) Mas, uma vez mais... eu não disse nada. Não fiz nada. A minha desculpa desta vez? Eu comportava-me como se fosse tua mãe e, nos primeiros tempos, tu reagiste dessa maneira a mim, mas, quando te casaste, crescestes e deixaste de precisar de uma mãe, e eu levei isso a mal. Disse para mim mesma: «Ela correu para os braços de um rapaz e cobriu-se de vergonha, que escândalo!» Alinhei com a reação predominante. Defender-te seria o mesmo que condenar-me à ostracização. Estou chocada com a minha atitude. Mais uma confissão: quando era casada com o Oliver, conheci um jovem que queria dar-me a excitação que esmorecera no meu casamento. Não tenho dúvidas de que me perguntei: «Porque é que a Mary há de ter o que eu neguei a mim própria?» Também eu fiquei com ciúmes de ti.

Há o estranho pormenor, segundo a Dottie, de umas cartas de amor (uma era um desenho?) que eles deixaram passar durante o período de Shiloh, juntamente com outras durante a guerra. Será que um anjo intercedeu, impedindo que a beleza fosse entregue ao pó? Não, dar-te essas cartas, a ti e ao John, abertas a vapor e depois novamente seladas, introduziria insatisfação no teu casamento, afetando também o homem que rejeitara a Maud e a Gertie.

A verdade pura e dura: quando apareceste com o teu comprido cabelo preto e a tua agilidade artística para ires além de coisas como o vestuário, o mobiliário e os disparates sociais, tornaste-te um alvo. Julgo que o raciocínio da Maud foi: porque não relegar-te a ti, ao Ward e ao John (mais um estrangeiro ambicioso) ao destino comum de não terem um amor de primeira? A Maud (e a Gertie, e qualquer outra pessoa) seria sempre a segunda escolha do Ward, mesmo que não te tivesses casado com ele. Tu destruístes toda e qualquer hipótese de ele considerar outra pessoa como sua igual, mesmo que desaparecesses. Era impossível o Ward escolher a Maud depois de ti, ou fosse quem fosse. Por isso é que empurrar-te para os braços do John não era solução. Eles desprezavam a maneira como a tua beleza e o teu talento encontraram o amor duas vezes na vida. (Sou eu pura nisto? Não.) As tuas qualidades permitiram-te entrar na classe social deles e

tudo isto junto não podia passar sem castigo.

Encontrei-me com o John há uns anos quando ele andava a construir uma espaldeira. Embora incrivelmente atraente, era um ferido portador de graciosidade. Mencionou um teatro em Jacksonville. Assim que obtive o teu paradeiro, arranjei o dele contactando o Frank Meline, que esclareceu que um homem em decomposição estava agarrado à Bíblia do John e foi isso que induziu em erro um capelão bem-intencionado. O Frank indicou que o John passou algum tempo em Los Angeles antes de se mudar para o Utah, embora desaparecesse com frequência durante alguns períodos e o Frank perdia muitas vezes o contacto com ele.

Junto incluo a morada do John em Salt Lake City. Espero que esteja atualizada. Cabe-te decidir se a queres usar. Uma notícia adicional interessante é que o Frank, quando expliquei a campanha que foi urdida contra vocês os dois, disse que o John estava convencido de que um pregador chamado Isaac é que vos tinha prejudicado. O que quer que esse homem tenha feito, é inocente neste caso, nem engendrou nem levou a cabo um plano para vos separar. O Frank acrescentou que o Isaac foi uma das baixas da União.

Quando penso na maneira fria como te tratei e no facto de não ter dito nem feito nada, convencendo-me de que era uma mera observadora, fico horrorizada. A minha atitude mostrou-me que eu não me conhecia a mim mesma... ou melhor, mostrou-me que, posta à prova, eu era uma pessoa mesquinha e banal. Não admira que procurasse projetos cívicos, para me persuadir de que era boa. Mereço o teu opróbrio eterno em nome de uma amizade que me era tão cara.

Da Nell Clark

O meu amor está vivo. O choque, visível em linhas onduladas, percorreu os braços de Mary, arrepiando-lhe a pele. Depois de deixar cair a carta no chão, aninhou a cabeça nos braços em cima da mesa. Apesar da explicação de Nell, continuava confusa: porque é que Maud e os da sua laia não *quiseram* empurrar Mary para longe? O facto de John e Mary serem um casal absolutamente apaixonado seria assim tão insuportável para Maud, que se queria juntar caprichosamente a Ward (isto é, se por algum impulso errante ele a aceitasse)? Seria assim tão simples? Mary já aguentara a revelação de Dottie, mas a informação específica sobre o nome do cabecilha do grupo fê-la processar as coisas como se estivessem gravadas na pedra. Ai, como se houvesse razões lógicas para a necessidade constante de queimar e arrasar, de igualizar, de reduzir, de medir forças e competir a cada instante por cada

coisa, a necessidade de espancar um adversário até ele ficar espapaçado. Os gestos de bondade com que Maud a brindara destinavam-se a fazer com que ela baixasse a guarda para poder ser devidamente examinada. Até as ofertas de bebidas alcoólicas e queijo que Mary recebera com efusivos agradecimentos mas que nunca provara: engorda, embebedate, torna-te imperfeita.

Meu amor, estás entre os vivos?

Mary dera uma dentada num pãozinho barrado com compota de groselha e o meio círculo deixado pelos seus dentes e a brancura do prato fascinaram-na. Os números da morada de John boiavam na página. A filha estava na escola e Edward no trabalho. A sua missão nesse dia era comprar aquarelas na loja de artes plásticas. Um livro infantil precisava de flamingos e ela estava desejosa de fazer experiências com a quantidade de água no pincel. As suas ordens iniciais para se levantar da cadeira foram em vão.

Enquanto descia as escadas, um joelho cedeu num patamar e ela não conseguia levantar-se dessa posição e, por um instante, foi um animal de quatro patas. Depois, ergueu-se, saiu e comprou as suas tintas e, perto de uma vitrina na loja com uma mostra de cores, disse o nome completo de John em voz alta.

Enquanto aplicava uma primeira pincelada de tinta amarela no papel, de repente gemeu e a água voltou a inundar-lhe os joelhos, fazendo-a cambalear até ao armário onde estava a sua toalha de mesa e tirou-a do sepulcro de linho e encostou-a à barriga. Foi catapultada pelo espaço. Que estranha, a sua calma, quando contou a notícia a Edward antes do jantar, quase sem falar enquanto enchia uma taça com alface californiana em cinco tons de verde. Após a intensidade do seu próprio choque, ele honrou-a indo buscar caneta e papel e insistindo para que ela escrevesse a John e, então, os seus ombros curvaram-se, e ela sentou-se com ele enquanto ele se recolhia no fundo de si próprio e depois voltava à superfície.

Quando foi buscar Marcella à escola, Mary reparou numa menina que seria de uma criancinha, apontando para ela, e juntaram-se outras imitando-a. Com os óculos a escorregar, Mary correu a proteger a menina para ela não ser alvo de chacota e gritou à principal agressora:

– Vai para o inferno! Vai para o inferno, sua monstrixinha! Devias ter vergonha!

A agressora recuou.

Mary esperou que a prendessem ou que a escola telefonasse, mas nada aconteceu, porque por vezes o mundo pode ser muito descontraído em relação a absorver a crueldade no seu couro.

Numa manhã saturada de bruma, as sereias de nevoeiro geram durante muito tempo e muito alto, e Mary Catherine Freitas Moore sentiu-se grata por elas. Que sinfonia. Na Máquina do Som de John, isso podia ser capturado como um círculo irregular. Vivemos e ardemos durante um breve instante, os nossos desejos derramam-se e a mesquinhez é uma coisa risível,

porque de facto a terra perdura.

ALPERCES

A visão de John do seu caso com Mary – a ideia de retomar no ponto onde tinham ficado durante a guerra – teve a ajuda do ar estival a aconchegá-lo durante a viagem de comboio de Salt Lake City, a aquecer-lhe os braços e as pernas. Na sua fantasia, o pano de fundo enchia-se de chuva espantosa e abundante, rajadas frescas que concediam alívio. Depois de se encontrarem no cais de Monterey, como tinham combinado, e cada vez mais encharcados, correriam para o hotel aonde ele chegara um dia antes. O solo estava coberto de morangos silvestres. Rir-se-iam ao verem que era difícil despir as roupas ensopadas e, com tanto de medo quanto de anseio, ele levá-la-ia ao colo para a cama que eles deixariam molhada de chuva, a frente fria do mar pela janela aberta, suave a princípio, depois tremenda e, por fim, abrandando.

O cais de Monterey estava à cunha com gente a passear num sábado, uma aguarela. Ele levava a sua máquina fotográfica. A uma velha no molhe, comprou uma dúzia de alperces. Adorava-os como fruta; adorava-os como cor. A carta de Mary indicara aquele local, onde se congregavam portugueses. Ficava perto de um dos lugares onde vivia, a vinte e cinco quilómetros dali. Isso significava que Edward lhe dera não uma, mas duas casas. John tirou uma foto à vendedora de alperces, a água um oleado em forma de trevo. Quando ele lhe respondeu por escrito, mencionou que fazia fotografia com muito entusiasmo e que gostava de Salt Lake City e de dar aulas de língua gestual. Confessou que quase desmaicara ao receber a carta dela em papel elegante e aceitou o convite para se encontrarem. Escolhe tu o dia, o local.

Ela avisou-o de que Edward consentira aquele encontro em Monterey. E de que também tinha notícias para lhe dar sobre o velho mistério de quem lhes fizera mal e partilharia uma carta que recebera com a revelação total. Ele pensou que por «revelação» ela se referisse ao nome do chefe de estação ou do aliado (Sarah Brink?) que ajudara Isaac. Embora não lhe apetecesse voltar a esse tema, talvez ela precisasse de o abordar uma última vez.

Muito mais importante era a notícia espantosa que lhe dera uma nova forma. Havia uma menina chamada Marcella e era sua filha, do tempo que passaram em Vicksburg. Perguntou-se se Mary teria percebido que a filha tinha a palavra «cela» no nome. A resposta dele incluiu perguntar se podia conhecer Marcella, por favor, nem que fosse só uma vez.

No cais, passavam pessoas vestidas à verão, entretidas a comer qualquer coisa. Enquanto ele esperava, com o saco de alperces, o rosto barbeado de navalha, o cabelo preto lavado e penteado para trás por baixo de um chapéu novo, e as calças pretas e a camisa branca lavada e passada a ferro, expandiu as imagens do seu caso amoroso até este se tornar um reino maior, que se lhe afigurou um desejo demasiado grande para ele pedir. Iriam para qualquer lado e teriam uma casa. Ele aplainaria o soalho para o tornar liso e despejaria as aparas de madeira no jardim. Instalaria um telhado de cedro. Entrançariam os cabelos da filha, despedaçariam um piano à machadada se não houvesse mais nada para queimar e eles vivessem num frio insuportável.

Haveria roupa de noite dobrada, ainda quente do sono de ambos.

Mary encaminhava-se para ele, com Marcella pela mão. Ele esquecera-se de perguntar se a menina saberia quem ele era, o que o deixou nervoso. Ter pedido para conhecer a sua bebé agora parecia-lhe uma má ideia, o seu primeiro fracasso como pai.

Ela tinha nove anos, quase dez, e era o ponto intermédio exato entre a aparência dele e a de Mary, e isso destruiu-lhe a capacidade de formular palavras.

Detiveram-se a uma certa distância. A insegurança dele fazia-o sentir que o cais balouçava, tal como o barco ribeirinho com as cadeiras de rodas a dançarem. Deu cabo dele reparar no vestido de Mary, cor de limão e com gatos bordados na gola. Ela usara-o em casa dos Lincolns. Era tão doloroso contemplá-la que ele sorriu para Marcella, que o observava com firmeza (criança séria, meu Deus, saía mesmo a eles).

– Mary – chamou, e apressou-se a colmatar o espaço entre eles.

Ela levava os óculos postos. A menina tinha os olhos verdes da mãe e o cabelo ondulado a formar um bico escuro na testa. Trocaram nomes. *John, esta é a Marcella. Marcella, este é o John, amigo da mamã.* Marcella perscrutou os adultos, enquanto ele pousava a máquina fotográfica e o saco com frutos carregados com os céus do Oeste. Mary cheirava a pirola e eles encostaram-se para os seus corações poderem conversar. Marcella apanhou o chapéu dele quando caiu. Sensata, atenta aos pormenores. Ela é dele e, ao mesmo tempo, não é. Provavelmente ele suplicara para conhecer a filha com o intuito de que a presença dela confirmasse o que era mais do que óbvio: eis uma menina que passara demasiados anos com outro homem a fazer as vezes de pai. Acrescente-se a isso a verdade constante de que Mary era uma mulher católica casada que – e ela lembrou-o a John na sua carta – jurara não voltar a ferir o marido. Mas ela não desfez o abraço. Os seus óculos saíram do sítio quando ele a apertou e engoliu as lágrimas. Mas ela chorava.

Depois de tanto imaginar, e até uns minutos atrás, ele pensara: *Ela vai ficar comigo. Vivemos em Salt Lake City, ou em Los Angeles, ou onde ela quiser. Fingiremos que não temos passado.* Era impossível. Ele não disse nada, mas ela assentiu com muita força, de olhos fechados. *Está bem, ó Minha Mais-Que-Tudo*, sussurrou ele, com as pessoas a rodopiarem à sua volta. *Está tudo bem, meu amor. Eu sei. Eu sei.* Era um gesto incrivelmente nobre de Edward conceder-lhes aquele momento. Não havia mais nada a fazer. Era assim que John e Mary se amariam: abdicariam um do outro para sempre. Ele não tiraria uma menina, mesmo sendo sua, ao pai que ela conhecia. Não magoaria um homem correto. O seu corpo de encontro ao de Mary transmitiu-lhe tudo isso e à sua própria alma também: ele sabia que ela sabia que ele sabia que ela sabia. Limitou-se a dizer:

– Queres ouvir uma grande notícia, Mary? Querida Mary. – Segurou o rosto dela com as duas mãos. – É muito possível que a tua planta tenha sobrevivido, em Mandarin. Fui lá. Os Stewarts mostraram-me duas plantas novas que estão a rebentar.

Ela disse que não tinha forças para cultivar mais nada. Riram-se, só um bocadinho. Os sapatos dela eram de um tom azul-perlado, como o interior de conchas de abalone. De repente, ela disse de chofre:

– Desculpa, John. Tenho tanta pena.

Não. Não, querida. Não tens culpa de nada.

– Tive tantas saudades tuas – soluçou ela. – Pensei que tinhas morrido. – Marcella, uma menina já completamente formada e em formação, estava encostada ao tronco dele. Ele enlaçou-a com um braço e disse que a mãe e ele eram amigos da terra onde nasceram e os velhos amigos ficavam muito emocionados quando se encontravam. Falando em português para esconder as suas palavras da filha de ambos, Mary disse: – Eu devia ter-me casado contigo da primeira vez que me pediste a mão.

– Ouve, querida – respondeu ele. Marcella parecia um daqueles aparelhos auditivos de que ele se recordava da escola dos surdos em Jacksonville, as invenções inteligentes e extremamente sensíveis que absorvem qualquer som, por mais ínfimo que seja. Pegou no seu lenço e enxugou o rosto de Mary, conservaria as lágrimas salgadas quando secassem no tecido. Também falou em português. – O Edward fez bem em se casar contigo. Vai continuar a cuidar bem de ti e eu agradeço-lhe por isso. – E foi-se abaixo, porque estava despedaçado. Chorou e foi a vez dela de o consolar, enquanto ele arquejava, ainda na primeira língua de ambos. – Eu não sirvo. Não posso cuidar de ninguém por causa da guerra. Mesmo que fosses livre, eu não te podia oferecer nada. – Marcella manteve-se colada a ele. John devia controlar-se agora, tinha de o fazer, e mais tarde sim, ir-se-ia abaixo, a sós.

A destruição dele começou em Meridian?, perguntou Mary.

– Não – segredou ele. E em português: – O que me destruiu foi ter ajudado a matar aquelas pessoas à fome em Vicksburg. Meridian foi a loucura, e um rapaz foi assassinado por um oficial louco e eu feri esse oficial

para o impedir de matar a mãe do rapaz, mas esse tipo de tragédia acontecia a toda a hora.

– O que é que vocês estão a dizer? – perguntou Marcella.

Ele inclinou-se para ela e disse:

– Qual é o teu nome completo, Marcella? – Ela levava uma bolsinha, uma criança a querer ser adulta. Esta tinha lantejoulas.

– Chamo-me Marcella Augustina Freitas Moore – respondeu ela. A espuma do mar para lá do corrimão estava entufada, como se as nuvens tivessem descido sobre ela, na esperança de viverem no fundo rochoso, mas a água lhes vedasse a passagem, fazendo-as agitar-se.

Na sua primeira língua, Mary explicou que não contara a identidade dele a Marcella. Fá-lo-ia, um dia. Mas, por enquanto, Mary repetiu em inglês que ele era um amigo dos tempos de juventude da mamã, que ajudava as crianças a falarem quando elas não conseguiam ouvir, e olha, ele tem uma máquina fotográfica, porque é um artista que faz fotografia.

Marcella era uma alma velha e não jovem. John também era uma alma velha, como Mary. Edward, idem, sem dúvida. Ele disse-lhes para ficarem com os alperces e que estava na hora de ir andando. Baixou-se para se despedir de Marcella com um beijinho e, nesse abraço, ela disse, a rir, que gostava do bigode dele. Virando-se para Mary, ele perguntou:

– Disseste que tinhas uma carta para mim?

– Não é preciso. Já sofremos demasiado.

Ainda assim, respondeu ele, se havia uma verdade a suportar, ele preferia que ela não a carregasse sozinha, e ela procurou a carta na carteira e pôs-lhe um sobrescrito na mão.

Mary contou que estava com a mãe dele quando Serafina passou para o mundo dos espíritos.

– Ela deu-me a Máquina do Som. Queres que ta envie? Disse qualquer coisa no fim, que ficou gravada em papel com fuligem, mas não nos disse ao certo o que era. A Nica ficou com o papel. Não é bom?

Sim, era ótimo Nica ter ficado com a última gravação. Quanto à Máquina do Som, Mary podia ficar com esse fóssil ou deitá-lo fora.

Mary, cheia de graça. Todo o seu decoro se estilhariaria, se ele exprimisse a paz que sentira ao saber que a alma da sua mãe estivera mergulhada em perdão, nos derradeiros momentos, pelo que disse simplesmente:

– Obrigado por teres tratado a mãe com carinho. Isso ajuda-me a sarar tantas feridas, minha querida.

Ele tirou-lhes uma fotografia. Mary, de sapatos azuis, vestida em tons de limão, gola com gatos, abriu a boca num sorriso. Beijaram-se de uma maneira que tinha de durar para sempre, adeus, mas não de forma que assustasse a filha. A mão dele segurou-lhe nos cabelos por um instante, quando se perdeu dentro de si.

Disse a Marcella que lhe ensinaria a melhor coisa da língua que se usava

para comunicar com as crianças surdas. Apontou para o seu peito, depois para o dela, em seguida cruzou os braços sobre o tórax.

Ela imitou-o. Menina esperta. Compreendeu: *Adoro-te*.

De mãos dadas, levando os alperces, Mary e a filha viraram-se para se irem embora. O problema de um cais é que só tem uma saída e ele zanzou até ao corrimão, para se amparar enquanto elas desapareciam primeiro. O seu único consolo era ainda estar no mesmo mundo – com o céu lá no alto, a terra lá em baixo e cursos de água de permeio – que a pessoa que ele mais amava, que amaria para sempre, onde sabia que ela punha os pés e cuidava de uma criança que lhe suscitava o espanto: ele era pai. Deteve-se junto de uns pescadores com as suas linhas afundadas.

E, então, ouviu o clamor de alguém a correr para si.

RECORTADOS

A imagem que ela carregava:

Enquanto abraçava John num cais, os seus desejos gravaram o contorno deles juntos.

Tornaram-se invisíveis, deixando apenas o recorte de ambos abraçados.

Foi esse recorte que ela carimbou em todos os sítios para onde olhava.

Esse buraco com a forma de ambos, fundidos.

Alperces machucados, peles rebentadas. Ela devorá-los-á.

Marcella declarou:

– Mamã, aquele homem é parecido comigo!

Ela soltou-se da mãe e, agarrando no saco de alperces, correu com passos pesados pelo cais abaixo até ao sítio onde John se encontrava, com um pé numa barra de ferro, como um marinheiro no convés. A carruagem de Mary aguardava-as. Edward tratara disso. Ela quisera fazer a coisa certa dando a carta de Nell a John, mas no seu único momento com o seu velho amor, ela causara-lhe mais dor. Devia ter dito que se esquecera dela. Que bem poderia fazer a John, descobrir que estavam enganados em relação a Isaac, sobretudo estando Isaac morto?

Não, ela devia-lhe a verdade completa. Tinham chegado a um ponto em que conseguiam lidar com isso, acabaram-se os segredos. Agora, conseguiam aguentar tudo e mais alguma coisa.

Ela confiava – sabia que devia confiar – que John deixaria Mary e Ward decidirem quando é que contariam a Marcella quem ele era e, por conseguinte, quem ela era. Mary ficou parada no lugar, a observá-los. John parecia dizer que não, Marcella devia aceitar os alperces. Eram para ela! Todos. Depois, riu-se e aceitou um.

O que partiu Mary em dois foi o gesto de John, que levantou Marcella

do chão – franzina para a idade, como Mary tinha sido – para ela poder empoleirar-se na barra mais baixa do corrimão e ver melhor enquanto ele apontava para a água. Mary inspirou fundo quando John tocou na bebé de ambos com os dedos por baixo do queixo, o toque instrutivo da sua juventude para ensinar a lição dos marinheiros sobre manter sempre um olho no horizonte, para não ficar enjoado. A filha guinchou de deleite – Mary ouviu-a ao longe – e John também pareceu espantado, gritando; e Mary viu, do seu lugar, qual era o motivo de tanto entusiasmo.

Um peixe-voador! E mais um! E outro! Três!

Ela era de uma ilha, e agora vivia perto do Pacífico, e aqueles eram os primeiros peixes-voadores que via. Não devia voltar para junto dele, porque se agarraria e imploraria para que eles os três fugissem.

Peixes-voadores!

As únicas criaturas que casam um passarinho que voa com um peixinho que nada.

Ele exclamara uma vez que as bagas dela eram o sabor mais doce da sua vida, mas os alperces vinham logo em segundo lugar. O alperce tinha uma tonalidade tão exótica como os pigmentos na vitrina de cores do pai.

Quando, daí a anos, Marcella anunciasse a profissão que tencionava seguir – centrada em fazer perguntas e buscar respostas –, Mary convencer-se-ia de que o desejo da sua filha surgira daquele momento.

A filha correu de volta para ela, fazendo ranger o cais, e Mary conduziu-a à carruagem, sem olhar para trás, Marcella a balouçar a bolsa decorada com estrelas-do-mar em lantejoulas.

– Dei-lhe um dos alperces, mamã – disse Marcella. – Não é justo ele ficar sem nenhum. – Perguntou se a mãe tinha visto o peixe com asas, que o homem da ilha dela convocara, e Mary confirmou que fora a imagem mais rara da sua vida inteira, e possivelmente nunca mais voltaria a cruzar-se no seu caminho.

PROTEGE-ME, SENHOR,
COMO A MENINA DOS TEUS OLHOS

Quando é que murmurar perdão não passa de uma incapacidade de suportar algo que está para sempre arruinado, de aguentar o que não tem reparação possível? Ele sentiu-se tão desanimado por Mary e Marcella, e pela culpa em relação a Isaac, que se deitou, abatido, no hotel. A notícia da inocência de Isaac, de John ter feito a sua quota-parte para empurrar o excêntrico desenraizado para a morte, entrou em combustão com uma imagem em que atirava uma planta perene envasada pela janela da tal Maud Dieterman, *que ele nunca vira sequer na vida*. Ela até tentara virar o único irmão de John contra ele, por Rui se ter recusado a vender-lhe um perfume, provavelmente por ter sentido pelo cheiro dela que era um monstro (ou simplesmente devido ao seu feitio taciturno).

Foram as *guerras de Mary* que os mataram.

E, então, tudo fez sentido: aqueles manda-chuvas de Chicago, ou Jeduthan, esvoaçariam pelo mundo da alta roda de Maud, mencionando, para as pessoas se rirem, as tentativas de John para lhes arrancar uma fortuna. Ele e Mary não tinham ponderado isso, os círculos da sociedade que se intercetavam por cima das suas cabeças. Edward, depois de doar o tal lote de terreno, podia ter contado a Maud a trapalhada do concurso. Também podia ser verdade que Augustus Ayers, afável como a primavera, tivesse comentado que a disputa fora um tormento e o rumor se tivesse espalhado no mundo airoso que Mary invadira, galgando a ponte levadiça, com John aos tropeções atrás dela. Acrescente-se um chefe de estação dos correios conivente com os malfeitores, oferecendo-lhes acesso a cartas que revelavam o estilo de John, e a maldade podia perdurar e prevalecer.

John escreveu a Frank, explicando-lhe os seus planos para a fortuna que recebera graças ao *Requiem* de Rui. Ambos tinham máquinas fotográficas Kinnear e deviam começar um negócio de cartões estereoscópicos. Uma

pessoa segurava no braço de madeira de um estereoscópio com um visor para espreitar através de uma lente para uma imagem presa na ponta desse braço, onde ela se transformava em tridimensional. John viajaria, captando fotografias excepcionais, e enviá-las-ia a Frank para as processar em cartões estereoscópicos com os conhecimentos de Elizabeth. Frank enviaria a John a sua parte dos lucros.

Além disso, John investiria a maior parte do seu dinheiro na restauração do teatro, pondo-o num brinquinho, e atraindo os melhores espetáculos, ilusionistas, ventríloquos e atores bem pagos em peças bem produzidas.

Como seria de esperar, Frank protestou por John investir uma parte tão grande da sua fortuna inesperada no Teatro Meline, mas John insistiu. George e Teresa pediram-lhe para assinar um contrato que lhe garantiria cinco por cento dos lucros, mas sem o responsabilizar por quaisquer perdas. Depois de todas estas cláusulas, transferências de dinheiro e planos de negócios, estava na hora de John voltar a fazer-se à estrada.

A primeira fotografia das Coleções Alves-Meline foi o seu contributo das duas Beldades Madeirenses de Monterey. A segunda, uma imagem de uma vendedora de alperces.

Peixes-voadores: captou alguns em película, depois de ter regressado ao local e esperado e esperado por eles.

Uma Série de Comida foi um sucesso: peixe inteiro assado; pirâmides de maçãs; bolos com recheio de compota expostos em corte. Algumas coleções – imagens e histórias da pradaria, uma Série de Animais & Pássaros – venderam em quantidades modestas, enquanto outras, especialmente a dos Lagos da América, explodiram como azáleas no calor madeirense. Não era segredo nenhum, aquele era o rasto de migalhas de pão que ele deixava a Mary: aqui estou eu. Vivo. Captando um mundo onde Tu existes.

A sua Série de Antigos Combatentes da Guerra Civil causou um certo furor. Apesar de nas costas de cada cartão estereoscópico vir um carimbo a dizer coleções alves-meline, teatro meline, jacksonville, illinois, ele nunca teve notícias de Mary e aceitou-o como justo. Uma vez, num pensamento que cheirava a catolicismo, sentiu que o silêncio era o castigo pelo mal que fizera a Isaac, fosse ele qual fosse, e nesse momento teve noção de que se transformara, qual gémeo de Isaac, num homem desgraçado com uma infância terrível, que não compreendia porque é que Deus tinha de o condenar de maneira tão excessiva, a punição desadequada aos seus eventuais pecados humanos.

Depois do nascimento do seu segundo filho, Frank e Elizabeth mudaram-se para West Orange, em Nova Jérсия, onde ele arranjou trabalho no laboratório de Thomas Edison e deixou Hugo em Jacksonville à frente do Teatro Meline, que agora ia de vento em popa.

A sua correspondência tornar-se-ia caótica, mas John encontrou-se com Frank em Nova Iorque para ver Edison iluminar dois quilómetros e meio quadrados da cidade. John teve a ideia de colocar retratos de pessoas entre

imagens de luzes acesas. Através do estereoscópio, os seus sujeitos pareciam pairar entre as estrelas. Essa série rendeu tanto dinheiro que John nem sabia o que fazer com ele. Comprar uma casa não era prático para um homem que não parava de mudar de sítio, embora por vezes ele se detivesse uns tempos em povoações onde houvesse surdos e desse aulas durante umas temporadas.

Tornou-se mais difícil manter o contacto com Nica, mas imaginava-a a apertar os patins para atravessar o East River gelado, com Michael Windsor ao seu lado, um homem que John talvez nunca viesse a conhecer. Com o passar dos anos, nasceriam três filhos, duas sobrinhas e um sobrinho.

Chegou uma altura em que, em vez de evitar pensamentos sobre Mary por serem demasiado dolorosos, ele se permitia contemplá-la com a frequência que desejava. Quando os alunos aprendiam com ele a sentir a música no corpo, ou se investiam de maneira mais plena na língua gestual, ele ouvia-a na sua mente a dizer que estava orgulhosa dele. Esperava que ela fizesse o mesmo que ele, que era parar algumas vezes, muitas delas inesperadas, num pomar, ou ao acordar, ou quando pássaros voavam em V, ou depois de convencer um menino a não ficar frustrado na sua prisão sem som, e John fechava os olhos e via-a nessa escuridão só visível aos seus olhos, e as suas feridas saravam muito mais depressa, porque ela lhe enviava o amor que começara na sua juventude.

Uma última mudança ocorreu antes do virar do século, em 1899, quando John tinha sessenta e um anos e fez fotografias dos efeitos do Grande Nevão que varreu o país de uma ponta à outra na vertical. Como já não desejava fugir de si próprio, engendrou uma ideia de como passar o resto dos seus dias. Gostava da Florida; voltar para lá foi como um passe do destino. Depois de visitar a quinta dos Stewarts e de encontrar a *Synsepalum dulcificum* viçosa, convenceu uma escola ali perto a contratá-lo, uma escola criada por Harriet Beecher Stowe para crianças de todas as raças. Bastou ensinar dois alunos surdos e a sua fama cresceu e ele começou a lecionar uma turma inteira de meninos e adultos surdos, duas vezes por semana, entregando-se mais vigorosamente do que nunca à língua gestual.

Passava o resto do tempo ou a trabalhar nos campos depois de persuadir os Stewarts a contratarem-no, ou a passear com a sua máquina fotográfica, embora num raio mais reduzido.

Absolveu-se em relação a Isaac, um pouco. Abdicou do sonho lúcido de lançar uma planta envasada contra a vidraça de Maud, só um bocadinho.

Começou a dar-se com uma viúva de cabelo curto e bem-disposta, da sua idade, chamada Melissa Kaye Bennett, que dava aulas na escola de Stowe. Quando se casaram, ela tornou-se tecnicamente sua segunda mulher (o fiasco com Edith Wells marcara-o a ferro quente como gado, mas contava como casamento), embora fosse a sua primeira esposa de verdade. John sentia-se grato pelo sentido de humor de Melissa e pelas noites num clima balsâmico onde ela o amava, e ele a amava, e acordavam entrelaçados como um caduceu numa rede.

—
Ele descansou.
—

Mas, num dia soalheiro de primavera, em 1906, ele virou a cabeça bruscamente, contraindo um nervo enquanto tirava terra às pazadas de uma colina pejada de bagas. Sentiu que uma desgraça se abatera sobre Mary e caiu de joelhos — Ó Minha Mais-Que-Tudo, magoaste-te? —, enquanto dizia a si próprio que estava a ser ridículo. Mas temia que ela tivesse morrido e, efetivamente, os títulos dos jornais do dia seguinte bradavam que um cataclismo devastara São Francisco, um tremor de terra que era um ato de Deus. A carta que escreveu a Mary, incitado por Melissa — a sua mulher sofrera muito, ela própria, e tinha um coração enorme —, foi devolvida mutilada e com um carimbo em negrito: destinatário desconhecido.

ALGUNS PENSAMENTOS ENCONTRAM-NOS JOVENS E MANTÊM-NOS JOVENS

ABRIL DE 1906

Ward insistiu que toda a gente pintasse ovos para ele os esconder no apartamento. Tinham muito que celebrar! Mary faria sessenta e seis anos daí a uma semana e quantas vezes é que Marcella os visitava, vinda de San Diego? A neta Catharine ia fazer a sua estreia nos palcos dentro de três dias, no Teatro Central, aos catorze anos! Um papel de figurante, mas mesmo assim... que começo, que maravilhosa manhã de Páscoa.

Catharine sussurrou à avó Mary que o avô Ward estava a fazer os possíveis para a distrair dos nervos de pisar o palco. Mary concordou e anunciou:

– Tens meia hora, Ward. Se nos esquecermos de um ovo atrás dos meus livros e apodrecer, vou refilar contigo para o resto dos teus dias.

Ele riu-se e ela também, e Marcella queixou-se de que a sua falta de jeito para pintar fazia com que os seus ovos parecessem o produto de pássaros bêbedos numa fábrica de tintas.

– Vamos lá, meninas – disse Mary, mas virou-se à porta para fitar o marido. A luminosidade matinal incidiu no tremor da mão dele, que a preocupava. Desde que se reformara, ele curvava-se sobre as páginas, escrevendo artigos para revistas de botânica, e ela beijava-lhe a cabeça rala e sugeria suavemente uma palavra quando a mente dele lhe falhava um pouco.

As ruas de São Francisco estavam frescas e ela deu o braço a Marcella e a Catharine, porque a sua vista já não era tão boa como antes. Costumava ficar magoada, pensando que seria o fim dos seus bordados na toalha de mesa ou dos seus livros infantis, mas, nesse dia, pôs isso de parte. As suas meninas estavam presentes. Marcella, esguia e enérgica, era uma mulher trabalhadora, jornalista no *San Diego Union*. Catharine estava febrilmente decidida a ser atriz! Transeuntes, de vestidos frescos e chapéu, fazendo os seus passeios, cumprimentavam-nas. Os arbustos de flox de um vizinho sussurravam,

convocando abelhas.

– Tenho pena que o Francis não possa aqui estar – comentou Marcella. Era tão apropriado que a filha portuguesa de Mary se tivesse casado com um capitão da marinha. Ele estava estacionado em San Diego, mas eram tempos de paz.

– Avó – disse Catharine –, faz um livro passado no mar.

Detiveram-se para recuperar o fôlego no cimo de uma colina. Era brincadeira corrente fingir que se estava a apreciar a vista e não a deixar que o coração abrandasse o ritmo acelerado.

– Está bem – respondeu Mary. – Animais no mar ajudados pelos golfinhos até alcançarem a costa. – Com uma ilustração das suas lágrimas a aumentar o volume da água e a fazê-los avançar à tona.

Quando Marcella parou num oblongo de luz, John estava presente no perfil dela. Mary escreveu-lhe duas vezes para o Utah, mas as cartas tinham sido devolvidas e ela pensou: Deixa-o estar. Deixa-o encontrar uma vida nova, como tu fizeste. E também já não ansiava desesperadamente pelo fantasma do pai. Carregava o espírito dele. Como ele acreditava que as mulheres deviam viver vidas invulgares, ela encontrou um marido que pensava da mesma maneira e isso mantinha o seu pai como uma iluminação, repleta de fantasmagoria. Também conservava dentro de si a criança que se agarrara à fábula de que era uma criatura marinha, nascida de pais eternamente no mar. Agora, essa menina caminhava sobre uma cauda de sereia dividida em duas pernas e conquistara essa dor, acima da linha do mar salgado.

Quando comentaram, rindo-se, que Ward – o papá, o avô – tivera tempo mais do que suficiente para esconder os ovos, voltaram para trás e subiram ao último andar. Entusiasmado como uma criança, Ward gritou:

– Aos vossos lugares, prontas, partida!

A vencedora receberia uma pantera pisa-papéis de Chinatown. O pequeno-almoço pascal estava na mesa, tangerinas, linguiça e folar português com uma grelha de hastes achatadas de uma planta, milhã, a que, graças ao seu pai, Mary se referia como Erva de Nossa Senhora.

Mary encontrou dois ovos atrás da sua fila de livros da Righetti e Leopold, e Catharine abriu uma janela para retirar um ovo às pintinhas do canteiro do peitoril.

Mary estava a interrogar Marcella sobre os artigos que ela escrevera recentemente para o jornal de San Diego, acerca das expedições de Roald Amundsen, quando Catharine, mexendo numa arca que se encontrava no quarto de Mary e Ward, gritou:

– É a mãe?

Mary, Ward e Marcella aproximaram-se da porta e viram o cartão estereoscópico do cais em Monterey.

– Mãe, avó – disse Catharine –, eram tão novas. – Catharine ia ser uma boa atriz, porque conseguiu aperceber-se da mudança no ar. Ward fitou

Marcella e disse baixinho:

– Nunca lhe contaste?

Marcella disse que contaria à filha, que já tinha idade suficiente, sobre o seu avô biológico, e entrou no quarto com Catharine e fechou a porta.

Mary acordou muito cedo, como era seu hábito, na quarta-feira dia 18. Marcella e Catharine dormiam no quarto vago e o marido ficava na cama até mais tarde, agora. Fora Ward quem encontrara o cartão estereoscópico numa loja de antiguidades e lho comprara. Se tinha um defeito, era ainda ficar aflito com a melancolia de Mary, por muito que esta lhe explicasse que *ao mesmo tempo* ela não excluía a alegria. A única coisa positiva da história de terror criada por Maud foi que Ward aprendera a identificar a sua cegueira quando se deixava levar pelo desejo de apaziguar alguém. Continuava a querer que tudo fosse cómodo, se possível, mas desistira de tentar convencer Mary a perdoar Nell Clark, a escrever-lhe. Finalmente, nesse ano, nessa estação, Mary sentira, havia pouco tempo, uma certa ligeireza, como se lhe arrancassem a faca com cabo de madreperla que lhe estava cravada no peito. Se Nell não lhe tivesse contado a verdade, se não se tivesse exposto a injúrias, talvez Mary nunca viesse a saber a história toda e, assim, não poderia tratá-la como algo sólido e palpável o suficiente para ser posto de lado. Volvidas décadas, escrevera a Nell, que respondera com mão trémula: *Deus te abençoe, minha amiga*.

Mary adorava essa hora em que fingia ser a única pessoa acordada num raio de quilómetros. Foi à cozinha buscar café torrado escuro. Sobrara comida do pequeno-almoço de Páscoa. Que refeição que tinha sido, com Catharine a sair do quarto de olhos arregalados, depois de saber que a mãe tinha um pai que não era o avô Ward. A sua avó portuguesa era linda como uma atriz de cinema e uma ilustradora arrojada, mas não parecia capaz de correr para uma zona em guerra para fazer amor louco (!) com um soldado.

Mary levou o café para o seu estirador, onde iniciou uma história sobre um pinguim, um tigre, um porco e uma hiena que não para de gargalhar num barco. O tigre chora e chora, porque se perderam no mar. Mary passou um pincel molhado por cima da extensão de amarelo-canário e deteve-se, tão contente que toda ela brilhava e teve vontade de parar e viver um pouquinho esse instante.

Sentiu um troar, que ignorou. O solo de São Francisco era temperamental. Como californiana, não ligou muito.

Mas, então, o prédio balouçou e a sua família saltou da cama. Catharine gritou quando uma parede rachou e caíram livros das estantes.

– Fugam! – gritou Marcella. Crescera naquele apartamento alto, mas tinha medo de terremotos.

Edward conduziu Mary escada abaixo, toda a gente galgando os degraus dois a dois, os vizinhos dos pisos inferiores precipitando-se à frente deles. A

terra parou de tremer quando chegaram à rua, mas as casas estavam a desmoronar e os fogos – uma vez mais, o fogo, sempre – propagavam-se ao longe.

– Esperem aqui, todas! – avisou Edward, e voltou a correr para dentro de casa. Mary gritou:

– Não! Não vás, meu querido! – e, como ele não voltou para trás, ela correu atrás dele, dizendo apenas: – Cat, Marcy, não saiam daqui. Afastem-se das paredes. Fiquem em espaço aberto.

Catharine Miles Webb e a mãe, Marcella Moore Webb, viram coisas voar pela janela de cima: os livros da avó, voando de asas abertas. A flor roxa emoldurada de uma poeta qualquer de Amherst, que o avô Ward oferecera à avó Mary um monte de anos antes. A rua cedeu, deflagraram mais incêndios, ruíram casas.

– Tenho de os salvar – gritou Catharine, e preparava-se para correr para dentro do prédio a estalar – as gárgulas caíam a pique –, mas a mãe agarrou-a e disse que não ia correr o risco de os perder a todos.

Pairando pela janela fora, viram a toalha de mesa da avó. Marcella apontou, vislumbrando o pai – o pai que a criara, o mais verdadeiro –, enquanto a avó Mary tentava tirá-lo de casa. O edifício abateu-se de um lado, como se se ajoelhasse.

– Saiam daí já! Pai! Mãe! – gritou Marcella. O pai correria para dentro do prédio para salvar a obra da vida de Mary. Catharine pegou na toalha de mesa, tão gigantesca que parecia um sudário para as casas que pegavam fogo, tudo a arder, o Teatro Central e a cidade que ela amava, em chamas, e só lhe apeteceu berrar que havia livros noutros lugares, a toalha era única, mas eles também, venham, fujam, despachem-se, morrer num incêndio é o pior destino do mundo.

Sinfonia do Novo Mundo

1919

Um beija-flor surge por trás da vidraça.

O pássaro foge... & não é uma ilusão ótica: perdura uma pincelada de esmeralda, mesmo depois de a ave ter desaparecido.

Reduz-se a um anzol verde.

O céu contorce-se no anzol.

Tu chamas.

O anzol parte a vidraça e, uma vez enterrado no Teu coração, explode e transforma-se novamente no pássaro selvagem.

CATHARINE

Bolhas cor-de-rosa rebentavam no sangue de Catharine à conta do champanhe ilegal que *jorrava de uma fonte* (!) dentro da mansão de Grant Fordham. Que se lixasse a Lei Seca! Ele era produtor de cinema. Várias raparigas empunhavam flutes sob o jorro. Três delas vestidas ao estilo da corte de Versalhes e com toucados de plumas riram-se de Catharine, que cirandava, atrapalhada, e uma gritou: «Um *penny* pelos teus pensamentos!», o que era hilariante, de rir até cair para o lado, porque a trocista tinha perdido um papel para ela na audição para a personagem secundária de Penny Apple, chefe pasteleira, no filme *Bella*. O trio queria assá-la no espeto e comê-la e cuspir a gordura. Grant estava rodeado de atrizes. Tinha vista sobre o Desfiladeiro de Santa Monica e palmeiras... dentro de casa! Empregados transportavam bandejas de caviar e tostas. Dinah – a mulher, a estrela esmaecida – puxava fumaças pela boquilha do seu cigarro, lançando olhares cortantes a Catharine, porque Grant deslizara um dedo ao longo do braço de Catharine, insinuando o que poderia ser necessário fazer para ganhar o papel principal no seu filme sobre uma princesa espanhola. Catharine recuara (mas isso não tinha importância para Dinah).

De sapatos coçados e um vestido de veludo gravado esmeralda, com um buraco de traça, ela tentou fazer sinal a Zachary – vamos fugir! –, mas ele estava concentrado a conversar com um homem que era dono de um quadro cobiçado. Zachary trabalhava no departamento de aquisição de obras de artes no Museu de História, Ciência e Artes de Los Angeles.

As raparigas invejosas do seu *papel ridiculamente pequeno* faziam comentários entre dentes sobre a sua roupa... Ela tinha de fugir *imediatamente*.

Lá fora, na noite, ficou presa numas silvas, na encosta que descia da mansão Fordham, e sentia os espinhos a arranhá-la. Mais depressa se imolava do que dormia com Grant em troca de um papel ridículo, ou mesmo que não

fosse ridículo. Aquelas raparigas de lábios cor de cereja e gargantilhas de pérolas que abrissem as pernas para ele. Aquilo foi o uivo de um coioote? Só faltava essa!

Era frustrante ser (tentar ser) atriz dramática, quando Zachary sobrevivera aos horrores das trincheiras e artilharia da guerra. Comparado com isso, quem se importava com os seus anúncios de rádio chilreantes ou papéis menores em filmes mudos, em que uma vez fizera de donzela amarrada a uma linha férrea a contorcer-se para se libertar das cordas? Credo, ela até ensaiara expressões de dor ao espelho. Depois do suprasumo que era interpretar a pasteleira Penny Apple num filme mediano, a sua carreira seria sempre a descer? E era *isso* o suficiente para despertar a fúria das Fúrias daquela tribo de atrizes com garras? Sentia-se atormentada, sem saber se devia tentar Chicago e ficar perto dos pais, ou apostar tudo e investigar o trabalho teatral em Nova Iorque.

– Cat? – Zachary, sorrindo, era anguloso e estava em boa forma, tinha uma farta cabeleira castanha.

Ela sabia que ele a encontraria. Eram ímanes.

– Não me parece que vá fazer de Teresita, a rainha espanhola – disse ela.
– O meu sangue meio português não mo permite.

Ele riu-se, porque era a salvação deles, faziam-se rir mutuamente. Ela queria livrá-lo dos pesadelos acerca da guerra. Com uma palmada, ele matou um mosquito que lhe aterrara no queixo. Cat aniquilou um bombardeiro no cotovelo e improvisou uma sátira sobre estar a ser atacada por insetos, com uns passinhos de *shimmy* que os puseram a rir a bandeiras despregadas.

– Achas que nos devíamos mudar para Nova Iorque, Zach? – perguntou.

– Eu vou contigo para onde tu quiseses, Cat.

– A sério, cavalheiro? E que fará o senhor como trabalho?

– Peço ao Museu Metropolitan para me contratar e insisto até dizerem que sim. Agora, tenho uma pergunta para ti. Não nos devíamos casar?

Deus bateu repetidamente com um picador de gelo na cúpula por cima da noite californiana, porque o céu cada vez mais escuro estava pesado, e Ele, deseioso de os observar. Pelos furos jorrava a luz divina.

– Tens de me pedir à moda antiga, como deve ser – respondeu ela.

E, assim, numa ravina perfumada a madressilva nas montanhas de Santa Monica, ele ajoelhou-se e disse:

– Eu, Zachary Vogel, aceito-te, Catharine Miles Webb, como minha esposa legítima. Aceitas casar comigo, Catharine Miles Webb?

Quando ela gritou «Sim!», soltaram sons ressoantes de júbilo, enquanto ele a afastava das silvas e a fazia rodopiar num espaço por baixo da constelação do Cisne, na sua eterna ponta da Via Láctea.



Catharine detestava conduzir o *Modelo T* de Zachary, uma chocalhante armadilha de morte, mas estava em pulgas por contar a notícia à avó Mary e a

convidar para o casamento. Em Nova Iorque! Zachary estava entusiasmado com a mudança para a cidade onde sonhavam viver. E o bônus: não era preciso *conduzir* lá! Táxis! *Broadway*! Preocupação imediata, porém: imaginava-se a morrer de mil e uma maneiras que implicavam metal retorcido antes de chegar a San Diego. Quando travou diante da casa salgada pelo mar, uma estrutura valente com telhado de terracota, bateu com a cabeça no volante: Aleluia! Sobrevivera! Crescera ali com os pais e depois com os avós, quando eles precisaram de abrigo na sequência do terramoto.

Agora, todos eles tinham abandonado a avó Mary.

Debruçada sobre o estirador – a sua vista aguentava-se –, a avó não ouviu Catharine entrar. As paredes exibiam aguarelas dos seus livros infantis e uma moldura com o bordado de um homem de chapéu e, do lado virado para a parede, umas bagas. Havia arcas e caixotes espalhados pelo chão, porque a mãe finalmente convencera a avó a vender a casa. As opções eram viver em Chicago com ela ou, em consonância com os acontecimentos muito recentes, em Nova Iorque com Cat e Zach.

– Cat, querida, assustaste-me! – Que sorriso. O cabelo da avó era às riscas pretas, prateadas e brancas. Era uma beldade para toda a vida, emanando um perfume a gardénia.

– Vó – gritou Catharine, abraçando-a com a força da própria vida, ai, avó, com ossos de beija-flor. A sua admirável independência começara a parecer frágil. – O Zachary pediu-me em casamento e eu disse que sim, e a avó tem de ir a Nova Iorque para o casamento.

Por trás dos óculos, os olhos verdes da avó tinham uma pátina brilhante quando acariciou o cabelo de Catharine e disse:

– Sim, querida. Parabéns. – Por uma janela aberta, entrava um ritmo vindo do mar. San Diego era uma cidade tranquila, mas, credo, que calor e tranquilidade sufocante, avó, já chega.

– Senta-te aqui comigo – disse a avó, conduzindo Cat pela mão para as cadeiras de veludo cor de framboesa. Catharine recusou um café e pastéis de nata e disse:

– Avó, depois do casamento, por favor fique a morar comigo e com o Zach, uma vez que já viveu em Nova Iorque.

– Há séculos.

A casa começara já a retrair-se. Olhem: ali estava a enorme toalha de mesa da avó, dobrada mas ainda por encaixotar. Catharine tinha sempre receio de lhe tocar. Era como um vestido de noiva feito à medida para um campo do Senhor. Uma ponta ficara chamuscada durante o grande incêndio e queda da sua casa em São Francisco, quando o avô Ward a salvara. Os pulmões dele nunca mais tinham sido os mesmos. A avó também observava a toalha. O seu antebraço esquerdo ainda tinha uma cicatriz.

– Avó – disse ela, suavemente. – Está na hora. Ele já morreu há cinco anos.

– Eu sei, querida.

– Quero que vá para Nova Iorque, mas até viver com a mãe e o pai no gelo de Chicago é melhor do que isto. – Quando o pai se reformara da marinha, eles tinham-se mudado de volta para a terra natal dele, para estarem perto dos pais. A mãe de Catharine era agora repórter do *Tribune*, e o pai tornara-se editor no mesmo jornal. – O avô Warden ia querer que se divertisse – trinou ela. – Ele era tão divertido, vó! – Uma vez, quando era pequenina, Catharine retilara com Edward e, quando ele a mandara de castigo para o quarto, ela chamou-lhe avô Ward-the-Warden, Eduardo-o-Guarda, dito com raiva, mas a alcunha transformou-se numa piada que o divertia. – Lembra-se quando a Jenny deixou de me falar, mas não me explicava porquê e eu andava muito triste e o avô Ward me levou a ver baleias? Ele disse que as baleias eram minhas amigas e eram maiores e melhores do que uma fedelha qualquer chamada Jenny.

– Ele adorava-te. E amava-me.

Catharine pensou, mas não disse: E adorava a minha mãe, apesar de ela não ser filha biológica dele. Por vezes, ainda a desconcertava, o ardor daquela mulher mais velha e de fala mansa, porque até Catharine, quanto mais um desconhecido, conseguia olhar para ela e perguntar-se: O teu pai era um rei? O homem que te criou era um mago com plantas? O nome do meio da mãe – Augustina – era uma homenagem a ele, mas Catharine sabia muito pouco sobre ele. Mas o que mais a baralhava era o professor e soldado por quem a avó fora loucamente apaixonada, que tirava fotografias e desapareceu.

– Como é que vai a carreira de atriz, querida? – perguntou a avó.

Cat decidiu arriscar-se a dizer:

– Qualquer papel que eu consiga é porque me lembro de a avó dizer que o John Alves ensinava os alunos surdos a gesticular com o corpo todo, a entregar-se de corpo e alma, a investir-se plenamente no que diziam, e é isso que eu faço, vó. Como o público não consegue ouvir as pessoas nos filmes mudos...

Para espanto eterno de Catharine, a estoica avó desatou a soluçar.

Catharine abraçou-a, embalou-a, oh, vó, desculpe, a sério, eu não queria fazê-la chorar.

A avó Mary levou Catharine para o seu estirador. Quando Catharine começara a namorar com Zachary Vogel, a avó iniciara um livro infantil sobre uma família de pássaros, como surpresa, porque o apelido alemão Vogel significava «pássaro»... mas o projeto ficara parado, quando ela tropeçara na recordação de que costumavam chamar Passarinhos à família de John, por cantarem na cadeia quando estavam a morrer de fome.

– Pus os pássaros em apuros por causa de caçadores, mas não consigo decidir como acabar a história. – Mary voltou a desfazer-se em lágrimas. – Nem sequer sei se o John é vivo, Cat. Uma vez, pensei que ele tinha morrido e não morreu, mas agora não faço a mínima ideia.

– Vó – declarou Catharine –, vamos encontrá-lo e pedir-lhe ajuda para descortinar um fim para a história!

De que serve ser filha de um mago português e de um rei, se não se consegue comandar o coração: convoca-o, e diz-me se ele morreu, ou não, seja qual for a verdade.

Não me disseste que funciona sempre? Esse tipo de convocação?

E Catharine chorou, porque estava em sintonia, de corpo e alma, com a avó, sempre estivera, e segredou: Não chores, vó Mary, não vais mais ficar aqui sozinha, eu não te deixo ficar sozinha.

REGRESSAR A CASA

John usava o método do voo forçado para mandar *Amie* embora, o seu pombo-correio, a quem dera o nome do corajoso pássaro do Corpo de Comunicações do Exército Americano cuja pata foi atingida a tiro pelos alemães. Moldava a ave numa bola latejante e, quando a arremessava, *Amie* disparava em direção ao céu. John lançava milho-miúdo aos pombos-comuns e às pombas de laço-de-cetim, incluindo *Soldadinho*, assim chamado pelos soldados da recente guerra. Pelo visto, a Guerra Civil não fora suficientemente grotesca e a humanidade manchara de riso o globo de uma ponta à outra e, agora, mostrava-se enérgica com o fim do conflito, estonteada, estupefacta e aconchegada em música saltitante e roupas berrantes.

Ele fizera oitenta e um anos em março. O verão ia no fim e Adam Stewart – bisneto de Judson – comprara a parte de toda a gente e seria o único proprietário da Herdade Mandarin Stewart. Os irmãos originais tinham morrido e os filhos e a maioria dos filhos dos filhos preferiam abraçar versões urbanas do novo século exuberante. As roupas nas cidades reluzentes tinham missangas; o semblante da nação estava marcado de arrojo colorido, apesar de o ar estar pejado de gripe, discórdia racial e escândalos. Estranhamente – consequentemente – foi tudo isto, e a Guerra Mundial, que levou a um aumento das vendas de bagas milagrosas, um apetite fanático por algo que fosse uma pura maravilha. Grupos de entusiastas procuravam saciar a sede de alegria, o que se aliou à loucura pela espiritualidade. O interesse nas capacidades de entretenimento e magia do fruto tinham-se sobreposto às suas propriedades medicinais.

Ele passou pelos campos de bagas milagrosas – ou cambaleou, porque o ferimento que sofrera na canela em Shiloh o atormentava – para dizer adeus a *Amie* e se despedir uma última vez do mar de vegetação. Já não conseguia aguentar o trabalho manual, mas, enquanto saudava os arbustos, sentiu-se contente por a curiosidade sobre aquelas duas plantas solitárias, se tinham

sobrevivido ou não, o ter levado de volta àquele lugar, para repartir o seu tempo entre o dar aulas e o pôr as mãos na terra que Mary Catherine Freitas Moore alterara e Edward Moore financiara e que os Stewarts tinham recuperado depois do incêndio. O vermelho e o verde da bandeira portuguesa espriavam-se até ao horizonte!

Amie voava em direção a Adam Stewart, num complexo familiar com um pombal em Sarasota. O papel na pata de *Amie* dizia: toda tua. John seria o último a partir. Teria saudades do seu fascínio, partilhado, por os pombos atravessarem distâncias enormes para regressarem a casa. Pintas de metal nos bicos provavelmente ajudavam-nos a detetar os vetores magnéticos aos quais pertenciam. Adam e John estavam igualmente obcecados com a invenção de rádios, as descobertas de Tesla e Marconi em relação à captura de sons que envolviam o globo terrestre: *as frequências*.

Voltou a casa para acabar de fazer as malas. A sua residência mantivera-se simples, uma cama individual, uma secretária, um lavatório. Lamentava nunca ter comprado uma casa e, como aquela não fora propriamente um desejo delirante de ter um lar abençoado, Melissa fora-se embora havia muito tempo, mas eles continuaram amigos e ainda passavam algumas noites juntos. No dia seguinte, iriam ao cinema e à gelataria comemorar a concretização do seu divórcio.

Um arquivador estava cheio com todos os bilhetes e recortes de jornais («Professor, olhe o que eu fiz!») que os seus alunos lhe tinham mandado ao longo dos anos. Num canto, estavam o caleidoscópio que a antiga escrava lhe dera na estação de Nashville, quando ele fora dispensado do exército, junto de um exemplar de *O Feiticeiro de Oz*, de L. Frank Baum. Tantas recordações de ler, para os netos dos Stewarts, aquelas páginas sobre os viajantes com os seus óculos de lentes verdes na Cidade Esmeralda e sobre os Sapatos de Prata de Dorothy que a encaminharam para casa! Embrulhou o caleidoscópio e o livro para levar consigo, embora não soubesse ao certo para onde ia. O reverendo Robert Kalley passara um ror de tempo no Brasil, mas estava enterrado na sua Escócia natal. *Mãe, atenderei ao que ele me diz: no fim, voltamos para casa*. Mas como definir casa? O Utah? Jacksonville? Nova Iorque? Deveria ele começar de novo perto de Frank e Lizzie e a sua prole em Nova Jérсия? E – surpresa – a Madeira, com a sua natureza preciosa, chamava-o.

Os seus negativos estereoscópicos e cartões impressos formavam autênticos ninhos de pegas em caixas. A Coleção Mandarin – aligatores, montras verde-azuladas, palmeirais – tinha vendido bem. Ele partia aos fins de semana com a sua máquina fotográfica, mais um prego no caixão do seu casamento com Melissa. Tinha valido a pena, essa obsessão pela fotografia como recompensa por ter ficado demasiado aquém de homens que exploravam a ciência do som em laboratórios de vulto? Acabou por ser Edison, entre outros, quem captou os tons e as palavras e os reproduziu. As imagens também ganharam movimento. Frank estava orgulhoso do seu papel subordinado junto de Edison e isso ajudava John a sentir que as suas próprias

tentativas desajeitadas significavam que ele cumprira o seu papel, por muito discreto que fosse, no esforço da humanidade para conquistar novas descobertas.

Tinha uma pasta à parte para guardar a fotografia de Mary e Marcella no cais, desejoso de a manter perto de si, mas achava-a demasiado incandescente para conseguir contemplá-la. Conservara a carta que enviara depois do terrível terramoto. Quando foi devolvida, escreveu outra vez, em pânico, só com «Castroville, Califórnia» na morada. Também devia ter-se extraviado. Encontrou a lista dos mortos e não viu os nomes delas, o que tomou como sinal de que provavelmente estavam a salvo, mas novamente perdidas para ele. Edward coroara Mary com uma vida grandiosa, mesmo tendo sofrido um revés quando a quinta foi incendiada e, uma vez mais, quando a terra se abriu na costa oposta. John continuava convencido de que se desintegraria em pó se ela estivesse morta.

Por essa altura, Marcella devia ter quase cinquenta e cinco anos.

Uma carta de Frank estava diante dos olhos de John desde o início de agosto, sem que ele soubesse o que responder. O seu conteúdo era espantoso.

22 de julho de 1919
West Orange, Nova Jérsia

Querido John, a Lizzie manda-te um beijo. Ela está bem, a não ser pela artrite. Canso os meus filhos com conselhos sobre como tirar fotografias no estúdio deles, a verdade é que são melhores do que eu, mas não lhes digas nada. Também tens um dom divino para a fotografia, mas, mano, quem me dera que me tivesses enviado uma foto TUA para eu ver como estás! O Hugo diz que as vendas de fotos estereoscópicas abrandaram, mas que o Teatro em Jacksonville vai DE VENTO EM POPA, Deus abençoe o cinema. Embora reformado, ainda sou amigo dos funcionários do laboratório do Edison, os antigos e os atuais. O Hugo e os filhos estão bem em Jacksonville, o teatro passa todos os filmes, desde os de Theda Bara à «última brincadeira» do Chaplin, como diz o Hugo.

Não sou muito de escrever cartas, como sabes, por isso, como dizem os meus filhos: pai, vai direto ao assunto. O filho do Hugo (dá pelo nome de Frankie Meline) ganhou a LOTARIA na Califórnia e sente-se em dívida contigo por teres ajudado os meus pais, paz às suas almas, com as contas do Teatro e as obras de que precisava, com o \$ do perfume Requiem. Ninguém consegue encontrar o contrato por isso não sabemos ao certo quando \$ deves receber, mas o Frankie e todos nós sabemos que nos salvaste o couro.

O Frankie foi tentar a sorte em Los Angeles. Começou como criador de montras nos Armazéns Hamburger e trabalhou como um louco e aceitou sem hesitar uma oferta para se meter no setor imobiliário em Castellamare, Brentwood-Gardens, Beverly-Hills e Bel-Air. Num dos terrenos dele vão construir uma mansão para o Douglas Fairbanks e a Mary Pickford!

Rufar de tambores. Ele quer dar-te 20 000 dólares para honrar o tal contrato que desapareceu. Li que o salário médio nos EUA é de 750\$/ano! Uma vez que vais deixar a quinta e MUDAR de casa OUTRA VEZ, o Frankie não sabe para onde enviar o dinheiro. (Admite, mano, tu e os correios têm uma maldição.) Queres que ele mo dê, para seres obrigado a vir visitar-nos? De certeza que nos vamos reconhecer. Mesmo não te tendo visto durante trinta anos ou mais, és genuinamente o meu mano e o meu irmão de armas. A Lizzie e eu gostávamos que conhecesses os nossos filhos e netos antes de tu e eu, enfim, batermos a bota. Ela encontrou uns diapositivos da lanterna-mágica no sótão... lembras-te deles?? Junto envio-te um com que devias ficar:

- (1) Menino e mãe na cadeia;*
- (2) Pássaros vêm libertá-los;*
- (3) E lá vão eles! Pela janela.*

Um grande abraço, Frank

Seria infantil, inclusive perigoso, imaginar que o destino regulava um sistema de recompensas justificadas. No entanto, ei-lo: o perfume *Requiem*, o sucesso do estereoscópio, a abundância da herdade e agora um bilhete de agradecimento de Frankie que tinha sido, sem John o saber, uma promissória a agitar o universo.

Ele escrevera esporadicamente aos seus entes queridos, mas porque é que nunca os fora visitar? Trabalho, dinheiro, tempo passado sem que ele os aproveitasse. (Eles também não o tinham ido visitar.) Demasiadas mudanças haviam dissolvido uma certa fibra nele, e também precisava de admitir que as bagas que inundaram o mercado nacional significavam que ou não tinham chegado ao conhecimento de Mary ou que ela decidira nunca responder, e isso fizera-o ruir por dentro. Rui estava vivo, segundo Linda Silva Marquardt, filha dos falecidos Ray e Faith da mercearia – as saquetas ainda vendiam bem na loja –, mas não era pessoa de responder. Nica tinha noventa anos e criara duas filhas e um filho que lhe deram quatro netos. Michael Windsor reformara-se havia muito do gabinete de advocacia. Tinham-se mudado para a zona central de Manhattan, e John tentava imaginar Nova Iorque, tendo visto vislumbres

nas notícias. A Biblioteca Pública com os seus leões de pedra. *Modelos T* a passarem, velozes. Mulheres de calças harém. Imigrantes em arranha-céus estilhacantes. Alfred Gilbert, médico, mágico e campeão de salto à vara, tomou a cidade como inspiração e inventou os jogos de peças de montar *Erector Sets*. Velocidades de automóvel em tudo e em toda a parte. Improvisos de trompete. Para cima, para baixo, zigue, zague. Colares a adejar. «A Pretty Girl Is Like a Melody». «How Ya Gonna Keep’Em Down on the Farm».

Ele dormiu na rede sob a escrita das estrelas e disse para si próprio que colhera muitos frutos, por ter ajudado a reconstruir aquela herdade. Por ter *ficado*, por ter parado para consertar o que fora devastado, por ter animado crianças privadas de audição e por tirado imagens eternas de barbas-de-velho, redes de pesca, um dragão-de-komodo. Contribuiu para um momento apical, na placa de Petri de um país a tentar cultivar esporos de caridade e arte a par com os esporos do comércio, para ver quais, ou que combinação, poderiam gerar o seu carácter.

Sentou-se, sobressaltado e sozinho na noite. Teria uma mostra culminante de beneficência bafejado um homem que começou vida como um Passarinho? Um colhereiro rosado pairava por cima dele, com a sua cara cor de lima e gradações de rosa no corpo e nas asas. John sempre desejara ver uma dessas aves, desde que pusera os olhos na pintura de Audubon nas paredes de John Jacob Astor. E ali estava ele – tendo demorado todo o tempo do mundo –, oh, ali estava ele.



Melissa já estava na gelataria, de chão em xadrez preto e branco. Alegre e robusta, ela lembrava-lhe Elizabeth de Frank. Também ele estava de ótima saúde, apesar dos seus ferimentos de guerra. A cicatriz no escalpe ficava escondida pelo cabelo branco luxuriante e o seu bigode branco era farfalhudo, e o ombro só latejava com temperaturas frias, raras na Florida.

– Olá, querida – disse ele, dando-lhe um beijo.

– Olá, jeitoso.

Claude Meyer, o dono da gelataria, perguntou o que lhes apetecia comer naquele dia de verão. Decidiram pedir manjar-branco, um sabor que evocava a sua iniciação no prazer que aquele país sentia por coisas frias e macias.

– Ouvi dizer que vais para o Idaho, Melissa – comentou o Sr. Meyer –, que vais viver com a tua filha?

– Ela vai ajudar-me a lidar com as minhas dores. – Ela instruíra John para deixar as pessoas falarem. A maneira como ele e ela lidavam com a sua amizade não era da conta de ninguém.

O manjar-branco era feito de amêndoas e natas. Chegavam jovens em barda e, enquanto esperavam pelos seus pedidos, troçavam uns dos outros e batiam com os pés e esbracejavam dentro daquele estilo moderno de não conseguirem estar sossegados.

– Feliz divórcio, Johnny – disse Melissa.

Ele partilhava tudo com ela, por isso mostrara-lhe a carta de Frank.

– Como não queres ficar mais uns tempos presa a mim para herdar alguma coisa minha, Mel, pelo menos insisto que aceites uma parte da fortuna do sobrinho do Frank. É mais dinheiro do que eu consigo gastar no tempo de vida que me resta.

– Não digo que não a um dinheirinho de Hollywood, embora não precise, Johnny. Mas, por favor, dá-me o divórcio. Posso querer seduzir um sujeito qualquer. – Riram-se e ela entregou-lhe os documentos, assinaram-nos e deram mais um beijo, e o caso ficou consumado.

Passaram pela rua principal semeada de ervas aromáticas até ao Cinema Mandarin, passando pela sua antiga escola. A fundadora, Harriet Beecher Stowe, descrevera a Florida como um bordado de duas faces; John imaginava uma com arabescos e o avesso desalinhado. Comprar uma quinta de citrinos para o seu filho alcoólico, Frederick, fora um fiasco e, por fim, ele desaparecera. Harriet acabara os seus dias em Hartford, a verificar constantemente o correio. John sentia alguma empatia por ela nesse sentido.

O pianista que acompanhava a projeção do filme *Bella* era um capitão da marinha aposentado, que compensava as notas falsas com glissandos espetaculares. Cumprimentou John e Melissa. Juntara-se um grupo de pessoas e o projecionista baixou as luzes e, com um clique de rodas metálicas, o filme começou. O jornal local publicava as sinopses dos filmes que vinham à cidade e aquele era um enredo tipo Romeu e Julieta entre tartes e bolos, padarias rivais.

John sentiu-se ensonado apesar do martelar dissonante do piano e dormitou ao longo da história. Mas, a certa altura, uma personagem chamada Penny Apple estava a decorar um bolo de três camadas com açúcar glacê. Tinha uma farta cabeleira preta que formava um bico na testa e, além disso, parecia a silhueta e a presença encarnadas do seu amor há muito perdido. John quase caiu da cadeira. Agarrou no braço de Melissa e gritou: «Mary!» O pianista parou de tocar. O público mexeu-se nos assentos. A música recomeçou e o filme continuou a desenrolar-se.

Os créditos finais indicavam o nome das Produções Famous Players-Lasky em Hollywood e a atriz que fazia de Penny no filme chamava-se Catharine Miles Webb. Podia ser qualquer pessoa. Mas ele exclamou a Melissa que acabara de ver a sua neta.

– Mais uma razão para ires a Los Angeles – disse Melissa. Como sempre, ela mostrava-se para lá de compreensiva em relação à história dele com Mary.

– Se encontrares a Catharine e ela não for da tua família, pode ser que tenha sentido de humor.

O pior que podia acontecer era ele visitar um lugar que em tempos fora a sua casa temporária e conhecer o sobrinho do seu melhor amigo.

Na Broadway com a Hill, em Los Angeles, John desviou-se de carroças de entregas carregadas de produtos, mas pior ainda eram os carros com buzinas roncadas que quase se estampavam contra as caleches puxadas por cavalos. Nada se assemelhava ao que ele conhecera nos seus tempos de errância pelo Oeste. Abalado, entrou, cambaleante, no labirinto à cunha que eram os Armazéns Hamburger, a bandeira com o urso no seu ápice como que plantada pelo rapaz que gritava «Excelsior!». Combinara encontrar-se com Frankie Meline, filho de Hugo, naquele espaço que lançara a sua carreira. Movido por um capricho durante uma troca de cartas com Frankie, John perguntara se era possível localizar Perpétua e Henry Kingsley. Frankie contou que recorrera à magia de uma lista telefónica para chegar à fala com Henry e conseguira, assim, arranjar uma morada, informação essa que transmitiu num bilhete a John. John enviara um telegrama a perguntar a Perpétua se podia encontrar-se com ele a meio da tarde, no Hamburger, mas embarcara na sua viagem através do país antes de receber uma resposta dela.

Nunca lhe passara pela cabeça que uma loja pudesse abranger doze hectares e demorou algum tempo a encontrar a cafetaria, onde os clientes supostamente celebravam o facto de terem sobrevivido às suas compras. Que desconcertante ver um indivíduo catita envergando não só o rosto de Hugo, mas também o de Frank. A alucinação que o impelia – Catharine num ecrã maior do que a vida – era intensificada como um conto de fadas, as pessoas desaparecidas que ele amava mantinham-se jovens ao invés de terem envelhecido.

– Senhor Alves! – gritou Frankie. Vestia um casaco assertoado e o seu corpo americano de asa larga esparramou-se num poleiro ao balcão. Famílias e casais azafamavam-se em redor e, nas paredes verde-primavera, viam-se fotografias de estrelas de cinema. Com um tom de autoridade, Frankie pediu cervejas sem álcool com gelado de baunilha e bolo de cereja. Os empregados de mesa, de avental engomado, moviam-se rapidamente, levantando as mesas, pousando ementas e gesticulando para os novos clientes como ondas de guerreiros ansiosos a substituírem as baixas. Ele tivera o cuidado de enviar os vinte mil dólares ao tio Frank em West Orange, para os guardar até John decidir onde queria viver. – Espero que não sinta que veio cá em vão, mas eu queria agradecer-lhe pessoalmente. O tio Frank disse-me que o senhor tem andado de um lado para o outro.

– Mas vivi na Florida durante bastante tempo. – No entanto, era verdade que também isso chegava ao fim. Tirou umas colheres de gelado do copo alto de cerveja sem álcool. Frankie explicou que aquela bebida fora inventada por um indivíduo chamado Wisner, no Colorado. Aquele país adorava adular os seus cidadãos, «Vamos, entretém-me».

– O tio Frank mandou-me dizer-lhe para participar no encontro de antigos combatentes do Grande Exército da República, em Columbus. Quer

vê-lo lá.

– É um facto que estou sem nada para fazer. Talvez não fosse má ideia ver quem é que da Companhia 14-A sobreviveu – respondeu John, com vergonha de admitir que andava atrás de uma aparição que vira no grande ecrã. Frankie acabara de comer o bolo, embora John fosse capaz de jurar que Frankie nem pegara na colher. Ele era o novo tipo de americano, rápido e concentrado. John acrescentou que queria ver pessoas que conhecia e pessoas ligadas a pessoas que ele conhecia e devia visitar a campa da mãe no Illinois, peregrinações que já devia ter feito há muito tempo. – Não pensei que o mundo quisesse meter-se numa guerra ainda pior do que aquela em que participei, Frankie.

– Tive sorte por ser demasiado velho para os recentes massacres. Não quer comer o bolo? Uma fação bastante expressiva de clientes habituais do Hamburger acha que é demasiado ácido.

John já não conseguia comer muito, embora, em tempos, tivesse sempre fome. Uma mãe sossegava um bebé, fazendo-o pular no seu joelho. Adolescentes a uma mesa desataram-se a rir. O mundo seguia em frente e era desenfreado e normal e cheio de desconhecidos.

– É verdade que conheces a Mary Pickford e o Douglas Fairbanks?

Era. Vendera-lhes o terreno onde iam construir uma mansão para se divertirem.

– Tem noção de que salvou a minha família? – acrescentou Frankie. – O teatro estava a afundar-se até o senhor dar aquele dinheiro à minha família. Por sua causa, senhor Alves, cresci a acreditar que pode haver remédio, muitas vezes graças à amizade, para os problemas da vida, até quando tudo parece perdido. – Pagou a conta e não deixou que John desembolsasse um tostão, e assentou o seu número de telefone e morada: 6767½ Gower Street, Hollywood. Brincaram com o «½».

Sem saber se Perpétua recebera o seu convite, John vagueou por aquele templo à abundância, recriminando-se por não ter confirmado uma hora e lugar exatos, embora pudesse tentar descobrir como ligar-lhe ou chegar a casa dela. Uma mostra de lápis *Crayola* fascinou-o até que a funcionária, registando a sua caixa de «Todas as Cores», com os lábios de um tom de óxido vermelho, perguntou:

– Paga agora ou depois?

Ele já tinha ouvido falar naquilo. Comprar produtos sem os pagar na totalidade? Ela explicou que ele podia deixar um depósito e pagar o resto em mensalidades, com uma taxa de 6 por cento, o que o assustou. A vendedora impacientou-se.

De repente, John avistou uma cliente que o fez largar a caixa de *Crayola* e ir atrás dela. Viu-a perto de umas terrinas de porcelana, onde uma adolescente escarneceu: «Cuidado aí, sua velha maluca», quando a mulher esbarrou nela a caminho da escada rolante que levava ao piso superior. Eram tantos os clientes que usavam a escada rolante só porque era divertido, que

John se viu apanhado na confusão, ao cimo. Depois de um desvio, localizou a mulher perto de uns manequins e, dirigindo-se para ela, gritou:

– Perpétua? Pet Roderick?

Os olhos castanhos de Perpétua tinham salpicos dourados e a sua atitude era de alerta. Parecia uma boneca feita com uma maçã seca, o cabelo branco enrolado. O seu sorriso alargou de orelha a orelha. Ficaram postados como rochas numa correnteza de clientes, a pôr a conversa em dia. Ela tinha cinco filhos, muitos netos, e vivia com Henry em West Los Angeles. Ele era um nadador de mar, aposentado da Acme Paper. Ela costumava fazer trabalhos de costura para fora, mas nada como os bordados de Mary, e lamentava terem perdido o contacto.

– Da última vez que tive notícias, a Marcella estava grávida, mas já se passaram mais de vinte anos. Vinte e cinco. Sabes onde a Mary está?

– Tinha esperança de que me soubesses dizer. – Contou que ali estava por ter visto, num filme intitulado *Bella*, uma atriz chamada Catharine que era tão parecida com Mary que ele... enfim, nem conseguiu terminar o raciocínio em voz alta. Tinha vindo conversar com o sobrinho de Frank, que construía casas para estrelas de cinema como Mary Pickford e Douglas Fairbanks.

Perpétua animou-se e sugeriu:

– Vamos ver a secção de livros infantis! A Mary era ilustradora. Isso, eu sei. Os autores escrevem sempre agradecimentos nos livros. Também tenho saudades dela. – Perscrutou-o. – É uma pena que não te tenhas casado com ela, John. Falávamos sobre ti. Quando nos visitávamos, ela contava-me tudo o que sabia. Levou uma vida boa com o Edward, não sei se te importas que eu diga isto? Também tiveste uma vida boa? Toda a gente vos admirava, a vocês os dois. Eu adorava-a e adorei viver na casinha com ela.

– Sim, tive uma vida muito boa – respondeu ele, porque era verdade.

A sala dos livros infantis no Hamburger parecia uma loja de guloseimas, com as suas cores garridas. Qual seria a sensação de criar um ser humano capaz de caber naquelas cadeiras mínimas? Passaram algum tempo a perscrutar os livros ao acaso. Da prateleira dos W, Perpétua tirou a história de uma menina que vestia um fato de gato para ir atrás de aventuras. Os olhos de gata da menina estavam fechados numa expressão absolutamente portuguesa de felicidade e tristeza. A autora era Marcella Miles Webb. A ilustradora, Mary Freitas Moore.

A dedicatória dizia «Para a Catharine.»

Tal como os cartões estereoscópicos que ele espalhara pela América para a alcançar, tal como as bagas expedidas para todos os cantos do país, Mary lançara um livro de aguarelas para o vazio.

Catharine Miles Webb.



Os funcionários das Produções Famous Players-Lasky foram o oposto de solícitos quando ele lhes pediu informações sobre uma atriz que

desempenhara um pequeno papel num dos seus filmes, dizendo-lhe em tom de ralhete que não podiam partilhar dados confidenciais. O antagonismo foi tão veemente, a resposta negativa tão persuasiva, que John se foi embora para fazer a mala e se preparar para a viagem rumo à costa leste, de modo a participar no encontro do Grande Exército da República, em Columbus, e visitar Jacksonville e outros locais da sua juventude. Mas bateram à porta e, diante dele, estavam Perpétua e um homem que ela apresentou como Henry. Ela saltitou sem sair do lugar, clamando:

– Não disseste que o Frankie Meline conhece a Mary Pickford?! – Henry pousou a mão na sua mulher alvoroçada (a outra mão era um gancho) e Pet sossegou durante cinco segundos. – Pede ao Frankie para falar com a Mary Pickford e arranjar a morada ou o telefone da Catharine! Se aqueles palermas do estúdio não fizerem o que ela quer, ficam sem cabeça!

Foi assim que, enquanto John se preparava para deixar um hotel manhoso na beira dos Estados Unidos, uma das maiores atrizes daquele tempo o ajudou a encontrar a família. Numa sucessão de telefonemas, de Henry para Frankie para Mary Pickford para Jesse Lasky e depois de Lasky para Pickford para Frankie para Henry: aqui tens uns números e, do outro lado da linha, estaria a neta de John. Era o primeiro dia de setembro do ano de 1919.

A primeira vez que John falou ao telefone foi no rancho de Henry e Pet, onde o ar entrava por minúsculas redes quadradas nas janelas. Para superar os nervos de falar com uma pessoa que ele não conseguia ver, recordou-se de que era assim que se falava com Deus.

– Catharine Miles Webb? – disse ele, timidamente, ao ouvir um «estou?». – Neta de Mary Freitas Moore e filha de Marcella Moore?

– Sim. – A voz carregava a cadência da avó. Aquela sílaba solitária foi suficiente para que o seu torso desabasse e ele mergulhou no fundo do seu corpo, em busca de si próprio.

– O meu nome é John Alves – apresentou-se. – Sabe quem eu sou?

Ela soltou um grito (ele afastou o auscultador do ouvido e voltou a aproximá-lo).

– Meu Deus! Sim! – Ela pô-lo a par dos pormenores, Marcella casou-se com o capitão Francis Webb. – A minha mãe conheceu o meu pai numa viagem a San Diego, quando ele estava na marinha. Ela mudou-se para lá quando se casaram e escrevia para um jornal. Quando a avó Mary e o avô Ward perderam quase tudo no terramoto, mudaram-se para nossa casa. A avó faz livros infantis.

– Eu vi um deles. – John mal conseguia respirar. – Tinha os vossos nomes.

– O meu pai reformou-se cedo da marinha e eles mudaram-se para Chicago, para estarem junto dos pais dele, que não iam bem de saúde. Os meus pais trabalham no *Chicago Tribune*. Ele é editor e ela escreve sobre a

cidade e contos para revistas.

– A tua avó ainda anda a bordar uma toalha de mesa? – Ele imaginou aquela jovem, Catharine, depois de a ter visto decuplicada no grande ecrã, a preto e branco.

Sim, era a toalha mais espantosa à face da Terra!

Ele respondeu que tinha conhecido a mãe dela quando era criança, em circunstâncias tristes, uma despedida.

Cat disse que conhecia a história. O cais em Monterey.

Quando Catharine disse que ele a podia tratar por Cat, John teve vontade de contar de chofre que era a alcunha da avó dela, mas é claro que Catharine o sabia. Limitou-se a murmurar:

– Mary.

O seu olhar em redor abarcou as panelas e os tachos e um *placard* cheio de coisas da vida familiar, folhetos de refeições da igreja, anúncios de concursos de natação no mar, listas de supermercado e fotos de Henry e Perpétua Kingsley e os filhos e netos.

Cat deu mostras de bondade, dizendo:

– Sei que a av  ia adorar vê-lo. Não tenho a certeza das datas, mas julgo que a av  tenciona visitar os meus pais depois de vender a casa de San Diego. O av  Ward morreu há cinco anos. A minha mãe quer que ela se mude para Chicago, mas eu estou a tentar convencê-la a viver comigo em Nova Iorque.

Perpétua estava a fingir miseravelmente que não ouvia a conversa da cozinha.

– Vou-me casar com um homem chamado Zachary Vogel – continuou Catharine. – Ele ajuda museus e colecionadores a adquirirem obras de arte.

John estaria no encontro do GER a 10 de setembro, seguido de uma visita a Jacksonville, se Deus quisesse...

– Oh! – guinchou ela. – Isso é tão português, dizer «se Deus quiser»! A av  Mary está sempre a dizer isso! – Catharine tencionava passar por Chicago antes de se mudar para Nova Iorque, para o seu casamento em novembro. – Tem de vir, senhor Alves! – exclamou ela. E se se encontrassem em Jacksonville? Ela não podia esperar até ao inverno para o ver. Por favor! De certeza que conseguiria convencer Marcella a ir a Jacksonville t mb m. Dependendo de quando a av  vendesse a casa e se metesse no comboio...

Deixou a frase, e Mary, em suspenso, a pairar no futuro próximo indeterminado.

Ele partilhou com ela a morada e o número de telefone de Frank Meline, como garantia de que não voltariam a perder-se de vista. Ela pareceu radiosa ao longo do telefonema. Que invenção! Através daquela engenhoca, uma pessoa conseguia sentir quando alguém sorria ou quando alguém, apesar de calado, estava constrangido. Ela era poderosa dentro de si própria e ele sentiu isso quando ela acrescentou:

– Deixe comigo, av .

O que é que ele devia deixar nas mãos dela; o quê, minha querida?

Eis o quê: assim que fosse possível, Catharine informaria a avó Mary de que John Alves iria ao seu casamento.

LEVANTA A AGULHA, POUSA-A

Mary Freitas Moore bordou a última parte: um cais em San Diego. A toalha de mesa estava pronta. Incluía uma planta de bagas em chamas e as colinas esmagadas de São Francisco, e ela não conseguia contemplar o tecido sem se lembrar de Edward a correr para o prédio afetado pelo tremor de terra para o salvar, enquanto ela lhe gritava que voltasse para trás. Não teria a toalha agora, se ele não tivesse posto a própria vida em perigo. Quando Ward vendeu a propriedade de Castroville para financiar a mudança para San Diego, ficara aflito ao imaginar o tormento dela por ter sofrido tantos desenraizamentos, ao que ela respondera: «Tens sido a minha vida, Ward, e nada pode erradicar isso.»

Ela levou peónias à campa dele, a flor preferida de Marcella. Estavam tão orgulhosos dela por ser repórter e escritora! Embora Mary ficasse contente por Marcella gostar de viver em Chicago com o marido, tinha saudades deles. Pousou as peónias, dizendo: «Toma, meu querido.» Sentia-se culpada por deixar Ward para trás, assim como em tempos se sentira péssima por ter abandonado o pai na pradaria, mas Marcella e Catharine tinham insistido muito e a casa fora facilmente vendida. No fim, Ward nunca chegou a criar uma rosa sem espinhos, mas ganhou aclamação regional por ter propagado as *Passiflora*, flores-da-paixão. Ele agarrara-lhe na mão, e na de Catharine, com a mão de Marcella no seu braço, enquanto uma leucemia o reivindicava para si, e contou a Mary que o seu medo de morrer se atenuava na presença dela. Embora a sua vida íntima se tivesse evaporado havia muito tempo, ele só tinha olhos para ela e desabrochava como pai. Fora um homem notavelmente à frente do seu tempo. Não só abrindo contas bancárias em nome dela, mas também apoiando os desenhos, os bordados e os livros infantis dela. A maior parte dos homens não dava tanto às suas esposas. Tanta liberdade.

A Catharine vai-se mudar para Nova Iorque!, sussurrou ela, ajeitando os óculos. Tinha um convite para ir ao casamento e um bilhete de comboio.

Sentia-se grata por ter tido um casamento bom, um casamento maravilhoso. Quando tratava das papeladas de Ward depois de ele morrer, encontrou um bilhete: «Se eu fosse mais forte, Mary, teria abdicado de ti. Por favor, sê feliz.» Dentro do envelope, estava uma fotocópia do cartão de estereoscópio daquele dia no cais. Nunca deixaria de ficar incomensuravelmente comovida por ele lho ter oferecido, depois de o ter encontrado numa loja. A legenda dizia: beldade madeirense e bela criança americana, coleções alves-meline, jacksonville, illinois. Mary deu um beijo no nome de Edward gravado na pedra e, levantando-se, espreguiçou-se. Tinha setenta e nove anos. Desperta, despertada.

Terminara o livro da Família Passarinho Vogel: pô-los a gerir uma orquestra de animais. Que pintar ou desenhar a seguir? Não sabia. E que aconteceria depois do casamento da neta?

Vários piscos palravam numa figueira que, em breve, deixaria de ser sua.

Já não considerava o país colossal e indecifrável. Continha uma teia que ela tecera. Lamentou ter perdido o contacto com a sua querida Pet efervescente, mas a culpa não era de ninguém. Enquanto guardava os seus últimos livros infantis em arcas – teria de decidir em breve se Chicago ou Nova Iorque seria (com certeza!) o seu derradeiro lugar de repouso –, o telefone tocou, estridente. Era Catharine, aos gritos:

– Avó! Avó! Nem vais acreditar!



A caminho do comboio, usando informações que Catharine lhe dera, Mary enviou um telegrama a John Alves via Frank, subitamente aterrada e tímida, mais do que quando era menina e chegara pela primeira vez ao porto gelado da costa leste, onde a cidade cintilara, cintilara em tons de prata.

A MÃE ESTÁ LÁ, À MINHA ESPERA

Embalado em carruagens-dormitório, John atravessou a terra, veloz, juntando-se aos homens de barba branca que coxeavam como espectros dignos de outra época. Alguns levavam espadas. Uma vez, a caminho da carruagem-restaurante, passando por pessoas com as atuais roupas largas e cintilantes que escondiam bebidas alcoólicas de contrabando, John deteve-se para acender o cigarro de um antigo combatente fardado da Grande Guerra, que tremia tanto que não o conseguia fazer.

Em Columbus, a grande parada militar decorreu debaixo de um aguaceiro, encharcando os soldados da União velhíssimos como ele, a chuva a princípio como agulhas e, depois, foi como se as agulhas se partissem, redobrando a quantidade de água que caía. O tempo dissolveu-se, tanto tempo. Eis Frank Meline, todo enrugado. Tiraram as medidas um ao outro, o seu amigo de pestanas compridas e casamento de longa data, capaz de arrombar fechaduras e amplificado por Edison, ai, meu amigo. Nos seus braços, John baliu: «Saudações, seu ladrão de cavalos» e, quando se afastaram, Frank, a tremer, disse: «Demorámos algum tempo a reencontrar-nos, não demorámos, mano» e deu-lhe um telegrama. As palavras datilografadas podiam ter sido escritas à mão, grandes, excitantes, profundamente gravadas no papel. Ele tinha um local e uma hora: Belvedere Castle, Cidade de Nova Iorque, 1 de novembro. Mary.

Na estação de Columbus, um tocador de trompa soltava a música de Antonín Dvorák e a sua lenta glória aninhou-se dentro da caixa torácica de John, quando ele embarcou num comboio rumo à pradaria para se encontrar com Catharine Miles Webb. A terra plana do lado de fora da sua janela depressa o brindou com lírios-de-truta, bergamota e flores de neve-da-montanha. As

estações do ano mudavam no Illinois; a sua região do Centro-Oeste abraçava a deslocação fundamental. Ele acalentara a ideia de encontrar Marcella em Chicago, Mary porventura lá também, por essa altura, mas a timidez levou a melhor.

Em Springfield, no sepulcro do Presidente Lincoln, no cemitério de Oak Ridge, John murmurou que tinha sido um privilégio conhecê-lo, se bem que, feitas as contas, o total de horas passadas em casa dos Lincolns não fosse elevado, talvez o equivalente a uns quantos pores e nasceres do sol. Mas parecia muito mais do que isso. A lápide mais simples de Augusto Pereira Vaz Gato de Freitas levou mais tempo a encontrar, e ele fez um discurso interno sobre a honra que era tê-lo conhecido na Madeira, no dia em que Mary entrou na sua vida.

Na casa da Rua 8, fixou os olhos na placa a dizer a. lincoln na porta. A fachada mantinha-se espantosamente inalterada, a tinta ainda daquela cor que lembrava a John caramelo de manteiga, as portas verde-escuras. Estava aberta a visitas. Folhas como caranguejos que uma criança tivesse recortado em papel pardo corricavam-lhe em redor dos tornozelos. Ele subiu as escadas.

Que surpresa, a primeira vez que vira o papel de parede, prova de que as pessoas do Centro-Oeste conseguiam ser mais alegres do que toda a gente julgava. Não eram avessas a padrões semelhantes a girândolas. Ainda desabrochavam rosas brancas na carpete cor de vinho, e ele afundou-se numa cadeira preta de pelo de cavalo onde Mary bordara panos cor de amêndoa.

Uma mulher elegante e um homem de fato de estambre entraram na sala. Conversaram junto da lareira, como se John fosse invisível. (Fizera ele com que um filme de si próprio emergisse de outro mundo?) O sotaque do homem era britânico. Provavelmente não fazia ideia de que John envergava o alfinete oficial do GER feito a partir de uma bala derretida da Confederação.

John imaginou o Sr. Lincoln a pôr toros na lareira, Robert a estudar, vindo da Academia Phillips, Tad a brincar com o seu comboio, e Willie e a mãe de solas viradas para o calor do fogo, com Eddie levantando-se da tumba para dançar nas chamas que se erguiam em espiral da madeira e Maria Catarina Freitas olhando para John enquanto cerzia, o seu olhar proclamando: *Já viste a sorte que temos...?*, enquanto folhagem estilizada pairava no papel de parede *mas não esvoaçava para longe*, folhas e ramos dourados e prateados como decorações natalícias. *Uma sala onde era sempre Natal.*

O homem britânico apontou para o fogão de ferro forjado enfiado na pedra da lareira e disse:

– Era assim que se aquecia a sala no tempo de Lincoln, não era, senhora Brown?

– Exatamente como está a ver agora. – Ela usava um chapéu daqueles em forma de campânula. Devia ser a Sr.^a Mary Edwards Brown, a sobrinha-neta de Mary Todd Lincoln, a atual proprietária.

– Não, não era assim – disse John, sem querer. *Eles estavam enganados, Mary, e eu falei e corriji-os.*

O cavaleiro britânico virou-se:

– Diga, amigo?

– O senhor Lincoln queimava lenha nessa lareira. O resto da casa era aquecido com fogões.

Eles perscrutaram-no de olhos semicerrados. A Sr.^a Brown apresentou o indivíduo britânico como John Drinkwater, autor de uma peça de teatro intitulada *Abraham Lincoln*.

– A lareira desempenha um papel na minha peça – explicou Drinkwater –, mas eu estava em Inglaterra, a imaginá-la. – Esticou o braço, como que para uma noiva. – Faz-me uma visita à casa? Gostava de saber que outros erros cometi. E vejo que devo tratá-lo como um herói. – Apontou para o alfinete do GER na lapela de John.

John deixou que o Sr. Drinkwater e a Sr.^a Brown o ajudassem a levantar-se. Cumprimentou-os com um aperto de mão e apresentou-se:

– O meu nome é John Alves. Estive fora durante muito tempo.

Tudo falava de Ti. *Tudo*. Alfinetes espetados nas tábuas do soalho, especialmente isso, tanto, e o livro de cozinha de Eliza Leslie que a Sr.^a Brown abriu. A cave e os degraus íngremes e as grinaldas de cabelo emolduradas do luto. O quarto do andar de cima para a rara rapariga empregada a tempo inteiro. Sempre frio. O retrato de Daniel Webster, *ainda aqui*. Arranhões nos rodapés feitos pelo *Fido*. O serviço de tigelas de sobremesa douradas. Um ramo de – seria? – uma tília. Paredes cerúleas marcadas pelo bolor. A ponta de uma caneta. Um caroço de ameixa, o eco de um pranto. John fez uma visita guiada cheia de pormenores, imaginando as divisões como elas tinham sido e respondendo às perguntas da Sr.^a Brown e do Sr. Drinkwater. O Sr. Drinkwater, em especial, desfrutou daquele momento e, quando chegou a hora de se ir embora, pediu a John para escreverem os seus nomes juntos no livro de visitas.

Deu uma caneta a John, mas a sua mão trémula deixou-a cair. Fixou o livro de convidados rotulado «A Casa de Lincoln» e agarrou novamente na caneta, mas transbordava com a recordação de Mary, da época em que a namorara ali, e de emoção. Oferecendo-lhe ajuda, o Sr. Drinkwater escreveu numa letra certinha:

John Drinkwater || Birmingham, Inglaterra

John Alves [escrito por mim, a pedido do Sr. Alves, de 81 anos]||

Mandarin, Florida

Quando morresse, John cresceria através de uma árvore, como a mãe fizera, como Mary faria. Acabariam cortados à machadada, misturados com água e esticados para formar folhas em branco; Edward também. Uma escritora como a sua filha talvez conseguisse aliciar-lhes as vozes para preencher páginas, preenchê-las com músicas do coração.

Flox, estrela-ouro e cavalinha salpicada de dourado (bonita, mas venenosa) saudaram-no: a minha Jacksonville. Pediu um refrigerante de salsaparrilha na Gelataria do Ruark. Quatro livrarias; duas lojas de papel de parede; duas agências funerárias; dois tanoeiros. A Mathers & Wadsworth oferecia ornamentos para carruagens; John Ruf tinha uma faixa a louvar as virtudes da sua água gasosa. Um arco de aço decorava a West State Street com os seus ramos de olmos, carregados de vermelhão. Carruagens puxadas por cavalos faziam entregas de flores. Carros guinavam nas curvas. O Banco Ayers era um arranha-céus de quatro andares. Jacksonville não conseguira transformar-se propriamente na Atenas do Oeste e acomodara-se, mas ainda se erguia de uma aspiração sagrada.

John perguntou-se se teria sido por a vista lhe estar a falhar que não vira o jardim municipal que ele próprio criara. Riu-se: tinha sido apagado do mapa, não existia em parte nenhuma, os bancos e a pequena capela também tinham sumido. No seu lugar existia agora um hotel de dois andares.

Na campa da mãe no cemitério da zona leste, pôs o casaco na lápide e enroscou-se ao lado dela. *Sabes que a mãe nunca te vai abandonar? É tão simples, ó meu passarinho!* Os dias vêm; as noites esmorecem. «Ainda te devo um edifício que sirva de casa de Deus», sussurrou ele. «Perdoa-me por demorar uma eternidade, mas vou arranjar uma maneira de o fazer.»

Quando John abriu a porta de uma loja chamada Fragrâncias, que parecia deserta e prestes a desabar, Rui estava inclinado sobre uma proveta em cima de uma mesa assente em cavaletes, mas virou o rosto enrugado para John, com o fantasma de uma barba a apresentá-lo como antigo combatente da mesma guerra.

– Ora, ora, saudações, meu irmão – crocitou ele.

Diante dos olhos espantados de John, Rui começou a dissolver-se, transformando-se em borrões de cor que depois também se desvaneciam. Os únicos vestígios eram vapores impossíveis de recolher, tão fragrantemente como o vapor de lilás que se dizia emanar dos cadáveres dos santos. Rui Jaime Alves esperara para se despedir do irmão antes de partir para o outro mundo, culminando a obra da sua vida inteira ao transformar-se num perfume tropical que salpicou John. Rui não deixou despojos humanos, e John murmurou, porque o próprio Senhor chegara:

– Oh, meu Deus. Deus.

Ele tinha combinado conhecer a sua neta (a neta de Ward) à frente do Teatro Meline e rezou para que o transporte dela de Chicago não se atrasasse. O céu

explodia em tons de manga, com nuvens como frutos oblongos. Pareciam um lembrete de que o problema da vida é ser uma linha reta e o esforço da vida ser torná-la redonda. Passara uma noite sem dormir no YMCA e esperava não adormecer durante o jantar com Hugo e a família dele.

Pássaros esvoaçaram-lhe no peito quando Catharine se aproximou. As pareências com a avó eram tão impressionantes, que a vista a orlou de eletricidade. O Teatro Meline tinha meios para possuir um fundo de néon. Louvadas sejam todas as tonalidades criadas pelo homem. No seu chapéu de plumas, aninhava-se uma pomba de tecido, e o seu vestido cor de pêssego tinha manga curta e volutas abstratas, reluzentes como cristais de sal. O cabelo dela era o de Mary, como eram os olhos verdes e a pele de pétala. Que direito tinha ele de ali estar; o que é que lhe pertencia? Catharine agarrou-lhe no braço para o amparar.

– Avô? Posso tratá-lo assim? Avô John. – Aceitou o ramo que ele lhe levava, de rosas cor de alperce. Ela era ágil e cinética, aberta mas cautelosa, *como Tu, meu amor*, com a mesma faceta de querer agarrar-se a alguém, ao mundo, *vocês as duas* com ar frágil por um lado, mas incansável por outro, com uma muscularidade nos braços. O rosto dela captou uma faixa de sol do Centro-Oeste, essa coisa merecida, essa bênção que sai disparada do frio como um aleluia.

– Ficas aborrecida – sussurrou ele, com a bilheteira do teatro que ele ajudara a salvar flanqueada por cartazes a anunciar os filmes mudos mais recentes – se eu te pedir para me perguntares isso outra vez?

– Avô John. Posso tratá-lo assim? – Que sorriso desanuviador de trovoadas.

– As vezes todas que quiseses.

Marcella apanharia um comboio assim que entregasse um artigo em Chicago; *sim, sim, avô; ela vem ter connosco hoje, mas mais tarde. A avó chegou a Chicago, mas está constipada, não se preocupe, ela está a descansar, está bem, acho que quer só estar perfeita antes de o ver!* Catharine e John olharam por uma janela para dentro do teatro, fechado antes dos espetáculos da noite. As cadeiras tinham sido substituídas por filas de assentos. As cortinas de veludo azul pareciam cascatas de água. Catharine mencionou uma audição em que o produtor e o realizador se tinham simplesmente... rido dela.

– Então, faz as pessoas rir, Catharine – retorquiu ele. – Estiveste bem no papel de Penny Apple, mas reparei numa certa comicidade reprimida. Nas tuas expressões. – Ela não discordou. Passeavam pela baixa. – Faz audições para papéis desses. E não dramáticos.

Ela agradeceu-lhe o conselho paternal. Ele fez-lhe ver que se estavam precisamente a rir.

Marcella Moore Webb foi ter com eles à tarde, junto à entrada do parque. Chique e com ar de bailarina, era um misto de John e Mary de meia-idade. Não precisaram de apresentações. Ela disse simplesmente:

– Pai. – Nos braços um do outro, com Catharine por perto, ela murmurou: – Não o convidámos para o meu casamento, mas podemos compensar o tempo perdido, porque vai estar presente no da minha filha e a minha mãe também lá estará.

Andaram na roda-gigante construída pela Eli Bridge Company, com o seu arco de luzes vermelhas no cimo e luzes verdes a decorar os assentos. Encalhou quando estavam no topo. John estava sentado com Marcella, Catharine no banco em baixo. Ele contou à filha os pontos principais da sua história. Afigurou-se-lhe excessivo perguntar: *Como foi a tua vida?* Mas ele perguntou, de qualquer maneira.

– Acho que foi muito português da minha parte – respondeu ela – casar-me com um homem que ia para o mar. O Francis. É engraçado, pai, mas as nossas separações mantiveram o nosso casamento feliz, as saudades que tínhamos um do outro. Era uma festa sempre que ele voltava para casa.

– Aí está uma coisa que eu entendo, querida.

Ela pegou-lhe na mão. As suas unhas faziam lembrar conchas brilhantes. Surpreendeu-o dizendo que a mãe é que era a pessoa mais calada do casal. Ward tinha sido um excelente cozinheiro e adorava palhaçadas. Desistiu de fazer experiências com plantas e parecia satisfeito por dar aulas no secundário, embora perdesse muito dinheiro com isso.

– Entendo porque é que nunca nos visitou – disse ela. – A minha mãe disse-me que era porque as despedidas se tornam cada vez mais duras.

– Ela sempre teve razão em tudo.

Catharine, por baixo deles, cantarolava, sem medo de estar suspensa tão longe do chão.

– Que artigos escreves, querida? – perguntou ele. – Para o *Tribune*.

Muitas vezes eram sobre a arquitetura de Chicago, mas ela também redigia notícias e escrevia histórias de ficção para revistas. Queria escrever um romance.

– A tua mãe – disse ele, quando a roda-gigante recomeçou a andar, com um solavanco e as engrenagens a chiar. – Tens a certeza de que ela me quer ver? Em Nova Iorque?

Ele passaria o tempo entre aquele instante e o dia 1 de novembro a viajar, a absorver a beleza e os desconhecidos daquele vasto país, deixaria Mary recompor-se, deixá-la-ia decidir em paz se viveria em Chicago, esperaria para se encontrar com ela num castelo na cidade que ele reivindicara como sua terra natal nos papéis do exército, quando fora para a guerra.

Marcella ajeitou o seu chapéu moderno.

– Ela está tão nervosa como o pai. E que tal vermos o que acontece? Ela aceitou encontrar-se consigo. – Enquanto mantinha a mão do seu pai biológico na sua, a roda-gigante rangeu e, em breve, pousaram novamente na terra.

SONHO IRREQUIETO CONCRETIZADO

Tu abraçado a mim, eu abraçada a ti. O meu coração conta as tuas costelas, uma pauta musical de osso; os teus músculos formam tranças. Tremo tanto que a paisagem fervilha, explode em pontinhos. Cidade pontilhista. Carros, prédios, lâmpioes estrelas feitas pelo homem. As pessoas apressam-se. Há neve, invulgarmente cedo nesse ano, como que miraculosamente convocada para nos lançar num disco de volta ao nosso começo, crianças arremessadas para o cobertor branco sobre o Illinois. Eu digo: *A minha vista já não é o que era*, e tu segredas: *Ainda bem, assim não terás de me ver*, e rimo-nos como se fosse a melhor piada de sempre, nunca me deixes. Meu amor. Estamos velhos. Fitas de diamante chamadas rios correm dos dois lados da nossa cidade. O meu rosto está enterrado na tua face... encostado com tanta força que não sei dizer onde acabo eu e começas tu. Desde que a minha neta, a Catharine – tua, também –, me deu ordem para não desistir de me encontrar contigo aqui, no Belvedere Castle em Central Park, eu ensaio as palavras: «Olá, Passarinho», porque seria astucioso, mas amo-te demasiado para ser astuciosa, não teria conseguido de qualquer maneira, quando te vi, de perfil, e depois a virares-te, os nossos rostos a iluminarem-se na nossa contemplação, nós a chorarmos juntos... Não consigo proferir uma palavra, mas a tua carne diz: *Mary*. Tu disseste, talvez: *Mary, o descanso da minha alma*. Sim. Agora, meu querido, descansamos. E tu és o meu descanso, o resto de mim. E eu, o teu. O ar cinza-leitoso finge que é da pradaria, correndo para a nossa cidade de alabastro. Grãos enterrados de pigmentos preciosos, vermelhos, amarelos, hibernam dentro de bolbos nas suas campas.

Beija-me. É um castelo de fantasia em que nos encontramos, com muralhas e torreões de pedra. Um falcão voa.

Tu e eu afastamo-nos para nos observarmos. Eu venho de casaco preto com uma gola de lã creme, e um chapéu de veludo verde com rosas de veludo vermelho. Há crianças neste parque, famílias. Ouvimos gritos. Partilha-se pão.

Lança-se uma bola. Um cão salta. O meu espírito pula. Tu apanha-lo. Guarda-lo. A neve pousa-me no chapéu e escorrega pelos bordos, um véu de neve. Eu visto o tempo inverniço. Açúcar em pó desliza pelo meu casaco até o cobrir como lantejoulas de gelo. Homens do Instituto de Meteorologia armam um alvoroço dentro do Belvedere Castle, usando avanços científicos para captar e registar para a história deste dia a velocidade do vento, a temperatura. Pedacos de ninho suavizam o granito, moradas de pássaros, as suas asas com as suas próprias medidas do ar. Cata-ventos giram no telhado de ardósia e foram instaladas janelas que o tornam uma casa. Tu anuncias: «Tenho uma surpresa para ti», mas de que mais preciso eu, se um momento me embala nos seus braços nos teus braços, isto é eterno, uma menina passa, veloz, num trenó que é de um tom laranja que eu posso sonhar tangerina, e ouvem-se guinchos, os pequeninos costumam guinchar, que maravilha, quando é de alegria pura.

Visitaram uma estufa: as vidraças eram verde-claras, mais xarope do que vidro. Ela sorriu para as orquídeas com caras malvas no tronco de árvores enfezadas, flores com antenas tão diminutas que, para as estudar, era preciso aproximar-se muito e, se Mary não sustivesse a respiração, elas abanavam. O seu pai estava dentro e fora de tudo o que ali existia.

Passaram por íris com os seus barbilhões como papel. A tarde jorrava através dos recortes constituídos pelos espaços entre as folhas das plantas, formando criaturas a nadarem no chão. Recortes de luz caíam como lagostas esbranquiçadas... e estrelas-do-mar, muitas estrelas-do-mar, irregulares e sem alguns membros. Peixes-luz e lagostas-luz, calcificados, mordiscavam os calcanhares de John e Mary. O gancho que ela levava no cabelo era uma tira de vidro que captava os pedacinhos de rosa, quais grãos de sal, que se escondem em toda a parte até o vidro os encontrar. Ela acredita que, entre o *então* e o *agora*, tudo foi banido; está convencida disso. O amor é sempre assim: respiramos num mar onde não devíamos ter ar nenhum.

BASTA DE ANSEIOS POR HOJE,
BASTA DE VAGUEAR

Nica Windsor tinha noventa anos, um esqueleto recoberto de massa, o seu cabelo ao estilo, explicou Mary depois a John, das Gibson Girls das revistas». Um comprido colar de pérolas, com um nó, tilintava suavemente. Ele pousou a mala, mas, antes que pudesse lançar-se para os braços da irmã, ela disse: «Não queremos comprar nada!» Mary impediu Nica de fechar a porta e perguntou-se se teriam ar de fanáticos religiosos que levavam panfletos porta a porta.

– Nica – murmurou ele, na sua voz de tenor –, estou a vender vinho caseiro.

Os olhos enevoados de Nica varreram-nos e as mãos voaram-lhe para a cabeça, como que para a manter colada ao corpo. Aproximando-se deles, numa sala com móveis cor de vinho, viram Michael Windsor, com ar eduardiano, de cabelos grisalhos, para lá das suas bodas de ouro. Mary desviou o olhar da terrível beleza de Nica libertando um gemido aprisionado durante décadas, chorando:

– O meu maninho mais novo! Agora já posso morrer em paz! Maria Freitas?

– Ninguém aqui vai morrer – contrapôs Michael. O seu aperto de mão a John transmitiu a mensagem *antigo combatente, também*. Abraçou Mary, lembrando-se dela do seu casamento.

Nica parecia uma árvore despida no abraço de Mary, uma mulher velha e a outra velhíssima. Mary segredou: «Irmã.» Todos precisavam de provas táteis da presença do outro, mãos palparam corpos.

A imagem era a de um ambiente teatral riscado de luz. Michael deu à manivela do *Victrola*, com a sua trompa reluzente, e a agulha soltou as notas de Händel. Nica foi buscar um bolo amarelo à despensa e serviu vinho apesar da Lei Seca, anunciando: «Os velhos deviam ter autorização para tomar um

estimulantezinho.»

Mary não bebeu, mas ergueu um copo, e uma missanga de luz no rebordo do copo de John saltou para uma missanga de luz no dela.

Ficariam uns tempos com Nica e Michael. John saía durante o dia, tinha prendas para comprar. Brincando com ele, Mary cantarolava: «Conta-me, conta-me.» (Ele parecia um menino, ela era uma menina no dia dos seus anos.) Devoravam maçapão ao pequeno-almoço. Ao jantar, falavam em correntes cruzadas, torrentes, e visitavam os prédios onde os exilados tinham vivido à chegada, a casa na Rua 25 com a Sétima Avenida no caso de John, e a pensão na Rua 28 com a Sétima Avenida, agora um refinado edifício de apartamentos, onde Mary e o pai tinham sido infinitamente felizes. John e Mary, Nica e Michael, e os seus filhos e os filhos dos filhos, caminhavam pela cidade e a cidade guiava-os e era o seu berço à noite.

John ficou no sofá do escritório de Michael, enquanto Mary ocupou o quarto de hóspedes, e eles acomodavam-se de cada lado da parede conjunta num belo tormento, até saírem dos respetivos aposentos e se sentarem na sala de estar a conversar, conversar a noite inteira. Dormimos quando estivermos mortos! Não se fartavam um do outro, o tempo tornava-se mais espesso para que eles o pudessem esticar como uma capa para os seus capítulos. Fala-me da Melissa – e da *Edith Wells*, meu Deus, como Catharine dizia; estás a brincar, John? – e de Rui, que se transformou em vapor divino, *porque tu sabes que eu acredito*. Quando o tema das cartas cruéis veio à baila, e ele mencionou os nomes dos jogadores de alto nível, Mary confirmou que conhecera Jeduthan – na companhia de Maud – numa festa em casa de Nell. Uma festa para angariar verbas para soldados como John. Porque aqueles tipos se moviam de facto num ambiente variado da alta roda.

Ela não conseguia parar de lhe tocar no rosto. Ele beijou-lhe o ponto onde o canal de sangue lhe escorria da orelha pelo pescoço abaixo.

– Nunca chegaste a ver as bagas da Quinta Stewart? – perguntou ele, uma vez, a meio da noite.

– Nunca.

Riram-se por ele ter trabalhado na planta dela, trabalho de salvador, durante anos – anos, amor! – enquanto ela vivia na Califórnia sem saber de nada. (A maior parte das mensagens enfiadas em garrafas batem nos peixes transparentes no fundo do mar.)

– O Adam Stewart é o responsável, agora. Há muita procura pelas bagas, porque o que as pessoas querem é magia.

– Eram a razão da minha vida, mas já não preciso delas. – As bagas eram como crianças, nesse sentido. Deixadas à solta, para irem aonde quisessem, louvado seja o seu sucesso.

Uma madrugada, continuando a desafiar o sono, ela perguntou:

– Queres que te faça umas torradas?

Porque é que isso quase o fez chorar? Nunca fora grande apreciador de torradas, mas adorou que Mary Catherine Freitas Moore lhe perguntasse uma

coisa tão maravilhosamente trivial. Outra história, tantos fios para entrelaçar no resto do tempo de que dispunham: ela e o pai faziam torradas nos radiadores daquela cidade, e comiam-nas com compota.

O Museu Metropolitan declarou que ia comprar a toalha de mesa de Mary, uma tapeçaria de arte folclórica como eles nunca tinham visto, para a coleção permanente. Pagaram-lhe cinco mil dólares. John conspirara com Zachary Vogel, encarregado das novas aquisições de obras de arte do museu. A promessa de visitar Lincoln na sua casa em Washington fora transposta para Mary – viva na sua obra-prima – a residir naquele palácio com a sua fachada branca.

Depois de passar por Stieglitz, Whistler e Cassatt, toda a gente ficava assombrada diante da parede onde estava exposta a lenda de Mary em tecido, cada quadradinho era como uma página. Na companhia deles encontravam-se agora os Jamisons (Myrtle cambaleante; Lawrence no seio de Deus; Gemma e Clarisse radiosas; Teddy, com a mente perdida na Guerra Civil, em casa com uma enfermeira). Myrtle disse a Mary: «Eu sabia que ias voltar para a melhor galeria», e Catharine, com um vestido de estilo egípcio e olhos debruados a preto como Cleópatra, postou-se junto de Marcella e Zachary. John enlaçava Mary com um braço.

A toalha de mesa era uma América que começava noutro lugar, com uma praia preta, perto de camélias; aves-do-paraíso; caravelas; o pai a entrelaçar videiras; uma espada espetada numa loura de chapéu de sol; um armário de pigmentos exóticos. Robalo num cais; alperces; horizontes do interior do país; silos, imensidão, pequenez, e abóboras, e carril atrás de carril, e arados, porcos, flores silvestres. Pores do sol na pradaria; uma água para Mary Todd Lincoln. Saleiros. Edward com uma rosa sem espinhos. Um barco no rio, um barco no rio. Notas musicais. A Máquina do Som! Chamas; bagas, aqui e ali. Marcella a casar-se com Francis, Catharine num palco. Neve. Língua gestual, saudade. Isto não abarcava sequer um terço da toalha; quem conseguiria descrever a totalidade? Uma ponta estava chamuscada. Uma mina de ouro; um cesto de ovos pintados; alcachofras. Um barco com olhos pintados para ver no nevoeiro. Sereias. Folhas de outono. A coroa inclinada de um rei. Uma estufa. Leões-marinhos. Abstração vermelha-branca-azul. Um cais. Peixes-voadores. Um menino de cabelos pretos mimando um polvo.

Era uma manhã de vitral, as cores de contornos discretos, mas fixas umas nas outras, verde, prata, ouro. A linha do horizonte de Nova Iorque tremeluzia, metálica. Para o duplo casamento na câmara municipal, a noiva mais jovem, Catharine, levava um vestido de seda marfim cortado em viés. Zachary e John tinham comprado fatos azul-escuros. Mary envergava um vestido de renda

branca pelo joelho com orquídeas que ela bordara na bainha. Nos cabelos, uma mantilha espanhola. Nas mãos, um ramo de hidrângeas. Frank e Elizabeth vieram de Nova Jérsia, sendo Frank o padrinho. Marcella assistiu aos votos ao lado de Francis, que chegara de Chicago. O seu rosto estava curtido pelo tempo devido à sua carreira no mar, e ele endireitou o punho da manga de Marcella, o que John interpretou como um gesto de atenção da parte do marido de Marcella, repetido ao longo dos anos. Enquanto John e Mary, e Catharine e Zachary, faziam os seus votos de casamento, os Jamisons rodearam Nica e Michael.

Na rua, Mary ouviu uma menina exclamar: «Mamã, não sabia que as avós podiam ser noivas!» Enquanto a mãe mandava a menina calar-se, Mary, rindo-se, deu o seu ramo à criança e disse: «As avós podem fazer tudo na vida.» A melhor resposta permaneceu dentro de Mary: Eis o que é maravilhoso, nunca me senti tão jovem.

Para o almoço de casamento, foram à loja Automat na Broadway e inseriram moedas nas ranhuras para abrir as portas de vidro das vitrinas em forma de favo, recheadas de tartes de legumes e barras de noz-pecã, asas de frango e cremes de ovos. Marcella gritou de um lado ao outro da mesa: «Pai, não devia estar a tirar aquelas imagens em estêreo qualquer coisa?» Ele disse que sim, em tom jocoso. A sua filha era uma rapariga portuguesa completamente formada na América, uma escritora. Como é que isso acontecera, quando, nas suas origens, ele quase morrera de fome numa prisão?

Frank pôs-se de pé, oferecendo-se para tirar fotografias e dizendo que cantaria em troca de jantar. Ele e Elizabeth responderam a perguntas sobre Edison. Mary disse que Perpétua e Henry não podiam vir da Califórnia, mas que lhes tinham pedido por telefone para lhes enviarem uma fotografia do casamento. Fora graças a John que ela retomara o contacto com Pet.

Algumas atrizes amigas de Catharine entraram na festa, empolgadas com um espetáculo em que iam participar todas num teatro off-Broadway, com Catharine num papel cómico (cheio de quedas aparatosas), a fazer de mulher que espia um homem que a rejeitou. Catharine Vogel piscou o olho a John: *Vê, avô, vou entrar numa comédia!* Mary e ele em breve veriam a neta, mulher casada, a pisar o palco e a fazer o público rebolar a rir. Os Jamisons, todos eles, prometeram comprar bilhetes.

O gerente do Automat deu-lhes o bolo que tinham encomendado, um bolo *chiffon* com morangos e natas cor-de-rosa, e flores de açúcar, e Frank fotografou-o, depressa, antes que derretesse, e os comentários contínuos de Catharine puseram-nos às gargalhadas enquanto ela os servia.

A prenda de casamento que John ofereceu a Mary foi um volume em segunda mão da investigação de Athanasius Kircher sobre o som, desenterrado numa livraria em Nova Iorque. Cruzando os braços, Mary colou-o ao peito. Ele jurara substituir o que fora consumido pelas chamas na sua casa da Madeira e assim o fez. Ela disse: «Pensei em prendas para ti, mas ainda não estão prontas.»

Conta-me, conta-me, retorquiu o marido, rindo-se, feliz, feliz, feliz por ser velho.

O sossego apoderou-se de John e Mary. O seu palrar constante para pôr a conversa em dia desaguou num ansioso silêncio, com braças de profundidade. É por isto, pensou Mary, que casais mais velhos e extremosos parecem sempre mudos nos bancos, com as cabeças encostadas. Estão no lugar sagrado.

Marcella regressou a Chicago com Francis, para se ocupar do romance que estava a escrever. John levou a sua mulher e a neta e o marido a um edifício na Rua 25 com a Oitava Avenida e entregou a Mary as chaves da primeira casa de que ele era dono na vida. Um apartamento no último andar de um prédio de cinco pisos, licitado numa promoção do *New York Times*. Tinha seis divisões e vista de rio, e custou-lhe três mil e duzentos dólares. Deu a Catharine e Zachary três mil dólares para comprarem uma casa. Quando Catharine protestou, John insistiu. Mary e ele tinham mais do que suficiente para viverem.

Uma ligeireza invadiu-o. Descanso, agora. O trabalho está feito. Mary. Casados.

Na varanda, criou uma espaldeira de macieiras com *Gravensteins* anãs, plantando duas estacas afastadas e ligando-as com três arames horizontais. Podaria acima dos rebentos para os obrigar a crescer horizontal e verticalmente. Flores em forma de estrela abrir-se-iam nesse esforço para se encontrarem a meio, um rebento esticando-se para leste e o outro para oeste. Quando Catharine e Zachary encontraram um apartamento perto dali, na Rua 22, ele instalou-lhes uma espaldeira também.

Uma estufa diminuta já existia na varanda de John e Mary, onde ele lhe mostrou a estaca que Adam Stewart lhes mandara da quinta. Ela já não queria ter nada que ver com a tarefa hercúlea da plantação, mas voltaria a cuidar de uma haste com um corte diagonal numa jarra com água e algas marinhas. Ela perguntou «Onde estou?», no tom trémulo que ele usara depois de quase ter morrido por causa da bala no ombro, quando o facto de ela ter corrido para ele lhe salvara a vida.

Ele respondeu: «Em casa.»

9 Personificação do ideal feminino representado pelo artista Charles Dana Gibson, na viragem do século xix para o século xx nos Estados Unidos. (*N. da T.*)

REVELAÇÃO

No dia de Natal, a espaldeira de macieiras na varanda foi coberta com oleados. Mary deu a John a estrela de vidro que ela oferecera a Ward quando se casaram e ele pô-la na árvore enfeitada. Todos se reuniram em redor da *Victrola*, a prenda de Nica e Michael, a tampa do armário aberta enquanto tocavam discos, canções natalícias e *jazz*, «The First Noel», «Baby, Won't You Please Come Home?», «I Never Realized» de Cole Porter. Catharine exemplificou a mais recente dança de *ragtime*, levando Nica a declarar que, se tentasse aqueles passos de dança, se partiria ao meio. Mary dançou, com John a acompanhá-la nas voltinhas.

Zachary entrou a correr, sacudindo geada do casaco. As notas pululavam, em trajetórias de querenagem, como passarinhos, a coloração dos seus corpos riscando o ar por cima deles, deixando grinaldas de amarelos, vermelhos e verdes. Canções de pessoas invisíveis levantavam-se de um disco preto a girar, enquanto uma agulha percorria os seus sulcos, como um sachó lançando sementes que brotavam no ar. John pensou que a melhor coisa da América era a sua *generosidade*, juntamente com espírito, esperança e fé, mas também com terra, objetos e invenções, uma cultura de magnanimidade que ele choraria se se perdesse. Aquelas almas no Illinois tinham esvaziado os seus armários pelos exilados, acolhendo-os. A ele. A Mary.

O rosto de Elizabeth Meline era o leito de um rio e o vigor de Frank tinha secado, mas o seu sorriso ainda era balsâmico. Os pássaros das notas musicais grassaram. Mary ajudou Elizabeth com os seus passos hesitantes, enquanto Frank dava a John e Mary um embrulho com um artigo achatado. Mary puxou a fita para o abrir.

Era um disco de fonógrafo, um disco preto com sulcos. Nica gabou-se de saber o que era, porque guardara a Voz de Deus transmitida por Serafina Alves e dera-a a Frank, quando ele fora trabalhar com Thomas Edison na criação da Máquina Que Fala. *O fonógrafo*. Que sorte, ter sobrevivido até à

era das imagens em movimento, e das vozes gravadas como Deus as deve gravar, uma cacofonia nos Seus ouvidos bombardeados. Frank tinha transposto as marcas que a mãe de John deixara na fuligem para uma chapa de vidro, que depois levou ao seu antigo laboratório para reproduzir em disco, pondo o desenho dela nos sulcos. Michael colocou-o na *Victrola*, mas declarou que Mary, a artista das agulhas, devia levantar o braço de metal e pousá-lo no respetivo lugar para libertar os sons.

Catharine emoldurou o queixo com as mãos. (John e Mary lembrar-se-iam disso, sempre que a neta exagerava em palco os seus gestos para obter efeito cómico em interpretações que granjeavam ovações do público.)

Como é que John podia ter vivido tanto tempo sem a derradeira oferta da mãe, a maior promessa que ela lhe fizera na infância, de lhe contar o melhor conselho de Deus para o mundo?

Mary baixou a agulha. Girou sobre o disco, arranhando. Todos estavam tensos, Frank de cabeça inclinada como se procurasse o código de uma fechadura.

John estremeceu e Mary abraçou-o. Nica exclamou: «Mamã!» Porque Serafina Alves se erguera dos mortos para entoar, cristalina como um sino:

O John para comeu.

Estaria ela a recordar os dias de fome? Talvez uma parte tivesse ficado esborratada na fuligem: *Digam-me que o John comeu. De que precisa o John para comer?*

– Penso que ela queria confirmar que o teu sofrimento tinha acabado – aventou Frank. – Por horrível que tenha sido, sobreviveste.

– O John comeu para salvar a vida? – sugeriu Mary. – Deus disse que o filho dela foi alimentado?

– O John comeu por mim, querendo dizer «em meu nome»? – propôs Michael Windsor. De certeza que a tradução a partir das cinzas falhara ou invertera algumas notas.

John considerou todos os palpites válidos, mas quem saberia dizer, no fim, o que Deus queria que uma pessoa soubesse?



Todas as noites eram noite de núpcias. A uma certa distância do seu ninho altaneiro – a sua igreja sagrada – viam-se luzes de carbureto. Tabuleiros de *Ouija* tinham sido montados com pranchetas espíritas em Times Square, durante a Guerra Mundial, porque as pessoas precisavam que uma agulha lhes dissesse se um jovem morrera puro. John e Mary dormiam entrelaçados, beijos profundos, ela estendida em cima dele, e depois ele em cima dela, braços, pernas, recôncavos, e órgãos, às voltas e voltas como discos a girar (e consoante a idade lhes permitia, com as respetivas maleitas). Era esta a verdadeira Bênção Noturna de John: o Teu corpo e o meu, envergando o descer do crepúsculo.

Uma noite antes do Ano Novo, ele acordou sobressaltado. Ajeitou a

coberta sobre Mary e procurou a Bíblia na estante, tremendo como acontecera em Meridian. Quando a manhã chegasse, contar-lhe-ia mais pormenores sobre aquele tempo, conquistando-os ao proferi-los em voz alta.

O Evangelho segundo São João 4, 8, dizia:

Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor.

Encostou-se à estante, aquele alinhamento de capas a cobrirem «sabedoria antiquíssima», como lhe chamava o reverendo Kalley. Deus sussurrara através de Serafina para uma pluma: «Só no amor aos outros Me encontrarão. Eu vivo no Amor e todas as moradas onde exista Amor podem ser chamadas um lugar sagrado e a igreja onde prospero.»

Foi a vez de Mary desaparecer durante horas. Levou-o à Sociedade Histórica, onde Clarisse Jamison trabalhava. Clarisse, Mary e Zachary tinham organizado uma pequena exposição com a Máquina do Som (com uma pluma nova) numa mesa, e a página de fuligem original de Serafina conservada debaixo de vidro, e uma cópia do seu disco de fonógrafo feito no laboratório de Edison pousada numa *Victrola* para os visitantes porem a tocar. Na parede, viam-se artigos de jornal encontrados através da Biblioteca Pública de Nova Iorque, sobre a chegada dela com outros exilados à América. Fazia parte de uma exposição maior sobre os desenvolvimentos científicos do som e das gravações acústicas, com vitrinas exibindo artigos experimentais e invenções para ajudar os surdos, mas a única coisa que John via era aquele santuário, pago pela sua mulher, aos triunfos incultos da sua mãe.

No Hospital de St. Luke, onde o pai de Mary recebera, como imigrante, cuidados de saúde que lhe salvaram a vida, havia uma capela não confessional disponível para que qualquer pessoa entrasse e rezasse. Não só protestantes e católicos, mas toda a gente. Mary disse que acreditava que, se Serafina tivesse vivido tanto tempo, teria acolhido aquela ideia para a igreja que Deus lhe pedia insistentemente para construir. Aliava a mãe dele e o pai dela. Aqui residia o perdão redobrado de Mary em relação à mãe dele, tão potente que, se fosse enfrascado, poderia ser bebido como antídoto para a raiva na batalha. A placa dizia: doado por serafina alves, nascida em santa cruz, na madeira, orgulhosa cidadã de jacksonville no illinois.

Qualquer tentativa de ele se exprimir por palavras estragaria o momento.

Mary riu-se e disse:

– Quero viver mais cem anos para ver o que o mundo vai inventar a seguir.

Mas John tinha a sensação, sempre que a forma nua de Mary estava encostada à sua, de que a noite vertendo sonhos cor-de-rosa através das vidraças da sua janela talvez fosse um suavizar em tons pastel da aproximação das suas mortes, em que um deles perderia o outro. Faziam amor tantas vezes, à sua maneira idosa, que parecia um dissolver em puro desejo. Seria fantasioso acreditar que tudo se soma à criação, nada se perde? Quando a

verdade dos homens e das mulheres que envelhecem é que tudo desaparece.

Uma manhã, John acordou com Mary a gritar na varanda e ele saiu a correr para contemplar a espaladeira em flor, transformada num biombo japonês salpicado de duas dúzias de *Gravensteins*. Quanto tempo passara? Teria aquilo acontecido da noite para o dia?

Catharine foi lá a casa fazer uma tarte de maçã, enquanto John dormitava, graças ao calor que irradiava do fogão, o ritmo reconfortante de colheres, Mary a cabecear também de sono, de mão dada com ele... John acordou com Zachary a abanar-lhe o ombro.

A tarte tinha uma crosta açucarada e escura.

– Faz as honras, avô? – perguntou Catharine.

John cortou a tarte de maçã e Catharine serviu as fatias em pratos.

Nenhum de nós voltará a passar por aqui; para que serve tudo? Apertar o xaile de uma mãe, cadeiras de rodas a girarem numa pista de dança. Concertos de pássaros através dos quadradinhos de uma janela. As balas que desaparei, os incêndios que causei, os corpos empilhados devido a excessos violentos. Prometi nunca esquecer como o céu vermelho e azul se infiltrava através das escotilhas de um barco no rio. Amei-Te desde o início, antes mesmo de Te conhecer. Amei-Te numa casa cravejada de balas coberta de tinta feita de mirtilos e leite, e talvez tenha sido *esse* o objetivo de tudo: eu pus isso no mundo. A Bênção Noturna és Tu na minha cama.

Em cima do móvel do corredor, com um papel dobrado debaixo de uma das pernas para não abanar, estava um prato de recordação a fazer publicidade à Broadway, contendo as chaves do apartamento. Um cheiro a madressilva apresentou-se vindo de algum recanto.

– Oh, avô John! Avó Mary! – gritou Catharine, trazendo-o de volta ao presente, pousando o garfo com estrépito. – Desculpem! Está um bocado amarga.

Zachary e a sua mulher sorriram.

Aquela era a casa de John e ele oferecera outra casa a Catharine. A sua filha estava na sua própria casa, em Chicago, a escrever. Catharine continha as dádivas e cuidados de Mary e de Edward, todos eles vivos naquela jovem, destinada a ser uma estrela da comédia na primeira cidade dos sonhos de John.

Era o sabor mais doce da sua vida inteira. Tarte de maçã na América. O céu perdura. O mar. A areia funde-se muitas vezes nele, apanhando uma contracorrente que se ergue numa faixa como o gume de uma faca. Uma parte da areia da correnteza encontra as conchas onde se aninhará e, com garras, se transformará em pérolas. *Isto é desejo. Isto é amor.* Uma parte da areia desliza à deriva, ou vai parar à nascente de um rio ou a um lago onde nadam crianças. Alguma afunda-se, joeirando o que quer que haja de poderoso ou de mau por baixo de uma superfície que as rajadas de vento fustigam e transformam em prismas. Na história mais longa, o mar seca, deixando o seu sal a morar na quietude de leitos de uma beleza cristalina, intocados pelo âmagos derretido

que existe nas profundezas. Mas toda a areia, redemoinhando numa corrente, viaja durante uns tempos, erguendo-se e buscando, e por um instante pode trazer à tona um barco perdido evocando a luz que pontilha a água quando as estrelas baixam os seus olhos, para melhor unir forças, fisicamente, numa solidariedade quase ciumenta, com os ritmos da criação magnífica e imperfeita. Em ondas, sob a influência lunar ou solar, apesar da dispersão causada pelas aves marinhas à caça, com os seus uivos e anseios, a areia avança, firme e constante, em direção aos seus irmãos que esperam em multidões na costa invisível. Casa, ar, casamento e trabalho com gosto, promessas a fazer e promessas a cumprir. Viva a partilha do pão, o banho violeta – Oh, Mary! – aproximando-se enquanto mais um dia é oferecido, e terminado, e posto de parte. *É o sabor mais doce da minha vida inteira.* Ele repetiu as palavras em voz alta, ou foi um eco que ressoou para lá de lareira e cornija, para lá de tijolo e argamassa, pelas janelas fora? Mantém-se a morte ao largo; nunca vou querer deixar um mundo que contenha a Mary, as nossas noites abençoadas, sonhos cor-de-rosa, esta terra amada, esta mão na minha, esta história das nossas vidas. Teus olhos, Catharine querida, e os do teu marido ao teu lado: eles reluzem e agradecem-me, concedendo-me afeto luminoso e temperado como aço. Sei que nasceste de mim e prezo o facto de seres minha.

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento vai para a Dr.^a Iêda Siqueira Wiarda, que costumava trabalhar no Departamento Hispânico da Biblioteca do Congresso e registou a minha obra nos arquivos depois de uma palestra que dei em 1997. Foi ela quem me conduziu a Ron Grimm, da secção de Mapas e Geografia, onde descobri uma exposição muito curiosa: «Celebrar as Comunidades Portuguesas na América: Uma Perspetiva Cartográfica, Apresentada pela Biblioteca do Congresso e a Embaixada de Portugal», que me deu a conhecer a história da imigração dos protestantes madeirenses do Illinois. No ano seguinte, Iêda convidou-me para apresentar «Da Madeira para o Illinois: Histórias de Sobrevivência e Desaparecimento de Protestantes Portugueses» sob o patrocínio do Departamento Hispânico. Tenho para com a querida Iêda uma dívida de gratidão.

Um enorme agradecimento eterno à minha agente excecional, Ellen Levine. Este projeto, que demorou mais de quinze anos, não estaria vivo sem ela, e o seu cuidado e paixão pelo meu trabalho nunca vacilou. Foi um enorme prazer trabalhar também com Audrey Cooks. A Ellen entregou o manuscrito à casa ideal, a Flatiron Books/Macmillan. Ao ler o meu livro, a editora executiva Megan Lynch escreveu o tipo de bilhete que os escritores sonham receber e, a partir desse instante, o apoio que me deu, a mim e à minha história, tem sido uma alegria revigorante. A toda a equipa da Flatiron, um agradecimento sem fim: Bob Miller, diretor/editor; Marlena Thorsen Bittner, vice-diretora e diretora de publicidade; Kukuwa Ashun, assistente editorial; e Greg Villepique, revisor. Obrigada, Cat Kenney, Katherine Turro, Emily Walters, Jeremy Pink, Eva Maria Diaz, Donna Noetzel, Elizabeth Hubbard, Kelly Gatesman e Stephanie Torres. Obrigada, Rex Bonomelli, pela capa belíssima. Obrigada também a Rich Green do Gotham Group, Ana Ban da Trident Media, Carmen Serrano da LeYa Portugal e Tânia Ganho. Estou grata a Leslie Shipman, amiga de longa data e fundador da Agência Literária

Shipman.

Esta obra teve o apoio do Radcliffe Institute for Advanced Study da Universidade de Harvard, onde fui professora (2006-2007). Os meus assistentes de investigação, Jason Lazarcheck e Ece Manisali, criaram as comunicações de cantos de pássaros para, respetivamente, John Alves e Mary Freitas Moore. O Jason fez um trabalho inestimável de pesquisa na Ancestry.com. Que belo grupo de colegas de Radcliffe: Rebecca Goldstein, Allegra Goodman, Megan Marshall (que sugeriu criar anagramas com o apelido de John) e o Major Jackson, o meu irmão mais novo. (Allegra, estou-te grata pela leitura de bolinhos da sorte.) Obrigada à falecida Judith Vichniac. Liz Bradley, obrigada pelo teu apoio informático e por teres mencionado a minha madrinha, Clementina Vaz, que é de uma geração que não teve o direito de se casar legalmente, quando te casaste com a tua mulher.

Quis o acaso que eu levasse para as aulas de Harvard um exemplar de *The Social Order of a Frontier Community* de Don Harrison Doyle (Urbana and Chicago, University of Illinois Press, 1983), o que me levou a descobrir que a minha colega de departamento, Marjorie Spruill, uma académica brilhante, especialmente na área da história das mulheres e do direito ao voto, era casada com ele. Muitas das premissas de Don nesse volume tão bem escrito abriram-me os olhos para uma perspetiva nova sobre o mito de que a cultura americana se prendia com comunidade e não com a capacidade de avançar. Ele apontou um holofote para a guerra entre o individualismo e o comércio *versus* o ufanismo, a comunidade e a caridade. Este tema não existiria no meu romance sem o seu trabalho esclarecedor.

Tenho muitas saudades de Lindy Hess, que geria o Radcliffe Publishing Program antes de falecer. Não foi por acaso que a sua capacidade de orientar as pessoas na direção certa me conduziu ao Christopher Cerf, e ter-me casado com ele continua a ser indiscutivelmente o melhor passo que dei na vida.

Demorei uns anos desde que vi a exposição na sala dos mapas da Biblioteca do Congresso até escrever as primeiras páginas, o que fiz com o apoio da MacDowell Colony for the Arts (em janeiro de 2005) e durante o meu período como *fellow* Briggs-Copeland na área de ficção na Universidade de Harvard (2003-2009).

Drew Gilpin Faust, conceituada especialista na Guerra Civil, passou o seu último ano como diretora do Radcliffe Institute quando eu lá estive. Quando descobri nos documentos da Administração de Antigos Combatentes que John Alves tinha, juntamente com outros colegas da sua companhia, recebido um castigo de vinte dias, sem qualquer referência ao que tinham feito, ela encaminhou-me para Trevor K. Plante dos Registos Militares e Civis Antigos na Administração dos Arquivos e Registos Nacionais em Washington, D.C. Em mais uma misteriosa dádiva do universo enquanto eu trabalhava neste livro, cheguei quase na mesma altura que o historiador Alan Taylor, duplamente premiado com o Pulitzer, que é meu amigo desde os tempos em que lecionávamos ambos na Universidade da Califórnia, em

Davis. Ele disse mais ou menos o mesmo que Trevor Plante: a minha tentativa de descobrir o que a minha personagem poderia ter feito era como procurar uma agulha num palheiro. Só que, ao fim de três horas a desatar as fitas cor-de-rosa que envolviam os documentos que pedi mais ou menos à toa sobre empresas no Illinois, encontrei o que buscava. Rapazes que tinham sobrevivido a Shiloh e a Vicksburg foram apanhados a atirar «bolas de algodão» e outros detritos uns aos outros e desobedeceram à ordem de um oficial para pararem, pelo que foram levados a conselho de guerra e condenados a vinte dias de isolamento. Um momento único foi poder mostrar esse documento a um amigo que por acaso é um dos melhores historiadores e investigadores do mundo. O Alan disse: «Bem-vinda ao lado obscuro» e perguntou-me se eu deixaria de ser romancista em prol da História. Disse-lhe que não, que repousaria sobre os louros desta descoberta única na vida. A placa do osso da sorte e da coluna dorsal é um ovo da Páscoa para ele.

A minha pesquisa pôde avançar substancialmente por causa de David J. Langum, Sr., que me premiou com uma Bolsa Foundation and Travel através do Projeto Langum para Literatura Histórica, permitindo-me acesso aos Documentos da Família Langum e aos Documentos da Família Mattos na Biblioteca Presidencial Abraham Lincoln. Entre os tesouros aí encontrados, estava um diário do reverendo Robert Reid Kalley. O David é descendente de um dos principais pastores do tempo das dificuldades sofridas pela comunidade presbiteriana portuguesa, devido à doutrina do batismo, e é o autor de *António de Mattos and the Protestant Portuguese Community in Antebellum Illinois*, publicado pela Morgan County Historical Society and Production Press (Jacksonville, Illinois, 2006). Ele pôs-me em contacto com Deborah Kleber, que geria um *website* sobre os exilados madeirenses, que eu conheci no Hotel Campo Grande em Lisboa.

Fui calorosamente recebida na Madeira, em especial no Arquivo Regional da Madeira, pela Dr.^a Fátima Barros e Leonardo Pereira, que fizeram um extenso trabalho com a fotocopadora. A Dr.^a Alexandra Canha e a sua equipa na Biblioteca Municipal do Funchal desencantaram material crucial para mim. Ambos os departamentos funcionavam no Palácio de São Pedro no Funchal. Obrigada também ao historiador Dr. Alberto Vieira, diretor regional dos Assuntos Culturais da Região Autónoma da Madeira e ao Centro de Estudos de História do Atlântico, onde fui encaminhada para o Dr. Gonçalo Di Santis. Recebi ajuda adicional do Centro do Emigrante, Quinta Villa Passos, e do Dr. Gonçalo Nuno; do Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal e da Dr.^a Teresa Brazão; e da Biblioteca Estrangeira e da Dr.^a Carmo Santos.

Quais eram as probabilidades de o Illinois College oferecer uma bolsa de docência para apoiar projetos de escrita? Exclamaram de surpresa quando lhes enviei o meu trabalho que mencionava a faculdade e Jacksonville em geral. Obrigada, Cindy Cochran, por me mostrar a cidade de carro e obrigada aos seus colegas Lisa Udel, Bob Koepp, Betsey Hall, Nick Capo e Beth Capo.

(Obrigada pela excursão tão divertida aos locais assombrados.) Obrigada aos meus aliados na livraria do Illinois College, Linda Cunningham, Robin Oberg e Candy Norville, que foram buscar as suas próprias reservas de papel de impressão quando as encomendas se atrasaram.

Tive uma ajuda enorme na minha pesquisa e devo um especial agradecimento a: Greg Olson do *Jacksonville Journal-Courier* e Steve Hardin, proprietário da Samuel Adams House em West College, um exemplo clássico da arquitetura revivalista grega, uma das casas históricas de College Hill. O Steve e eu conversámos durante horas sobre a história da cidade. (Creio que, entretanto, a casa foi vendida.) Sharon Zuiderveld, diretor da Biblioteca Municipal de Jacksonville, e Chris Ashmore foram exemplos acabados de paciência. A diretora Carolyn Eilering possibilitou uma visita (visita essa que alterou a história do romance) à Escola para Surdos do Illinois, uma instituição comovente que dá seguimento à antiga meta de Jacksonville de ser uma Atenas do Oeste, criando instituições conceituadas de apoio a pessoas com necessidades especiais.

Vários descendentes de imigrantes madeirenses de primeira leva, incluindo Mary Hathaway, Jean Bowen e William (Bill) DeFrates, acolheram-me de braços abertos em suas casas. A Jean marcou encontros com descendentes e pôs-me em contacto com guias turísticos da rede de fuga dos escravos da cidade. A Mary teve a generosidade de me deixar copiar páginas das Bíblias e hinários portugueses originais e outros recortes de jornais. Bette DeSilva, Wallace (Jack) Pat Jackson e Barb Baker também me esclareceram sobre a colónia original.

Obrigada a Rand Burnette, presidente da comissão de publicações da Sociedade Histórica do Condado de Morgan, Dan Dixon da Sociedade Genealógica de Springfield, Jane Van Tuyle da escola secundária de Jacksonville, Loretta Widdows, zeladora da Mansão Duncan Mansion, e Mary Francis Alkire da Sociedade Histórica de Jacksonville. O Dr. Lawrence W. Zettler, professor de Biologia no Illinois College, organizou visitas à pradaria para avistar orquídeas, mostrou-me as experiências com o perfume de orquídea-fantasma no laboratório do IC e ensinou-me uma série de coisas acerca do ambiente. Fiquei espantada com a chuva de cigarras e ele comentou a sorte que tive por presenciar a sua eclosão depois de treze anos de dormência, um lembrete de que a pesquisa requer presença, que a sensação de um lugar na pele, como Walker Percy o disse, um dia, não se pode adquirir sentado em frente a um computador. Outro exemplo disso: Guy e Edie Sternberg, do Starhill Forest Arboretum no Condado de Menard, o horto oficial do IC, fizeram-me uma visita guiada e deram-me o tomo impressionante de *Country Life: A Handbook of Agriculture, Horticulture, and Landscape Gardening*, de Robert Morris Copeland (Boston, Dinsmoor and Company, 1866).

Mais um exemplo das reviravoltas mágicas que animaram a minha investigação: na livraria Prairie Archives de John R. Paul, na antiga Capitól

Square em Springfield, baixei-me para apertar o sapato e deparei com um livrinho mimeografado listando os empresários de 1849, uma fonte surpreendentemente ligeira de nomes, pormenores sobre personalidades e profissões.

Entre as muitas fontes em Springfield encontrava-se Wayne C. Temple, vice-diretor dos Arquivos Estatais do Illinois, que se encontrou comigo no Capitol Complex, fez pesquisa mesmo depois de eu ter saído do Illinois, e me deu um exemplar do seu útil *The Taste Is in My Mouth a Little...: Lincoln's Victuals and Potables* (Mahomet, IL, Mayhaven Publishing, 2004). Tive direito a uma visita guiada particular e aprofundada da Casa Lincoln, graças ao historiador Tim Townsend e à curadora Susan Hakke. Obrigada, Linda Garvert, pela ajuda com a Coleção Sangamon Valley da Biblioteca Municipal de Springfield, e Heather Tennies da Sociedade Histórica de Lancaster. A Sociedade de Preservação Histórica do Estado do Illinois, em Springfield, foi uma fonte comovente de cartas, diários e materiais diversos dos soldados da União; mergulhei na Coleção Wallace-Dickey, nos Documentos Augustine Vieira, nos Documentos Preston Shumway e nos diários de Mortimer Rice.

Na Biblioteca Presidencial Abraham Lincoln, Cheryl Schnerring, que gere os manuscritos, Debbie S. Hamm, Dennis E. Suttles da Investigação Genealógica, Mary Ann Pohl, catalogadora da Coleção Lincoln, e Glenna Schroeder-Lein do Departamento de Manuscritos foram participantes extraordinários nas minhas descobertas. Os números de 1849 da revista *Illinois State Journal* tinham inúmeros artigos sobre «A Vinda dos Portugueses da Ilha da Madeira, Portugal», conservados na Coleção Doris M. Sanford. Quando perguntei se podia ver o livro de cozinha de Mary Todd Lincoln, trouxeram-mo com entusiasmo do cofre. Admirámos as páginas das sobremesas, algumas delas coladas com restos de açúcar. Mais importante ainda, pedi para ver o livro de convidados da Casa Lincoln, de outubro de 1919, para verificar que John Alves (a citação da fonte do jornal vem no próximo parágrafo) estava tão avassalado quando visitou, em velho, a casa dos Lincolns, recordando um amor chamado Mary, que a mão lhe tremeu demasiado para que ele conseguisse assinar o seu nome, e o dramaturgo John Drinkwater assinou em nome dele. Ei-la, *ipsis verbis*: A sua memória e testemunho foram impecáveis.

Eileen Lynch Gochanour e Wanda Warkins Allers são exemplos acabados da importância de organizar e compilar materiais históricos, mesmo não sendo publicados no circuito clássico. Sem os seus muitos volumes sobre os exilados portugueses nos Condados de Sangamon e Morgan, eu não teria encontrado a história de John Alves; recolheram fielmente artigos sobre os primeiros exilados e os seus descendentes e incluíram uma entrevista com ele numa edição de 1920 do *Salt Lake City Tribune*. Algumas das suas compilações incluem: *The 1st Portuguese Presbyterian Church of Jacksonville, Illinois 1855-1860*, *The 2nd Portuguese Presbyterian Church of Springfield, Illinois*, e *The Gathering of the Portuguese*.

Obrigada à equipa da Biblioteca de Newberry em Chicago, onde encontrei artigos e mapas úteis.

Uma lista parcial de outras fontes úteis: *O Apostólo da Madeira*, de Michael Testa (Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1863); *An Island Story: The Scots in Madeira*, de James W. Purves (Edimburgo, Church of Scotland Publications, s.d.); *Uma Exposição de Factos*, de Robert Reid Kalley (panfleto); *Perseguição dos Calvinistas da Madeira*, de João Fernandes da Gama (São Paulo, Brasil, subsídio para a História das Perseguições Religiosas, 1896); *Sherman's Forgotten Campaign: The Meridian Expedition*, de Margie Riddle Bearss (Baltimore, publicado para a Jackson Civil War Roundtable pela Gateway Press, 1987); *Sherman's Mississippi Campaign*, de Buck T. Foster (Tuscaloosa, University of Alabama Press, 2006); *The History of Hurlbut's Fighting Fourth Division... of the Fourteenth Illinois Infantry*, de James Dugan (da Companhia B., 14.^a Illinois) (Cincinnati, E. Morgan & Co., 1863); *Thoughts, Essays, and Musings on the Civil War*, um excelente blogue sobre a incursão a Meridian por bobbcivilwarhistory.blogspot; *Soldier Life: In the Union and Confederate Armies*, editado e com uma introdução de Philip Van Doren Stern (Nova Iorque, Gramercy Books, 1961); *Illinois in the Civil War*, de Victor Hicken, prefácio de E.B. Long (Urbana and Chicago, University of Illinois Press, 1966); *One Year at War: The Diary of Private John A. Shultz*, compilado por Hobart L. Morris, Jr. (Nova Iorque, Washington, Hollywood, Vantage Press, 1968); *Civil War: A Narrative, Fredericksburg to Meridian*, de Shelby Foote (Nova Iorque, Vintage, 1986); *The Story of a Common Soldier*, de Leander Stillwell (Kansas City, MO, Franklin Hudson Publishing Co., 1920). Este comovente volume ajudou-me a criar a minha cena de Shiloh, incluindo o espanto ao ver azevinho.

Também consultei: *Images of America: Springfield: A Reflection in Photography*, editado por Edward J. Russo, Curtis R. Mann e Melinda L. Garvert (Chicago, Arcadia Publishing, 2002); *Images of America: Jacksonville Illinois: The Traditions Continue*, editado por Betty Carlson Kay e Gary Jack Barwick (Chicago, Arcadia Publishing, 1999); *Historic Morgan and Classic Jacksonville (1885)*, editado por Charles M. Eames e Harvey W. Milligan, com introdução do professor Harvey W. Milligan (impresso no Daily Journal Steam Job Printing Office, Jacksonville, 1885); *Faces & Places: A Morgan County Family Album*, de Vernon Fernandes (publicado pelo Jacksonville Journal-Courier, Production Press, Inc., 1995); *The Hymnal* (Filadélfia, Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América, 1933, reeditado in 1940); *The Hymnbook of Northminster Presbyterian Church of Jacksonville, Illinois* (Richmond, Filadélfia, Nova Iorque, Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, 1955); *A Window on the Past: Residences of Jacksonville, Illinois: Their History and Design 1833-1925*, de Philip H. Decker, com introdução de Helen Walton Hackett (Jacksonville, IL, publicado em colaboração com a Sociedade Histórica do Condado de Morgan, 1990); *Jacksonville: A Survey of its Past*, compilado

pelo Dr. Ernest Hildner do Illinois College (Jacksonville, IL, Elliott State Bank, 1966); *The Portuguese of Morgan County* (publicação da Sociedade Histórica e Genealógica da Área de Jacksonville); *Where the Sky Began*, de John Madson (Boston, Houghton Mifflin, 1982); *Morgan County, Illinois: Its Past and Present* (Chicago, Donnelley, Loyd & Co. Publishers, 1878); e *Morgan County: The Twentieth Century* (Morgan County Board of Commissioners, 1968). É importante o pormenor de eu ter encontrado estes dois últimos volumes na Madeira.

Quando acabamos de trabalhar num livro longo, muitas coisas vão parar ao chão da sala de montagem. As digressões sobre o nascimento do baseball desapareceram do romance, mas obrigada a John Thorn pelo seu *Baseball in the Garden of Eden* (Nova Iorque, Simon & Schuster, 2011), e pelas suas respostas rápidas e generosas às minhas perguntas. Foram igualmente eliminados muitos apartes acerca de Billy Fleurville (o apelido dele aparece com grafias diferentes nas várias fontes), o barbeiro imigrante do Haiti que cuidava de Lincoln, criou um laço notável com ele e comprou uma propriedade com a ajuda de Lincoln, e morreu passados apenas três anos da morte do seu filho Varveel na guerra. Deixo nas mãos de algum escritor empreendedor mergulhar na amizade entre Lincoln, Fleurville e Elias Merriman, um fascinante médico, inventor e viajante ao estilo dos homens que buscavam fortuna naquela época: mais uma vítima da sala de montagem, de par com a sua mulher, Susan.

Um aviso usado na série televisiva *Tokyo Vice*: «*Tokyo Vice* é um programa de ficção inspirado em acontecimentos verídicos. Algumas personagens, incidentes e elementos foram ficcionalizados para fins dramáticos e não têm a intenção de representar uma pessoa, história, entidade ou incidente reais.» O mesmo se aplica à ficcionalização de uma série de acontecimentos verídicos aqui concebida, com base na pessoa real de John Alves, nascido na Madeira, filho de Maria Joaquina Alves, que foi efetivamente condenada a morrer por heresia e com quem ele esteve preso em menino, tal qual o descobri numa entrevista no *The Salt Lake Tribune* de 1 de fevereiro de 1920. Tal como mencionei atrás, ele conta que voltou, em velho, à casa dos Lincolns, onde se sentiu subjugado pelas recordações de ter cortejado uma pessoa chamada «Mary». A casa era citada como um sítio onde o Sr. Lincoln os recebia e se mostrava «muito democrático», e constava que nessa visita John fora incapaz de assinar o livro de visitas de Lincoln. Mais revelador ainda – ou melhor, mais misterioso –, ele conta que foi dispensado do exército da União a 24 de junho de 1864... mas não a refere a ela. Salta para o outono de 1865, dizendo que esteve em Nebraska City, no Montana, e no Utah, um período de errância.

É aqui que um romancista se move: que aconteceu nesse espaço em branco? Que ocorreu entre o cortejar uma mulher e a evocação dos tremores que ela ainda lhe causava na velhice?

Honro a memória deste homem da vida real com a salvaguarda de que

inventei para ele uma vida nascida desse espaço em branco, e não deve ser visto como não-ficção quando analiso, por exemplo, um traço de personalidade como o amor ao jogo a dinheiro, que faz parte da mentalidade de todos os americanos. Ele foi ferido em Shiloh e eu inseri o pormenor verídico que descobri sobre o seu delito menor na guerra, quando desobedeceu a uma ordem para parar de atirar detritos aos colegas. A visita à Casa Lincoln no fim baseia-se no seu relato, com um ligeiro ajuste para se encaixar na história que criei para ele. Não há provas de que algum capitão da 14.^a Companhia do Illinois tenha cometido a atrocidade de disparar à queimadura contra um civil – este capitão é fictício –, mas, tendo em conta os horrores da Guerra Civil, o incidente não deixa de ser credível. Na vida real, John teve um irmão que morreu no Illinois, mas inventei-lhe um irmão diferente. Antonieta Alves existiu e eu adorei-a, porque na entrevista ele a cita, dizendo, durante a Lei Seca, que «os velhos deviam ter direito a um estimulantezinho». Mas aplicam-se a ela as mesmas premissas de ficção e honro também a sua memória. Pode-se dizer que dei ao John um destino mais feliz do que ele teve. Quando pedi os documentos à Administração dos Antigos Combatentes, os meus olhos recaíram logo no seu lamento, «Não tenho ninguém que se preocupe comigo», e isto surgiu num momento em que eu me debatia com a possibilidade de abandonar o livro. Fiz outros pequenos ajustes: por exemplo, a batalha que conhecemos como a de Shiloh era mais comumente chamada batalha de Pittsburg Landing quando ocorreu. Um construtor imobiliário chamado Frank L. Meline era descendente de protestantes portugueses e eu dei-lhe aqui um papel de figurante ao estilo *ragtime*.

A minha carreira tem sido abençoada com um apoio enorme das comunidades luso-americanas, açorianas, madeirenses e portuguesas: Teresa Alves, Teresa Cid, Diniz Borges, Maria Teresa Horta, Hélia Correia, Joel Neto, Diogo Fernandes, o embaixador Francisco Duarte Lopes, Paula Lopes, Isabel Pavão, Teresa Tamen, Miguel Vaz da FLAD (Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento), Vamberto Freitas, Onésimo Almeida, Maria do Carmo Pereira (aposentada do jornal *Luso-Americano*), Henrique Mano, Frank Sousa, Millicent Accardi, Lara Gularte e Katherine Soares e Angela Costa Simões do Portuguese-American Leadership Council dos EUA. Jeff Parker, Scott Laughlin e Oona Patrick estão à frente do Festival Literário Disquiet, que se realiza todos os anos em Lisboa, e excertos deste romance tiveram tempo de antena durante anos junto deste grupo que é como que uma família para mim. A Parker e Arthur Flowers, um agradecimento especial: ainda vos devo um jantar num dos restaurantes do José Avillez. Obrigada aos meus outros queridos amigos do Disquiet: Cyriaco Lopes, Terri Witek e Tayari Jones. À família Borrela de Beja – Hermínia, Sílvia, Miguel, Dalocas e o falecido Leonel – sempre no meu coração. Obrigada a Maria de Fátima Mendes, antiga cônsul-geral de Portugal em Nova Iorque; à atual cônsul-geral, Maria Pais Lowe; e a Manuel S. Bettencourt da Fundação Luso-

Americana para a Educação.

Valorizo muito o apoio editorial de Alexandra Shelley e Liz Van Hoose e o apoio de longa data e as sugestões de Eleanor Jackson. Obrigada, Leslie Lehr, pelas tuas correções e excelentes sugestões para o enredo, como a cena do filme. Tomara que possamos caminhar novamente na praia à beira do Pacífico. A Randall Klein: este livro nunca teria chegado ao fim sem a tua ajuda superior, incentivo e especial sensibilidade para a criação de personagens e enredo, o teu talento de escritor e editor. As tuas opiniões foram sempre rápidas, claras, inteligentes e abundantes. Diz ao August que espero que, um dia, ele possa conhecer a senhora que enviou o «pão de bolachas de chocolate» (também conhecido como *chocolate babka*). Randall, foste uma dádiva dos deuses.

Beowulf Sheehan e a sua equipa – Jeska Sand, Shilo Gold e Shirley Breaux – tornaram o dia da foto do autor um prazer. Ele é um artista deslumbrante e sinto-me afortunada por ter trabalhado com ele.

Um agradecimento especial ao amigo Philip Graham (que faz anos no mesmo dia que eu), que há anos tem mostrado o seu entusiasmo pelo meu trabalho e que publicou uma versão inicial do prólogo na *Ninth Letter*, vol. 7, n.º 1 (primavera/verão 2010). Vanessa Garcia chefou uma expedição divertidíssima a uma quinta de bagas milagrosas na Florida antes de uma visita a Miami. Fui abençoada com muitos amigos, entre eles as escritoras Varley O'Connor, que ao longo dos anos me tem dado a sua enorme sabedoria e amor (e me falou de «móveis metafóricos», o piano que se transforma numa cama), e Liz Strout, uma fonte de inspiração e cujo afeto muito prezo. Um agradecimento especial, em tantos sentidos, a Maaza Mengiste. Obrigada a Dylan Landis, pela nossa amizade e sessões de escrita Pomodoro, e a Alexander Chee por um laço profundo ao longo dos anos, que incluiu ele enviar-me o seu texto «Be strong!» («Sê forte!») no momento certo. Próximos de mim e do meu coração: Dustin Schell – nunca me esquecerei da tua bondade quando o meu marido esteve no hospital – e Patricia Duffy, Ellen Datlow, Suzanne Simard, Christine Evans, Emily Albu, o atrás mencionado Alan Taylor, Alessa Johns, Chris Reynolds, Gwyneth Cravens, Henry Beard, Astrid Cravens, Gish Jen, Elizabeth Graver, Julia Glass, Cheryl Tan, Michael Rezendes, Eileen Pollack, Jennifer Acker, Annie Lontas, Flávia Stefani, Emily Passos Duffy e Xochitl Gonzalez. Obrigada, genial Maria Konnikova, pelo teu amor desde os dias de Harvard e pelos teus conselhos sobre as cenas de póquer, e obrigada também a Brian Chapman, que passou generosamente uma hora a conversar sobre referências históricas e póquer. (Qualquer erro nesse sentido é da minha responsabilidade.)

Os meus irmãos e irmãs são os meus campeões: Mark Vaz, Maria Vaz Knox, Patrick Vaz, Peter Vaz e Teresa Vaz Goodfellow. Ao meu afilhado Daniel Duarte, Katelin Labat Jacobs, afilhado Joseph Labat, Johnny Labat, Alexandra Vaz, Michael Vaz e Matthew Duarte, com muito amor. Matt: a cena em que a Maria atira as lantejoulas é para ti. Derek, Judy e Jon, e Priya,

Jared, Marianne, SORCHA, Andrew e Tiffany, fico muito feliz por vocês fazerem parte da família. As boas-vindas calorosas a Jackson Jacobs.

O nome Christopher Cerf está na página da dedicatória e ele perpassa cada palavra do texto. Tenho o prazer de partilhar aqui que homens e mulheres de todas as idades me perguntam como consegui encontrar um casamento tão bonito. A duração da nossa relação abarca os anos que demorei a escrever este romance. Não consigo imaginar um companheiro mais querido e carinhoso. Que venham muitos mais anos juntos, Meu Mais-Que-Tudo. A nossa vida supera em muito os meus sonhos mais loucos e obrigada por me dizeres todos os dias que me amas. Este livro é para ti.

A minha mãe, Elizabeth Sullivan Vaz, fez noventa e cinco anos em outubro de 2022 e morreu no dia 19 de novembro. Era uma leitora voraz e manteve-se um modelo a seguir, vívido e espirituoso, que inspirou em mim uma paixão pela escrita, e eu choro a sua ausência e sinto saudades do nosso afeto que se desenrolava no mundo visível. Esta será a primeira vez que publico um livro e não receberei uma longa carta de parabéns dela.

Parafraseando Cyriaco Lopes, pode ser inevitável perdermos os nossos pais, mas não é inevitável recebermos amor e apoio carinhoso. Também gostava que o meu pai, August Mark Vaz, estivesse vivo para assistir ao nascimento deste livro. Ele, tal como a minha mãe, deixou bem claro aos seus filhos que devíamos seguir o nosso coração, mesmo que ele nos levasse para as curvas precárias das artes. Professor de História e autor do livro *The Portuguese in California*, ele orgulhava-se profundamente das suas raízes açorianas e era tão acarinhado como professor que ainda hoje eu recebo mensagens ou convites dos seus antigos alunos. No dia em que ele morreu, aos oitenta e seis anos, vestia a *T-shirt* da colónia MacDowell que eu lhe tinha oferecido. Uma vez que foi lá que comecei a escrever este romance a sério, pareceu-me apropriado vestir essa *T-shirt* quando finalmente terminasse o meu novo contributo sobre os portugueses na América. Essa relíquia já não tem o cheiro a alfazema que tinha quando ma deram e eu enterrei a cabeça nela e chorei. Sonhos cor-de-rosa para sempre, meu precioso Pai.

Table of Contents

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. Prefácio
4. O céu é feito de dentes
5. A tecelã de anjos
6. O nome «madeira» vem das florestas que arderam durante sete anos quando os colonizadores tentaram desbravar a terra, mas a vida selvagem levantou-se das cinzas, rugindo
7. Toma a minha voz e deixa-me cantar
8. Vestido tangerina na cidade rubi
9. O sabor mais doce
10. Pai de todos nós
11. Gala
12. A canção de amor de um polvo num mar em movimento
13. Óculos
14. Tudo quanto tem fôlego
15. Concursos
16. A cidadela de mulheres
17. O truque das nuvens
18. Sem saber quando, ou se, poderei regressar
19. O peculiar destino dos maçaricos-bicudos
20. Deito-me para dormir e peço a deus que proteja a minha alma
21. O lamento de uma mãe
22. Preto, branco, escarlate, verde-náusea
23. Semear sal na terra de Shiloh
24. Vigia, quem baixou a minha ponte levadiça?
25. Au clair de la lune
26. Maçã-fantasma
27. O pai das águas flui uma vez mais, sem entraves, para o mar
28. Vejam como crescem os lírios do campo
29. Beijo
30. O ensaio de Sherman para a marcha rumo ao mar: o ataque a meridian, no Mississípi
31. Mary casa-se com Norman Greer
32. O canto dos pássaros estilizará os nossos ossos
33. A bênção noturna portuguesa
34. O sino dobra novamente
35. Se eu morrer antes de acordar
36. Com os reis e conselheiros da terra

37. [O coração em paz dá vida ao corpo](#)
38. [Requiem](#)
39. [A linha do sal](#)
40. [Não os anos da tua vida mas a vida nos teus anos](#)
41. [Nada há encoberto que não haja de ser descoberto](#)
42. [Alperces](#)
43. [Recortados](#)
44. [Protege-me, senhor, como a menina dos teus olhos](#)
45. [Alguns pensamentos encontram-nos jovens e mantêm-nos jovens](#)
46. [Catharine](#)
47. [Regressar a casa](#)
48. [Levanta a agulha, pousa-a](#)
49. [A mãe está lá, à minha espera](#)
50. [Sonho irrequieto concretizado](#)
51. [Basta de anseios por hoje, basta de vaguear](#)
52. [Revelação](#)
53. [Agradecimentos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)